

The background of the cover is a deep blue night sky filled with numerous stars of varying sizes and brightness. A thin, white crescent moon is positioned in the upper left corner. The profile of a woman with long, dark hair is shown in silhouette, looking upwards and to the right. The overall mood is dreamy and celestial.

# Caçadora de estrelas

RAIZA VARELLA



VERUS  
EDITORIA

# DADOS DE ODINRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## **Sobre nós:**

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e

qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## **Como posso contribuir?**

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [convertEPub](#)

RAIZA VARELLA

Caçadora  
de  
estrelas



VERUS  
EDITORIA

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| <b>Editora</b>                | <b>Revisão</b>  |
| Raïssa Castro                 | Cleide Salme  |
| <b>Coordenadora editorial</b> | <b>Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa</b>           |
| Ana Paula Gomes               | André S. Tavares da Silva   |
| <b>Copidesque</b>             | <b>Imagens da capa</b>  |
| Lígia Alves                   | TierneyMJ/ Shutterstock (garota)<br>rvika/ Shutterstock (céu estrelado) |

ISBN: 978-85-7686-731-9

Tradução © Verus Editora, 2018

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II,  
Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

V421c

Varella, Raiza

Caçadora de estrelas [recurso eletrônico] / Raiza  
Varella. - 1. ed. - Campinas [SP] : Verus, 2018.  
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-731-9 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.  
18-52270

C  
D  
D  
:  
8  
6  
9  
.  
3  
C  
D  
U  
:  
8

2  
-  
3  
1  
(  
8  
1  
)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-  
7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações  
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002

*Para Lucca, por iluminar os meus dias.*

*Para as estrelas mais bonitas do meu céu particular, por  
iluminarem as minhas noites.*

*Para todas as pessoas que, assim como eu, possuem um  
pontinho brilhante no céu.*

*Para aqueles que sabem como a saudade dói e sabem  
como matá-la em noites estreladas.*



É preciso amar as pessoas como se não houvesse  
amanhã.

— LEGIÃO URBANA, “Pais e filhos”

## SUMÁRIO

[Prefácio](#)

### **Em busca da estrela mais brilhante do céu**

[1 | Eva](#)

[2 | Gabriel](#)

[3 | Eva](#)

[4 | Eva](#)

[5 | Eva](#)

[6 | Gabriel](#)

[7 | Gabriel](#)

### **Eu sempre estive aqui**

[8 | Eva](#)

[9 | Gabriel](#)

[10 | Eva](#)

[11 | Gabriel](#)

[12 | Eva](#)

[13 | Eva](#)

[14 | Eva](#)

**Era você, o tempo todo era você... Como eu não  
percebi antes?**

15 | Eva

16 | Gabriel

17 | Eva

18 | Gabriel

19 | Eva

20 | Eva

21 | Gabriel

22 | Eva

23 | Eva

24 | Gabriel

**A verdade por trás do meu sorriso é um adeus**

25 | Eva

26 | Gabriel

27 | Gabriel

28 | Eva

29 | Gabriel

30 | Eva

31 | Eva

**Por você, para jamais te abandonar**

32 | Gabriel

33 | Eva

34 | Gabriel

### **O princípio do sempre**

35 | Gabriel

36 | Eva

37 | Gabriel

### **Por você, para jamais ser obrigado a te deixar**

38 | Eva

39 | Gabriel

40 | Eva

41 | Eva

### **Alguém para ficar no meu lugar se eu brilhar**

42 | Gabriel

43 | Gabriel

44 | Eva

### **Nossos mais sinceros votos**

45 | Gabriel

46 | Gabriel

47 | Eva

Epílogo

## PREFÁCIO

Há muito tempo, quando eu ainda era uma menininha pura, inocente e imaculada — sim, já fui uma dessas, embora hoje seja difícil imaginar —, a pessoa que mais amei e em quem mais confiei me contou uma história que me marcou profundamente. Era recheada de significados e criada apenas para embalar o sono infantil. No meu caso, porém, determinaria a mulher que eu me tornaria no futuro e o caminho que eu teria que trilhar nessa jornada sofrida, amarga e dolorosa. Sim, eu sou dramática e posso garantir que esse é o menor dos meus defeitos!

Imagino que a maioria das pessoas já tenha ouvido uma dessas historinhas em algum momento. Afinal, os contos de fadas, as lendas e os relatos de amor verdadeiro estão em toda parte, não é? Em livros, filmes e na mente doentia e recheada de vento de pessoas ingênuas como eu. O único lugar em que não estão é na vida real — pelo menos não na minha, posso garantir.

Enfim, eu acreditei naquilo. De verdade.

Passei todas as noites desde aquele dia pensando na história, em seus personagens fictícios, em suas lutas,

amores e, principalmente, em sua moral. Constatei que, se realmente persistisse, eu conseguiria vivê-la um dia. Eu tinha que conseguir, prometi. Maldita hora em que fiz aquela promessa.

Em um momento mais oportuno eu conto essa história, mas já aviso que não me responsabilizo pelos danos que ela possa causar em quem a escuta. Não quero ninguém me culpando se por acaso ficar fascinado pelo conteúdo e o desejar ardentemente, apenas para depois ter seus sonhos frustrados, como aconteceu comigo. Entendeu? Melhor ser sincera e dizer logo que o meu porquinho virou esqueleto — sim, ele é anorético por falta de moedinhas — e que eu não tenho um puto na carteira para pagar o tratamento psicológico de ninguém. Deus sabe que eu não posso arcar nem com o meu. E olha que eu preciso!

Neste momento, a única coisa que você precisa saber é que eu passei a vida buscando uma estrela.

Não uma estrela qualquer. Não, senhor! A minha estrela. Uma que brilhasse só para mim e iluminasse a escuridão que me ronda. Uma coisinha incandescente em forma de homem — lindo de morrer, se possível —, que tivesse sido criada para ser minha outra metade, outra face e outra mão. Alguém que me preenchesse.

Se você ainda não compreendeu a moral da história, não tem problema, eu explico! Alguns chamam essa pessoa de alma gêmea, outros de tampa da panela ou de chinelo velho para um pé cansado. Tem aquelas pessoas que chamam de ilusão. Eu chamo de estrela. O nome pouco importa, porque tudo se resume a amor. Um grande amor.

Estou em busca de uma estrela desde a época em que não sabia nem amarrar meus cadarços. Uma caçada frustrada, admito, porque não achei o sacana! Nunca cheguei nem perto. E eu bem que procurei, viu?

Imagino que você esteja se perguntando quem é a maluca mal-amada, malcomida, mal compreendida e carente que está te metralhando com essa ladainha sentimental. É melhor eu me apresentar, antes que este monólogo encha o seu saco. Porque eu, definitivamente, já estou de saco cheio desse papo.

— Meu nome é Eva Marinho e eu sou uma encalhada convicta. Tenho trinta anos e nunca, nunca mesmo, tive sorte no amor — murmuro tristemente para meu reflexo no espelho, com a escova de dentes entre as mãos, fingindo que é um microfone. É um péssimo reflexo!

Estou me imaginando em um palco, de frente para uma plateia do — Azaradas Anônimas. Muitas mulheres fazem acenos imaginários, me incentivando a continuar.

Outras tantas passam lençinhos invisíveis pelas bochechas para enxugar lágrimas também invisíveis. Santo Deus. Eu tenho problemas mesmo!

— Isso não é nem a metade. A quem estou querendo enganar? Dizer que nunca tive sorte é eufemismo. Eu sou uma puta de uma azarada, isso sim!

Depois do meu ataque melodramático, a plateia está de olhos arregalados e boca aberta.

— É isso mesmo. Devo ter quebrado muitos espelhos, passado embaixo de milhares de escadas... Não, não cruzei com nenhum gato preto em uma sexta-feira 13 — resmungo, irritada, lendo facilmente os pensamentos das minhas pessoinhas de faz de conta. Além de ser dramática, não tenho muita paciência; não mais do que tenho criatividade.

— Parem de ser preconceituosos! Eu adoro gatos! No momento o meu felino é tudo que eu tenho e, sim, ele é preto! Bom, quem sabe é tudo culpa dele, afinal? — Eu adoraria pôr a culpa em outra pessoa, mas tenho plena consciência de que a cor do meu gato está muito longe de ser a raiz do problema. — Ok, admito: é culpa dessa minha mania idiota de viver me apaixonando, e, definitivamente, todas as vezes pelo cara errado. Pronto, falei. Felizes agora?



Esse meu carma, como eu chamo carinhosamente a falta de um homem decente na minha vida, vem se arrastando há muitos anos. Para ser mais precisa, desde o jardim de infância — e, não, pode esquecer: essa história eu nunca vou contar! É vergonhosa demais. Mas, pensando bem, talvez eu devesse contar como foi que a última terminou...

Em busca da estrela mais brilhante do céu

But are we all lost stars trying to light up the dark?

— MAROON 5, "Lost Stars"

## Eva

Já é madrugada. Entro no banheiro, mas deixo as luzes apagadas. Por nada neste mundo quero me olhar no espelho e ver na minha cara a vergonha de quem se apaixonou e se fodeu de novo. É o tipo de coisa que faz as pessoas se atirarem na frente de um caminhão, e imagino que esse destino ainda seja melhor que aquele que me aguarda. Tenho absoluta convicção de que vou implorar por uma morte rápida e indolor até o fim da semana, logo depois de contar para minha família a merda que aconteceu desta vez. Jesus, o Gabriel!

Não paro de pensar no Gabriel.

Tiro a roupa rápido e me jogo debaixo da água escaldante do chuveiro. Preciso me sentir limpa, o que, considerando a situação, não vai ser fácil. Estou arrependida por não ter procurado, na espelunca onde me hospedei, um litro de água sanitária ou um tubo de gel antisséptico para esfregar no meu corpo até ele estar

em carne viva. Um bom pedaço de Bombril também viria a calhar. Daí, quando lembro que burrice não pode ser arrancada do corpo como se fosse sujeira, desisto e sento no chão do box para pensar na vida, sentindo o vapor da água quente me sufocar, imaginando se conseguiria me afogar no chuveiro. Seria possível?

Ainda não consegui chorar. Estou chocada demais, senão poderia tentar me afogar nas minhas próprias lágrimas — muito mais poético!

O que a gente faz quando pega o namorado na cama com outra pessoa? Grita? Chora? Surta e sai correndo atrás de uma faca de desossar para acabar com a raça do desgraçado? Não, não fiz nada disso. Só fiquei ali parada, perto do pé da cama, olhando para os dois e pensando: *Putá que pariu. Ele tá me traindo com o maior gato.*

Você não leu errado. Não mesmo.

Meu namorado estava na cama com outro cara — e que cara, meu Deus! Só que esse não é o foco! O foco é que eu sou uma tremenda chifruda. Não que eu não esteja acostumada, porque estou: ele não foi o primeiro e, a julgar pela sorte que tenho, provavelmente não vai ser o último traidor a enfeitar a minha testa. Ainda assim, fico curiosa para saber por que esse tipo de coisa sempre acontece comigo.

Deve ser o meu carma. Eu posso muito bem ter afundado a merda do *Titanic* no passado, ou de repente fui a porcaria de um nazista. Será que queimei mulheres gritando “Matem a bruxa!”? Seja o que for, não importa: tenho coisas mais importantes com que me preocupar no momento, e não, não estou falando das minhas lágrimas inexistentes. Vou ter muito tempo para elas depois.

Quando todos, sem exceção — juro, até meu gato rosnou —, avisam que um relacionamento vai dar errado, ele realmente dá. E a sua vida escorrega pelo ralo. Primeiro, porque ninguém vai permitir que você esqueça o que aconteceu. Afinal, que diversão as pessoas teriam se não pudessem jogar na sua cara que estavam certas? Segundo, porque você vai ficar envergonhada e humilhada por ter que contar a porra da história — todo mundo ama os detalhes das merdas que acontecem na vida alheia, não é? Por último, sempre tem a maldita frase que escapa da boca de um ou outro. Sabe aquela? *Eu te avisei*. Meu Deus, como eu odeio essa frase! Se eu ganhasse uma moeda a cada uma das vezes que a escuto, meu porquinho ia precisar de uma cirurgia bariátrica!

Enrolo o máximo que posso no chuveiro, porque não estou preparada para avisar a ninguém que estou voltando para casa, ainda por cima sozinha. Enquanto

ensaboo minha bundinha magrela, penso em todos os meus relacionamentos fracassados. Acho que isso dá conta da próxima hora, no mínimo. Foram muitos.

Quantas histórias de amor desastrosas uma única pessoa pode viver? Imagino que eu conseguiria facilmente um espacinho no livro dos recordes! Esse foi o meu sexto relacionamento, pelo menos entre os que eu considero sérios, e o sexto que afundou, igualzinho ao *Titanic* que eu naufraguei em uma das minhas vidas passadas. Cada um por um motivo diferente, e todos com o mesmo impacto de um desastre nuclear.

Sabe o que mais me irrita? Eu realmente acreditei que ia dar certo dessa vez! Tinha certeza absoluta de que havia encontrado minha maldita estrela. Mas não rolou. O cara encontrou um bofe sexy no caminho e eu me ferrei.

Conheci o Levi em Santos, onde nasci e onde fiz a cagada de me apaixonar por aquele imbecil com um gosto para homens melhor que o meu. Ele sempre morou em Londres, mas foi transferido a trabalho para minha cidade por quatro meses. Tempo suficiente para me fazer acreditar em uma mentira mais linda que a outra, para me fazer abandonar meu emprego, meu gato, minha família, meus melhores amigos, minha cidade e segui-lo

feito um cachorrinho quando ele precisou voltar para casa.

E o pior ainda está por vir.

Tenho de admitir que sou um verme medroso e sorrateiro que não enfrentou as pessoas que amava antes de partir. Eu meio que fugi. Explico! No dia seguinte à partida dele, contei para minha família sobre o convite que Levi tinha feito para eu acompanhá-lo, e isso bastou para que todos entendessem o recado e me mandassem sossegar o rabo. Eles sabem que é batata: toda vez que eu me apaixono, faço merda. Dois dias depois, pedi demissão, enfiei o que pude em uma mala, peguei um ônibus, um avião e corri ao encontro dele. Não dei tchau para ninguém, nem até logo, não fiquei para escutar mais uma vez que eu estava cometendo o maior erro da minha vida — como em todos os meus trinta anos. Fui sonhadora e fraca, e caí de cara no asfalto quente. Eles sabiam o que eu ia aprontar desde o segundo em que abri a boca, e não ficaram surpresos quando liguei de Londres para avisar que tinha feito uma boa viagem.

Essa é a razão de hoje eu estar em um hotelzinho barato ensaboando a bunda mais vezes que o necessário enquanto crio coragem para ligar para o meu pai, que

não ganhou nem um beijo ou aceno, e para quem só deixei um bilhete dizendo:

Tô indo pra Londres. Não é o máximo? Vou seguir minha estrela, volto com um marido e dois filhos! Pelamor de Deus, não infarta.

Ou para minha melhor amiga, Olívia, que cansou de me avisar que o Levi não parecia confiável, mas a quem nunca dei ouvidos. Tem também o meu irmão, mas, como todo irmão mais novo, Adam é babaca o suficiente para rir da minha desgraça e não dar a mínima nem se eu for atropelada por um caminhão. Ele não é útil para muita coisa, mas, depois que engole o riso, dá abraços ótimos.

E, por fim, a pessoa mais importante da minha vida, a que eu mais amo: Gabriel.

O amor que eu tenho pelo Gabriel é de outro mundo, é fora de proporção. Sou maluquinha por ele. Ele é minha outra metade, meu melhor amigo, minha consciência, meu porto seguro, e acho até que é a melhor parte de mim. Ele também é conhecido como o cara que amarrou meus cadarços desde que aprendeu a amarrar os dele. Isso até o momento em que escapei e entrei sorratamente em um avião para a Inglaterra. Agora ele provavelmente nunca mais vai olhar na minha cara.



Chorei escondido de saudade do Gabriel mais do que admitiria bêbada. Para matar sua curiosidade, chorei em cada maldita noite, quando deitei a cabeça no travesseiro para dormir, desde a primeira. Já viajei chorando, para ser sincera.

É, eu o amo assim.

Desse tanto.

Ele sabia que eu ia embora, pois me viu fugindo, mas não me impediu. Essa é a maior prova de que ele julga que o que eu fiz foi o fim da amizade de uma vida inteira, porque antes daquele momento ele impediria, sempre impediu, nem que fosse preciso me acorrentar a uma mesa. Sim, isso já aconteceu. Um dia eu disse que iria a uma festa do cabide com uns garotos do bairro e terminei algemada à mesa de casa até meu pai chegar do trabalho. Só então o Gabs me soltou, depois de me dedurar, claro. Desta vez, ineditamente — não tenho ideia do motivo —, Gabriel me deu uma escolha. Eu gostaria de ter escolhido certo. Eu queria ter acreditado quando ele me disse que era furada mudar de país para seguir alguém que eu mal conhecia. Mas esta sou eu, a idiota que não escuta e não pensa em ninguém quando decide mergulhar fundo em mais uma busca por sua estrela.

Só eu sei a importância daquela história, daquela promessa, e sempre acreditei que os riscos valessem a pena se no fim eu fosse feliz. Mesmo que para isso eu precisasse machucar as pessoas que amava. Eu as machuquei muitas vezes, e a tal felicidade... bom, nunca aconteceu. Então eu acho que finalmente chegou a hora de parar de procurar.

Durante todos esses meses, falei esporadicamente com meu pai, que, depois de gritar até ficar rouco, fingir três infartos e duas crises renais, acabou aceitando minha loucura. Passei muito tempo com uma Olívia irritada no Skype também. Ela fazia questão de deixar bem claro que ia quebrar minha cara assim que eu colocasse a bunda no mesmo continente que ela, o que nenhum deles duvidou que aconteceria, cedo ou tarde. Mesmo assim, ela dizia que nada nunca a faria deixar de me amar. Meu irmão pouco se importava, porque, como ele mesmo disse, depois que eu enfió alguma coisa na cabeça, só dá para tirar na base da serra elétrica, e o babaca alegou estar muito pobre e endividado com seu casamento com Olívia — sim, minha melhor amiga acabou virando minha cunhada um ano atrás — para comprar uma maldita serra. Ele aparecia durante nossas conversas às vezes, fazendo caretas atrás dela. Minhas noites favoritas. Estavam me faltando motivos para rir.

Olívia sempre me dizia a mesma frase antes de desligarmos — “Ele está bem e também está com saudade, mas é tão turrão quanto você” —, porque sabia que eu era mesmo turrona demais para perguntar, mas morreria se não soubesse do Gabriel.

Ele nunca me procurou, e é daquele cretino que eu mais sinto falta, mas sou orgulhosa demais para dar o braço a torcer. Sempre que me via agarrada ao telefone digitando o número dele, eu me dava um bom tapa na cara e ia tomar um drinque. Foram vezes demais; tinha dia em que minha bochecha ficava ardendo.

Saio do chuveiro e acendo a luz, me olhando no espelho mesmo depois de jurar que não ia olhar. Estou horrível. Toda vermelha, enrugada e cheia de olheiras. Não dormi quase nada a noite passada. Como poderia, depois de dar de cara com meu namorado e seu amiguinho nas minhas cobertas, por cima delas, rolando nelas? Enfim, todo mundo já entendeu o drama. Depois do flagrante, passei a mão na minha mala e fugi para o primeiro hotel que encontrei enquanto os dois tentavam me explicar que aquilo não era nada do que eu estava pensando. Imagina se fosse.

Passei a noite e o dia seguinte na companhia de duas garrafas de vodca e alguns cigarros, depois não me lembro de nada, porque vodca tem esse efeito comigo,

perda de memória, e aqui estou agora, criando coragem para assumir meu fracasso perante pessoas que não vão ficar nem um pouco surpresas. Quer saber? Que carma nada. Acho que foi o olho de seca pimenteira daquelas pestes que fodeu com tudo. Era tanto mau agouro passando pela alfândega atrás de mim que não tinha mesmo como vingar. Espero que pelo menos fiquem felizes de me ver depois de tantos meses e que não me torturem por muito tempo.

Após saracotear por mais uma hora, resolvo comprar minha passagem e terminar de uma vez com isso, em vez de me jogar da janela do décimo terceiro andar — o que me parece mais atraente a cada minuto de protelação. Aproveito e mando uma mensagem para meu pai:

**Eva**

Capricha no jantar amanhã porque eu vou chegar com fome.

Não preciso dizer mais nada. Ele vai entender perfeitamente o recado subliminar; a frase “deu merda” vai piscar em neon no visor do celular.

Deito na cama da espelunca olhando para o teto. Tenho algumas horas antes de ir para o aeroporto. Se a viagem correr como o planejado, chego em casa para celebrar o Ano-Novo com minha família, mais um ano de merda que termina com meu coração partido. Respiro fundo e prometo a mim mesma que a primeira coisa que vou fazer quando chegar é me desculpar com cada um deles e jurar, desta vez de verdade, nunca mais fazer nenhuma loucura para tentar cumprir minha promessa.

Minha primeira parada é Gabriel. Acho que, depois de cinco meses, estou pronta para rastejar. Ele já deixou bem claro que não se dobra por menos.

Diabo de cara teimoso!

## Gabriel

Será que Alice topa esquecer o jantar e ir para casa me olhar dormir?

Passo meia hora me fazendo essa pergunta enquanto espero por ela, impaciente, no restaurante em frente à escolinha da sua mãe, onde ela dá aula no maternal. Acho que estou ficando velho, porque, se antes correr dez quilômetros atrás de um assaltante era fácil como bocejar, agora eu queria muito um analgésico, um ronronado do meu gato e a minha cama. Nessa ordem.

Solto o celular e passo as mãos pelo rosto, exausto. Abro os olhos e a vejo caminhar por entre as mesas com uma imponência e postura que poucas mulheres mostram.

Alice está linda, como sempre.

Reparo que ela caprichou na roupa e deve ter gastado muito tempo com a maquiagem. Eu me pergunto por que as mulheres se empenham tanto para estar perfeitas, mesmo que seja para compromissos como este: um jantar sem importância, que eu daria a vida para poder embrulhar para

viagem. Não seria um cabelo desfeito e uma cara limpa que me fariam adorá-la menos.

Eu gosto dela e ponto.

Mas imagino que o nosso relacionamento ainda não tenha chegado à fase em que o conforto vale mais que arrancar um elogio dos meus lábios, o que quer dizer que também ainda não estamos na fase em que eu posso soltar: *Desculpa pela produção, gata, mas vamos ver TV em casa? O bandido era rápido, correu pra cacete e eu estou morto...*

Respiro fundo para encarar o jantar, sentindo as pernas latejarem embaixo da mesa. Decido ser gentil e, acima disso, grato, porque sei que ela se empenhou para estar bonita para mim, o que eu afirmo quando Alice se senta à minha frente e coloca a bolsa em cima da mesa.

— Você está linda!

Os três babacas na mesa ao lado aparentemente concordam. Sorrio, erguendo minha garrafa de cerveja, quando eles me olham. O sorriso é só para tirar onda, não tenho o menor ciúme dela. Sem jeito, os caras viram para a frente, e eu seguro a risada, me concentrando em Alice diante de mim e com as bochechas coradas. Ela é determinada e decidida, e mesmo assim tenho o poder de fazê-la fraquejar diante de um elogio — é uma graça. O cabelo preto deixa sua pele clara, quase translúcida, tornando sua timidez ainda mais evidente. Ela pisca os cílios longos e me brinda com um olhar satisfeito.

— Obrigada, Gabriel — diz, sorrindo. — Está esperando há muito tempo?

— Não — minto, devolvendo o sorriso e fazendo um sinal para o garçom. *Anda logo, porra!*

Estamos juntos há pouquíssimos meses, e ainda assim este é meu relacionamento mais duradouro. Não que eu vá contar isso a Alice, mas não sou do tipo que namora. Sempre preferi minha liberdade e nenhum apego, então nunca fiquei mais que algumas vezes com a mesma garota. O que mudou? Eu queria alguém que me fizesse esquecer outro alguém. E, mesmo sabendo que esse tipo de atitude sempre termina machucando um dos envolvidos, convidei Alice para sair depois que ela me roubou um beijo durante um jantar de família na casa do “meu alguém”. Para ser sincero, eu fui enfiado no banheiro da área da churrasqueira, me recuperei bem rápido do susto de ser atacado e a coisa não ficou só no beijo. O que aconteceu foi tão bom que a convidei para um cinema no dia seguinte, e assim foi indo. Eu sabia que teria de levá-la a sério desde o início, porque, por consequência de um casamento aí, ela agora é da família do “meu alguém”. Eu não podia tratá-la como uma garota qualquer, porque devo respeito a essa família. Eles são tão importantes para mim que os chamo de minha família também. Alice foi uma escolha consciente, mas me surpreendi com quanto estou gostando dela.



Quando me dei conta, estávamos nos vendo quase todos os dias.

Percebi que perto dela eu conseguia esquecer quem eu queria, nem que fosse por algum tempo, e não demorei para pedi-la em namoro depois disso. Alice é bonita e simpática. Ela dá aula para criancinhas. Tem coisa mais meiga que uma garota que dá aula para criancinhas? Também é inteligente, esperta e carinhosa. Só tem um problema: Alice não é *ela*, e, por mais que eu me empenhe em não comparar as duas, isso é inútil. Comparo todas as mulheres com ela. O nome dela é Eva. Não estou querendo pronunciá-lo muito no momento, então a chamo de “meu alguém”.

Eu devia chamá-la de “meu problema”, aquele que Olívia menciona toda vez que me vê, repetindo a frase “Ela está bem e também está com saudade, mas é tão turrona quanto você”, porque sabe que eu nunca perguntaria, mas me agonia muito não saber.

Orgulho... algo que nós dois temos de sobra!

Diferentemente do mulherão que, em todos os sentidos, a Alice é, aquela cretina está mais para uma garota de seis anos, pelo menos na forma de se vestir e na mentalidade.

Imagino que seja normal eu demorar para me acostumar a namorar, ou a ter outra garota na minha vida, já que nunca houve ninguém além dela que me obrigasse a isso. Sempre existiu apenas uma garota para mim, e com essa eu não tive problemas para me acostumar — parece que o lugar dela

sempre foi dentro de mim. Se eu olhar para trás, para o passado, não consigo me lembrar da minha vida sem a Eva. Eu queria lembrar, porque deve ter sido uma vida ótima! Bom, não que dê para chamar de “vida” um único dia, porque as nossas mães nos tiveram com essa diferença e na mesma maternidade. Elas eram amigas. Nós chegamos a ficar lado a lado no berçário, temos foto e tudo, até comemoramos a data juntos todo ano. Eu queria ter aproveitado mais aquele dia antes de ela chegar para ferrar com a minha existência.

Pensar naquela inconsequente, egoísta, irresponsável, mimada — eu poderia continuar até amanhã — faz meus punhos se cerrarem e meu bom humor desaparecer. Mas é justamente aquela babaca que não liga para maquiagem, usa jeans rasgados e camisetas velhas — normalmente as minhas, que leva para casa e usa como se fossem dela — que me impede de valorizar o perfeccionismo de Alice, ou de conseguir, no mínimo, achá-lo atraente. Não acho. Eu gosto daquela menina largada de blusinha cor-de-rosa e que usa calcinhas da Minnie. Mesmo que toda essa simplicidade comprove que Eva nunca fez questão de me impressionar, me acalma saber que tenho por perto alguém que sabe que não precisa ser perfeita para me agradar. Uma garota que é ela mesma, que fala o que pensa e me mostra todos os seus defeitos, porque confia em mim o suficiente para saber que sempre vou amá-la, independentemente deles. Isso é uma

coisa e tanto, porque, vai por mim: aquela lá tem defeito de sobra. Enche um caminhão.

Eu queria que Alice um dia se sentisse assim, à vontade na minha presença para me mostrar quem é de verdade, o oposto de toda essa doçura que tenho visto, quem sabe algumas olheiras e um cabelo bagunçado de manhã. Ajudaria se ela não me acordasse sem querer toda vez que corre para o banheiro para fingir que já acorda com cheirinho de pasta de dente.

O foda é que, não importa quanto tempo passe, eu sei que jamais vamos atingir o nível de intimidade — que nem pode ser descrito — que tenho com Eva. Como eu disse, Alice não é ela, e, sinceramente, está tudo bem em não ser, porque aquela garota-problema é passado e a intimidade com a qual eu sonho não tem comparação. Ela é fruto de laços diferentes, firmada durante muitos e longos anos — só eu sei como foram longos — de uma amizade que em mais de uma ocasião me fez ter vontade de pular de um prédio.

— O que você quer comer? — pergunto, todo gentil, afastando os pensamentos do passado e me concentrando em Alice. Antes que ela possa responder, meu celular nos interrompe. Olho para a mensagem no visor e apanho o telefone para responder, deixando que ela faça o pedido por nós dois.

**Tio Fê**

Filho, está trabalhando?

**Gabriel**

Jantando com a Alice. Tudo bem?

**Tio Fê**

Não estou me sentindo muito bem, não.

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
O  
q  
u  
e  
h  
o  
u  
v  
e  
?**

**Tio Fê**

Acabei de descobrir que um furacão está chegando na cidade e já comecei a suar frio.

Somos dois agora.

Porra!

*Foi só pensar naquela peste...*

— Está tudo bem, Gabriel? — Alice pergunta, curiosa. Assinto sem encará-la, os dedos congelados sobre as letras. Respiro fundo e digito uma pergunta, mesmo que meu coração disparado já tenha me dado a resposta.

**Gabriel**

O furacão tem nome?

**Tio Fê**

Adivinha.

**Gabriel**

Ótimo. Já era a paz de todo mundo.

**Tio Fê**

Ela está voltando para casa, filho, e vai perguntar sobre o gato, então se prepare.

**Gabriel**

Não vou devolver o gato. Já sabe por que ela veio embora?

**Tio Fê**

Deu merda, certeza. Vai buscá-la no aeroporto?

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
N  
ã  
o  
.**

## **Tio Fê**

A Eva vai precisar do seu apoio quando chegar, então, por favor, esqueça a briga boba que vocês tiveram e me ajude. Eu imploro, imploro até de joelhos se você quiser. Preciso que você a acorrente a algum lugar e me proteja. Por favor, Gabriel... Pelo Adam, por mim e por você mesmo, porque a Eva vai transformar a nossa vida em um verdadeiro inferno quando descobrir tudo que andamos escondendo dela. Nós três vamos queimar.

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
I  
N  
ã  
o  
.**

**Tio Fê**

Vou pular da ponte.

**Gabriel**

Não tem ponte na cidade, e a resposta é não.

**Tio Fê**

Eu te conheço. A sua consciência vai pesar. Você me ama. Eu fui um ótimo pai para você.

**Gabriel**

O melhor que eu poderia ter tido, mas a resposta ainda é não.

**Tio Fê**

Lembra quantas vezes eu beijei os seus joelhos ralados, menino? Não seja ingrato.



## **Gabriel**

Não vou buscá-la no aeroporto, mas vou pensar no caso do perdão, chantagista.

## **Tio Fê**

Ufa. Obrigado, filho. Só para me vingar da coisa toda, vou deixar ela descer de ônibus. Vamos ver se aprende a não fugir mais de casa. Hahaha

Pouco depois chega uma mensagem em um grupo da família. Eles têm um comigo e outro com ela desde que a gente brigou. Bem coisa de divórcio, né?

## **Tio Fê**

Deem um gelo na fugitiva na virada, e, antes que se neguem a obedecer, já adianto que é uma ordem. Estão todos proibidos de olhar para ela até os fogos acabarem, então se distraiam por quinze minutos ou vou furar alguns olhos. Eva precisa entender a importância da família. Depois a gente alivia, como sempre, porque somos todos trouxas. Gabriel, é uma ordem, viu? ORDEM!

Falando no diabo, ele está voltando.

Eu roubei um gato. Pois é, roubei, admito. Amo de paixão aquela porcaria. Mas parece que sua dona decidiu despencar direto para dentro da minha vida novamente, como um míssil nuclear. Eu nunca compararia Eva a uma simples bomba, porque o potencial dela para desastres não tem proporções, e não tenho nenhuma dúvida de que ela vai explodir tudo ao seu redor quando chegar. Na hora em que os fogos acabarem, ela já vai ter quebrado uma garrafa de champanhe na cabeça de alguém, provavelmente na minha.

E eu julgando que era um dia bom! Fez sol, tomei um banho de mar, fiz uma prisão em flagrante e estou jantando com a maior gata, que por sinal é minha namorada. Esse é o tipo de dia que só uma pessoa conseguiria estragar!

Uma criatura teimosa, egoísta e iludida, que passou meses desperdiçando seu tempo com quem claramente não a merecia, e agora, como se fosse a dona do mundo, decide dar as caras para acabar com a minha paz. Eva tem este dom: acabar com a paz das pessoas, afundar tudo em que toca. É uma proeza que só ela consegue. E quer saber a verdade? Ela se orgulha disso, e deveria mesmo, porque são poucas as pessoas neste mundo capazes de me tirar do sério como ela.

Ok, ela ainda é minha melhor amiga. Mas isso não quer dizer que minha vida não estava indo muito bem sem ela e seus casos perdidos. Estava.

Eu já tinha quase superado nossa briga, porque imaginei que ela estivesse feliz. Os muitos meses passados fora me fizeram criar a fantasia estúpida de que sua loucura não era tão louca. Mas algo me diz que Eva vai chegar da mesma maneira que partiu: sozinha. Se eu tivesse alguma dúvida sobre isso, a parte da mensagem que diz que ela vai precisar do meu apoio teria resolvido tudo. Desta vez pressinto que não vou encontrar um sorriso apaixonado de triunfo nem uma mulher que tem certeza de que jogar tudo para o alto por um cara é a melhor ideia que teve na vida. Posso apostar que, de novo, vou vê-la destruída e sem esperança. Um monte de caquinhos, sem ninguém para recolher.

Sempre fui eu quem fez isso.

Eu me ajoelhava, recolhia seus pedaços do chão, juntava tudo e colava, e a cada vez Eva deixava um pouco de ser Eva. A cada remontagem, uma parte dela era perdida no processo: aniquilada, esquecida, abandonada. Por mais que eu tentasse fazer um bom trabalho, ela nunca voltava a ser a mesma, e eu sempre me culpava por isso.

Cada parte de mim me manda levantar desta mesa e ir até a loja de conveniência mais próxima para abastecer minha geladeira com sorvete de chocolate, vodca, cigarros e muita paciência. Pegar o carro e acelerar para o aeroporto para esperar por ela, abraçá-la e acolhê-la. Mas não desta vez. Não hoje. Não mais. Eu falei com todas as letras que, se ela entrasse naquele avião, nossa amizade nunca mais seria

a mesma. Eu estava mentindo, é claro! Sempre vou amá-la, independentemente da merda que ela fizer; está no contrato. Mas ela não precisa saber disso ainda. E quer saber do que mais a Eva não precisa? Daquele gato.

Eva não precisa daquele gato!

Fernando se casou sem contar para ela, então talvez a Eva demore um pouco para dar falta do gato enquanto mata o pai e a madrasta da forma mais cruel e sanguinária que conseguir. Guardo o celular no bolso e volto a atenção para a mulher curiosa à minha frente. Sorrio e pego sua mão. Não pretendo lhe contar que o maior tormento da vida dela está aterrissando no país. Isso estragaria a noite e a surpresa.

Alice vai descobrir por si mesma e odiar cada maldito minuto, e depois disso o nosso namoro vai ficar bem mais interessante. Por quê? Porque Eva Marinho não divide o que é dela.

E, naquela cabecinha deturpada, eu sou dela.

## Eva

A única coisa em que consigo pensar quando o táxi ganha as ruas de Londres a caminho do aeroporto é que não vou sentir falta de absolutamente nada desta cidade. Não que ela não seja linda, maravilhosa ou excitante. É que Londres simplesmente não é o meu lugar. Não mais! Perdi uma estrela aqui — bom, é maneira de falar, porque aquele safado está mais para um pisca-pisca de Natal vagabundo —, e de repente me dou conta de que posso nunca ter a chance de me deparar com meu verdadeiro amor. Perder a fé nessa procura faz meu peito transbordar de desilusão. Me faz sentir vazia.

Eu não sou ninguém sem esse sonho. Não sou a Eva, não sou eu mesma.

Sinceramente, nunca tive um propósito verdadeiro na vida, pelo menos não um de gente grande como a maioria das pessoas tem. Nunca sonhei em construir uma carreira sólida, aprender coisas novas, viajar e

conhecer o mundo ou beijar um golfinho na boca. Nunca quis aprender a dirigir um ônibus, fazer um curso de culinária ou me tornar famosa. Eu só tinha um maldito sonho: encontrar o cara perfeito! Será que é pedir demais?

Tudo e qualquer coisa que eu fiz, cada passo dado e cada corte de cabelo ou jeans comprado para acentuar minha bunda foram para encontrá-lo. Por mim eu sairia de pijama na rua, mas aí sempre pensava: *E se for hoje?* Ser massacrada novamente pelo peso atarrador da derrota me faz sentir sem um lugar no mundo, com fome e revoltada. Me faz querer quebrar alguma coisa, ou, no mínimo, a cara de alguém. Por que eu não quebrei a cara do Levi quando surgiu a oportunidade? Eu tinha que ficar distraída com os músculos — bons músculos, admito — do cara que ele estava pegando, em vez de expulsar toda essa frustração de dentro de mim, de preferência na forma de socos e pontapés? Eu devia pelo menos ter quebrado uma costela dele.

Sento em uma cadeira pra lá de ruim e aguardo meu voo ser anunciado pela mulher de voz sexy do aeroporto. Posso apostar todas as minhas calcinhas que ela não é solteira. Não, senhor. Ela deve ser casada, e muito bem casada, com um piloto tão sexy quanto a voz dela sugere que seja. Agora, mulheres como eu? Essas deixam

evidente que são encahadas. Basta reparar na minha cara de bêbada, no rímel borrado e na calcinha gigante e confortável para saber que eu não tenho um homem para chamar de meu.

Quando meu voo é anunciado, me arrasto para a fila de embarque com a mochila batendo desconfortavelmente nas minhas costas. Entro no avião e confiro o número da poltrona, o que decerto eu nem precisaria fazer, porque, com a sorte que tenho, é só reparar no cara mais babaca que encontrar e me sentar ao lado dele. Com certeza o meu lugar será ali. Olha lá, dito e feito! Poltrona 13B, bem ao lado de um homem que não para de olhar para a bunda de quem passa pelo corredor.

Não sei por que ainda me surpreendo!

Passo por cima dele e me jogo na poltrona da janela com um suspiro frustrado. Pelo menos isso: eu adoro sentar na janelinha! Não perco tempo respondendo ao cumprimento cheio de segundas intenções e ao bater frenético de cílios que o homem me oferece. Seriam longas e intermináveis horas de conversa fiada com um estranho que só vai me fazer sentir mais deprimida. Dou um sorrisinho fraco e viro a cara bem quando o safado olha desavergonhadamente para minhas coxas e assobia sem som, imaginando que eu não percebi. É oficial: vou

vomitam toda a vodka que ainda está dentro de mim, se possível no colo dele! Antes que a bile chegue de fato à minha garganta, um bonitão cutuca o homem ao meu lado educadamente, chamando nossa atenção:

— Com licença, senhor. — Leva alguns segundos para o descarado tirar os olhos das minhas pernas, salivando, e se voltar para o dono da voz, que por sinal é linda, igualzinha ao dono. Hum, acho que meu dia não vai ser tão ruim quanto pensei.

— Pois não? — ele responde, de má vontade.

Odeio esse homem e nem o conheci ainda. Como é possível?

— Me desculpe, mas acho que o senhor está sentado no meu lugar — anuncia o rapaz, muito polido, mostrando sua passagem para que o intruso confira enquanto eu o analiso demoradamente e sem um pingão de vergonha.

Engraçado, ele não me parece estranho. Olho bem para seu rosto, com uma sensação de familiaridade inquietante, mas abandono o pensamento porque, além de ser uma péssima fisionomista, estou muito mais interessada na conversa deles.

— Hum, é... eu acho que sim — o homem assente, devolvendo a passagem, sem parecer que vai fazer alguma coisa para reparar o engano. A única atitude do



tarado na verdade é voltar a olhar para minhas pernas e encostar, nada sutilmente, seu joelho no meu enquanto me presenteia com um sorriso aberto, cheio de dentes faltando. — Mas acho que você vai ter que procurar outra poltrona, porque eu não vou sair daqui.

O rapaz olha embasbacado para o grosseirão e eu resolvo salvar a droga do meu dia me inclinando sobre o homem e sussurrando para que somente ele possa ouvir:

— Tira o joelho da minha perna e os olhos das minhas coxas, seu pervertido! — rosno, pronta para voar na garganta dele. — O meu dia foi péssimo e eu já fui presa antes por quebrar a cara de tarados como você. Sinceramente, eu gosto muito do clima animado das delegacias para me importar em ser presa mais uma vez. — Ele arregala os olhos para mim, mas ainda não se move. — Dá o fora!

O tarado nem vacila. Levanta imediatamente e corre atrás do rapaz, que já se afastou, batendo em seu ombro e lhe oferecendo o lugar — não sem antes murmurar um “mulher maluca”. Maluca? Ele não viu nada! Penso em ir tirar satisfação e realmente enfiar porrada nele, mas, antes que eu decida se quero acabar com minhas unhas por tão pouco, o bonitão se senta ao meu lado, sorrindo para mim, e meu dia melhora com uma rapidez impressionante.

Ele não é apenas bonito. É lindo. Tanto que nem consigo sorrir em resposta enquanto meus olhos grudam no corpo másculo e no rosto bem desenhado. Por mais que eu tente, não consigo deixar de ser depravada e desviar o olhar, porque tudo no cara é perfeito. Terno cinza sofisticado e com ótimo caimento. Alto, forte e com uma postura invejável. Cabelo escuro e comprido caído sobre os olhos castanhos, as bochechas coradas. E uma boquinha bem desenhada que ficaria magnífica colada à minha.

Simplesmente o meu número!

Eu sei, eu sei! Jurei que não ia sair me iludindo à toa. Mas qual é? Eu sou uma sonhadora, e um acontecimento desses... para ser mais precisa: um homem desses cair de paraquedas na minha vida permeada de puro azar é quase o equivalente a ganhar na loteria.

É um sinal do destino, só pode ser!

Tá piscando em neon na testa dele. O que mais seria? Infelizmente o mecanismo de procurar pela minha estrela já está tão enraizado no meu DNA que, enquanto o piloto nos manda apertar o cinto e avisa que vamos decolar, já me imagino casada e grávida do primeiro filho. Vejo até as mãozinhas no ultrassom! Estão dando tchau para mim.

Depois de seis horas de voo, já estamos casados há sessenta anos e morando em um aconchegante asilo com um belo jardim. Claro que, na vida real, não achei nada de útil para começar uma conversa decente com ele, que não para de me olhar de lado, como se quisesse o mesmo. Será que estou imaginando coisas? Doze horas de voo, e tudo que consegui pronunciar foi “com licença, por favor” mil vezes ao me levantar para fingir ir ao banheiro. Isso foi o máximo que saiu. No mínimo ele deve pensar que tenho incontinência urinária! O tempo está passando, estamos quase chegando ao Brasil e sinto que não estou aproveitando esta maravilhosa oportunidade que caiu no meu colo, enviada pelo meu cupido de intenções quase sempre duvidosas. Sendo assim, respiro fundo e volto para minha poltrona novamente, me sentindo determinada. E é aí que a coisa desmorona.

Eu já disse que não tenho sorte? Pois é, não tenho!

Antes que eu tenha tempo de sentar minha bundinha no estofado, a voz do piloto irrompe pelos alto-falantes, calma e serena como sempre acontece quando eles anunciam uma grande merda. Mas a notícia anunciada não me deixa nem um pouquinho calma e serena. Para ser sincera, me desespera!

— Senhores passageiros, por favor apertem os cintos. Vamos enfrentar uma severa turbulência. — Ele continua

falando, mas não estou mais ouvindo. Corro para minha poltrona mais rápido que o Batman e afivelo o cinto com tanta força que chego a ficar sem ar. E olha que não tenho medo de avião. Nunca tive.

Sempre dizem que o avião é o meio de transporte mais seguro, e eu acredito nisso. Mas deveria ter imaginado que, para mim, até mesmo sair de casa representa um risco. Em questão de milésimos de segundo, quando a lata-velha dá a primeira chacoalhada, desenvolvo um verdadeiro pavor de voar, e esse fato me faz pensar em um medinho maior, que eu guardo bem no fundo de mim: *a porcaria do medo de morrer*. Saber que estou trancafiada em uma batedeira com janelinhas transforma esse medo em algo real, quase palpável, principalmente quando as luzes se apagam, o teco sacode e diversas malas caem do compartimento em cima das poltronas. Minha mochila é uma delas. Começo a rezar no momento em que vejo meu desodorante sair rolando.

Imagino que minha ave-maria seja audível para quem quiser ouvir e me acompanhar no refrão, porque o bonitão me olha de lado, erguendo uma sobrancelha de maneira confusa e divertida ao reprimir uma risada. Eu tinha me esquecido dele, afinal havia problemas maiores para enfrentar no momento, como o fato de estar prestes

a virar comida de tubarão. A princípio o ignoro, porque o caos se desfaz, e eu, distraída, respiro aliviada. Porém, quando o avião volta a trepidar assustadoramente, me sinto a ponto de ter um infarto. Sem pensar no que estou fazendo, agarro a mão do meu vizinho de poltrona com tamanha força que o vejo ranger os dentes.

Ele me olha, mas não solta minha mão.

— Desculpe! — Na verdade não estou nem aí, porque é uma emergência e estou pouco me fodendo se ele quer cooperar ou não.

Por que eu permiti que Gabriel me obrigasse a assistir a *Tubarão*? Só consigo pensar em dentes enormes se cravando nas minhas panturrilhas. Também me imagino em cima de uma prancha, mas isso não vem ao caso. Nossa, que biquíni lindo... Merda! Gritos, muitos gritos. Mais malas voando. *Vamos morrer. Vamos todos morrer!*

Termino a ave-maria e passo para o pai-nosso. Espero ter tempo de rezar o credo também. Quanto mais melhor, pois imagino que, no pós-vida, não vou pegar a escada rolante para subir. Por falar nisso, já sinto o calor do meu destino final se elevar do dedinho do pé, passar pela calcinha e chegar até onde meu desodorante perdido não daria mais jeito.

— Eu tenho verdadeiro pavor de morrer! — explico, em pânico. — Principalmente sozinha e com todas as

pessoas que eu amo me odiando. Então você não vai soltar a minha mão, porque isso é tudo que eu tenho. Entendeu?

Ele se limita a assentir. Não teria muita escolha, de qualquer forma.

— Sabe... Meu pai, minha cunhada, meu irmão e meu melhor amigo me avisaram que eu ia fazer merda, mas não dei importância. Eu nunca dou — friso, antes de soltar um gritinho quando somos impulsionados para a frente. — Eu nunca devia ter abandonado tudo por causa daquele traidor! Por que eu fiz isso? — pergunto quando retornamos ao encosto das nossas poltronas com um baque e meu cabelo platinado voa em todas as direções, incluindo dentro dos meus olhos. — Me diz por que eu achei que era uma boa ideia largar o meu emprego legal em um banco renomado, minha casa confortável, minha roupinha lavada e meu gato — insisto, olhando para ele em busca de respostas, com os olhos ainda ardendo, quando me dou conta de que vou morrer sem apertar meu gato novamente feito a Felícia. — Ah, meu Deus! Eu abandonei o meu gato! — grito, histérica. — Eu amo aquele gato! Eu abandonei todo mundo para voar para o outro lado do mundo e ir morar com aquele traidor que tem sérias dificuldades para manter o brinquedinho dentro da cueca. Por que eu fiz isso, hein?

Desta vez firmo o olhar no bonito e arqueio uma sobrancelha, à espera de uma maldita resposta, porque não estou falando sozinha. Caramba, eu já vi esse cara em algum lugar.

— Eu não... — ele tenta responder, mas eu o ignoro, porque sei a resposta.

— Porque eu sou uma jumenta! — berro, ultrajada comigo mesma. — Uma porcaria de jumenta burra e carente que não consegue viver sem um homem. Para que eu preciso de um? Eu também não sei, porque eles não servem para muita coisa!

Os olhos do bonito se arregalam e eu continuo ignorando o cara, porque aparentemente falar me acalma e me faz esquecer por um momento que vamos nadar pela eternidade no oceano dentro da barriga saciada de um tubarão.

— Por que o amor é tão importante, afinal? Ele não traz nada de bom — resmungo, desiludida, enquanto o bonito me encara sem piscar. — Só ganhei um belo par de chifres!

Ele parece surpreso. Bom, eu também fiquei.

— E o cara era lindo, sabe? Não o meu ex-namorado-pervertido-e-desempregado. O cara que estava na cama dele.

O bonitão arfa, ergue uma sobrancelha e abre a boca, mas ainda não terminei minhas lamúrias.

— Eu nunca ia conseguir um cara daqueles — lamento.

— Hum, querida... — ele tenta falar mais uma vez, mas, como eu disse, ainda não acabei! Será que ele não pode ter um pouquinho mais de respeito pelo meu último momento de vida e não me interromper?

— Está vendo como eu sou egoísta? — pergunto de repente. — Olha eu de novo pensando só em mim. Também, quem ia querer alguma coisa comigo, né? Nenhum dos meus relacionamentos deu certo. Nenhum! Por que nenhum deu certo? Me diz.

*Não. Não ouse abrir essa boca, cara, penso, olhando feio para ele, que volta a fechá-la.*

— Eu sou uma boa pessoa, sabe? — murmuro, triste, em meio a um suspiro dramático. — Sou uma moça de família, trabalhadora, que paga os malditos impostos e nunca tinha feito nada tão maluco na vida quanto pegar um avião para ir atrás de um cara que mal conhecia. Eu sou carinhosa, romântica. Às vezes falo demais, mas esse é só um defeitinho que eu tenho. — Acho que as sobrancelhas do bonitão têm algum problema, porque não param de se arquear. Ignoro isso também. — Eu sou



boa de cama, beijo bem... Te contei que sou formada em psicologia?

Ele nega, sem tentar me interromper desta vez.

— Quer saber a verdade?! Eu sei por que ninguém me quer. Eu tenho defeitos, muitos defeitos! Preciso ser sincera com você, afinal vamos todos morrer mesmo. — Dou de ombros e começo a abrir minha intimidade para o sujeito. Para quem ele contaria meus podres? Mortos não falam! — Odeio calcinha fio-dental. Eu sei que os homens gostam, mas aquela merda incomoda. Sabe como é, né? Bom, você não deve saber. Eu também esfrego na privada a escova de dentes das pessoas que me irritam. Só fiz isso duas vezes, mas fiz. Eu gosto de vodca, de futebol, de roupa decotada e nunca gostei de uma sogra na vida. Bom, eu só conheci uma, e a escova da safada sabe bem a história. Se eu bato no carro de alguém sem querer quando vou sair de uma vaga, nunca deixo um bilhete, porque não é culpa minha se as pessoas colam o carro na minha bunda, certo? Não paro no sinal vermelho depois das dez e tenho a péssima mania de interromper os outros quando estão falando...

— Jura? — ele pergunta, sorrindo, e eu assinto fervorosamente, mas nem mesmo o ouvi. Ainda estou ocupada jogando para fora tudo o que estava entalado dentro de mim, feito uma metralhadora.

— Também sou meio egoísta e irresponsável. Ah, e tenho várias passagens pela polícia. Nada grave! Graças ao bom Deus, meu melhor amigo é delegado, isso ajuda — eu me adianto, antes que o bonitão tenha uma ideia errada sobre mim. Vai que São Pedro pede a opinião dele a meu respeito antes de me despachar para o inferno! A esta altura, não posso correr riscos. — Mas, tirando tudo isso, que é o que eu lembro neste momento de crise, sou uma pessoa normal. Eu tenho sonhos, droga, um monte deles. Eu só queria achar a porcaria da minha estrela antes de morrer.

Ele parece confuso, então eu explico:

— Um cara que não me traia, não me abandone, não fuja com o circo, não roube o meu dinheiro e me deixe comer carne sem encher o meu saco! Só um cara que me ame e ame o meu gato o tanto que eu amo. É imprescindível amar aquele gato também, ele vem no pacote, sabe? Mas esse cara provavelmente nem existe... Bom, a não ser o Gabriel. Ele é exatamente assim, mas não conta, né? — pergunto, dando de ombros. — É o meu melhor amigo... O delegado, lembra dele?

— É claro que eu lembro — o bonitão responde, abrindo um sorriso largo, como se ele e Gabriel fossem velhos amigos. Neste momento o avião sacode e eu me agarro mais à mão dele, cuspiendo minha alma.

— Só preciso ter tempo de falar para o Gabriel que eu o amo... — berro. Faço uma pausa, engolindo em seco, e noto que quem está tremendo sou eu. Acho que estou chorando.

— Senhora. — Sinto alguém tocar meu ombro com urgência.. — Está se sentindo bem? — Uma voz feminina se sobressai à minha, me fazendo piscar algumas vezes, freneticamente e meio atordoada. Aos poucos, acordo para a realidade e dou de cara com dois pares de olhos grudados em mim. Um deles é do bonitão, e o outro de uma comissária de bordo inclinada sobre mim, entre as poltronas, parecendo preocupada.

— Eu, é, eu... — gaguejo, ainda aérea. — Eu não morri? — pergunto, apalpando minhas pelancas com afinco enquanto os dois se entreolham de maneira conspiratória, como se soubessem de alguma coisa que passou despercebida por mim.

— Não, senhora.

Encaro os lábios avermelhados da moça e seus olhos gentis, compreendendo perfeitamente o que aconteceu quando os demais passageiros começam a andar pelo corredor em direção à saída da aeronave.

— Nós pousamos há alguns minutos no Aeroporto de Guarulhos — informa, com um sorriso amplo e

penalizado. — Gostaria que eu lhe trouxesse alguma coisa? Um copo de água, talvez?

Recuso com um aceno, sentindo as bochechas esquentarem.

Respiro fundo e olho para o bonito, que visivelmente está se divertindo à minha custa. Seu lábio inferior treme como se ele estivesse se controlando para não gargalhar na minha cara. Típico de mim dar uma gafe dessas! Não notei que a turbulência tinha passado, muito menos que tínhamos pousado, porque permaneci distraída... O que foi que eu falei para esse cara? Puta merda, eu falei das minhas calcinhas. Eu disse mesmo que era boa de cama?

— Tem certeza de que está se sentindo bem? — a comissária insiste. Sim, claro que sim. Não estou me sentindo mal. Já estou morta mesmo. De vergonha!

— Ela vai ficar bem — afirma o bonito, fazendo a moça assentir em concordância e se afastar. Ele sorri abertamente e me olha em silêncio por um longo tempo. Sinceramente, se está esperando que eu fale mais alguma coisa, vou decepcioná-lo, porque de repente não lembro mais como se pronuncia palavra nenhuma. — Foi um prazer ser útil, Eva. Mas agora eu preciso que você solte a minha mão — pede, ampliando ainda mais o sorriso. Aquilo no final da frase foi uma risada?

Desvio o olhar e percebo que ainda seguro a mão dele na minha. Os nós dos nossos dedos estão esbranquiçados, tamanho o meu pavor. Solto sua mão rapidamente e me ajeito na poltrona, abrindo o cinto de segurança. Fico muda enquanto ele se levanta e começa a procurar sua mala no chão do avião. Vejo que quase todas as pessoas já desembarcaram, então não espero que ele volte para que eu possa me humilhar mais um pouquinho. Avisto minha mochila jogada duas poltronas à frente e me levanto depressa. Passo a mão nela e sumo dali, abandonando meu desodorante sem piedade.

No ônibus a caminho de Santos, me dou conta de que não me lembro de ter dito meu nome ao bonito, e mesmo assim ele me chamou de Eva. Estranho, mas não relevante. Vou apagar este dia infernal da minha memória nem que seja na marra. Essa é a vantagem de se humilhar na frente de um desconhecido.

Nunca mais vou ver esse cara de novo.

## Eva

Imagino que em pouco tempo vai ser como se eu nunca tivesse ido embora, e esse pensamento me aquece e assusta na mesma medida. Além de desejar que as pessoas que eu amo me perdoem, me acolham e apaguem minhas falhas, me ressinto do tempo que passei fora em busca de uma ilusão. Era como se, não importava quanto eu corresse, jamais conseguisse sair do mesmo lugar.

E, durante essa lacuna, o tempo passou!

Voltar para casa deveria ser um bálsamo para meu coração machucado. Eu deveria sentir tranquilidade e segurança, mas, a cada quilômetro que o ônibus roda, sinto mais medo. Posso apostar que não vou ser recebida com faixas e balões de boas-vindas. Ninguém vai passar a mão na minha cabecinha desmiolada sem antes discursar detalhadamente sobre o tamanho da cagada que eu fiz, sobre o verme que eu sou e sem dizer que no

fim das contas nada valeu a pena. Como se eu mesma não soubesse! Todos vão me perdoar, disso não tenho dúvida, mas me pergunto quanto vai custar e, principalmente, por quanto tempo vou ter que implorar que me deixem em paz.

Minha família não me preocupa. Gabriel sim.

Passei todos esses meses me perguntando se eu não era importante o suficiente para ser merecedora de uma maldita mensagem no Skype! Eu não me importaria se fosse uma porra de comunicação por telepatia, um punhado de palavrões via sinal de fumaça ou um telefonema no meio da noite — nem que fosse para me chamar de filha da mãe lunática que só pensa no próprio umbigo! Eu só queria que Gabriel não me ignorasse, como fazia quando éramos pequenos e eu destruía algum brinquedo dele. Mas esta é muito mais que uma briga infantil e passageira, eu sei. Não foi a primeira maluquice que fiz ao me apaixonar por alguém que não partilhava dos mesmos sentimentos, mas foi, sim, a primeira vez que Gabriel me abandonou por causa de uma maluquice. Eu o decepcionei, e constatar que de alguma maneira estraguei o amor que tínhamos me magoa profundamente.

Jamais vou esquecer o olhar desolado, furioso e desapontado que ele me deu no dia em que eu não lhe

disse adeus.

Eu tinha acabado de escrever um bilhete de despedida para o meu pai, pegado minha mochila de cima do sofá e saído porta afora com um imenso sorriso de satisfação no rosto. Sorriso esse de quem estava eufórica por ter a oportunidade de viver uma aventura romântica que me renderia um amor para a vida inteira, um casamento e uma penca de pirralhos barulhentos. Santa ignorância! Saltitei pelo jardim e saí de casa, me escorando no muro para aguardar o taxista. Sim, naquela época eu ainda tinha dinheiro para um táxi, mas era tão mão de vaca quanto agora, que não tenho um tostão no bolso. Foi quando o vi.

Gabriel estava no carro, parado do outro lado da rua, a cabeça apoiada no encosto do banco e as mãos escondendo o rosto. Em determinado momento as mãos caíram, me permitindo ver suas feições cansadas e rígidas. Ele parecia triste e ao mesmo tempo pronto para berrar comigo. Definitivamente não era alguém que havia mudado de ideia e decidido me apoiar, então senti a frustração me dominar. Por que era tão difícil acreditar em mim, nos meus sonhos, nos meus sentimentos e na porra do meu felizes-para-sempre?

Meu coração se comprimiu a ponto de quase se partir, e mesmo assim me neguei a atravessar a rua e me



despedir, porque não receber seu encorajamento em um passo que poderia — e iria — mudar meu destino me feriu profundamente. Sendo assim, por mais que meu desejo fosse diminuir nossa distância e jogar meus braços ao seu redor uma última vez antes de buscar minha felicidade em outro país, simplesmente me postei sobre o meio-fio e o encarei, ressentida, até que o táxi parasse a poucos centímetros de mim.

Sem desgrudar os olhos de Gabriel, permiti que o motorista pegasse a mochila das minhas mãos e a colocasse no porta-malas. Quando a porta do carro foi aberta para que eu entrasse, ele finalmente me viu. Muitas emoções passaram pelo seu semblante: surpresa, inconformismo, decepção e saudade. Eu sabia que ele queria que eu ficasse, e, embora fosse meu melhor amigo e eu o amasse do fundo do meu coração, a decisão foi fácil: eu tinha uma promessa a cumprir.

Parti sem olhar para trás, derramando um punhado de lágrimas pelo caminho — e nesse momento me senti abandonada pela felicidade que sentia antes. Não porque eu estivesse em dúvida sobre minha decisão ou meramente arrependida, pelo menos não naquele instante, e sim porque o olhar dele me arrasou. Ali eu soube que Gabriel não se importaria com o que me acontecesse, e mesmo assim não abri mão daquele

sonho bobo. Fui tola. Agora, sinto tanto a falta dele... Mas, ao mesmo tempo que a saudade me consome, o medo me desarma: lá no fundo, também estamos falando de orgulho.

Quando o visse novamente, eu esperava ter uma aliança no dedo e uma barriga que não me deixasse passar pela porta. Queria ter tido o prazer de esfregar naquela carinha bonita que eu havia conseguido, que tinha dado certo e não poderia estar mais feliz. Só que, na realidade, em pouquíssimo tempo ele vai descobrir que eu me fodi de verde, amarelo e bolinhas cor-de-rosa. *De novo.* Ah, destino ingrato!

O ônibus entra na rodoviária de Santos e não há a menor chance financeira de eu pegar um táxi para chegar em casa mais rápido. Voltei realmente melhor do que fui, né? Se eu ainda tivesse plano de saúde, bateria a cabeça em um poste até me sentir menos burra. Mas nem para esse pequeno castigo a grana ia dar, porque, na minha atual situação, comprar um band-aid já seria ostentação. Sendo assim, permaneço no ônibus enquanto algumas pessoas descem. O motorista então segue para dentro da cidade e entra na avenida da praia. Salto no canal 5, para terminar o trajeto a pé. O que eu tinha foi quase tudo embora com a passagem de avião e as bebidas.

Nem paro para dar uma olhadinha no mar, só atravesso a rua, sigo por outra e depois por mais uma, até estar diante da casa do meu pai. Respiro fundo; é agora. A casa está justamente como eu me lembro. Nada mudou, nem mesmo eu. Me preparando para uma deliciosa bronca seguida de um beijo molhado e um aperto firme contra seu peito, enfio a chave na fechadura do sobrado em que cresci e onde meu pai mora sozinho desde que fui embora. E dou de cara com uma mulher ajoelhada no jardim. Pelo visto, a situação estava preta só para o meu lado, penso, contrariada, constatando que o meu pai agora tem uma jardineira.

— Boa tarde! — exclamo, toda alegre, fazendo a mulher pular de susto. Contenho uma risada enquanto a vejo se erguer de imediato, colocando as mãos no peito para se acalmar. Então me estende uma delas com um sorriso nos lábios pintados de cor-de-rosa.

— Eva, certo? — Seu sorriso se alarga quando respondo afirmativamente com um aceno. — Muito prazer, eu sou a Clara. — Ela segura minha mão por tempo demais e parece contente, mas também receosa por me conhecer. Decido ser simpática, porque estou morrendo de fome. Quem sabe assim eu consiga que ela me prepare um lanchinho.

— Você está fazendo um belo trabalho no jardim — elogio, porque quero mesmo comer alguma coisa, e aponto para o canteiro de rosas-vermelhas. Ele não existia antes da minha partida. Eu me pergunto o que mais mudou na minha ausência.

Sinceramente, eu queria que parasse nas flores.

— Obrigada! — Seu entusiasmo diminui consideravelmente assim que um silêncio desconfortável nos brinda, fazendo o sorriso da mulher diminuir e ela parecer inquieta. *Qual o problema?*

— Meu pai ainda não chegou? — Consulto meu relógio de pulso. Quase oito da noite. Ele já devia estar em casa. Aliás, parando para pensar, uma jardineira não devia estar trabalhando a esta hora, né?

Encaro com mais astúcia a mulher à minha frente. Já esqueci o nome dela. Terninho de linho caramelo, camisa preta meio transparente e salto médio. Quem trabalha em um jardim usando salto médio? Ela está maquiada, e começo a duvidar se é mesmo uma jardineira. Quem é você, porra? Antes que eu possa lhe fazer essa pergunta, as bochechas dela ficam vermelhas. Estou ficando irritada com seus sorrisos desconcertados, seus olhos acuados e nada, nada do meu lanchinho! Já mencionei que me transformo em uma vaca sem escrúpulos quando estou com fome?

— Quem é você? — pergunto, por fim. Não de forma mal-educada ainda, mas de maneira que ela entenda, porque, depois de tantas horas de viagem, minha paciência desapareceu. Em dias normais a coitada já não é grande coisa, de qualquer forma.

— Eu sou a esposa do seu pai — ela murmura, virando um pimentão de tão vermelha, e quem me dera fosse um pimentão recheado.

Suas palavras flutuam ao nosso redor e me cercam, me incapacitando. Abro a boca para falar alguma coisa, qualquer coisa, mas não vem nada. Continuo olhando para a mulher como se ela tivesse chifres e um rabo, tamanha minha surpresa. Meu pai não pode ter feito isso comigo. Não pode!

Interessante. Com uma frase, a mulher roubou todas as minhas palavras. Onde ela estava quando precisei dela naquele maldito avião?

— Eu falei para o Fernando que você ia ter um choque. Droga, eu avisei! — ela reclama quando não mostro nenhuma reação. Agarra meu pulso e me arrasta para dentro de casa com uma naturalidade impressionante, parecendo a dona do lugar. Merda. Agora ela é, certo?

*Não estou sabendo lidar.*

É um pesadelo. Só estou tendo um pesadelo e daqui a pouco vou acordar e rir, porque é mesmo uma ideia bem

insana imaginar que meu pai tenha se casado sem eu saber. Isso não está acontecendo. *Não está.* Mas, se não é real, por que esta mulher continua me arrastando pela nossa casa, não importa quanto eu me belisque? Saco! Ela me senta no sofá e desaparece do meu campo de visão, voltando segundos depois com um copo de água. Nota: um copo de um dos jogos que minha mãe ganhou de presente de casamento! Eu vou matar meu pai. Lentamente e com requintes de crueldade. Ela leva o copo à minha boca e ordena que eu dê alguns goles. Deus, ela já está me forçando a fazer as coisas, e só me conhece há cinco minutos. *Vou matar os dois.* Assim que conseguir sair atrás de uma faca sem desmaiar.

Ela se senta ao meu lado e começa a esfregar minhas costas, dizendo coisas estúpidas, como “Respira, querida”, “Isso, assim” e “Você está ficando branca”. Eu queria socar a cara dela, mas só tenho força suficiente para apertar o copo de água.

— Onde ele está? — rosno, em um sussurro ensandecido. Meus dentes trincados a assustam.

— Ele teve que ficar um pouco mais no trabalho, mas pediu para eu te entregar isto se você chegasse quando ele não estivesse em casa — ela responde, colocando um bilhete dobrado nas minhas mãos.

Em um dos cantos se lê “Eva”, com a linda letra cursiva do meu pai. Desdobro o papel como quem desarma uma bomba, com medo e cautela, e o que sinto quando leio aquelas linhas é pavor.

Primeiro respire, meu bem! Respirou? Ótimo!

Eu tenho uma notícia linda e maravilhosa para te dar: segui seu exemplo e procurei pela minha estrela. Olha no que deu. Eu me casei! Não é o máximo?

Não surte, e também não coloque a esposa do papai no moedor de carne enquanto eu não chegar.

Eu amo você, fugitiva!

## Eva

Meu pai demora cerca de meia hora para chegar em casa, e durante esse tempo não saio do sofá, não faço contato visual com minha nova madrasta — essa palavra já tem um gosto ruim na minha língua, só de pensar nela —, muito menos abro minha maldita boca para nada, porque eu não quero, realmente não quero que essa mulher me dê mais nenhum motivo para enfiá-la no moedor de carne.

Enquanto meu choque não cede, a única coisa em que consigo pensar é como meu pai foi sacana e omissos. Os infartos, as crises renais e a morte iminente que fingiu para que eu voltasse para casa, como se realmente se importasse ou sentisse minha falta. No fim das contas, o safado estava namorando a assustadinha bonitona — isso eu tenho que admitir: a Cássia, Carla, ou sei lá como se chama, é realmente uma mulher muito bonita. Tão bonita quanto eu acredito que minha mãe seria se ainda



estivesse aqui. Minha mãe... Pensar nela me inunda de saudade e faz a solidão me dominar brutalmente.

Ele substituiu a minha mãe.

Nós a perdemos quando meu irmão e eu éramos pequenos, e por algum tempo imaginei que seria bom ter uma mulher em casa novamente, alguém para pentear meu cabelo, brincar de boneca ou me defender em uma briga. Alguém que tivesse o poder de fazer cessar os soluços que escapavam pela porta fechada do quarto do meu pai todas as noites, quando ele pensava que estávamos dormindo. Alguém que preenchesse o buraco enorme que a falta dela deixou na nossa vida e no nosso coração. Mas nunca existiu ninguém, não que eu soubesse, então um dia parei de desejar que existisse, porque o ciúme se tornou um dos meus muitos defeitos. E agora o meu pai espera eu estar do outro lado do Atlântico, vai lá e se casa com alguém que nem mesmo me apresentou. E, para piorar, não me convida para o casamento. É uma afronta!

No momento em que distingo o barulho de um molho de chaves sendo sacudido em meio aos suspiros inquietantes de sua... sua... mulher, sei que o safado chegou. Ele nunca perde essa mania besta de brincar com as chaves, e de perdê-las sempre que pode! Ainda estou na mesma posição no sofá. Para ser precisa, não

me movi um milímetro, pelo menos até meu pai entrar no meu campo de visão.

Quando olho para ele, sinto meus batimentos cardíacos se intensificarem e minhas mãos suarem, abandonada pela saudade de meses sem vê-lo. A única coisa que consigo pensar é em enforçar aquele pescocinho brilhante e queimado de sol. Esqueço até mesmo do meu lanchinho e da minha fome lancinante, porque quero sangue. O dele, o dela, não importa, desde que seja vermelho, fresco e suje minhas mãos.

— Filhote de verme! — ele berra meu novo apelido carinhoso, disparando na minha direção em uma corrida eufórica, com os braços abertos e um lindo sorriso no rosto. Eu quero quebrar todos aqueles dentes branquinhos. Um por um.

— Pode ir parando aí, sr. Casei e Não Conte para a Minha Filha! — resmungo, pulando do sofá e encurtando a distância que nos separa mostrando a palma para impedir que me abrace. — Quem é ela? — pergunto, apontando para a mulher com cara de assustada sentada no sofá. Contenho o ímpeto de fazer *bu* para vê-la pular e me volto para ele.

— Você leu o meu bilhete, não leu? Ela é minha esposa! — Sua euforia com o casamento me faz ficar mais descontente ainda por ter sido excluída de sua

decisão. — Eu achei a minha alma gêmea, a minha estrela, como você sempre diz.

Debochado.

Meu pai sorri amplamente e me aperta contra o peito mesmo contra meus audíveis protestos enquanto me debato. Não vou ser vencida facilmente.

— Eu li aquele disparate. Quanta criatividade, não? — Consigo me soltar dele e jogo as mãos para o ar, indignada. Indignada é pouco. Estou é puta da vida! — Você podia ter me contado ou me esperado. Podia não ter se casado! — grito.

— Inicialmente o plano era esperar você voltar para casa, filha, eu juro. Mas nós não sabíamos quando seria, ou mesmo se você voltaria... — Ambos sabemos que essa é uma mentira deslavada. Concordo sobre o *quando*, mas quanto ao *se* não houve dúvida por parte de ninguém além de mim. — Foi tudo tão rápido — se defende, dando de ombros.

— Vocês decidiram se casar, foram ao cartório e assinaram os papéis. Foi isso?

— Mais ou menos isso — ele murmura, desconcertado, olhando para os próprios sapatos. — Nós estávamos juntos uma noite e nos demos conta de que a vida é muito curta. Daí fomos ao cartório na manhã seguinte e marcamos a data...

— E você esqueceu de convidar a sua filha — esbravejo, com os olhos em brasa. Se olhares pudessem matar, meu pai já teria explodido em um milhão de pedacinhos bronzeados!

— Eu não es-es-esqueci, eu... — gagueja, desviando os olhos de seus sapatos para encarar um tapete horrendo que também não morava aqui antes da minha partida.

— Então não me convidou de propósito — constato, magoada, sentindo os lábios tremerem.

— Eu achei que você não ia receber a notícia muito bem, fugitiva. — *Ah, você achou?*, penso, amarga. Achou certo, mas pelo menos eu teria tido tempo de fazê-la passar pela minha garganta com a ajuda de alguns goles de vodca antes de me deparar com o Casal Vinte à minha frente.

— Eu nem sabia que você estava namorando! — resmungo, frustrada. Ele ainda não levantou os olhos, ainda não consegue me encarar. Sabe que errou, e errou feio. Sabe que eu quero matá-lo.

— Eu queria te contar quando o relacionamento ficasse mais sério... Eu... — Ah, pelo amor de Deus, lá se vão minhas mãos para o alto mais uma vez. Até a minha... a minha... aquela mulher se remexe em seu posto no sofá depois dessa.

— Mais sério que um casamento? — questiono, sarcástica, erguendo as sobrancelhas.

— Como eu disse, foi tudo muito rápido, fugitiva. Essas coisas acontecem. — Ele dá de ombros, erguendo o rosto para me olhar nos olhos. — É quase como deixar um bilhete para o pai avisando que vai mudar de país e dar no pé. Acontece! — compara, me encarando com determinação e um brilho de divertimento no olhar por saber que me pegou.

Meu pai dá um passo para a frente e ergue as mãos para mim novamente, mas estou magoada demais para querer ser reconfortada. A única coisa que desejo agora, que me faria sentir um pouquinho melhor, é comer, comer um hambúrguer gigante com refrigerante. Além de apertar bem forte o meu gato. Meu gato, aquele que não me troca por ninguém, aquele que jamais se casaria sem me contar.

Falando nisso, cadê o meu gato?

— Cadê o Cupido? — pergunto de repente, olhando pelo chão e esquadrinhando a superfície dos móveis, fugindo daquelas mãozinhas mentirosas.

— O gato? Ah, o gato? Ele... — Meu pai gagueja e olha para sua esposa em busca de ajuda. — Ele estava meio triste depois que você viajou, e a Clara começou a espirrar a cada cinco segundos por causa da alergia,

então o Gabriel veio jantar uma noite aqui e decidi levá-lo para a casa dele.

Pisco algumas vezes, boquiaberta.

— Você deixou aquele filho da mãe roubar o meu gato? — Perco a compostura. Tenho que sair desta casa, tenho que achar comida e a porra do meu gato! — Cadê a chave do meu carro? — Vejo meu pai trocar mais um olhar conspiratório com sua nova esposa. — Alguém roubou o meu carro também? — pergunto, rindo. Só pode ser piada.

— Está com o seu irmão. — Olho para ele em busca de mais informações. — O carro dele quebrou há algumas semanas e eu emprestei o seu.

— Então, deixa eu ver se compreendi... Você se casou e não me contou, deixou o Gabriel roubar o Cupido mesmo sabendo que eu amo aquele gato e, por último, deixou o meu irmão se apoderar do meu carro novinho em folha, que eu terminei de pagar uma semana antes de viajar? É isso mesmo? — Minhas mãos tremem, meus olhos piscam freneticamente sem que eu consiga controlar e um suor frio escorre pela minha nuca. Será que estou infartando? É uma possibilidade bem real. — Você deixou a Olívia roubar alguma das minhas coisas também? Preciso contar as minhas calcinhas na gaveta?

— Já que você mencionou, ela andou limpando o seu guarda-roupa, sim — meu pai responde, fazendo aspas no ar na palavra “limpando”, enquanto se senta ao lado da mulher. Tem como ficar pior? Eu me preocupando que ninguém me perdoasse por ir viver a minha droga de vida e enquanto isso eles estavam muito bem sem mim, me omitindo informações e roubando tudo que eu tenho.

— Eu vou cair fora! — sussurro, mortificada, indo para a porta, sem suportar olhar mais para os dois. Escuto meu pai chamando meu nome, mas ele não vem atrás de mim. Não sou mais a sua primeira opção.

Eu amo meu pai, tenho orgulho dos feitos dele — quase todos; esse casamento e meu irmão não entram na lista. Acima disso, sou grata por ele ter me criado sozinho. Não somente pelos papos sérios sobre camisinha, garotos e menstruação que foi obrigado a aturar, mas porque criar dois filhos sem uma esposa, e com o posto de gasolina herdado depois da morte dos nossos avós para comandar, é mais responsabilidade do que alguém deve ter aos trinta anos, e ele se saiu bem. Muito bem.

Não que eu seja perfeita — não passo nem perto —, que seja a personificação da educação e limpeza ou tenha construído um futuro brilhante, mas nunca passei fome, muito menos frio, e aprendi os devidos valores de

caráter que meu pai me ensinou. Por exemplo, eu sei que não devo me casar sem contar para as pessoas mais importantes da minha vida, que não devo roubar o animal de estimação alheio e muito menos me beneficiar dos bens de outras pessoas sem permissão. Ok, eu fui embora, sei disso, mas todos me conhecem bem para saber que eu iria. Não menti para ninguém, enquanto nenhum deles foi sincero comigo.

Vou pisando duro até o apartamento que meu irmão, Adam, divide com Olívia, a exatas quatro quadras da casa do meu pai. Não aperto a campainha — seria educado demais. Enfio o dedo nela como se minha vida dependesse disso.

— O que é? — ele pergunta, abrindo a porta de supetão. Assim que me vê, abre um enorme sorriso e me pega no colo, me girando no ar antes que eu possa lhe falar alguns desaforos. — Você voltou! Eu estava morrendo de saudade!

— Hum, acho que eu conheço você — diz Olívia, aparecendo na porta para espiar e colocando um dedo sobre os lábios, fingindo pensar. — Ou talvez não. Não sei! Eu tinha uma melhor amiga bem parecida com você, mas ela sumiu há tanto tempo que eu não tenho mais certeza.



— Seus filhos da puta! — pronuncio as palavras bem calmamente assim que consigo me livrar do abraço do meu irmão.

— É, não é você. A minha melhor amiga era bem mais simpática! — ela rebate, passando por cima de Adam para me agarrar, mesmo sabendo que eu estou uma fera.

— Por que vocês não me contaram nada? — pergunto, saindo de mais um abraço indesejado e indo em direção à sala. Jogo meu corpo no sofá e olho para eles, que me seguem de perto, ressentidos.

— O papai pensou em te contar, mas acabou ficando com medo de você infartar em outro país. Então pediu para todo mundo ficar de boca fechada até você voltar.

— Desde quando você faz alguma coisa que ele manda, seu verme? — xingo, pensando em todas as mentiras do meu irmão que encobri ao longo dos anos. Não foram muitas, mas com certeza existiram algumas.

— Desde que ele ameaçou me demitir do posto se eu contasse. Mas não tem por que ficar tão irritada. Eu também não fui convidado para o casamento, se isso te serve de consolo! — Não serve não. — O pai apenas me comunicou que tinha feito exatamente a mesma coisa que você, uma loucura para encontrar o amor, e arrastou

a Clara para o primeiro cartório que encontrou depois de dois meses de namoro.

— E você acha isso lindo, né? — pergunto, olhando com repulsa para o sorriso bobo na cara do meu irmão.

— Ela é legal e o pai está feliz. Isso deveria contar, não? — Talvez devesse, mas na realidade não conta nada. Egoísta ou não, essa sou eu. Resolvo mudar de assunto.

— Cadê o meu carro?

— Ai, ai! — murmura Olívia, desaparecendo cozinha adentro e regressando em seguida com uma lata de refrigerante para mim. Quase pergunto o que tem para comer, mas sua atitude de tentar me amansar me faz ficar de boca fechada e me preparar para o pior.

— Eu bati... — meu irmão sussurra, colocando as mãos em frente ao rosto, se preparando para o golpe que certamente viria em qualquer outra ocasião. O fato é que estou tão cansada de notícias ruins que não me digno a enfiar a mão na cara dele, como ele pensa que vou fazer.

— Qual foi o tamanho do estrago, Adam? — pergunto em meio a um suspiro meio irritado, meio frustrado, meio de saco cheio da minha velha vida, para a qual voltei há poucas horas.

— Eu... É... — gagueja, depois de mais alguns instantes em silêncio. — Eu dei perda total no seu carro

— ele fala de uma vez, fazendo uma expressão de dor antecipada.

Olho rapidamente para seu corpo, preocupada, e não encontro um único arranhão. Menos mal. Melhor o carro ter se machucado — *ter morrido; ele matou o meu carro!* — do que meu irmão. Mas não digo isso. Na verdade não digo nada, mas encho a cara dele de porrada! Dou tantos tapas que fica difícil saber onde estou acertando. Só sei que Adam está gritando, então continuo batendo.

— O cara falou que vai pagar! Não precisar bater! Ai! Irmãos. Para que eles servem? Para nada, absolutamente nada de útil.

— Calma! — ele implora, segurando minhas mãos. — Já te contaram que o Gabriel roubou o seu gato? — Ele tenta tirar o foco de si e eu permito, me jogando no sofá e me recostando em uma almofada para recuperar o fôlego.

— Já. Eu queria o meu carro para ir buscá-lo. Mas parece que agora eu não tenho nem namorado, nem pai, nem casa, nem carro, muito menos gato! — Um par de lágrimas se forma em meus olhos, mas eu as esfrego com raiva antes que cheguem às bochechas. Não vou desabar, não ainda. Vou buscar aquele gato!

Olívia se senta ao meu lado e alisa minha perna, em consolo. Eu levanto rápido, recupero minha bolsa e

caminho para a porta. Chega de abraços.

— Eva, espera! — Eu a encaro. Ela parece chateada. — Eu queria ter contado — Olívia diz, quase chorando, mas eu a ignoro. Querer não é o mesmo que fazer, e brava deste jeito não consigo pensar. Deixo os dois ali, me chamando, assim como fiz com meu pai, porque tenho uma missão a cumprir.

Não tô nem aí se Gabriel quer ou não falar comigo, porque o ladrão de gatinhos vai ter que me ouvir. Não vou dar alternativa! Assim que piso na rua, pego o celular, respiro fundo, digitando o número que sei de cor — e de trás para a frente também —, e espero a chamada ser completada. Sinto o coração bater mais forte em antecipação por finalmente ouvir sua voz, depois de tanto tempo. Acho que é medo, mas também é raiva, sentimento que se intensifica quando não sou atendida.

Continuo a caminhar, mas não chego muito longe. Assim que viro a esquina e vejo a praia, decido fazer uma parada. Sento em um banco de frente para o mar e deixo a mente divagar ao olhar para as ondas quebrando na areia. Como foi que a minha vida antiga e as pessoas que moram dentro dela mudaram tanto em tão pouco tempo?

Ligo cinco vezes e Gabriel não me atende em nenhuma delas. Na sexta parece que consigo vencê-lo

pelo cansaço.

— O que você quer, Eva? — ele cospe, entediado e nada feliz por falar comigo. Nada de “Nossa, que saudade!” ou pelo menos um “Como vai, filha de uma égua?!”. Ótimo. Eu não queria ser educada mesmo.

— Eu quero o meu gato, seu ladrão de merda! — rosno, afastando e olhando feio para o aparelho em minha mão.

— Gato? Que gato? — ele murmura, fingindo falta de memória. — Ah, aquele que você abandonou e nem se preocupou em levar quando se mudou? Ou quem sabe aquele que sentiu tanto a sua falta que ficou mais de uma semana sem comer depois que você foi embora?

Meu coração se aperta de culpa. Maldito Gabriel!

— Me devolve! — resmungo, me segurando para não perder o controle de vez.

— Não, Eva! Ele não é um brinquedo — ele responde, da forma mais fria possível, desligando na minha cara.

Gabriel nunca desligou na minha cara antes. Pelo contrário, ele sempre esteve ao meu lado em dias como este, segurando minha mão, me consolando e depois correndo para o comércio mais próximo a fim de me comprar um maldito cigarro, se a crise fosse mesmo séria. Imagino que eu não tenha dado o devido valor às suas atitudes, não tenha dito o suficiente quanto elas

eram fundamentais para eu me manter de pé, e fui embora sem olhar para trás. Hoje, porém, eu daria qualquer coisa para escutar nossa frase particular.

“Precisa de mim aí?”

Mesmo que eu esteja sendo consumida pela raiva dele e de todos os outros, a resposta ainda seria *sim*, como em todas as outras vezes, porque, mesmo fria e intolerante, sua voz fez minha garganta se fechar. Uma voz tão conhecida, tão amiga e tão minha... Deus, estou morrendo de saudade dela. Mas agora também estou puta da vida. Se a decisão dele foi bancar o difícil, a minha não vai ser muito diferente!

Se o Gabriel quer guerra, então teremos guerra!

O gato é meu.

Ele que deu, mas é meu.

Minha vida está se acabando bem diante dos meus olhos e eles continuam secos. Isso poderia ser chamado de milagre, ou de alívio. Porque eu sei que, depois que começar, nunca mais vou ser capaz de parar de chorar. Só que, antes de fazer isso, decidi que, se Gabriel não vai devolver o Cupido, eu vou roubá-lo. Simples assim.

Não foi justamente isso que o sacana fez?

Repenso nossa amizade durante o caminho inteiro até sua casa.

Gabriel e eu nos conhecemos quando ainda estávamos na barriga das nossas mães, em uma aula de ioga — a única à qual elas compareceram, antes de descobrir que ficavam mais felizes e desestressadas dividindo bombons. Quando decidiram fugir juntas no meio da aula em questão, a amizade das duas me obrigou a conviver com aquele garotinho insuportável desde a época em que usávamos fraldas.

Ele era detestável, com aquela meiguice e os cachinhos loiríssimos e naturais, dos quais sempre tive inveja. Eu o odiava. Para ser sincera, o sentimento era recíproco. A única coisa em que parecíamos concordar era que os brinquedos do outro precisavam morrer. Destruí incontáveis carrinhos de controle remoto ao longo dos anos, e Gabriel se vingou cortando as pernas das minhas Barbies com uma tesourinha sem ponta.

Parecia que aquela amizade enfadonha e fingida que era estimulada pelas nossas mães realmente estava destinada ao fracasso, e ambos comprovamos isso no dia em que tentei abrir a cabeça dele ao meio com uma pazinha de jardinagem, porque minha mãe lhe deu todo o pacote das minhas bolachas preferidas. Eu sei, fico psicótica quando alguém coloca as patinhas imundas na minha comida, e além do mais foi ele quem se recusou a dividir e ficou chamando de biscoito só para me irritar. Eu

era uma criança sensível. Mas *tudo* mudou no dia em que passei pelo meu primeiro fracasso amoroso, ainda no jardim de infância.

Não adianta insistir. Eu já disse que não vou contar essa porra de história! A única coisa que posso contar é que passei por um perrengue perto dele no parquinho. Gabriel parou de brincar com o carrinho assim que percebeu, mirou seus olhos verdes nos meus e perguntou: “Precisa de mim aí, pirralha?” Confirmei com um aceno de cabeça, chorando. Ele soltou o carrinho, levantou do chão e me defendeu, depois segurou minha mão até que não tivesse mais nenhuma lágrima nas minhas bochechas.

Ele consertou o meu pobre coraçãozinho ingênuo e machucado naquele dia. Foi a primeira vez que aquele super-herói salvou o meu dia. Depois daquela, outras incontáveis vezes mais o Gabriel esteve lá por mim, sempre tentando me consertar. Ele e a capa.

Foi como se tivéssemos feito um pacto silencioso. Quem sabe até tenhamos mesmo, sem saber? Uma atitude bondosa entre duas crianças de cinco anos criou um vínculo que perdura há anos, independentemente de qualquer destemperança.

Gabriel esteve presente nos meus dias mais felizes e também nos mais tristes. Foi a mão dele que apertou a



minha em solidariedade quando meu pai me contou que minha mãe jamais voltaria para nós. Foram as lágrimas dele que se misturaram às minhas, e foi no seu ombro que escondi o rosto para que mais ninguém me visse chorar. Seus lábios nunca precisaram falar “Eu estou aqui”; ele sempre esteve.

É o tipo de relacionamento que dispensa completamente as palavras.

Gabriel esteve presente no meu primeiro beijo, só para se certificar de que não ia passar disso, e mais tarde foi ele quem aturou minhas lamúrias quando briguei com minha melhor amiga na época, por causa da decepção amorosa número 2, mas essa é outra história — também envolve um lindo par de chifres que ganhei de presente. Foi ao lado dele que tomei meu primeiro porre. Foram as mãos dele que seguraram meu cabelo longe do rosto quando o vinho que bebemos terminou no chão do banheiro da casa do meu melhor amigo, que limpou tudo sem um único protesto. Foi em seu travesseiro que adormeci, obrigando-o a ficar acordado para velar meu sono.

Foi o Gabriel quem se sentou ao meu lado, cheio de paciência e bondade, e passou uma das mãos pela minha cintura, me trazendo para mais perto mais uma vez, me emprestando seu ombro, quando chegou a vez de dizer

adeus para a decepção amorosa número 3, que também foi o cara que mais amei e o único que me abandonou sem se despedir. Ele sussurrou que a dor ia passar, que eu ia ficar bem. Aquele cara acabou comigo, mas Gabriel me garantiu que faria tudo ficar bem e eu acreditei. Eu sempre acreditava, porque ele fazia mesmo. É o tipo de pessoa que transforma qualquer merda em algo bonito de olhar. Tudo que ele toca vira ouro. Só de olhar para ele eu me sinto preciosa.

Foi o Gabriel quem me levou para jantar, por sua conta, quando o palhaço — sem trocadilho — fugiu com o circo. Claro, isso depois de rir da minha cara por duas horas inteiras. Também foi ele quem me levou para comemorar quando passei nas provas do último ano da escola — sem matar ninguém — e no vestibular.

Ele. Ele. Ele.

Sempre ele.

Sempre Gabriel.

Claro que eu também estava lá quando ele precisou. Fui eu que arranjei o primeiro e último cigarro que o babaca experimentou na vida, porque era muito bundão para conseguir um sozinho. Fui eu que dei um jeito — isto é, um belo soco — no problema quando um valentão decidiu que era interessante atormentá-lo no colégio. Não que Gabriel não desse conta, pelo contrário. Mas,

sendo o panaca que é, ele nunca gostou de confusão. Essas ele só arruma por minha causa, mas por sorte eu gostava por nós dois! Como foi que ele se tornou delegado e eu psicóloga? Está aí um dos mistérios da natureza.

Foi na minha porta que ele bateu em uma noite chuvosa, encharcado e desnorteado, quando foi a sua vez de ficar sem mãe. Foi para os meus braços que ele correu assim que o policial que deu a notícia virou as costas. Ela morreu em um acidente de carro quando nós tínhamos dezesseis anos. Foi a minha mão que Gabriel segurou enquanto cuidávamos de tudo com a ajuda do meu pai. Foi no meu ombro que ele chorou, e era na minha casa que ele se escondia quando ficava solitário na sua, porque desde muito cedo não tinha ninguém mais a não ser minha família. Somos a família dele também.

Estivemos um ao lado do outro em muitos momentos além desses, mas uma vida inteira não pode ser resumida, dissecada em meras palavras, até porque houve situações que eu não conseguiria descrever, como um simples olhar, um aperto no ombro, uma coberta colocada sobre o amigo adormecido, um cigarro que apareceu como mágica, um copo bem servido de vodca,

uma ligação milionária ou a pergunta feita tantas vezes:

*Precisa de mim aí?*

Sempre foram gestos.

Sempre foram doações.

Sempre foi amor.

Sempre fomos nós.

Não houve sequer um dos meus relacionamentos fracassados em que Gabriel não tenha se preocupado em recolher os caquinhos do meu coração partido e os enfiar em seus bolsos, para mais tarde colar cada um deles e me devolver um coração novinho em folha, só para que eu pudesse dar para outro cretino quebrar.

Olhando para trás, fica claro que não há comparação. Sempre precisei muito mais do Gabriel do que ele de mim, e mesmo assim meu melhor amigo nunca me virou as costas. Nem mesmo quando eu ligava pedindo que ele fosse até minha casa só para matar uma maldita barata. Até o dia de hoje.

Demoro uns bons trinta minutos a pé até sua casa. Não tenho um plano e, na verdade, não preciso de um. Só quero brigar com alguém, qualquer pessoa, por qualquer motivo, e comer. Meu Deus, como eu preciso comer! Eu venderia meu pai por um hambúrguer — hoje eu venderia por bem menos, mas não vamos entrar em detalhes. Estou tão faminta que penso seriamente em

desistir da minha guerra e do sangue que adoraria derramar se Gabriel me devolver de bom grado o Cupido e me levar ao McDonald's, porque, convenhamos, devem ter sobrado só uns dez reais na minha conta. Uma esmola seria muito bem-vinda, obrigada! Chego ao sobrado onde ele mora sozinho, próximo ao Gonzaga, e olho para a janela do seu quarto. A luz está acesa. Ele está em casa.

Respiro fundo, dominada por um sentimento distinto, me sentindo de repente muito cansada de tudo e qualquer coisa, da viagem, das notícias ruins, de estar com fome, sem nenhum homem ou perspectiva. Talvez eu apenas pegue o Cupido e dê o fora. A briga com Gabriel — que certamente vamos ter — pode ficar para depois. Levanto a pedra que fica no canteiro de flores ao lado do portão, pego a chave reserva que só eu, Adam e Rafael sabemos onde está escondida e entro na casa de mansinho. Como sempre, a porta da frente está destrancada. Eu a abro e caminho pela sala escura a passos lentos. Preciso achar meu gato.

Tateio minha bolsa em busca do celular, aperto alguns botões e ligo para Gabriel de novo, só para saber se é seguro andar por aqui na surdina sem ser pega no flagra. E pensar que antes eu vinha à casa dele como quem entra na própria cozinha, mas a situação não é mais

como antes. Não sou mais bem-vinda. Quando a chamada se completa, ouço seu celular tocar no andar de cima. Na verdade escuto bem mais que isso...

— Quem é, bebê? — pergunta uma voz feminina, melosa e enjoativa. *Bebê?* Se eu tivesse alguma coisa no estômago, vomitaria. Inacreditável. Enquanto eu só me fodo, o cretino está transando. Belo melhor amigo!

— Ninguém — ele responde, parecendo cansado. A julgar pelo seu tom, pouco paciente, imagino que não seja a primeira vez que lhe fazem essa pergunta.

— Bom, a mesma mulher ligou centenas de vezes, e eu gostaria de saber quem é. Está escrito “Minha garota” no contato. Quem diabos é “Minha garota”? — Que arrogante! Como se Gabriel fosse aceitar esse tipo de atitude ciumenta dos seus casinhos. Ele odeia compromisso. E sinceramente? Sou grata por isso, porque não saberia lidar com outra na vida dele. — Responde, caramba!

*Coloca ela no devido lugar, agora!*, ordeno em pensamento.

— É alguém sem importância que não vai estragar a nossa noite — ele rebate, com uma voz absurdamente sexy que me entope de ódio. Ah, filho da mãe! Tem certeza disso? Aposto a sua bunda?

— Esse gato tem mesmo que ficar com a gente na cama? — a mulher pergunta, se dando por vencida. E lá se vai meu plano por água abaixo.

Não escuto o que Gabriel responde, porque os risinhos safados dela quando as mãos dele provavelmente a tocam invadem o ar e me dão mais náuseas, fazendo meus punhos se cerrarem e meus dentes trincarem. Se fosse antes, eu entraria no quarto, jogaria uma muda de roupa em cima dele e pronto. Gabriel largaria a garota ainda pelada na cama e me levaria para comer. Não foi uma nem duas vezes que isso aconteceu. Então agora quer dizer que eu sou só uma conhecida, né? Não a melhor amiga, a que sempre levou a culpa quando nós aprontávamos alguma, porque era muito mais corajosa, ou aquela que passou anos fazendo seu dever de casa de matemática, ou mesmo aquela que segurou firme sua mão a cada maldito desastre. Maravilha!

Ilumino o caminho para a saída com meu celular quando algo reluzente chama minha atenção na mesinha de centro: a chave do carro dele. Passo a mão nela e, ao lado, encontro sua carteira, que eu abro, retirando uma nota de cinquenta reais — a única que encontro, senão teria roubado mais. Eu realmente não sou ninguém, um ninguém que vai comer hambúrguer com batata frita e tomar um belo milk-shake na faixa.

Isso vai ser divertido!



Dirijo o Lancer preto e brilhante que acabei de roubar pelas ruas de Santos. Vou sem rumo, sem ter para onde ir e com a fome apertando, me sentindo devastada. Passa das dez da noite, e mesmo faminta não consigo parar de remoer os últimos acontecimentos o suficiente para procurar por um hambúrguer, ainda não abracei meu gato, não desfiz minha mala — como se eu tivesse uma casa para isso — e, acima de tudo, ainda não chorei. Os braços de Gabriel ainda não se enrolaram ao meu redor.

Entro novamente na avenida da praia e decido ir para o meu lugar especial, onde tantas vezes sentei com minha mãe para olhar o mar e escutar suas histórias. Estaciono o carro e saio batendo a porta, como quem não tem geladeira em casa — Deus, eu não tenho nem casa. Já disse que não tenho casa? Caminho na direção das pedras, abandonando os tênis, e me sento em silêncio, ruminando minha vidinha de merda na praia deserta.

Não sei quanto tempo se passou desde que cheguei, mas quando dou por mim já amanheceu, o sol brilha e os turistas invadem a praia com crianças remelentas, guarda-sóis gigantes e um estoque de cerveja que



deixaria o Homer Simpson boquiaberto. Em questão de segundos o ar passa a ter aroma de entusiasmo, alegria e deleite, porque o dia 31 de dezembro sempre parece deixar as pessoas felizes. Vejo famílias unidas, casais se beijando e andando de mãos dadas e também muitas pessoas iniciando as tradições de Ano-Novo. Algumas já empesteiaram o mar com flores, barquinhos e pedidos. Como se isso fosse dar fim aos problemas. Quem dera!

Tenho até medo de pisar na água. Com toda a minha sorte, é capaz de eu ser confundida com alguma oferenda e ser levada para o fundo do mar sem pena por quem quer que habite o oceano. Isso se eu ao menos servisse como uma droga de oferenda! Sinceramente, invejo a fé dessas pessoas, invejo mesmo, porque a minha há muito tempo foi abalada. Já tentei de tudo para encontrar “minha estrela”... Minha estátua de santo Antônio que o diga! Como eu fiz aquele pobre santo sofrer! Primeiro o afoguei, mergulhando a imagem de cabeça para baixo em uma panela, depois o coloquei na geladeira e, quando não deu resultado, eu o preendi no freezer, ao lado dos hambúrgueres congelados, o tranquei no escuro por alguns dias para ver se ficava com medo e, por fim, tirei o Menino Jesus dos seus braços. Só faltei pôr fogo no santo — e nada! Nadinha de

nada. Talvez ter deixado o Cupido comer o bebê tenha sido o problema.

Mas tem uma coisa que eu ainda não tentei.

## Gabriel

Passo a noite acordado depois que deixo de atender o telefonema de Eva. Não parei de revirar na cama. Não sei como somos amigos até hoje, porque, em mais de trinta anos de amizade, aquela insuportável me causou mais problemas do que sou capaz de arrumar sozinho. Ela tem o dom de me irritar profundamente, e o que me deixa mais furioso é que não paro de amá-la por isso. Acho que sou até capaz de dizer que a amo ainda mais, o que não quer dizer nada, porque passo a madrugada inteira planejando como vou matá-la assim que a encontrar, provavelmente depois de abraçá-la e com certeza depois de descobrir o que o maldito gringo fez para ela arrumar a mala às pressas e voltar para o Brasil sem mais nem menos.

Está na hora de deixar essa briga idiota para lá!

Deixei Alice em casa e fui para a delegacia depois do jantar, mesmo estando de folga e extremamente

cansado, porque tinha um plano. Eu me algemei a minha cadeira para não correr o risco de cair na tentação de ir buscá-la no aeroporto. Mandei Rafael não me soltar, mas não adiantou muito: cinco minutos depois, ameacei atirar nele e o cretino me soltou. Antes que ele conseguisse se recuperar do soco que levou por descumprir o trato, eu já estava procurando a chave do carro em cima da mesa. Se alguns policiais não tivessem escolhido justo esse momento para entrar pela porta da frente com um cara que esfaqueou a mulher, ainda sujo de sangue fresquinho para mim, eu teria cedido. Fiquei péssimo por saber que aquela babaca saiu pelo portão de desembarque sem ninguém para recebê-la. Sou um trouxa. Fernando me mandou os dados da passagem. Ele sabia que eu iria, mas, como não deu tempo, fui buscar Alice de novo. Dormir sozinho não era uma opção; era isso ou a mesa do trabalho mais uma vez.

Quando o relógio chega às seis da manhã, desisto de tentar dormir e me levanto da cama, mas antes que tenha tempo de chegar ao box do banheiro meu celular vibra. Volto e o pego na mesinha de cabeceira. Atendo sem olhar o identificador de chamadas, o que quase sempre é um erro. A desculpa? Pensei que fosse Eva, e na verdade não passei muito longe.

— Bom dia, otário! — cumprimenta Adam, meu melhor amigo e irmão do meu pequeno tormento pessoal.

— Bom dia, animal! — Para que respeito em uma amizade, me diz?

— Levanta essa bunda da cama e vamos dar uma corrida! — ele berra por cima da música alta do rádio. — Passo aí em cinco minutos. — Faz uma pausa e pensa melhor. — Na verdade eu já estou virando a esquina da sua rua. Melhor se apressar!

— Por que você não ligou antes? — reclamo, pegando uma muda de roupa abandonada sobre a poltrona e caminhando para o banheiro. — Ainda vou tomar banho e comer alguma coisa.

— Banho para correr, sua mula? Só veste uma maldita roupa! Ah, e vê se traz alguma coisa para eu beber. Tô morrendo de sede!

Também não sei por que ainda sou amigo dele. Embora Adam e Eva neguem o fato de serem irmãos, está estampado na cara dos dois, não só pela aparência, mas pelo fato de ambos serem um grande pé no saco. São idênticos em tudo, inclusive na chatice.

Adam desliga na minha cara sem se preocupar em ser educado, e mesmo contra minha vontade decido fazer o que ele pediu: visto uma roupa limpa, apanho meu celular, as chaves de casa e a carteira que abandonei na

sala na noite passada e saio, deixando Alice ainda adormecida em minha cama, não sem antes pegar um energético para a criatura na geladeira. Como sempre, o animal me apressou à toa, porque não estava virando na minha rua merda nenhuma. Passo os cinco minutos seguintes esperando-o chegar, pulando de uma perna para outra no meio da calçada. Quase desisto e entro de volta. Só não faço isso porque não adiantaria: Adam me obrigaria a sair novamente. Quando já perdi o que restou do meu bom humor, vejo o carro de Olívia virando a esquina. Adam para a centímetros de mim e destrava as portas.

— *Tô virando na sua rua* — imito, com sarcasmo.

— Hum, acho que me enganei. Eram umas vinte ruas antes, cara — ele responde, rindo e aumentando ainda mais o volume do som. Eu, em contrapartida, abro e bebo o energético que era para ser dele. A manhã vai ser longa!

Chegamos à praia e Adam estaciona o carro emprestado de Olívia — o que não deve ter lhe custado nada barato — no canal 7. Fazemos nosso alongamento por alguns minutos, compramos duas garrafas de água e caminhamos sem pressa até a beira do mar. E, antes de começarmos a corrida, ouço alguém gritar meu nome ao longe.

— Gabs, amor! Me espera! — É Rafael, que corre em nossa direção e para de tempos em tempos para respirar, se abaixando e apoiando as mãos nos joelhos. — Bom dia! — cumprimenta, alegre, quando nos alcança.

— Não vejo nada de bom nele, amor! — Suspiro, permitindo que Rafael se apoie no meu ombro, ofegante.

Rafael é um dos meus investigadores mais competentes. Nós nos conhecemos na escola e somos grandes amigos desde então. Adam é quatro anos mais novo, demorou um pouco mais para que tivéssemos paciência de aturá-lo, e mesmo assim nós três acabamos nos tornando inseparáveis ao longo dos anos. Para mim, Adam é família. Ele é meu irmão mais novo. Os dois são os melhores amigos que alguém poderia ter.

— Que mau humor é esse? — Rafael pergunta, enquanto lhe entrego minha garrafa de água.

— Minha irmã chegou de Londres ontem e parece que os dois já brigaram — fofoca Adam, rindo à minha custa.

— Como você sabe? — pergunto, curioso, dando um tapa na nuca de Rafael, que seca abertamente um garoto que passa de mãos dadas com o namorado. — Foca nos não comprometidos, por favor — reclamo quando os olhos dele brilham.

— Ué, a Eva saiu do meu apê dizendo que ia pegar o gato dela de volta e não apareceu mais. Eu imaginei que

ia dar briga!

— Ela não apareceu lá em casa, Adam — digo, preocupado. — Liga para o seu pai. Veja se ela voltou para casa.

Adam pega o celular no bolso da bermuda e aperta alguns botões enquanto me recrimino internamente porque não atendi a ligação depois que discutimos. Se acontecer alguma coisa com ela, nunca vou me perdoar.

Fui egoísta. Eu sabia que Eva provavelmente retornou para casa devastada. Independentemente do que tenha acontecido, eu sabia que ela precisava de mim. Eu devia ter feito alguma coisa, oferecido um maldito ombro para ela chorar ou ao menos perguntado se ela precisava de mim. A resposta teria sido sim, apesar da raiva dela, porque sempre foi sim. Mas não tenho muito tempo para me atormentar com a culpa, pois meu celular vibra no bolso.

Atendo sem olhar, esperando mais uma vez que seja ela.

— Bom dia, bebê. — Alice me brinda com o apelido carinhoso que me deu sem me consultar. Reviro os olhos; o tom meloso dela me incomoda. Isso só é bonitinho quando é com o Rafael. — Você saiu sem me dar um beijo de despedida.



— Desculpa. Eu vim correr na praia com o Adam e o Rafa e não quis te acordar. — Eu não estou muito habituado a ter que informar de cinco em cinco minutos onde estou, e constatar que isso é incrivelmente chato não melhora o meu humor.

— Poxa, Gabriel. Você podia pelo menos ter me deixado um bilhete avisando. Eu só descobri que você tinha saído quando notei que o carro não estava na garagem. Procurei feito uma boba pela casa inteira — ela resmungava, parecendo chateada, mas não me importo muito, porque uma coisa que Alice diz não faz nenhum sentido. Demoro alguns segundos para processar o que é.

O carro. O meu carro. Eu não saí de carro.

— Tem certeza que o carro não está na garagem? — questiono, apressado, e, em meio a um suspiro, me dou conta de onde, ou melhor, com quem ele pode estar.

Como eu pude não perceber que meu carro não estava na garagem?

— Claro que eu tenho, Gabriel. Que pergunta mais estranha — ela retruca, irritada.

— Eu tenho que desligar. — Interrompo a ligação sem esperar uma despedida. — Ela não apareceu no seu pai, certo? — pergunto, encarando Adam.

— Não. — Ele ri e guarda o celular novamente no bolso.

— O seu carro desapareceu, amor? — Rafael está gargalhando, porque todos nós sabemos quem é a única pessoa maluca a ponto de roubar meu carro na calada da noite. Para meu azar, essa ladra está de volta ao país, e eu não sou uma das suas pessoas preferidas no momento.

Eu vou matá-la! Digito uma mensagem:

**Gabriel**

Quero o meu  
carro de volta.

**Eva**

Quer o seu carro de volta? Então devolve o meu gato. Caso contrário, eu posso, assim, como quem não quer nada, ENFIÁ-LO EM UM POSTE! Se aceitar a gente faz a troca, como num bom sequestro.

Então esse é o maldito problema? Eu me recuso a devolver o Cupido. Aliás, eu já disse que esse é um nome

estúpido para um animal? Se não disse, estou dizendo agora, e imagino que seja o motivo de todos os problemas psicológicos que aquele bichinho azarado tem, porque vou te contar: são vários. Ter uma dona como a Eva só piora a situação mental do coitado. Sendo assim, o gato fica comigo e ponto-final! Ele é meu agora!

Saio pisando duro, determinado, e abandono meus amigos ainda rindo da situação para chegar à rua e procurar um táxi. Eu provavelmente sei onde Eva está mantendo meu carro como prisioneiro. Na verdade tenho certeza que sei, porque conheço aquela maluca melhor que a mim mesmo. Antes de fazer sinal para que um táxi pare, lembro que realmente sei como aquela mente diabólica funciona e abro a carteira só para conferir o dano.

Ela me deixou liso também.

Desisto da procura e inicio a corrida de mais de sete quilômetros até o canal 1, com toda a pena que senti dela se esvaindo do meu corpo enquanto pondero minhas opções. Estou dividido entre jogá-la no mar para servir de comida aos peixes ou prendê-la. Mas aí ela se divertiria, e essa não é a intenção. Ela vai pagar por roubar meu carro e gastar minha grana em alguma coisa gordurosa e nojenta, porque eu sei que aquele cinquentinha já se transformou em hambúrguer, sorvete,

batata frita ou todas essas opções. Caso eu esteja errado, virou uma boa garrafa de vodca, que ela está detonando sem a minha ajuda.

Continuo a corrida, rezando apenas para que meu carro ainda esteja inteiro no momento em que eu chegar lá. Quando finalmente me aproximo de seu ponto preferido na praia e o avisto, respiro aliviado. Graças a Deus! Meu carro parece estar bem, pelo menos de longe. A loira magricela sentada no capô também. Ela levanta as pernas e apoia a cabeça nos joelhos, colocando os tênis imundos no maldito capô. Decido jogá-la no mar. Passo a correr mais rápido, a raiva fervendo dentro de mim, punhos cerrados e uma série de palavrões que em poucos segundos eu vou pôr para fora, mas estaco no lugar assim que vejo seus ombros se sacudirem violentamente.

Ela está chorando.

Minha garota está chorando.

Fico tão espantado que não consigo sair do lugar. Eva não chora, nunca. Ela apenas se destrói, mas nunca, nunca, chora.

Foram muitos relacionamentos antes desse, e eu só a vi despejar um punhado de lágrimas por dois deles. No primeiro, quando ainda era criança e não compreendia muito bem o que era uma rejeição, muito menos o que

era de fato o amor, e no terceiro, quando alguém realmente a destruiu. Nos que vieram antes ou depois, Eva apenas se retraiu, se calou e se fechou em seu mundo particular, o que quer dizer que ficou dias no meu sofá desejando morrer e coisas do tipo, como comer minha despensa inteira ou encher a cara mais do que devia. Ela também se anulou e deixou de acreditar em seu potencial, mas nunca deixou de acreditar na lenda das estrelas. Maldita lenda, cujo significado Eva nunca compreendeu, no que, infelizmente, nunca pude ajudá-la.

Eu me sinto culpado por cada maldita lágrima que ela limpa das bochechas rosadas, porque sei que poderia tê-las impedido de cair, como sempre fiz. Um ódio mortal daquele gringo filho da puta me domina, tirando meu fôlego, já diminuído pela corrida, e sou obrigado a apoiar as mãos nos joelhos por um momento. O que ele fez para ela?

Decido ir enxugar suas malditas lágrimas, mas, assim que começo a caminhar, vejo que Eva parece ocupada com alguma coisa que não sei o que é. Ela levanta a cabeça e passa a rabiscar furiosamente em um papel apoiado nas pernas. Fico parado no lugar, porque sua concentração me encanta e me fascina ao mesmo tempo. Só aquela boba não vê o tamanho da determinação que tem dentro de si. Ela poderia fazer o

que quisesse, ser quem bem entendesse, ter nas mãos o homem que desejasse, mas minha garota sempre se contentou com pouco, ou quase nada. Ela não se vê como eu a vejo, o que é realmente uma pena.

Em um instante a cena muda.

Eva desce do capô em um pulo e abre a porta do meu carro com agilidade, jogando parte do corpo lá dentro. Parece estar procurando alguma coisa enquanto mantém a bunda empinada do lado de fora. Alguns garotos passam e falam algo que a faz se virar e mostrar o dedo médio, antes de sair de sua posição com o meu squeeze em uma das mãos e o pedaço de papel em que estava escrevendo na outra. Ela coloca o papel dentro do squeeze, acrescenta minha nota de cinquenta reais, fecha a tampa e começa a andar em direção ao mar de maneira determinada, mesmo que morra de medo dele.

O que essa maluca está fazendo?

Tentando subornar Iemanjá em pleno Ano-Novo?

## Gabriel

Eva para à beira-mar e, sem se importar com os olhares curiosos dos banhistas, arremessa o squeeze com determinação — sem chegar perto o suficiente da água nem para molhar os pés. Depois disso, se vira e corre para o carro, dando partida e desaparecendo de vista. Não a impeço porque estou curioso demais sobre o que acabei de ver para tentar obter meu carro de volta nesse momento. Ando até onde ela esteve e, para minha surpresa, a garrafa — pela qual eu paguei um absurdo, diga-se de passagem — é devolvida pelas ondas do mar aos meus pés. Ótimo. Adoro ter onde beber água. Um sinal claro de que alguém, provavelmente alguém que ela subornou, quer que eu leia o que tem no papel.

Sei que o que eu estou fazendo é errado, mas não me importo. Se eu perguntasse ela contaria, muito provavelmente, mas preciso saber *agora* o que ela escreveu. Pego a garrafa e a destampo, sentando na

areia para descobrir, depois de recuperar meu dinheiro, o que é tão importante para a minha garota. Vou comprar um hambúrguer para ela.

Ei, você, que vive nessa coisinha salgada que me dá pavor só de olhar! Preciso de ajuda! Você já tomou o que era meu uma vez com suas ondas e sua imensidão, então me deve essa. Para o caso de você não se lembrar muito bem de mim, estou te mandando um presentinho, bem melhor que flores, barquinhos e espelhos sem graça. Vai lá e compra alguma coisa legal para você!

Pronta para me escutar? Perdi meu pai para uma sirigaita loira que tem alergia a gatos, meu irmão detonou meu carro, meu trabalho nunca vai me aceitar de volta e meu melhor amigo no mundo todo não fala mais comigo. Mesmo que as coisas entre nós pudessem se ajustar com o tempo, ter roubado o carro dele não vai contar a meu favor.

Tô sentada com a bunda no capô do carro. Ele provavelmente teria um filho se me visse agora.

E tudo isso porque a mulher que eu mais amei na vida uma vez me contou uma história. Uma história de amor verdadeiro, de alguém que encontrou a sua estrela. E era isso que eu estava



buscando. Não estou pedindo uma estrela de verdade; meu pedido é muito mais simples: só me envia logo a minha metade da laranja para eu parar de uma vez de me foder. Eu sei que, com a minha sorte, ele deve ter só treze anos e morar na Groenlândia, então me contento com alguém por quem valha a pena lutar, alguém que não me machuque mais... Alguém tipo o Gabs, sabe?

Eu preciso disso. Preciso cumprir minha promessa, mas estou ficando tão cansada de me machucar.

É claro que ela nunca vai esquecer essa maldita história. Eu queria muito que ela entendesse o verdadeiro significado, mas nunca entendeu. Provavelmente nem chegou a parar para pensar no que sua mãe queria dizer quando lhe contou. Ela criou uma fantasia idiota de amor eterno para suplantar uma história que só tinha como objetivo machucá-la e prepará-la para o pior, e decidiu, em vez de se render a uma dor terrível demais para suportar, ter esperança. Não posso julgá-la por isso, mas posso ter pena e orgulho dela na mesma medida.

Vamos começar com uma ajudinha nas minhas resoluções de Ano-Novo, o que acha? São coisas simples que eu adoraria um empurrãozinho para conseguir, porque só Deus sabe como é difícil parar de fumar e perder alguns quilinhos com a minha dieta nada saudável.

Resoluções de Ano-Novo:

- \* Perder cinco quilos (sem deixar de comer hambúrguer). — Vai sonhando!
- \* Arrumar um emprego na minha área (que pague bem).
- \* Sair da casa do meu pai (acho que já fiz isso, mas a resolução inclui encontrar um lugar só meu para morar). — Não sendo na minha casa, tudo bem!
- \* Parar de fumar que nem uma chaminé (antes que eu perca um ou os dois pulmões).
- \* Fazer as pazes com o Gabriel. — Vou pensar no seu caso depois da história do carro.
- \* Perdoar o meu pai por ter se casado e dar um fim na minha madrasta (de forma torturante, se eu puder escolher).
- \* Matar o meu irmão com requintes de crueldade (em memória ao meu amado carro falecido).

\* Arrumar um namorado (vou ser mais específica abaixo). — Ah, de novo não!

Agora sim vamos falar mais sobre o meu cara perfeito, a minha estrela. Não que eu seja muito exigente, mas, já que estamos negociando (e eu estou pagando), acho importante deixar claro que ele precisa ter certos atributos.

\* O cara tem que ser bonito, ou pelo menos ter todos os dentes na boca. — De fato, nada exigente!

\* Ele bem que poderia ser rico. Eu sei, eu sei, bonito e rico é querer demais, né? — Para que trabalhar, folgada?

\* Tem que ter um emprego. — No mínimo, né?

\* Tem que saber matar barata e não ter medo disso. Pelo menos hoje eu entendo por que o meu ex sempre saía correndo quando via uma. Mulherzinha! — Hum, o que será que isso quer dizer? Anotação mental: fazê-la explicar.

\* Não pode me trair, roubar meu dinheiro e muito menos fugir com o circo. — É só você parar de ser sem noção e de namorar o primeiro babaca que te compra uma casquinha de sorvete!

\* PALHAÇOS ESTÃO FORA DE QUESTÃO (sem negociação). — É isso que dá namorar um cara que usa nariz vermelho e sapatos gigantes. Ainda tenho um acesso de riso toda vez que lembro o dia em que ela me apresentou esse namorado. Assim que bati o olho na flor que jorrava água e o vi usar nela, eu sabia que ia dar merda!

\* O cara tem que ser gentil, abrir portas e sempre, definitivamente sempre, me alimentar bem, mesmo que esteja com raiva de mim, e nunca falar que eu como demais. — Para alimentá-la bem, é melhor o cara ser rico mesmo!

\* VEGETARIANOS ESTÃO FORA DE QUESTÃO (sem negociação).

\* Ele não pode ser egoísta com as coisas dele (mesmo que eu tenha o dom de quebrar tudo que eu toco). — Eu sei bem quantos dos meus copos, celulares e iPods foram morar com Deus nas mãos dela.

\* Tem que amar o meu gato (imprescindível não ter alergia). — Meu. MEU gato!

\* Tem que ser romântico (tipo dar flores e muito chocolate, muito mesmo). — Você nem gosta de flores, criatura! Nem é romântica, é uma ogra. Da última vez que comprei um buquê no seu

aniversário, você me perguntou onde seria o seu enterro, porque pelo visto eu já estava preparado, e jogou na minha cara que era uma bolsa que você me mostrou trezentas vezes no shopping que realmente queria. Se me lembro bem, você só parou de me atormentar quando comprei a maldita bolsa.

\* Tem que aceitar se casar comigo (opa, acho que isso saiu errado! Tem que me pedir em casamento, certo?). — Certo, tem que ser bonitinho, né?!

\* Tem que me deixar dormir quanto eu quiser e me escutar reclamar do meu emprego também, e da mãe dele. Ele tem que me deixar reclamar da mãe dele! — Você não tem emprego, só para lembrar!

\* O cara tem que me amar (por favor). — Ah, Eva...

\* Tem que abrir mão de alguma coisa por mim (só para ter certeza de que ele me ama mesmo).

\* E, por último e mais importante, não pode morrer como a minha mãe fez!

Para resumir, me manda alguém idêntico ao Gabriel que fica tudo certo.

Minha garganta se fecha. Puta que pariu, que garota burra!

Burra e ingênua. Minha garota burra e ingênua, a mesma que eu preciso abraçar.

Caminho para casa apertando o passo, receoso com o amontoado de caquinhos com os quais vou me deparar e ao mesmo tempo preparado para pegá-los nas mãos e colar tudo de novo. Não vejo a hora de tê-la na minha frente para matar a saudade sufocante de meses sem poder nem ao menos olhar nos olhos dela. Mas primeiro preciso fazê-la parar de chorar e me contar em detalhes o que aprontaram com ela desta vez!

Eu preciso ajudá-la, ampará-la, acolhê-la e principalmente perdoá-la.

Nenhum de nós dois esperaria menos de mim.

Viro na minha rua e dou de cara com meu carro estacionado de qualquer jeito no meio-fio. Respiro fundo e tento não ficar irritado com seu desleixo, apertando ainda mais o passo. Nem sinal de Eva. Deve estar com a cara enfiada na minha geladeira ou com a bunda no meu sofá. Só posso rezar para Alice ter dado o fora antes de ela ter chegado aqui.

Este Ano-Novo vai ser incrível!

Entro em casa e, como previa, Eva tem um sanduíche em uma das mãos, um refrigerante na outra e a bunda no meu sofá, fora a cara inchada, que não esconde o que andou fazendo nas últimas horas.

— Desculpa pelo carro — ela diz, humilde, assim que me vê passar pela porta e antes de dar uma mordida no sanduíche. Nem em sonho eu acredito que o pedido é sincero. — Fiquei brava porque vim roubar o meu gato de volta e escutei você dizer para uma qualquer aí que eu não sou ninguém — explica, sem esconder que ouvir aquilo a magoou. Paro no meio da sala, encarando-a, sem saber o que dizer, porque ambos sabemos que é mentira. Ela precisa mesmo escutar?

Só sei que defender a honra da minha namorada está fora de questão. Ainda está cedo para termos essa briga. No fim, não tenho tempo de dizer nada, porque bem neste momento Cupido entra pela janela da cozinha, voltando de seu passeio matinal pela vizinhança.

— Meu gato! — Ela aponta, como se fosse uma criancinha, e corre em direção a ele, mas para a um metro de distância quando Cupido rosna, mostrando os dentes afiados. Eva olha para ele com cara de interrogação. Cupido a mede de cima a baixo e vira o focinho para o outro lado, subindo sorrateiramente as escadas em direção à minha cama o mais rápido que pode, sem lhe dar chance de aproximação. E Eva desaba na minha frente.

Ela o abandonou, e o gato tem sentimentos. O que eu posso fazer?

Suspiro e deixo os ombros caírem.

Ela me olha, cheia de ranho escorrendo pelo nariz, e funga, limpando tudo na primeira coisa que encontra pelo caminho, ou seja, minha almofada. Eu me viro e vou em busca de suprimentos o mais rápido possível. Encontro a garrafa de vodca escondida atrás do cereal fit — que ela jamais tocaria — e pesco dois copos no armário. Encontro também uma garrafa de suco na geladeira e volto para a sala, onde me sento ao seu lado no sofá e coloco tudo em cima da mesinha de centro. Abro a garrafa e encho os dois copos até a boca, o dela com uma dose generosa de álcool, o meu apenas com suco, mas duvido que ela tenha reparado. Quando termino, Eva me olha de rabo de olho, esperando que eu comece a gritar, o que não vou mais fazer. Então lhe entrego o copo e disparo:

— Me conta qual foi a merda que aconteceu dessa vez, e vê se não esconde nada. — Não é um pedido.

Encosto no sofá e abraço uma almofada, até perceber que está toda melecada. Jogo a almofada longe e suspiro, pegando outra.

Eva apenas me olha, tenta falar, mas os soluços são tão altos e frequentes que ela não consegue deixar nada escapar pelos lábios. Tiro o copo de suas mãos, colocando-o na mesinha, e a puxo para meu colo. Ela



senta sobre minhas pernas, se agarra a minha camiseta e pressiona o rosto no meu peito para chorar enquanto afago seu cabelo tingido, confortando-a e permitindo que fique nos meus braços pelo tempo que precisar.

Seu cheiro nunca muda: baunilha e cigarro. Pode parecer ruim, mas é o cheiro dela. O cheiro da minha garota.

Deus, como senti falta dela!

Eu sempre estive aqui

I've been waiting for this time to come around.  
But baby running after you is like chasing the clouds.

The story of my life, I take her home.  
I drive all night to keep her warm and time is frozen.

The story of my life, I give her hope.  
— ONE DIRECTION, "Story of My Life"

## Eva

Entrei na casa do Gabs porque estava apertada, e não o odeio a ponto de fazer xixi no seu limpíssimo e perfumado carro. Além disso, eu precisava comer alguma coisa, qualquer coisa ou alguém, porque, com a fome que eu tinha, até mesmo o Gabriel poderia terminar na churrasqueira. Depois de procurar meu gato em todos os lugares sem encontrar, decidi fazer um sanduba e esperar por eles naquele sofá creme maravilhosamente confortável. Tenho que admitir: estava morrendo de medo. Gabriel pode ser um amor de pessoa, mas vira um bicho quando está bravo, e eu detesto ser a responsável por devastar sua calma.

Eu não queria me acabar de chorar ali na sua sala de estar, bem na frente dele, mas a rejeição do meu gato foi a gota d'água nesta minha vidinha de merda, e eu não consegui nem beber a maldita vodca antes de parar em seus braços.

— Você não deixa de ser importante nem quando faz merda — ele sussurra baixinho. — Não deixa de ser importante quando eu passo meses preocupado, meses olhando para o telefone e pensando em você. Não deixa de ser importante quando me irrita ou a gente briga. Não deixa de ser importante quando desaparece, me rouba ou invade a minha casa. Se você matar alguém, eu esqueço a ética e te encubro. Olha o nível disso!

Se fosse antes eu não precisaria de uma confirmação, mas, como agora está tudo dando errado, é bom escutar que sempre tive uma nova chance.

Choro mais.

— Senti tanto a sua falta — ergo o rosto e sussurro contra sua bochecha, molhando-a com minhas lágrimas — Todos os dias. Eu quis tanto te ligar, Gabs — soluço. Merda de orgulho! Por que não liguei? Por que não pedi que ele fosse me buscar quando as coisas apertaram?

— Você está em casa agora. Nós vamos resolver isso, tá? — Eu assinto, chorando tudo que tinha para chorar agarrada nele, sentindo seu cheiro de casa, de amor, de segurança. Absorvo seu perdão, choro litros, choro até secar, até me sentir vazia.

Gradativamente os soluços vão ficando mais baixos e menos frequentes e as lágrimas, que antes vinham em torrentes, começam a descer lentamente, uma após a

outra, até que cessam e eu consigo criar coragem para levantar a cabeça e olhar nos olhos dele. Brilhantes olhos verdes preocupados, aflitos e determinados me olham de volta. Ele me dá um último apertão antes de me soltar e me colocar à força sentada no sofá ao seu lado. Estava bom demais para ser verdade!

— Desembucha de uma vez — ele pede, todo paciente. Se Gabriel acha que eu vou contar todos os detalhes sórdidos, está redondamente enganado. Por nada neste mundo vou abrir o bico e entregar que o meu príncipe encantado trocou a princesa pelo lobo mau!

— Não deu certo — digo, fazendo-o revirar os olhos e me entregar o copo de vodca. Dou uma boa golada antes de continuar. — Não deu certo outra vez, Gabs. O que mais você quer que eu diga? — pergunto, irritada, bebendo meu segundo gole.

— Por que não deu certo? Você quer mesmo que eu acredite que um dia você acordou, viu que fez merda e abandonou o cara do outro lado do mundo sem um bom motivo? — O tom é sarcástico. — Você parece um cachorro, Eva, nunca larga o osso. Enquanto ainda tiver carne, você não desiste. — Ele me conhece bem, fazer o quê?

— Ele era só mais um babaca! — digo, entornando o resto do copo, que volta cheio até a boca. — Fez o

mesmo que os outros — resmungo, virando a bebida de uma vez e fazendo sinal para Gabriel tornar a encher o copo. — Tem um cigarro?

— Você sabe que eu não fumo — ele diz, sem um pingão de paciência.

— Vou melhorar a pergunta: Você pode ir comprar uns malditos cigarros para mim? — pergunto, desesperada.

— Só depois que você me contar tudo. Dizer que ele fez o mesmo que os outros é muito vago. Ele pode ter te traído, te roubado, fugido com a porra do circo, a lista é enorme. — Ele joga as mãos para o alto, exasperado. Estou ficando sem saída, cada vez mais cansada de guardar tudo para mim e cada vez mais necessitada de um trago. Gabriel é muito bom nesse lance de fazer as pessoas se abrirem. Odeio isso!

— Meu Deus, eu preciso de um cigarro! — choramingo, com os lábios grudados no meu terceiro copo de vodca. Não sei de onde vem, mas uma vontade louca de pôr tudo para fora me sobe do dedinho do pé até o último fio de cabelo. Na verdade, eu sei, sim: esse filho da mãe me embebedou de propósito. E o pior é que funcionou. Começo a despejar tudo... — Ele me traiu.

— Filho da puta! — Gabriel ruge. Ele se levanta de punhos cerrados, caminha até o aparador, no canto da sala de estar, e abre uma das gavetas, jogando para mim

um maço de Marlboro Light fechado e um isqueiro rosa. Dou graças a Deus por ele ser um cara prevenido para emergências do tipo Eva! Acendo um cigarro e dou uma tragada profunda. Assim que solto a fumaça, as palavras saem junto...

Ele ameaça falar alguma coisa, mas faço sinal para que se sente e cale a maldita boca. Gabriel quer saber de tudo, então que fique quieto até eu terminar de contar a história.

— Sabe o que é pior? Depois que eu peguei o Levi com outro cara, o que eu senti foi surpresa. Eu fiquei chocada, mas não realmente triste.

— E o amor que você sentia? Aquele amor insano e maluco que fez você abandonar todo mundo e fugir para encontrar o sujeito? — ele pergunta, irritado e ao mesmo tempo decepcionado.

— O amor acabou assim que eu recebi o meu primeiro pagamento, Gabs. — Ele ri sem humor. — Depois que eu passei um mês servindo mesas, ele disse que precisava do meu salário para pagar as contas da casa! — Sei que estou indo longe demais, e contar tanta coisa não é boa ideia, mas a vodca realmente fez efeito. — Ou talvez tenha acabado junto com o dinheiro da minha poupança, porque quer saber de uma coisa? Aquele emprego maravilhoso que ele disse que tinha era a maior furada.

Gabriel fecha a cara e cerra os punhos mais uma vez. Eu sei que está a ponto de explodir, mas não me importo. Não tenho mais o mínimo controle sobre minha boca:

— Melhor. Talvez tenha acabado depois da segunda ou terceira vez que ele sumiu sem avisar e voltou uma ou duas noites depois, caindo de bêbado e me chamando de tudo menos de santa.

— Ele encostou em você? — Gabriel agarra meu pulso. Seus olhos se fecham, e sinto que a resposta errada vai fazê-lo pegar um avião.

— Não chegou a tanto, mas quando vim embora só tinha restado dinheiro para a passagem de avião e mais uns trocados. Dignidade mesmo não restou nenhuma! — digo, com raiva, soltando meus pulsos de seu aperto. — Está feliz agora? Era isso que você queria saber, Gabriel? Que tal jogar na minha cara que você tinha razão?

— Eu tinha razão, Eva! — ele dispara, antes que eu termine de falar. — Eu tinha toda e completa razão, inferno! — grita, jogando na parede o copo que estava em sua mão. O golpe me pega desprevenida e me faz dar um pulo no lugar. Ele suspira, passando as mãos pelo rosto. Parece tão cansado.

Fico em silêncio, hipnotizada pelos vários cacos de vidro no chão e pelo líquido que se espalha e adentra sorratamente as emendas do assoalho de madeira. Eu



sei que este é o momento de escutar tudo o que Gabriel tem para me dizer, e, por mais que eu não queira, sinto que lhe devo isso, então continuo quieta.

— Como você pôde ser tão burra? — ele pergunta, aos berros, levantando e passando a mão pelo cabelo. — Por que você não veio embora? Por que não me ligou? Eu teria pegado o primeiro avião pra te buscar, pra arrebentar a cara daquele desgraçado na porrada por te tirar de casa para isso! Deus, eu quero fazer isso agora! Eu quero quebrar todos os ossos daquele filho da puta!

— Porque eu achei que você não iria se importar... — digo baixinho, mas foi muito mais que isso. Estou mentindo na cara dura e ele sabe.

— Não vem com essa. Você sabe que eu teria ido, Eva. Você, melhor que ninguém, sabe que eu iria até o inferno por você!

Eu sabia.

— Você não me ligou porque não aceitou perder e, principalmente, não aceitou que eu tivesse razão até você realmente precisar, como agora. O seu egoísmo e a sua infantilidade foram os culpados pelos meses de merda que você passou fora de casa. Nem dá para culpar só aquele cara. A maior parte da culpa é sua!

— Minha? — me altero também.

— Sua! — ele nem titubeia quando grita. — Você deixa esses babacas te tratarem como lixo. Você permite que seja assim.

— Eu não faço de propósito! — rebato, igualmente nervosa, porque ficar nervosa é infinitamente melhor que voltar a chorar, que é o que eu realmente quero fazer por saber que, no fundo, Gabriel tem razão em cada palavra.

— Eu sei que não, mas você faz mesmo assim. Porra, nunca aprende! — Ele suspira, evidentemente mais calmo, passando as mãos pelo cabelo e me olhando com um misto de carinho e pena que me faz voltar a chorar. — Como você pode se olhar no espelho todo dia e não ver? — Ele se agacha diante de mim, plantando os joelhos no chão, com a voz completamente gentil e doce.

Lágrimas densas e pesadas enchem meus olhos enquanto o encaro com pesar e vergonha. O olhar dele reflete apenas... amor. A ponta dos seus dedos afaga minhas bochechas, e meus lábios tremem.

— O que eu não vejo? — pergunto, em um sussurro fragilizado, deitando na sua mão.

— Você não vê a mulher maravilhosa que é, Eva. — Ele sorri abertamente, o sorriso mais lindo do mundo. — Não enxerga que os caras fazem fila para te conhecer e que onde você entra tudo para. Todo mundo te olha e te admira. As mulheres querem ser como você, e os

homens... eles te querem. Só que você tem o maior dedo podre da história! — Pega minhas mãos nas suas e as beija. — Não é azar, Eva, é burrice.

— Talvez não exista ninguém para mim, Gabriel. Talvez você veja tudo isso porque é meu melhor amigo. Já pensou que as outras pessoas podem ver exatamente o que eu vejo?

— E o que você vê? — ele pergunta, se afastando, voltando a andar pela sala de estar. Odeio quando faz isso.

— Eu vejo alguém que não tem nada para oferecer — admito.

— Sabe o que eu vejo? Uma mulher que fuma demais, bebe demais, é viciada em futebol e intimida as pessoas com uma personalidade fortíssima. — Sorri de maneira orgulhosa. Só Deus sabe que esse homem me ama como eu sou. — Uma mulher linda e inteligente, que consegue dar nó em pingo d'água. Uma mulher corajosa e destemida, que não tem medo de perseguir seus sonhos, mesmo que sejam os sonhos errados. E eu vejo que só eu enxergar isso, porque eu enxergo nitidamente, não resolve nada — Gabriel suspira, pesaroso. — Não até que você também veja.

Suas palavras são recebidas por mim como uma voadora no meio das minhas ideias. Para ser mais

precisa, minha cara de pau até arde depois desse tapa em forma de discurso bem ensaiado de autoajuda. É oficial: eu amo esse cretino presunçoso, que sempre me faz sentir melhor. Somos interrompidos pela campainha, e Gabriel vai atendê-la de má vontade, me dando um olhar enviesado que significa que a conversa está longe de acabar.

— Chega de dar comida de rabo nela. É Ano-Novo, tenha dó! — diz Olívia para Gabriel assim que entra na sala, mesmo sem saber o que de fato estava acontecendo antes de sua chegada. Mas imagino que meu rosto, belo igual à face de um baiacu, tenha dado a dica. — Eu tenho a minha melhor amiga de volta, e, depois de encher a sua cara de porrada — aponta para mim —, você vai tomar um belo banho, porque convenhamos, querida, está precisando. Vai entrar em um lindo vestido — aponta para uma mochila que tem nas costas — e fazer uma maquiagem decente. Quando eu terminar, nós todos vamos passar um Réveillon incrível em família na casa do seu pai!

Suspiro, sabendo que essa é uma péssima ideia.

Ela me pega pela mão e me arrasta pelas escadas da casa de Gabriel como se fosse sua própria casa, sem aceitar nenhuma objeção sobre seus planos. Enquanto sou arrastada, olho para trás e o vejo sentado no sofá,

com a cabeça entre as mãos. Poucos minutos depois, ele grita para nos avisar que está indo para a casa do meu pai e que vai se arrumar por lá. Passadas duas horas, pareço uma princesa de contos de fadas.

Olívia me comprou um vestido branco maravilhoso de presente pela minha volta para casa. É curto, cheio de lantejoulas douradas, tem mangas morcego e um generoso decote. De quebra, também ganhei um sapato de salto no mesmo tom — lindo de morrer.

— Como você conseguiu comprar tudo isso hoje? — pergunto, maravilhada.

— Eva, não seja iludida! Já estava comprado há mais de um mês! Para ser mais precisa, comprei as suas coisas junto com as minhas — ela conta, alisando o próprio vestido azul-turquesa com lantejoulas.

— Como você sabia... — Ah, quer saber? Deixa pra lá. Todos tinham certeza de que cedo ou tarde eu ia voltar com o rabinho entre as pernas. — Obrigada por tudo. Eu amei.

— Senti sua falta, Evinha — diz, me apertando entre os braços.

— E eu a sua, Olívia.

Ela suspira e me solta, se sentando na cama de Gabriel e olhando para seus sapatos com um interesse fingido enquanto rumina alguma coisa em sua cabecinha.

— Desculpa por não ter te contado nada. Eu não queria que você virasse o Hulk em outro país, e posso garantir que vai ter muito tempo para você se decepcionar. Sendo assim, quanto mais tarde, melhor. — Suas palavras me dão uma sensação ruim no fundo da garganta. — Eu queria te dar a chance de fazer a sua loucura dar certo sem nada para te atrapalhar. Só queria que você fosse feliz, por isso decidi te proteger de todas essas mudanças, porque sabia que você não ia aceitar bem nenhuma delas.

— Me deixando no escuro? — Tem lá o seu sentido, não posso negar. Se Olívia tivesse me contado que meu pai ia se casar, eu teria vindo embora para enfiar um pouco de juízo nas ideias dele, provavelmente com a ajuda de uma marreta!

— Eu não achei nenhuma outra maneira. — Ela dá de ombros.

Ela me abraça novamente e eu sinto que quer dizer mais, mas não o faz, só me arrasta porta afora pela mão depois de um minúsculo sorriso de encorajamento. Eu poderia obrigá-la a me contar, mas imagino que os segredos não vão demorar a cair no meu colo, e me deixo ser arrastada pelas escadas. Só que eu me recuso a sair da casa antes de resolver um probleminha. Aproveito que Gabriel não está e procuro a caixa de

transporte do Cupido, que encontro em cima do armário na lavanderia.

Vou pegar meu adorado gatinho instável de volta, e, se meu pai se opuser, bom, aí eu vou ter que morar com a minha melhor amiga omissa e meu irmão vândalo, e que se dane a opinião dos dois. Afinal eles me devem moradia grátis, pelo menos, depois de terem acabado com meu carro. Pego a caixa e vou atrás do sr. Irritabilidade, que não saiu da cama do Gabriel desde que chegou da rua. Ele ainda não me olhou nem miou para mim. Lambida? Passou longe. A única coisa que fez foi me ignorar e rosar. Mas que escolha o Cupido tem? Ninguém escolhe a família, eu que o diga! Eu o arrasto pelas patinhas e o aperto, levantando-o para que me olhe nos olhos. O sacana vira o focinho para o outro lado, mas eu falo mesmo assim:

— Me desculpa, tá? — Droga! Sou péssima nisso. — Eu não queria deixar você e posso garantir que essa foi a maior burrada que já fiz na vida. E olha que já fiz muitas! Você mesmo sabe disso...

Ele ainda me ignora.

— É porque o Gabriel compra ração cara e afrescalhada de sachê e eu comprava a comum? Fala para mim. — Nada, não mexe nem a orelha. — É porque

ele é mais bonito? O carinho dele é melhor? Droga, me perdoa!

Nada.

— Você era o único que nunca iria me trair, me deixar, me roubar ou se casar sem que eu soubesse, ou pelo menos foi isso que eu pensei. Porque, olha só, eu volto para casa e o que encontro? Você me trocou por ele sem mais nem menos. — Aponto o gato para o porta-retratos com uma foto de Gabriel pulando de paraquedas que fica em cima do criado-mudo, depois o volto para mim novamente. — Você acha isso justo? Bem, deve achar, né? Mas agora que já se vingou será que pode, por favor, me perdoar?

Cupido se vira para mim como se entendesse exatamente o que eu disse, me fita com seus olhos amarelos por um momento e, para minha surpresa, ME DÁ UMA DENTADA NA MÃO.

— Ok, eu sou a sua mãe e você vai fazer o que eu mandar, entendeu? Entra aí — digo, colocando-o na caixa de transporte e fechando a porta.

Nem o gato me respeita mais!



## Gabriel

No meio do caminho até a casa de Eva, acabo esbarrando sem querer no ombro de alguém. Minha reação automática é me virar de imediato para me desculpar, mas, assim que meus olhos recaem sobre o homem de aparência jovial e despreocupada que me encara, todas as palavras parecem desaparecer da minha mente. Todas menos uma: merda!

— Gabriel? — ele pergunta, parecendo surpreso, assim como me sinto.

— Benjamin. — Não é uma pergunta. Isso só pode ser brincadeira!

— Eu não acredito que é você, cara! — exclama, surpreso, tentando me abraçar, mas não estou nada empolgado por revê-lo, principalmente hoje.

Não faço esforço algum para abraçá-lo de volta e ele me solta, percebendo minha frieza.

— Há quanto tempo, né? — ele diz, sem jeito, enfiando as mãos nos bolsos.

— Não tempo suficiente, eu acho — replico, sarcástico.

— Ah, deixa disso, Gabs! — Esse sorriso um dia já partiu o coração de alguém que eu amo.

— O que você faz por aqui? — pergunto, não só por educação, mas por precaução também. Se eu tiver sorte, Benjamin vai embora antes de causar mais danos. — Não sabia que tinha voltado.

— Voltei a trabalho. Vim fechar uma venda para a empresa em que estou trabalhando, em Londres. — Londres? Puta merda! — Mas ainda não sei quanto tempo vou ficar na cidade. Vai depender das negociações — ele explica, sorrindo mais abertamente, como se estivesse mesmo feliz em me rever. Inferno. Isso não vai acabar bem.

— Espero que você aproveite a sua estadia. — Não, eu não espero. Na verdade, estou rezando para ele ficar trancado dentro de casa, sem pôr o focinho na rua, até chegar o dia de entrar de volta no avião e sumir da cidade novamente. — Foi bom te ver! — digo, me virando para ir embora e acenando em despedida, dando a entender que não foi bom revê-lo. Mas Benjamin volta a me chamar.

— Gabriel, espera! — Ele corre até mim para me oferecer um cartão. — Me liga uma hora dessas. Vamos tomar uma cerveja, conversar e relembrar os velhos tempos.

— Aqueles em que eu quebrei a sua cara na porrada?  
— Enfio o cartão no bolso da bermuda e cruzo os braços. Ele parece envergonhado, e tem que ficar mesmo.

— Como ela está? — pergunta de repente, em um fio de voz. Meus punhos cerram e sou obrigado a respirar fundo para não ir para cima, porque algumas coisas tempo nenhum pode me fazer esquecer. As lágrimas que minha garota chorou por causa dele são uma delas.

— Fique longe dela, Benjamin, ou eu juro que você vai se arrepender — murmuro com frieza, dando um passo para mais perto a fim de intimidá-lo e deixar bem claro que minhas palavras não são um mero pedido, mas uma ordem clara. Ele assente, parecendo magoado, e se vira para ir embora. Faço o mesmo, sentindo o sangue ferver.

Era só o que faltava os mortos voltarem à vida justamente agora, mas vou ter muito tempo para remoer esse reencontro depois. Agora, minha única preocupação é como Eva vai reagir quando conhecer a Alice.

Vim antes só para esconder as facas.

## Eva

Chegamos à casa do meu pai minutos depois. Entro usando minha chave e pisando duro, com a caixa de transporte e a bolsa bem presas nos braços. Minha cara fechada desafia qualquer um, seja Gabriel ou a sirigaita que casou com meu pai, a falar alguma coisa. Assim que chego à sala e encontro meu pai e sua esposa de mãos dadas no sofá, pouso no chão a caixa de transporte e solto o Cupido, que ainda não calou o focinho. Ele pula para fora da caixa e me olha com ódio mortal antes de sair pela porta da cozinha e desaparecer no quintal. Meu pai suspira.

Sim, você tem uma filha difícil, que não está nem aí se a sua mulherzinha engasgar com pelo de gato. Acostume-se!

— Eva, que bom que você veio! — Clara exclama, levantando-se e caminhando em minha direção com os braços estendidos. Pode parar aí, sirigaita!

— Esta ainda é a minha casa e a minha família — digo, sorrindo. Meu pai me olha feio e os braços dela caem ao lado do corpo, mas não me sinto culpada. — Por que eu não viria?

— Lógico. Foi um comentário bobo da minha parte. — Ela força um sorriso, olhando para meu pai. Em busca do quê? De apoio? Que ele me coloque de castigo? Nunca vou saber, porque bem neste momento uma morena de parar o trânsito desce a escada em um vestido verde deslumbrante, seguida por uma garota mais nova e bem mais sem graça, mas com os mesmos traços marcantes. Odeio as duas, de cara!

Levando em conta minhas mãos, que suam, e o friozinho detestável que se apodera da minha barriga, posso afirmar que meu radar de maus pressentimentos vai explodir...

— Oi, Eva! — a mais velha me cumprimenta, com um sorrisinho de canto de boca. Sua voz macia e meiga me faz ter arrepios, e eu decido que sim, realmente a odeio, provavelmente na segunda piscadinha daqueles cílios imensos e falsos.

— Quem é você? — Por que todo mundo parou de respirar? Por que Olívia agarrou meu punho direito e o está segurando como se fosse o martelo do Thor? E que

raio de olhar é esse nos olhos do meu pai? Tem um pedido de desculpa no olhar dele, juro que tem.

— Prazer. Sou a Alice, sua irmã. — O sorriso dela não titubeia nem por um segundo enquanto me responde, e também não me dá tempo para processar a informação antes de continuar. — E essa é a Juliete.

— Deixe eu adivinhar: mais uma irmã?

Juliete confirma e minhas mãos tremem. Na verdade elas coçam. Só não sei bem em quem vou bater primeiro, mas posso garantir que, se Olívia não tirar as patinhas omissas de cima de mim e sair de perto tipo agora, vai ser nela.

— Legal, né?

Muito, muito distante de ser legal, pirralha esquisita!

Não acredito que me transformei na Cinderela! Ganhei de presente de Natal atrasado uma madrasta e duas irmãs. Tem como ficar pior? Claro que tem! Que perguntinha mais cretina. Sempre tem como ficar pior!

Gabriel aparece na sala e se detém imediatamente, me olhando de maneira muito estranha assim que repara na minha animada conversinha com as filhas da minha... minha... daquela mulherzinha. Sinto que ele quer me falar alguma coisa que sabe que não vou gostar. Conheço muito bem aquele olhar, e não gosto dele. Mas, antes que eu possa perguntar que merda o cretino fez, Alice

abre um sorriso imenso, correndo ao seu encontro e pulando sobre seu corpo, para ser envolvida por suas mãos. Se isso não bastasse para me tirar do sério, a filha da puta dá um selinho nele, parando apenas para me encarar com superioridade e avaliar minha reação antes de enfiar a língua na boca surpresa e chocada dele.

Não tenho nenhuma.

Estou distraída, fantasiando com uma realidade alternativa onde eu teria uma metralhadora AR-15 nas mãos e saberia o que fazer com uma belezinha dessas a todas as pessoas que me olham como se eu fosse surtar. Mas eu não vou surtar, vou? Tá aí uma coisa que não posso prometer, principalmente se uma metralhadora for encontrada dando sopa por aí!

— Também sou a namorada do Gabriel — ela murmura, pensativa, dando um sorrisinho para um Gabriel vermelho feito um maldito pimentão. Por que nunca são os recheados?

— O Gabriel não namora. — Eu rio bastante, até perceber que ninguém mais está rindo.

Eu o encaro e ele abaixa a cabeça. Ai, Deus.

— Não namorava — ela me corrige. — Isso foi antes de me conhecer — a vagaba enfatiza, e meus punhos se cerram ao mesmo tempo em que ele, ainda olhando para o chão, se coloca na frente dela. Inteligente. Gabriel sabe

que estou pensando em grudar nela, mas duvido que eu consiga passar por ele agora; tentar seria inútil. Ela mora aqui, ao que parece. Vou ter muitas oportunidades de dar um jeito nisso.

Todos à nossa volta me encaram à espera de berros, coisas voando e eu partindo para cima de alguém distribuindo socos. Mas apenas olho para Gabriel, que finalmente toma coragem de fazer o mesmo, parecendo amedrontado — e devia mesmo, porque eu vou matá-lo. Vou parti-lo ao meio. Ele me deixou pagar de idiota. Por que não me contou antes de sair de casa? Deixou essa mocreia sambar na minha cara, e isso não vai ficar assim.

Acho que preciso de uma bebida e de um moedor de carne maior. Só acho.

Eu me mantenho em silêncio durante o jantar, ocupando a boca com a comida da mulherzinha do meu pai para não empurrar o prato e agarrar o colarinho da camisa branca de Gabriel, puxá-lo por cima da mesa e perguntar, com um grito, que porra ele tinha na cabeça para arranjar uma namorada — e justo quem! Puta merda! A comida está divina. Por que ela tem que cozinhar tão bem? Agora não vou querer perder um jantar. A ideia era me fazer de difícil, mas meu estômago não vai mais deixar.



Imagino que eu deveria ficar feliz porque o meu pai e o meu melhor amigo estão apaixonados. Seria o mais correto a fazer, não? Dar os parabéns aos dois e pelo menos me empenhar para conhecer as mulheres que eles estão enfiando pela minha goela abaixo. O problema é que, por mais que eu queira, e nem quero muito, não consigo.

Pode chamar de egoísmo, ciúme ou falta de vergonha na cara, não tô nem aí. Eles mentiram para mim. Eu sempre fui a pessoa mais importante da vida deles porque eles decidiram que seria assim, e depois ambos decidiram que não seria mais, sem me notificar. Além de me irritar profundamente, essa guinada me magoa, porque os dois não permitiram que eu participasse de suas escolhas como teriam feito antes. Que filha não gostaria de comparecer ao casamento do próprio pai? Que melhor amiga não vibraria com os detalhes de um primeiro encontro?

Minha única falha foi apostar em uma pessoa que pensei que me faria feliz, e naquele momento eu decidi que preferiria me arrepender se desse errado a passar uma vida inteira pensando em como teria sido aquela história de amor. Será que foi uma falha imperdoável, a ponto de todas as pessoas que eu amo simplesmente me excluam da vida delas por causa disso? Em um dia eu

acho que conheço minha família e meus amigos, e no outro não sei mais quem são essas pessoas, o que pensam e por que acham que as suas atitudes não me machucam. Eu não esperava que ninguém parasse de viver porque eu fui embora, mas esperava, no mínimo, que ainda tivessem algum respeito por mim e não mentissem tanto.

Depois da ceia nós vamos para a praia, assim como metade da cidade. Todo mundo sai de casa e se une em uma caminhada pelas ruas para assistir à tradicional queima de fogos à beira-mar. É uma loucura, e bem fácil de se perder.

Quando chegamos, me afasto dos demais e contemplo o mar, chutando um pobre amontoado de areia que nunca me fez nada, xingando e ofendendo quem quer que tenha recebido minha carta. Nunca fui uma pessoa muito paciente; quero tudo para ontem. Então, sim, eu queria uma ajudinha via sedex e não por carta registrada. Queria poder iniciar o ano com uma nova perspectiva de vida e não com outra dor de cabeça, porque eu vou te dizer: o Gabriel namorar aquela vaca ganha disparado no ranking de notícias ruins! Não estou acostumada a compartilhá-lo com mais ninguém, e isso vai ser um problema. Muito mais para ele que para mim, na verdade, pois vou fazer questão de que seja assim...

Olho distraidamente para meu melhor amigo ao lado de sua namorada e me sinto consumida por um ciúme insano e real que me faz trincar os dentes. Gabriel segura as mãos dela e gargalha, jogando a cabeça para trás, ao ouvir alguma história que meu irmão está contando. Ele mexe os braços e faz caretas, e nunca o achei mais encantador que agora. Seu riso espontâneo ecoa, fazendo meu peito se comprimir de dor. Pela primeira vez eu reparo, realmente reparo nele.

Seus olhos verdes cintilam com a claridade dos holofotes instalados na praia, e seu cabelo loiro balança com o vento, que também agita o tecido de sua camisa branca com as mangas dobradas até os cotovelos. A bermuda é branca também. Ele está descalço e ainda tem a fitinha verde que amarrei no seu tornozelo antes de brigarmos. O que será que ele pediu? Dizem que, quando o pedido se realiza, ela arrebenta, e a dele está bem fininha. Gabriel me parece mais forte que antes e muito mais cansado, como se não dormisse há dias. Também parece feliz. Está lindo como sempre foi, todo de branco, mas há mais alguma coisa em meus pensamentos que não consigo definir e que o torna mais reluzente e ofuscante, quase... quase inalcançável. A sensação de medo que isso me provoca é próxima do insuportável. Não gosto dela.

Eu me pego pensando em como nunca reparei no quanto Gabriel é bonito. Não de um jeito mais... estranho. Eu sempre soube que ele era lindo de morrer, mas nunca pensei tanto nisso, nunca importou. Ele é bonito o bastante para tirar o fôlego de qualquer pessoa com um levantar de sobrancelhas. Bonito o bastante para arrebentar um coração, uma calcinha ou fazer um frio inesperado passar pelo meu estômago. Bonito o bastante para me assustar e fazer minhas mãos suarem. Continuo não gostando dessa sensação perturbadora. Mas que diabo?

Ele sorri e suas covinhas aparecem, fazendo o rosto de Alice se acender em meio a um olhar apaixonado e um suspiro trêmulo. Ela passa as mãos em volta da cintura dele e fica na ponta dos pés para receber um beijo rápido nos lábios. Não é para menos: a atenção que Gabriel lhe dá é inebriante, quase como estar debaixo de um sol feito exclusivamente para brilhar para você. Quando a boca deles se une por mais tempo, um sentimento novo me invade. Inveja.

Sinto inveja dela, e, acima disso, sinto inveja da maneira como Gabriel olha para ela. Tão doce. Tão carinhoso. Tão cuidadoso. Aquele olhar era para ser meu, penso, amarga, me sentindo horrível e frívola. Mas, antes que eu possa me culpar mais, minha atenção é desviada.

— Dez... Nove... — entoa a multidão unida.

Em um instante sou contagiada pela alegria e felicidade das pessoas ao meu redor, e um misto de serenidade e amor me invade, fazendo meu peito se comprimir em resposta. Então, o que eu passo a sentir é vergonha. Decido parar de ser infantil e amarga e caminho para junto da minha família, pensando em abandonar minhas mágoas e dar uma chance a eles. Afinal eu seria a última pessoa a poder julgar alguém que simplesmente se apaixonou, não é? Quantas vezes fizeram o mesmo por mim...

— Sete... Seis...

Meu pai abre um champanhe e meu irmão o imita. Ambos gargalham e se empurram, brincando, antes de me darem as costas sem me notar, eu pronta para dar um beijo na bochecha de cada um. Eles envolvem as esposas, me deixando com o biquinho odioso ainda pregado nos lábios.

— Cinco...

É Ano-Novo, Eva! Época de perdoar e esquecer.

Perdoar e esquecer. Repito esse mantra para mim mesma incansavelmente depois que eles se unem em um círculo, me deixando de fora, alheios à minha humilde atitude participativa. Respiro fundo e não me deixo abater, tentando passar por baixo de Gabriel,

quando Alice sem querer derruba no meu vestido novinho o líquido da garrafa que pegou momentos antes da mão do meu irmão.

— Ops! — ela murmura, rindo. — Não vi você, Eva!

Parece que ninguém viu...

— Quatro... Três... Dois...

Meu pai beija Clara, Adam beija Olívia e minha vontade de perdoar as pessoas se escafede. Estou a ponto de berrar para que procurem um maldito quarto antes de bater na cabeça deles com uma das garrafas de champanhe, porque, sinceramente, não sou obrigada! Acabei de ser traída, estou sofrendo e o mínimo que eles poderiam fazer em respeito à memória da minha história de amor assassinada por aquele britânico cor-de-rosa seria não se agarrar na minha frente. Mas uma cena em particular me paralisa.

Gabriel passa as mãos pela cintura de Alice, trazendo-a para perto de seu corpo — perto demais —, e a beija demoradamente. É tipo beijo de filme. Ele a tira do chão, rodando-a a centímetros de onde estou ruminando minha solidão, e alguma coisa dentro de mim se parte — provavelmente meu fígado, em antecipação ao porre que vou tomar mais tarde, porque meu coração já foi pisoteado tantas vezes que duvido que ainda possa se partir mais. Sou atingida pela areia que o movimento dos

dois levanta, e nesse momento sinto ódio. Quero arrancá-la dos braços dele e entrar ali, onde é o meu lugar, e esse desejo é tão forte que chega a marejar meus olhos. Que porra está acontecendo comigo? E quem consegue esquecer e perdoar com uma família dessas?

— Um...

Ninguém, absolutamente ninguém, sequer me olha quando a meia-noite é anunciada.

Estão todos muito ocupados assistindo à queima de fogos, rindo, bebendo e festejando, sem me incluir. Posso sentir, do dedinho do pé pintado de azul-celeste até o último fio de cabelo descolorido com muito amor, que vou chorar, e isso não vai ser nada bonito de olhar. Fungo, limpando o nariz nas costas da mão, e olho para meus pés, me sentindo solitária e abandonada, quando alguém se aproxima pelas minhas costas e me dá um puta susto.

— Feliz Ano-Novo, Eva Marinho — sussurra um ser no meu ouvido, fazendo a vontade de chorar ser substituída por um ganido e um arfar surpreso. Eu me viro e acabo topando com olhos castanhos conhecidos.

Merda!

— Era só o que me faltava — praguejo.

Ok, Deus, chega! Vamos ter uma conversinha... Eu não sei qual é o problema do senhor comigo e, para ser

sincera, não quero saber. Concordo que deve ser infinitamente mais prazeroso me massacrar lentamente pelos meus erros do que acabar rápido com meu sofrimento. Mas, se eu puder opinar, prefiro um raio.

— Uma mocinha de família, que paga seus impostos em dia, detesta calcinha fio-dental e, por sinal, arrasa na cama, acertei? — ele pergunta, com um minúsculo sorriso diabolicamente bonitinho. Por que, de todas as pessoas com quem eu poderia me deparar, o bonitão que presenciou um dos meus piores momentos naquele maldito avião tem que ser a primeira opção do destino? Eu ficaria feliz com um ator famoso ou um modelo de cueca, para variar esse meu carma em forma de azar.

Olho para o céu e nada, nem uma nuvem.

— Eu mesma! — respondo, com todo o orgulho que me resta, que não é muito, e estendendo a patinha para que ele aperte. Hum, aperto firme. Adorei. Será um sinal de Deus, que, em vez de me chamar para um bate-papo cara a cara, me mandou uma brilhante estrelinha para eu chamar de minha? Espera. Isso não está certo. Prometi a mim mesma que não iria mais... Puta merda! Será que estou com uma calcinha decente ou com aquela que tem um rombo na bunda? Não lembro...

— Pelo jeito você já me conhece suficientemente bem, e eu não sei nada sobre você. Não acho isso justo —



emendo, meio mal-humorada, já que ele não parece ter a intenção de ir embora. E acho que nem quero que vá; estou me sentindo solitária enquanto minha família me coloca na geladeira para me dar uma lição. É exatamente o que estão fazendo. Aposto que até combinaram tudo pelas minhas costas. Por exemplo, ninguém aparecer no aeroporto.

— Você quer saber os meus poderes ou o meu nome?

— ele pergunta, rindo.

— Os dois, se possível.

— Não acredito que você não lembra de mim, Vira-Vira! — Ele joga as mãos para o alto, parecendo embasbacado pelo meu lapso de memória, e eu sou transportada para um dia muitos anos atrás. Uma memória.

Estou em uma festa, apostando que consigo beber mais que todos os garotos. Ganhei o apelido antes que Gabriel chegasse para acabar com a brincadeira e me arrastasse para sua casa, onde passei mal a noite inteira. Não que eu me lembre de tudo (já disse que bebida me dá amnésia), mas, quando tomo um porre, ele sempre me conta em detalhes as merdas que eu fiz no esporro do dia seguinte. Só lembro de flashes. Ele não pôde ir naquela noite, tinha que estudar para uma prova de inglês, mas apareceu rapidinho depois que a criatura

parada na minha frente, que na época era meu namorado, ligou para contar que eu tinha arrancado a blusa e subido em cima de uma mesa. Fui do canal 5 até o 3 ouvindo um sermão sem fim. Porque eu não podia sair bebendo e arrancando a roupa por aí. Ele foi falando sem parar enquanto me carregava para casa de cavalinho por mais de dois quilômetros, bêbada demais para contestar alguma coisa.

Esse cara me dedurou porque nunca soube dar conta de mim sem a ajuda do Gabriel. Precisou que ele fosse até lá achar minha blusa e me tirar na marra de cima da mesa. Mas esse foi o menor dos erros que ele cometeu comigo.

Eu pisco, atordoada e confusa por um momento, mas, assim que o maldito apelido penetra minha consciência, constato que o problema não é falta de memória coisa nenhuma: é burrice mesmo, e das grandes. Só existe uma pessoa que poderia me chamar assim...

— Não pode ser — lamento, olhando com cuidado para seu rostinho divinamente atraente e safado. E aqui está, bem na minha frente. Todos os detalhes que eu ignorei.

Por Deus, como foi que eu não reconheci esse traste?

## Gabriel

— Ei, animal — Adam sussurra, cutucando minhas costelas com um dedinho, que, se ele não tomar cuidado, vou fazer questão de quebrar. — Droga, Gabriel! — ele reclama mais alto. Suspiro e desgrudo a boca de Alice antes de colocá-la no chão para ver o que é tão importante a ponto de me interromper.

— O que foi? — pergunto, sem paciência.

— Por acaso aquele cara que está com a Eva não é o Benjamin, é?

Demoro um segundo a mais para assimilar a pergunta, porque um frio inquietante percorre meu corpo e me arrepia imediatamente. São meus instintos antevendo o desastre com o qual vou me deparar quando olhar para onde Adam aponta, e eles adivinharam. Eu sabia que isso ia acabar acontecendo. Tive certeza assim que nos encontramos: a volta de Benjamin se transformaria em um problema. Será que não fui claro o suficiente com

ele? Deveria ter levantado a camiseta e mostrado a arma? Posso fazer isso agora.

— Mas que merda! — solto, irritado, sem desgrudar os olhos dela. Eu gostaria de prever gritos, socos e quem sabe algumas lágrimas, mas estaria mentindo para mim mesmo.

— O que foi, amor? — Alice se intromete, com as sobrancelhas erguidas e as mãos na cintura fina.

— Nada, nada de mais. Só mais um problema. Um grande e enorme problema! Um problema que, como sempre, vai cair no meu colo mais tarde. — Alice me olha sem entender, e eu balanço a cabeça, pedindo para ela esquecer.

— Calma, Gabs. A minha irmã não é burra a ponto de... — A frase de Adam morre lentamente à medida que vemos Eva se jogar sobre Benjamin, como eu bem sabia que faria. As mãos dela envolvem o pescoço dele, que neste momento eu queria enforcar, e o filho da puta, por sua vez, passa as mãos pela cintura dela, levantando-a do chão e a apertando contra seu peito, onde eu adoraria encostar o cano da nove milímetros.

Adam já devia saber que a burrice daquela garota não tem tamanho.

— O que você estava dizendo? — murmuro, ácido, porque um instante depois ela está rindo para o filho da

puta feito uma hiena.

— Deixa pra lá! Só tira a mão da arma. É Ano-Novo! — ele manda, suspirando, me dando as costas e caminhando para perto de Olívia. Não parece decepcionado, muito menos surpreso. Mas a esta altura quem ficaria? Já vimos Eva tomar decisões piores. Baixo a mão, que agiu por instinto, e respiro fundo. Adam está certo, é Ano-Novo.

Posso apavorar Benjamin Sartori no dia 2, no horário comercial.

Foram muitas as desilusões amorosas que Eva enfrentou ao longo dos anos, uma pior que a outra, e, por mais que eu deteste admitir, ela foi a culpada por boa parte delas. Minha memória é espetacular, então vejamos...

Relacionamento fracassado número 1: enquanto a maioria das criancinhas — eu inclusive — estava aprendendo a pintar com os dedos, Eva já estava à nossa frente, se apaixonando, obviamente pelo pirralho errado do parquinho. Se eu fosse opinar, diria que o dedo podre veio de fábrica. Enfim, ela estava caidinha, tanto quanto uma garotinha de cinco anos pode estar, por um garoto da nossa turma.

O namorico de pegar na mão e brincar junto durou pouco, muito pouco, e terminou por causa de um pirulito.

Ele deu o fora nela por causa de um maldito pirulito de morango, nunca vou me conformar com isso. Lembro como se fosse hoje: eu estava brincando com um carrinho, passando as rodinhas pelo chão de um lado para o outro, bem distraído, pensando na vida, quando avistei os dois brigando pela posse do doce — desde aquela época Eva já tinha problemas para dividir a comida, mesmo que fosse por amor. O que é tranquilizador, na verdade; pelo menos mostra que ela tem algum limite quando cai de amores por alguém. Enfim, depois de uma luta épica, o menino arrancou o pirulito dos lábios cor-de-rosa dela e, como se não fosse o bastante, puxou seu rabo de cavalo frouxo com violência, fazendo-a cair no chão.

Naquele dia eu fiz a nossa pergunta especial pela primeira vez. Não sabia se ela queria que eu me intromettesse, mas ela assentiu, caindo no choro. Meus olhos escureceram naquele momento e eu nem sei por que, já que vivíamos brigando e ainda não éramos de fato amigos. Ela não o enfrentou, como pensei que faria. Pelo contrário, ela chorou. Eva precisava de mim, e, por mais que me irritasse, era minha amiga. A única coisa que eu conseguia enxergar eram seus olhos amendoados derramando lágrimas, e alguma coisa estalou dentro de

mim. Minha garotinha estava chorando. Ninguém ia fazer a minha garotinha chorar!

Abandonei meu carrinho no chão — depois me arrependi de não ter levado comigo e dado com ele na cabeça do garoto —, agarrei-o pela camiseta e fiz o que qualquer amigo de verdade faria: obriguei o menino engolir a droga do pirulito com toda a terra e o cascalho do parquinho. Minha mãe foi chamada na escolinha e eu levei uma cintada do meu pai com um dos cintos de couro dele, mas me senti bem com o que fiz. Porque, assim que o garoto foi parar no chão, ela sorriu para mim.

No dia seguinte, pedi para minha mãe comprar um pirulito novo para Eva. Ela comprou e, diferentemente do meu pai, disse que tinha orgulho do que eu havia feito.

Essa foi a primeira vez que eu estive lá, com ela e por ela, quando alguém machucou seu coração. Mas depois dessa houve muitas situações parecidas e eu nunca saí do seu lado, nem por uma cintada, nem por ninguém. Ficou claro que, não importava quanto ela fosse durona e destemida, ainda precisava que alguém cuidasse dela. E foi o que eu fiz.

Relacionamento fracassado número 2: quando tínhamos doze anos, Eva deu seu primeiro beijo. Nós estávamos no ensino fundamental, e a maioria dos

nossos colegas já tinha passado por essa experiência. Então, um dia Eva jogou a mochila aos meus pés, se sentou na carteira à minha frente e, ignorando a professora parada diante da classe, sussurrou que tinha que beijar alguém, porque todos que conhecia já tinham feito isso.

Houve uma festa alguns dias depois, era aniversário de alguém, e boa parte do colégio se reuniu na casa de uma das garotas. Eu não queria ir, mas não tive escolha: previ o que iria acontecer e decidi ficar por perto para o caso de ela precisar de mim. Em determinado momento, perto do fim da noite, observei de longe quando o escolhido a dedo — estou sendo sarcástico, porque imagino que tenha sido algo mais ao estilo “uni-duni-tê, o escolhido é você” — a puxou para os fundos da casa e a beijou debaixo de uma cerejeira.

Ela passou horas, dias, semanas me contando cada detalhe daquela noite. Repetia tudo um milhão de vezes, como se eu realmente estivesse interessado em saber e não a ponto de vomitar toda vez que era obrigado a escutar a história novamente. O namoro durou três longas e exaustivas (para mim) semanas. Teve fim quando flagramos o garoto no maior amasso com a melhor amiga de Eva em uma sala aparentemente abandonada. Nunca gostei de nenhum deles, então me



livrei de dois coelhos com um único tiro. Claro que Eva não pensou da mesma forma. Foram mais três semanas comprando chocolate para ela todos os dias, até que Eva aceitou que não queria morrer. Não de verdade.

Relacionamento fracassado número 3: chegamos nele daqui a pouco.

Relacionamento fracassado número 4: o palhaço, infelizmente de maneira literal. Não sei qual era o nome dele, nem me dei o trabalho de perguntar. Foi a estrela que se apagou mais rápido. Levou uma semana para Eva descobrir que o cara fugiu com o circo da cidade, porque o sonho dele era andar por aí com um nariz vermelho na cara. Sim, quando fui apresentado ao sujeito ele estava trajado a caráter (parecia que nunca tirava a fantasia), e, sim, eu quase mijei na calça de tanto rir. Eva superou rápido, porque não há muitos desastres em que um lanche com as honras da minha carteira não dê jeito, principalmente se eu comprar também o maldito brinquedo e uma casquinha.

Relacionamento fracassado número 5: o vegetariano. Mais um que durou pouco, afinal não conheço ninguém mais carnívoro que Eva — não que ele soubesse disso quando a conheceu e ela fingiu viver à base de tofu e carne de soja. Para resumir: o cara não ficou contente quando descobriu que, se for deixada sem comida por

três dias, Eva é capaz de matar um boi a dentadas. Se tiver ketchup, ninguém vai ouvir reclamação quanto ao fato de a comida ainda estar mugindo enquanto é devorada. Bom, esse eu precisei de mais que um Big Mac para resolver. Apelei para um certo gatinho com muita personalidade.

Relacionamento fracassado número 6: como ela mesma diz, o britânico cor-de-rosa. Bom, esse dispensa comentários. Mais um chifre para a lista! O gato não quis participar da recuperação dessa catástrofe em particular. Não o culpo.

Agora chegamos a alguém importante, o relacionamento fracassado número 3. Deixei o melhor para o final, justamente por estar olhando para o filho da puta que o afundou, e desta vez sem a ajuda dela. O incrível, charmoso e engraçado Benjamin.

Ele era meu melhor amigo e foi o cara que roubou o coração da minha garota quando estávamos com quase quinze anos. Tudo começou com uma brincadeira de verdade ou desafio. Não, eu não fui o otário que o desafiou a beijá-la. Mas o desafio foi lançado, e Eva pareceu disposta a ajudá-lo a cumprir a tarefa. Novamente eu era um espectador da primeira fila quando o primeiro beijo deles aconteceu. No meio de uma roda de pessoas, doce e tranquilo. Assim que suas

bocas se encostaram, eu soube que dali sairia algo mais profundo, algo para o qual eu não estava preparado. Eu simplesmente soube.

Talvez tenha sido o sorriso de expectativa que ela me lançou assim que saiu dos braços dele para me falar de sua empolgação, ou talvez tenha sido quando Benjamin pegou a mão dela depois que a brincadeira terminou. Não sei precisar realmente o que me levou a acreditar que ela seria dele, mas ela foi, e por muito tempo.

Eu nunca tinha dividido Eva com ninguém. Sempre formamos uma dupla, e num piscar de olhos passamos para um trio.

O relacionamento durou dois anos.

Eva se aproximou mais de Olívia, que era sua vizinha e sempre saía com a gente por precisar de uma amiga, para coisas de mulher das quais eu não queria fazer parte. Eu, conseqüentemente, me tornei muito próximo de Benjamin, inclusive estava jantando na casa dele na noite em que seus pais lhe ofereceram um intercâmbio fora do país. “Ofereceram” é a melhor forma de dizer que tudo já estava pronto para ele partir. Vi quando os olhos dele brilharam de empolgação e o exato momento em que esqueceu quem era Eva e a importância que ela tinha diante da oportunidade de ouro que ele recebeu.

Mas não parou por aí...

Se Benjamin tivesse contado para ela, se não fosse um filho da puta covarde e egoísta, as coisas poderiam ter ficado bem, ou pelo menos suportáveis. Mas não posso culpá-lo apenas. Eu também me calei. Algumas noites depois, os pais dele saíram e eu o ajudei a preparar um jantar, porque Benjamin me disse que falaria sobre a viagem a Eva; não havia mais tempo a perder. Depois de arrumar a mesa e lhe desejar sorte, fui embora pronto para receber uma ligação desesperada, vestir minha capa de super-herói e fazer o que eu sei fazer de melhor: cuidar dela. Mas não foi isso que aconteceu. Eva me ligou, sim, um pouco mais tarde... mas para contar que tinha transado com ele e que não poderia estar mais feliz por perder a virgindade com alguém que a amava.

Nunca na vida fiquei tão fodido com alguém como fiquei com Benjamin naquela noite. Encerrei a chamada fervendo de raiva e saí de casa com apenas um pensamento em mente. Fui até a casa dele de bicicleta, o chamei e, quando ele abriu a porta, lhe dei a maior surra que se pode dar em alguém. Quando fui embora, ele nem levantava do chão, mas avisei que era bom conseguir chegar até o telefone e falar a verdade para ela.

No dia seguinte, Benjamin pegou um avião sem dizer nada a Eva, e aí sim eu recebi aquela ligação desesperada.

Eu também fui traído nessa, mas sou o que menos importa aqui, como sempre.

Foram anos para fazer Eva superar a perda, entender que ela não tinha culpa alguma por aquele fim e pela falta de caráter de alguém que achávamos que conhecíamos. Ela custou a aceitar o abandono, a tristeza e a humilhação de ter se entregado a alguém que foi embora sem olhar para trás e nunca mais a procurou. Muito tempo, amor e dedicação foram gastos no processo. Enxuguei muita lágrima com a manga da camiseta, velei o sono dela em muitas noites, acariciando seu cabelo bagunçado sobre o meu travesseiro, e comprei milhares de hambúrgueres para ela devorar e espalhar migalhas sobre meu sofá e meu coração. Mas eu sei que falhei. Foram apenas curativos provisórios; a ferida de fato nunca fechou.

Benjamin quebrou minha garota.

Então, não, não estou feliz por rever meu ex-melhor amigo. Não estou feliz por Eva estar sorrindo para ele, muito menos por ela ter se jogado nos braços dele antes de ter lhe dado um tapa na cara. Sabe por quê? Porque eu sei como vai terminar. Eu sempre sei.

Vai terminar comigo recolhendo seus restos do chão.

## Eva

— Meu Deus! O que você tem feito? Faz anos — falo, rindo, depois que nos afastamos, porque a coisa toda é bem maluca.

— Eu ainda moro fora. Estou na cidade a trabalho por um tempo. — Ele dá um sorriso culpado. — E você, como está? — pergunta, tentando mudar de assunto.

Abro a boca para responder e quase sai um “Senti saudade”, mas suas palavras me travam. Até este momento eu estava animada por vê-lo, porque houve uma época em que tive saudade mesmo, mas agora estou me lembrando da parte feia da nossa história e de por que o fato de ele morar fora me atinge. Saudade o cacete. Esse verme me abandonou!

Para ser mais exata: ele me iludiu o bastante para eu o amar cegamente, a ponto de me entregar em suas mãos sem ressalvas — e sem roupas também. Se aproveitou do meu corpinho, que na época era mais puro

que alma de freira, e deu no pé no dia seguinte, sem mandar nem um cartão de agradecimento pela virgindade ofertada de bom grado pela minha periquita inocente e sonhadora. Para resumir, Benjamin Sartori é o motivo de eu nunca chegar perto demais de uma igreja. Combustão espontânea me assusta.

Passei anos sonhando com esse reencontro, e posso garantir que nenhuma das minhas fantasias chegou perto da realidade.

Eu e meu corpinho profanado passamos as primeiras semanas após sua partida jogados pelos cômodos da casa de um Gabs enfurecido, preocupado e decepcionado, que socava paredes se a gente chorava, mas que cuidou bem de nós, melhor do que eu cuidei das plantas dele nesses dias em que me escondi na sua casa. Matei todas.

Ele e as camisetas dele foram minhas caixinhas de lenços.

Nessa época eu ainda imaginava Ben ajoelhado aos meus pés se desculpando pelas mentiras e escolhas. Eu o perdoaria e nós seríamos felizes novamente. Mas, à medida que minhas lágrimas foram secando e as camisetas limpas de Gabs acabando, minha imaginação fértil se tornou mais ressentida e vingativa.



Então a versão dos meus sonhos passou a ser esta aqui: *Olá, decepção amorosa safada número 3* (Gabs gosta de numerá-las; virou mania), *como vai? Eu estou ótima! Bonita, rica e poderosa. Casei com um multimilionário, pari sete filhos lindos iguais ao pai, tenho uma brilhante carreira de sucesso e às vezes acendo cigarros com notas de cem, se não encontro meu isqueiro cravejado de diamantes. Eu não poderia ser mais feliz, cretino!* Eu bem sabia que, com a minha sorte, provavelmente ainda seria pobre e uma completa enalhada, mas achei que teria a oportunidade de mentir e sambar na cara dele. E pensar que uma porcaria de turbulência, misturada com minha boca grande, me tirou isso!

Se formos mais fundo — até o buraco na minha alma, que se alguém ousasse espiar eu precisaria matar —, quando fui para Londres eu meio que torci para dar de cara com ele por lá, no começo para esfregar meu namorado gringo na cara dele. Depois, quando aquele imprestável começou a arruinar minha fantasia enchendo a cara, eu meio que imaginava Benjamin Sartori aparecendo em uma carruagem. Ah, merda. Eu sou muito fodida da cabeça.

— Nossa, como eu senti sua falta, Eva! — ele diz, segurando meus ombros para que eu não possa fugir,

analisando meu rosto com um sorriso enorme nos lábios. Ele sentiu minha falta? Sério? Rumino essa ideia absurda e ridícula ao mesmo tempo em que considero dar umas bofetadas na sua cara de pau.

— Imagino que este seja o momento em que eu deveria encher a sua cara de porrada pelo que você me fez passar, certo? — pergunto, pensando em voz alta, afinal quantas vezes choraminguei para Gabriel que queria morrer porque esse cara me abandonou e entrou em um avião poucas horas depois de me comer no jantar sem dizer adeus. Ele merece essas bofetadas.

— Você deveria ter feito isso antes de se jogar nos meus braços, não acha? — pergunta, com um erguer de sobrancelhas, claramente se divertindo à minha custa mais uma vez. — Mas eu compreendo. Não é segredo para ninguém que eu sou irresistível! — Ben pisca os cílios longos e escuros, fazendo charme. Quando me dou conta, estou me traindo ao lhe dar um minúsculo sorriso em resposta. Não é que ele tem razão?! Mas não precisa saber disso!

— Pois é, parece que você não mudou muito — constato, sarcástica. — Continua humilde!

— Eu mudei, Eva — Ben afirma, muito seguro, me arrancado dos meus pensamentos. Seus olhos endurecem e cravam nos meus, fazendo meus

batimentos cardíacos acelerarem e eu me perder dentro deles, em vez de me libertar de seu aperto, como deveria fazer. — Mas não espero que você acredite em mim. Não sem antes eu te mostrar que estou falando a verdade.

Não sei se foi o timbre carregado de arrependimento, o semblante sério e compenetrado ou aqueles malditos olhos, mas eu caí na dele. Claro que caí. Quando foi que tomei alguma decisão inteligente em relação a algum homem? Provavelmente nunca.

— Que gentil da sua parte! — observo, me sentindo incomodada com as lembranças de nós dois que insistem em permear minha mente.

Benjamin foi definitivamente o homem que mais me machucou.

Benjamin foi definitivamente o homem que mais amei, por isso doeu.

— O que você acha de uma caminhada? — ele lança de repente, indicando a praia com um meneio.

Abro a boca para responder que não, muito obrigada, mas antes olho ao redor e vejo diversos pares de olhos descontentes nos encarando. Parece que finalmente as pestes que chamo de família repararam em mim. As queridas pessoas que não fazem a mínima ideia de quem seja esse ser que está me convidando para um passeio ao luar permanecem olhando para ele, embasbacadas, e

eu não as culpo, porque o tempo fez maravilhas naquele rostinho safado. Como Ben mesmo diz, ele é irresistível. Já meu pai, Adam e Gabs não conseguem esconder o desagrado pela minha surpreendente companhia, e é neles que me concentro, porque quero mais que qualquer coisa irritar quem me excluiu.

Não sou uma pessoinha vingativa, não mesmo. Bom, às vezes eu minto.

Noto pela visão periférica Gabriel dar um passo à frente, colocando a mão na cintura, enquanto espera minha reação, já que tem um cara agarrando meu braço. Então eu sorrio, ganhando uma careta puta da vida em resposta, e alguma coisa dentro de mim me manda provocá-lo; só não sei por quê. Nunca fui do tipo que pede para tomar um tiro de graça, embora ache que é Ben quem corre risco.

— Claro, por que não? Vamos avisar o pessoal. — Indico o grupo reunido, caminho de nariz em pé até minha família e cumprimento todos, incluindo meus presentes de grego, mais conhecidos como madrasta e meias-irmãs dos infernos, pelo Ano-Novo. Benjamin me segue e faz o mesmo. Gabs fica por último. Ele me abraça apertado para disfarçar o que sussurra no meu ouvido.

— Lembra do que ele te fez passar? Para de ser burra.

— Gabriel, a gente se encontrou de novo! — Ben murmura, parecendo incomodado ao perceber que meu melhor amigo se esquivou antes de ser abraçado por ele.

Ignoro seu desconforto, porque estou mais preocupada em olhar feio para Gabriel por ter me escondido a maravilhosa novidade que me pegou desprevenida. Ele sustenta meu olhar e endurece o rosto, me desafiando a falar alguma coisa, mas sabe que eu não vou dizer nada. Não aqui e não com plateia.

— Duas vezes em um dia. Deve ter algum significado — diz Benjamin.

O fato é que eu não me surpreendo por não ter sido informada desse reencontro. Digamos que Ben não seja uma das pessoas das quais Gabs sente mais falta na sua vida; nem na minha, na verdade.

— Pois é. — Minhas sobrancelhas se franzem, confusamente. Gabriel trava o maxilar e o encara de maneira desafiadora, até sua namorada terminar de falar com a irmã e voltar para a conversa. Ele deixa o rosto relaxar para que ela não perceba o clima, mas a língua continua afiada. — Interessante que você se lembre, Benjamin. Porque eu vejo claramente que já esqueceu boa parte da nossa rápida conversa. Na verdade, a parte mais importante.

Benjamin parece ter levado um tapa na cara, tamanha sua surpresa. Seus olhos se fecham por um momento e seus ombros caem. Dá até pena de ver.

— Malvado — murmuro para que apenas Gabriel possa escutar e recebo uma resposta à altura no mesmo tom: *Burra*. Infelizmente não discordo. — Bom, o papo está ótimo, mas... — resmungo para amenizar o clima e sou cortada pelo meu pai, que não parece nada a fim de me dar uma mãozinha.

— Está morando na cidade novamente? — ele pergunta, curioso, apertando sua mão depois de cumprimentá-lo com um punhado de boas maneiras compradas no Paraguai, de tão falsas que são. Pelo menos o meu pai finge cordialidade, e isso já é mais do que eu posso dizer sobre o restante da família. Adam e Gabriel parece que chuparam um limão, e Olívia não para de olhar para o maldito relógio.

— Não, sr. Fernando — responde, sem muitos detalhes.

— Fica quanto tempo?

Isso não é mais fingir cordialidade; é sondar para saber se eu tenho ou não tempo de fazer alguma merda pela qual todos nós vamos sofrer antes que ele vá embora novamente. Pelo menos assim fica claro de quem herdei minha educação.

— Não sei ainda. — Ele dá de ombros. — Vai depender de...

— Foi bom te ver, Benjamin. Mas nós já estávamos voltando para casa — Adam corta abruptamente. Será que ninguém é educado nesta família? Ele agarra meu pulso e me arrasta alguns passos para longe, sem cerimônia alguma.

— Na verdade, vocês estavam — disparo, me soltando do seu aperto e voltando para perto de Benjamin. Nem quero constatar os olhares decepcionados da minha família. — Eu vou dar uma caminhada com o Ben.

— Não, você não vai — Gabriel afirma, seco, cagando e andando para meu olhar de alerta. Sua mão agarra a minha em um aperto firme que faz as bochechas da sua namorada corarem e alguma coisa dentro de mim querer sorrir. Mas eu me controlo.

— Gabriel, a Eva já é bem grandinha, não acha? Solta ela — Alice se intromete, irritada, mas ele não obedece.

— É, Gabriel. Eu já sou bem grandinha — provoco, piscando os cílios com ar inocente.

Ele cerra os dentes e me solta. Mas seus olhos dizem muitas outras coisas, que só eu vejo e compreendo.

O cara que não me conta que agora eu tenho irmãs, e que namora uma delas quando deveria ser apenas meu, não tem direito nenhum de se meter na minha vida. Pelo

menos não hoje. Não enquanto aquele beijo que deu nela não sair da minha cabeça.

— Divirta-se, querida — Olívia se despede, me dando um beijo e me empurrando para perto de Benjamin de forma sutil.

— Vejo você em casa. — É tudo o que meu pai diz antes de rebocar sua... sua... aquela mulher para fora da praia e sumir de vista com a filhinha mais nova do demônio atrás deles.

O que eles acham que eu vou fazer? Entrar em um avião e seguir mais um cara pelo mundo? Não sou tão idiota assim, se bem que depende. Ben e eu caminhamos, a princípio em silêncio. Ele espera estar a uma distância segura de ouvidos conhecidos para começar a falar.

— Parece que a sua família tem boa memória — comenta, rindo, mas no fundo sei que não é brincadeira e que ele ficou magoado pelo tratamento que recebeu. Bem-vindo ao time, cara! O que você esperava? Uma faixa, balões e fogos de artifício? Não ia rolar. Aprendi recentemente que quem foge deles não é recebido com muito amor.

— Parece que sim. — Assinto, chutando a areia distraidamente.



— Eu ainda não acredito que você não me reconheceu, Eva! Ninguém pareceu ter o mesmo problema. Eu estou tão diferente, ou você simplesmente me apagou da memória?

— Eu não estava no meu melhor momento naquele voo, Ben — explico, ruminando o que me trouxe de volta para casa, para esta praia e este reencontro. Meu Deus. Depois de tantas decepções amorosas, me flagro caminhando ao lado da pior delas. Como foi que isso aconteceu?

— Eu entendo — ele murmura, fingindo condescendência. — Ser trocada por um cara sexy deixa qualquer um em um péssimo momento — tira sarro, me dando um sorrisinho de canto de boca que me faz molhar a calcinha.

Rio, batendo em seu ombro só para poder tocá-lo, me dando conta de que foi justamente esse sorriso que me conquistou.

— Você está bem com o fim do relacionamento? — Benjamin pergunta, sério e preocupado. O que é bem hipócrita, já que fiquei infinitamente pior quando o nosso terminou, e ele não ficou nem um pouco perturbado com isso.

— Já estive melhor — confesso, com um suspiro pesado.

Parando para pensar, não há nada a superar, tirando o fato de o meu ex conseguir homens mais gatinhos que eu, porque acho que nunca cheguei a amá-lo. O que senti foi uma paixão criada pela promessa de um romance de verdade. A ilusão de que mudar de país, me aventurar e fazer uma loucura me renderia uma linda história para contar.

— Fico feliz por saber que você lidou bem com isso. De verdade, Eva.

Precisa mesmo sorrir desse jeito? Jesus!

— Não é mais qualquer um que consegue me derrubar... — Olho para o chão antes de concluir a frase: — Não mais. Não depois de você.

Depois que Benjamin me deixou e entrou em um avião para Londres sem me avisar, quando ainda namorávamos, prometi a mim mesma que nunca mais seria derrubada facilmente. Um palhaço de circo bem que tentou alguns anos depois. Mas a situação foi mais cômica que triste, na verdade.

— Eu acho que te devo um pedido de desculpa enorme pela maneira como fui embora.

*Você acha? Imagina, impressão sua.* Estou prestes a dizer que hoje em dia, dadas as minhas condições financeiras, só estou aceitando pedidos de desculpa em

forma de comida, cigarros e vodca. Mas seu olhar triste e culpado me faz calar a boca.

— Embora eu saiba que esse pedido não vai ser o bastante. São apenas palavras.

— Bom, se arrepender de ser um ordinário já é alguma coisa.

*Os outros nem isso fizeram! Nada impede que eu o perdoe, não é?* Desde que eu não me apaixone por ele novamente, vou ficar bem, e não tem a menor chance de isso acontecer.

— Vejo que você continua sincera. — Ele gargalha.

Nossa, que risada maravilhosa e que dentes branquinhos. Ele passa a mão no cabelo, que balança com a brisa do mar, e eu o admiro com a boca aberta. Nossa, que cabelo gracinha. Depois ele me encara com um sorriso contido e olhos brilhantes. Nossa, que cara bonitinho. *Chega, Eva!*, grita Gabriel, quer dizer, minha consciência, e eu me aprumo olhando para a frente, porque desta vez minha voz interior tem razão.

Benjamin é problema.

— Me perdoe por não ter te procurado, olhado nos seus olhos e falado que ia embora. Era o que eu deveria ter feito, mas não tive coragem, Eva, porque eu sabia que se te olhasse desistiria. Foi isso que eu escrevi naquela carta...

— Que carta? — pergunto, cortando-o de maneira curiosa.

— A carta que a minha mãe te entregou depois que eu viajei. A minha carta de despedida... — Pela minha expressão de surpresa, imagino que Benjamin tenha entendido rapidamente que não sei do que ele está falando. — Eu deveria saber. Ela nunca gostou muito de você.

— O sentimento sempre foi recíproco! — disparo em um impulso, me lembrando tarde demais de um dos segredinhos que coloquei para fora durante aquele maldito voo. Na verdade, lembro disso no momento em que Ben para de andar e me olha embasbacado, me mostrando que também se lembra.

— Era a escova de dentes dela, não era? Era da minha mãe! — ele exclama, irrompendo em uma gargalhada alta que chega a expulsar lágrimas de seus olhos.

Será que devo ser sincera? Bom, que se dane!

— Com certeza era! — respondo, animada. — Lembro como se fosse hoje: era laranja com bolinhas amarelas! Lustrei sua privada com afinco, e juro que ficou branquinha. — Essa é uma recordação incrivelmente agradável.

— A laranja, Eva? — ele pergunta, alarmado, cobrindo a boca com as mãos. Assinto, ainda contente por

relembrar aquele feito. — A laranja era minha! — Tenho um ataque de riso tão forte que sou obrigada a me escorar nele para me manter de pé. — Bom, acho que foi bem feito, no fim das contas! — ele murmura, rindo também, e eu não discordo.

— Você não devia estar com raiva por eu ter tentado sacanear a sua mãe? — pergunto quando finalmente consigo recuperar o fôlego.

— Não. Ela nunca te tratou como você merecia, e, para ser sincero, se eu pudesse faria a mesma coisa com metade da sua família hoje.

Faz sentido. Faz todo o sentido.

— Por mim tudo bem, desde que você prometa lembrar que a minha é a verde.

Ele assente, ainda rindo, até que as palavras seguintes saem pelos meus lábios. Então sua expressão, antes divertida, se torna séria.

— O que tinha na carta? — pergunto por fim, curiosa.

— Que eu amava você.

Minhas bochechas esquentam imediatamente e eu desvio o olhar para o mar, porque encarar seus olhos brilhantes e iluminados neste momento é uma péssima ideia. Não respondo nada, por isso ele continua.

— Na carta eu pedia para você me perdoar por ser um covarde e por fugir sem me despedir.

Ah, disso eu entendo. Vermes sorrateiros que fogem são comigo mesmo!

— Por que você não me ligou ou pelo menos mandou um e-mail depois que chegou em Londres? — Por que me arrancou da sua vida se me amava? Essa era a pergunta que eu queria fazer.

— Eu quis ligar... — sussurra, cravando os olhos nos meus para que eu veja a sinceridade dentro deles. — Eu quis de verdade, Eva. — Benjamin desvia o olhar para o mar. Imagino que meus olhos estejam repletos de dor e mágoa e que isso seja pesado demais para suportar em meio a sua confissão. — Mas depois que cheguei a Londres e me adequei à minha nova rotina, eu soube que não iria mais voltar para você. Eu soube que dali em diante aquela seria a minha vida, e que você não poderia fazer parte dela. Eu não podia nem queria voltar, mas sinto muito que a carta nunca tenha parado nas suas mãos. E sinto ainda mais pelo que nós fizemos na noite anterior. Eu quis levar aquilo de você sem me preocupar com o que você ia sentir depois... Mas não foi por maldade. Eu só queria me lembrar... — Benjamin suspira pesadamente, passando as mãos pelo cabelo e me olhando de maneira torturada. — Eu nunca quis te magoar. — Ele para de andar e olha profundamente nos meus olhos.

— Esquece! Já faz muito tempo! — Desvio o olhar para a areia antes que meus olhos marejados fiquem mais evidentes. — Como vai a bruxa? — pergunto depois que me recomponho.

— Voando de vassoura em Londres! — Ele ainda parece preocupado, mas não consegue deixar de rir da minha pergunta absurdamente sincera.

— Maravilha — resmungo, aliviada.

Pouco depois nos cansamos de andar e decidimos dar a noite por terminada.

Benjamin me acompanha fielmente até a esquina da minha rua para então seguir seu caminho, como sempre fizemos. Velhos hábitos nunca morrem.

— Eu adorei ver você, Eva — ele sussurra, emaranhando uma das mãos no meu cabelo e beijando minha bochecha demoradamente.

— Eu também — murmuro em meio a um suspiro. Não demora para eu acordar para nossa realidade e dar um passo decidido para trás, me afastando. — Se cuida — falo antes de lhe dar as costas.

Mesmo que eu não me vire para conferir, sinto seus olhos me acompanharem até eu estar na porta de casa em segurança — ou foi o que pensei antes de descobrir que me trancaram para o lado de fora em plena madrugada.

Merda. Esqueci as malditas chaves!

Para ser sincera, a única coisa que me preocupei em levar comigo foi a garrafa de champanhe, que entornei antes mesmo de chegarmos à praia. Do jeito que as coisas iam, eu ia precisar de no mínimo umas três. Aperto a campainha e espero alguém acordar. Espero e espero e espero, e ninguém aparece. Então aperto a campainha de novo e nada. Aqueles filhos de uma...

Hoje é o primeiro dia do novo ano e eu já tenho os dois pés na jaca e um ex-namorado arrependido. Tinha que ser na minha vida! Suspiro, frustrada, chuto a porta e dou meia-volta, sabendo exatamente para onde ir.

Chego à casa de Gabs minutos depois. Recupero a chave no canteiro de flores e caminho para dentro na pontinha dos pés, para não o acordar. Minha primeira parada é a cozinha. Pego um refrigerante na geladeira, já que minha procura por álcool não dá em nada, depois vou em busca dos cigarros no aparador, acendo um e me jogo no sofá, expulsando uma nuvem de fumaça branca naquele ambiente limpo e perfumado. Gabriel é tão chato com limpeza que dá para comer no chão aqui.

Bato as cinzas por pura maldade em um vaso de plantas que não morava aqui antes de eu viajar. Passei a detestar qualquer coisa nova da vida das minhas pessoas



antigas. Me perco em pensamentos, mas, antes que consiga terminar meu cigarro em paz, a luz se acende.

Gabriel desce a escada, vestindo apenas uma calça de moletom preta, e para no meio do caminho, me encarando com as sobrancelhas erguidas. Por mais que eu queira, não consigo deixar de reparar em seu abdome definido, seus bíceps enormes e... Ele sempre teve esse par delicioso de pernas? Merda, não consigo desgrudar os olhos dele. Qual é a porra do meu problema, afinal?

— Invasão de propriedade é crime, sabia? — ele informa, passando a mão pelo cabelo claro para se livrar do sono e me despertando do transe.

*Tira esses olhinhos maliciosos dele, Eva!*, ordeno. Mas vê-lo se espreguiçar não ajuda muito.

— Tá olhando o quê? — pergunta, em meio a um bocejo.

— Nada não. Acho que você engordou, hein! — *Boa, Eva!*

Ele revira os olhos, impaciente, e termina de descer os degraus.

— Vai me prender? — pergunto quando ele se joga ao meu lado no sofá e ganho um olhar feio.

— Talvez amanhã.

Foi o que imaginei. Gabriel é um ótimo delegado e fica lindo segurando aquelas armas enormes. Mas ama um

dia de folga como qualquer mortal.

— Você não tem casa, não? — ele pergunta, roubando meu refrigerante e jogando as pernas em cima do meu colo, como se eu fosse uma maldita mesinha de centro. Me distraio afagando seu tornozelo. Até o tornozelo do infeliz é bonito, e de repente a fitinha verde sai na minha mão.

— Merda! Eu não fiz nada, juro — me apresso em me defender, mas ele sorri conforme a tira de mim e a enfia no bolso.

— Eu sabia que você iria embora no dia em que a amarrou, então te pedi de volta com antecedência. Estava na hora de quebrar, você chegou — ele diz, e isso faz um friozinho bom passear pelo meu sempre faminto estômago. — Mas me diz o que é que você está fazendo aqui a esta hora.

— Me deixaram trancada para o lado de fora, acredita? — resmungo, pegando meu refrigerante de volta e dando uma golada.

— Eles sabem como te ganhar, temos que admitir. — Sorri enquanto apago meu cigarro na planta sem cerimônia alguma.

— Vai brigar comigo? — pergunto, me referindo ao passeio com meu ex. Eu me recosto sobre uma almofada e viro o rosto parcialmente para olhá-lo nos olhos. Quase

engasgo quando lembro que estou com raiva dele também.

— Claro que vou! — Gabriel nem titubeia. — Mas amanhã, Eva — ele afirma, se colocando de pé. Caminha para a escada, para no terceiro degrau e se volta para me olhar, como se tivesse se esquecido de alguma coisa. — E você? — Ele se refere ao seu relacionamento com Alice.

— Claro que vou. Amanhã parece perfeito para mim! — digo, bocejando e indo atrás dele. Pulo nas suas costas e cravo as pernas ao seu redor, me pendurando em seu pescoço. Sinto suas mãos agarrarem minhas coxas enquanto ele sobe a escada, me carregando e rindo. Dou um beijo em sua nuca.

— Feliz Ano-Novo, Gabs — sussurro em seu ouvido.

— Feliz Ano-Novo, minha linda garota — ele diz, quando me coloca no chão na porta do quarto.

Passo na sua frente, abrindo suas gavetas atrás de uma roupa limpa enquanto ele apaga a luz. Pego uma camiseta larga e uma cueca boxer. Pois é. A intimidade é uma merda!

Entro no banheiro sem me preocupar em fechar a porta. Só encosto e ligo o chuveiro; assim, se Gabs precisar pegar alguma coisa, eu não atrapalho. Ele nunca espia se precisa entrar. Jogo meu vestido de qualquer

jeito em cima da pia e entro debaixo da água, me preparando para um bom banho demorado enquanto analiso meu dia. Sempre penso melhor no chuveiro; é onde tenho minhas mais brilhantes ideias. Além disso, não sou eu quem está pagando a conta. Será que Benjamin me deixou mesmo uma carta antes de ir embora, ou deu uma desculpa para tentar transar comigo com facilidade? É sobre isso que penso por meia hora.

Saio do banheiro e contorno a cama no escuro.

— Está acordado? — pergunto, tocando o ombro de Gabriel depois de me enfiar embaixo das cobertas ao seu lado.

— Estou — ele sussurra, sonolento.

— Acho que eu perdi o sono. Você pode...?

É um pedido que Gabriel não hesita em atender. Durmo mais rápido se ele me abraça.

Sinto a mão dele percorrer minha cintura antes de chegar ao meu umbigo e me puxar contra seu corpo. Meus olhos se fecham enquanto aperto com força o braço ao meu redor. De repente meu corpo inteiro ficou quente.

Não durmo mais rápido, como antes. Em vez disso, saio de debaixo das cobertas e me sento de frente para seu corpo adormecido para vê-lo rressonar. Mais uma vez,

a pergunta que não quer calar insiste em permear minha mente: Por que raio eu nunca reparei nele antes?

Será que Gabriel sempre foi tão atraente assim e eu não me dava conta? Espera. Tenho uma pergunta mais interessante: Por que eu percebi isso justo agora? Seu cabelo cor de areia brilha sob a luz da lua, deixando sua face mais serena. Todos os seus detalhes são milimetricamente perfeitos, dos lábios finos e delicados às sobrancelhas bem desenhadas. Quando, por Deus, passei a vê-lo com outros olhos? Isso não pode acontecer.

— Por que você está sentada na cama me olhando dormir, Eva? — ele diz, cheio de suspeita, ainda de olhos fechados e me dando o maior susto. — Está com uma faca atrás das costas, por acaso? — brinca, mas não acho graça.

Quando nota meu silêncio, ele me pede com um gesto para voltar para debaixo das cobertas e nós deitamos de lado, um de frente para o outro. Quase o enxergo com perfeição, com a luz da lua e do poste da rua.

— O que foi? — pergunta, afagando meu cabelo.

— Nada — minto.

— Eu sei quando o seu nada é alguma coisa — retruca, pragmático. — Aconteceu alguma coisa no passeio que

você quer me contar? Ele falou ou, pior, fez alguma coisa...

— Não. — Foi você.

— Então tenta dormir e não fazer nenhuma besteira. Acho que você já se vingou o suficiente pelo gelo que te demos. Por falar nisso, sinto muito — Gabriel pede, tornando a passar a mão ao meu redor, antes de fechar os olhos. Eu entendo o recado. É um “Fique longe do Benjamin”.

Dormir na mesma cama que Gabriel sempre foi simples, normal e rotineiro, mas desta vez sinto toda as partes do meu corpo responderem com alertas de perigo.

O que está acontecendo comigo, porra?

## Eva

Acordo mais cansada do que fui dormir e bem mais irritada, ouvindo gritos de mulher. Jogo o edredom para o lado depois de dar um suspiro frustrado e me levanto, pronta para a briga. Cerro os punhos, decidida a dar umas bofetadas na cara dela por interromper um sonho superestranho em que eu... bom, eu estava beijando o namorado dela.

Uma coisa que provavelmente nunca mais vai sair da minha cabeça.

— O que ela está fazendo na sua cama, Gabriel? — Alice grita de algum lugar no andar de baixo. Roubar meu melhor amigo já era motivo para assassiná-la. Ela não precisava me dar mais motivos, tipo cometer a atrocidade de me acordar.

— Fica quieta, Alice. Por favor, você vai acordá-la! — Gabriel pede, sussurrando.

— Você está preocupado que eu a acorde? — ela pergunta, de forma intimidadora.

— Você não faz ideia do tamanho do mau humor que ela tem de manhã. Se soubesse, falaria mais baixo.

Ele é idiota? Se eu fosse a Alice, já teria arrancado os olhos dele!

— *O que ela está fazendo na sua cama?!* — ela berra mais alto.

— Ela é minha melhor amiga, Alice. A gente dorme na mesma cama desde a época em que ainda era berço — ele explica, como se não fosse nada de mais, e não é. Então por que eu sinto como se tivesse tomado um soco nos peitos? — Não aconteceu nada.

— Você quer que eu acredite que ela dormiu na sua cama, com a sua cueca... — pausa para gritar “cueca”, para todos os vizinhos ouvirem e me julgarem como a maior vadia da cidade — ... e que você não encostou um dedo nela?

— Sim, porque é a verdade. Não precisa se esgoelar desse jeito por causa disso. Quanto à cueca, não seria bem pior se eu dormisse sem roupa? — me intrometo, sem um pingão de humor, em meio a um bocejo, parando na metade da escada. Gabriel arregala seus lindos olhinhos verdes e sutilmente se coloca à frente de Alice,



para o caso de eu decidir dar mesmo umas bolachas na cara dela, o que ele sabe que não é impossível.

Sei que estou sendo uma vaca e não me importo. Até alguma veia do pescoço dele saltar para me dizer que estou com problemas, eu não pretendo parar. *Se ela der, ela toma.*

— Você poderia ter dormido no sofá, não acha? — ela alfineta, visivelmente mais calma e aprumada, acreditando em mim rapidamente.

Sou o tipo de mulher que estampa uma coisa dessas em um outdoor, e não o tipo que mente, e parece que a fofíssima cria do demônio diante de mim já sacou isso.

— Na verdade eu poderia ter dormido na minha cama, se vocês não tivessem me deixado trancada para o lado de fora da minha casa — cuspo, sarcástica, descendo o que falta da escada e indo atrás do meu refrigerante matinal na geladeira. Faço questão de rebolar minha bundinha magrela dentro da cueca do namoradinho dela para provocá-la.

— Mas o Gabriel agora tem namorada, Eva — ela diz, como se eu não soubesse que tê-la em nossa vida muda tudo.

Eu sei, e odeio isso.

Paro de andar e a encaro.

— É, já percebi. Eu acordei com ela gritando — resmungo, enfim, pegando o refrigerante da geladeira e subindo para dormir mais um pouquinho.

— Sua... sua... — Simpática, meiga e bonitinha?! Paro nos degraus para esperar a frase terminar, mas infelizmente Gabs intervém antes que eu descubra.

— O que você acha de tomarmos café da manhã fora, Alice? — Essa é sua maneira de apagar o fogo? Merda, quero café da manhã também! Ignoro meu ciúme e as mãos dele percorrendo as laterais do corpo dela e dou um gole no meu refrigerante. Quase engasgo quando a filha de uma égua se vira e o beija demoradamente nos lábios.

— Eu acho uma ótima ideia, amor — ela responde, abrindo um sorriso de comercial de pasta de dente.

O que eu acho disso? Eu acho que vou vomitar.

Rolo na cama de Gabriel de um lado para o outro, me sentindo incomodada com a demonstração de afeto que presenciei. Descubro que o sono me abandonou e foi substituído por um sentimento indistinto e ainda não identificado que se parece muito com uma mistura de ciúme, inveja e um “Devolve o meu melhor amigo, vadia!”. Dividir Gabriel vai acabar com o que resta dos meus nervos.

Decido ir para casa ruminando que se fosse antes seria eu a ser levada para comer fora e de quebra ainda ganharia uma carona para casa, e que Alice está estragando minha vida. Assim que entro na cozinha, dou de cara com meu pai, Clara e Juliete tomando o café da manhã em família. Essa porra de vida só piora.

— Não acredito que você não dormiu em casa, mocinha! — meu pai me recrimina, olhando para minhas roupas de ontem com cara de bravo. — Onde você estava? — Ele me fulmina com os olhos. Se eu responder “Benjamin” o tempo vai virar, mas se fosse eu diria; não escondo esse tipo de coisa do meu pai. Ele sabe em detalhes o que aconteceu entre Ben e eu. Gabs segurou na minha mão para eu contar.

— Eu ainda não acredito que você se casou. Estamos quites!

Ele bufa, frustrado, e Clara finge se distrair com um pãozinho.

— Eu teria dormido em casa se vocês não tivessem esquecido de mim e trancado a maldita porta — digo, dando um beijo em sua bochecha e me sentando à mesa com eles. Viu? Eu consigo ser civilizada! — E pode ficar tranquilo que eu dormi no Gabs. — Pronto, ele relaxa na hora. Durmo na casa dele desde sempre, na mesma cama, e ninguém nunca ligou, nem depois que ele

começou a morar sozinho. Tínhamos só dezesseis, mas meu pai nunca se importou. Ele sabe que sempre fomos só amigos e confia mais no Gabriel que em mim ou até no meu irmão. Gabriel é o filho perfeito dele; nós somos o resto que ele tem que aturar.

— Como assim? Eu pedi para a Alice ir destrancar o portão quando nós chegamos. Eu tinha percebido que a sua chave ficou aqui.

— Ela deve ter esquecido. — Assim que as palavras mentirosas saem da minha boca, Juliete bufa, como se não acreditasse em nenhuma delas. Olho bem para a criaturinha, que tenta esconder sua reação enfiando um pedaço de queijo na boca. Talvez essa garota não seja tão ruim quanto pensei, afinal.

— Claro que sim — conclui meu pai, como se Alice fosse uma santa.

Desta vez, eu e Juliete bufamos.

— Eva, querida — Clara chama, pegando na minha mão por cima da mesa. Minha reação automática é mirar seus dedos com a faca de cortar pão, mas me controlo a tempo —, o seu pai disse que você está procurando emprego...

— Procurando não é bem a palavra. Eu preciso de um, mas ainda não tive tempo de procurar. Por quê? Quer me dar mesada?

Meu pai me lasca um chute por baixo da mesa e eu reprimo um grito e um palavrão para me concentrar em sua mulherzinha.

— Porque eu tenho uma vaga para você na minha escola — ela responde, com um sorrisinho de quem quer me comprar. Devolvo com um dos meus sorrisinhos de “Sim, sou uma pessoa que se vende, sou mesmo”. Ela tem uma escola, é? Delícia.

— Você sabe que eu sou formada em psicologia e antes trabalhava em um banco, né? — Só estou tirando a dúvida.

— O seu pai me contou. — O sorriso dessa mulher nunca se desfaz, não? Ela deve ser adepta do botox, porque é impossível alguém sorrir tanto e por tanto tempo sem a boca ficar dormente.

— Então, o que teria em uma escola para alguém como eu? — Seguro com firmeza a faca de pão, porque se ela falar “lavar os banheiros” vamos ter um problema.

— Acho que seria bom ter mais uma psicóloga com quem os adolescentes pudessem falar. Uma pessoa como você com certeza os entenderia.

Meus olhos se arregalam, e parece que meu pai está vendo uma maleta de dinheiro, de tanto que os dele brilham quando olha para sua mulher.

— Que fantástico, querida! — E tenho que concordar.

— Eu não tenho muita experiência além dos estágios.

— Acho que isso não vai ser um problema, meus alunos são tranquilos, e, sempre que precisar, você pode contar com a ajuda da psicóloga que já trabalha conosco

— Clara responde, se levantando e começando a tirar a mesa. — A menos que você não queira trabalhar duas vezes por semana, por uma hora, e receber trezentos reais por cada uma delas — ela diz, sorrindo.

Ela sabe que me pegou. Faço as contas mentalmente: seiscentos por semana. Dois mil e quatrocentos reais por mês para ficar algumas horas batendo papo com uns pirralhos? Rio mentalmente. A vida é bela e essa mulher é uma trouxa!

— Eu adoraria! — digo, sendo sincera, e ajudando-a a recolher os pratos. Ela é boa nesse jogo de conquistar a enteada, tenho que admitir.

— Você começa amanhã. Já pode ajudar em algumas coisas do curso de férias.

Assinto mesmo que quisesse aproveitar mais alguns dias de folga, e parece que meu pai lê meus pensamentos.

— Como você vai aproveitar o dia, princesa? Vai ser o último de vida boa — ele quer saber, depois agarra a cintura de Clara e a faz se sentar em seu colo. *Não faço*

*ideia, mas não vai ser nesta casa, com estes dois,*  
resmungo em pensamento.

— Quer ir à praia? — Juliete pergunta, olhando para a mesma cena com repulsa.

— Claro, por que não? — Ficar com ela vai ser melhor que ver esses dois se acasalando.

Nós subimos e nos trocamos. Quando estamos descendo a escada, a campainha toca.

— Eva, é para você! — Clara avisa, com um sorriso de deleite nos lábios, vindo ao meu encontro com um lindo buquê de sei-lá-o-quê amarelo.

Tiro as flores de suas mãos, maravilhada. Encosto o rosto nelas e o perfume é incrível para me fazer espirrar. Eu odeio flores, mas o gesto de alguém me mandá-las é mais do que eu poderia querer neste momento.

— Tem um cartão — Juliete diz, arrancando um pedaço de papel grudado ao buquê e me entregando para depois tomar as flores das minhas mãos, porque não paro de espirrar. — Deixa que eu coloco em um vaso para você.

— Obrigada, coisinha — respondo, abrindo o pequeno envelope.

Você me daria o prazer de mais uma noite incrível na sua companhia jantando comigo hoje? Se sim,

mande uma mensagem dizendo a que horas devo te buscar.

Com amor, Ben

Nem penso sobre a pergunta. Por que não? Depois de uma cagada mais aterradora que a anterior, o que mais posso temer? Tiro o celular da bolsa de praia, pesco o cartão de visita grudado no bilhete, digito o número dele e respondo.

**Eva**

Me pegue às oito, mas só se for me alimentar bem. Qualquer coisa vegetariana vai fazer você parar no fundo do mar antes que o jantar termine!

Com uma fome dos diabos, Eva

— Quem mandou, Eva? — pergunta meu pai, cheio de curiosidade, me olhando por cima da bancada da cozinha americana enquanto lava os pratos do café para sua mulherzinha, que os seca e guarda. Preciso sair desta casa e rápido, penso, vendo-os trabalhar em um



sincronismo perfeito. Talvez eu me afogue no mar. Quem sabe?

— Benjamin — respondo, dando de ombros, com um sorrisinho safado na cara.

— A última vez que sorriu desse jeito para aquele garoto, você se fodeu. Está lembrada disso, né? — ele alfineta, erguendo uma sobrancelha e quase derrubando uma xícara.

— Cada detalhezinho sórdido — respondo, animada.

— Ótimo! — Juro que o ouço sussurrar: “Posso ter uma filha burra, mas pelo menos ela tem boa memória”. Talvez eu esteja apenas ouvindo coisas.

— Vamos? — Dou um cutucão nas costelinhas de Juliete, indo para a porta. Burra ou não, eu vou comer bem hoje, e de graça. Isso é tudo que eu espero desta vida.

Em vez de ficarmos em uma das várias barracas espalhadas pela areia, decidimos colocar nossas cadeiras mais perto do mar. Depois de me sentar e besuntar meu corpinho delícia com um litro de bronzeador — porque hoje eu só saio desta cadeira quando estiver parecendo um camarão —, fecho os olhos e relaxo. Ou pelo menos tento.

— Você odiou mesmo o fato de os nossos pais terem se casado? — Juliete pergunta, me fazendo suspirar de

irritação. De bico fechado eu quase tinha me esquecido dela ao meu lado. Quase. É meio impossível não perceber dois olhinhos grudados em mim, ávidos por fazer amizade. *Cai fora, criança. Não vê que estou fritando aqui?*, resmungo em pensamento, decidida a ignorá-la. — Ou odiou nós e a mamãe?

Neste momento da minha vida, eu odeio qualquer coisa: pessoas apaixonadas, o céu azul, os passarinhos que cantam, e, sim, você, sua irmã e sua querida mãe também estão na lista.

— Odiei mais o fato de eles terem se casado pelas minhas costas — respondo, por fim. Eu quero que o meu pai seja feliz, quero mesmo, e seria melhor ainda se o velho encontrasse a felicidade plena em um monastério. Mas, já que a felicidade dele foi achada na querida mãe dessa intrometida em miniatura, eu queria pelo menos ter podido participar da porra do casamento. Eu *amo* comida de casamento!

— Não deve ser fácil chegar de viagem e ver que a sua casa foi invadida, né?! — Ela tenta ser solícita. — Bom, eu sinto muito por isso.

— Pelo menos ninguém se apoderou do meu quarto. — Dou de ombros.

— A Alice bem que queria!

— A Alice anda querendo muitas coisas minhas ultimamente: minha casa, meu quarto, meu melhor amigo. Será que ela não quer as minhas calcinhas também? — solto, irritada, esquecendo por um instante que estou falando com a irmã dela. Para minha surpresa, Juliete gargalha bem alto.

— Não duvide disso nem por um segundo.

— Ela parece uma pessoa meiga e simpática... — Minha língua queima pela mentira, e Juliete revira os olhos. Ok, ninguém acreditou nessa. Pelo menos eu tentei.

— O rosto de anjo engana, Eva — ela diz, rindo. — Mas no fundo a minha irmã é uma boa pessoa.

Quão fundo, será? Talvez eu precise de uma retroescavadeira...

— E você? — pergunto, querendo saber mais sobre ela.

Juliete dá de ombros, sem saber o que dizer, e eu decido ajudá-la com uma pergunta mais simples.

— Quantos anos você tem?

— Dezesseis. A Alice é dez anos mais velha.

Está explicado o problema da falta de proximidade entre as duas. Provavelmente Alice nunca teve muita paciência com a pirralha carente.

— Você ainda é um bebê. Que inveja!

Bem que eu queria voltar no tempo — não para os dezesseis, porque nessa época ainda não vendiam bebidas para menores, mas eu adoraria voltar para os meus dezoito anos. Ah, não. Peraí. Esse foi o ano em que namorei o palhacinho que fugiu com o circo. Sem gozação. O cretino fugiu mesmo com o circo.

— A Alice viu você na casa do Gabriel quando chegou?

Assinto, admirando, distraída, alguns rapazes que passam correndo de sunga à nossa frente.

— E a minha irmã fez uma cena? — pergunta minha nova irmã curiosa.

— Eu acordei com os berros dela. “O que essa vaca está fazendo na sua cama?” foi a pergunta do dia.

— Você estava na cama com ele? — Ela está chocada. Seu queixo cai de incredulidade, e, por mais estranho que seja, não há julgamento em suas palavras. — Tipo, *com ele?* — frisa.

— Não, claro que não. Nós somos só amigos. Se fosse para acontecer alguma coisa, já teria acontecido, não acha? A Alice não precisa se preocupar comigo... — Será que não? Pensando bem, por que raio nunca aconteceu nada? Uma boca gostosa daquelas tão perto e eu nunca cogitei provar. Isso me parece idiotice agora.

— Até que enfim! — Olívia reclama, cobrindo meus raios solares ao se inclinar sobre meu corpinho ainda

branquelo. — Liguei para sua casa e a Clara me disse para procurar aqui. Estou andando nesta areia escaldante há quase meia hora atrás de vocês.

— Amiga, você escolhe: vai me comprar uma caipirinha em memória do meu carro que o seu marido assassinou, porque eu estou dura, ou senta o rabo em algum lugar, mas faz o favor de sair da frente do sol.

Ela resmungando e mesmo assim volta alguns minutos depois com a bebida que pedi, apenas para parar em cima de mim novamente, parecendo mal-humorada e ansiosa.

— O sol, Liv. Você está tapando o meu sol — me queixo, até que ela finalmente se acomoda em uma canga estendida à nossa frente.

— Por que você não me chamou para vir à praia?

Bebo minha caipirinha tranquilamente, saboreando seu ciúme, e decido fazer minha amiga sofrer um pouquinho.

— Merda! — ela exclama, olhando para o celular. — Ela entrou em trabalho de parto justo hoje! Bom, que o plantonista se vire. Da última vez que fiz um parto dessa mulher, a maluca me mordeu.

— Tá de folga do hospital hoje?

Isso é uma raridade, porque o que não falta nesta cidade são mulheres parindo. Eu disse que nada de bom

ia sair de uma profissão que envolvesse mulheres cheias de dor, quando Liv escolheu obstetrícia como especialidade na faculdade de medicina. Já somos criaturinhas instáveis normalmente.

— Em teoria, sim. — Ela olha mais uma vez para o celular e suspira. — Não aguento mais ver bebês nascerem — diz, amargurada.

— Nossa, Liv, que coisa horrível de se falar! — Dou risada, saindo da cadeira e me jogando ao seu lado na canga.

— Não quando você não consegue ter o seu próprio bebê! — ela solta como quem não quer nada, sabendo muito bem que depois dessa informação eu vou surtar.

— Desde quando nós queremos um bebê? — pergunto, me erguendo ao apoiar os cotovelos no chão para olhá-la por cima dos óculos de sol.

— Nós queremos um bebê faz alguns meses... — Ela sorri e se deita em seguida.

— E não conseguimos? — Desta vez sou eu que me sento.

— Não — diz, entristecida.

— Mas ainda estamos tentando, não é?! — Puta merda, isso é mesmo sério.

— Estamos — afirma.

— E por que eu não fui informada de que queria um bebê? — Mais uma vez me sinto excluída das novidades. — É difícil me ligar e dizer: “Olha, Evinha, nós queremos um bebê, viu?!”

— Porque você sumiu do país um pouco antes de decidirmos... — Ela desvia o olhar para meu copo vazio, tentando fugir dos meus olhos acusadores. — Eu fiquei com medo de você me julgar, afinal o seu irmão e eu acabamos de nos casar...

— Cale a boca! — resmungo. — Eu tinha o direito de saber que queria um bebê!

— Você quer um bebê, Eva?

Eu quero um bebê? Provavelmente não, mas quero vê-la feliz.

— Se você quer um bebê, eu quero um bebê. — Simples assim.

Liv abre um enorme sorriso de alívio, como se sentisse mais leve por me contar seu segredo.

— É por isso que eu te amo! Estava doida para te contar — ela dispara, em um gritinho, pulando em cima de mim. Nós duas ficamos que nem bestas dando pulinhos sentadas.

Depois do que minha família vem aprontando, esse é meu novo padrão de felicidade: alguém se dignar a me contar alguma coisa. Olha aonde eu cheguei...

— Espera... Só você e o Gabs sabem que nós queremos um bebê!

Uau, uma novidade só minha! Bom, quase...

— Bom, agora a Juliete também sabe — informo, apontando para a menina curiosa sentada na cadeira de praia diante de nós.

— Eu não vou contar para ninguém que vocês querem um bebê — ela afirma, achando hilário o nosso diálogo de gente doida.

— Ótimo! — nós duas respondemos em coro.



## Eva

Passo o restante do dia jogada no sofá, olhando fixamente para uma parede branca e me perguntando se eu quero mesmo um bebê. Não consigo decidir. Seria bem mais fácil se a coisinha fosse de plástico, igual a uma boneca. É inevitável não pensar se Olívia e meu irmão estão realmente prontos para um passo tão imenso assim, que chora e suja as fraldas de verdade. Bom, quanto a Adam, tenho certeza de que não está. Se Olívia for depender dele está lascada, porque duvido que um cara que nunca aprendeu a trocar uma lâmpada vai conseguir se virar com uma fralda. Ele não conseguiria nem se a bodega viesse com manual de instrução. Mas a ideia até que me anima, ou parte dela.

Minha melhor amiga teria menos tempo para mim, e isso seria péssimo, porque o pouco que consigo já sou obrigada a dividir com o assassino de carros inocentes. Mas não tem como não imaginar a cria deles sendo uma

coisinha fofa, indefesa e bonitinha. Eu só teria que ensiná-la a não destruir a propriedade alheia.

Caramba, eu seria uma tia fantástica! Decido no fim das contas que a ideia não é de todo ruim. Desde que ninguém me peça para ficar de babá só porque eu sou a tia solteirona, vai ficar tudo bem.

— Eva — Juliete chama no alto da escada do sobrado.  
— Você não ia sair com aquele cara?

Droga, fiquei devaneando com a procriação dos outros e esqueci completamente do rango grátis.

— Não é por nada, mas acho que você está atrasada!

Bato o olho no relógio de parede, onde mora um cuco que se demitiu do emprego há décadas, e solto um palavrão. Estou muito, muito atrasada.

— E você só me avisa agora? — berro, jogando as almofadas longe, me colocando de pé em um pulo e subindo correndo a escada. — Mas que tipo de irmã imprestável é você? Está de castigo! — Aponto um dedo acusador para Juliete quando passo por ela na porta de seu quarto. — Se o Benjamin chegar antes de eu acabar de me arrumar, a responsabilidade de fazer sala é sua.

— Vai ser um prazer. Ele é o maior gato — ela responde com risinhos, me fazendo revirar os olhos.

Entro voando debaixo do chuveiro e tomo o banho mais rápido da história, esperando que Benjamin não

decida, assim como quem não quer nada, me cheirar, porque não deu tempo nem de usar sabonete em todos os lugares. Saio correndo pelada pela casa e abro meu guarda-roupa à procura de algo decente para vestir que não esteja amassado dentro da mala, que eu ainda não desfiz. Encontro um short jeans velho e cheio de buracos e uma blusa de alcinhas branca e limpa. Vão ter que servir. Passo uma maquiagem básica, calço uma sapatilha também branca e *voilà*. Prontíssima.

Olho para minha imagem no espelho: cabelo loiro platinadíssimo, brilhante (de suor, porque não lavei) e ondulado, ok. Sardinhas à mostra, ok. Cadê meus peitos e minha bunda?! Ah, eu não tenho, então ok. Quase a irmã gêmea da nossa tábua de passar roupa, mas ok. Estou linda, como sempre.

Quando a campainha toca, já estou voando pela escada. Assim que Juliete abre a porta para Benjamin, passo rapidamente por ela, agarro a mão dele e o arrasto para a rua, ignorando o olhar de decepção da minha irmãzinha, só para que meu pai não veja com quem estou saindo. Mesmo em meio à pressa, não deixo de reparar em como o meu acompanhante está bonito, com uma bermuda no estilo da minha e uma camisa rosa-chá com as mangas dobradas até os antebraços. Só o mocassim azul-marinho deve ter custado mais do que eu

provavelmente valho no mercado negro. Ben está de parar o trânsito, com certeza. Já eu só pararia o trânsito se desse o azar de ser atropelada.

— Você está linda, Eva — ele elogia, sorrindo e abrindo a porta do carro para mim.

Não respondo, apenas sorrio, aceitando de bom grado sua gentileza em não reparar que dá para fritar batatinha congelada no meu cabelo.

— Você gostaria de ir em algum lugar específico? — Ele se vira para olhar para mim, com um sorriso contido, depois de tomar seu lugar no banco do motorista e dar a partida.

— Você escolhe, desde que tenha comida. — Dou de ombros, sorrindo nas mesmas proporções, sonhando internamente com um hambúrguer com cheddar e muito bacon. Hum... bacon... Tô com fome!

— Eu esperava que você dissesse isso, porque planejei uma coisa especial para nós — ele gargalha.

Enquanto percorremos as ruas de Santos, permanecemos imersos em um silêncio reconfortante, o que é útil, porque me dá tempo de pensar em quanto Ben imagina que esta noite vai ser especial. Posso garantir apenas que não vou tirar a calcinha. Estou distraída tentando lembrar que raio de calcinha eu coloquei e se vou passar vergonha se por acaso ela

acabar saindo do meu corpo sem a minha permissão, e demoro a perceber onde estamos. Tenho um sobressalto quando paramos na fila da balsa para o Guarujá. Detesto a ideia de flutuar em cima da água em uma porcaria enferrujada que pode afundar e me matar.

— Você está bem? — ele pergunta docemente quando a fila anda e nós estacionamos na balsa, presos entre diversos carros.

*Lascou. Não tem mais para onde fugir, choramingo.*

— Ótima. — Sorrio entredentes, me controlando para não lhe proporcionar um olho da cor de seus sapatos com um belo gancho de direita.

— Então vamos sair. A noite está linda.

— Sair? — Olho pela janela e vejo algumas pessoas apoiadas na grade da balsa olhando para o mar. Dou um suspiro. — Por que não?

Caminho a passos lentos e cuidadosos para a beirada da balsa e fico na pontinha dos pés, sem realmente me escorar na grade. Morro de medo do mar. Eu realmente admiro a beleza noturna das águas, mas um dia já presenciei sua fúria e jamais consegui me recuperar por completo. Tão belo. Tão feroz. Ben fica atrás de mim e coloca um casaco seu nos meus ombros, me surpreendendo, depois se posiciona ao meu lado e passa uma das mãos pela minha cintura. Antes que eu possa

reclamar que ele está indo longe demais, ouço em um sussurro:

— Não precisa ter medo. Eu não vou te soltar.

E aí eu me desarmo.

— Você esqueceu de me contar no avião que, além da morte, você também tem medo de baratas e do mar. Eu lembro, Eva. Eu lembro de tudo a seu respeito. Aliás, a nosso respeito.

Encosto a testa em seu ombro e respiro fundo o perfume amadeirado do casaco. Meu coração bate mais forte e eu suspiro. Sim, estou mesmo cometendo um erro.

Chegamos ao nosso destino e voltamos para o carro a fim de sair da balsa. Benjamin dirige novamente em silêncio, parecendo inclinado a fazer suspense com o passeio. Por mais que minha língua solta queira perguntar, me calo, porque desejo ser surpreendida, e é justamente isso o que acontece. Ele estaciona na primeira praia do Guarujá e desce do carro, abrindo a porta para que eu faça o mesmo.

Antes que eu possa perguntar o que ele pensa que nós vamos fazer em uma praia deserta, ele abre a porta de trás do carro e tira de lá uma cesta de piquenique que eu não havia notado. Olho embasbacada para o homem que se tornou aquele garoto que eu amei um dia. Meu

coração se enche de carinho até eu me lembrar de que o mesmo garoto me abandonou em uma noite de tempestade.

Era só um pedido de desculpa, que virou um jantar, que virou um piquenique, que vai acabar na próxima cagada que eu vou fazer na minha vida! Posso pressentir o desastre. Gabriel me diria que as pessoas não mudam. Gabriel... O que será que ele está fazendo neste momento enquanto eu decido se pulo de cabeça em um penhasco ou se volto a pé para casa? Provavelmente está com Alice, e pensar nessa possibilidade me incomoda e machuca mais do que imaginei ser possível. E não apenas por ela ser filha de quem é ou por... Na verdade não sei bem qual o motivo, mas dói. Dói a ponto de me roubar o ar e me fazer ser invadida por uma sensação inquietante e perturbadora que não vai embora...

— Vamos? — Benjamin me tira dos meus pensamentos na hora certa, me pegando pela mão e me conduzindo para a beira do mar, onde estende uma toalha, abre um vinho, enche duas taças e me entrega uma. Gostei de ter um mordomo!

— O que significa isso tudo? — pergunto, abrangendo com um gesto cada detalhe à nossa volta, incluindo nós dois juntos.

Ele pisca algumas vezes e olha para o mar por um longo momento.

— Eu não sei, Eva — responde, pensativo. — Sinceramente não sei. Mas, se você deixar, eu quero descobrir.

Enquanto as desculpas significavam apenas que Benjamin não precisaria conviver com o peso de ter me abandonado, por mim estava tudo bem. Eu poderia ajudá-lo com isso, poderia tirar o peso de suas costas, poderia perdoar. Mas isso... isso talvez seja mais do que eu devo fazer.

Passamos o restante da noite conversando sobre a vida, nunca sobre o passado. Falamos do emprego dele, da mudança dos seus pais para Londres alguns anos depois que ele partiu e dos últimos acontecimentos na vida de cada um. Sobre o namorado “artista” que sua irmã arrumou para deixar a mãe deles maluca de vez e sobre outras coisas sem importância. Conversamos sobre tudo e sobre nada, e quando nos damos conta já está tarde e o vinho já acabou há horas. Inclusive bebi a maior parte dele.

— Está com frio? — Eu assinto. Ele se levanta e me estende a mão. — Vamos?

— Para onde?



— Embora. — A resposta é enigmática e meu estômago aperta.

Passo a ficar receosa com o rumo que a noite está tomando.

Não sei se sou forte o bastante para resistir se Ben tentar alguma coisa, e também não sei se não quero que tente. Tudo nele é conhecido e diferente ao mesmo tempo, com gosto de lar e de mistério na mesma medida. Não é como se eu estivesse lendo o mesmo livro pela segunda vez, e sim uma cópia muito bem feita e elaborada da mesma história. Isso me amedronta, mas também me empolga.

Assim que Ben recolhe tudo e coloca de volta na cesta, pega na minha mão e não a solta até chegarmos ao carro. Fico aliviada e decepcionada ao mesmo tempo pela noite ter chegado ao fim tão rápido e sem nenhuma investida, até que ele me faz uma pergunta. E nem é a que eu esperava.

— Você quer sair comigo no sábado novamente?

Sair? Pensei que ele ia me chamar para ir até o seu hotel. A investida sutil e respeitosa me pega de surpresa.

Ele estaciona em frente à minha casa e eu me viro para encará-lo.

— Eu adoraria — respondo, abrindo a porta para sair, mas Benjamin segura meu braço e me puxa, colando sua

boca à minha de maneira afoita. Eu me assusto e vou para trás, me afastando abruptamente. Não estava esperando um beijo, não assim. Coloco os dedos sobre os lábios ainda quentes, ainda com seu gosto, e saio do carro sem me despedir. Entro apressada em casa, fecho a porta e me escoro nela. — Que merda eu fiz? Cacete! — falo alto, dando voz aos meus pensamentos. — Você cometeu um erro. Desejar que acontecesse foi um erro. Está tudo errado, inclusive você!

Preciso de Gabriel. Agora!

Espero alguns segundos, para dar tempo de Benjamin ir embora, e saio novamente de casa, fazendo o meu caminho da roça apressadamente.

Entro na casa de Gabs e subo as escadas de dois em dois degraus, viro à esquerda e fico de frente para a porta entreaberta do seu quarto. É bem pertinho do patamar, mas alguma coisa me detém antes que eu possa empurrá-la com a minha sutileza habitual.

Eu sei que deveria me afastar e sair da casa, mas não contendo a curiosidade de inclinar a cabeça para a frente e observá-los. Eles estão contra a parede, ambos sem roupa. As pernas dela estão presas ao redor da cintura dele e as mãos em torno do seu pescoço, enquanto as dele se apoiam na bunda dela, agarrando-a com firmeza enquanto a penetra com força, muita força. A garota não

para de gritar o nome dele, adorando, e ele não para de beijar seus lábios, abafando os gritos. Eu também adoraria se fosse ela. Com essa minha mania de viver aparecendo, já peguei coisas parecidas antes, mas ele sempre me escutou chegar. Nunca vi tanto... Nunca... Ele sempre as mandou embora... Dou alguns passos para trás, sentindo meu estômago embrulhar.

Tapo os ouvidos para não escutar os gemidos dela e desço a escada o mais rápida e silenciosamente possível. Saio da casa aos tropeços, e na metade do caminho até a saída não aguento mais e vomito no canteiro de flores. Ainda posso ouvi-la dentro da minha cabeça.

Acho que vou escutá-la para sempre.

Uma dor aguda e profunda penetra minha carne, atingindo meu coração em cheio e o rasgando em pedaços minúsculos. Quero furar meus olhos com um espeto de churrasco. E que tenha churrasco nele para eu comer antes.

Lágrimas grossas, salgadas e indesejadas escapam dos meus olhos e escorrem pelas minhas bochechas ininterruptamente. Nem sei de onde vieram e por que não param, então fico assustada. Não compreendo o porquê da minha dor nem o que a causou, e simplesmente não sei como fazê-la ir embora.

Eu queria apenas que a sensação de vazio desaparecesse e os gemidos também.

Eu queria apenas... Gabriel.

Mas ele está ocupado.

Era você, o tempo todo era você...

Como eu não percebi antes?

E até quem me vê lendo jornal na fila do pão sabe que eu  
te encontrei.

— LOS HERMANOS, “Último romance”

## Eva

Saio para o meu primeiro dia de trabalho na manhã seguinte sem cruzar com ninguém, e acho ótimo, porque, convenhamos, não preciso de mais nenhuma chateação. Já me basta o namoro de Gabriel, o casamento do meu pai, minha condição financeira que deixou de estar no vermelho para entrar no preto fundo de poço, meu ex arrependido, o fato de eu não ter grana nem para o ônibus... *Esqueci alguma coisa?* Ah, o gato, que desapareceu depois que eu o trouxe para casa.

Caminho por três quilômetros, do canal 5 ao 2, sob um sol escaldante e ardido, praguejando em pensamento. Ontem passei horas antes de pegar no sono me punindo por ter espiado Gabriel e Alice. Eu o amaldiçoei por tê-la encontrado, se apaixonado por ela, tocado nela. E cada um desses pensamentos me assusta, a dor sem fim que ainda posso sentir me consumindo aos poucos me assusta, não entender de onde tudo isso saiu me

assusta. Além do medo, há um misto de culpa e fúria, como se Gabriel tivesse me traído, sido desleal comigo e com nossa amizade ao escolher Alice.

Eu sei que nada disso faz o menor sentido, e é justamente por isso que paro de pensar desenfreadamente e me concentro em tentar esquecer para não fazer nenhuma merda hoje. Posso não ter mais dignidade, um gato que me ama, um pai só para mim, um carro e um melhor amigo solteiro, mas vou ter dinheiro e vou comprar muitos, muitos hambúrgueres para suprir a falta que o resto deixou.

Para que ter um homem se a gente pode matar um boi, colocar no meio do pão, adicionar mostarda e morder um pedacinho do paraíso? Homem nenhum nunca vai ser melhor que um boi! Alguns podem até ter chifres, mas garanto que não têm o mesmo gostinho de felicidade imediata.

E eu? Eu sou bem feliz comendo hambúrguer. Hambúrgueres curam tudo.

Olho por um breve instante para o prédio simples de quatro andares pintado de cinza-chumbo, no número indicado por Clara. Ofegante, respiro fundo e caminho para dentro a passos largos, fazendo pose de mulher bem-sucedida. Não dura muito: levo um tombo assim que passo pelos portões, na frente de um punhado de

adolescentes que obviamente nem pensam em me ajudar e riem da minha cara até não poder mais. Pois é, o dia começou que é uma beleza!

Eu me recomponho com o máximo da dignidade que ainda me resta e... Ok, não resta nenhuma, eu sei. Só me levanto e entro, mancando de uma das patinhas, com meu orgulho ferido atrás de mim, ofendendo a mãe deles em pensamento.

— Bom dia. Sou a Eva, a nova psicóloga — me apresento com um sorrisinho falso.

— A sua sala fica no último andar, segunda porta à direita — a mulher resmunga, apontando para um elevador, sem levantar o rosto do monitor à sua frente. Ofendo a mãe dela também e vou batendo meus pezinhos até o elevador sem olhar para trás.

Quando chego à sala onde se lê “Psicóloga” e abro a porta, descubro que acho que amo minha madrasta, afinal, e prometo nunca mais chamá-la de... Caramba, não é que a mulherzinha do meu pai tem mesmo bom gosto? Eu tenho uma linda e enorme mesa com tampo de vidro e uma cadeira giratória. Pareço uma criança correndo para brincar com um brinquedo novo. Rodo nela por alguns segundos, até reparar na estante de livros que cobre uma parede, nos dois sofás brancos confortáveis e na televisão de tela plana equipada com



um aparelho de DVD. Antes que eu possa surtar de empolgação, ligar a TV para assistir a um desenho e girar mais um pouco na minha cadeira, alguém bate à porta.

— Bom dia, Eva — cumprimenta Clara com um tom sério e profissional, parada à porta. Posso vislumbrar que há alguém escondido atrás dela, mas só consigo ter uma boa visão quando um garoto que não tem mais que quinze anos é arrastado para dentro da sala pela manga da camiseta. — Este é o Guilherme.

— Bom dia, Clara. — *Mulherzinha*. — Olá, Guilherme! — cumprimento ambos, sorrindo abertamente. Apenas ela sorri de volta, e esse é um sorriso de vitória que dispenso. Me comprou, está feliz?

— Você poderia conversar com ele? Houve uma briga hoje na sala de aula e acho que seria bom o Guilherme falar com alguém. Eu volto para buscá-lo daqui a uma hora — ela avisa, conduzindo o menino mais para dentro da sala e fechando a porta.

— Como você está, Guilherme? — pergunto educadamente. Eu me sento no sofá oposto ao que ele escolheu e o vejo revirar os olhos com desprezo. — Guilherme? — insisto. O menino olha para o chão, me ignorando completamente, e meus dentes se cerram. Tento de tudo e o moleque não fala comigo de jeito nenhum.

Quando Clara aparece, estou pronta para hastear a bandeira do meu fracasso, até que o menino para na porta antes de sair e sorri para mim.

— Obrigado pela conversa, Eva. E eu prometo que nunca mais bato em ninguém. Violência não leva a lugar nenhum, né? — Meu Deus, que dissimulado! Estou negando, mas paro quando noto o sorriso de Clara

— Como foi? — pergunta ela, parecendo ansiosa, assim que o garoto sai pela porta.

— Ótimo! — Sorrio. — Foi ótimo!

Depois que a mulherzinha do meu pai me informa que estou liberada para ir embora, fujo do prédio o mais rápido possível, desejando apenas um banho e um exorcista para rebocar comigo na próxima sessão. Assim que coloco o nariz na rua, meu celular vibra.

— Como foi o seu o primeiro dia? — pergunta Gabriel do outro lado da linha. Ouvir sua voz me faz sentir um misto de tristeza e raiva, ambos em uma disputa acirrada. Mas o cretino ainda é meu melhor amigo e eu preciso dele em dias como este, mesmo que ele seja um dos motivos por eu me sentir tão mal.

— Péssimo! — rebato, em um resmungo azedo, arrancando as sapatilhas que fizeram duas bolhas enormes, uma em cada pé.

— Para de ser tão dramática! — zomba. — Por falar em drama, por que você está andando descalça?

— As malditas sapatilhas fizeram bolhas enormes no meu pé — respondo, automaticamente, olhando feio para os sapatos na minha mão.

— É, parece que hoje não é o seu dia.

— Você não sabe da missa a metade. Você perdeu o tombo... — Ei, peraí... — Como você sabe que eu tô descalça? — Assim que solto a pergunta, sou surpreendida por uma buzina e Gabs encosta o Lancer ao meu lado no meio-fio. Graça a Deus, carona! Saio correndo pela rua com os sapatos nas mãos e me jogo dentro do carro, beijando sua bochecha com entusiasmo. — Você vai me alimentar também? Diz que sim, por favor! — imploro, agarrando sua camisa.

— Sim, senhora — ele diz, sorrindo abertamente. — Eu vou te alimentar também.

— Pode ser McDonald's? — pergunto, batendo palminhas. Eu sei que pareço uma criança, mas nem ligo, porque vou querer o brinquedinho também.

— Pode ser o que você quiser, Eva. — Ele se vira um pouco de lado, com um sorriso transbordando afeto pregado nos lábios. Retribuo seu sorriso ligando o rádio na minha estação preferida e colocando os pés no banco,

enquanto Gabs sai com o carro para a avenida movimentada.

Gabriel para no drive-thru e me deixa pedir o que eu bem entendo. Vejamos...

— Dois Big Macs, uma batata grande e uma Coca-Cola tamanho família, por favor — informo para a mulher atrás do guichê, sentindo minha boca salivar. — Não economiza nos sachês de ketchup, hein!

— E a sobremesa? — Gabs pergunta, rindo.

Ele sempre ri dos meus pedidos, não sei por quê. Não é nada divertido não ter controle algum sobre um estômago com vida própria.

— Quero também!

Ele pede minha sobremesa, seu próprio lanche e de última hora se lembra do brinquedo. Santo Gabriel! Eu seria capaz de fazê-lo voltar para buscar o bendito brinquedo assim que me desse conta de que tinha esquecido. Sorrio de orelha a orelha, pegando nas mãos o gatinho que fala, e percebo que Gabs não consegue conter um sorriso ainda mais aberto que o meu por me ver animada com uma coisa tão simples.

Um sorriso cheio de carinho, que me faz prender os olhos nos seus por um momento longo demais... Somos interrompidos quando a mulher pergunta a forma de pagamento e eu admiro minhas unhas. Mas Gabs nem

hesita antes de lhe entregar seu cartão para pagar (graças a Deus por isso), depois seguimos para casa enquanto eu derrubo os farelos das batatinhas que vou devorando pelo caminho em seu carro sempre limpinho. Como ele. Como a casa dele. Como meu amor por ele. Tão limpo e cristalino quanto água.

— Quer ver um filme? — ele pergunta, abrindo os botões da camisa azul-bebê depois de colocar os lanches em cima da mesa de jantar. Nem chego a piscar ou mesmo escutar o que ele pergunta, por que a visão dos seus músculos se transforma em todos os meus pensamentos. Ele era tão gostoso assim antes? Forte. Imponente. Eu já disse gostoso? Sinto que minhas bochechas coram e viro o rosto antes que Gabs perceba.

Que merda está acontecendo comigo...? Ou melhor, que merda aconteceu com Gabriel? Ele não era tão divinamente atraente assim. Não era, eu repararia. Eu repararia, não é?!

— Eva — ele chama novamente, desta vez mais alto.

— Eu — respondo, admirando a planta que não morava aqui antes para fugir de seu olhar.

— Quer ver um filme? — ele pergunta, fazendo careta.  
— Tá surda?

— Um filme? Hum, pode ser — murmuro, chegando mais perto e pegando o saco de papel pardo com os

lanches, depois vou direto para o sofá, mas não me contendo e o observo andando pela sala vestindo apenas aquele jeans de lavagem clara que fica perfeito em todos os lugares... *O que é isso?!* Seja o que for, essa merda vai passar. Comida sempre ajuda, cura tudo. Preciso comer, me entupir, e preciso urgentemente que ele vista uma maldita roupa!

— Precisa mesmo comer no sofá? — Sério? De novo isso, cara? — Nós temos mesa, sabia? Mais de uma, você pode até escolher — ele diz, apontando para a cozinha, e meus olhos se reviram.

Gabriel faz uma careta descontente e eu nem me digno a responder, porque ele já sabe a resposta. É uma perguntinha bem cretina, aliás. Em vez disso, me aninho em uma almofada e abocanho meu hambúrguer. Ele suspira, mas não diz mais nada, apenas coloca um filme com um cara seminu na capa segurando uma metralhadora e se senta no chão, entre as minhas pernas, com seu lanche, apenas para não comer no maldito sofá. Eu poderia reclamar da escolha do filme, mas acabo deixando quieto, afinal estou sendo alimentada de graça, e é realmente útil ter outro marmanjo sem camisa para olhar.

Meia hora depois, ele já subiu para o meu lado e eu estou, de verdade, tentando me concentrar apenas na

história, quando de repente Gabriel suspira e pausa o vídeo.

— O que foi? — ele questiona, me encarando com curiosidade, me fazendo morder o lábio para segurar minha língua solta.

— Nada. — Puta merda, tanta coisa... *Põe uma roupa?*

— Estamos na metade do filme e você ainda não abriu a boca. Cadê a tagarela que não para de falar um minuto? Você nem reclamou da minha escolha. Isso está errado. — Ele ergue as sobrancelhas, convencido. — Então, qual o problema?

Não sou uma pessoa transparente, não mesmo, mas trinta anos enfiados no rabo de uma pessoa fazem isso, nos fazem conhecê-la tão bem quanto a nós mesmos. Sei que não vou conseguir mentir para ele por muito tempo, então lhe conto a verdade de uma vez...

— Eu estive aqui ontem. — Vou com calma, mas Gabs se vira na hora para me olhar, com um semblante surpreso. — ... e você não estava sozinho. Por falar nisso, deixei um presentinho pra você no canteiro de flores da entrada! — *Todo o meu piquenique da noite anterior digerido*, penso.

— Acho que eu deveria mudar a chave de lugar. — Ele fica carrancudo e passa as mãos no cabelo para esconder o constrangimento. Imagino que já tenha entendido o

que estou tentando lhe contar. Quanto à chave, temos um acordo silencioso de que ela é minha. E ele prefere que eu me esconda na sua casa a qualquer outro lugar, se eu precisar fugir de alguma coisa por um tempinho. — Quem sabe assim você faz como todas as pessoas normais e toca a campainha. Sabe o que é uma campainha, não é, Eva?

— Eu nunca precisei tocar a campainha antes. E eu ia entrar no quarto e... —tento falar, magoada.

— Merda! Você viu? — ele pergunta, sem graça, e eu mordo o lábio. — É isso que está te magoando? — Franze o cenho, sem entender por que isso me chateou. Bem, somos dois.

— Talvez — digo, irritada. — Eu não sei!

— Ela não vai “roubar” — ele faz aspas no ar — o seu lugar.

— Tenho lá as minhas dúvidas, viu?

— Vocês só estão em posições diferentes, Eva.

— Como você conheceu aquela garota, para começo de conversa? — pergunto, lembrando que ainda não tivemos uma conversa sobre isso.

— Eu a conheci na sua casa. Fui jantar com o seu pai para comemorarmos o casamento dele com a Clara e ela me agarrou... Enfim, uma coisa levou a outra, e, bom, estamos namorando há alguns meses... Te contei que fui



o padrinho? — ele fala com jeitinho. Legal da parte dele me contar em vez de esconder. Seria ainda mais legal se ele tivesse ficado com as patas longe daquela menina atrevida.

Meu pai não convida os próprios filhos para o casamento, mas o Gabs foi o padrinho. Isso diz muito. Ele fala que não tem um preferido... Duvido! Olha aí a prova.

— Ouvi dizer — resmungo enciumada, me perguntando se meu irmão está sabendo dessa afronta. Deve ter achado lindo também. — Quantos meses faz?

— Alguns — Ele dá de ombros, mas eu quero os detalhes, porra, não essa respostinha evasiva de merda... Pensando bem, não. Eu não quero.

— Você a ama?

Três palavras que saem da minha boca grande antes que eu possa impedir. Não sei por que fiz essa pergunta; é mais uma cuja resposta não quero saber. Gabriel nunca namorou ninguém, então é claro que a ama, senão não estaria mais com ela. Mas, como sempre, eu adoro enfiar um dedo nas minhas feridas. Ele olha por alguns segundos para o filme pausado e, quando volta a falar, ignora minha pergunta.

— Por que você veio aqui ontem? — De repente fica preocupado ao se lembrar da primeira coisa que lhe contei.

— Por causa do Benjamin — revelo, dando de ombros, porque a esta altura o que aconteceu depois do piquenique nem me parece mais um problema de verdade.

— O que aconteceu? — ele quer saber, evidentemente muito mais preocupado.

— Nós saímos para jantar.

— E o que aconteceu? — Gabriel repete, afiando o tom. A amabilidade já era.

— Ele me beijou — admito, e sua fisionomia muda.

Seus punhos cerram automaticamente e sua expressão se fecha. Não vejo mais um homem lindo de morrer preocupado comigo, e sim alguém prestes a cuspir fogo.

— E o que você fez? — A pergunta é feita entredentes. Posso ver que ele precisa de todo o seu autocontrole para não grudar nos meus cabelos e me sacudir.

— Saí do carro na hora, claro. Eu fiquei, eu... — Merda, preciso de um cigarro. Busco o maço no aparador e acendo um, dando uma tragada e voltando a me sentar antes de terminar a frase. — Eu fiquei confusa.

Aí ele explode.

— Confusa com o quê, Eva? — questiona, levantando em um rompante. — Ele te machucou feio, e você tem a cara de pau de me dizer que está confusa com uma porra

de beijo? — Gabs parece perplexo. — Você não deveria nem ter saído com aquele cara, pra começar!

— Eu não achei que ia acabar assim. Achei que ele queria só... — titubeio.

— Você sabia exatamente como ia terminar e foi assim mesmo, para se fingir de sonsa. Comigo não cola — corta, enquanto vai até a cozinha, voltando segundos depois com um objeto nas mãos, que me entrega grosseiramente. — Bate a cinza na porra do lugar certo. Usa o cinzeiro. A Alice vai ficar puta se vir isso. Essa planta foi presente dela — briga.

Aí eu explodo.

— Claro, porque a droga da planta da droga da Alice é mais importante que eu, não é, droga? — grito também, pensando o que aconteceu com nós dois. Não conseguimos mais parar de brigar. Levanto, apago o cigarro no cinzeiro, odiando a maldita planta, pego minha bolsa e minhas sapatilhas e me dirijo para a porta, mas ele segura meu braço antes que eu saia.

— Não é assim, Eva — ele diz, com a voz firme, atrás de mim. — Você sabe como termina. Eu não quero que se machuque mais.

— Diferente do que você pensa, as pessoas mudam — cuspo as palavras sem medir as consequências. Gabs me olha decepcionado, o que faz com que eu novamente

tente me soltar de seu aperto firme, mas ele não permite. Quando me puxa desta vez, não mede sua força e acabamos nos trombando. Meu corpo se choca contra seu peito sólido e uma chama se acende dentro de mim.

Não ousou me mover.

Só ergo o olhar lentamente; parece cena de filme...

Olho para seus lábios entreabertos, me perguntando se seriam macios. Por um momento, um único momento, imagino como seria beijá-los. Subo mais um pouco o olhar, encontrando seus olhos verdes cravados nos meus. Tem muitas emoções diferentes neles. Algo me diz que Gabriel está pensando na mesma coisa que eu, desejando que nossos lábios se toquem, o que me faz me aproximar um pouco mais. Pouso a mão livre em seu ombro e inclino o rosto para cima, implorando com o olhar para que ele me deixe beijá-lo. E ele...

Ele me solta e se afasta.

— É melhor você ir embora. *Agora* — ele frisa baixinho, então se vira e sai pela porta que leva ao jardim, sem olhar para trás.

## Gabriel

Eu sou um idiota que não acredita no que acabou de fazer. Porra! Eu não acredito no que *ela* acabou de fazer. Mas que diabo aconteceu aqui? Eu devo ter alucinado. Ando precisando dormir mais. É, é isso, não tem outra explicação! Aquele olhar, a mão no meu ombro, seus lábios se entreabrindo... Deve ter sido fruto da minha imaginação, mas por um momento, um único momento, eu achei que Eva queria me beijar.

Ando de um lado para o outro no jardim me sentindo perdido, como se faltasse alguma coisa dentro de mim, um pedaço. Algo que me fizesse funcionar melhor, ser mais feliz, e que eu simplesmente deveria ter. Estou cansado dessa sensação sempre que fico perto dela, porque é ela, só ela, que me falta para que eu seja completo.

Fui surpreendido e fiquei na defensiva: mandei Eva embora e ela foi. Ela é boa nisso, em ir embora. E ela

nunca, nunca olha para trás. Mas não me importo. Não hoje, não mais. Estou cansado. Ela nunca se deu o trabalho de notar os meus sentimentos, e quando finalmente estou em um relacionamento saudável ela me dá uma dessas, porra!

Na noite anterior à partida dela nós tivemos uma briga. Uma das feias.

Ela me falou que estava certa de que Levi era o homem dos seus sonhos e que segui-lo para outro país era a melhor alternativa para encontrar a felicidade. Já eu achava que esse era o pior erro que ela poderia cometer. Eva queria abandonar tudo por alguém que mal conhecia, e isso doeu. Doeu porque sempre estive ao seu lado e ela nunca abandonou nada por mim, principalmente a venda que sempre cobriu seus olhos, impedindo que enxergasse o que eu sentia.

Todos sabiam, sempre souberam. Não que eu realmente tivesse contado para alguém. Mas imagino que meus sentimentos, que em nada se pareciam com amizade apenas, eram perceptíveis, quase palpáveis para quem quisesse ver. Infelizmente não para ela, nunca para ela. Eu sempre a amei. Não sei bem quando começou, mas provavelmente ainda nem sabíamos falar quando eu peguei na mão daquela garotinha e não quis mais soltar.

Ela sempre foi a minha garotinha.

Passamos por muitas fases diferentes ao longo dos anos. Incluindo uma em que não nos tolerávamos — algo a ver com uma pazinha de jardinagem que acabou parando no meio da minha cara por causa de um pacote de biscoitos de morango que era dela e eu devorei sem remorso algum na sua frente. Vivíamos apenas brigando e destruindo os brinquedos um do outro, mas depois de eu tê-la defendido naquele parquinho as coisas mudaram e nos tornamos inseparáveis. Eva diz que foi só porque comprei um pirulito novo para ela, mas foi mais, muito mais que isso. Naquele dia ela soube que teria alguém que jamais a abandonaria. E eu soube que jamais iria querer abandoná-la.

Era amor. O dela era diferente do meu, mas ainda assim era amor.

Muitas fases vieram depois, à medida que crescíamos. Mas nunca deixei de me abaixar para amarrar seus cadarços, para que ela não se machucasse, mesmo se estivéssemos brigados, porque esse era eu, esses éramos nós, e eu acho que isso é a única coisa que realmente importa. O que temos é muito bonito.

Nem todas as épocas da sua vida foram fáceis para mim. Fui obrigado a vê-la se apaixonando, se entregando, acreditando e sofrendo todas as vezes que

se envolveu com alguém. Fui obrigado a assistir a beijos, pedidos de namoro e término. Fui obrigado a ser um espectador da primeira fila enquanto vários babacas machucavam o coração da minha garota, da garota que eu amava, e nunca pude fazer nada para impedir porque eu não era ninguém, era apenas o amigo que limpava a bagunça dos outros caras. Eu não tinha voz.

Como eu pediria a ela que parasse de procurar? Que olhasse bem à sua frente, porque onde eu estava existia alguém que jamais a faria sofrer, alguém que não a machucaria, que cuidaria dela e a amaria em todas as circunstâncias, até mesmo quando ela não merecesse, e nunca, jamais a deixaria?

Fui covarde.

Imaginei que a perderia se lhe contasse a verdade, porque sempre ficou claro que Eva não sentia o mesmo que eu. Para ela eu era apenas o melhor amigo, o ombro, o suporte, o cara com a capa de super-herói. O problema é que Eva sempre se apaixona pelos vilões, nunca pelo mocinho. Eu não tinha a menor chance! Então preferi tê-la como amiga a não tê-la mais e passar dor após dor vendo-a se destruir em relacionamentos fracassados. Preferi ser machucado, ferido e abandonado a não fazer mais parte de sua vida.



No fundo sempre esperei pelo dia em que Eva se daria conta de que eu era o cara que daria a vida por um sorriso seu, que faria o impossível para vê-la feliz e nunca derramaria uma lágrima sequer de seus olhos, mas isso foi antes. Eu lhe jurei que, se entrasse naquele avião, não ia mais esperar por ela. Claro que Eva não entendeu: saiu da minha casa batendo os pés feito a menina mimada que é, acreditando que eu estava me intrometendo em sua vida, podando suas asas e deixando de acreditar em seus sonhos. Eu? Eu só estava cansado de sofrer.

Eu fiz tudo por Eva, e ela simplesmente decidiu ir embora. Eu não sabia o que fazer para que ela compreendesse que eu era muito mais que um amigo que não aceitava sua escolha, que eu queria *ser* a escolha. Peguei o carro e dirigi por horas, desnorteado, aflito e arrasado, me torturando por pensar que a mulher que eu amava estava prestes a partir e poderia nunca mais voltar. E então eu descobri que não tinha mais nada a perder, porque Eva era a única coisa que eu queria. Segui até a casa dela, parei o carro, desliguei o motor e simplesmente não consegui ir adiante. Eu fiquei sentado lá, criando coragem para falar antes que ela fosse embora... Esperando um sinal de que eu estava fazendo a coisa certa, e o sinal veio.

Eva saiu de casa com sua mala e um sorriso apaixonado no rosto, e eu me dei conta de que ela não estava se importando com mais ninguém a não ser consigo mesma. Estava apaixonada de novo. Estava cega. Ela me viu, olhou dentro dos meus olhos e por um breve momento pensei que atravessaria a rua, abriria a porta do meu carro, entraria e me daria uma chance, mas ela foi embora e não olhou para trás.

Eu me culpei por não ter saltado do carro, pulado na sua frente, enchido Eva de beijos e implorado para que ela ficasse, mas àquela altura do campeonato eu já tinha feito muito. Não me pareceu justo me machucar ainda mais. Jurei para mim mesmo que a esqueceria, que amaria outra mulher e que não esperaria por Eva. Mas eu esperei... Esperei até o dia que em Alice apareceu na minha vida. Aí tudo mudou. Não vou permitir que Eva estrague as coisas, mesmo que eu saiba que mulher nenhuma, nem mesmo Alice, será capaz de preencher esse maldito pedaço que guardei só para ela.

Como ela tem coragem? Como ousa agir dessa forma justo agora? Agora que encontrei alguém e estou quase feliz sem ela, quando finalmente aceitei que não era para ser, que não era para ela ser minha. Penso muito no assunto e chego a duas conclusões. Primeira: Eva está com ciúme, e eu já esperava por isso. Ela é mimada e

não sabe dividir. Na verdade, a culpa é minha, porque nunca a fiz aprender a dividir nada, principalmente minha atenção, então não posso julgá-la por não saber lidar com isso.

Segunda: a proximidade de Benjamin já está causando efeitos negativos no comportamento da Eva. Por que justo ele tinha que voltar para a vida dela? Eu lidaria mais facilmente com o maldito palhaço! Será que ele não faz nenhuma ideia do mal que causou e não vê que nada de bom vai sair disso?! Decido me meter. Desta vez não vou ficar parado assistindo a mais um babaca fazer Eva de brinquedo, uma boneca de pano para brincar e jogar fora. Procuro na carteira o cartão que Benjamin me deu no dia em que nos encontramos e ligo para ele. Depois do terceiro toque, a chamada é atendida.

— Benjamin — digo, nada amigável.

— Gabriel, eu já estava esperando a sua ligação — ele responde, conformado.

— Tem tempo para aquela cerveja? — Meu tom de voz não deixa dúvida de que o convite não é uma oferta de paz.

— Claro. Quando e onde? — ele pergunta, com um suspiro, após uma pausa.

— Passa aqui em casa quando puder. — Mais fácil de enfiar uma bala na cara dele e me livrar do corpo. Puta

merda, que ideia tentadora!

— Estou indo para a sua casa, então.

Não me dou o trabalho de me despedir. Ele sabe que a visita vai ser uma declaração de guerra.

Desabo no sofá depois de jogar o celular de qualquer jeito em cima da mesa. Mesmo com toda a raiva que sinto dela, não posso mais deixar que se machuque e definitivamente não posso deixar que ele seja o responsável. Rumino nossa futura conversa por alguns minutos e acabo sendo distraído por Cupido, que entra sorrateiramente pela janela da sala, como se morasse aqui e estivesse apenas voltando de um passeio pela vizinhança, e não caminhado por vários quilômetros pelos telhados para me achar. Ele voltou há dias, mas ainda não contei. Vou esperar que Eva descubra sozinha. Ele provavelmente está tão puto com ela quanto eu estou, e quem poderia culpá-lo? Eu o chamo e ele sobe no sofá, se aninhando no meu colo e deitando de costas para que eu afague sua barriga. Não tem como resistir a esse gato.

— Ela vai ficar uma fera quando descobrir onde você se meteu, sabia? Ah, quem liga? Você é a coisa mais linda do papai. — Dou o que está me pedindo, e ele ronrona. Viu? De mim ele gosta.

Vinte minutos depois, a campainha toca e eu abro a porta para um Benjamin carregando um pacote de cerveja debaixo do braço e um sorriso no rosto. Babaca.

— Fique à vontade — resmungo, pegando a cerveja de suas mãos e colocando-a na geladeira. Retiro duas long necks, que já estavam geladas, e volto para a sala para constatar que Benjamin realmente seguiu meu conselho: ele está sentado confortavelmente no meu sofá, fazendo carinho na porra do meu gato! — Pega — suspiro, entregando a ele uma das garrafas e abrindo a outra. Tiro Cupido de suas garras e o mantenho no meu colo com uma das mãos. Ele fica quietinho, ronronando. Pois é, sou ciumento. O gato pelo menos eu posso decidir se ele toca ou não.

— Obrigado — ele diz, abrindo sua garrafa e dando uma boa golada. — Me deixe adivinhar. O assunto é a Eva.

— Lógico. O que mais eu teria para conversar com você?

Ele parece ofendido, até mesmo magoado, mas fica quieto.

— Ela me contou o que aconteceu ontem — falo.

— Eu passei dos limites, apressei as coisas... Acho que estraguei tudo, não foi? — diz, afundando o rosto em

uma das mãos. Pouco me importa. Eu não acredito nessa preocupação fingida dele.

— Você acha? — Sou sarcástico.

— Ela está bem? Eu tentei ligar, mas ela não atendeu nenhuma das minhas ligações.

Pelo menos isso. Se fosse antes ela já estaria fazendo as malas para segui-lo quando fosse embora. Nem tudo está perdido, afinal.

— Ela está confusa. — Sou sincero. Tomo um gole, coloco Cupido em cima da mesa e me encosto nela. — Está tentando compreender o que você pretende voltando para a vida dela, se eu bem conheço a Eva. — E eu conheço. Ah, se conheço! Ela já deve estar escolhendo a cor das toalhas de mesa para o casamento e o nome dos filhos. Se eu bobear, deve estar neste momento comprando minha gravata para a cerimônia.

— Não foi uma coisa que eu planejei, Gabriel. Eu estou aqui a trabalho, mas vê-la... — Ele faz uma pausa e olha dentro dos meus olhos. — Ver a Eva novamente mudou tudo.

— Você não quer que eu acredite que, assim que a viu, você se deu conta da merda que fez, né? — Rio sem achar a menor graça, porque o olhar que ele está me dando, um misto de tortura, culpa e ilusão, me diz que,

sim, é justamente nisso que ele quer que eu acredite. Sabe o que é pior? Ele parece acreditar também.

— Eu já sabia a merda que tinha feito assim que entrei no avião.

— Você poderia ao menos ter contado para ela antes, como me disse que faria. — Poderia não tê-la maltratado. Poderia não ter feito Eva chorar... Eu não faria.

— Eu era um garoto idiota, Gabriel. Não sabia o que estava fazendo, no que estava pensando e o que estava perdendo. — Benjamin se desespera.

— Você nem pensou nela...

Ele teve a chance que eu sempre desejei e jogou tudo pelos ares.

— Não, eu não pensei. — Ele me faz ter vontade de partir para cima dele. — Eu nunca fui igual a você, certinho. Eu fui egoísta — admita. — Mas as pessoas erram, e tem gente que perdoa.

Essa é boa.

— Disso eu não tenho dúvida. A Eva é burra o suficiente para perdoar um babaca como você. — Sorriu cinicamente.

— Já faz muito tempo, Gabriel. — Ele dá um suspiro profundo. — Não podemos apenas esquecer o passado?

— Para você é fácil falar, dar desculpas, achar que está tudo bem. Mas não está. Não foi você quem ficou. —

Dou de ombros.

— Foi tão ruim assim? — Ele faz cara de quem não quer ouvir a resposta. Mas ele vai escutar. Cada detalhe.

— Você não imagina quanto! — digo, me lembrando dos meses que se seguiram à sua partida. — Dias sem conseguir fazer a Eva comer absolutamente nada. Semanas dormindo ao lado dela, segurando a mão dela, pronto para acalmá-la quando acordasse chorando. Anos tentando convencê-la de que a culpa não era dela, era sua. Totalmente sua, por jogar fora uma garota maravilhosa como ela, como se não valesse nada.

— Para! — ele corta meu discurso e esconde o rosto nas mãos, envergonhado. Aproveito o momento para arrancá-lo do sofá pela camisa e falar olho no olho o que está engasgado.

— Você tem ideia do que tirou dela? Você arruinou o momento mais importante de uma garota. *Da minha garota*. Desculpas fajutas não reparam isso nem o resto. Então escuta bem o que eu vou te falar — ordeno, sem um pingo de paciência. — Se você dormir com ela e entrar em outro avião, eu acabo com a sua vida, e nem por um segundo se deixe enganar pelo que lembra de mim. Não vou sentir o menor remorso em te enfiar embaixo do tapete da minha delegacia e pisar em cima todo dia. — É um blefe, eu não sou assim. Mas espero



que ele acredite, porque uma boa surra no mínimo eu vou dar. De novo. — Estou avisando: pare agora, porque eu não vou te deixar machucar a Eva outra vez. — Eu o empurro de volta para o sofá, fazendo-o cair sentado.

— Eu não vou! — ele sussurra, olhando nos meus olhos, me fazendo uma promessa.

— Para o seu próprio bem, eu espero que não, Benjamin.

Mas eu sei que ele vai.

Eva

O que que eu fiz? Não, essa não sou eu, não pode ser. O que quer que estivesse dentro daquele menino que atendi na escola deve ter me possuído. Saio da casa de Gabriel desnorteada, envergonhada e muito ressentida por ter sido rejeitada.

*Eu ia mesmo beijá-lo? Não, não ia.* Bom, a ideia bem que passou pela minha cabecinha recheada de coisas, mas eu não teria coragem. *Será que não?* Não sei mais. Não sei de mais nada.

Assim que passo pelo portão de casa, ouço gritos histéricos. Não consigo distinguir muita coisa, então entro com cautela, na pontinha dos pés, como uma boa abelhuda, para ouvir melhor.

— Aquela vaca estava quase beijando o Gabriel, mãe. Como você quer que eu fique calma? — Alice berra. Paro no meio do caminho e continuo escutando atentamente, com um misto de ansiedade e culpa, porque não tenho

dúvida de quem é a “vaca” e estou começando a me sentir mal pelo que aconteceu.

— Você não vai falar da minha filha nesse tom, mocinha, não importa o que você viu ou acha que viu — meu pai se intromete, bem rude. Isso aí, pai! Me defende! Não que eu chegue a merecer, mas enfim...

— Calma, Fernando! — Clara pede, em meio ao desespero de não saber de que lado ficar. — Filha, os dois são amigos há muitos anos. Pode ser que o que você viu não seja nada de mais. Por que você não entrou e conversou com eles?

— Eu sei o que eu vi, mãe. Ela ia beijar o Gabriel! — Alice grita mais uma vez, sem paciência. — Aquela que todo mundo mima porque não tem mãe ia beijar o meu namorado!

— Alice — alerta meu pai.

— Não é verdade? Pois foi isso que o Gabriel me disse, que a Eva é assim porque vocês dois sempre a mimaram. Devem se sentir culpados pelos segredos da mãe dela que vocês escondem.

Meus olhos pinicam imediatamente com a maldade impregnada nessas palavras. Não compreendo como o fato de eu não ter mais uma mãe se relaciona com a minha aparente falta de caráter em quase beijar o namorado dela. E que história é essa de segredo?

— Alice, que fique claro. Este é o meu último aviso para você parar de falar — meu pai adverte, com uma fúria que eu nunca tinha visto antes. Nunca consegui deixá-lo bravo assim, e olha que eu aprontei bastante. O comentário da garota e a reação estranha do meu pai me atingem em uma ferida que nunca cicatrizou, por isso me escoro na porta e espero que a dor diminua antes de entrar e quebrar a cara dela por falar da minha mãe com aquela boca suja.

— Ela tem mãe, Alice. A mãe dela faleceu; isso não quer dizer que não tenha uma, então não fala assim, pelo amor de Deus! — implora Clara, alarmada.

— A mãe dela se matou, mamãe. Quem sabe, se tivessem contado para a Eva em vez de transformá-la em um bibelô de vidro, a menina não teria todos esses problemas de comportamento.

Não demoro mais que poucos segundos para absolver seus julgamentos infundados. Ela está errada. Minha mãe se afogou. Ela me amava, nos amava demais para tirar a própria vida. Uma sensação latente de desespero e impotência toma conta de mim. Sinto o medo, a saudade e o abandono me cercando e pouco depois me atingindo fundo por todos os lados. São tão fortes que tenho a impressão de que, se esticar as mãos, posso agarrá-los. Quero mais que qualquer coisa ensiná-la a nunca mais

falar da minha mãe, fazê-la engolir cada uma de suas palavras e calar sua maldita boca.

— Se a Eva é tão problemática assim, por que você está tão insegura, Alice? Tem medo do Gabriel te trocar?

— Juliete surge do nada e se intromete na conversa. Ela está me defendendo, tomando minhas dores. Está contra a própria irmã por mim.

— Por que você contou para ela, Maria Clara? — meu pai berra.

Pouco depois escuto algo se quebrar. Não me importa o que seja, porque algo dentro de mim se quebra também. Meu pai nunca eleva a voz. E ele não contradiz Alice. Pelo contrário, parece preocupado, extremamente decepcionado e muito, muito puto.

— Minha mãe se matou? — Não sei se só pensei na pergunta ou se a fiz em voz alta, mas quando dou por mim já estou no meio da sala, olhando para um vaso despedaçado no chão, sem ao menos ter notado que me movi.

Viro o rosto e encaro meu pai. Sua expressão de agonia e terror dizem tudo.

— Pai...

— Eva... Não, filha... — ele implora, arrasado. Então me dou conta: ele não vai admitir. Posso ver sua batalha interior. O que quer que esteja escondendo de mim está

guardado há muito tempo e dói demais para ser libertado.

— Você. — Olho para Alice com ódio. — O que você sabe sobre a minha mãe?

— Ela quis entrar no mar. É isso o que eu sei. Desculpa por ter escutado... — pede para o meu pai, meio sem jeito. Antes que eu possa questioná-la mais, Clara agarra seu punho e a arrasta para a escada, sem tirar os olhos do meu pai, que se sentou no sofá e cobriu o rosto com as mãos, destruído.

— Sobe! Eu não quero mais ver a sua cara hoje, Alice — ordena Clara. Mas não a intimida. Alice sobe apenas alguns degraus antes de virar para me olhar.

— Você não é boa o bastante para ele — decreta, afundando meu coração no peito antes de subir o restante do caminho em disparada. Sinto mãos nos meus ombros e olho para o lado. Juliete limpa meu rosto com carinho com uma das mãos e me envolve fortemente com a outra, e só neste momento me dou conta de que estou chorando. Seguro seu braço, porque realmente preciso me agarrar a alguém ou alguma coisa para não despencar no chão.

— Pai... — imploro, em um choramingo sentido. — Por favor.

— Não consigo, Eva — ele lamenta, levantando o rosto coberto de lágrimas que suas mãos escondiam. — Não consigo, filha — repete, com uma avalanche de dor cobrindo seu olhar.

— Você mentiu para mim todo esse tempo?

Por que estou surpresa?

— Quem sabia?

— Todo mundo sabia, Eva. — Ele pula do sofá e caminha ao meu encontro, mas me afasto dando um passo para trás antes que me alcance.

— Não toque em mim! — murmuro com raiva, vendo suas mãos antes erguidas para me envolver caírem rentes ao corpo. Sei que estou sendo cruel, mas não me importo. Eu tinha o direito de saber algo assim sobre minha própria mãe.

Ignoro sua dor para lidar com a minha. Saio correndo e voo pelas escadas atrás da minha mala ainda feita, sem realmente pensar no que estou fazendo. Eu a abro e jogo dentro dela, de qualquer jeito, o que encontro pela frente. Assim que termino, fecho a mala e saio correndo de casa com ela nas mãos. Meu pai, Clara e Juliete apenas assistem quando saio pelo quintal atrás do meu gato, procurando-o em todos os lugares, sem encontrá-lo. Meu Deus, eu perdi o gato também! Volto arrasada para dentro, e o que vejo termina de me aniquilar.

Olho descrente para uma família que deixou de me incluir há muito tempo e me sinto vazia. Vazia e solitária. Eu me sinto enciumada e triste por meu pai ter a esposa agarrada a uma de suas mãos e uma nova filha agarrada à outra, ambas fazendo carinho nele.

Não há mais espaço para mim aqui.

— Para onde você vai? — meu pai pergunta, desviando os olhos de sua esposa e mirando na mala em minhas mãos e depois em meu rosto coberto de lágrimas.

— Não sei, mas não posso ficar aqui agora. Não sabendo o que eu sei. Eu tinha o direito de saber, pai. Eu passei anos, *anos*, me culpando pela morte dela — sussurro, mortificada.

Ele se surpreende e se levanta, fazendo menção de vir até mim novamente. E então eu saio correndo de casa com a mala nas mãos. Antes de ir embora, porém, decido olhar para trás. Vejo Clara tentar acalmá-lo e ser empurrada para longe antes que ele suba a escada correndo. Meu peito se comprime. Por mais que eu me culpe por sua dor, não suporto pensar em sua mentira.

Não tenho para onde ir nem dinheiro para ir a lugar algum, então vago sem rumo, com lágrimas vertendo desenfreadamente dos olhos, pensando nela.

Pensando no dia em que a perdi...



*Eu estava sentada no chão do meu quarto, penteando distraidamente o cabelo loiro da minha Barbie favorita, que vinha acompanhada do Ken e de um carro cor-de-rosa cheio de glitter. Os dois iam sair para jantar e eu queria que ela ficasse bonita para ele. Mas, antes que Ken viesse buscá-la, alguém bateu à minha porta.*

*— Princesa? — chamou minha mãe, se encostando no batente.*

*— Você está chorando, mamãe? — perguntei assim que vi duas lágrimas descerem pelas suas bochechas. Acho que ela nem tinha percebido, e as secou rapidamente e sorriu.*

*— Claro que não. — Seu sorriso era triste, e ela de imediato soube que não foi o bastante para me convencer. Eu me levantei e fui até ela, abraçando sua cintura com as mãos. Ela me abraçou de volta por um momento, fungou e me soltou, saindo em direção ao seu quarto. Escondeu o rosto para que eu não visse mais as lágrimas, mas eu via. — Por que você não vem comigo? Vamos olhar as estrelas no jardim.*

*Ela não precisou repetir. A noite estava serena e agradável, com um céu repleto de estrelas cintilantes. Eu me deitei ao lado dela em uma manta no meio do gramado dos fundos e encostei a cabeça em seu ombro. Lembro-me de me sentir feliz e realizada e de pensar que*

*não havia nada no mundo que eu gostasse mais do que estar com a minha mãe.*

*— Sabe o que elas são, princesa? — perguntou ela, apontando para o céu.*

*— Estrelas, mamãe — respondi, olhando para cima com fascínio.*

*— Não, querida. Elas não são só estrelas — me contou, com a voz embargada. — São muito mais que isso. Elas são amor. Puro e simples amor.*

*— Como assim? — perguntei, curiosa, me virando para olhá-la nos olhos, mas minha mãe não me encarava: só tinha olhos para os minúsculos pontinhos brilhantes acima de nós.*

*— Eu vou te contar uma história...*

*“Muito tempo atrás, antes de o amor ser encontrado em qualquer esquina, ofertado de bom grado a qualquer pessoa, e de os casais serem livres para escolherem quem seus corações realmente desejavam, existia um reino.*

*Um reino comandado por um rei que nunca acreditou nesse sentimento tão belo. Ele se casou muito jovem com uma princesa que seus pais lhe impuseram. Nunca a amou verdadeiramente, nem sequer tentou. Mas dessa relação nasceu um príncipe que ouvia todas as noites antes de dormir, na doce voz da rainha, que o amor era*

*possível, que somente ele era capaz de trazer a felicidade plena e que uma vida sem ele não valia a pena.*

*Embora a rainha nunca tenha sido amada pelo marido, nem mesmo em seu leito de morte, fez uma coisa importante e memorável pelo jovem príncipe. Algo simples, mas que mudou sua vida: ela lhe deu amor. Ensinou a ele sobre os sentimentos e o valor de cada um deles, e o ensinou a nunca se contentar com menos se pudesse ter mais. Fez o menino, que não passava de uma criança, prometer que lutaria para tê-los.*

*Foi um erro. Foi uma sentença.*

*A rainha quis proteger o filho de uma vida infeliz como a que ela mesma viveu, mas infelizmente não levou em conta que o rei jamais pensaria como ela, ou como aquele jovem príncipe cheio de sonhos...*

*Anos depois, o príncipe Henrique estava quase se tornando adulto. Em pouco tempo teria idade para se casar, e isso o assustava mais que assumir o reino no lugar de seu pai. Na época todos os casamentos ainda eram arranjados, e o rei já estava trabalhando na tarefa de encontrar uma esposa para seu filho. O jovem não era ingênuo; ele lia muitos livros e sabia sobre o amor, mesmo sem nunca tê-lo sentido por outra pessoa além da mãe. Ele se lembrava de cada uma de suas palavras*

*sábias e havia feito delas uma meta de vida, uma busca, um sonho.*

*Ele queria esse sentimento, queria passar o resto da vida ao lado de uma mulher que pudesse amar e que o amasse também, não com uma estranha que convinha apenas ao rei. Mas a cada dia esse sonho lhe parecia mais improvável e distante de ser realizado.*

*Certa noite, após mais uma briga com o pai por causa de seus ideais, o príncipe resolveu sair dos muros do castelo para ir pensar na solidão da floresta, longe de olhares e ouvidos. Ele queria paz, um plano, uma solução, um milagre. Foi até os estábulos e selou Tempestade, seu alazão e melhor amigo, o único de quem ele recebia algum tipo de afeto naquela linda masmorra feita de pedra que era obrigado a chamar de lar. Tudo o que ele tinha de verdade era um belo cavalo, um amigo fiel.*

*Perdido em pensamentos, o príncipe não prestou atenção por qual caminho seguiu e acabou saindo da trilha na mata que levava à cidade. Ele não se assustou. Sua desolação era tanta que nem ao menos se importou: continuou a cavalgar, olhando, sendo engolido pelas árvores e pela noite, até ser surpreendido por uivos que chegaram aos seus ouvidos.*

*De trás das árvores saíram três lobos brancos. Em expectativa, olharam para o príncipe, farejaram-no e expuseram os caninos, rosnando guturalmente. O príncipe soube de imediato o que aquela emboscada significava: o fim. Não só para ele, mas para Tempestade também. Não havia tempo para pensar. Se eles corressem, os lobos não tardariam em alcançá-los. Se ficassem, seriam devorados. A decisão não foi difícil: ela sempre esteve ali, debaixo da pele, dentro do coração. Ele não sacrificaria seu único amigo por medo; não lhe restava muito na vida de qualquer maneira. Se alguém viveria, seria Tempestade. Foi a forma que o príncipe encontrou de lhe agradecer por ter sido o único a ficar do seu lado desde a morte de sua mãe.*

*O que o príncipe não sabia é que detrás de uma árvore ele era observado por alguém que tinha o poder de salvá-lo, mas que não o faria. Meredith nunca respeitara a realeza; pelo contrário, sempre a abominara. Fora banida para a floresta, com a mãe, quando ainda era criança, acusada de bruxaria pelo rei. Não que ele estivesse errado: sua mãe mesma contara o segredo delas para o rei, na esperança de que este acreditasse e a deixasse salvar a rainha da morte certa. Ele acreditou, mas não se interessou em salvar a esposa. Em vez disso, o rei as baniu para sempre do reino. Elas foram exiladas*

*e obrigadas a viver na mata, sem recursos e abandonadas.*

*Ela não salvaria o filho daquele homem.*

*Ele era o culpado por tudo o que tinha dado errado em sua vida, principalmente a morte prematura da mãe, que nunca aceitou a ideia de ter podido salvar uma alma tão bondosa como a da rainha e não ter agido para de fato fazê-lo. A culpa a devorou, pedaço a pedaço.*

*Meredith assistia à cena com certo remorso, mas resoluta em sua decisão. Até que o jovem príncipe a surpreendeu pulando do cavalo e correndo em direção aos lobos. Rapidamente ela entendeu qual era o plano, quando ele mandou que o cavalo fosse embora e este, assustado, obedeceu. Ele deu sua vida pela do animal. Os olhos de Meredith se encheram de lágrimas e, antes que o lobo mais próximo arrancasse a carne do príncipe com a primeira mordida, ela sacudiu a mão e um vendaval envolveu a criatura, rodopiando-a no ar, arremessando-a para longe e fazendo os outros lobos se assustarem e fugirem. Estava feito: ela tinha salvado a vida do homem que mais odiava e não soube de imediato o porquê de tal ato benevolente. Porém, assim que os olhos do príncipe cruzaram com os seus, ela soube que jamais seria a mesma novamente.*

*Henrique sabia muito bem quem era a moça envolta no capuz negro. Soube assim que olhou para ela. A bruxa. A história para dormir que o rei contava ao filho, para que este nunca saísse do castelo sem permissão e sem escolta. Ele nunca acreditou, até pôr os olhos nela, tão arredia, tão arisca e tão linda...*

*Meredith levou o príncipe, assustado e ferido por ter caído em cima de uma pilha de galhos espinhentos, para sua cabana na floresta. Ela cuidou dele e o amou. Amou o príncipe como ele jamais fora amado. Como sempre desejou ser. Por incríveis e maravilhosos sete dias. O sentimento chegou à vida dos dois arrombando portas e janelas, sem dar espaço para perguntas, muito menos hesitações. Eles se entregaram àquela emoção sem medo e sem pensar nas consequências. Mas, como acontece em toda linda história de amor, naquela também existia um vilão.*

*No oitavo dia os guardas do palácio encontraram o príncipe enquanto ele procurava lenha para a fogueira. Ele não ofereceu resistência, pois sabia que, se o fizesse, o rei descobriria sobre Meredith e a puniria. Qual foi sua surpresa ao chegar ao castelo e se deparar com seu casamento marcado. Uma semana foi tempo suficiente para o rei definir a vida do filho, acabar com ela, deixar o rapaz novamente sem esperanças. A noiva chegaria em*

*poucos dias, e não havia nada que Henrique pudesse fazer para que seu pai mudasse de ideia. Ele tentou conversar, pedir, ajoelhar e implorar, mas nada surtiu efeito no coração gelado do rei, que sempre repetia a mesma frase:*

*— O amor é uma invenção dos fracos para justificar suas falhas. Você não é um fraco, filho.*

*Sem saída e de coração partido, o príncipe resolveu fugir. Saiu uma noite às escondidas do castelo para ir atrás da mulher amada, que o esperava mais próxima do que ele supunha. Meredith, desesperada, estava prestes a pular os muros do castelo para ver o seu amor. Quando ele lhe contou do seu plano de fuga, não houve dúvida: ela iria para qualquer lugar com ele, por ele. Ficou combinado que os dois se encontrariam ali duas noites mais tarde. Uma antes do tão temido casamento arranjado.*

*No dia da fuga, tudo estava pronto. O príncipe só não contava que seu pai, o rei, era muito esperto e já tinha notado que o filho, além de ter mudado de comportamento, deixando de ser tão arreado e convicto em suas besteiras, algumas noites atrás havia fugido do castelo. Ele chamou alguns homens e foi atrás do rapaz assim que ele selou o cavalo e saiu pela noite para encontrar sua amada. O rei encontrou o príncipe e*



*Meredith prontos para fugir e levou os dois para o castelo. Ela foi presa na masmorra, e o príncipe foi trancado em seu quarto. No dia seguinte, perto do anoitecer, mandou que o soltassem e o acompanhassem de perto até o jardim do palácio para a cerimônia de casamento.*

*A bruxa pôde sentir o desespero do homem que amava. Ele chegava em ondas pela janela da masmorra. Tomada por uma fúria brutal, Meredith chamou o vento e com ele derrubou as grades para que pudesse escapar. O príncipe, sem saída, estava parado no altar ao lado de uma moça que ela nunca havia visto. Antes que o enlace estivesse selado, a jovem bruxa apareceu para impedir a cerimônia.*

*O rei, tomado de fúria, ordenou que a matassem.*

*— Lance um feitiço sobre mim. Me leve primeiro! — gritou o príncipe. Ele sabia que a amada não sairia viva daquele confronto, mesmo com os poderes que possuía, então decidiu ir antes dela, porque não poderia suportar vê-la ser morta bem na sua frente e viver uma vida sem Meredith.*

*— Não, meu amado. Eu prometi que jamais jogaria um feitiço sobre você — respondeu a moça, se negando veementemente.*

— *Eu imploro, meu amor. Não suportaria uma vida sem você!*

*Antes que ela pudesse responder, um dos homens do rei lhe enfiou a espada na costela, rasgando sua carne e fazendo o sangue jorrar. Ela poderia ter tentado impedi-lo se tivesse visto que o homem se aproximava, mas tinha olhos apenas para o príncipe.*

— *Você não terá uma vida sem mim, meu amor. Eu invoco um feitiço, nunca sobre você, mas sobre mim e todas as pessoas que se amam verdadeiramente.*

*Ela olhou para cima, para um céu escurecido e apagado, e sorriu.*

— *Assim que o ar fugir por completo de meus pulmões e eu não tiver mais vida, em um ponto cintilante no céu eu me transformarei, e todas as noites você poderá me ver. Bastará olhar para o céu e poderá matar a saudade de mim quando quiser — sussurrou a bruxa antes de fechar os olhos para sempre. — Eu estarei brilhando para você. Será assim com todas as almas que se amam. Nunca ninguém mais precisará partir por completo.*

*Assim que seu corpo caiu sem vida no gramado, um brilho ofuscou o céu. Depois desse dia, milhares de outras estrelas surgiram, mas aos olhos do príncipe uma brilhava mais, como se fosse reluzente apenas para ele.*

*Ele foi obrigado a seguir com o casamento, mas nunca chegou a tocar na esposa. Poucos meses depois, foi a vez de o rei partir e o filho assumiu seu lugar. Sua primeira ordem foi de que sua esposa poderia ir embora se quisesse, e ela assim o fez, pois também havia deixado um amor esperando em sua terra natal.*

*Todas as noites, o príncipe se sentava no jardim e contemplava o céu e sua Meredith.*

*A vida do então rei foi longa, mas ele nunca esqueceu a sua estrela. Ele a contemplava todos os dias, até se juntar a ela no céu.”*

*— Não gostei dessa história, mamãe — choraminguei.*

*— Ninguém gosta, querida. Mas ela é importante, porque foi assim que surgiram as estrelas — ela disse, afagando meu cabelo. — Essa é a nossa realidade, e hoje eu quero que você me prometa uma coisa.*

*— O quê, mamãe? — perguntei, ainda me sentindo triste pelo príncipe e sua bruxinha. Lembro como se fosse hoje que eu estava a ponto de chorar por causa de uma historinha. Dali a algumas horas eu teria muitos motivos para isso.*

*— Prometa que você vai procurar a estrela, Eva — ela pediu, me apertando entre os braços. — Prometa que você jamais vai deixar de procurá-la. Prometa, filha —*

*implorou, com a voz embargada. Achei que ela também tinha ficado triste com a historinha.*

*— Eu prometo, mamãe.*

*Ela então sorriu, se sentou e pegou um envelope no bolso do cardigã. Abriu minhas mãos e as juntou, depositando-o entre elas e fechando-as novamente.*

*— Fique com isso e dê ao papai quando ele chegar em casa. Ele vai saber guardá-lo até a hora certa. — Ela me deu um beijo na testa e outro na bochecha. — Eu te amo, princesa. Nada muda isso. Me desculpe.*

*— Tudo bem, mamãe. Não precisa me pedir desculpa. — Eu achei que ela estivesse se desculpando por me deixar triste, mas hoje entendo que era muito mais que isso.*

*Ela estava se desculpando porque...*

*— Eu já volto. Você fica aqui e me espera — pediu, antes de se levantar e entrar em casa. Ela não voltou e eu não saí do lugar por muito tempo. Horas depois, Adam acordou depois de um pesadelo e começou a chorar no berço. Ele não parava mais, e eu não encontrei nossa mãe em lugar nenhum, então liguei para o papai.*

*Minha mãe foi encontrada dois dias depois pela equipe de resgate. Seu corpo voltou à praia, foi devolvido para nós. Papai me disse que ela saiu para dar um mergulho e se afogou, que decidiu ir sem me contar para que eu não*

*quisesse ir junto, porque o mar era traiçoeiro à noite. Eu então passei a odiar o mar, mas também a ter medo dele. Desde aquele dia, nunca mais pisei na água. Desde aquele dia, nunca mais vi a minha mãe. Desde aquele dia, não parei por um só minuto de tentar cumprir aquela promessa: encontrar a minha estrela.*

Sem ter para onde ir, coloco a mala no chão e me sento, me recostando no muro de uma casa. Ainda não consegui parar de chorar, e é neste momento que a chuva cai, a princípio na forma de minúsculos pingos de água gelada, depois o céu desaba, me encharcando e levando consigo minhas lágrimas enquanto me encolho de frio e dor.

Sozinha.

Eu precisava tanto dele aqui.

## Gabriel

Assim que Benjamin vai embora, meu celular toca. Estou com a cabeça tão quente que decido ignorá-lo. Pego mais uma cerveja e volto para o sofá para fazer companhia ao gato, mas quem quer que seja é insistente: continua a ligar sem parar. Porra, será que não dá para ter um dia de paz? Provavelmente é da delegacia. Nunca tenho um dia de folga, e, quando acontece esse milagre, aquele lugar só falta pegar fogo. Enrolo mais um pouco, na vã esperança de que a pessoa do outro lado desista, mas isso não acontece. Levanto, me preparando para xingar quem quer que seja, mas resolvo pensar bem depois de ler o nome de Olívia no identificador de chamadas.

— Gabriel, fala pra mim que a Eva está aí — ela implora, em evidente desespero, sem ao menos me cumprimentar. *Quanta educação!*, penso, revirando os olhos.

— Não. Ela esteve aqui mais cedo, mas já foi. Está tudo bem?

Essa menina nunca para de dar trabalho?

— Não, nada está bem.

Não respondo de imediato. Primeiro volto para minha cerveja e meu sofá, e somente quando estou sentado confortavelmente disparo a pergunta de praxe:

— O que a Eva fez agora? — Meus olhos se fecham instintivamente e eu respiro fundo, me preparando mentalmente para o que ela tenha aprontado desta vez. Roubou um banco, assassinou alguém, se apaixonou por um camelo e se mudou de mala e cuia para o Saara? Todas as alternativas anteriores? Vindo dela, nada mais me surpreende, mas eu tenho pena do camelo...

— O que fizeram para ela, você quer dizer, né? — retruca a defensora dos fracos e oprimidos, irritada. Olívia nunca fica brava com as merdas de Eva. Eu adoraria ser assim. — Alice aprontou uma boa hoje.

— O que ela fez? — Não vou me dar o trabalho de defendê-la, porque Olívia é igualmente irritante e isso só gastaria mais do meu precioso tempo em outra briga desnecessária. Eu só queria um dia de folga. Só isso.

— Ela contou para a Eva da mãe dela, Gabriel.

Meu sangue gela.

— Do que você está falando? — pergunto, me levantando em um pulo, rezando para que não seja o que estou pensando. Não pode ser. Não teria como Alice saber uma coisa dessas.

— Ela contou! — berra exasperada, e isso responde a minha pergunta.

— Como a Eva está, Liv? — disparo, pegando a carteira no aparador e a jaqueta jeans no encosto da cadeira da mesa de jantar. Eu não fazia ideia nem que a Olívia sabia disso. Pensei que Adam não tivesse contado.

— Ninguém sabe onde a Eva está, Gabriel. Ela fugiu com uma mala e não atende o celular. Não apareceu em casa e nem aí. Não sei mais aonde ela pode ter ido com esse temporal. Estou entrando em pânico! Todo mundo está! — Ela parece mesmo assustada, e eu também estou. A esta altura Eva já deveria ter procurado abrigo com um de nós há muito tempo. — O Adam e os outros saíram para procurar, mas até agora nada. Até a Clara está na rua atrás dela.

— Eu vou fazer o mesmo — digo, pegando a chave e correndo até a garagem. Visto a jaqueta no meio do processo sem soltar o aparelho.

— Gabriel, só me faz um favor? — ela pergunta, antes de desligar. — Mantenha a sua namorada o mais longe



possível de mim, porque se eu topar com ela não vai sobrar nada.

Veremos qual de nós dois pega a Alice primeiro, penso, com raiva.

Entro no carro e dou ré, saindo da garagem como se a casa estivesse desabando atrás de mim. Não consigo nem imaginar como Eva está se sentindo. Arrasada deve ser pouco. Ela passou anos se culpando pela morte da mãe, por não ter percebido que a mãe saiu no meio da noite, por não ter corrido atrás dela, por não estar com ela.

Na noite em que Sara entrou no mar e tirou a própria vida, minha mãe recebeu um telefonema perturbador do pai de Eva no meio da madrugada. Fernando estava em São Paulo para uma reunião de negócios. Ele também tem alguns postos lá e havia saído com empresários do ramo para jantar quando recebeu a ligação de Eva dizendo que a mãe tinha sumido. Ele disse para minha mãe que já estava a caminho, mas pediu que fôssemos até sua casa, porque provavelmente demoraria, por causa da neblina que tomava conta da serra.

Ninguém sabia mais nada além disso. Nem ele, nem nós, muito menos Eva imaginávamos que aquele seria um dos piores dias da nossa vida e que nos marcaria de maneira tão profunda.

*Minha mãe me acordou, mandou que eu pegasse um casaco, me enfiou no carro e dirigiu às pressas e em prantos dizendo que Eva precisava de nós. Nunca vou esquecer o olhar aterrorizado, desnorteado e solitário de Eva quando abriu a porta e nos viu, e do choro sentido que saiu de dentro dela quando minha mãe se abaixou e a pegou nos braços.*

*Lembro como se fosse hoje que minha garganta se fechou e eu quis chorar também, mesmo sem saber o que tinha acontecido, porque ela chorava de maneira tão dolorida que doía em mim. Minha mãe fechou a porta e pediu que eu segurasse a mão de Eva e não saísse do lugar enquanto ela entrava na casa para pegar Adam. Eu não soltei mais. Nem quando minha mãe voltou e nos mandou entrar no carro, nem quando chegamos em casa e nos sentamos no sofá, nem quando Fernando chegou para buscá-los. Eu não soltei e ela não falou nada, apenas segurou mais forte na mão que jamais soltaria a dela.*

*— O que aconteceu, filhinha? — perguntou Fernando, se ajoelhando à sua frente no sofá, fazendo o possível para não demonstrar quanto estava assustado.*

*— A mamãe me contou uma história e depois ela sumiu, papai — Eva disse, virando sua mãozinha livre*

*para baixo, sem saber como explicar melhor que havia sido abandonada.*

*— Como assim, sumiu? — Ele passou a mão pelos olhos e se livrou de algumas lágrimas que permaneciam presas. — A sua mãe não disse mais nada? — Eva negou. — Será que alguém a levou? — perguntou, olhando para minha mãe, que apenas chorou mais, assustada. Ela estava muito assustada.*

*— Papai — chamou Eva, colocando a mão no bolso do casaco e retirando dele um envelope amassado. — Ela me deu isto. Disse que era para eu dar para você.*

*Fernando o pegou de suas mãos, abriu e leu. Pouco depois, caiu de joelhos, chorando, o que deixou Eva ainda mais apavorada.*

*— Onde está o Adam? — perguntou Fernando de repente.*

*— Dormindo na cama do Gabriel — disse minha mãe.*

*— Ela nunca vai ver isso, Ruth. Eu não posso deixar. — Sua voz fraquejou quando balançou o papel, entregando-o para minha mãe. Quando ela leu, ficou pálida e calada.*

*Fernando jogou o papel no lixo da cozinha, mas não rasgou.*

*Ele foi embora com os filhos de maneira brusca assim que meu pai chegou e passou reto para dentro do quarto, sem nem ao menos olhar para ele. Notei que*

*seus punhos se cerraram de imediato e que as lágrimas da minha mãe aumentaram. Nossas mães sempre foram amigas e Fernando sempre foi educado com meu pai, mas eu também sempre soube que a família de Fernando não o agradava. Assim que eles saíram, meus pais brigaram de portas fechadas, e dois dias depois meu pai não morava mais em casa.*

*Não posso dizer que não senti falta dele, mas foi melhor assim.*

Demorei muito tempo para compreender o porquê de ele ter sido expulso da nossa vida tão abruptamente e jamais ter ao menos me visitado. Minha mãe nunca me contou, e imagino que pretendesse fazer quando eu fosse mais velho. Só que ela não viveu o suficiente para isso; morreu quando eu ainda era adolescente. Meu único parente vivo era meu pai, e, quando decidi não fazer parte da vida dele, só me sobraram Fernando, Adam e Eva, que me acolheram e me ajudaram quando mais precisei.

Desde os dezesseis anos estou por conta própria, me sustentando com o dinheiro que herdei da minha mãe e dos meus avôs — os pais dela morreram quando eu ainda era bebê, em um acidente de carro bem parecido com o dela — até conseguir fazer isso por meus próprios meios. Foi assim que me alimentei, me vesti, estudei e

me tornei alguém. Sozinho. Sou grato ao meu pai por apenas duas coisas: ter me emancipado e me deixado em paz. Eu jamais permitiria que aquele homem ficasse perto de Eva, e fiz uma escolha. Escolhi Eva.

Na noite em que perdemos Sara, acordei de madrugada com alguma coisa me inquietando. Foi quando me lembrei da carta e a roubei do lixo. Não li, apenas a coloquei em um lugar seguro, dentro de um dos meus carrinhos, e com o tempo me esqueci dela. Muitos anos depois, eu a encontrei quando separava brinquedos antigos para doar. E então descobri o segredo que foi escondido dela. De nós.

Eu gostaria que minha mãe estivesse viva na época para poder confrontá-la, mas não estava. Ela tinha morrido fazia pouco tempo, então pensei em falar com Fernando, o único que sabia todos os detalhes, mas isso só traria mais dor, uma dor que ele sentiu por muitos anos e que ainda sente. Não tive coragem de mexer na ferida, e Eva, bom, nunca pretendi realmente lhe mostrar a carta, porque não queria ser eu a pessoa a lhe contar, mas sempre desejei que ela soubesse a verdade, na mesma medida em que tinha medo. Para Adam eu contei, há muito tempo. Fernando já tinha contado. Foi a conversa mais rápida que já tivemos e acalmou um pouco a minha culpa.

E se Eva me culpasse?

Dirijo pelas ruas de Santos em alta velocidade, furando sinais de trânsito e não me importando com radares. Olho para cada canto, beco ou rua, tentando encontrá-la. Chego até sua casa e dou voltas pelas redondezas, seguindo meu instinto. Se fosse em qualquer outro dia eu saberia exatamente onde encontrá-la, mas hoje seu lugar preferido passa a ter um novo significado, um não tão bonito. O mar hoje é sua maior tristeza.

A chuva piora rapidamente, tornando difícil ter uma boa visão. Para onde quer que ela tenha ido, espero que esteja bem e protegida. Raios e trovões rasgam o céu, e eu começo a entrar em pânico. Uma hora depois, decido voltar para casa, com a esperança de que ela esteja lá me esperando. Não sei mais onde procurá-la nem para onde ir. Estaciono de qualquer jeito no meio-fio e olho para o portão. Nada. Entro em casa correndo, me protegendo da chuva.

— Eva? — meu grito ecoa pelos cômodos vazios. Não tenho resposta.

Quando estou a ponto de sair novamente, alguém bate na porta da sala, que tinha se fechado com uma rajada de vento. Só alguém que teria a chave e já tivesse entrado bateria naquela porta. Não está trancada. Ela sabe que não está trancada. Por que está batendo? Abro

e a vejo me encarar, encharcada, com uma mala nas mãos e o olhar perdido.

— Você também mentiu para mim, Gabriel? — pergunta, pálida, sem expressão.

— Menti — sussurro.

Ela não diz nada. Só me dá as costas e volta pelo caminho de cascalho com o olhar no chão, arrasada. Consigo fazê-la parar na metade do jardim.

— Não vá, por favor — imploro, agarrando firmemente sua mão presa à mala.

— Por quê? — Ela franze os lábios e semicerra os olhos, a mesma expressão que faz sempre que vai chorar, e meu peito se comprime.

— Eu menti para não ser obrigado a ver isto — sussurro, passando lentamente as costas da mão livre pelo seu rosto.

Ela assente uma única vez e solta a mala, que eu seguro.

— Me perdoa, minha garota.

Eva não diz nada. Apenas ergue os punhos e me bate. Muito.

Ela me soca e me chuta e eu continuo parado à sua frente, sem me esquivar ou tentar segurá-la. Deixo que bata. Não vou impedi-la porque sei que precisa disso, precisa descontar sua dor, sua ira e a saudade em

alguém, e eu prefiro que seja em mim. Quando se cansa e vacila, caindo no choro, eu a amparo e a abraço, e ela me abraça de volta, como sempre.

Não sei quanto tempo permanecemos no meio do temporal, Eva com a cabeça no meu ombro e eu com o rosto colado em seu cabelo molhado, apertando-a o mais forte que consigo contra meu peito. Quando seus soluços diminuem, eu a pego no colo e a levo para dentro de casa. Parece exausta, sem forças até mesmo para manter os olhos abertos. Subo as escadas sem soltá-la e entro no banheiro, ligando o chuveiro. Ela não fala, não se move e não expressa nenhum sentimento. Está vazia, de novo. Quantas vezes Eva terá que ser machucada antes de encontrar algum tipo de felicidade?, eu me pergunto, colocando-a de pé e entrando com ela debaixo da água quente. Passo as mãos pelo seu cabelo, seu rosto e as pouso em sua cintura.

— Tudo vai ficar bem — sussurro, erguendo seu queixo até que olhe dentro dos meus olhos. Sou surpreendido pelo desejo que encontro neles, e acho que ela também se surpreende quando se dá conta do que estou vendo.

O que está acontecendo?

Ela me olha novamente como fez pela manhã, e desta vez eu não a afasto.



## Eva

Gabriel desliza as mãos pela minha cintura e instintivamente as minhas agarram sua jaqueta. É uma cena familiar, e desta vez ele não me manda embora.

As gotículas de água que cobrem seus lábios me fascinam e fazem o desejo se intensificar e me acalmar, como se fosse ficar tudo bem quando nossas bocas finalmente se unirem. Seus olhos esverdeados grudam nos meus de maneira profunda, e nós nos perdemos nesse olhar por tempo demais, ambos sabendo o que vai acontecer se um de nós não impedir.

Não posso deixar isso acontecer. Viro o rosto.

Ele já tem alguém, e foi por causa desse alguém que hoje fiquei novamente sem chão. Como posso estar pensando nele quando descubro que a maior verdade da minha vida nunca passou de uma mentira? Se a mulher em quem eu sempre me espelhei nunca existiu? Solto as mãos de seu corpo, passando-as no meu cabelo, e dou

um passo para trás, dando a entender que preciso ficar sozinha. Já tenho problemas suficientes para pensar em me apaixonar pelo meu melhor amigo.

Engasgo.

Espera aí. Me apaixonar? De onde veio esse pensamento absurdo? Deus, eu preciso dormir. De preferência para sempre.

Gabriel me olhou daquela maneira intensa e diferente por pena e nada além disso, é o que repito para mim mesma e é nisso que tenho que me concentrar. Não havia nenhum interesse genuíno em suas ações, porque a esta altura da vida não posso me agarrar a uma ilusão dessa proporção. Seria um desastre se eu o quisesse de maneira diferente do bom amigo que ele é. Eu poderia facilmente perdê-lo, e isso me mataria.

Eu não posso amá-lo de forma diferente. Não posso. Não quero. Não amo.

Saio do chuveiro desnorteada, pingando água para todos lados depois de me enrolar na toalha ainda vestida com minhas roupas encharcadas. Olho para trás antes de sair do banheiro e vejo que Gabriel está de costas, as duas mãos apoiadas nos azulejos, a cabeça abaixada entre os braços esticados. Não sei o que ele deve estar pensando de mim neste momento, muito menos por que não me manda embora de vez, mas sou grata por não

fazê-lo. Não me dou o trabalho de ir buscar outras roupas na mala ensopada no andar de baixo; pego algumas de Gabriel que encontro em sua cômoda, me troco e deito na cama, puxando o edredom até cobrir a cabeça completamente, desejando morrer.

Minutos depois, alguns sons quebram o silêncio, e é somente por conta deles que me sinto viva, como se Gabs fosse o que me mantém respirando. Imagino que ele esteja abrindo as gavetas da cômoda, se vestindo, recolhendo minhas roupas molhadas do chão e me deixando sozinha, mas não saio do meu esconderijo abafado e escuro para me certificar. Sou surpreendida quando Gabriel arranca a coberta de cima de mim e toca meu rosto, me obrigando a olhá-lo nos olhos, que estão em brasa e ao mesmo tempo dóceis, amavelmente protetores.

Ele me entrega uma xícara que tem cheiro e aspecto de chocolate quente sem dizer sequer uma palavra. Não discuto: agarro a xícara e tomo a bebida. Santo Gabriel! Ele colocou uma boa dose de conhaque no chocolate. Porra, ele é a única coisa boa de verdade que tenho na vida, e, por mais que algumas de suas escolhas me irrite, também é a única que nunca me decepciona. Eu ia dizer isso com cada uma das letras, mas sou impedida quando ele me entrega mais algumas coisas. Uma carta,

um cigarro e meu isqueiro rosa. Ele solta um palavrão, como se tivesse se esquecido de algo, e sai do quarto, voltando pouco depois com a planta que Alice lhe deu e a colocando no criado-mudo ao meu lado.

— Fique à vontade para matar a planta e apagar quantos cigarros quiser nela, mas leia a carta antes, por favor — implora, em um sussurro permeado de tristeza. — Vou estar sentado do outro lado da porta, se você precisar de mim — avisa, com o semblante apreensivo e amedrontado, caminhando para fora do quarto e fechando a porta depois de cruzá-la.

Escuto quando suas costas batem nela e não compreendo por que Gabriel parece tão perturbado, até virar o envelope em minhas mãos e me deparar com duas palavras escritas: “Para Eva”. Faz anos que não vejo essa letra arredondada e floreada, e mesmo assim a reconheço de imediato. É a letra da minha mãe. Está atrás de quase todas as fotos antigas que temos em porta-retratos, anotando as datas e lugares. É tão linda.

Levo o envelope para mais perto do rosto e inspiro, esperando sentir seu perfume impregnado nele, mas não encontro nada a não ser uma lembrança há muito esquecida. Esta é a carta que ela colocou nas minhas mãos no dia em que se afogou. Eu nunca mais havia pensado neste pedacinho de papel. Ele parece pesado

em minhas mãos, mas sei que é apenas fruto do medo que sinto pelo que vou encontrar dentro dele. Como eu pude me esquecer da carta?

“Para a minha querida princesa”, diz a primeira linha. Leio com as lágrimas, que não tardaram em cair, percorrendo minhas bochechas. Resolvo acender o cigarro antes de continuar, dou algumas tragadas profundas para criar coragem e vou em frente, sabendo que não posso adiar a verdade por mais tempo.

Eva, querida, eu sinto muito por tudo. Você é só uma menininha inocente ainda e eu sou forçada a te abandonar. Não é justo, mas a vida nunca é.

Espero que você leia esta carta com idade suficiente para entendê-la e que não tenha pensado todos estes anos que poderia ter me impedido, porque não poderia. Ninguém poderia. A escolha de abandonar nossa família e dar fim à minha vida já estava tomada antes que eu batesse à sua porta. Eu me despedi do seu irmão rapidamente. Adam não me inspira tanta preocupação. Mesmo sendo um bebê de colo, ele sempre foi de ferro, bem diferente de você, que sempre foi de barro.

Minha princesa de vidro, frágil e doce.

Eu sabia que, quando a hora certa chegasse, ele entenderia. Você não; você se culparia. Por isso esta carta é somente sua. Seu pai já deve ter contado tudo ao seu irmão, mas duvido de que tenha feito isso com você. De qualquer forma, a responsabilidade disso é minha. Pena que eu não possa fazê-lo estando cara a cara com você.

Eu traí seu pai. Traí por anos, e não me arrependo nem um só minuto do que fiz. Porque eu fiz por amor. Espero que você tenha crescido e se tornado uma moça que luta pelo que acredita e, acima de tudo, pelo que ama. Espero que você tenha puxado a mim. Mas não foi somente o seu pai que eu traí. Também traí minha melhor amiga, a pessoa que sempre me estendeu a mão, e isso eu espero que você nunca tenha feito.

Não traia um amigo, Eva. Nunca faça isso. Não vale a pena por amor.

Eu tive um caso por quase três anos com o Pedro. Tudo começou quando Adam não tinha mais que alguns dias de vida. Eu estava carente e meu casamento com seu pai era frio e distante. Ele trabalhava demais. Eu sei que isso não justifica nada, mas encontrei naquele homem tudo o que faltava na minha vida.

Não sei se você ainda se lembra, se hoje você ainda os vê ou tem contato com eles, porque não sei quem vai ler esta carta depois que eu for embora, mas Pedro é o marido da tia Ruth, pai do Gabriel, e eu sinto muito se estraguei uma amizade tão bonita entre vocês. Porque eu sei que a Ruth jamais me perdoaria pela traição, mas talvez tenha perdoado o marido e te poupado. Talvez ela não tenha te afastado daquele garotinho lindo que te amava tanto. Talvez ela tenha tido pena por você ter ficado sem mãe. É nisso que eu gosto de acreditar. Mas você precisa saber: eu o amo.

Amo como nunca amei ninguém, e na dura realidade quem sofreu ou viria a sofrer por isso nunca me importou, mesmo que sejam meus próprios filhos. Mas não é somente por causa dele que eu estou prestes a tirar a minha vida. Essa não é a história toda.

Eu estou doente, querida.

Os médicos dizem que o câncer já tomou quase todo o meu corpo, que não há mais nada a ser feito, e, diante da visão da morte, eu quis abrir a minha vida para o mundo, amar abertamente e não ter que me esconder de ninguém. Mas ele foi covarde. Não aceitou acabar com um casamento e

uma reputação por alguém que poderia não estar mais aqui no dia seguinte. Ele me deixou, saiu pela porta há poucos minutos, e então sentei à nossa mesa de jantar para te escrever e contar que não posso sobreviver a isso.

Agora sim, essa é a história completa.

As pessoas nunca nos amam o bastante, minha filha. Por mais que queiram, sempre vai haver algo que não são capazes de fazer por nós. Nunca sabemos o que realmente estamos dispostos a sacrificar até nos depararmos com a doença, a morte ou o sofrimento excruciante de ver definhar alguém que amamos. Na maioria das vezes as pessoas não permanecem, salvo aquelas que abdicam completamente de seu egoísmo, o que é praticamente impossível. Só elas amam o suficiente para isso.

Não culpo o Pedro pelo egoísmo e covardia, estou indo embora sem mágoa dele. Vou levar no coração cada parte do amor que compartilhamos.

Como eu disse, nem todos suportam o peso de um adeus. Entenda: eu iria morrer de qualquer maneira, mas com muito mais dor, sofrimento e sozinha, afastada do homem que amo, então simplesmente decidi que não tinha mais razão para



viver. Eu não queria uma vida sem o amor dele, e definitivamente não queria passar meus últimos dias em uma cama de hospital, pensando em tudo o que essa doença está levando embora de mim. Todas as minhas chances, meu futuro, meus sonhos...

Então me perdoe por ser fraca, filha. Eu te amo.

Lute, Eva. Sempre lute pelo amor e jamais se esqueça daquela promessa: encontre a estrela.

Com amor e saudade,  
Mamãe

Apago o cigarro pela metade no vaso, me levanto e o jogo na parede com toda a força que consigo. Pego o isqueiro cor-de-rosa e acendo, colocando-o na beirada da carta. Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto ela queima em minhas mãos. Estou prestes a pôr fogo na casa e não me importo. Não me importo com mais nada.

Quando Gabriel entra correndo pela porta, o fogo já alcançou meus dedos e eu continuo a não me importar. Estou de joelhos no chão vendo as chamas me atingirem.

— Solta isso, Eva. Você vai se machucar — ele pede, pegando o papel em chamas e tentando afastá-lo das minhas mãos. — *Solta, Eva!* — berra. E eu solto. Ele pega o papel e some banheiro adentro. Ouço Gabriel ligar a

torneira e olho para minhas mãos. Estão vermelhas, mas não sinto dor.

Quando Gabriel volta, ainda estou ajoelhada, aos prantos, as duas mãos no chão. Não choro, eu uivo, o que se tornou muito comum para a garota que nunca derramava uma lágrima. Estou me superando a cada dia, a cada nova descoberta, a cada nova dor. Ele se abaixa e senta no chão ao meu lado, me puxando e me colocando sentada sobre suas pernas, depois pega minhas mãos nas suas.

— Você se queimou.

Não é uma pergunta.

Ele passa um dos braços ao meu redor, com firmeza, e leva minhas mãos aos seus lábios, beijando minhas queimaduras com ternura, como minha mãe fazia sempre que eu corria para seus braços com um machucado.

— Ela não me amou o suficiente, Gabriel — sussurro, quase sem som, como se não quisesse que minhas palavras fossem ouvidas. Mas ele as escuta.

— Eu amo. — Sua resposta me faz ter uma crise de choro ainda mais escandalosa, alta e dolorida, que não tem mais fim.

São tantas lágrimas que eu poderia me afogar.

— Shhh. Você vai ficar bem — ele murmura, me acariciando, fazendo meu coração se aquietar e eu voltar a respirar. Deito em seu ombro e me aninho em seu colo, meu porto seguro, minha rocha, o homem que descobri que amo.

Eu me agarro a esse homem proibido e conhecido como se ele fosse tudo o que tenho no mundo. E talvez seja. Sinto como se fosse, porque foi assim desde sempre.

— Eu não podia esconder a carta... — ele diz, esfregando minha mão nas suas quando as lágrimas cessam. As dele também estão queimadas, e eu me sinto culpada por isso. Eu as acaricio com cuidado e os olhos dele me dizem que tudo bem, que eu não me preocupe.

— Obrigada por tudo — friso. Mesmo que aquele segredo tenha deturpado a maneira como sempre vi minha mãe, fico agradecida por ele ter se disposto a me dar a verdade. — Gabriel, o que essa carta estava fazendo com você, afinal? Eu nem lembrava mais dela.

— Seu pai a jogou no lixo na minha casa no dia em que... no dia que ela... — Ele não sabe como continuar.

— Se matou — termino por ele, sem demonstrar emoção nenhuma.

— Então eu a roubei.

— Você leu? — Fecho os olhos esperando que a resposta seja não, mesmo sabendo que eu acabaria revelando seu conteúdo, porque, assim como eu, ele também merece saber.

— Li. Muitos anos mais tarde, mas eu li — assume, levantando e me puxando junto, para que eu me deite sobre seu peito na cama, passando as mãos lentamente pelo meu cabelo. — Você me perdoa?

Viro de lado, ergo o olhar e o encaro, franzindo a testa de maneira confusa.

— Eu também teria lido, Gabs.

— Eu quero que você me perdoe pelo que o meu pai fez... — Pausa. Ele parece não saber como continuar, então compreendo aonde quer chegar. — Se ele não fosse tão covarde, a sua mãe poderia...

— Estar aqui? — bufo, voltando a deitar. — Se você leu aquela merda, sabe que ela não estaria aqui, de qualquer forma. A culpa por ela ser fraca e ter tomado o caminho mais fácil não foi dele. — E me alivia de um jeito dolorido saber que também não foi minha. — Ele foi um completo imbecil por abandonar uma mulher à beira da morte, mesmo que não fosse sua esposa, mas não foi ele quem a segurou embaixo da água.

— Mesmo assim, o meu pai deveria tê-la tratado melhor, ficado ao lado dela até o fim, se realmente a

amava, porque deve ser muito triste morrer sozinho, Eva.

— Ele nunca deveria ter traído a sua mãe — afirmo, em contrapartida, me virando para encará-lo. Eu amava a mãe de Gabriel, e ainda amo. Pelos anos em que viveu, Ruth Venturini foi a mulher que fez tranças no meu cabelo e conversou comigo sobre garotos. Ela foi a única mãe que eu tive, e eu a amava até mais que minha própria mãe. Ruth era presença e ombro.

— A minha mãe nunca deveria ter traído a tia Ruth.

— Não, não deveria — ele cerra o maxilar, com raiva pela mãe. Não está errado. Também sinto raiva por ela, uma mulher inocente que foi traída pelas pessoas em quem mais confiava: o marido e a melhor amiga. Deus, que decepção!

— Sou eu quem deve te pedir perdão...

— Pelo quê? — Ele parece confuso, envolvendo uma das mãos em meu cabelo.

— Se a sua mãe chegou a saber sobre o caso, deve ter sofrido muito, então me perdoa pelo que a minha mãe fez com ela e pela dor que isso causou em você. — Não consigo me obrigar a olhá-lo. E se seus olhos estiverem repletos de julgamentos? Não vou suportar.

— Ela soube. Não sei o que você lembra daquela noite, mas o seu pai deu a carta para a minha mãe ler e dois dias depois o meu pai foi embora de casa. Hoje eu

entendo que ela não o perdoou; e, para ser sincero, tenho muito orgulho dela por isso. — Ele não se abala e continua acariciando meu cabelo. Eu não me lembrava de nada. É como se eu tivesse apagado aquele dia da memória.

— Meu Deus, Gabriel. A minha mãe destruiu o casamento dos seus pais. Você não o vê até hoje por culpa dela. Eu nunca imaginei que ela fosse esse tipo de mulher... — constato, decepcionada com a pessoa que até então eu tinha como exemplo, um modelo a ser seguido.

— O amor faz as pessoas cometerem loucuras, Eva — Eu o sinto dar de ombros. — E a minha mãe superou, pelo menos eu acho que sim. Ela nunca tocou no assunto e seguiu a vida sem o meu pai. Quanto a não vê-lo, simplesmente não tem mais importância. Não agora — diz, resoluta, empurrando meu rosto para o lado. As palavras seguintes são ditas olhos nos olhos. — Tudo o que me importa agora é você. Quero saber como está se sentindo.

— Estou com vergonha dela e da saída que escolheu, das coisas que fez, mas não queria estar, porque ainda a amo, não importa quanto ela tenha errado — lamento, emocionada. — Isso faz algum sentido para você?

— Não precisa se envergonhar. Não mesmo. Não podemos julgá-la por se apaixonar ou por não querer sofrer, por ter medo. — Ele faz uma pausa e suspira. — Não é fácil amar alguém proibido, e nós não sabemos o que é estar doente, fragilizado e assustado, muito menos o que passou pelos pensamentos perturbados dela. Às vezes, amar alguém que não se pode ter arrasa uma pessoa.

— Você diz como se soubesse — comento, distraída.

— Eu me coloco no lugar dela, Eva.

Assinto, voltando a me aninhar em seu ombro.

— Fora isso, ela foi abandonada pelo homem que amava, pelo homem que dizia amá-la, quando mais precisou dele. Não imagino dor pior.

— Nada disso deveria ter sido mais importante que os filhos dela. O Adam era só um bebê. Pela minha experiência, não dá para confiar nos homens... Nós deveríamos ter sido mais importantes. — Merda, mais lágrimas! — Não me surpreende seu pai ter caído fora. Posso me ressentir, mas não posso julgar. As despedidas são a pior parte do amor, não é? Ela tem razão quando diz que nem todo mundo suporta, no fim das contas...

— Se você ama alguém de verdade, você fica, Eva. — Ele é incisivo. — Não importa quanto doa se despedir, ou do que tenha que abrir mão, você fica.

— Eu não ficaria, acho. — Dou de ombros.

— É, eu sei que não — diz, afagando meu cabelo e encerrando o assunto.

Eu sabia que Gabriel tinha razão, mas naquele momento me parecia sacrifício demais pensar em me destruir por alguém, não importa quanto amasse essa pessoa. Eu sou mesmo uma criatura muito egoísta, ainda bem que ele me ama assim.

Gabriel permanece mais um pouco no quarto, mas ameaça sair quando finalmente as lágrimas vão embora por completo e eu estou quase me rendendo ao sono. Não quero ficar sozinha, por isso estico a mão e agarro sua camiseta antes que ele chegue a se levantar. Não preciso falar nada: ele sabe melhor que eu do que eu preciso, sempre soube. Ele se deita ao meu lado e me abraça, sussurrando nossa pergunta particular:

— Precisa de mim aqui, né?

Não respondo. Em vez disso, seguro em suas mãos, que estão à minha volta, e suspiro, acolhida por ele, como em tantas outras noites. Em nenhuma delas, porém, vivi tantos sentimentos diferentes. Não quero pensar na hipótese de me apaixonar por Gabriel, mas, a cada novo momento, palavra ou olhar, ela se torna mais evidente e expansiva dentro de mim.



E eu me pego seguindo os mesmos passos da minha mãe. Desejando o homem de outra.

## Eva

Acordo na manhã seguinte com os sons de mais uma briga entre Gabriel e Alice. Esse drama já está me tirando do sério, principalmente porque a garota encanou na minha. Levanto, tomo um banho e me visto para o trabalho bem rápido, porque Clara me mandou uma mensagem dizendo que precisaria de mim hoje na escola. Disparo pela escada fazendo o máximo de barulho que posso para que calem a boca, e mesmo assim eles não percebem minha chegada.

— VOCÊ NÃO TINHA O DIREITO, ALICE! — Gabriel berra, encarando-a com o rosto a um palmo de seu nariz. Ele está intimidando a garota, como faz com os bandidos com quem lida todos os dias. Acho que nunca o tinha visto ser tão rude fora da delegacia. Ele não precisa nem pôr as mãos em alguém para fazer a pessoa tremer. Fico alguns segundos só admirando aquele poder todo. Bonito. Sexy. Protetor. Por que eu fui embora, hein? Fui

caçar o que em Londres, tendo isso tudo em casa? Enfiado bem debaixo do meu nariz.

— Eu sou uma pessoa livre, que pode fazer o que bem quiser — Alice cospe, na defensiva. — Ela ia te beijar. Eu vi com meus próprios olhos. — Ela até parece um pouco culpada, mas é orgulhosa demais para admitir que errou. Acho que somos duas.

— Ficou maluca? — Gabriel pergunta, perdendo um pouco a postura durona. Ele sabe tão bem quanto eu que a biscate não imaginou aquela cena. Será que sabe mesmo?

— Ontem de manhã eu estive aqui, e vi vocês dois. Ela ia te beijar e você a afastou.

Precisa mesmo lembrar dessa parte?

— Não que eu não tenha ficado contente com o que você fez, mas eu não quero aquela garota aqui com você — Alice impõe.

Ele demora algum tempo para responder e eu me pego mordendo o canto da boca, ansiosa. Vou ser despejada? Era só o que me faltava!

— Ela não ia me beijar. — Eu ia sim, Gabs. Acho que eu ia. — Se fosse fazer isso, já teria feito nos trinta anos em que somos amigos, não acha? — Por que eu não fiz? Por quê? — Ou você pensa que a Eva decidiu se

interessar por mim agora que nós namoramos, só para te irritar? — Será que foi?

— Eu não duvido. — E eu muito menos. Conheço a mim mesma o suficiente para saber que esse é bem o tipo de decisão ruim que eu tomaria.

— Não importa, Alice. — Gabs parece incrédulo e furioso. — Você foi longe demais! — Ele lhe dá as costas, passando as mãos pelo cabelo, antes de continuar. — Se você se sentiu ofendida, deveria ter entrado e conversado com a gente, não fugido para chorar para a sua mãe. Não deveria ter jogado na cara da Eva uma coisa que ela não estava preparada para ouvir. Você foi infantil e mesquinha, a magoou porque é insegura, e isso é completamente ridículo — A expressão dele é de nojo.

— Eu pensei que ela soubesse. A minha mãe não me pediu para guardar segredo — choraminga, dando a volta para se prostrar à sua frente.

— Ah, para — explode. — Você é tão limitada a ponto de não saber o que se deve ou não falar para as pessoas? — Ele está sendo cruel e, secretamente, estou adorando, mas acabo me sentindo culpada porque... Bom... a culpa foi mesmo minha, né?

— Gabriel, para! — eu me intrometo, porque não consigo controlar a boca, sempre enorme. — Foi bom ela ter me contado. Eu precisava saber — digo, para parar

com a briga e fazê-los calar a boca. Se alguém disser que fui altruísta, nego até a morte. Na real eu nem fui. Eu só queria um refri mesmo.

— Ninguém chamou você nesta conversa — rebate a mal-agraçada.

— Bom dia, minha garota.

— Bom dia, Gabriel — digo e me volto para Alice. — Já que vocês estavam falando de mim, acho que tenho todo o direito de opinar. Bom dia para você também — cuspo indo em busca do meu refrigerante matinal, e quem sabe de uma faca...

— Eu quero você fora daqui! — ela cospe na minha direção, furiosa.

Não me abalo. Abro a lata e dou uma golada, limpando a boca com as costas da mão, e solto um arroto que faz Gabriel sorrir.

— AGORA! — grita.

— Até onde eu sei, esta casa ainda é minha, e eu decido quem fica e quem vai. E você, Alice? Você vai embora — Gabriel ordena, frio, pegando a carteira de cima da mesa de jantar.

— Você está me trocando? — Ela parece chocada. As lágrimas escorrem pelos olhos brilhantes.

— Não é questão de preferência! Você fez uma coisa horrível e nem se desculpou. Em vez disso, chega aqui

cheia se si, mandando na minha casa. Quem você pensa que é?

Bom, agora as lágrimas estão mesmo escorrendo.

— A sua namorada, Gabriel. É isso que eu sou — ela murmura, fungando.

Meu Deus, que cena péssima! Cadê a pipoca?

— Diante do que você fez, isso não tem significado nenhum para mim. Você machucou a Eva. E as pessoas que machucam a Eva têm uma vida bem curta comigo, Alice — Gabriel rebate, perdendo o pouco da paciência que ainda tinha. — Agora, se você me dá licença, estou atrasado. — Aponta para a porta de saída, sem remorso.

— Você está terminando comigo? — Ela não se mexe. Ele suspira. — Na frente dela? — Alice aponta para mim com rancor, e eu decido que já vi demais. Saio pela porta, abandonando os dois. Claro que é tudo pose. paro atrás da porta e continuo a escutá-los, roendo uma unha.

— Eu não disse a palavra “terminar”. Só falei para você ir embora — ele responde, cansado. — Eu tenho que trabalhar. Resolvemos isso depois.

— Isso? — ela retruca, magoada. Até eu ficaria. Chamar o relacionamento deles de “isso” é baixo.

— É, Alice! Isso! Que nome você quer que eu dê? Inácio? — De repente a porta se abre e Gabs dá de cara com a fofqueira em pessoa: eu. Ele se recupera

rapidamente do susto de quase me atropelar, como se fosse normal eu ficar atrás de portas ouvindo suas conversas, o que de fato é, e pergunta: — Quer carona? — Ele não sorri, mas seus olhos sim.

Parece que meus maus modos sempre o divertem.

— Que pergunta besta. Claro que eu quero! — Dane-se. Andar a pé não vai fazer Alice me amar mais ou menos. Meus pés cheios de bolhas vão agradecer.

Ela sai pisando duro de casa e passa por nós dois feito um furacão, abre a porta e some rua afora, sem olhar para trás.

Dou de ombros e olho para Gabriel.

— Eu deveria mesmo trocar aquela chave de lugar — ele diz, abrindo a porta do carona para que eu entre e dando a volta para ocupar seu lugar atrás do volante.

— Claro, mas faz uma cópia para mim antes — insinuo, com um risinho safado de sem-teto.

— Se você vai ficar aqui por um tempo, é o que eu tenho que fazer, né? — Ele dá um sorriso largo, caindo na minha.

— Posso mesmo ficar?

Dou vários pulinhos sentada no lugar e agarro seu pescoço em um abraço de urso antes que Gabs consiga responder.

— Para onde mais você iria? — resmunga. — Nesta cidade nem tem ponte para te abrigar. — Ele beija minha cabeça antes de me soltar.

— Muito cômico! Mas eu ainda tenho a casa do meu irmão. — Volto para meu lugar e me ajeito no banco, apoiando os pés no painel descaradamente.

Ele olha feio, mas não me manda tirá-los. Em vez disso, pergunta:

— Eles estão tentando ter um bebê, sabia?

Faço que sim com a cabeça.

— E você realmente quer ficar lá para presenciar a parte prática da coisa?

Hum, não tinha pensado nisso...

— É... Pensando melhor, sua casa é minha melhor alternativa no momento. Mas a Alice não vai gostar nada disso — aviso, erguendo as sobrancelhas.

— Deixa que com ela eu me entendo — ele replica, saindo da garagem.

— Você devia esquecer esse assunto e não brigar mais com essa garota. E quem diabos é Inácio? — solto, antes de me arrepender.

— É um dos PMs novos. Foi o primeiro nome que me veio à cabeça — ele responde, rindo. Eu rio também. Quando nossa risada termina, ele me mata com uma pergunta: — Você ia mesmo me beijar, não ia, Eva?



Gabriel se vira para mim e solta essa assim que paramos no semáforo. Pelo seu olhar, eu sei que ele sabe a resposta, mas acho que precisa que eu confirme. Fico amedrontada demais para dar o que ele quer, pois vou ter que enfrentar um “por que” que ainda não consigo responder.

— Talvez. — Encolho os ombros.

Ele assente, sabendo tão bem quanto eu que foi um *sim em neon*.

— O que aconteceu antes de você sair correndo... do chuveiro? — pergunta, constrangido, mas determinado a falar do assunto.

— Eu não tenho ideia — minto.

Ele assente e fica quieto pensando em alguma coisa. Eu adoraria ter o poder de ler mentes hoje.

— Quer tomar café ou está muito atrasada? — ele pergunta, olhando para o relógio no painel do carro. Acho que vou ter que encarar uma conversa difícil, porque esse cara nunca chegou um dia sequer atrasado em algum lugar, principalmente no trabalho. Eu assinto e nós paramos em uma padaria. Sentamos, fazemos os pedidos e, diferentemente do que eu tinha pensado, comemos em silêncio enquanto vejo meu melhor amigo passar a próxima meia hora me olhando como se estivesse montando um quebra-cabeça.

Ele não fala nada, e eu acho que essa ansiedade toda está me dando dor de barriga.

— Você sabe que pode falar o que quiser para mim, não sabe? — ele pergunta enquanto caminhamos até a saída. Eu assinto. Agora que ele matou minha fome, me deu uma vontade doida de falar.

— O que você teria feito se eu tivesse te beijado no chuveiro, Gabs? — me ouço perguntar assim que entramos no carro e batemos as portas, sincronizados.

— Eva... — Ele ameaça não responder, mas alguma coisa muda e ele dá de ombros. — Eu teria te beijado de volta.

Meus dedos se agarram ao estofado do carro para me manter no lugar, porque assim que as palavras saíram dos seus lábios eu me senti como se estivesse voando.

Ele diz com uma simplicidade... como se... como se fosse algo que ele quisesse.

— Porque eu estava arrasada e você não ia querer que eu me sentisse pior? — Diz que não. Anda, diz que não, Gabs.

— Nós nunca tivemos medo de falar alguma coisa antes um com o outro, e isso não tem que mudar nunca. Então, se estiver acontecendo alguma coisa, eu quero que você me conte, ok? — ele diz, em vez de responder. — Eu sei que você está chateada com o meu namoro,

mas tem formas melhores de demonstrar isso sem que termine de um jeito... ruim para alguém. — Essa é a sua maneira delicada de dizer que pensa que eu sou uma criancinha mimada que está provocando só porque não quer dividir o brinquedo com a irmã, e que eu devo parar com isso antes que machuque alguém ou a mim mesma. Nós estamos entrando em um terreno perigoso. É o que ele quer me dizer, mas na minha opinião é mais que isso.

Ele não é meu brinquedo. Se fecho os olhos, penso nele mais como vida.

— Não quero repetir os erros da minha mãe... Desculpa... — metralho, gaguejando, sem pensar. Franzo o cenho. Por mais que não queira ver como ele vai reagir, não consigo desviar os olhos dos dele.

Gabriel é uma incógnita. Não tenho ideia do que está pensando, e acho que esta é a primeira vez.

— Você está me pedindo alguma coisa, Eva? — ele pergunta, sério. — Porque, se estiver, tem que dizer com todas as letras.

Ele é obrigado a desviar o olhar quando o semáforo abre, e eu percebo que sua pergunta tem um quê a mais nas entrelinhas. Realmente penso antes de responder. Nunca senti por Gabs nada que tenho sentido ultimamente, e meus sentimentos não estão indo a lugar nenhum, só ficando mais fortes. Eu não poderia ter

descoberto sobre minha mãe em um momento pior. Talvez tenha sido um aviso do destino para que eu não siga os passos dela e termine do mesmo jeito.

— Se eu pedisse, que resposta você me daria? — especulo, sentindo o coração bater mais forte no peito, e me remoo com seu silêncio, até ele estacionar na frente da escola e se recostar no banco, virando a cabeça para me encarar.

— Não lembro de já ter dito “não” para você antes — ele fala, ainda sério, e uma manada de elefantes aparece fazendo passeata em meu estômago.

Não me sinto nada confortável em pedir que ele dê um fim nesse namoro, embora Gabriel esteja sendo claro em dizer que eu posso, só não tenho ideia dos motivos. Não é a primeira vez que ele pararia de ficar com alguém porque eu pedi, mas é a primeira vez que o namoro é sério. Será que não gosta dela o suficiente para me aturar com esse péssimo humor e decidiu se livrar do problema para eu parar de encher o saco e tentar agarrá-lo? Merda! Não importa. Essa decisão não tem que partir de mim. Por mais que Alice tenha me magoado, não posso brincar com os sentimentos dela.

Acho que a carta da minha mãe serviu para me fazer descobrir que eu não posso pegar o que quiser na hora que bem entender, como pensava, e não sei bem como

me sinto a respeito disso, porque mamãe se atrasou muito para me dar essa lição. Teria sido mais fácil de engolir se eu tivesse praticado ao longo da vida.

— Eu acho que não tenho nada para pedir, Gabriel. —  
Dou de ombros.

Não quero que ele termine o namoro apenas porque estou pedindo. Quero que termine porque sente o mesmo que eu, porque queria aquele beijo, mas no fundo acho que ele não queria. É claro que Gabriel retribuiria — eu não esperaria nada diferente dele —, mas seria pelo motivo errado. Seria só para não me magoar, e isso me magoaria mais que a recusa.

Ele assente e beija meu rosto antes de se inclinar por cima de mim e abrir minha porta, sem dizer mais nada ou esboçar qualquer reação. Eu me despeço com um aceno antes de me virar e entrar no prédio, mas a esta altura ele não está mais me olhando.



Guilherme é mandado à minha sala de novo, depois de arrumar outra briga com o mesmo menino. Ele continua se recusando a falar comigo. Estou tão chateada que não insisto tanto quanto da primeira vez e o deixo entretido com um livro no sofá, para chorar baixinho, como de costume.

Não tenho ideia do que significou aquela conversa inacabada no carro, e, mesmo que a cada segundo eu sinta que posso perdê-lo, estou decidida a não passar por cima de ninguém para impedi-lo de me deixar.

Eu me pego pensando na nossa amizade.

Se tem alguém que conhece Gabriel, essa pessoa sou eu. Cada olhar, cada sorriso, cada piada sem graça. Estou na vida dele há tempo suficiente para prever seus pensamentos e suas reações. Para saber lidar com cada uma delas. Eu sei que falar de sua mãe o anima e entristece na mesma medida. Eu sei que ele detesta falar sobre o pai ausente, mas que lá no fundo sente falta dele. Eu sei de que tipo de roupa ele gosta, as comidas que prefere e os filmes que chamam sua atenção. Conheço suas qualidades como ninguém, mas também conheço cada defeito. Conheço as vitórias e as fraquezas. Uma única fraqueza na verdade: eu.

Sempre fui sua fraqueza, sua dependente, confidente e parceira. Sempre fui o motivo de um encontro que terminou mais cedo, uma partida de futebol cancelada, uma briga envolvendo socos.

Sempre fui sua preferência e acho que continuo sendo, mas não consigo nem cogitar o que Gabriel faria se eu me sentasse com ele e lhe dissesse que o quero para mim. Que o amor inocente que sempre foi palco

para nossa amizade preencheu todos os buracos do meu coração e se transformou em algo mais, se transformou em paixão. Que eu quero que ele me beije de uma maneira diferente, menos morna, menos carinhosa, com mais intensidade, mais desejo e no lugar certo, assim como quero beijá-lo sempre que olho para seus lábios, o que venho fazendo com uma frequência impressionante. Que eu quero cada parte dele para mim, principalmente as que ainda não são minhas, as que são dela.

Guilherme parece reparar que estou chorando.

— Você está bem?

Levanto uma das mãos do rosto para espia-lo e o vejo me encarando com curiosidade. Menino malévolo e fofoqueiro.

— Não é da sua conta — resmungo, olhando-o feio. Comigo ele não quer falar, mas quer que eu fale com ele?

— Tanto faz. — Ele dá de ombros e volta a atenção para o livro. Não conversamos mais e ele sai sem se despedir quando anuncio que sua hora terminou. Pego minha bolsa e faço o mesmo. Adoro esse emprego!

Quando chego à rua, meu celular toca.

— Querida, você está bem? — pergunta Liv do outro lado da linha, preocupada.

— Estou sim.

Ela sabe que não é verdade.

— Não é verdade — ela rebate, como se lesse meus pensamentos.

— Ok! Estou péssima — admito, pesarosa.

— Eu fiquei muito preocupada com você ontem, mas não quis incomodar ligando ou aparecendo. Fiquei mais tranquila quando o Gabriel avisou que tinha te encontrado e que você estava segura. — Ela parece aliviada e receosa. Provavelmente sabe como estou ferida pelo que descobri, isso porque ainda nem faz ideia da carta. Não sei se vou contar para ela ou para qualquer outra pessoa. Acho que por enquanto vou guardar só para mim o segredo, a vergonha e a verdade que tinha por trás daquelas palavras e dos meus sentimentos recém-descobertos.

— Você está de folga? — Por favor, diz que sim, imploro mentalmente. Um colinho amigo viria bem a calhar. Está se tornando muito difícil lamentar da minha vida com Gabriel, sendo ele meu maior problema no momento.

— Meu plantão acaba daqui a meia hora. Quer se encontrar comigo? — ela convida.

— Estou indo para a sua casa! — Sorrio, encerrando a ligação.



Chego ao apartamento que meu irmão divide com a Olívia antes dela e me sento na calçada para esperá-la, já que meu irmão jamais deixaria uma chave da sua casa onde eu pudesse encontrar. Cerca de dez minutos depois, Liv passa de carro e abre o portão automático. Entro no prédio e espero por ela na porta que dá para os apartamentos. Assim que para perto de mim, joga os braços em volta do meu pescoço e me puxa para dentro, sem me soltar.

— Eu sinto muito pela sua mãe. Eu também não sabia. O Adam nunca tocou no assunto. Fiquei sabendo ontem, quando a chuva caiu e ele ligou desesperado — ela se desculpa, antes que eu a acuse de mentir para mim de novo. Mentir, omitir, dá tudo na mesma. Se resumem a ocultar a verdade.

— Ele está bem? — Não me passou pela cabeça me preocupar com meu irmão durante essa história toda. Merda. Sou uma péssima irmã.

— Ele já superou isso há muito tempo — ela me tranquiliza. — O Adam não tem as mesmas lembranças que você tem. Ele apagou a mãe de vocês da vida dele, Eva. Nem se lembra dela.

— Eu sei. Ele era muito pequeno quando ela morreu. Acho que é melhor assim, né? — Dou de ombros, meio

chorosa. — Mas e você, como está? Sua cara também está péssima!

— Bom, ainda não estou grávida, acho que isso responde a sua pergunta — reclama, com uma careta divertida. — Como as mulheres têm filhos pelo mundo a torto e a direito sem nem mesmo querer e eu não?

— Calma, vocês vão conseguir. — Bom, vou ser piegas agora. — Para tudo tem seu tempo... — Ok, calo a boca, porque o olhar dela está me assustando e eu sou tão impaciente quanto ela. Eu a entendo.

— Seu irmão não parece muito preocupado, mas eu estou. Já tentei cada um dos truques. Medi a porcaria da temperatura para saber meu período fértil, comprei testes de ovulação, obriguei seu irmão a transar comigo dia sim, dia não para não comprometer a qualidade dos...

— Amiga, informação demais — acuso, tapando os ouvidos.

— Eu só tenho você para conversar sobre o assunto, então deixa de ser filha da puta. Senta aí e me ouve.

E é o que eu faço. Pela hora seguinte fico por dentro de todos os tipos de artimanhas para engravidar, tão bons que não fizeram efeito até agora. Quando estou quase morrendo de tédio e considerando seriamente saltar pela janela, uma chave é enfiada na fechadura e

vejo meu irmão passar pela porta, arrancando a gravata. Juro por Deus que nunca fiquei tão feliz por vê-lo.

Adam atravessa a sala e vem direto me dar um abraço apertado.

— Como você está?

Estou ficando de saco cheio dessa pergunta, e agora da sua mulher...

— Bem, e você? — Escolho ser simpática, esquecendo momentaneamente meu amado carro.

— Eu estou bem. Minha maior preocupação é você. Me desculpe por essa ter sido mais uma coisa que não te contei. Eu não ia suportar contar que ela... — Ele faz uma pausa, parecendo triste, e eu decido que, se ele calar a boca da Liv, vou deixar essa passar.

— Não se desculpe. Foi melhor saber, mas eu também gostaria de nunca ter ficado sabendo...

— Quer conversar sobre isso? — Ele me puxa para o sofá. Posso ver pela sua expressão que conversar sobre a mamãe seria a última coisa que ele gostaria de fazer na vida, e fico grata por aceitar fazer isso por mim, mas também vejo que se ressentia dela e guarda muito mais mágoas que eu pelo que ela fez. Ele era só um bebê, porra! Que tipo de mãe nós tivemos, e, acima de tudo, como eu pude me enganar tanto a respeito dela?

— Não, não quero.

Adam parece aliviado e preocupado ao mesmo tempo.

— Para onde você foi? Eu te procurei pela cidade toda embaixo de chuva — ele resmunga quando se dá conta de que estou mesmo bem, ou, no caso, fingindo estar muito bem.

— Desculpa por isso. Eu fiquei por aí, mas parei onde sempre paro.

Ele assente, como se soubesse.

— O Gabriel ligou.

Claro que ligou.

— Vou morar com ele um tempo — conto, abrindo um sorrisinho descarado. — Até vou ganhar uma cópia da chave — me gabo.

Sua expressão muda para uma carranca zangada e eu sorrio, achando divertido vê-lo sentir ciúme. Bom, o ciúme na verdade é de Gabriel e não de mim, mas acho bonitinho mesmo assim.

— Não sei se é uma boa ideia — ele diz, olhando para Olívia. — Por que você não vem pra cá? Ficar com a gente...

Não entendo a reticência por eu ficar na casa de Gabs. Não é a primeira vez, e, dada minha falta de sorte/macho/dinheiro, imagino que também não será a última. Mas, antes, que eu possa responder, o

despertador do quarto deles toca e Olívia me encara com as bochechas coradas.

— Por que o despertador de vocês está programado para este horário? — pergunto, me divertindo com a expressão envergonhada dos dois.

— Eu estava te contando sobre os métodos para engravidar e, bom, ainda não tinha chegado ao último item da lista... — ela confessa, sem jeito.

— Vocês querem dizer que o despertador avisa quando vocês...? — Até tentei segurar, mas a gargalhada sai mesmo assim. Eu me levanto e pego a bolsa. — É por isso que eu prefiro ficar na casa do Gabs — digo, sarcástica, saindo pela porta sem me despedir. Estou gargalhando e, antes de me ver pelas costas, os dois já estão no maior amasso no sofá.

Quando chego à rua, meu celular volta a tocar. Olho para o identificador de chamadas: Benjamin. Não atendo. Ainda não sei como me sinto em relação ao beijo, muito menos à vontade de beijar meu melhor amigo. A esta altura do campeonato, não sei como me sinto em relação a nada. Decido ligar para o meu pai.

— Filha — ele diz, aliviado, assim que atende. — Graças a Deus, você está bem! O Gabriel me avisou que você iria dormir lá. Me perdoa, querida, por favor? — ele implora, com a voz embargada, atropelando as palavras.

— Você está no trabalho? — pergunto, ainda extremamente magoada com ele, mas desta vez tenho que ceder, porque meu pai foi o maior prejudicado pela minha mãe. Se eu seguisse em frente em culpá-lo por esconder isso de mim, estaria descontando na pessoa errada. Ele fez o que achou que seria certo: me protegeu.

— Estou sim — ele despeja, com uma esperança mal disfarçada.

— Posso passar aí? — Mordo o lábio e aguardo sua resposta.

— Claro que pode. — Sinto alívio e um sorriso na sua voz. Sorrio também.

— Então até daqui a pouco — digo, encerrando a ligação.

Caminho rápido até o posto de gasolina na Pedro Lessa. Quando chego, avisto meu pai em pé, em frente à janela de sua sala. Subo correndo a escada, gritando um “oi” para os frentistas, que acenam e me desejam boas-vindas à cidade. Estou ansiosa. Neste momento, volto a ser a menininha frágil que precisa apenas do colo do pai para que tudo fique bem outra vez. Eu o encontro me esperando na porta com os braços abertos. Fungo e me jogo sobre ele, chorando. Olhar em seus olhos, ver a compaixão e o amor dentro deles, faz as comportas se abrirem e eu desejar seu conforto.

— Calma, querida. — Ele passa uma das mãos pelas minhas costas e me abraça com a outra enquanto molho seu pescoço com minhas lágrimas.

— Como ela pôde? — sussurro, devastada.

— Não sei, filha. Eu realmente não sei. — Ele me conduz para a sala e fecha a porta. Então me puxa até o sofá e se senta comigo. — Eu não sei, querida — repete.

— Eu li a carta, pai — conto, me virando para olhá-lo nos olhos. Ele perde a fala, pisca uma, duas, três vezes e nada sai de seus lábios.

— Carta? — pergunta por fim, fechando os olhos em um lamento.

— Você sabe de qual carta eu estou falando.

— Eu joguei aquele papel no lixo há muito tempo — lembra, perdendo-se em pensamentos.

— O Gabriel guardou, porque achou que um dia eu deveria saber. Que eu deveria ler.

— Meu Deus — ele diz, colocando uma mecha do meu cabelo para trás. — Você merecia a verdade, e eu fico grato por não ser eu a te contar. Sinto muito pelos anos de silêncio, Eva. Essa história ainda machuca, como se eu tivesse lido aquelas palavras ontem. Como se eu tivesse descoberto há pouco tempo, e não quase vinte anos atrás, que a mulher que eu amava era outra pessoa.

— Sinto muito pelo que a mamãe fez — digo, passando a mão por sua barba por fazer. — Sinto muito por ter saído de casa e ter ficado brava com você. Me perdoa?

— Eu não tenho nada para perdoar. Você tinha razão. Eu deveria ter contado. Não só isso, mas sobre o casamento também. Então, eu não quero que você me peça desculpa. Só quero que volte para casa.

— Não quero ficar perto da Alice por enquanto. Vou ficar mais alguns dias no Gabriel. Ainda não consigo me acostumar a ter outras pessoas em casa. A essa nova vida — digo, lembrando do ciúme que senti ao vê-lo rodeado por aquelas mulheres que mal conheço.

— Ah, querida. Eu sinto tanto por isso! Eu sabia que você ia ficar uma fera, mas não achei que a notícia do meu casamento iria te desestabilizar tanto. Não achei que Alice pudesse ser tão imatura a ponto de te machucar. Eu sabia que você ficaria com ciúme, ciúme de mim e do Gabriel, mas não sabia que ia chegar a isso tudo.

— Tudo bem, pai. Depois do que eu descobri ontem, só quero que você seja feliz — digo com sinceridade. — Se isso inclui a Clara, a Juliete e a cria do demônio, o que eu posso fazer?

— Obrigado. — Ele sorri com tristeza.



— Só me dá um tempo para engolir aquelas...  
mulheres — peço, provocando um sorriso nele.

Fico ali mais algumas horas, conversando, rindo, roubando chocolates, mexendo em suas coisas, impedindo que trabalhe e fazendo o que sei fazer de melhor: perturbar meu pai. Mas acho que ele gosta. No fim do dia, consegui tirar toda a tristeza que estava nublando seus olhos.

Já a minha continuou por aqui.

## Gabriel

Estou terminando de preencher a papelada de uma prisão em flagrante quando meu ramal toca. Empurro a pilha de papéis e atendo.

— Ela está morando na sua casa? Vai ganhar uma chave? Eu nunca ganhei uma chave! — reclama Adam, sem um bom-dia ou mesmo um como vai. O problema da falta de educação mascarada em forma de praticidade, que atinge também a mulher que espera não ter nenhum copo limpo no armário para só então dar um jeito na pia transbordando, é um problema de DNA. — O que você tem na cabeça?

— A sua irmã vai me enlouquecer, Adam! — Eu me recosto na cadeira, suspirando, derrotado. Convenhamos, preciso conversar com alguém, mesmo que seja alguém tão babaca quanto meu melhor amigo.

— Foi uma péssima ideia, Gabriel. Péssima.

— O que eu deveria fazer. Deixá-la na rua? — resmungo.

— Você podia tê-la deixado em uma cestinha na minha porta! Ela tem irmão, sabia? — Ele está mais que irritado.

— Claro, para a Eva assistir você e sua mulher se pegando que nem coelhinhos no cio. Ia durar muito tempo mesmo... — Nem um dia, rio comigo mesmo. Meu instinto me diz que não duraria um dia. — Ela daria o fora assim que soubesse para que vocês usam o despertador — comento, tirando uma com a cara dele.

— Isso não vem ao caso — ele responde, a contragosto, querendo fugir do assunto.

— Vem sim. Você só pode me dar lição de moral quando finalmente engravidar a sua mulher. Até lá eu não vou escutar nenhum conselho seu. — Eu rio, mas ele não acha a menor graça.

— Ficar longe da minha irmã não é um conselho. É uma ordem! — ele rebate, decidido, como se eu aceitasse ordens de alguém.

— Pelo amor de Deus. Eu nunca faria nada que pudesse prejudicá-la...

— E quem falou que eu estou preocupado com a Eva? É você que me preocupa, seu inútil. Ela sabe se cuidar

muito bem sozinha. Já você é um idiota que não consegue largar o osso.

Ah, sim. Agora faz sentido!

— Eu larguei. Estou com a Alice, lembra? — minto descaradamente.

— Você não gosta da Alice. Ela é só um tapa-buraco — ele sentencia, acertando em cheio sobre o jeito como encaro minha namorada. — Aliás, essa é outra coisa muito idiota. Você vai machucar essa menina à toa. Isso se a minha mulher não matá-la antes.

— Eu sei, Adam, mas eu gosto dela. — Desta vez não estou mentindo. Não completamente. Estou encantado por Alice, mas a cada novo dia ao lado de Eva percebo que o encantamento por minha namorada tem mais a ver com o fato de Alice ser apaixonada por mim. É bom ser amado, para variar.

— Então por que a minha irmã está te deixando louco?  
*Touché!*

— Elas são muito diferentes. — Eu suspiro, sem saber ao certo como explicar. — É a sua irmã que eu amo, e é o futuro explosivo que ela me daria que eu queria de verdade, mas estou gostando de ficar com a Alice. A gente combina. Se eu me permitir ir em frente, nós podemos ter um futuro juntos, um futuro confortável, e acho que basta. Isso parece muito confuso para você?

— Completamente — ele dispara, antes mesmo que eu termine a pergunta. Não estou surpreso. Eu não esperava mesmo que ele entendesse. Para Adam sempre existiu somente Olívia. O amor para ele é natural, já que sempre foi correspondido.

— A sua irmã agora deu pra agir de um jeito estranho. Pode ser só a minha imaginação, e a da Alice também, mas eu tenho quase certeza de que a Eva ia me beijar. Nós tivemos uma conversa muito louca no carro agora há pouco... Acho que eu levei um fora, sei lá, não sei mais nada. — Nem sei por que lhe conto isso. Simplesmente sai antes que eu possa impedir, mas, já que comecei, decido terminar enquanto o ouço dar uma golada no copo de café que sempre tem nas mãos. — E não é só isso... É essa proximidade toda. Ela ficou fora por muito tempo, eu me habituei a viver sem ela, a curtir a Alice sem pensar em mais nada. Era só saudade da Eva, não era presença. Agora a mulher que eu sempre amei está dormindo na minha cama.

— Dormindo onde? — ele pergunta, em meio a um barulho alto de quem engasgou.

Hum, acho que fiz Adam cuspir o café.

— Na minha cama — repito, escutando-o tossir sem parar.

— A minha irmã está dormindo na sua cama? — ele fala devagar, mesmo sabendo que sempre fizemos isso.

— Qual o problema?

— Vocês não têm mais idade pra isso! Você gosta dela. É tortura! — ele resmunga, parecendo cansado. — Para de ser idiota. É a porra da minha irmã, Gabriel! Jesus, eu me sinto entre duas espadas! Que carma! — Ele é dramático. Vou provocar, mereço um pouco de diversão hoje.

— Eu só penso em como quero beijar a Eva, como quero tirar a roupa dela...

A linha fica muda. Ele desligou na minha cara.

Giro na cadeira e espero.

O telefone toca novamente segundos depois e eu atendo sorrindo. Tão, tão iguais.

Farinha do mesmo saco é o termo que define melhor os dois irmãos que eu mais amo na vida.

— Ok, eu posso aguentar. Vou fingir que não estamos falando da minha irmãzinha na sua cama e te dar um conselho, entendeu? — Antes que eu responda, ele continua. — Só cala a boca e escuta! Se você realmente ama a Eva, como eu acho que ama, para de ser frouxo e conta de uma vez para ela. Você não tem mais nada a perder. Agora, se você está determinado a esquecê-la, siga em frente, para de ficar plantado no mesmo lugar.

Está aí há anos! Você tem que ser feliz, cara, então dá um jeito de isso acontecer. Agora, tchau. — Ele desliga de vez na minha cara, sem esperar pela minha resposta.

Ele tem razão, e eu sei disso. Preciso escolher. Como se a escolha não fosse óbvia até mesmo para minha namorada. Eva sempre será minha escolha. Mas não posso impor nada a ela neste momento. Eva está fragilizada, acabou de sair de um relacionamento, de voar de volta para casa, encontrar tudo diferente e descobrir o segredo de sua mãe. Não é o momento certo para que eu também me torne um problema.

Dirijo para casa me sentindo cansado, sonolento e enjoado. Imagino que ter tomado chuva ontem para ir atrás de Eva não tenha me ajudado a dar fim na tosse insistente que teima em aparecer e desaparecer quando bem entende há alguns meses. Acho que estou ficando velho, ou então alérgico a alguma coisa.

Paro o carro na garagem me preparando para mais uma briga, porque notei o carro de Alice estacionado do outro lado da rua. Entro me amaldiçoando por ainda não ter dado um fim na chave reserva que insisto em deixar debaixo do vaso, mas a casa está em silêncio. Subo a escada me arrastando, implorando para que Alice seja rápida e me deixe dormir um pouco, e levo um susto

quando abro a porta do quarto e, em vez de gritos, a encontro sem roupa na minha cama.

— Essa é a sua maneira de fazer as pazes? — pergunto, incrédulo, olhando para seu corpo descoberto. Por que Eva não me pede desculpa assim? Ia ser tão mais divertido.

— Foi a melhor forma que encontrei.

Não sei o que fazer. Porra, tem uma mulher pelada a cinco passos e eu só consigo pensar em mandá-la se vestir e dar o fora da minha casa. Qual é o meu problema? *Eva*, responde minha consciência. Convenhamos, é um problema enorme.

— Vista a roupa, Alice — ordeno.

Ela me encara, magoada. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Não é assim que nós vamos resolver as coisas, ok? Isso não conserta nada para mim. — Dou de ombros.

— Por que você não diz logo que é apaixonado por ela? — Ela se levanta e recolhe as roupas do chão com uma ferocidade impressionante.

— Preciso mesmo dizer? Eu acho que isso é óbvio, não é? — Solto as palavras com um suspiro. Adam tem razão. Não é certo continuar levando isso adiante. Não posso tocar na mulher que está à minha frente pensando em outra. Não seria justo com ela e muito menos comigo.



— Então você está dizendo na minha cara que ama a Eva? — Ela para diante de mim.

— Eu sinto muito. Sinto de verdade, Alice — falo, torturado. — Pensei que seria diferente quando ela voltasse para casa, mas não foi.

— Está terminando comigo?

Mais claro que isso, só se eu desenhar nas paredes, por isso faço um movimento de cabeça.

— Eu quero escutar de você! — ela berra.

— Acabou — afirmo com determinação, em um tom neutro de voz. Ela fecha os olhos por um breve momento, voltando a abri-los em seguida. Olha para mim com lágrimas grossas se formando enquanto veste a calcinha e sai às pressas do quarto, ainda brigando com o vestido.

Um instante depois, escuto a porta da rua bater.

*Isso podia ter sido melhor*, penso, esfregando o rosto com as mãos.

Decido tomar um banho rápido. Vou esperar Eva chegar em casa, ignorar o mal-estar e levá-la para jantar em algum lugar que tenha um bom hambúrguer, isso com certeza vai alegrá-la. Entro no banheiro e me olho por um instante no espelho, com as mãos espalmadas no mármore da pia. Minha aparência está péssima.

Tiro a camiseta, e esse gesto simples me provoca uma tontura repentina, me obrigando a me escorar na parede

para não cair. Respiro lentamente, mas não adianta. O chão desapareceu.

Sinto que estou prestes a desmaiar e tateio rapidamente o bolso do jeans à procura do celular. Minha visão escurece no momento em que meus dedos correm pelas últimas ligações feitas. Acabo apertando um número a esmo, esperando fortemente que seja o de Rafael, mas não tenho tempo de descobrir. Assim que quem quer que seja atende, a única coisa que consigo fazer antes de vacilar é dizer que preciso de ajuda.

Depois, nada.

*Nem vi o chão.*

## Eva

— Eva?

Viro para trás, ainda mantendo a chave na fechadura. Encontro Benjamin saindo do carro depois de estacionar em frente à casa de Gabriel.

— Oi? — cumprimento espantada por vê-lo. — O que você está fazendo aqui? — pergunto, curiosa, enquanto continuo a abrir a porta.

— Eu poderia te fazer a mesma pergunta. Você sabe do Gabriel? — ele devolve, com urgência.

— A gente se viu de manhã, quando ele saiu para trabalhar. Por quê? — arqueio as sobrancelhas, confusa.

— Ele me ligou há alguns minutos, me pediu ajuda e depois a linha ficou muda.

Enfio a mão na bolsa atrás do meu celular na mesma hora, com o coração saindo pela boca, porque isso é ruim. Gabriel não pede ajuda.

— Ele não está mais atendendo — Ben avisa quando ergo a mão, segurando o aparelho, mas não respondo. Estou ocupada ignorando o frio na barriga enquanto continuo procurando por um número nos contatos. Se Gabriel estiver com problemas, Rafael vai saber. Ele atende no terceiro toque.

— Cadê ele? — pergunto, na lata.

— Saiu faz uma hora, Evinha. Está tudo bem? — ele pergunta quando solto um lamento.

— Não sei ainda — respondo, olhando para a garagem, apavorada. — Merda, Rafael! — grito.

— O que foi? — ele indaga, urgente, percebendo, pelo meu tom, que algo deu errado por aqui.

— Ele ligou para o Ben e pediu ajuda, depois sumiu. Mas o carro está na garagem — conto, em pânico.

— Sai da casa — ele ordena, com autoridade, mas a esta altura já entrei, à procura de Gabriel.

— Gabriel? — chamo, sem obter resposta.

— Sai da casa, Eva! — Rafael vocifera. Agora ele está com medo.

— Já saí — minto.

Disparo escada acima depois de apontar a porta da cozinha para que Benjamin olhe no jardim.

— Tem alguma coisa errada aqui. Estou sentindo o cheiro dele...

— Você não estava fora da casa?! — Rafael urra.

Gabriel já me fez repassar isso um milhão de vezes. Se eu entrar na casa e achar que tem alguma coisa estranha, preciso sair correndo e ir para o mais longe possível.

— Não vou a lugar nenhum com o carro dele na garagem, Rafael. — Sou bruta, para que ele cale a droga da boca. Sei que já mandou alguém para cá e está vindo também. Posso ouvir as ordens que está cuspidos aos garotos. Em segundos a rua vai estar cheia de polícia.

— Então continua falando comigo — ele instrui. — Já mandei as viaturas mais próximas até aí. Eu e o Rodrigo estamos a caminho. — Escuto o barulho de uma sirene ao fundo ao mesmo tempo em que meus olhos desviam para o banheiro e meu mundo cai.

— Não precisamos da polícia — gaguejo. — Precisamos de uma ambulância, Rafael. *Rápido!* — É tudo que consigo dizer antes de cair no choro. Assim que escuto um palavrão e tenho certeza de que ele entendeu o recado, o celular cai das minhas mãos e eu disparo em uma corrida alucinada, derrapando em cima do corpo desmaiado no chão do banheiro.

Coloco as mãos no seu rosto, sentindo meu sangue virar gelo, e o observo atentamente, cada detalhe. Gabriel parece apenas inconsciente, não tem sangue em

lugar nenhum, e isso me tranquiliza um pouco. Mas não dura.

— Fala comigo — ordeno, alisando suas bochechas com o polegar. Ele não tem reação. — Gabriel, pelo amor de Deus, fala comigo! — imploro, acertando um tapa de mão aberta no seu rosto. Também não surte efeito.

Quando dou por mim, estou sendo afastada por um par de mãos conhecidas enquanto dois paramédicos prestam os primeiros socorros. Não escutei ninguém entrar. Rafael me aperta contra seu corpo e mira em mim os olhos avermelhados e cheios de lágrimas que ainda não caíram.

Benjamin observa tudo em silêncio, sentado nos pés da cama.

— O que está acontecendo, Rafa? — pergunto, caindo no choro, enquanto eles tiram Gabriel do banheiro em uma maca.

— Não sei, mas parece melhor do que todos os cenários que passaram pela minha cabeça quando fiquei berrando com um telefone mudo.

— Me perdoa por te assustar. Eu me desesperei. — Ele afaga meu cabelo para me dizer que está tudo bem, mas ainda parece assustado.

— Vai com ele. Eu sigo vocês — ele pede, me apertando mais forte e me soltando.

— Ok — respondo, me voltando para Benjamin. — Obrigada por tudo, Ben. — Dou um rápido aceno, mas antes que eu saia pela porta o vejo ao meu lado.

— Eu vou com vocês. Não vou ficar tranquilo enquanto não souber que o Gabriel está bem — ele explica com gentileza. Eu assinto e saio do quarto, seguindo os paramédicos com os dois no meu encalço. Não perco Gabriel de vista. Ele ainda tem os olhos fechados.

Tudo é um borrão.

Parece que estou pisando em vento.

Não tenho chão.

Sem Gabriel eu não tenho chão.



Minutos depois, quando Rafael e Benjamin chegam ao pronto-socorro do Ana Costa, já ameacei um médico de morte, briguei com três enfermeiras e consertei uma máquina de refrigerante na porrada — chutei a cretina com vontade até ela cuspir uma Coca-Cola. Também passei agradáveis momentos insultando o segurança que tentou me deter, e agora está olhando com suspeita para o maço de cigarro na minha mão enquanto ando de um lado para o outro, na recepção, tentando distraí-lo. Ele já arrancou uns quatro cigarros da minha boca assim que

acendi. Para alguém do seu tamanho, o cara até que é bem rápido.

Preciso fumar.

Muito.

Mas nem se precisasse morrer eu sairia deste hospital.

Estou me contentando com aquelas quatro tragadas profundas que consegui dar.

— Como ele está? — Benjamin pergunta.

— Ninguém me diz nada. Eu não sei, droga! — choramingo, com mais lágrimas saindo dos olhos. Virei uma torneira. Não saber é o que mais me consome, e, enquanto estou nesta aflição, me transformo em uma grossa que cospe a primeira coisa que passa pela cabeça. — Eles o levaram para dentro e pediram para eu esperar que o médico viria falar comigo — conto, tremendo de frio e raiva. Rafa ameaça tirar sua jaqueta, mas Benjamin é mais rápido e eu não faço cerimônia de pegar, porque o ar-condicionado está mesmo no nível “transforme um ser humano em picolé”. — Vai lá ver o que uma carteirada pode fazer, Rafael.

No fim, uma carteirada nos disse que ele está fora de perigo, e meia hora depois somos informados de que ele está dormindo, mas que podemos vê-lo. Benjamin fica falando com o médico enquanto eu corro para o quarto.



Ele demora mais de uma hora para aparecer e, quando abre a porta, seu rosto está sem cor.

— O que o médico disse? — pergunto, assustada.

— Que passa aqui amanhã de manhã — diz, desviando os olhos para Gabriel.

Ele está dormindo desde que cheguei, até agora não acordou. E eu? Eu tô na cama bem agarrada a ele, com um medo do caramba de ele fugir de mim.

— Tudo bem, mas ele pelo menos explicou o que aconteceu? — insisto.

— Uma crise de estresse — ele responde, levantando os olhos para me encarar, e eu assinto. Um peso que eu nem sabia que carregava é tirado das minhas costas. — Pode ir para casa. Se você quiser, eu fico com ele.

— Eu não vou sair do lado desta cama, Ben — rosno, apertando a cintura do Gabs mais forte. Sei que estou na defensiva, mas nem o papa me arranca deste hospital até Gabriel sair comigo pela porta da frente.

— Então eu fico com você — ele diz, se sentando no sofá no canto do quarto enquanto me aninho mais, deitando no ombro de Gabriel.

Não largo até ele abrir os olhos, piscar lento e sorrir para mim. Só aí eu finalmente vou conseguir me acalmar. Só ele sabe fazer isso.

## Eva

Gabriel prometeu para o médico que iria seguir à risca a ordem de tirar alguns dias de folga para cuidar da saúde quando recebeu sua carta de alforria, três dias depois do desmaio. No entanto, assim que o cretino colocou o nariz mentiroso na rua, mudou de ideia.

— Você não vai trabalhar hoje! — determino pela milésima vez, depois que Benjamin o ajuda a se instalar no sofá.

— E quem vai me impedir? Você? — debocha.

— Para de testar a minha paciência, Gabriel! Eu sou pequenininha, mas bato forte.

— É, eu sei disso muito bem. Ainda lembro o que você fez comigo por causa daquele maldito pacote de biscoito quando a gente era criança. Repasso a cena na minha cabeça sempre que olho nesses seus olhos maldosos. — Ele faz uma careta.

— Você não vai tirar a porcaria da sua bunda daí nem para pegar um copo de água, entendeu bem? Acabou de sair do hospital, caramba! E, só para constar, o nome certo é bolacha — resmungo, irritada com sua falta de interesse em colaborar.

Ele precisa descansar, mas teima no lance do biscoito. Ô, coisa chata. O estresse pode acabar com uma pessoa se ela não tomar cuidado. Estranhamente, a pessoa mais estressada do mundo parece imune a isso, ou seja, eu. Vaso ruim não quebra mesmo!

— Você não manda em mim! — Ele tenta jogar uma almofada na minha cara e erra.

— Como você acertou aqueles dois caras com essa mira, hein? — pergunto, curiosa.

— Errei agora porque eu quis, sua babaca.

Ergo as sobrancelhas, fingindo duvidar, mas acredito nele.

— Se quiser sair desta casa, vai ter que passar por cima de mim primeiro. E, como agora ficou provado que você não tem coragem de me dar nem uma almofadada, acho que estamos conversados.

— Ela tem razão. Fica quieto uns dias, Gabs — Benjamin se intromete.

Ele abre a geladeira, pega uma garrafa de cerveja e arremessa um refrigerante para a mula antes de fechar,

não sem antes me perguntar se eu queria alguma coisa. Recuso, imaginando que Gabriel vai xingá-lo por se sentir tão à vontade ou ao menos fazer uma de suas caretas de desagrado, mas eles apenas se olham, cúmplices, e a mula assente, em concordância.

Não sei o que de fato aconteceu naquele quarto de hospital todas as vezes em que descii até a cafeteria para me abastecer de cafeína e fumar um cigarrinho e abandonei os dois sozinhos. Mas posso apostar meus peitos — o que não é lá muita coisa, eu sei — que algo aconteceu, porque a hostilidade que antes habitava ao redor dos dois está quase desaparecendo. Só falta trocarem de time. Com a sorte que eu tenho, quem duvida?

— Bom, eu preciso trabalhar — anuncio com voz de sofrimento genuíno. — Porque eu não tive uma crisezinha de estresse à toa e ganhei um atestado — provoco.

— Se quiser, pode ficar com o meu — Gabriel oferece, solícito, e eu reviro os olhos.

— Eu vou ficar com você. Cancelei as reuniões de hoje — Ben avisa.

— Só eu me ferro, então? — resmungo. — Você não acha que já está há muito tempo na moleza?

Ben passou esses três dias conosco no hospital. Só saiu para buscar algumas mudas de roupa no hotel. As

minhas eu nem tive tempo de pedir que alguém trouxesse, porque na manhã seguinte abri os olhos e encontrei minha quase irmã mais nova parada na minha frente com uma sacola nas mãos. Tenho de admitir que gosto dela. Juliete trouxe minhas roupas e tudo o que eu pudesse precisar assim que soube o que tinha acontecido, pois imaginou que eu não sairia do lado de Gabs. Quase dei um beijo na boca da menina. Tô assim ultimamente, quase beijando todo mundo e não beijando ninguém.

— Eu posso. O meu chefe está do outro lado do oceano. — Ele dá de ombros.

Respiro fundo para não enfiar a mão na cara dele por lembrar que sou uma pobre sofredora, que tem como chefe a própria mulherzinha do pai, e me arrasto para fora de casa sem nem trocar de roupa, atrasada para encontrar meu pirralho. Só paro para dar um beijo na bochecha do Gabs. Para Ben eu apenas aceno, e os olhos do Gabriel sorriem quando percebe isso. *É, eu prefiro você!*

Guilherme bateu em alguém hoje, e a querida do papis me ligou. Parece que ele não aceita a outra psicóloga, só fala comigo. Acho que é porque não fala, né? Menino esperto. Mas eu também sou e tenho uma ideia. Hesito na porta e entro correndo de volta para

pegar alguns itens indispensáveis para minha consulta de hoje: um DVD, o preferido do Gabs, e um saco de pipoca de micro-ondas. Quando estou me preparando para sair novamente, Gabriel me chama:

— Eva?

— Eu — respondo, colocando minha linda cabecinha no vão da porta.

— Já que eu estou preso aqui, pega o carro.

— Eu já te disse hoje como você é perfeito, maravilhoso e gentil? E que eu te amo mais que bolacha?

— Ele revira os olhos e eu pego a chave que me arremessa.

— É biscoito! — sussurra quando pulo em cima do seu corpo lhe arrancando o ar, lhe enchendo de beijos, como ele merece. O idiota me assustou demais.

Depois saio correndo para dentro do Lancer antes que ele mude de ideia, ignorando os olhos de Ben, que não saíram do chão.

Enfim, foi ótimo, porque passei de atrasada para adiantada, o que me deu certo tempo para fazer o que planejava. Entro sorrateiramente na sala dos professores, encontro o micro-ondas e estouro minhas pipocas com manteiga. Aproveito para fuçar na geladeira e roubar duas Cocas de algum pobre coitado.

Vamos ver se aquele pirralho não vai falar comigo hoje!

Vou para minha sala, coloco *Rambo* no aparelho de DVD e me sento confortavelmente no sofá, comendo minha pipoca. Pouco depois Guilherme entra — parece que bate naquele pobre menino todo dia — e se senta em seu lugar de costume, olhando para mim com interesse. Em questão de minutos já está envolvido com o filme, mas não para de me dar olhadelas para ver o que estou fazendo. Continuo devorando a pipoca. Claro, comida de hospital é uma merda. Eu precisava de gordura no meu organismo, senão quem teria um ataque seria eu.

— Vai beber as duas Cocas? — pergunta, enquanto estou no meio de uma golada.

— Depende — respondo, olhando para o filme e não para ele.

— De quê? — Ele faz uma careta, erguendo as sobrancelhas, o que enxergo com minha ótima visão periférica. Garoto ingênuo.

— Se você vai querer a outra ou não.

Ele pisca algumas vezes e pensa antes de responder com cuidado:

— Eu quero.

— Então pega, ué. — Dou de ombros, e Guilherme faz o que eu mando, mas não me agradece. Eu não esperava realmente que o fizesse. Instantes mais tarde, ele se vira novamente para mim. Por isso eu esperava.

— Posso comer também?

Eu o encaro com um minúsculo sorriso vitorioso nos lábios e bato no sofá ao meu lado, um sinal para que mude de lugar e chegue mais perto. Por nada no mundo vou soltar o saco de pipoca — que por sinal está uma delícia. Novamente ele faz o que pensei que faria: me deixa enganá-lo. Não conversamos mais; o menino se limita a comer e a assistir ao filme, exatamente como eu. Ao final da sessão, sorri para mim, antes de limpar a mão engordurada disfarçadamente no meu sofá e de sair pela porta.

Eu me sinto feliz. Não sei por que não tinha pensado em ganhá-lo pelo estômago antes. Funciona com a maioria das pessoas, inclusive comigo. Mesmo que não tenhamos falado sobre nada importante, essa foi a conversa mais longa que tivemos.

Quando chego em casa, encontro um bilhete de Gabriel.

Passei por cima de você, que foi bem pouco inteligente de não me trancar em casa, e fui



trabalhar. O mundo é dos espertos, minha garota!  
Amo você.

Por que ele me emprestou o carro, então? Só ele para ir trabalhar a pé me deixando usar o seu carro. Esse altruísmo dele me incomoda. Eu nunca conseguiria fazer o mesmo, não pensar em mim primeiro, nem se quisesse. Que bom que ele me ama errada mesmo. Minha vida sem ele ia ser um saco — e nem é pelo carro: é por tudo de bom que ele tem por dentro. Gabriel tem as partes boas que faltam em mim. Sou melhor com ele na minha vida.

Sem o fujão para perturbar, não tenho absolutamente nada interessante para fazer durante a tarde e resolvo me distrair. Dou uma boa limpada no muquifo em que moramos, o que deveria ser filmado para a posterioridade, porque foi a primeira vez que eu limpei uma casa na vida. Não ficou lá muito bom, mas o que vale é a intenção, isso se Gabs não descobrir sobre os quatro copos que quebrei tentando diminuir o Everest no qual transformei a pia e que, em vez de lavar o banheiro, só passei um paninho. Não sei fazer melhor que isso. Mas quando termino ainda estou entediada, pelo menos até ter uma ideia: vou planejar um jantar para comemorar o fato de Gabriel estar se sentindo bem o suficiente para

fugir de mim, assim nós podemos reunir os amigos e distraí-lo um pouco. O grande problema do meu plano é que eu não sei cozinhar e não tenho um real no bolso.

Ligo para ele. Gabs sempre resolve meus problemas.

— Preciso de uma grana emprestada — disparo assim que ele atende.

— Boa tarde para você também, sanguessuga — ele reclama, mas percebo que está sorrindo do outro lado da linha.

— Não dou boa-tarde para homens que fogem sorrateiramente de casa. Eles não são confiáveis — rebato.

— Homens que trabalham no circo também não, e isso nunca te impediu.

Ele me faz revirar os olhos.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, né?

— Não, não vou. — Nem sei por que perguntei se já sabia a maldita resposta. — E eu tive bons motivos para fugir. Você não teria me deixado sair de casa se estivesse aí — ele se defende, ainda rindo das minhas escolhas ruins.

— Não teria mesmo, e por isso você me deve uma. Fora que eu limpei este pulgueiro que você chama de casa. Até lavei a montanha de louça!

— Você quer dizer que limpou a bagunça que você fez, certo? — É isso aí. — Porque a minha casa era muito limpa quando eu morava sozinho. É da sua zona que ninguém da conta.

— Isso, joga na cara, seu ingrato! — resmungo, chateada.

— Para que você precisa de dinheiro? — pergunta, gentil.

Para um delegado, ele se importa bem pouco de ser assaltado.

— Comprar uma pedra de crack. — A linha fica em silêncio. — É brincadeira, besta — rio.

— Quando o assunto é você, nunca dá para ter certeza de nada, Eva.

— Vou comprar um jantar para comemorar o seu estado de saúde, que me parece espetacular. Pensei em chamar os nossos amigos. É por isso que você está sendo assaltado — conto, toda animada.

— Agora virou assalto? — ele pergunta, rindo. — Era um pedido quase educado há um minuto.

— Isso foi antes de você dizer que eu bagunço a nossa casa.

Se ele repara no *nossa*, não demonstra. Essa é uma técnica que eu quero tentar. Quem sabe se eu continuar falando no plural, Gabs acredite na mentira e me deixe

morar para sempre com ele neste sobrado bem arejado e sem madrasta. Não custa tentar, né?

— Então, só para ver se eu entendi direito: você quer que eu pague o meu próprio jantar de comemoração? — Ele parece incrédulo. Quem vê até pensa que não me conhece. Eu me benefico da carteira dele desde o dia em que Gabriel me comprou aquele pirulito.

— Se você falar mais alguma coisa, eu faço o gato de refém e aí vira um sequestro. Estou desesperada a esse ponto. Não tenho um tostão no bolso há semanas.

— Semanas, é? — pergunta, curioso.

— Você acha que eu estou gastando meus pés para trabalhar porque gosto das bolhas? E agora eu já me empolguei com a ideia e tenho a mentalidade de uma criança de sete anos. Vou ficar até sem dormir se você disser “não” — acrescento.

— Não duvido. — Ele suspira. — Eu nunca te disse “não” na vida, não sei por que você acha que eu diria agora, ainda mais por uma coisa tão besta quanto dinheiro. Mas agora quero que me explique como é isso de não ter um puto, sendo que você entrou em um avião meses atrás com uma boa grana na poupança — ele ordena, seco. O tom brincalhão já era, e eu me arrependo muito de ter aberto a boca, mas agora tenho que explicar.

— Eu disse para você que a minha poupança tinha ido para o saco por causa do “Britânico, ai, meu Deus, que macho lindo”. Ele torrou tudo. Sabe quanto custou a passagem de volta? Foi cara, Gabs — suspiro. — Era quase tudo que eu tinha.

Será que ninguém nunca presta atenção no que eu digo?

— Mas eu não sabia que a situação estava crítica a ponto de você ter que ir trabalhar a pé porque não tem dinheiro para o ônibus. Você devia ter me contado, Eva. Está sofrendo há semanas sem ter a menor, *menor* necessidade — frisa, ainda mais irritado. — Sério que você deixou o cara acabar com a sua poupança? Poxa, Eva! — ele esbraveja e eu o escuto dar uma porrada em alguma coisa.

— Eu acho que o Levi me viu digitar a senha, porque eu nunca contei. Quando descobri o rombo, já estava feito, e era tarde demais para chorar — explico, culpada. Odeio quando ele fica bravo. — Agora se acalma antes que tenha outro piripaque, por favor.

— Tô calmo — ele ruge.

— Engraçado, não parece. Mas e aí? Não tenho o dia todo. Vai me emprestar a grana? Sim ou não? — cobro com um resmungo. — Te pago quando receber meu salário, a propósito — emendo. Você ficaria

impressionado se eu dissesse quantas vezes já tivemos esse mesmo diálogo na vida.

— Você quer dizer nunca, né? — ele corrige. Já amansou.

— É, provavelmente — admito.

Antes eu até tentava pagar, mas, como Gabs nunca aceitou o dinheiro de volta, um dia parei de me fazer de difícil. Hoje, como não me resta nem dignidade, acho que não preciso mais mentir. Depois de tantos anos de amizade, nossos defeitos se tornaram tão normais quanto o ar que respiramos. Eu sempre fui do avesso, e pelo Gabs tudo bem; acho que ele me ama assim mesmo, maluca como sou. Ele me amou assim desde o comecinho, e eu retribuí amando todas as partes chatas e certinhas dele e o invejando por não conseguir ser igual, porque sou a idiota que deixou o namorado pilantra descobrir a senha do cartão e transformar o suado dinheirinho dela em muitas noitadas enquanto ela dormia. Mas isso não é algo que eu admitiria, nem sob a tortura de sete dias sem comer carne bovina. Bom, aí depende.

— Tem um cartão de crédito adicional da minha conta na terceira gaveta da cômoda. Quero que você fique com ele. Se precisar de dinheiro em espécie, saca. Pode usar para o que for, não precisa me pedir antes.

— Senha?

— É a mesma dos meus.

Ok, decorei essa mais fácil que as minhas.

— Talvez eu precise de sapatos novos, Gabs — aviso, me jogando no sofá.

— Então compra a porra dos sapatos. Agora vá planejar o meu jantar e me deixe trabalhar — ele rebate, rindo, mas parece se lembrar de alguma coisa, porque me chama antes que eu possa desligar. — Só não pode ser hoje à noite, tá?

— Por quê? — pergunto, curiosa.

— Vou me encontrar com um delegado de São Paulo para discutir uma investigação. Devo voltar amanhã, ou o mais tardar sábado de manhã. Pode ser no sábado à noite? É mais garantido que eu já esteja em casa.

Isso me chateia, porque não tínhamos tido a oportunidade de ficar sozinhos depois do que aconteceu.

— Eu queria conversar... — Sobre os quase beijos e a possibilidade de a gente dar um de verdade.

— Eu sei — ele me corta antes que eu termine. — Conversamos quando eu voltar, ok?

— Tá — assinto e desligo, deixando-o em paz.

Subo até onde ele me instruiu e acho o cartão de primeira. Tenho um faro bom para dinheiro. Encomendo o jantar para seis pessoas: nós dois, Adam, Olívia, Rafa e

Ben. Meu pai e Clara ficam de fora, embora tenham passado para ver Gabs no hospital. Preciso de mais tempo para engolir a presença dela na nossa vida. Meu pai está sendo paciente.

Sento no sofá e acendo um cigarro, pegando o celular e intimando todos a comparecer. Ligo na *Sessão da tarde* e me perco em um filminho chato até ouvir um miado bem conhecido vindo da porta que leva ao jardim.

Levanto e vou abri-la para o meu felino ranzinza.

— Então é aqui que você se esconde? — pergunto, irritada, deixando que Cupido entre. Não ganho nem uma esfregadinha na perna por ser legal com ele. — Como você conseguiu chegar, hein? São mais de vinte quarteirões! Sabe quanto eu procurei por você? Ama ele tanto assim? — Ele mia. — É, eu também — suspiro.

Cupido mia de novo e sobe no sofá, lambendo a pata, sem se dar o trabalho de me olhar, como se dissesse: “Problema seu, querida”. Agora me diz: se não tenho nem a capacidade de fazer um gato me perdoar, como vou conseguir resolver minha vida?



## Gabriel

— A Eva acreditou? — Benjamin pergunta.

— Ela não tem motivo para desconfiar. Nós enganamos bem — comento, me recostando mais no banco do carro dele, me sentindo péssimo por ter mentido. Por ter esperado que ela dobrasse a esquina para sair sorrateiramente. Eu não sou assim.

— Era uma quantia alta? — ele pergunta, curioso, me dizendo que escutou atentamente nossa conversa. Bom, dei um soco no painel do carro alugado dele. Não tinha como não se interessar depois dessa.

— Era. Ela estava no banco desde os dezoito anos, então acho que dá para estimar, né? — respondo olhando para minha cara fechada no retrovisor, irritado com a permissividade dela e com quão filho da puta o gringo foi. Tem que ser muito mau-caráter para tirar o dinheiro de uma garota assim. Ele se cala, porque já sacou que não vou especificar valores, embora eu saiba de cor até os centavos que havia naquela conta.

Nunca tivemos segredos para essas coisas.

Mas eu guardo outros dela...

Eva me pediu para deixar Levi no aeroporto no dia em que ele retornou a Londres, pois ela tinha que trabalhar e o pai e o irmão se negaram. Eu fui. Ele, muito sarcástico, jogou na minha cara, assim que estacionei em frente ao seu portão de embarque, que não demoraria uma semana para minha garota ir atrás — e eu sabia que estava certo. O ciúme que ele tinha de mim, o ciúme que eu tinha dele e a saudade que eu já sentia dela custaram bem caro para Levi. Nunca tive muita paciência com os namorados dela, de toda forma, mas aquilo foi uma afronta para mim. Se quer saber, eu estaria muito, muito arrependido agora se não tivesse batido com gosto no cara. Pelo menos posso considerar que essa merda já foi descontada com antecedência. Ele saiu do carro pingando sangue e nunca contou nada para Eva. Se tivesse contado, ela teria me falado alguma coisa. Até nisso foi covarde.

— O que ela queria?

— Grana para um jantar em comemoração à minha saúde. Nas palavras dela, espetacular — conto em um sussurro. Seus olhos se fecham com pesar, e ele morde o lábio de maneira ansiosa.

— Está com medo? — Benjamin pergunta.

— Não. Só quero acabar logo com isso. — Dou de ombros, olhando para a estrada à nossa frente. — Mas estou grato por você estar comigo e por tudo que tem feito.

Ele sorri e assente. Parece que demos muitos passos em três dias. Nem quero mais atirar nele. Em vez disso, retribuo o sorriso.

Chegamos a São Paulo pouco depois. Nós nos hospedamos em um hotel na Avenida Paulista e aproveitamos o restante da tarde. Conversamos, rimos, relembremos as partes boas do que um dia foi uma grande amizade e hoje se transformou em quê? Caridade? Cuidado? Remorso? Uma nova chance? Não sei, e acho que também não importa mais, ele está comigo e isso diz tudo. Nós nos divertimos, e por algumas horas consigo esquecer o que estou fazendo aqui com alguém em quem até ontem eu não confiava, mentindo para todo mundo que me ama, como Eva e Adam, para quem eu também contei as mesmas mentiras.

A princípio foi difícil aceitar a ajuda de alguém que ama a mesma mulher que eu e acima de tudo que a feriu, mas as coisas mudaram. Tivemos muito tempo para conversar, e eu acabei convencido de que Ben está sendo sincero sobre seus sentimentos e sobre ter amadurecido, crescido. Isso é bom, porque, se as coisas derem errado, é de alguém assim que Eva vai precisar.

Ele já dormiu, mas continuo deitado na cama ao lado, encarando o teto, até o celular vibrar debaixo do travesseiro com uma mensagem. Eu estava esperando por ela, me segurando para não mandar nenhuma, para conseguir ficar quieto antes de realmente ter alguma coisa para contar a Eva.

**Eva**

Chegou bem em SP?

**Gabriel**

Sim, estou no hotel. Tudo bem em casa?

**Eva**

O Cupido está aqui. Sabia disso?

**Gabriel**

Não tinha nem ideia.

**Eva**

Tá mentindo pra mim?

**Gabriel**

Estou. Ele me ama mais agora. Supera isso!

**Eva**

Nunca. Te odeio por roubar o amor dele de mim!

**Gabriel**

Então tudo bem se eu não voltar pra casa nunca mais?

**Eva**

Não vai fazer a menor falta. Igual eu não faço para o gato.

**Gabriel**

Cuidado com o que deseja, minha garota.

**Eva**

Você sabe que é mentira, né?

**Gabriel**

Sei, mas hoje eu quero escutar com  
todas as letras.

**Eva**

Está carente?

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
E  
s  
t  
o  
u  
,  
a  
c  
h  
o  
.**

**Eva**

Por quê?

*Porque eu queria dormir abraçado com você.*

**Gabriel**

Ninguém me agarrou no chuveiro hoje.

**Eva**

Poderia ter acontecido, se você não tivesse “passado por cima de mim porque o mundo é dos espertos”.

**Gabriel**

Fala que está com saudade, vai, teimosa. Só hoje.

**Eva**

É claro que eu estou, seu bobo. A casa fica estranha sem você. Sem contar que não consegui abrir a garrafa de Coca sozinha, e por essas e outras você também faz falta. Tive que fazer um furo no gargalo com a faca e

agora tenho que tomar tudo para não perder o gás.  
Ainda falta meio litro e eu já estou cheia.

**Gabriel**

Você toma uma garrafa por dia. Pega a de ontem no lixo, lava e usa para guardar o restante da garrafa mutilada. Seja inteligente, Eva.

**Eva**

Sempre salvando a minha vida. Incrível. Queria dormir abraçada com você, sempre durmo melhor.

**Gabriel**

Eu também. Estava pensando nisso agora, mas vamos ignorar a parte em que eu só sou útil para coisas como abrir suas garrafas, te esquentar à noite e resolver os seus problemas, porque fiquei interessado no negócio da casa. Ela fica estranha como, hein? Por acaso as paredes dobram e ela



vira um robô quando não estou por perto?

**Eva**

Não, ela não é um Transformer Casa, Gabs.

**Gabriel**

la ser o máximo se fosse! Explica o que você quis dizer, minha garota?

**Eva**

Tem o seu cheiro, mas não tem você. Parece que fica vazia, desabitada, solitária, mais fria. Falta você. Nada é bom sem você, nem a casa, nem eu.

Um nó se entala na minha garganta.

**Eva**

Vem embora amanhã, vai?

## **Gabriel**

Te aviso quando eu terminar o que vim fazer, mas agora preciso dormir. Tenho um longo dia pela frente daqui a pouco.

## **Eva**

Só não se atrasa para o jantar. Está tudo planejado. E, por favor, vê se não toma um tiro aí. Amo você.

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
E  
v  
a  
.**

**Eva**

Oi?

**Gabriel**

Trancou as portas?

**Eva**

Tranquei.

**Gabriel**

Está mentindo pra  
mim?

**Eva**

Estou. Já deitei e fiquei com preguiça.

**G  
a  
b**

**r  
i  
e  
l  
V  
a  
i  
t  
r  
a  
n  
c  
a  
r  
.**

**Eva**

Pronto.

**G  
a  
b  
r  
i**

e  
l  
t  
a  
m  
b  
é  
m  
t  
e  
a  
m  
o  
.

Seguro o celular longe do rosto por alguns minutos, relendo a conversa. O nó na garganta se aperta tanto que meus olhos marejam. Sou obrigado a soltar o aparelho, porque as palavras dela estão borradas. Esta noite me deito rezando para realmente termos o que comemorar nesse jantar.

Eu odiaria decepcioná-la se não tivermos.



Na manhã seguinte, vou em frente com o que me propus a fazer: descobrir a verdade sobre o motivo de eu ter desmaiado. Acordamos antes do amanhecer, tomamos banho e nos trocamos em silêncio. O clima alegre das boas lembranças que revivemos na véspera evaporou, assim como o cheiro dela impregnado na minha camiseta. Dormi com a última que Eva usou. Enfiei-a na mochila antes de sair, e nem sei por que fiz isso — carência, acho, ou quem sabe apenas medo de ser obrigado a sentir saudade dela outra vez.

No ontem o hoje estava muito longe. Nele eu me sentia pronto para encarar o que o destino me impusesse, mas agora, enquanto descemos até a garagem subterrânea do hotel e nos entreolhamos, uma angústia absurda aperta o nó na minha garganta, que não me abandonou desde a madrugada. Meu único pensamento durante o trajeto de poucos minutos é aquele “eu te amo” dela. Dependendo do que descobriremos hoje ou amanhã, já que eu não tenho ideia de quanto tempo todos os exames vão durar, vou perder Eva. Para sempre.

Entro no Instituto Octavio Frias de Oliveira sentindo a mão de Benjamin no meu ombro. Ela está apoiada lá desde que saímos do carro e caminhamos lado a lado até a entrada. Eu preferia que fosse a de Adam, mas meu melhor amigo é como a irmã: não aguenta um tranco pesado sem se desesperar. Ele ainda se esconde embaixo da minha camiseta como fazia quando era um bebê. Como eu poderia

pedir que segurasse na minha mão para talvez ouvir alguém dizer que eu vou morrer?

— Espera — falo, estacando no lugar assim que cruzamos a soleira.

— O que foi? — ele pergunta, me contornando e parando à minha frente para olhar nos meus olhos.

Respiro fundo.

— E se for muito ruim...?

— Gabriel, para!

— Se for muito ruim, você tem que prometer que vai fazer uma coisa por mim.

— O quê?

— Tem que prometer sem saber — insisto.

— Todas as possibilidades que estão passando pela minha cabeça são horríveis. — Benjamin arqueia uma sobrancelha.

— Você é meu amigo, Ben? — pergunto friamente. Sua boca forma um perfeito O, mas nada sai dela. — A outra hipótese é que você está aqui só porque teve o azar de receber a notícia e a sua consciência pesou. Porque você deve ser tonto para achar que eu preciso do apoio de alguém para enfrentar essa porra. Eu não preciso. Tudo que eu conquistei até hoje foi sozinho. Eu sou o apoio dos outros, e não o contrário. Então eu te pergunto: Você é meu amigo? Porque a única coisa que eu preciso de você é esse favor. A sua mão segurando a minha eu dispenso. — Termino grosseiramente, manipulando-o sem sentir um pingão de remorso. É por uma causa maior.

Ele me puxa para dentro do prédio e eu me deixo levar. Pelo seu olhar torto, dá para sacar que sabe o que estou fazendo, mas acho que não se importa.

— Eu prometo o que você quiser. Agora entra nesse elevador — ordena, apontando. Obedeço sorrindo, sem reclamar. — Achei que já tinha deixado claro, então esta é a última vez que eu vou repetir: você é meu amigo — frisa, apertando o botão do andar. — *Era* o meu melhor amigo — fala, triste.

— Obrigado — assinto. Ele também *era* o meu.

Deveria ter tido umas aulinhas de como se faz com Rafael Silva e Adam Marinho antes de estragar o que a gente tinha, mas o que está fazendo agora me mostra que ainda dá tempo de consertarmos isso — pelo menos algumas coisas, aquelas que ainda têm conserto.

— Provavelmente eu vou segurar sua mão também — resmungo, encostando as costas no metal.

— Obrigado — repito, sorrindo, porque talvez eu não a dispense.

— É por mim. O meu coração está disparado desde já. — Ele dá de ombros e meu sorriso se alarga.

*Frouxo demais.*

Somos recebidos por um dos melhores médicos do instituto em sua sala. Ele é um velho amigo da família Sartori e aceitou me encaixar na sua agenda a pedido de Benjamin. No dia em que acordei para escutar as suspeitas dos médicos pela primeira vez, ele me disse que já tinha cuidado de tudo



e marcado uma consulta com um especialista enquanto eu dormia. Só tínhamos que dar um jeito de passar por Eva. Foi nessa atitude que eu vi o primeiro lampejo de lealdade.

Nos três dias que se seguiram, me deparei com muitos outros.

Ben me ajudou a esconder os remédios que tive que tomar e o prontuário, fora as enfermeiras que precisou silenciar. Subornou todas para calarem a boca perto das minhas visitas. Justo eu, que odeio isso, agradei. Ben mentiu por mim para todos os meus amigos e segurou na minha mão por meia hora enquanto eu absorvia a confirmação de que minha tosse era um pouco mais grave que uma simples alergia — sem dizer uma palavra sequer, e eu também não disse. A essa altura ele já tinha ligado para Deus e o mundo, resolvido tudo e até reservado o quarto do hotel em que passamos esta noite. Ele fez por mim o que eu costumo fazer pelos outros.

— Dr. Alberto Luz — o médico diz, abrindo um largo sorriso, emoldurado por um bigode negro. Eva alisaria esse bigode se o visse, sem dúvida. É o que penso enquanto aperto a mão que ele me estende.

— Gabriel — me apresento.

— É um prazer, filho. — Ele se vira para olhar para Ben. — Meu Deus, como você cresceu! Estive em Londres há cinco anos e você ainda era um menino — comenta, chocado.

— Meu pai ainda tinha cabelo? — Benjamin pergunta, divertido.

— Não tem mais? — o médico devolve a brincadeira com um sorriso que se torna uma gargalhada quando Ben nega. — Preciso ver uma foto disso depois, garoto — brinca. — Andem, meninos, sentem-se.

Nós obedecemos e vemos o homem magro e alto dar a volta na mesa para ocupar seu lugar. Ele alisa o bigode, como imaginei que minha garota faria, e eu abro um sorriso que desaparece assim que o doutor se reclina na cadeira e me olha fixamente.

— Falei com o médico que te atendeu na emergência da sua cidade e me inteirei do caso. Foi descoberto um linfoma no seu tórax, correto? — Assinto. — Existem dois tipos diferentes de linfoma, Gabriel. Linfomas de hodgkin são feitos de células mais ordenadas e fáceis de serem tratadas. Já os não hodgkin são feitos de células fora de controle, que costumam se espalhar para outros órgãos rapidamente quando não tratadas. Hoje nós vamos descobrir com qual dos dois tipos estamos lidando.

— E depois que descobriremos com certeza?

— Durante os exames nós vamos fazer o estadiamento Ann Arbor, que significa descobrir em qual estágio o linfoma está, e assim vamos poder escolher a melhor opção de tratamento para o seu caso — explica, me dando um sorriso profissional e caloroso. — Nós os dividimos em quatro estágios. O que determina a hora de encaixar você em um deles é a gravidade, o que podemos estimar só depois de descobrir onde o linfoma está, se está apenas em um

linfonodo ou se já saiu do sistema linfático e atingiu outros órgãos. Mas vamos conversar melhor sobre isso quando você acordar e eu tiver os resultados em mãos.

— Ok — respondo, enquanto ele tira o telefone do gancho para chamar uma enfermeira, tornando a falar comigo enquanto a esperamos.

— Você vai para um quarto para ser preparado. A enfermeira vai te dar um sedativo e você vai estar dormindo quando sair dele, então só vamos nos ver depois que terminar, ok? Você vai acordar um pouco dolorido e desorientado, mas é normal. Vamos usar anestesia geral para fazer os exames.

— Delícia — brinco, saindo pela porta quando avistamos a enfermeira.

Nós nos despedimos e ela me acompanha, me faz trocar minhas roupas por uma camisola ridícula e me dá um comprimidinho mágico que me nocauteia antes que a maca possa sair do quarto. A última coisa que vejo antes de apagar de vez é o olhar preocupado de Benjamin, encostado à parede.

Vejo o mesmo quando meus olhos se abrem. Até a parede é a mesma.

— Graças a Deus — Ben sussurra quando gemo. Abro a boca, mas torno a fechá-la, porque preciso respirar fundo antes de conseguir falar alguma coisa. Tudo dói. O médico foi simpático em usar a palavra “dolorido”. Ele podia ter avisado

que eu ia me sentir como se tivesse sido atropelado por uma carreta.

— Foi rápido assim? — Olho para o sol do lado de fora da janela.

— É meio-dia de sexta. Você apagou por mais de vinte e quatro horas.

Dou uma boa olhada nas suas olheiras escuras, depois encontro os copos de café empilhados na janela.

— Por que demorou tanto?

— Porque você quase morreu, filho de uma puta — sussurra, passando a mão pelo rosto, aliviado. — Eu já estava imaginando como ia contar para a...

— O que houve? — eu o corto. Não quero escutar o que ia dizer.

— O Luz não quis me falar... — Ele olha para a porta antes de emendar, em tom mais baixo: — ... mas uma enfermeira me disse que você teve uma reação à anestesia, deu trabalho durante a biopsia.

— Merda! — Fecho os olhos, pressionando o rosto no travesseiro. — E a Eva? — pergunto preocupado, porque quais as chance de eu sumir por um dia e ela não notar? Nenhuma.

— Tomei a liberdade de mandar algumas mensagens como se fosse você, só o básico. Tentei escrever igual — diz, soando desconfortável, imaginando que eu me irritaria.

— Obrigado! — digo, aliviado. — Não saio daqui hoje, né?

— Você está preso a mim, Gabriel — diz o médico, parado na porta. — Vamos conversar? — pergunta, entrando no quarto. Assinto e me sento. É um pouco mais demorado do que eu gostaria, principalmente porque preciso afastar o par intrometido de mãos tentando me ajudar no processo.

— Para de pegar em mim ou eu atiro em você — resmungo. Benjamin ergue as mãos, se dando por vencido, e se endireita de pé, rente à cama.

— Como você está se sentindo, Gabriel? — o médico indaga, parando do outro lado da cama para me examinar. Dura alguns minutos.

— A dor é o que mais me incomoda, mas eu podia incluir na lista palavras como cansado, injuriado e com fome. — Seus lábios sorriem. — E aí? O que deu?

— Como eu tinha suspeitado, nós estamos enfrentando um linfoma não hodgkin... — ele inicia o monólogo.

— Estágio? — interrompo, porque lembro que esse me pareceu pior que o outro e quero que o homem se apresse em dizer o que importa. Ele me olha em silêncio por um instante, avaliando o que vai falar, e eu decido ajudar. Odeio desperdiçar meu tempo. — Vamos direto ao ponto, doutor. Por favor.

— Terceiro estágio. O linfoma se espalhou para um dos pulmões. Sinto muito que a notícia não seja das melhores.

Ele sente muito? Benjamin agarra minha mão e eu nem penso em soltá-la. A mão dele sobre a minha é a única coisa que me impede de desmoronar.

— E agora? — ele pergunta, e eu agradeço por isso.

— Não vou mentir nem enfeitar nada aqui, Gabriel. Você é amigo de grandes amigos, então é assim que nós vamos trabalhar, na amizade e na parceria, porque estamos prestes a entrar em uma batalha juntos. Se não nos unirmos, vamos perder. A taxa de cura é altíssima, mas não gostei do resultado dos seus exames.

Assinto, incapaz de falar, e o ouço discorrer sobre o tratamento que vou fazer e quão fodido vai ser. Aparentemente, o cenário é dos piores.

— Preciso sair daqui amanhã — digo quando ele termina de falar.

*Perdi Eva há vinte e sete minutos*, penso, encarando o relógio no alto da parede.

— O quê? Por quê? — Ele parece confuso. Acho que esperava muitas perguntas da minha parte, mas não um pedido para ir embora.

— Eu tenho um jantar amanhã à noite e não posso faltar.  
— Sinto minha mão ser apertada com mais força.

— Você me assustou durante o exame, e acho arriscado que saia daqui. Quero que fique em observação até a primeira quimioterapia, que já agendamos para o início da semana, só por segurança — o dr. Alberto responde.

— Não — recuso. — Volto depois para a química.

— Gabs — Benjamin se intromete, mas não deixo que termine.

— Eu disse que não — rosno.

— Ela vai oferecer esse jantar para comemorar a sua saúde. É sério que você vai deixá-la fazer isso sem saber de nada? Ela vai se sentir uma idiota quando descobrir, Gabriel.

— Ela está superempolgada, Ben — rebato, torturado, soltando sua mão e remexendo as minhas no colo antes de erguer o olhar para o médico. — Não vou decepcionar a minha garota, sinto muito — falo com firmeza. Por Deus, prefiro morrer.

— E você? — devolve Benjamin. — Vai ficar sentado vendo todos ao redor da mesa animados, guardando essa porra? Deixando que te consuma por dentro?

— Essa é a ideia — assinto, prático. Faria pior se fosse preciso.

— Garanto que a sua namorada não é uma criancinha que vai ficar triste por causa de um jantar, menino — o médico diz, fazendo Ben e eu nos entreolharmos, cúmplices. Ele não tem ideia de como está errado. — E, se ficar, está na hora de ela crescer, porque você tem que cuidar de si mesmo agora. E vai precisar da ajuda dela.

Eu gargalho, é absurdo.

Antes que eu termine de falar, ela vai estar me dando tchau da janela de um ônibus.

— Pense melhor e fique aqui, Gabriel — o doutor insiste.

Faço o que o médico sugere e penso por um segundo no que é mais importante...

— Pela última vez, não — respondo, de saco cheio, escolhendo os caprichos dela.

Enquanto eu ainda posso escolher, serão sempre os caprichos idiotas dela.

— Tudo bem, eu te libero amanhã — ele concorda, contra a vontade. — Mas terça-feira, quando você voltar e entrar neste prédio para começar o tratamento, quero que esteja disposto a decepcionar quem for preciso para sobreviver, porque é dessa garra que nós vamos precisar — fala com firmeza.

— Essa é a única coisa que eu não estou disposto a fazer — retruco, petulante.

— Sinto muito pelo que vou dizer, mas eu te quero realista, Gabriel — diz o doutor, realmente parecendo lamentar. Ele me olha como se eu fosse um garotinho inocente que não tem a menor ideia do que o espera daqui a três dias, e eu tremo inteiro por dentro, esperando que ele respire fundo antes de abrir a boca e mudar a minha história. — A partir de agora, inevitavelmente você vai decepcionar muito essa garota — conclui, roubando todas as minhas esperanças.

Meu mundo cai ali, naquele final de frase.

Ele muda tudo.



A verdade por trás do meu sorriso é um adeus

Imagine se um dia eu não acordar. Quem vai puxar assunto com você? Quem vai mentir que você é legal? Imagine se um dia eu morrer. Você iria se arrepender de não ter dito tudo que eu perguntava. E eu vou morrer sem nunca saber se você, no fundo, me amava.

— FRESNO, “Se algum dia eu não acordar”

Eva

Sexta-feira de manhã! É um lindo dia para fazer o quê? Passear no shopping com alguém que me ligou prometendo um hambúrguer quentinho a custo zero se eu calçasse meus chinelinhos e a acompanhasse sem reclamar em um passeio. Mesmo mal-humorada por ter sido acordada, não sou o tipo de garota que recusa suborno em comida, então pensei comigo: *O que de pior pode acontecer?*

— Preciso comprar uma rasteirinha, Eva — Juliete diz, cheia de intimidade, entrando na primeira loja de sapatos do shopping, mas eu agarro sua camiseta e a puxo para fora antes que uma vendedora ponha as mãos nela.

— Os acordos comigo funcionam da seguinte forma, criança — falo, arrastando-a pelos corredores, enquanto a safada ri. Ela parecer ter o mesmo problema neurológico que Gabs: me acha divertida e me leva na brincadeira, mas estou falando supersério aqui. —

Cumpra a sua parte primeiro e me alimente, ou eu não respondo por mim. Eu posso te afogar na fonte lá fora e dizer para os nossos pais que foi um acidente — ameaço.

— Como eu me afogaria em uma fonte por acidente?  
— pergunta, petulante.

— Você é adolescente, eu sou sua irmã mais velha. A sua mãe vai comprar o que eu disser. — Dou de ombros e abro um sorriso conspiratório.

— E o seu pai?

— Vai saber na hora que teve dedo meu, mas ele me ama demais para me entregar para o Gabriel.

— Você é um monstro. — Ela sorri largamente, até que o sorriso murcha.

— O que foi? — pergunto, séria, vendo-a entrar em pânico. Ela agarra minha mão com força e dispara em uma corrida até a saída mais próxima. Não tenho alternativa a não ser segui-la. — Para, menina! — imploro quando pisamos na rua. — O que foi? E o meu hambúrguer? — pergunto quando quatro meninas apontam nas portas do shopping e param de correr, olhando para nós de um jeito bem estranho.

— Sabe o que foi? — ela sussurra, se inclinando para falar no meu ouvido. Seu cabelo preto faz cócegas nas minhas bochechas. — Eu fiquei com um menino que faz direito na Unisantos em uma festa, não sabia que o cara

tinha namorada, e agora parece que esbarrei com a menina sem querer. Ela disse que, se isso acontecesse um dia...

— Entendi. Fica quietinha agora — ordeno, apontando um dedo para a sua cara. Dezesseis anos e já me dando esse trabalho todo. Como pode? Com dezesseis... Bom, com dezesseis eu quase destruí um mercadinho por causa de uma birita. Já estava dando trabalho para o Gabs também.

— Por quê? Você vai conversar com elas? — Juliete pergunta, nervosa. Olho adiante, para as garotas já erguendo as mangas da blusa, e suspiro. *O que de pior pode acontecer?*, penso mais uma vez, com ironia.

— Elas não parecem interessadas em conversar. Quero que você fique quietinha, porque estou pensando em um jeito de sairmos dessa. Não tem para onde correr e eu não aguento bater em quatro...

No fim, não tive opção a não ser bater nas quatro.

Jesus, que carma! Olha o que meu pai me arruma.

Quando uma delas jogou minha irmã no chão e as outras três foram para cima, a coisa não prestou. Prendi o cabelo, tirei as sapatilhas, soltei a bolsa e fui fichada pelo delito de quatro lesões corporais leves. Pelo menos foi isso que o delegado de plantão no 2º DP me disse.

Eu nunca tinha sido presa antes com tanta pompa. Não que não tenha acontecido, mas nunca cheguei a ser tratada como uma criminosa. Não posso negar que foi bem emocionante ser algemada em público e levada até a viatura como uma delinquente qualquer. É uma meta que ainda faltava na lista de “Cagadas da Eva”.

— Tô em um carro de polícia. Minha mãe vai me matar, Eva! — Ju choraminga.

— Não é carro de polícia, é viatura... — corrijo, fazendo os policiais concordarem com a cabeça. Tá aí uma coisa que, amando um deles, a gente aprende a nunca errar. Depois disso, tudo que eu ouço são as lamúrias dela. — Eu fui presa, não você. A sua mãe vai me matar primeiro. Isso devia te animar — falo para consolá-la. — Agora para de chorar. Você está parecendo um palhacinho bem conhecido com essa cara pintada.

Ah, sorrisinho doce. Por onde você anda, hein?

Em dias como hoje eu me arrependo de não ter fugido com o circo também!

Ela é conduzida comigo até o distrito policial, infelizmente no banco de trás da viatura — perdeu toda a glória do acontecimento, na minha humilde opinião —, e não para de chorar um minuto sequer do trajeto. Já eu estou curtindo cada detalhe, das luzes do giroflex piscando à grade que me impede de sair do chiqueirinho.

Se ela não estivesse chorando tanto, eu ia pedir que filmasse a cena. Quando paramos no semáforo, dou um tchauzinho para as quatro meninas na viatura do lado. Elas abaixam a cabeça, e o policial que está no banco do passageiro me manda parar de ser tão infantil.

Será que hoje o Gabriel me mata? Não sei, mas uso meu direito a um telefonema para ligar e descobrir.

— Eva? — ele pergunta, sonolento.

— Está tudo bem? — questiono quando escuto um gemido sair dos seus lábios e aperto mais o telefone contra a orelha.

— Tudo. E aí? — Ele inspira no telefone e meus dentes trincam.

— Está dormindo ainda? — rujo. — Esse era o trabalho importante em São Paulo? — pergunto, com deboche.

— O quê? — Ele parece confuso.

— A noite paulista foi agitada, Gabriel? — Não me contenho antes de morrer amargamente de ciúme das ideias que estão rondando meus pensamentos.

— Anda logo, mocinha! O tempo está correndo — o escrivão me apressa de modo firme, e imediatamente eu ouço o som de cobertas farfalhando do outro lado da linha. Se fechar os olhos, posso imaginá-lo sentado na cama do hotel, bem acordado agora.

— Isso foi uma ordem policial, Eva? — ele pergunta, tapando o bocal para falar com alguém, porque conhece bem o tom, já que usa um idêntico com os bandidinhos dele. Só escuto murmúrios, e parecem alterados.

— Foi — respondo, prologando a palavra e afiando os ouvidos para escutar melhor depois que ele solta mais um gemido, o que revira meu estômago. — Você está com uma garota? — falo e mordo a língua.

Ele berra alguma coisa que não entendo para a outra pessoa e bufa na linha.

— Passa o telefone para o cara. Agora — ordena, sem um pingão de paciência, e eu entrego o telefone para o policial sem falar nada. Ele atende e os dois conversam por cinco minutos.

Depois de mais cinco, sou transferida para o 3º DP, como imaginei que aconteceria. Inclusive sou tratada com cordialidade, o que significa que não tem mais chiqueirinho para mim; vou no banco de trás batendo papo com os policiais, acreditando piamente que vou esperar pelo desfecho do teatro sentada na cadeira de Gabriel, mas tomo no rabo. De verde, amarelo e bolinhas pink.

— Entra — diz Rafa, depois de abrir a porta da cela.

— Está falando sério? — pergunto, animada.

— Você foi presa! — ele me explica, como se eu fosse burra. — Você nem deveria estar no lugar onde o poder de decisão é do seu melhor amigo, então é bom não reclamar. Ajudaria se você cometesse um crime na nossa área. Transferência não é vendida em prateleira de mercado, viu? Você sabe como a criatura sem paciência odeia pedir favores — ele cochicha, e em nenhum momento penso em reclamar. Longe de mim. Tudo que eu queria era saber se ele podia me emprestar o celular para eu tirar uma selfie com o bêbado dormindo com o rosto na grade, sentadinho no chão da cela ao lado. Eu queria registrar esse momento. — O Gabs já deu os pulos dele para você ser trazida pra cá. Agora espera ele descer a serra para resolver esse BO. Já aviso: o humor dele não está dos melhores.

— Você sabe se ele passou a noite com uma garota em São Paulo?

— Não, não sei. E isso importa?

— Não — minto, me sentando no colchonete no chão.

— Ele está com a sem sal da Alice, mas sei lá. — Ele dá de ombros, tirando o celular do bolso, porque me conhece bem. Ergo dois dedos, o indicador e o do meio, e poso para uma foto mostrando a língua. — Dá um sorriso. Nem parece animada — ordena. Eu me inclino para a frente e aponto para o bêbado, abrindo um sorriso largo



enquanto ele tira a foto e continua tagarelando. — O Gabriel é bonito pra cacete. Sempre que viajei com ele a trabalho, antes de eles começarem a namorar, ele não dormiu uma noite sozinho. Então pode ser que tenha metido o galho nela. Quem sabe? Espero que tenha metido — fala, passando a chave na cela. Foi um bom momento, porque eu quis grudar na cara dele.

Eu me deito e viro de cara para a parede, meio amarga.

— O que foi? Por que você virou essa bunda magrela pra mim?

— Me deixa curtir a solidão da cadeia em paz e some da minha frente, Rafael — resmungo.

— Ficou chateada com o que eu disse? — Ele está cheio de suspeitas muito bem fundadas e certas, porque minha cara de bosta diz tudo.

Rafa insiste e eu não respondo. Quando fica claro que não vou ceder, ele suspira teatralmente e me abandona. Diferentemente de mim, ele odeia ficar neste lugar.

Horas depois, sou acordada por um grito bem conhecido.

Finjo estar dormindo para ver se a criatura some e me deixa descansar mais um pouco. Tem certa paz em dormir neste lugar, tirando o bêbado na cela ao lado, que me contou em detalhes sua vida e revelou que sua

mulher meteu o galho nele por anos a fio com o irmão dele. Taí o motivo da bebedeira.

— Levanta, tormento pessoal — ele ruge, irritado, batendo nas grades. Decido colaborar, me sentando. — Teve uma manhã agradável? — Gabriel cruza os braços fortes, cheios de músculos e pelos loirinhos, enquanto me espreguiço. Tem algo de muito sexy em ver um homem lindo, com uma arma no coldre e um distintivo, tão de pertinho... bom, por detrás das grades. Gabriel fica mais intimidante do que já é. Rouba meu ar com essa pose de mau.

— Foi uma manhã bem agradável e tranquila depois que o meu amigo baderneiro vomitou e pegou no sono. — Bocejo. — Quando chega o rango?

Eu deveria ter pensado em matar alguém há muito tempo. Na verdade eu pensei: o que eu deveria mesmo ter feito era ter tido coragem para finalizar o objetivo. Soninho bom, comida de graça, uma cela só minha, carcereiro gostoso. Não dá para querer muito mais da vida, né?

— Você está liberada. Nenhuma das meninas quis representar a queixa — ele cospe as palavras de mau humor, colocando a chave na fechadura e abrindo a cela. Quando puxa a grade, seu corpo se inclina para a frente,

como se tivesse perdido o equilíbrio. Encurto nossa distância em um pulo e apoio as mãos no seu peito.

Gabriel olha para baixo e eu o sinto respirar fundo nas minhas palmas.

— Você está bem? — pergunto, preocupada.

— Sai dessa cela suja — ordena, baixinho, dando um passo para trás. — Agora — emenda, balançando o polegar, como se pedisse carona.

— Antes do rango? — Só pode ser brincadeira. — Eu nem bati uma xícara de ferro na grade ainda, nem gritei que tenho direito a um advogado. Qual é, Gabriel? Não acaba com a minha brincadeira!

— Sai daí, Eva! — Gabriel se irrita, apoiando uma mão na parede e com a outra agarrando meu pulso e me puxando porta afora.

— Ei, não precisa gritar assim — reclamo, puxando o braço de volta, mas ele não larga. Gabriel me encosta na grade pelos ombros e eu ergo as sobrancelhas quando seu rosto para a um palmo do meu.

— Você acha que isso é uma brincadeira? — ele pergunta em um rugido, os olhos fixos nos meus. Apoia as mãos na grade e inclina o tronco, abaixando a cabeça. — Você podia ter machucado uma daquelas meninas — fala, olhando para o chão. — Podia ter se machucado, e, o que é ainda pior, podia ter machucado a Juliete. Uma

garota que te idolatra, que se espelha em você e que te vê como uma irmã mais velha. Você deveria ter dado um bom exemplo.

— Eu bati em quatro garotas sozinha para proteger a Juliete. Quer melhor que isso? — me defendo e seu rosto se ergue. Os olhos estão mais ferozes.

— Não é na porrada que se resolvem as coisas. Quando você vai crescer? Quando vai parar de ser essa criança irresponsável que não pensa em mais ninguém além de si mesma, Eva? — Sua voz agora está uma oitava mais alta. Ele está sem fôlego.

— Fala baixo! — imploro. — Você vai acordar o meu colega de quarto. O coitado teve uma noite difícil, sabia? — Aponto para o bêbado, apurando o olfato. — Você está sentindo esse cheiro? De álcool?

— Não, não estou — ele diz, desapontado.

Odeio decepcioná-lo, mas não consigo evitar. Por que eu não consigo evitar? Sinto vontade de chorar quando, em vez de me soltar, Gabriel me arrasta como se eu fosse uma criancinha até a porta que separa os encarcerados do resto do mundo e me tira de lá. Ele acabou com meu divertimento e todo o orgulho que eu estava sentindo pelo que fiz. Mas que idiota!

— Tem coisas que nem mesmo eu sou capaz de resolver, e um dia eu posso não estar mais disponível

para resolver nada — ele cochicha no meu ouvido, me obrigando a andar. Há dor em suas palavras. Não deveria, afinal ele é apenas o cara ignorante; é a mim que elas ferem. Ele está dizendo que vai me abandonar? Não tenho tempo de perguntar, porque meus olhos encontram meu pai e sua esposa sentados no sofá de canto da sala dele. Juliete está em uma das poltronas, encarando os sapatos. Acho que estão todos esperando por mim.

— Você me dedurou? — pergunto, sentindo o sangue ferver.

— Ela tem dezesseis anos. Os pais tiveram que vir buscá-la. E não, não fui eu, mas eu teria ligado assim que cheguei se ninguém tivesse feito isso antes — Gabriel responde, bravo, ao mesmo tempo em que meu pai ergue os olhos do celular, me vê e me chama para a sala com um aceno.

— Te odeio — cuspo, irritada, antes de me afastar.

— Bom saber que, depois de tudo o que eu fiz por você hoje, é essa ingratidão que recebo — ele fala para as minhas costas, e isso me faz parar. Ele nunca jogou nada na minha cara antes. Não nesse tom, e não de verdade.

— E você fez o que exatamente? — pergunto, me virando para encará-lo. Ele não responde. — Largou uma

puta no hotel?

Gabriel arqueja, espantado, e eu lhe dou as costas, entrando na sala sem esperá-lo.

— Você está bem, agressora de universitárias? — papai pergunta quando me joga na cadeira do cretino. Assinto, me preparando para o que vou escutar enquanto o procuro com os olhos.

Gabriel ainda não se mexeu. Está no mesmo lugar perto da porta, me olhando de um jeito tão frio que faz meu sangue congelar até a última gota. Eu me sinto incomodada e chateada, e nada de bom acontece quando as pessoas me provocam nesse estado, porque tenho o costume de machucar sem perceber. Não é o melhor momento para minha madrasta ficar de pé, agarrar a mão da filha e me olhar com tristeza, e definitivamente não é o melhor momento para ela fingir ser minha mãe.

— Eu estou atrasada para o trabalho, mas antes de ir eu gostaria que você soubesse que estou extremamente chateada — Clara diz, colocando uma mecha de cabelo para trás. — Você escolheu conduzir as coisas de maneira errada, querida. A Juliete poderia ter se machucado.

— Poderia, se eu não a tivesse defendido.

— Ela está certa, mãe...

— Eu sei de tudo isso — diz, interrompendo Juliete. — Mas, por ser adulta, nós esperávamos que a sua irmã tivesse tido uma postura diferente. Já quanto a você, pelos próximos meses só vai sair de casa para ir ao colégio...

— Não sou irmã dela — corto, seca, e todos me olham, chocados. — É sério? — pergunto para meu pai. Eu nem queria ser tão grosseira. Simplesmente saiu. — Diz para a sua mulherzinha que ela não é minha mãe para falar comigo assim.

— Seja boazinha e não responda à esposa do papai, Mike Tyson — ele pede, com sua paciência infinita e um par de olhos gentis.

Ele fala com tanto carinho que me enche de culpa, e quando eu transbordo mais coisas ruins acontecem.

— Não — solto, encarando-o, e saio da sala sem olhar para trás. Eu queria ficar e me desculpar. No fundo sei que estou errada, mas sou orgulhosa demais. Ela não é minha mãe.

Gabriel, que escutou tudo em silêncio, me segura pela cintura quando passo pela porta.

— Fala — rujo. — O que é agora, doutor? — cuspo como se fosse uma ofensa, embora eu tenha orgulho do que ele conquistou.

— Ela agiu como mãe e você a tratou como lixo. Peça desculpa. — Ele é firme.

— O quê? — pergunto, chocada.

Gabriel nunca me mandou pedir desculpa a ninguém. Ele... ele sabe que não consigo, então deveria entrar na sala e se desculpar por mim, depois me levar para morder um boi no meio de um pão para curar a minha tristeza, é o que sempre fez. O que há de errado com ele?

— Eu sei que você não queria falar o que falou, que não consegue controlar o que sente, mas a Clara está certa e foi razoável. Entre lá e faça o mesmo, Eva.

— Não — respondo, com os lábios tremendo. A reação dele dói mais que todo o resto.

— Não queira aprender a ser uma pessoa melhor pela dor, minha garota — ele pede, com a boca no meu ouvido. Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Uma pessoa melhor? — pergunto, sentindo meu coração se quebrar. — Pensei que, de todas as pessoas no mundo, tirando o meu pai, você fosse a única que me amava como eu sou. Pelo menos antes de aquelas mulheres entrarem na nossa vida, você me amava — sussurro, arrasada.

Ele não responde.



— Estou atrasada para o trabalho. Posso ficar com o carro? — pergunto, engolindo em seco, me odiando por pedir, mas não tem como eu andar até lá, e nem a pau eu vou pegar carona com meu pai e *ela*. A delegacia fica no canal 7, perto da ponta da praia, e a escola no 3, próximo da casa dele. É quilômetro demais para minhas bolhas aguentarem, e não tenho dinheiro em espécie para me virar, só o cartão, que também é dele. Como alguém que tinha um emprego e uma vida estável termina nessa merda, hein? Abrir as perna para um gringo nunca saiu tão caro.

Gabriel assente uma vez e eu afasto sua mão de mim, descendo a escada sem olhar para trás. Deixo as lágrimas escorrerem somente quando chego à rua.

Bato a porta do Lancer e me recosto no banco, invadida pelo seu cheiro.

Odeio ele!



Eu jamais deveria ter aceitado esse emprego. Se não consigo nem lidar comigo mesma, que dirá com um garoto de quinze anos com problemas de comportamento. Guilherme passa pela porta dez minutos depois que minha bunda cola em um dos sofás e se senta em outro.

— Bateu nele de novo? — me exaspero, como se tivesse moral para isso.

— Não tem filme hoje? — ele pergunta, assim que percebe que a televisão está desligada, ignorando completamente a minha pergunta.

— Não — retruco, tomando a resposta dele como um “sim”. O que será que tem de tão especial nesse menino que só apanha?

Ele faz uma careta e deita sobre as almofadas.

Na minha humilde opinião profissional ele está ótimo, só é um cretino mirim. Sou eu que tenho problemas de verdade nesta merda de sala e deveria arrumar a porcaria de um psicólogo, porque preciso desesperadamente conversar com alguém e as pessoas que eu tenho na minha vida não entenderiam o que eu tenho a dizer. Gabriel é meu melhor amigo e meu problema, então está fora; meu irmão iria rir muito da minha cara e minha melhor amiga só consegue conversar sobre bebês. Não me resta ninguém. Continuo surtando mentalmente, até que o garoto emburrado se endireita no sofá e me pergunta:

— Você está esquisita. Qual é o seu problema, afinal?

*Vai se arrepender mortalmente de ter feito isso, menino, penso, abrindo a boca.*

— Já que você perguntou... eu acho que estou apaixonada pelo meu melhor amigo, e o infeliz escolheu justo este momento para descobrir que odeia a pessoa horrível que eu sou, mesmo que eu esteja mostrando isso desde que a gente se enrolava no sofá com as nossas mamadeiras para assistir *Tom e Jerry* no *Bom dia & companhia*. Era com a Eliana ainda, sabia? — solto, antes que eu possa evitar, e o menino faz mais uma careta. — Não sei o que fazer. — Encolho os ombros. — O que eu faço?

*Se mata!*, responde minha consciência. *Se chegou a ponto de pedir conselhos amorosos para um menino de quinze anos, melhor pular do Ilha Porchat de uma vez, né?* Afundo o rosto nas mãos, porque má ideia não é.

— Não posso te ajudar com isso — ele murmura, voltando a deitar.

— Mas você perguntou! — reclamo, emburrada, deixando as mãos caírem no estofado.

— É, mas parece que nós temos o mesmo problema — ele diz, olhando feio em minha direção. — E com esse eu não posso ajudar, já que não consigo fazer isso nem por mim mesmo.

— Tá de brincadeira, garoto? — Jogo as mãos para o alto, estarrecida. — Todas aquelas brigas e o péssimo

comportamento são porque você está apaixonado pela sua melhor amiga?

Ele responde com um aceno de cabeça.

— E eu achando que alguém abusava de você, ou que seus pais estavam se separando. Cheguei a pensar que o seu bichinho de estimação tinha ido para o saco.

— Que nada — diz, balançando uma mão no ar, como se estivesse empurrando minhas ideias para longe. — O problema é ela, e o namorado dela, que a maltrata. Sempre que eu vejo aquele garoto fazendo isso, não aguento. — *Ele é o Gabriel de alguém.* Vejo nos olhos dele enquanto fala dela. O mesmo que vejo no meu melhor amigo quando me olha.

— Nós estamos na merda, Guilherme! — Ele ganhou meu respeito. Nada mais de chamá-lo de garotinho malévolo. Eu entendo esse menino. Realmente entendo a dor dele.

— É, a gente tá na merda, Eva — ele assente, pegando o controle da televisão e ligando na *Sessão da tarde*. Assim que vê que o filme é um lixo, decide desligar o aparelho e me encara. — Conta para ele.

— O quê?

Ele me pegou desprevenida.

— Conta para o seu melhor amigo.

— Quem escuta pensa que é fácil assim! Você contou para a sua? — pergunto, sarcástica, ainda mais irritada.

— Eu quero um conselho decente, caramba!

— Não, mas você não me parecia tão covarde quanto eu. — Uau, golpe baixo!

— Eu conto se você contar — proponho.

Ele parece pensar sobre o assunto uma eternidade, e por fim diz:

— Eu topo, mas tem que valer alguma coisa, para o caso de um dos dois desistir.

— Cinquentinha?

— Fechado.

Preciso roubar o Gabriel. De novo.

Saio para a rua depois da nossa sessão transbordando coragem, mas a cada passo que dou deixo que um pouco escape pelos meus poros e se perca no caminho. Será que eu consigo falar?

## Gabriel

Fernando me agradece e beija minha bochecha antes de se afastar pela rua para encontrar a esposa e a enteada, que o esperam no carro. Assim que dobra a esquina, minhas pernas fazem o mesmo na porta da delegacia e alguém me agarra pela cintura antes que eu caia.

— O que você ainda está fazendo aqui? — pergunto, irritado, quando Ben me encosta na parede do prédio.

— Eu disse que ia esperar no carro para te levar em casa. E falei sério — ele diz, me olhando feio. — Estava esperando todos irem embora antes de vir te resgatar. Cadê a sua mochila?

— Na minha sala — respondo, cansado demais para negar a ajuda dele. Estou correndo há horas para resolver essa merda. Até no 2º DP encobrir isso eu já fui. Não aguento mais um segundo de pé. Apoio o peso no concreto, descendo até sentar no chão, e olho para o céu, para as nuvens escuras. Sinto tremores de frio,

mesmo que o tempo esteja seco e abafado. Ben não fala nada antes de desaparecer dentro da delegacia e retornar alguns minutos depois com minhas coisas, nem quando me puxa até o carro e espera que eu me acomode para pegar uma jaqueta no banco de trás e me cobrir.

— Sério? — pergunto, enquanto ele arruma o tecido em torno dos meus ombros com um cuidado exagerado que ao mesmo tempo me irrita e me diverte. Que idiota.

— Não reclama. Só estou sendo cuidadoso — resmungo, ligando o carro e saindo da vaga. — Eu já disse como foi estúpido da sua parte fugir do hospital?

— Já, a Imigrantes inteira. Me dá um tempo — imploro, me aconchegando no banco. Estou morrendo de sono e de dor no corpo inteiro. Adoraria minha cama e se possível um carinho do gato.

— O Luz vai ficar puto quando passar para assinar a sua alta amanhã e encontrar a cama vazia — suspira.

— Ele supera.

— Você deveria estar descansando, Gabriel — ele briga, como se eu não soubesse.

— O Rafael colocou a Eva em uma cela, acredita? — comento, puto. — Vou enfiar a porrada nele por causa disso, mesmo que tenha sido para diverti-la

— Gabs...

— Como você queria que eu não viesse correndo, Benjamin? — pergunto de saco cheio e ele finalmente para de pegar no meu pé.

— Mas que diabo aconteceu depois que você a soltou? Ela saiu chorando do prédio.

— Sério? — pergunto, arrasado. Quando ele assente, tiro o celular do bolso na hora para mandar uma mensagem me desculpendo, mas resisto. Ainda tenho que pensar em como lhe contar tudo que está acontecendo, ainda vou fazê-la chorar mais, então por que me desculpar agora, não é?

Benjamin fica matando o tempo em casa por quase uma hora até que alguém ligue avisando sobre uma reunião de última hora e minha mais nova babá tenha que ir trabalhar. A esta altura já estou deitado confortavelmente embaixo das cobertas. Ele até me cobriu e arrumou meus travesseiros antes de sair. Ganhou um soco. Fecho os olhos e tento dormir, mas sou uma máquina de pensamentos ruins. Pensei que não estaria em casa antes do jantar, assim seria mais fácil aparecer em cima da hora e mentir de improviso. Eu teria adrenalina no sangue — a ansiedade de chegar a tempo cuidaria disso —, mas agora estou em casa antes do previsto e tenho bastante tempo para contar à minha garota que tenho uma notícia ruim antes que



comemoremos uma mentira. E essa é uma questão importante que tenho que decidir. Eu vou mesmo contar para alguém?

Eu estaria mentindo se dissesse que tenho essa intenção. Provavelmente eu esconda a verdade de todo mundo até estar com metade do corpo dentro de um caixão. Definitivamente, não vou contar para Eva até lá.

— Aí está você, felino rancoroso!

Eu a ouço cumprimentar o gato no andar de baixo e saio da cama.

— Eu sei que você ainda não me perdoou, mas eu preciso de ajuda, Cupido — ela diz, alarmada. Quando paro no patamar da escada, sinto pena desse gato. — Olha a que ponto cheguei, pedindo conselhos amorosos para alguém que enterra a própria caquinha! Não basta o garoto que ainda nem saiu das fraldas? — exclama, arremessando a bolsa longe. — Não precisa falar nada, só escutar já ajuda — lamenta, erguendo a mão e se deixando cair no sofá.

Quero escutar isso. Então me sento na metade da escada e me encosto na parede; daqui ela não me vê.

— Eu tô apaixonada, Cupido — ela revela, dando de ombros. A orelhinha do gato se mexe de um lado para o outro quando escuta seu nome, mas ele não se vira. Gato

orgulhoso da porra. — Eu estou louca e completamente apaixonada.

Benjamin?

O ciúme arromba meu peito como um tiro de doze, e ainda assim eu rezo em silêncio para que ela esteja falando dele. Mas no fundo sei que não está. Eu sei que é de mim que Eva está falando. Como eu sei? Eu nunca a fiz chorar antes de hoje. Eu grito, brigo, xingo e quase sempre bato na mesa a cada cagada que ela faz nos últimos trinta anos. Já a fiz chorar uma porção de vezes falando umas verdades, mas isso não conta. Foi por causa do que eu falei, não de mim, do Gabriel como pessoa. O Gabriel como pessoa nunca fez Eva chorar, nunca a magoou, nunca deixou de atender um telefonema, sair de um encontro, dar um soco, comprar um hambúrguer ou fazer qualquer outra coisa que ela tenha pedido, por mais maluca e fora de hora que fosse. Às vezes bastava um olhar, nem precisava pedir. Nunca a machuquei com uma atitude, porque só quem consegue fazer isso são os babacas por quem ela se apaixona. Taí. É um padrão. Ela é o dedo podre da história, pois no dia em que finalmente me amou eu me tornei um deles. E ainda vou machucá-la pra caralho.

Eu nunca a mandei se desculpar com ninguém, sempre me desculpei no lugar dela, mas e se eu não

puder mais fazer isso? Ela tem de aprender, não tem?

— Eu olhei para ele naquela maldita cama de hospital e soube — ela diz, resoluta, enchendo meus olhos de lágrimas. Desejei ouvir por tanto tempo o que nosso gato está ouvindo. Por que só agora? Justo agora. — Eu o amo. — Ela dá de ombros. — Eu realmente o amo, Cupido.

Acho que a fofoca deve estar interessante, porque o gato a encara interrogativamente, como se estivesse esperando que continue a falar, enquanto eu só queria que ficasse quieta.

— Não aquele tipo de amor passageiro, como foi com o vegetariano. Amor mesmo, amor de verdade, daqueles que fazem a gente cometer loucuras e virar do avesso. Já amou uma gatinha assim? — As lágrimas escorrem. Eu passo as costas da mão pelo rosto, sem jeito, e olho para baixo, para os riscos mais escuros nos tacos da escada. — É um amor real, fiel e desmedido. Acho que é a porra de um amor eterno.

O meu também.

Eterno.

— Eu sempre o amei. No início como amigo, confidente, como a pessoa que sempre esteve lá quando eu precisei. Era tão natural amá-lo que nunca me passou pela cabeça qual era exatamente o significado desse sentimento. — Parece que já nascemos predestinados a

nos amar. Se eu fosse mais longe, diria que sempre acreditei no destino, que as nossas mães tinham que se esbarrar naquela aula de ioga, porque um dia eu ia me casar com essa mulher e daria meu sangue para que ela fosse feliz.

*Até vinte e sete horas atrás.*

— Alguma coisa mudou enquanto eu estive fora. Quando olho para o rosto dele, esculpido como o de um anjo, para os lábios bem desenhados, agora tudo que eu desejo é apertá-lo e não soltar nunca mais. Eu desejo que a boca dele faça mais que me consolar e que o corpo dele faça mais que me abraçar. Eu desejo que ele seja mais, muito mais que um amigo, o meu melhor amigo. Eu desejo me aninhar nele e tomá-lo para mim, e essa nova descoberta me faz ter certeza de que agora eu o amo de um jeito diferente, mais intenso e possessivo. Não sei desde quando, muito menos por que, mas eu sei que o que estou sentindo, seja o que for, não é passageiro.

Preciso tapar a boca com as mãos para abafar os soluços.

— Você acha que eu consigo contar? — Ele se espicha e ela morde o lábio. Está esperando que o gato responda, será? — Como eu ainda não sei interpretar espreguiçadas e mexidas de orelha, vou entender isso como um sim.

Mas e se ele rir de mim ou me mandar embora e não quiser mais ser meu amigo? — Rir de você, amor? Jura? — E se eu estragar tudo como sempre? Eu prefiro tê-lo na minha vida de qualquer maneira a não tê-lo mais. Eu nunca suportaria perdê-lo.

Ela está atrasada.

Espero que ela continue dividindo seus problemas com o gato. Aparentemente sou o número 1 de uma longa lista. Ainda estou congelado no mesmo lugar quando ela suspira e sai pela porta que leva ao jardim, provavelmente para fumar. Eu me apoio nos tacos de madeira e fico de pé, meio hesitante. Entro no quarto, pego a carteira e uma blusa de frio e saio de casa escondido. Não confio na minha coordenação motora hoje, ainda estou meio dopado, então caminho de passo em passo até a praia, atravesso a avenida olhando para o bondinho e cruzo o jardim até chegar à areia.

Este era o lugar preferido da minha mãe. Ela adorava se sentar aqui comigo, na maioria das vezes ligava para Sara vir com a Eva. Meu momento preferido com ela, aquele em que decidi transformá-la na minha garota, foi aqui.

Tiro os tênis e caminho para mais perto do mar. Com o tempo fechado, tem poucas pessoas por aqui, a maioria fazendo caminhada ou participando de algum jogo de

vôlei ou futebol. Eu me sento, cruzando as pernas como um índio, e olho para o mar.

Não tenho ideia de em que momento as lágrimas começam a pingar, mas só me dou conta quando meu celular apita no bolso. Acho que vim chorando desde casa e até agora não parei. Abro a mensagem de Rafael.

### **Rafael**

Só coloquei a Eva na cela porque achei que ela ia amar a experiência. Tenho provas de que nada de ruim aconteceu. Segue anexo.

Olho para a foto dela, sorrindo com o maldito bêbado da cela ao lado, e choro mais, ignorando as pessoas que me olham com curiosidade. Será que estão pensando no motivo? Será que alguma delas acertou que estou morrendo? E que a garota que eu amo não pode saber?

Será que eu aguento ir até o fim mentindo?

Não temo por mim. Nunca temi, para ser sincero. Não tenho medo da morte. Mas, quando penso nela, meu coração se aperta. Me tortura imaginar como ela vai ficar quando eu partir. Não suporto pensar em vê-la derramar uma lágrima sequer por mim, sofrer minha ausência e sentir o gosto ruim que a saudade deixa na boca. A

saudade é uma maldição, não tem como se livrar dela. Ela invade nosso corpo, nossa mente, adoece tudo, cria raízes e não há remédio no mundo que faça parar de doer. Eu sei. Sinto esse tipo de saudade todos os dias. Minha mãe deixou que ela me assombrasse desde que eu era um garoto. Daqui a algumas semanas, no máximo poucos meses, quem vai senti-la será Eva, mais uma vez.

Se tenho algo pelo que agradecer no meio deste inferno, é que, se der errado, não vou ser obrigado a assistir.

Fico maluco só de pensar que Eva vai ficar sozinha e desprotegida. Pouco me importa que haja outras pessoas para ajudá-la e ampará-la. Não sou eu que vou fazer, e esse é o meu trabalho. Quando ela conhecer o próximo babaca que vai destruir mais um pouco a sua vida e a sua autoestima, quem vai recolher os pedaços do chão? Quem vai comprar o maldito cigarro ou ficar com ela até que consiga pegar no sono? Quem vai fazer o que eu faço? Quem vai amá-la como eu a amo? Se contar que sou loucamente apaixonado por ela é a parte mais difícil de estar vivo, deixá-la é com certeza a parte mais difícil de estar morrendo.

Ninguém é tão bom nisso quanto eu, ninguém nunca vai ser.

Ainda não acredito que vou passar desta para a melhor sem nunca ter dado um beijo em Eva, sem nunca tê-la tocado da maneira que eu gostaria, sem nunca ter dito quanto a amo, não como amigo, mas como homem. Sem dizer que ela sempre foi o motivo de eu levantar todas as manhãs, que tê-la na minha vida foi a única bênção que recebi de quem quer que seja que comande esse jogo sujo que chamamos de vida. Mas não posso ser covarde a ponto de confessar tudo para ela agora. Não se promete esse tipo de sentimento a uma mulher que você vai ser obrigado a abandonar, e ela não merece mais sofrer. Ela não merece a porra de um cara que tem os dias contados, que está apodrecendo de dentro para fora, que está dia a dia deixando de existir.

Ela não merece ser obrigada a me ver morrer.

Passo horas pensando em como vou conseguir protegê-la disso, de mim, até que meu celular apita de novo, desta vez com uma mensagem da minha babá.

**Benjamin**

Onde você está? Precisamos conversar.

**Gabriel**

Praia, canal 3.



**Benjamin**

Me espera aí.

**Gabriel**

Entra pelo bondinho e segue reto.

Vai me ver.

**Benjamin**

Ok.

Seco os olhos e respiro fundo muitas vezes para me livrar da cara de choro, mas acho que não adianta, porque, vinte minutos depois, quando tira o paletó e se senta ao meu lado, Benjamin me puxa para um abraço.

— Contou para ela? — pergunta, chateado. Eu nego. — Então o que houve?

— Ela me ama.

— E daí? — ele pergunta, confuso.

— Ela me ama mais do que como amigo. Será que eu tenho que desenhar? — Estou irritado e ao mesmo tempo

me sentindo mal por lhe contar isso. Ele também gosta dela.

— Eu sei disso — ele diz, com simplicidade.

— Como...?

Ben sorri e me conta uma história bem divertida sobre seu voo para o Brasil ao lado de uma maluca que tem medo de voar, então me dá um detalhe que define minha decisão.

— O avião sacudiu, ela agarrou mais a minha mão e me disse a seguinte frase: “Eu só queria falar para o Gabriel que eu o amo”, ou algo assim. E começou a chorar.

— Agora sou eu que te pergunto: E aí?

— Ela falou com muita ênfase que precisava dizer que te amava — sorri. — Acho que nem ela sabia. Nem sei se ela percebeu o que disse, mas eu acho que foi aquele avião sacudindo que colocou as ideias dela no lugar.

— Você não está chateado?

— Estou — ele admite, me olhando de um jeito muito estranho... Onde foi que eu vi esse olhar antes? — Por muitos motivos, na verdade. Eu preciso te contar uma coisa, Gabs.

Assinto, me lembrando. Eu vi esse olhar quando Benjamin me pediu para ajudá-lo a fazer um jantar.

— Você vai embora? — pergunto antes que ele possa me contar. Benjamin assente.

— Eu vim comprar uma empresa. O dono está me enrolando há dias, mas hoje assinou os papéis, e o meu chefe me quer em um avião de volta para Londres na segunda-feira à noite. — Ele me olha como se sentisse muito, mas acabou de me dar uma ideia.

— Isso é ótimo! — exclamo.

— Ótimo? Eu vou pedir demissão — ele revela, firme.

— O quê?

— Você vai contar para alguém o que está acontecendo? — ele exige saber, me revelando o motivo da decisão de querer ser um desempregado. — Você não vai passar pelo tratamento sozinho.

— Lembra quando você prometeu fazer o que eu pedisse se o diagnóstico fosse ruim? — pergunto, respirando fundo para tomar coragem. — Preciso que você cumpra agora.

— O que você quer?

— Volte para Londres e leve a Eva com você. Eu cubro todas as despesas dela pelo tempo que eu viver, prometo. Depois tudo vai para ela, de qualquer forma. Você só tem que me prometer que vai fazer a Eva tomar jeito, achar um emprego, alguma coisa que lhe dê um

rumo e estar lá... Tem que estar lá — respondo, sentindo as palavras queimarem minha garganta.

Elas têm gosto de derrota, mas ele pode cuidar dela.

— Enlouqueceu? — ele pergunta, debochando. Aos poucos meu rosto sério e minhas sobrancelhas arqueadas acabam com seu sorriso irônico e ele fecha a cara. — Você tem noção do que está me pedindo? Ela vai te odiar se souber que está passando por isso escondido dela, e vai me odiar por te acobertar. Ela vai odiar o mundo, Gabriel.

— Minta. Diga que não sabia — respondo, olhando para o mar.

— Ela ama você.

— Por isso mesmo.

Não vou machucá-la.

— Por quê? — ele pergunta, parecendo frustrado.

— Porque eu a amo do jeito que ela é. Não quero ser justo eu a ensiná-la a ser diferente. Porque eu amo dar risada com ela de porre, porque eu amo quando é pra mim que ela liga quando se mete em confusão, porque eu gargalho de vê-la abraçada com um bêbado, porque eu não tô nem aí que eu já tive que aumentar o limite do meu cartão adicional duas vezes desde que emprestei pra ela, porque eu me orgulho quando ela defende o que acredita mesmo com punhos, porque eu amo cada um

desses defeitinhos que ajudei a criar. Porque eu amo minha garota mimada, ingrata e egoísta do jeitinho que ela é, mas sei que é o que ela ia preferir. No fundo, se eu contasse que estou para morrer, ela ficaria comigo por uma questão de consciência, mas pensaria todos os dias em fugir. Ela pode me amar, mas ainda é a Eva. A Eva não gosta de despedidas, e você vai sacar bem rapidinho que esse tratamento não passa disso.

— Você não sabe.

— Nem você.

— Devia contar a verdade — Ben insiste.

— Eu tenho que confiar em mim e no que eu acredito.

Não vou desonrar mais de três décadas amando a Eva para destruí-la só porque é mais conveniente para mim. A única coisa que preciso saber é se você pode fazê-la feliz — concluo, sério. Dói profundamente perguntar, mas isso é amor. A falta de egoísmo é amor.

É assim que deve ser.

— Eu faria da Eva a mulher mais feliz do mundo, se ela permitisse — ele responde com firmeza, e sou obrigado a acreditar. Não tenho muita escolha. — Mas ela não vai entrar num avião comigo, Gabriel. — Encolhe os ombros, como se a ideia fosse ridícula.

— Ela vai.

— Como você sabe?

— Vou fazê-la entrar — garanto.

— Como?

— Antes de eu dizer como nós vamos fazer isso, eu quero ouvir você dizer que vai cumprir a sua parte como prometeu.

— Só de pensar eu sinto como se estivesse te roubando muitas coisas. Me sinto muito infeliz, Gabriel.  
— Os olhos de Benjamin se enchem de lágrimas. Ele está dividido.

Metade dele é mesmo meu amigo. A outra a ama.

— A Eva merece ser escolhida, sempre — falo, lhe dando uma ordem em forma de conselho. Ele assente.

— Só se você contar para alguém. Qualquer um — barganha.

— Vou precisar de todos eles para o plano dar certo. Agora, pode ficar tranquilo que o que não vai me faltar é babá. — Vou atirar em todas.

— Conta o seu plano — ele pede e eu me arrasto até estar na frente dele. Conto tudo o que passei as últimas horas planejando. A ideia da viagem é apenas a cereja do topo. Eu já tinha pensado em algumas coisas para afastá-la, mas um continente de distância é melhor que três quilômetros, mais fácil de enganá-la. Quando termino, Benjamin me olha como se não me conhecesse, e acho

que não conhece mesmo. Nem eu conhecia esse meu lado filho da puta.

Parece que o lado do cara morrendo é frio o bastante para fazer as coisas com racionalidade.

— Isso é...

— É baixo, sujo e vai tirá-la do país. É o que importa — curto, ríspido.

— Se você morrer, a Eva nunca vai te perdoar.

— A escolha é minha, Ben.

— Meu Deus, Gabriel.

— Você me deve essa. Eu cuidei muito bem dela para você. — Sorrio torto, querendo chorar, engulo e sorrio mais, como se não estivéssemos tratando a mulher que ambos amamos como uma maldita mala de viagem. A cada instante o remorso me consome um pouquinho mais, mas ainda não é suficiente para me fazer mudar de ideia e querer que ela passe por isso comigo.

Eu a amo demais para isso.

— Anda, Ben. Por favor — insisto até que finalmente concorde.

Nunca pensei que chegaria a esse ponto. Implorar para outro homem sumir com a mulher que eu mais amo no mundo, no exato momento em que mais preciso dela, do seu colo, seu cheiro, seu abraço. Mas Eva não precisa de nada disso; precisa apenas ser feliz e ficar com

alguém que possa lhe garantir esse sentimento. É nessa necessidade que tento me concentrar.



## Gabriel

Eu me obrigo a fingir que está tudo bem durante o jantar para que meu plano dê certo. Não é muito difícil. Aos poucos, as risadas dos meus amigos me contagiam e por algum tempo esqueço como o dia de hoje termina. Comigo perdendo a Eva. Depois que minha garota tira os pratos da mesa e anuncia que vai lavá-los, mesmo correndo o risco de arrastar as pessoas que eu mais amo para o meio de uma tempestade de canivetes, me aproveito de sua distração e aponto para a porta, pedindo que todos me sigam até o jardim.

— A Eva está lavando louça por vontade própria. Fala rápido o que você quer porque tá meio arriscado ficar aqui fora hoje — brinca Adam, lendo meus pensamentos.

— Você pode entrar e distraí-la? — pergunto para Benjamin.

Ele assente e nos dá as costas sem dizer nada, enquanto os outros me olham confusos. Pelo meu tom,

eles sabem que tem alguma coisa errada.

— O que aconteceu, Gabriel? — Olívia pergunta.

— Antes de falar, eu preciso que você suba até o meu quarto, abra a minha mochila e dê uma olhada nos papéis que estão lá dentro.

— Por quê? — ela pergunta, franzindo as sobancelhas.

— Só vai, Liv. — Aponto para a porta com uma carranca irritada, que a faz suspirar.

— Gabs, o que está acontecendo? — Adam insiste, inquieto, assim que sua mulher nos dá as costas.

— Vamos esperar a Olívia voltar — falo por cima do ombro, me sentando em uma das espreguiçadeiras espalhadas ao redor da piscina.

Passamos quinze minutos em um silêncio angustiante até que ela apareça com os olhos inchados, caminhe na minha direção, me olhando fixamente, e se jogue nos meus braços, se rendendo às lágrimas. Já tinha chorado antes e não aguentou. Isso porque pensei que ela seria a mais fácil.

— Para, antes que a Eva escute, Liv, por favor — imploro, agoniado, afagando suas costas com carinho. Achei que, por ser médica, ela seria mais fria e desceria as escadas preparada para me ajudar a contar aos outros

depois de ver meus exames. — Eu teria contado de maneira diferente se soubesse que você ia reagir assim.

— Você achou que eu te trataria como uma das minhas grávidas? — ela pergunta, fungando.

Adam, que parece em choque com o que assistiu, dá um passo hesitante para a frente e a puxa para seus braços, secando os resquícios de suas lágrimas. Ele está mais branco que um fantasma, porque não a vemos chorar com frequência.

— Como você quer fazer? — pergunta a chorona, em um tom frio e trêmulo. — Eu falo ou você?

— Agora sim é a médica que eu admiro — abro um sorriso triste, orgulhoso até. — Faça as honras.

Ela anui e se senta na cadeira de frente para a minha, puxando seu marido junto, ao mesmo tempo em que estendo a mão para Rafael. Ele me olha de cima e morde o lábio. Demora a aceitar.

— Eu não quero escutar — fala.

Meu sorriso triste fica mais triste, e isso basta para que ele pegue minha mão e se sente ao meu lado, apertando-a enquanto a médica da família respira fundo.

— O Gabriel foi diagnosticado com um linfoma não hodgkin no Ana Costa, quando passou mal há três dias. Ele escondeu de nós porque queria saber o estágio da doença antes de nos preocupar, já que na maioria dos

casos as taxas de cura são muito boas. — Ela me olha para saber se está certa e eu assinto. — Suponho que ninguém saiba o que isso significa, né?

Adam nega.

Rafa aperta minha mão com tanta força que acho que vai quebrá-la.

Acho que alguém sabe.

— Eva? — pergunto, alto, para que parem de falar quando a vejo sair pela porta do jardim. Ela me chama com um dedo e eu caminho ao seu encontro.

— O Ben me chamou para dar um passeio — ela diz, um pouco sem jeito, e minhas sobrelanceiras se erguem.

— E daí?

— Você acha que eu devo... ir? — pergunta, tímida. Suas bochechas ficam vermelhas, e isso arrebenta meu coração. Ela quer que eu lhe peça para ficar. E é o que eu quero fazer.

— Claro, por que não? — Só que eu não posso. Eu tenho que deixá-la ir, em todos os sentidos. — Divirta-se — falo, dando as costas. Meus olhos se fecham com pesar por um instante enquanto volto para meu lugar, a tempo de vê-la acenar para nossos amigos e sair, chateada.

Vinte e nove horas e um belo jantar depois, aqui estamos, Eva.

Eu te perdi.

— Esperem um pouco. Já que ela saiu, vou aproveitar para dizer para todo mundo junto — falo para o pessoal, me sentando no lugar. Tiro o celular do bolso, procuro um número nos contatos e faço uma ligação.

— Gabriel? — ela atende no primeiro toque.

— Você consegue vir aqui em casa rapidinho? — pergunto, com pressa. — É importante.

— Tá, tudo bem. — Ela está meio assustada.

— Entra com a chave do canteiro. Estou no jardim. — Ela concorda e eu desligo. — Vamos esperar a Alice chegar antes de continuar — explico para os outros.

Ninguém parece achar estranha a presença dela. Acho que ocupei demais o tempo de Eva nos últimos dias, porque normalmente ela seria mais rápida em espalhar a fofoca de que o namoro acabou. Se eu soubesse o que ouviria da boca do médico depois do desmaio, não teria sido tão rápido em contar a novidade para ela.

Quando Alice chega, se assusta um pouquinho mais ao notar que não foi chamada para uma conversa de reconciliação, mas se recupera rápido e escuta a explicação de Olívia em silêncio. De tempos em tempos, seca o canto interno dos olhos com a ponta dos dedos e olha para cima, piscando rápido para evitar cair no choro.

— Para resumir, é uma doença nos linfonodos — conclui Liv, baixinho.

— Tem tratamento? — é a primeira pergunta de Adam. Liv assente, me dando um minúsculo sorriso, e me mostra que a parte dela terminou ali. Ela não aguenta contar o restante, não quer ser a portadora da notícia que vai machucar o marido, tão apegado a mim quanto a irmã dele. — Por que você nos assustou assim? — reclama, respirando mais calmo, como se tratamento fosse sinônimo de cura. Inocente demais.

— Você sofreu uma emboscada na porta de casa, matou dois caras no meio da sala de estar, tomou um tiro na perna e me ligou para contar puto da vida por causa do tapete ensanguentado enquanto esperava pela ambulância, depois ficou uma semana internado e ninguém ficou sabendo além de mim, porque nós somos parceiros e sempre socorremos um ao outro. E a Eva, muito tempo depois, porque viu a cicatriz e você não tinha como mentir. Mas eu já te peguei escondendo as coisas de mim também, e agora você está nos contando que está doente. Por quê? Não contaria tão de boa vontade assim à toa. — Rafael me decifra em menos de um minuto. É impressionante.

— Isso aconteceu quando? — Adam pergunta, irritado, e eu fecho os olhos. — Esquece. Essa a gente arquiva

para depois. Me explica primeiro por que a Eva não está presente nesta conversa — emenda, também atento.

— Eu tenho três dias para tirar a sua irmã do país, e preciso da ajuda de todos vocês para fazer o meu plano dar certo. Se não precisasse não teria contado — admito, passando uma das mãos pelo rosto.

— Como é? — Adam sorri.

— É isso mesmo que você ouviu — afirmo.

— Para — ele pede, quando a risada perde o ritmo e se transforma em um engasgo. — Tá falando sério? — Agora está horrorizado.

— Minha primeira sessão de quimioterapia é na terça. Se tudo der certo, no momento em que uma enfermeira furar a minha veia, uma comissária de bordo vai estar perguntando para a sua irmã se ela aceita uma dose de champanhe em um voo de primeira classe para Londres, por minha conta, com o Benjamin.

Ele me agarra pela camisa e me puxa na sua direção. Saio da cadeira e paro a um palmo de distância do seu rosto, de joelhos no chão.

— Você ficou maluco? — pergunta, em um rosnado baixo. — Vai dar a mulher que você ama para aquele filho da puta levar embora? Eu juro que não me incomodaria se fosse a porcaria da sua namoradinha, mas é a minha irmã. Vai dar a minha irmã? — rosna, com mais raiva, se

esquecendo de Alice a um metro de nós. Mas ela está chorando tanto que nem se importa em ficar ofendida.

— Se o Ben quiser, eu coloco até um laço no cabelo bonito dela — respondo, com a voz embargando mais a cada palavra. Os olhos dele amansam. — É para o bem dela, Adam.

— E o seu bem? Está na hora de alguém ensinar a minha irmã a se preocupar de verdade com mais alguém além dela mesma e te apoiar, porque o mundo não gira ao redor do umbigo dela.

— O meu gira. — Encolho os ombros.

— Você precisa dela te apoiando — afirma.

— Não, não preciso. Nem dela, nem de vocês, aliás. Ninguém aqui é obrigado a ficar... — Tomo um soco na cara que me atordoa, estrala. — Por que você me bateu? — Esfrego a bochecha, sem entender.

— Se falar de novo que vai fazer tudo isso sozinho, não vai ser só um soco — Adam cospe.

— Faço das palavras do Adam as minhas — diz Rafael, me dando um tapa na nuca. Porra! — Agora fala o que você quer de nós — pede, inquieto.

Explico tudo o que está acontecendo entre mim e minha garota e depois minha ideia. Não escondo nada, embora seja difícil para Adam escutar algumas partes.



Quando termino, ninguém abre a boca. Viro para minha ex-namorada.

— Alice? Você não me deve nada. Eu não tenho nada para oferecer em troca...

— Eu estou dentro — ela responde, me cortando.

— Pensei que isso ia ser mais difícil — admito, confuso.

— Eu te amo. Você sabe, não é segredo. Eu quero uma despedida, então eu topo se não for teatro. — Ela é sincera e nem fica vermelha. Acho que meu pedido tem um preço, afinal.

Olívia trinca os dentes.

— Obrigado, Alice. — É um sim. Não tenho muita escolha.

— Não precisa agradecer — sorri provocativamente, fazendo meu coração apertar.

Liv me belisca e eu fujo do olhar de Alice, para acabar com nosso constrangimento.

— Rafa? — pergunto, mordendo o lábio.

— Não concordo com nada disso. A Eva tem que saber, acho que você está indo longe demais.

— Isso é um não? — pergunto, seco.

— Eu não falo não para você, amor — ele devolve no mesmo tom.

Ótimo! Adoro lealdade. Se Eva soubesse o que é isso, eu teria dormido mais à noite.

— Adam?

— Não.

— Adam? — insisto, porque ele também não costuma me dizer não.

— Eu disse não — repete mais firme. Bom, acho que não dizia. Até agora. — Vou ficar do seu lado, vou pegar férias para cuidar de você. Vou largar o trabalho, foda-se. O meu chefe é meu pai. Ele dá dinheiro pra Eva a vida inteira e ela nunca precisou fazer nada para merecer. Ele me deve essa. Te juro que não vou soltar da sua mão, mas não vou mentir para a minha irmã nem participar disso.

— Olívia?

— Não — Adam responde por ela.

— Sim — ela corrige, firme, sem olhar para ele.

— Olívia? — Adam está chocado.

— Nós temos que tirar a sua irmã daqui — afirma, cravando um olhar penetrante no marido.

— Por que você está concordando com isso? — Ele seguramente não esperava isso dela.

— Porque eu sou médica e sei reconhecer quando vejo uma coisa ruim. E o que tem naqueles exames lá em cima é muito ruim, Adam. — Ela aponta para a janela do

meu quarto, fazendo os olhos dele se encherem de lágrimas.

— Não é certo, amor!

— Você acha que a sua irmã vai ficar de que jeito quando souber? Acha que ela vai dar paz para o Gabriel fazer o tratamento? Ela vai ser só uma preocupação a mais para ele, enquanto a única preocupação dele tem que ser lutar! Nós protegemos a Eva a vida inteira. Vamos parar agora? Saber disso vai arrebentar com a menina. Ela não tá pronta para ver o Gabriel sofrer, porque ele vai, Adam. Não estamos falando de uma gripe. Estamos falando de um câncer — esbraveja, sendo grosseira desta vez. — Isso dá ao Gabriel o direito de decidir como quer lidar com o tratamento. Vai surtir um efeito melhor se ele estiver tranquilo e confiante, e não chateado e arrasado. É para o bem dele. É para o bem dela. Eu vou ajudar, e você... você pode até não querer participar, mas também não vai atrapalhar.

A esta altura Adam está soluçando de um jeito que eu não vejo desde que éramos crianças. Estendo a mão e ele a segura. Eu o puxo para um abraço, apertando-o contra meu peito até que se acalme. Quando sua respiração se normaliza, Adam se afasta um palmo e segura minhas bochechas com as mãos.

— Eu te considero um irmão. Nós crescemos juntos. Porra, eu te amo o tanto que eu amo a minha irmã, mais até, porque ela é um saco e você é o meu melhor amigo. Só a ideia de que você... — Adam pisca e duas lágrimas caem, e então o cretino faz a última coisa que eu esperaria.

Agarra meu rosto e me beija.

Simples assim.

Sinto sua boca se pressionar com força na minha e meus olhos se arregalam. Porra! Ele podia pelo menos ter feito a barba, né? Assisto, chocado, Adam fechar lentamente os dele, me perguntando se essa tara é de família. A irmã dele bem que podia ter toda a energia que eu vejo nesse garoto, que ainda está me beijando, por sinal. Decido que não vou bater nele, ou impedi-lo, a menos que tente enfiar a língua na minha boca. Se Adam me contasse que está morrendo, eu tomaria um porre. Cada um se cura como pode, né? Se ele precisa me beijar para ficar bem, que seja.

— Eu te amo... — ele diz, quando me solta.

— Percebi — corto, caindo na risada antes que ele termine de falar.

— Todos nós percebemos — Rafa intervém.

— Uau! — Olívia está boquiaberta. Quem pode julgá-la? — Você nunca me beijou assim. Acho que é por isso

que eu não fico grávida.

Tá, depois dessa preciso de um minuto pra parar de rir.

— Como esse seu lado me passou despercebido quando você era solteiro, hein? — Rafa brinca.

— Quer um também, Rafa? — ofereço, solícito.

— Só se tiver língua e terminar no quarto — ele pede, batendo palminhas.

— Esquece. Acho que você pode lidar com isso como uma pessoa normal e tomar um porre quando chegar em casa. — Ele ri, mas tem um punhado de lágrimas nos olhos.

Tenho amigos muito moles. Quem vai cuidar deles?

— Parem de brincar. Não é hora. — Adam nos faz ficar quietos. Eu tinha esquecido por alguns minutos o que está rolando. Porra, como foi bom. — Como eu disse, estou aqui para o que você precisar — diz, olhando para mim. — Talvez até te beije de novo, mas, quando o assunto for essa sua ideia deturpada de altruísmo, não conte com a minha ajuda — conclui, batendo no meu peito.

— Por quê?

— É injusto tanto com você quanto com a minha irmã.

Agora eu fico olhando para a boca dele enquanto fala. Isso é normal? Ele me empurra e acena, entrando em casa.

— Ainda tem nós três — Liv me conforta, apoiando a mão no meu ombro, antes de segui-lo.

Rafa me deseja boa sorte cinco minutos depois e vai embora também. Sobra somente Alice. Continuamos no jardim, conversando sobre tudo que está acontecendo, até que Benjamin me mande uma mensagem para avisar que estão chegando.

— Está pronta? — pergunto, me levantando e lhe estendendo a mão, que ela prontamente aceita.

— Não é nada que a gente já não tenha feito antes — ela responde, com um minúsculo sorriso que faz minha garganta se fechar. Engulo em seco e a puxo para dentro de casa, soltando-a apenas quando chegamos ao meu quarto. Seus dedos correm rapidamente pelos botões da blusa dourada e do shorts jeans, e eu me sinto um cretino, mas não hesito em apagar a luz e abrir minha camisa, arremessando-a em um canto antes de me livrar do resto e passar a mão pela cintura de Alice, jogando-a sobre a cama.

Minha boca encontra a dela assim que escutamos a porta da sala se abrir e os passos de Eva subirem a escada. Quando ela chega ao último degrau, já a perdi há trinta horas. Quando entra no quarto, ela descobre que me perdeu também. Neste segundo.

Escuto quando ela funga, sem saber que ainda não é o pior que eu posso lhe mostrar.

E pela primeira vez na vida eu finjo não ouvir.

Eva

Estou hipnotizada pela cena.

É isso.

O sentimento é pior até do que na primeira vez que os flagrei, porque hoje, diferente daquela época, eu compreendo o que estou sentindo por ele e ainda tinha alguma fé de que pudéssemos conversar, nos entender e quem sabe... Mas não vou ter a chance, pois o que estou vendo está bem longe de ser a trepada bruta a que eu assisti antes. *Eles estão fazendo amor.*

Ele está fazendo *amor* com *outra* pessoa.

Não consigo desviar o olhar do corpo dele se movendo sobre o dela embaixo da coberta, que cobre apenas o que importa, das costas dele se arqueando, da mão espalmada na bochecha dela com tanto zelo que dói em mim só de olhar, ou da maneira como sorri provocativamente sempre que recua de uma investida para olhá-la, como se quisesse conferir que ela está bem, que está gostando. É a coisa mais triste que meus olhos já viram. É uma prisão. Eles ainda nem perceberam que estou a poucos passos de distância, com os



olhos cheios de lágrimas. Quero sair correndo antes que me vejam, mas meus pés não obedecem.

Estou presa nesta cena triste, morrendo lentamente por dentro.

Como ele pôde?

Tento de tudo para que meus pés se mexam e nada. Estão mortos, assim como meu músculo cardíaco burro, essa porcaria que também não funciona, que não bate mais. Nada funciona, até que o olhar dela se revire e sem querer cruze com o meu. Alice arqueja de susto, engasgando com um gemido. Gabriel vira o rosto na mesma hora para ver o que a assustou e me encontra.

— Eva! — exclama surpreso, se erguendo e puxando o edredom para cobri-los. Como se eu já não tivesse visto o suficiente. Não há nada em seu olhar além de aborrecimento por eu ter atrapalhado. — Tá olhando o quê? Dá o fora, porra! — A ordem dada com grosseria é o suficiente para que meus pés reaprendam para o que foram feitos e me tirem de lá, só que não me levam para muito longe. Adoraria que tivéssemos ido dar um passeio dentro da piscina.

Eu queria muito, muito me afogar hoje.

Só um pouquinho.

Uma hora depois, quando descem a escada, gargalhando de alguma coisa estúpida que apenas os dois entendem, estou sentada no sofá, com um copo de uísque quase vazio nas mãos — o quarto —, uma bituca de cigarro presa entre

os dedos e mais nenhuma lágrima para chorar. Dá para ver pela minha cara, não que algum deles se importe enquanto passam por mim fingindo que não existo e entram na cozinha. Admiro a bituca por um segundo. O cigarro apagou sem que eu fumasse. Só lembrei dele quando me queimou, mas continuei segurando e suportando até o fim, apreciando aquela minúscula dor que me distraiu de outra maior.

Eu o coloco no cinzeiro e me ajeito no sofá, mas não demora até que meus olhos os procurem. Virei masoquista hoje, só pode. O que eu ainda estou fazendo aqui? Não tenho ideia. Desci a escada determinada a ir embora e terminei revirando a cozinha atrás de uma birita, chorando sozinha no sofá porque não consegui passar pela porta.

Não consegui passar pela porta nem com ele comendo alguém no andar de cima.

Hoje eu permito que ele me chame de burra, como sempre faz.

*Hoje eu concordo que sou mesmo.*

Gabriel abre a geladeira e pega uma garrafa de água antes de se encostar na pia ao lado e afastar as pernas para que aquela piranha que meu pai abrigou por caridade se encaixe no meio delas. Ela se esfrega nele, o carinho que o Cupido não quer mais fazer em mim, e minha mão aperta mais o copo. *Vou fazer merda, estou sentindo.* Ela alisa o peito descoberto de Gabriel, beijando seus ombros, os dedos brincando com o elástico da calça de moletom, perto demais

de algo que eu queria que ela nunca tivesse experimentado. Meus dentes trincam. Vou acabar quebrando esse copo e cortando a mão. Percebo isso pelo rápido olhar preocupado que Gabriel lança para o uísque brutalmente esganado por mim, mas então ele não parece mais tão preocupado, já que seus olhos param no decote dela. Ele está deixando a Alice me provocar; ele sabe que está brincando com fogo. Por que está fazendo isso?

Por que eu não consigo parar de olhar?

Seu rosto se contrai e seus lábios se entreabrem em um sorriso safado, um sorriso que eu nunca ganhei. Não é minha mão que esse copo vai cortar. Não mesmo. *É a dela*. Decido decepar aquela mãozinha boba no instante em que entendo por que ela ganhou o sorrisinho sugestivo. Uma delas passa pelo elástico, desaparece dentro do moletom e meus olhos se afiam. Ao mesmo tempo os dele se abrem, me procuram e me acham assistindo. *Vou fazer merda, Gabriel!*

Ele desvia o olhar como se nem tivesse me visto, mas gira o corpo para o outro lado, para que eu não consiga ver os movimentos dela. *Bom, ele foi avisado*. Ainda escuto os sons saindo da boca dele... pelo menos até meu copo trincar audivelmente e ele afastar a mão dela, a colocar em seu peito e passar as dele por cima dos ombros da garota, voltando a se encostar na pia. Ele apoia os antebraços nos ombros dela e abre a garrafa de água às suas costas,

sorrindo de alguma coisa que ela diz no ouvido dele. EU. VOU. FAZER. MERDA.

Ele sabe.

Ele sabe e não parece preocupado.

Por que ele está me deixando assistir? Ele nunca fez isso. Gabriel até evitava beijar alguém na minha frente, porque sabe que eu não gosto de ver! O infeliz coloca o gargalo nos lábios dela, observando-a beber aquela porcaria de água como se fosse a Gisele Bündchen saindo toda molhada da piscina, e não uma cadela vira-lata que ele achou perdida na porta da minha casa. Gabriel toma um gole, passa a língua nos lábios, coloca a garrafa na pia e mergulha nela, com a boca e as mãos.

No instante em que as mãos dele agarram a bunda daquela vaca, eu explodo.

Não só eu.

Eu disse que ia fazer merda.

O copo acerta a geladeira, a milímetros de onde eles estão se agarrando, e faz uma bela chuva de vidro e uísque desaguar sobre eles. Ainda é pouco perto de como estou me sentindo. Por mim eu pegava um caco e cortava a garganta dela até fazer chover sangue... *depois de me livrar daquela mão, óbvio.*

Não tenho ideia de como ele foi tão rápido se estava distraído, mas Gabriel virou e cobriu o corpo de Alice com o dele um milésimo de segundo antes de eu soltar o copo. Bola

de cristal, será? Ele deve ser mesmo muito bom no trabalho, ou só me conhece bem e fica esperto. É melhor beijar a garota de olho aberto.

Também, eu errei porque quis.

— Droga! — ela berra, assustada.

Gabriel resmunga alguma coisa e os olhos irritados dela param em mim depois de darem uma boa olhada no ombro dele, onde dá para ver um filete de sangue escorrendo. Minhas pernas, mesmo bambas, me colocam de pé e me levam ao encontro deles, porque eu não queria tê-lo machucado. A única coisa em que consigo pensar é como é impressionante que elas sempre vão em busca de Gabriel, mesmo que eu não queira.

— Machucou? — pergunto, culpada, esticando a ponta dos dedos para tocar seu braço.

Odeio sangue. Minhas pernas ficam ainda mais bambas e sou obrigada a desviar o olhar.

— Você ficou maluca, Eva? É óbvio que machucou! — Alice ataca, dando um tapa na minha mão. — Não encosta nele, droga! — ela ordena, como se mandasse em alguma coisa, e acho que manda mesmo, porque Gabriel não a contradiz. Pelo contrário: ele pega a mão dela e lhe lança um olhar de “tudo bem”.

*Esse olhar é meu!*

Um passo à frente e dou de cara com as costas dele.

Sempre na minha frente, esse babaca!

— Estou bem, amor. Está tudo bem — ele garante, escondendo a garota de mim enquanto ela limpa o sangue com um guardanapo. Quando termina, ela bufa e se afasta para vir me enfrentar e eu me animo. Por Deus, isso era tudo o que eu mais queria desta vida depois desse “amor”: um motivo para bater nela. É a primeira vez que o escuto dizer essa palavra para alguém, e isso arrancou muitas coisas ruins de mim. Quero o tal motivo só para ter como explicar para o meu pai, porque de qualquer jeito essa vaca vai apanhar. Assim que Alice para na minha frente, minha mão faz o caminho oposto e vai para trás. *Ah, eu vou adorar isso.* O plano é atordoar com o primeiro tapa, jogar a vaca no chão e chutar até cansar, mas sou frustrada quando o corpo dele aparece no meio do meu caminho. De novo.

Gabriel a pega pela mão e a tira de perto de mim rapidamente, levando-a até a escada enquanto me lança um olhar que diz para eu não atacar. Ele até espalma a mão para me impedir.

— Eu cuido disso. Me espera na cama. — Meus punhos se fecham na hora e eu paro de pensar, fico cega. Quando ela entra no quarto eu já encurtei nossa distância e ataquei Gabriel como um bicho, rosnando e tudo. Enterro os punhos no peito dele. Uma. Duas. Três. *Muitas vezes.* — Por que eu estou apanhando, Eva? — ele pergunta sem me impedir, enquanto continuo batendo, o que só me faz bater com mais raiva, até cansar.

Quando termino, meus punhos doem e ele está todo vermelho, mas não escutei uma única reclamação. As mãos dele se mantiveram o tempo todo ao lado do corpo.

Idiota!

Por que ele tinha que falar em cama? Podia só tê-la mandado subir. Tão mais simples. Eu não estaria feliz, mas também não estaria procurando o esconderijo das armas dele com os olhos. *Qual será a senha do cofre, hein?*

Esse é o único segredo que ele nunca me deu. Acho que não me quer brincando de policial com elas em frente ao espelho, o que nós dois sabemos que eu adoraria fazer. Ele me levou para atirar no estande uma vez, depois de muita insistência. Se eu soubesse a senha, hoje ele iria se arrepender de ter me ensinado.

— Na cama? — pergunto, seca. Seus olhos ficam confusos, como se não soubesse que diabo de problema eu vejo nisso.

— No *meu* lugar, Gabriel?

— Não tem o seu nome escrito na minha cama. Pelo que eu sei, ela pertence apenas a mim — responde, sem hesitar.

— Onde eu vou dormir?

Ele apoia uma das mãos no corrimão da escada e me olha de cara fechada, mesmo que meus lábios estejam tremendo. Odeio ele!

— No sofá. A menos que você queira dormir no meio de nós dois. Quer? — debocha.

Somos atraídos por um barulho no alto da escada e vemos um travesseiro rolar pelos degraus, até meus pés.

Sacanagem.

— Não diga que eu nunca fui gentil com você, irmãzinha

— Alice despeja, com um sorriso provocativo nos lábios, antes de se virar, entrar do quarto dele e bater a porta.

Ameaço subir e sinto a mão dele se fechar no meu pulso.

— Sem bater nela — Gabriel ordena, firme. Ríspido.

— É sério? — pergunto, indignada.

— Estou com cara de quem está brincando? — Não. Ele não está.

Gabriel me solta e se abaixa para apanhar o travesseiro, que tenta me entregar, mas é óbvio que eu não o pego de suas mãos. Então ele o arremessa no sofá.

— Eu nunca fui expulsa para o sofá antes. Elas que são, droga! — Já falei que estou indignada? Indignada é pouco. Eu tô virada no demônio. Vou matar os dois enquanto dormem e me acabar de rir cortando os pedaços, depois vou enfiá-los em sacos de lixo e jogar tudo em um dos canais que dividem a praia. *Talvez eu jogue no 7.*

— Qual a porra do problema de dormir no sofá uma noite? Só uma?

Olho para meus pés. Não quero mais bater, agora eu só quero chorar.

— Eu tenho uma vida também, sabia? — ele pergunta, com um suspiro cansado. — Não posso ficar sem a minha



liberdade pelo resto dela só porque você é imatura demais para perceber que a sua madrasta é bem gente boa, e as filhas dela também.

— Você disse que tinha terminado com a filha gente boa dela — acuso, dando um passo para trás.

— Desde quando com quem eu fico é da sua conta? — Ele franze o cenho.

— Sempre foi — grunho.

— É, mas não devia, porque com quem você fica nunca foi da minha. — Eu preferia que ele tivesse aberto a mão e me dado um tapa.

— É diferente. Agora eu moro aqui, então é sim da minha conta ter uma piranha gemendo mais que atriz pornô por uma hora no andar de cima. Não sou obrigada a escutar — respondo, a voz tremendo mais que os lábios. Droga, vou chorar.

— Tem razão, não é. Então, se isso está te incomodando tanto assim, sugiro que você pegue as suas coisas e volte para a casa do seu pai.

— Sugere? — arquejo. — Você está me expulsando, Gabriel?

— Só estou expondo os fatos. A casa é minha e eu faço o que bem entender dentro dela. Se você não gosta, é melhor dar o fora, porque eu voltei com a Alice. Então a partir de hoje o som ambiente aqui vai ser o que você passou uma hora ouvindo, e vai ouvir por mais uma, porque eu estava só

me aquecendo. — A arrogância é tão grande que agora sim eu senti um tapa.

Gabriel nunca foi arrogante antes.

— O que deu em você? — pergunto, perdendo as estribeiras. — Você nunca me tratou assim! Está falando como o vegetariano! — É mentira, mas agora quem deu um tapa fui eu. Dei de propósito, sabendo que ia doer. Dei por maldade mesmo, porque o que ele fez hoje também foi maldade. É impossível ele não perceber que o ciúme está mais forte do que deveria por um motivo. Gabriel recua, como se minhas palavras fossem uma rajada de vento que o faz voar. Seus olhos se fecham e eu o ouço respirar fundo antes de reabri-los e me olhar exatamente como o vegetariano me olhava quando queria me humilhar.

Agora não preciso mais mentir. Talvez o que eu disse tenha sido apenas uma previsão.

— Sem contar o fato de perder a liberdade de foder quem eu quiser na minha própria casa e o de ter sido atingido por uma chuva de cacos de vidro, porque uma garota que não tem o menor amor ao dinheiro de ninguém, nem ao dela mesma... Você acha que copos são de graça? — diz, sarcasticamente.

— Ótimo! Fatos, né? Então eu posso ligar para o Benjamin e dar uma gemida no seu sofá? — provoco, e os olhos dele se arregalam na hora.

Gabriel me encara como se eu tivesse cometido um pecado.

— Tá maluca? — Ufa, já estava pensando que ele tinha sido abduzido. — Eu não gosto nem que você *coma* nesse sofá.

— O quê?

— Eu não como, em nenhum sentido. — Arqueia as sobrancelhas. — Adoro esse sofá.

— É só por causa do sofá? — pergunto, corajosa.

— Ouvi dizer que o Ben tem um quarto bem legal no Parque Balneário. — Minha garganta se fecha assim que escuto o nome do hotel. É um lindo hotel, mas o problema nem é isso. É o descaso. — O que você acha de ir dar uma gemida lá? Fica a cinco minutos a pé, mas eu empresto o carro se você estiver com preguiça de andar, porque adoraria comer a minha namorada na mesa de jantar mais tarde — ele me incentiva, e acho que é aqui que eu percebo que tem alguma coisa muito errada acontecendo.

Errada de verdade. *Esse não é o Gabriel.*

— Eu caí em outra dimensão quando cheguei do trabalho e abri a porta, será? — resmungo comigo mesma, olhando para o travesseiro. — Você virou vegetariano enquanto eu saí? — Mais um tapa, com as costas da mão agora. Mesa de jantar? Sério, seu inútil?

Ele desvia os olhos para longe de mim assim que escuta a pergunta.

— Decida aí o que você vai fazer. — Seus lábios se abrem em um sorrisinho debochado e ele me dá as costas, subindo os degraus de três em três, com a mesma pressa pela qual teria me dado uma bronca antes. Ele pirou por causa de um beijo semana passada, e agora eu posso ir gemer no hotel do cara? Qual é? *Abduziram esse homem?*

Desde que cheguei está tudo diferente. Quando foi que a melhor coisa que eu tinha na vida afundou e eu não vi?

Deito no sofá e abraço o travesseiro, que tem o cheiro dele. Me enganei quando pensei que já tinha chorado todo o meu reservatório. Pelo visto as lágrimas não têm fim. Sinto que vou explodir se não conversar com alguém, então procuro o celular, enfiado no estofado, e passo alguns instantes pensando em quem vou alugar.

*Pensa, Eva.* Em uma situação como esta, eu bateria na porta da casa do meu irmão. Obrigaria Olívia a me acalmar e encheria o maridinho dela de perguntas — a principal: se ainda tenho alguma chance com o Gabriel. Adam é completamente leal a ele, então, quando se recuperasse do infarto que isso lhe causaria e não me desse nenhuma resposta satisfatória, eu ligaria para Rafael, porque, embora também seja leal ao Gabs, ele me adora e sei que me diria a verdade. Vi em seus olhos, na delegacia, que ele se empolgou com meu ciúme e que a ideia de ver Gabriel e eu juntos o deixa feliz. É um bom plano, isso se eu achasse que

Gabriel ainda é a mesma pessoa. Preciso de uma ajudinha mais específica aqui, porque a coisa está feia.

**E  
v  
a  
E  
s  
t  
á  
a  
í  
?**

**Pai**

O que você quer?

**Eva**

Tô carente e não me sobrou mais  
ninguém para conversar.

**Pai**

Temos uma família grande, deserdada.

**Eva**

A última vez que liguei para a sua nora, a insana me pediu para ajudá-la a roubar um bebê na maternidade. O Adam disse que está ocupado jogando videogame e eu briguei com o Gabriel. Sobrou tu!

**Pai**

Não me pede desculpa pela palhaçada na delegacia e ainda tem a cara de pau de querer chorar as pitangas para mim no fim do dia? Eu nem deveria te responder, sua meliante.

**Eva**

Está fazendo o que de bom, pai?

**Pai**

Lendo um livro. Já fez isso alguma vez na vida? É ótimo para a mente. Me pede desculpa.

**Eva**

Eu estou escutando um barulho desagradável no quarto de cima. DE NOVO! Como pode ter tanto pique? Isso porque a mesa é a próxima...

**Pai**

Legenda isso aí. Não entendi nada. O que tem a mesa?

**Eva**

Parece que um dos filhotes que você pegou para criar conseguiu me rebaixar ao sofá e está sendo abatido. Ou pelo menos está gemendo como se estivesse.

**Pai**

Jesus! O livro parou no focinho da Clara.

**E  
v  
a  
M  
a  
t  
o  
u  
?**

**Pai**

Não! Ainda bem, né? Porque, pelo que eu fiquei sabendo, o delegado da família está ocupado.

Hahahahaha.

Trinco os dentes.

**Eva**

Hum, que bom.



**Pai**

Está sendo sarcástica?

**Eva**

Pode apostar que sim.

**Pai**

Por falar na minha esposa, você deveria pedir desculpa para ela também, sabia?

**Eva**

Você que deveria me pedir desculpa. A culpa de tudo isso é sua. Tanta mulher sem filho no mundo e seu dedo podre para justo na mãe do satã. Por quê, pai?

**Pai**

A Clara é a mulher mais linda em quem eu já coloquei os olhos.

**Eva**

Depois de mim.

**Pai**

É.

**Eva**

Está sendo sarcástico?

**Pai**

Jamais.

Mas agora me explica a história do sofá. Não é nele que você dorme quando fica aí no Gabriel? Porque, se eu descobrir que não é...

**Eva**

Pai, é sério. Por que eu fui abandonada à míngua aqui? Para de gracinha e pensa comigo, por favor. Já arremessei um copo em alguém. Quer que eu seja

presa de novo hoje? Vou matar aqueles dois, me distraia!

**Pai**

Tá. Primeira teoria: você nunca tinha sido expulsa da cama porque o Gabriel nunca gostou de nenhuma garota o suficiente para transformá-la em namorada antes da Alice. Pela minha experiência com o seu irmão, os garotos gostam que as namoradas durmam em casa. A Olívia praticamente morava na nossa, lembra? Paguei um casamento caríssimo para me livrar dos dois e dos barulhos indesejáveis que eu escutava quando chegava mais cedo do trabalho, de surpresa. Eu te entendo. Então, para resumir e ficar facinho de entender, pode ser que o Gabriel goste da sua irmã.

**Eva**

Odiei essa teoria. Tem outra?

**Pai**

Uma mais simples: meu garoto só quer fazer barulhos desagradáveis com alguém em paz, porque todo mundo tem necessidade disso... Menos você, você não tem que ter. Ajudei?

Paro de responder e meu celular toca.

— Por que está chorando? — ele pergunta quando atendo fungando. — Minha filha, é só um sofá! Você não tem mais dois anos de idade, Eva. Não me envergonhe mais do que você já fez hoje — ele lamenta, debochado, e me faz sorrir.

— O problema não é só o sofá, que, a propósito, vou queimar assim que não for mais a minha cama.

— Nem pense nisso. O Gabriel ama esse sofá.

— Por isso mesmo!

— Em vez de brincar de índio, me conte o que houve, Muhammad Ali. — Seu tom é paciente.

— Antes, você pode me responder uma coisa? — pergunto, ainda fungando. — Você sempre sabe de tudo, então talvez consiga me ajudar nessa.

— Claro.

— Onde foi que as coisas com o Gabriel deram errado? Porque eu não sei. Eu me pergunto e me pergunto e continuo sem ter nem ideia.

— Na minha opinião, foi há seis meses, quando você entrou em um avião e deixou o menino chorando dentro do

carro, te olhando ir embora. Foi aí que você o magoou de verdade. — Ele nem hesita para responder.

— Chorando? — debocho.

Bom, pelo menos o meu pai me fez rir. Já é alguma coisa.

— Eu cheguei do trabalho e bati na janela do carro. Nunca tinha visto o Gabriel daquele jeito. Tive que levá-lo para dentro, até copo de água com açúcar eu dei. Você acha que eu estou brincando? — O seu tom é sério, e eu engulo a risada que entala na minha garganta. Meu pai nunca fala sério. As lágrimas pingam infinitas. Por que eu fui embora, porra? Por que ele está me contando isso? Estraguei tudo. — Eu respondi à sua pergunta, agora responda à minha. Se o problema não é o sofá, qual é o problema, filha?

Respondo sem nem pensar.

— Ele abatendo a cria do demônio — cuspo com sinceridade. — Eu acho que estou apaixo...

— Se for dizer que está apaixonada, não quero escutar. — Seu tom agora é como gelo.

— Mas...

— Pare agora mesmo de deixar esse monstro devorador de coisas que mora em você machucar esse garoto, Eva. — Meu pai parece bem bravo.

— Eu que estou sendo machucada aqui. Eu — friso, frustrada, de saco cheio e infeliz. — Por que a culpa de tudo sempre é minha? Foi ele que se aproveitou da minha ausência para se engraçar com essa vadia.

— Você quer o Gabriel só para você. Sempre quis, já percebeu?

— É. Acho que todos nós sabemos disso. Não é segredo, né? Não gosto de dividir nem minha comida, que dirá meu melhor amigo, que por sinal também é o cara que eu amo.

— Então por que você saiu com aquele palhaço ridículo quando tinha dezoito anos, depois com o menino magrelo e estranho que não comia carne e tinha uma galinha de estimação aos vinte e quatro, e, pelo que me lembro, há seis meses entrou em um avião para ir atrás de alguém que nem conhecia, mas nunca deu uma única chance para o Gabriel? Por que você saiu com o Benjamin? Por que não enxergou antes tudo o que o Gabriel sempre fez por você? Que ele sempre foi o único a merecer que você se demitisse do seu emprego, fizesse uma mala e sumisse de casa, e o único que jamais permitiria que você fizesse isso? — ele cospe, irritado. Indignado. Sua explosão me deixa ainda mais confusa e triste. Meu pai sempre me anima. Por que está agindo assim hoje? Mas que droga! — Você não deu nem um por cento de si mesma e sempre teve o Gabriel por inteiro. Achou que ele ia aguentar essa solidão por quanto tempo, Eva?

— O quê? — pergunto, sem entender.

— Você achou que o Gabriel esperaria quanto tempo por você? A vida inteira? Ele já esperou muito. *Trinta anos, minha filha* — frisa, sem paciência. — Quinze, se a gente contar a partir da época em que eu teria concordado em liberar esse

namoro, se vocês quisessem vivê-lo. Com quinze eu já aprontava, então eu seria bonzinho.

— Como assim? — pergunto, assustada.

— Ah, pelo amor de Deus! Eu não criei uma filha burra. Esse menino gosta de você desde que vocês ainda nem sabiam limpar a bunda!

— Não gosta não... — gaguejo. Meu pai fica em silêncio e eu me sento em um rompante no sofá. Será que...? — Se ele gostasse, antes de eu entrar no avião... — Estou falando sozinha quando meu pai me interrompe.

— Ele estava na sua frente o tempo todo, e só você não viu. Agora é tarde demais. O Gabriel desistiu, Eva, e, de novo, só você não viu. *Deixe esse menino ser feliz com a sua irmã* — rosna.

Mas nunca, seu Fernando!

— Você está me pedindo para desistir justo agora que eu descobri que gosto dele? Tá maluco, pai?

— Você não gosta dele. Só não aceita que ele goste de alguém. E um dia você ainda me deixa maluco. Aposto. — Ele suspira. Parece magoado. — Não inventa moda agora. Não vou permitir que você brinque com os sentimentos dele por causa da sua infantilidade. Pegue as suas coisas que eu estou indo te buscar.

— Não. — Minha voz é firme.

— Você vai acabar com o namoro deles pra que, se daqui a pouco vai se apaixonar por outro idiota?

— Não vou — afirmo. — Acho que eu amo o Gabriel, pai.

— E eu acho que você nem sabe o que é isso — ele sussurra, triste.

Meu pai tem a mesma opinião que meu melhor amigo: meu maior problema é o ciúme egoísta, e isso em nada me surpreende. O mais triste é que as duas pessoas que mais me amam e que eu mais amo não me acham capaz de amar.

— É amor — murmuro. — Talvez seja um amor egoísta, não sei. Só sei que é amor, pai — digo, frustrada.

— Por que você demorou tanto para perceber uma coisa dessas? Por que não viu isso antes, Eva? Você teve tanto tempo, criatura. Tanto tempo... Isso vai dar problema até pra mim, porra! — Suspira.

— O que eu devo fazer? Ir embora? — Essa pergunta eu também não sei responder. — Não consigo ir embora — choramingo.

— Se for verdade que o ama, você vai ter que provar.

— Eu provo — prometo.

— Isso se o Gabriel ainda estiver disposto a ver. — Ele não acredita que sou capaz.

— Bom, vai ter que estar. — Ele não tem escolha. — Sabemos que eu não sou do tipo que desiste.

— Seja adulta, Eva — suspira. — Senta e conversa com ele...

— Obrigada — sussurro, emocionada.



— Não tem de quê. — Pelo tom, ele está sorrindo. — Agora me deixa descobrir quem matou a mulher do mecânico. Estou nas últimas páginas... Boa noite, cegueta.

— Pai? — chamo antes que ele desligue. Ele espera e eu mordo a língua. — Nunca precisei de uma mãe. Você sempre bastou, tá?

— Pedido de desculpa aceito, causadora do meu futuro divórcio! — ele responde, desligando.

Ele está certo. Preciso ter uma conversa séria com aquele cretino. É por isso que eu engulo o orgulho e durmo no sofá... e porque não tenho mais para onde ir, fora o lar da jararaca com quem meu pai casou de papel passado, mas hoje eu perdoo. Principalmente porque, trinta segundos depois, escuto um celular apitar com uma mensagem no andar de cima, e o barulho para misteriosamente. Santo papai intrometido!

De manhã, acordo com os passos deles e o som das panelas na cozinha. Abro os olhos sonolentos e pesados e os vejo cozinhando juntos. Torno a fechá-los, porque só pode ser um pesadelo. Aperto os olhos com força, dizendo a mim mesma que, quando os reabrir, aqueles dois terão sumido de perto da máquina metálica que guarda meu refrigerante matinal. Mas não... Eles ainda estão aqui. Se agarrando bem no meio do caminho entre a minha mão e a lata de Coca-Cola. Quando foi que meus dias passaram a começar tão

ruins? Acabei de abrir os olhos, caramba. Não dava para esperar pelo menos o almoço?

Gabriel tira uma lata de Coca da geladeira assim que me remexo. Meus olhos até brilham. Por um momento acredito que alucinei. Todos os desaforos da noite passada... e a lata é para mim. Até Alice tomá-la das mãos dele assim que a porta é fechada.

— Obrigada, amor — ela agradece com um sorriso largo. Acho que o pegou de surpresa, porque até ele sorrir a mão ficou segurando a lata por um instante longo demais. — Dormiu bem, Eva? — ela pergunta, sem desviar o olhar dele enquanto tem seu cabelo acariciado por mãos que eu quero morder. *Como ela soube que eu tinha acordado?*

— Na verdade dormi. — Sou sincera, notando, atrasada, o edredom que me cobre. — Você me cobriu, Gabs? — pergunto, ansiosa.

— Fui eu — Alice responde quando ele abre a boca. — Desci para beber água de madrugada e te vi tremendo de frio. Fiquei com pena.

— Sério? *Que gentil* — ele elogia, como se ela tivesse construído um hospital para criancinhas. Sozinha.

Porra, nem sete e meia da manhã e eu já tô infeliz.

— Muito gentil — cuspo.

— Já eu não passei frio. Você foi o suficiente para me esquentar. A noite só teria sido melhor se ninguém tivesse ido chorar para o papai — provoca.

Gabriel vira o rosto para que eu não veja sua expressão, mas posso imaginar qual seja, porque a vadia fica quieta e abaixa a cabeça. Mas, antes que eu comemore, a mão dele afaga seu cabelo e os dois se esquecem de mim e continuam tomando café, conversando animadamente.

Eles parecem um casal... apaixonado.

Até ontem a menina era ex, caramba. Como isso aconteceu?

Eles saem para o trabalho e eu resolvo me ocupar com alguma coisa para resistir ao impulso de me afogar na piscina. Como o que sobrou do café da manhã deles, empurro a louça em um canto e passo a manhã inteira tentando fazer as pazes com o gato. Até tento suborná-lo com sardinha em lata. Não que esteja dando muito resultado.

Olho para a mordida na minha mão e desvio o olhar para o gato safado que lambe a pata, pouco se fodendo para mim. Então me preparo para lhe dar mais um sermão sobre como é maravilhoso perdoar quando sou contida por uma catástrofe e solto um grito.

Putá que pariu! Putá que pariu! Putá que pariu!

Cupido está sentado no sofá, acompanhando o monstro com o olhar, assim como eu. Como ela entrou aqui? Por onde entrou, e por que a porcaria do gato não está pulando na minha frente para me defender? Ele continua a encará-la simplesmente, como se não estivesse com vontade de

colocá-la para fora. E agora? Não posso descer do sofá com esse ser dentro de casa.

Reúno toda a coragem que consigo, pulo do sofá rezando um pai-nosso e disparo escada acima, porque essa é a única maneira de me salvar. Pego o celular no bolso do short que usei no dia anterior e ligo para Gabriel, com o coração disparado dentro do peito. Desta vez não é de emoção.

— É importante, Eva? — ele pergunta, com a voz cheia de mau humor, sem mesmo me cumprimentar. Não tenho tempo de mandá-lo à merda agora, o que é uma pena, porque eu adoraria.

— A casa... — gaguejo, aterrorizada, olhando para a porta com suspeita. Justamente neste momento eu a vejo, ela e as anteninhas do demônio. Ela subiu a escada. Está atrás de mim! Ela vai me pegar. — ... foi invadida... Ela vai. *Ah. Meu. Deus!* — berro até ficar sem ar, protegendo meu cabelo. Ela não pode pegar no meu cabelo. Eu amo esse cabelo, não cortaria por nada no mundo. Não vou deixar essa maldita grudar nele. — Ela vai me matar, Gabriel. Vem pra casa, vem pra casa agora!

Ela escolhe aquele instante para entrar no quarto e me rondar feito a predadora que é, e eu deixo o celular cair no chão com ele ainda gritando alguma coisa que não escuto do outro lado da linha. O susto foi tão grande que o aparelho voou para perto dela. *Nem morta eu saio daqui para buscá-lo!*, penso, decidida. Não sei o que Gabriel respondeu, muito

menos se vai vir me salvar, mas não saio daqui até ele aparecer.

Entro no guarda-roupa e me encolho, tremendo.

Não sei quanto tempo passo no meu esconderijo, mas tomo outro susto assim que escuto um estouro na porta da sala e a voz de Gabriel chamar meu nome. Ele parece desesperado, mas eu continuo encolhida no guarda-roupa, sem me mexer. Posso ouvi-la, escuto as asinhas, sei que ainda está aqui, me rondando. De quem são esses passos todos pela casa?

Escuto mais de uma pessoa subir as escadas e alguém entrar no quarto.

— Eva! — chama Gabriel.

— Aqui! — sussurro. Segundos depois, ele abre a porta do guarda-roupa e me olha de maneira apreensiva.

— Quem invadiu a casa? — pergunta com firmeza. Vejo uma arma, uma das grandes, pendurada no seu ombro. Cacete, quem mais além daquele monstro em forma de inseto me faz mijar na calcinha?

— Se fosse bandido eu tinha dado vassourada, pombas! Já provei que sou boa de briga. É dela que eu não dou conta!

— Dela quem? — Assim que faz a pergunta, um vinco se forma em sua testa.

— Da barata — choramingo.

— Como é?! — ele exclama, me puxando com uma mão até que eu esteja de pé à sua frente. Quando olho para trás,

vejo um policial na porta. Gabriel faz um aceno para que ele saia e eu o escuto chamando os outros para o acompanharem. Merda. Agora eu sei de quem eram os passos. — Fala pra mim que é brincadeira, Eva Marinho — pede, olhando nos meus olhos. — Diz que você não me fez correr para casa, disponibilizar quatro viaturas e arrebentar a maldita porta com um chute por causa *da porra de uma barata!* — grita, realmente bravo. — Tem policiais revistando a casa inteira. São testemunhas demais. Sorte sua, porque a minha vontade é te esganar, Eva!

Eu me encolho com ele ainda segurando meu braço.

— O que você tem na cabeça?

— Mas ela é voadora, Gabriel — justifico, apontando debilmente para perto da porta com um dedinho trêmulo, onde ela me olha com cara de assassina. Não entendo o porquê de tanta irritação!

Ele suspira e me solta.

— Fica aqui. Eu vou avisar para todo mundo que eles vieram prender uma maldita barata! — ele quase cospe as palavras e sai do quarto pisando duro.

Antes que possa passar pela soleira, imploro:

— Não me deixa sozinha com ela — sussurro, olhando para a criatura batendo as asinhas nojentas na minha direção, e aponto para seu corpo marrom, apavorada. Ele me olha como se não acreditasse no que está vendo e pisa na

barata, esmagando-a, antes de sair pela porta, furioso. Dou um suspiro, aliviada.

Meu herói. Um tanto mal-humorado, mas ainda assim meu herói.

*Meu assassino de baratas predileto.*

## Gabriel

Desço as escadas quase mijando nas calças de tanto rir. Não acredito que caí nessa. De novo. Uma barata. Ela me fez deslocar todo o grupamento para minha casa para dar conta de uma barata. Ok, era voadora, e a culpa é minha. Foi erro meu ter contado para Eva que uma barata grudou no cabelo de uma menina durante um encontro uma vez e não quis sair por nada. Ela ama tanto aquele cabelo platinado que pegou trauma. Mando os policiais de volta à delegacia. Assim como eu, eles não conseguem se controlar e vão embora às gargalhadas. Já conhecem bem as loucuras dela. Só lamento pela porta que arrebentei achando que ela realmente estivesse em apuros. Era uma boa porta.

Eva não sabe, mas me deu tudo de que eu precisava para colocar a segunda parte do plano em prática. Subo a escada e a encontro sentada na cama, olhando para o cadáver com um sorrisinho satisfeito nos lábios. Como sempre, alheia aos problemas que arruma.

— Obrigado por tornar as minhas próximas semanas um inferno. A nova piada do momento na delegacia vai ser essa



maldita barata. Vou me irritar bastante e apontar muito a arma para as pessoas. Espero que você esteja contente. — Nada, nada disso é mentira. Ela acabou de tornar minhas próximas semanas bem mais divertidas.

Por que eu amo tanto essas merdas? Sei lá, mas vou sentir falta.

— Não foi nada de mais, Gabs — ela diz, empurrando minha chatice com a mão.

— Odeio falhar quando o assunto é o meu trabalho. Ele não é um dos seus brinquedos. Essa foi a gota d'água, Eva — cuspo, me encostando na parede, rente à porta.

— Teve uma época em que o seu copo não tinha fundo — ela diz, triste, tirando os olhos da defunta para me encarar. — Lembra? — Vagamente. Acabou há quarenta e seis horas. — Sabe? Eu podia pingar e pingar, pingar para sempre sem correr o risco de ele transbordar.

— O copo não tinha fundo *para você* — friso. É inacreditável como ela se faz de burra, puta merda. — Quer ser metafórica? Ok. Pingava tudo dentro de mim, e para não transbordar eu me afoguei.

— Traduz? — Ela franze a boca. Pensando bem, talvez ela não esteja se fazendo de burra. Não duvido nada que toda a vodca que ela já bebeu nesta vida tenha queimado alguns neurônios.

— Cansei de você. — Dou de ombros. Minto, quebro tantas promessas com essas três palavras. Elas têm gosto de

mentira e arrependimento, mas não o bastante para me parar.

— Como assim, cansou? Tá falando do quê? — Sua expressão é de medo.

— Não está mais dando certo você ficar na minha casa — pronuncio as palavras com clareza.

— Por quê? — Eva faz beicinho. Eu amo esse beicinho de garota mimada.

— Porque você não consegue deixar nada limpo, não tem cuidado com nada... Quantos copos você já quebrou esta semana? — pergunto, fingindo estar puto. As bochechas dela ficam vermelhas e eu vejo pelo seu olhar que escolheu mentir. — Esquece. Eu vi as provas do crime no lixo — corto antes que ela retruque. — Fora o que você arremessou em mim. Me machucou, aliás. Você nem pediu desculpa, e hoje me fez passar vergonha no trabalho. Não preciso repetir quanto isso me emputece, certo?

Nenhuma dessas desculpas é boa. Nada que ela já não tenha feito pior e para o que eu tenha batido palmas, não me importado e a amado mais, mas não posso mandá-la embora sem motivo algum. Estou precisando ser criativo, mas, para quem estourou todos os canos da casa para achar o hamster dela uma vez, depois que a cretina deixou a gaiola aberta, ou substituiu o mesmo rato (ou não) cinco vezes até ela notar que não era o Antônio... Sim, por causa do santo, e

eu prefiro nem comentar. Bom, por tudo isso, é meio difícil fazê-la entender que acabamos aqui.

— Me desculpa pelo machucado — pede, tocando meu ombro. Eu queria tanto pegar na mão dela...

— Claro que eu te desculpo, mas isso não apaga o que aconteceu hoje. — Dou um passo para trás e enfio as mãos nos bolsos, resistindo.

— Eu me apavorei, deixei o celular cair... — gagueja, desnorteada e surpresa com o rumo da nossa conversa. Afundo em um mar de dor por ela, que acreditou que teria a chance de dizer que me... que...

Porra!

Eu só queria beijá-la, contar a merda toda e ir em frente, mas não dá para confiar.

Ela vai reagir mal.

Ela vai ficar mal.

— Como eu disse, não está mais dando certo.

Espero que ela entenda sem que eu precise dizer, sem que eu precise ir além. Para azar dela, tenho planos até o Z, porque, quando se é muito bom em consertar alguma coisa — como eu sou bom em consertá-la —, você acaba descobrindo onde está tudo, cada coisa, cada peça, cada gancho, cada gatilho. Se sabe consertar tão bem, você também sabe destruir. Toda moeda tem duas faces, né?

— Eu não vou embora — ela diz, me encarando com frieza. — Não sem antes você saber de uma coisa. Eu

compro uma droga de um jogo de copos novo e um inseticida, mas você precisa me escutar. — *Ela vai falar.*

Eva não entende nada mesmo.

Eu não queria feri-la assim, mas estou prestes a me igualar a todos os babacas que surgiram no caminho de Eva. Estou ao mesmo tempo a ponto de fazer a coisa mais certa e a mais errada que já fiz em toda a minha vida. Tive muito tempo para pensar a noite passada, e só tem uma maneira de fazê-la entrar naquele avião ao lado de Benjamin: mostrando a ela que não tem mais opção, que ela não me tem mais de maneira alguma.

— Não é só pelos copos. — Dou de ombros, como se o que estou fazendo não fosse um sacrifício doloroso e cruel para mim. — Você simplesmente não pode mais morar aqui. — Tento ser o mais firme possível e me concentrar na convicção de que estou fazendo o melhor para ela, mas dói, dói tanto que nem sei precisar quanto, expulsá-la da minha vida dessa maneira idiota.

— Por que não? — ela sussurra, os olhos se enchendo de lágrimas. Não acredito que vou fazê-la chorar. Nunca me odiei tanto quanto agora, e sei que é só o começo.

— Porque a Alice não quer — falo, firme.

— E desde quando isso importa? — Ela tenta baixar meu rosto para que eu a encare. Eu obedeço.

— Vou me casar com ela — digo, olhando dentro dos seus olhos.

— Eu pensei... — gagueja. — Pensei que você tinha terminado com ela. Eu achei... — Ela não sabe como continuar e encara o chão, como se a solução estivesse ali, no tapete aos seus pés. — Você não pode. Eu...

As lágrimas deixaram de ser conservadoras e agora escorrem abertamente por suas bochechas rosadas. Eva não se importa em limpá-las. Posso ver seus olhos me estudando. Ela está procurando uma saída, a palavra certa para me dizer, a atitude correta para me fazer mudar de ideia. Não posso deixar, então me preparo para o golpe final.

— Ela está esperando um bebê. — Tem um sorriso discreto nos meus lábios. Não consigo fingir mais felicidade que isso. Ela, como sempre, não percebe o que está bem à sua frente e se encolhe, deixando escapar o primeiro soluço. Ele é alto, resignado e ressentido. Parte meu coração.

Espero em silêncio que Eva absorva a notícia, e aos poucos ela levanta o olhar. Não estou preparado para tudo que encontro em seus olhos: surpresa, dor e traição. Ela parece perdida... à deriva... Sabe que essa notícia encerra um ciclo e percebe que não haverá saída, nem palavras ou atitudes que possam reverter o que acabei de lhe contar. É quando sinto e vejo que ela não está mentindo, muito menos confusa: ela me ama, realmente me ama. Eu não suporto mais olhar para ela. Quero tomá-la nos braços, enxugar suas lágrimas e dizer que tudo vai ficar bem no final, mas não posso. Essa é uma certeza que ninguém tem, mas mentimos

que sim, gostamos de fingir que temos. O lance é que eu não posso mais.

— A nossa amizade sempre foi mais importante que tudo. Se você conversar com ela, tenho certeza de que ela vai entender. — Ela tenta me convencer, a voz abafada por suas mãos. Hoje ela está se sentindo como me senti muitas vezes, está sentindo como se minha amizade e minha presença fossem suficientes para afogar um amor sem medidas. Mas não eram.

Uma coisa pela metade nunca é suficientemente boa. Demorei a descobrir isso.

— Eva, a coisa mais importante para mim de agora em diante serão a Alice e o nosso filho. Não você. As minhas prioridades mudaram. — Dou de ombros. — A vida segue, sabe? As pessoas crescem... Só você continua no mesmo lugar, fazendo as mesmas merdas.

Provavelmente se eu tivesse lhe dado um tapa na cara teria sido menos doloroso. Não canso de me odiar por machucá-la tanto.

— Não — ela diz. Agora está de pé, se agarrando à minha camiseta, chorando nela. Se fosse antes, teria me batido. — Não, por favor, Gabriel. Eu amo você — ela implora, segurando meu rosto, tentando puxá-lo para baixo, de encontro ao seu, mas eu não permito. Porra.

*Porra!*

— Para de implorar — ordeno. — Eu não quero!

*É tudo o que eu mais quero.*

— Você nunca disse não para mim. Por que está dizendo agora? — pergunta, aos berros, quando me recuso a beijá-la. Seu rosto está um caos, vermelho e molhado. Ela passa o nariz na manga da blusa e me encara como se eu fosse um filme triste.

— O meu amor cego por você acabou — minto. Posso sentir minha garganta se fechar e temo cair no choro antes que ela pegue suas roupas e dê o fora da minha vida, mas ela não se mexe, por isso termino de vez o que me propus a fazer: perder para sempre a mulher que eu amo. — Vá embora, Eva. A gente acabou.

Entro no banheiro e ligo o chuveiro para que ela não me escute chorar. Encosto na parede, tapando a boca com uma das mãos, e com a outra tateio o bolso atrás do celular.

### **Gabriel**

Ela está arrumando as malas.

### **Benjamin**

Merda, tô preso na empresa ainda. Me dá um tempo.

**b  
r  
i  
e  
l  
o  
k  
.**

**Benjamin**

Saí. Ela ainda está aí?

**Gabriel**

Saiu faz 20.

**Benjamin**

E agora? Vou direto para a casa dela?

**Gabriel**



Não, tem que encontrar ela antes. Se a Eva tiver o conforto do pai, não vai cair tão fácil na sua. Tem que pegá-la no ponto de fazer besteira.

**Benjamin**

O que eu faço, então?

Como esse imprestável vai cuidar dela quando eu morrer, hein?

**Gabriel**

Ela só faz um caminho da minha casa até a dela desde que tinha 12 anos. Se você for rápido, pega ela perto do posto de esquina da Pedro Lessa com a Oswaldo Cochrane.

**Benjamin**

Claro, tinha esquecido. Estou indo.

**Gabriel**

Se você se aproveitar do que estamos fazendo hoje para tirar a roupa dela, vai voltar para Londres dentro de uma caixa. Entendeu?

**Benjamin**

Não precisava nem dizer.

Precisava sim.

**Gabriel**

Para no posto e compra um Marlboro Light.  
Você vai precisar. O cigarro dela está quase no fim.

**Benjamin**

Impressionante.

**Gabriel**

Que a Eva fume como uma chaminé desde os 16 e quem tenha câncer no pulmão seja eu? Também acho, mas prefiro assim.

**Benjamin**

Impressionante como você sabe tudo sobre ela. Tem certeza que quer que eu vá em frente?

**Gabriel**

Para de fingir que não quer que isso dê certo até mais do que eu e de torrar a minha paciência. Compre uma garrafa de tequila também, porque ela vai pedir bebida. Mas dosa, porque ela não sabe beber e dá trabalho. De novo: não encosta nela enquanto a coisa for manipulada, é sério.

**Benjamin**

Vou comprar, dosar e me manter bem longe de lugares importantes, relaxa.

*Lugares importantes,* penso, sarcástico. Ali tudo é importante para mim.

Arremesso o celular em cima da pia e entro no chuveiro para derramar mais algumas lágrimas. Porque arranquei da minha vida a melhor coisa dela, por estar doente e não saber o que vai acontecer, por saber que daqui a pouco outro cara vai lhe dar o beijo que eu neguei, e porque esta noite a única coisa que vou pedir quando me ajoelhar antes de dormir é que ela aceite a proposta dele.

É melhor chorar tudo o que tenho para chorar agora, porque amanhã é um novo dia. Meu último na vida que conheço.

O último dia em que vou vê-la.

*É, a gente finalmente acabou.*

## Eva

Jogo as roupas de qualquer jeito na mala, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Pego meus pertences espalhados pelo quarto e deixo a casa antes que ele possa me machucar mais. Não espero que ele saia do chuveiro, não espero um pedido de desculpa, muito menos que me deixe lhe contar quanto eu o amo. Está tudo acabado.

Um filho e um casamento mudam tudo, desestabilizam tudo, ferram com tudo!

Merda de Alice!

Ele tinha que ter engravidado justo aquela vadia? Tinha que se casar com ela? Bem agora, no exato momento em que descubro que o amo? Só pode ser sacanagem do destino, maldito destino. Meu cupido só pode ter morrido, ou então tem um senso de humor negro e cruel. A única coisa de que tenho certeza é que ele me odeia, e o sentimento é recíproco. Se um dia eu topa com ele, juro por tudo o que é mais sagrado que a flecha vai parar na sua bunda antes do fim do encontro. Faço questão, já que ele não acerta aquela

porra uma vez sequer no alvo certo. Não vai se incomodar com isso, pois não precisa dela.

*E agora, para onde eu vou?* É o que penso enquanto me arrasto pela rua, carregando minha mala de novo. Meus pés sempre me levam para casa, é automático. Mas, antes que eu decida o que é mais humilhante — rastejar para a casa do meu pai, como estou fazendo, ou dobrar a esquina para chegar ao ninho de amor do meu irmão —, um carro encosta no meio-fio e o motorista buzina. Benjamin sai e coloca minha mala no porta-malas, sem dizer nada.

— Ele te pediu para vir? — pergunto quando abre a porta do passageiro para que eu entre.

— Não, só me ligou pra contar a novidade. Quando eu perguntei de você... — Empurro suas palavras com a mão. Não quero escutar mais nada. — Para onde? — Encolho os ombros, olhando para a rua pelo para-brisa, e caio no choro. — Quer ir para o meu hotel até se acalmar? — Assinto, incapaz de falar.

Quando chegamos, me livro dos sapatos, abro o frigobar atrás de álcool e pego um punhado de garrafinhas de uísque, equilibrando todas até a cama, onde me jogo em um monte de nada, incerteza e raiva.

— Ele vai casar com ela. Isso não vai ser suficiente. — Suspiro, sentindo a bebida queimar a garganta depois de virar metade das garrafinhas. Será que vou chorar para o resto da vida? Benjamin não diz nada, apenas me entrega

uma sacola com uma garrafa de tequila e continua pendurado no telefone, que tocou assim que entramos. — Um casamento pede tequila — falo, pensando que ele acertou o que eu teria escolhido se fosse comprar. Abandono as minigarrafas para abraçar aquela maravilha. A meta hoje é não deixar restar uma gota dentro dela.

Benjamin arremessa o aparelho em cima do colchão e caminha distraidamente pelo quarto quando chego à metade. Estou rápida hoje. Está faltando sal e limão. Gabriel teria se lembrado disso, mas podia ser pior. Pelo menos tenho um show particular de strip. Me recosto mais nos travesseiros para observá-lo enquanto afogo as mágoas. A gravata vermelha que ele tira com um puxão, o paletó caindo dos ombros e o cabelo cobrindo a face quando joga a cabeça para trás a fim de se soltar dele. A maneira tranquila como abre os botões e tira a camisa, como se arrancasse a roupa na minha frente todo dia. Não é um prêmio de consolação ruim.

— Como você está? — pergunta, se jogando ao meu lado na cama.

*Planejando pular do mirante um dia antes do casamento deles para melar tudo responde à sua pergunta?*

— Nada bem. — Passo a garrafa para ele, meio a contragosto, quando Ben estica a mão. Até demoro para soltar. — Um bebê e uma esposa são para sempre — sussurro, me virando para olhá-lo, mais pra lá do que pra cá.

— É mais que amizade, né? — A pergunta é sutil. Dou de ombros. É um sim. Um sim bêbado, mas um sim. E só porque eu estou bêbada. Do jeito que as coisas estão indo, Benjamin pode ser a única pessoa a restar. Não gosto de ficar sozinha. Pode me julgar, mas funciono melhor quando estou amando alguém, mesmo que seja o alguém errado, mesmo que seja só para me distrair, mesmo que seja só para conseguir parar de pensar no que Gabriel está fazendo agora. No dia em que eu me apaixono pelo certo, olha aí o que acontece. Pode falar o que quiser do palhaço, mas nem ele armou um circo desses.

Ele só fugiu em um.

Não me chamou para ir junto. Se tivesse chamado, quem sabe onde eu estaria hoje? Podia estar feliz parindo criancinhas de nariz vermelho em cima de um trapézio... mas nem o sorrisinho doce me quis. Cadê a porra da biritá?

— Não sei como o Gabriel pode preferir qualquer outra mulher se pode ter você. — Ui, que frio na barriga. Ele fala sem desviar o olhar, e admito que é bastante sedutor... Opa, alguém me quis? Seria bom. Tô tão carente...

Benjamin toma um longo gole e coloca a tequila na mesa de cabeceira antes de envolver minha cintura e me puxar para perto, até que eu me recoste em seu peito. Me apoio nele, sentindo o calor de sua pele na palma das minhas mãos enquanto as suas brincam com meu cabelo. Quando ambas amparam minha bochecha, sei que vai me puxar para



um beijo, e, dadas as circunstâncias, não resisto. Ele é bonito, interessante e alguém com quem me sinto bem. Tirando o fato de ter ido embora e me largado na mão uma vez, é uma distração muito bem-vinda para este momento, quando meu coração está em pedacinhos. Não sei o que fazer sem Gabriel para me ajudar a colocar tudo no lugar, mas a bebida e esse beijo me ajudam a esquecer isso por um tempo.

Sinto as mãos dele descerem pelos meus ombros até minha cintura e subo no seu colo. Vou pular debaixo de uma carreta no dia do casamento de Gabriel, bem no momento do “sim”, para que ele se sinta culpado pelo resto da vida. Vai por mim: o que eu faço até lá pouco importa. Desço lentamente a ponta dos dedos pelo seu peito até o zíper da calça, sem descolar nossas bocas, pelo menos até sentir as mãos dele se fecharem em torno dos meus pulsos.

— O que foi? — pergunto, meio assustada, meio envergonhada. Estou sendo rejeitada? De novo? Não tem limite diário nessa merda?

— Eu não sou mais esse cara — ele sussurra, sem me olhar. — Estou tentando de verdade não ser esse cara — repete, sem soltar meus braços, com uma expressão de dor no rosto, como se essa fosse a coisa mais difícil que já fez na vida, o que é um absurdo. É para mim que as coisas andam difíceis por aqui.

— Que cara? — indago, enquanto ele resmunga alguma coisa sobre não caber em uma caixa.

— Aquele que dorme com você em uma noite e entra em um avião no dia seguinte.

— Isso quer dizer que...? — Pauso quando ele assente, hesitante. — Tá de sacanagem comigo, Benjamin! — berro, pau da vida.

— Tenho que voltar para Londres — ele diz.

— Está falando sério? — Meus olhos se enchem de lágrimas de novo, porque, que porra. Falta mais alguma coisa ruim acontecer? Ben fica em silêncio. — Quando você vai?

— Amanhã à noite — ele responde como se fosse um pedido de desculpa, e acho que é, deveria ser, por me fazer de palhaça. O efeito da bebida parece evaporar de repente e eu dou um pulo da cama, parando no carpete a dois metros dela.

— Então, que porra é essa? — Aponto para ele, ajoelhado na cama.

— Eu quero ser o cara que vai fazer tudo certo desta vez — ele fala, pisando no chão e estudando nossa distância devagar, com medo de que eu fuja. Seu dedo ergue meu queixo quando ele para na minha frente feito um muro, me pedindo para olhá-lo. Quando obedeco, Ben sorri. — Eu quero que você vá comigo.

— Para Londres? — Engasgo. De novo? Está tudo se repetindo na minha vida? — Não. — Dou um passo para trás e agarro minha bolsa.

— Não?

— Não posso, Ben. — Encolho os ombros, chorosa, porque queria poder.

Antes que ele possa falar mais alguma coisa, pulo em cima da cama, roubo a garrafa de tequila e saio correndo pela porta feito uma trombadinha. Não desacelero quando chama meu nome e ele não vem atrás de mim. Da última vez que entrei em um avião, alguém que eu amava se casou sem eu saber. Não vou cometer o mesmo erro duas vezes.

Esse casamento eu vou mesmo parar.

Ando por um longo tempo sem nem olhar ao redor. Meus pés fazem o que querem, me levam para onde desejam, e eu não me importo. Só me importo em beber, chorar e rosnar para quem passa por mim e me olha feio, como se nunca tivesse visto uma mulher infeliz antes.

Sento em frente a uma casa qualquer quando meus pés param e cruzo as pernas. Passo as próximas horas chorando e tomando um gole sempre que alguém me olha estranho por eu estar sofrendo na rua. Que culpa tenho eu se minha casa foi invadida pelo rebanho novo do meu pai? Por causa daquelas vacas, agora eu choro na rua. Já é noite há muito tempo quando meu celular vibra dentro da bolsa. Tem um milhão de ligações perdidas dele que não escutei.

**Gabriel**

Onde você está?

**Eva**

Por que você quer saber? Me mandou embora como se eu não fosse ninguém.

**Gabriel**

Me fala, Eva.

**E  
v  
a  
N  
ã  
o  
é  
d  
a  
s  
u**

a  
c  
o  
n  
t  
a  
.

**Gabriel**

Bebeu a garrafa toda?

**E**  
**v**  
**a**  
l  
n  
t  
e  
i  
r  
i  
n  
h

a  
.

**Gabriel**

Então é da minha conta, porra.

**Eva**

Pode vir me buscar?

**Gabriel**

Me fala onde você está.

**E  
v  
a  
E  
u  
n  
ã  
o**

s  
e  
i  
,  
G  
a  
b  
s  
.

**Gabriel**

Como assim, não sabe?

**Eva**

Tomei cinco garrafinhas de uísque também. Perdi a memória, até vi um unicórnio... Ele me farejou e tudo...

**Gabriel**

Ok. Tô parado em frente ao Parque Balneário. Que caminho você pegou? Está vendo alguma coisa ao redor? Fora o cachorro, ele não ajuda.

**Eva**

Já tinha saído de casa?

**Gabriel**

Responde a minha pergunta.

**Eva**

Tô sentada de frente para uma casa azul. Tem um Palio na garagem. Ajuda?

**Gabriel**

Se a casa em que você estiver encostada for rosa, ajuda.

**E  
v  
a**



D  
e  
i  
x  
a  
e  
u  
v  
e  
r  
.

**Gabriel**

Demora tudo isso para olhar para trás?

**Eva**

Acho que eu dormi. É rosa. Você sabe onde eu estou, Gabs?

— Sei, Eva — ele responde em voz alta, me acordando de novo.

— E onde é? — Bocejo. Estranho, minhas mensagens agora falam, e juro por Deus que esta cama já foi mais confortável.

— Você está dormindo na minha porta — ele fala, segurando minhas bochechas. Meus olhos pesados se abrem e encontram os seus, preocupados. — Como um unicórnio de rua — salienta, bravo, mas tem bastante afeto no olhar para compensar.

— Tô bêbada demais para me ofender. — Dou de ombros, fechando os olhos.

— Estou vendo. — Sinto uma de suas mãos pousar nas minhas costas e a outra agarrar a parte de trás dos meus joelhos. Quando ele me tira do chão, enlaço seu pescoço e esfrego a bochecha no seu peito, me aninhando no seu colo.

Esta sim é a melhor cama do mundo.

— Estou procurando você há horas, que nem um idiota — ele reclama, entrando em casa, eu acho. Não abro os olhos para conferir, só os aperto bem e tento dizer a mim mesma que o balançar dos seus passos não está me enjoando. — Será que você já estava na porta e eu não te vi? Será que ninguém sabe o que significa a palavra *dosar*? *Dosar* significa não dar uma garrafa inteira na mão de uma garota que curte uma birita. Eu sou cuidadoso, coloco no suquinho, aí vem um idiota e dá cinco doses de uísque na mão dela também... — Acho que está falando com ele mesmo, porque já deixei claro que estou inútil para conversas. — Se você

quer as coisas bem feitas... — ele rosna e o chacoalhar muda. Estamos subindo a escada?

— Gabs, eu acho... — murmuro quando ele me coloca sentada no chão frio.

— Eu sei. — Levanta a tampa da privada e agarra meu cabelo bem na hora. É tudo muito rápido. Impressionante como ele é experiente nisso. — Se você quer as coisas bem feitas, faça você mesmo — termina de resmungar, e parece tão triste que me deixa mais triste.

Seu celular toca, e, mesmo estando ocupada cuspiendo as tripas, escuto a conversa. Gabs não tem o menor problema em dar conta de proteger meus fios loirinhos e dar um esporro em quem quer que seja. Ele cuidaria dos meus porres chupando cana e assobiando ao mesmo tempo; é rotina desde que descobri os segredos do bar do meu pai. Hoje, depois de eu beber quase tudo, o bar não é lá mais grande coisa.

— Não deu tempo de avisar que eu a encontrei porque estava tirando ela do chão — Gabriel rosna e faz uma pausa para escutar o que a pessoa responde. — Ela estava sob a sua responsabilidade e eu a encontrei dormindo na minha porta — cospe, puto, segurando meu cabelo o mais alto que pode, porque a coisa aqui está feia. É comigo? Pergunta idiota. É sempre comigo. — Estamos falando da Eva! A última vez que eu fechei os olhos por cinco minutos, ela conheceu um cara e entrou em um avião. Uma vez, no

mercado, derrubou sete prateleiras inteiras e meio teto, incluindo o ventilador grudado nele, só para pegar uma garrafa de vodca no alto. Sabe em quanto ficou o prejuízo? Você não devia ter parado para pensar em como me contar; devia ter corrido atrás dela. E se um dia eu não puder ir, porra? — Meu peito se aperta. Tomei uma bronca do gerente por me pendurar que nem macaquinho nas prateleiras naquele dia. Gabs pagou o prejuízo e escondeu do meu pai. Ele escuta de novo e afia mais o tom — Não precisa me ajudar em mais nada agora — corta, grosso. — Pode deixar que eu resolvo. Ela nunca lembra dos porres federais no dia seguinte, e esse foi dos bons. Vai acordar sem memória. — Mais uma pausa. — É, eu sei que ninguém é tão perfeito quanto eu, muito obrigado por lembrar de novo — frisa, irritado, desligando na cara da pessoa. Eu não entendi metade, ainda estou agarrada à privada.

Gabriel se senta no chão e joga o celular em cima do tapete antes de me tirar do piso frio e me colocar sentada em cima de suas coxas, me puxando para longe do vaso, porque sabe que eu odeio tocar a cerâmica.

— Estou aqui — fala, alisando minhas costas com uma mão e segurando o cabelo com a outra. Eu me agarro nos seus ombros e me inclino para a privada, vomitando até não restar mais nada no estômago enquanto ele me abraça. Quando afrouxo os dedos e apoio a bochecha nele, cansada, a pele está até vermelha.

Odeio vômito. Odeio a textura. Odeio o cheiro. Odeio essa merda.

Como ele não tem nojo? Sei lá.

— Tira de mim — choramingo, puxando a camiseta suja para baixo.

— Acabou? — Assinto, mole. — Tá, vamos lá. Se segura — pede, colocando minhas mãos em torno de seu pescoço antes de me puxar do chão e me encostar na parede. Termino de alguma maneira de calcinha e sutiã. Eu pisquei e minhas roupas sumiram, assim como as dele, menos a boxer branca em um par de coxas que.... Enquanto se inclina para ligar a água, penso em falar que essa não é uma cor muito boa para um banho com a... porra, vou ser cunhada dele? Chegar a esse raciocínio me ocupa e eu não falo nada. Gabs é ótimo nesse lance de tirar a nossa roupa. Acho que já é hábito. Por que nunca tiramos para fazer algo mais interessante? Ele pode até nunca ter me amado, como disse, mas eu sou mulher, caramba. Por que nunca me fiz essas perguntas antes? Essa é fácil: eu sempre soube que ele era bom demais para ser meu.

— A gente e este chuveiro. Dava para escrever um livro com o que este chuveiro sabe e o seu pai não — resmungo consigo mesmo, me enfiando pelos ombros embaixo da água. Já estou bem acostumada; a bronca dura uns dois dias. Se o que eu aprontei for muito feio, ele arquiva para

jogar na cara quando precisar. — Sabe como é perigoso apagar na rua? — E blá-blá-blá.

Paro de escutar e o puxo para mim. Quero me encostar nele.

Deito o rosto no seu peito e respiro fundo, sentindo a água bater nas minhas costas.

— Por que a gente nunca namorou, Gabs? — pergunto, calando a boca dele no meio do esporro. Não obtenho resposta. Inclino o rosto para trás apenas o suficiente para olhar em seus olhos enquanto puxo seu corpo mais para mim, colando minha barriga ao tanquinho que nunca usei para lavar roupa. Por que eu não usei? Não sei lavar roupa, mas nesse eu bem que poderia ter aprendido.

— Eu podia ser egoísta e dizer que você nunca demonstrou interesse, mas acho que eu que fui covarde. Nunca me arrisquei e pedi — ele diz, parecendo triste. A sinceridade da resposta me choca. Não a entendo, até me lembrar dele falando que minha memória alcoólatra é curta, o que não está errado. Será que vou me lembrar de alguma coisa amanhã?

— Por que você não pediu?

— Achei que você diria não e eu te perderia — confidencia, com um dar de ombros.

— Se você pedisse eu teria dito sim. Sabe por quê? — Gabs meneia a cabeça. — Quando eu saio correndo de algum lugar, ninguém nunca vem atrás de mim, só você —

sussurro, tocando sua boca com a ponta dos dedos. Seus olhos se fecham, e quando abrem parece que eu o estou queimando. Me afasto, os dedos pairando perto do seu rosto, com medo de tocá-lo. — Você é a pessoa que sai para me procurar horas antes de eu sequer descobrir que tenho um problema. Você é a pessoa que eu amo desde sempre, Gabriel. — Meus olhos se enchem de lágrimas, e acho que os dele também, mas não tenho certeza, porque encaram o chão, se escondendo de mim.

— Você também é a pessoa que eu mais amo, minha garota — ele sussurra, agarrando minha mão e a beijando demoradamente. Tão doce. Depois me abraça mais apertado e dá um passo para a frente, me tirando do jato de água para entrar. Seus olhos se fecham e o que quer que eu tenha visto termina no ralo. Mas eu sei que ele ainda está me ouvindo, então continuo falando enquanto procuro o fecho do sutiã. Não preciso comentar por que ainda. Só digo uma coisa: vou culpar a bebida.

— Acho que nunca percebi antes o que eu sentia porque sabia que eu não seria suficiente para você. — Essa provavelmente é a coisa mais sincera que eu digo em um ano, e arranca mais que uma atitude dele. Arranca um pouquinho da verdade também.

— Suficiente para mim? — Ele ri, debochado. — Você era tudo o que eu mais queria. Você e essa porrada de defeitos

que vem no pacote — solta sem perceber. Ele morde o lábio e parece ter se arrependido do que falou.

— Por que eu não sou mais? — Minha pergunta faz seus olhos se abrirem e notarem que tirei o sutiã.

— Nós estávamos tendo um papo sério e cheio de sentimento há cinco segundos, e agora a tequila está tentando me seduzir? — pergunta, com um sorriso divertido. Acho que é falso, mas caio na dele.

— É, talvez.

— Essa é nova. — Gabriel gargalha.

*Eu amo esse som, é o mais perfeito do mundo para mim.*

— Funcionou?

— Teria funcionado se eu não tivesse acabado de apertar a descarga com todo o conteúdo do seu estômago lá dentro — fala, pegando meu sutiã do chão e o enfiando nas minhas mãos. — Coloca, por favor — pede, firme.

— Você já quis pegar neles alguma vez? — pergunto, curiosa, apontando. Seus olhos acompanham meu indicador.

— Algumas. — Ele sorri, gentil, antes de subir os olhos de maneira mais gentil ainda. Qual é o problema dele?

— É? Quantas?

— Mais do que eu gostaria. — Morde o lábio mirando meus olhos. — Pode colocar o sutiã, por favor?

— Só depois que você responder — falo, birrenta.

— Perdi a conta — responde, irritado. — Feliz?



— Eu teria gostado se você tivesse dado uma pegadinha.  
— Suspiro. — Por que você nunca tentou dar uma pegadinha, hein? Eu sei que não são muito grandes e nem se pode dizer que sejam simétricos — tagarelo, olhando para os pobrezinhos. — Um é maior que o outro, sabe?

— É? — Ele segura uma risada e, antes que eu perceba, estou com a porcaria do sutiã. Como foi que ele voltou para o lugar?

— ãhã — confirmo. — Esse é o Azeitona. — Aponto para o direito. — E esse é o Amendoim. — Mostro o esquerdo. A esta altura, Gabriel está encostado nos azulejos, gargalhando. — O que foi?

— Vou sentir falta disso — ele fala, se desencostando e girando meu corpo. Sinto suas mãos lavando meu cabelo e fecho os olhos.

— Do Azeitona? — pergunto, confusa, enquanto ele me vira de frente.

— De você inteira. — Seu tom é de tristeza quando fecha a água.

Gabs me tira do chuveiro e me seca antes de despir meu sutiã pelas costas e me enrolar em uma toalha grossa.

— Se apoia no meu ombro e tira a calcinha — pede, segurando minha cintura.

— Hummm... — murmuro, obedecendo e descendo minha calcinha do Mickey por baixo da toalha.

— O que foi?

— Agora, quando você me pede isso, arre pia... — comento, me encostando à parede, ainda meio mal das pernas, para esperá-lo se enxugar. Toda vez que estou tombando para um dos lados, as mãos dele me endireitam, e assim a gente vai. — Pede de novo? — Antes que ele abra a boca, ergo um dedo. — Espera. Pode pedir segurando a arma?

Ele explode em uma risada.

— Não — responde pendurando sua toalha, só para o caso de eu não ter entendido o significado da gargalhada. — Estou com medo de perguntar, mas o que arre pia, hein? — Agora estou sendo empurrada para o quarto.

— O Amendoim. — Suspiro.

Depois dessa, não sei por que ele se senta no chão por um minuto enquanto seus ombros não param de sacudir. Aproveito que Gabs está tirando uma com a minha cara e também mandando mensagem para alguém, pego duas coisinhas no criado-mudo e as escondo. Eu me sinto culpada, mas pego mesmo assim. Não quero que essa risada seja de mais ninguém. Será que estou tão errada assim em lutar pelo que quero? Acho que vou deixar essa pergunta para amanhã. Hoje eu só vou lutar.

Acabei de me encher de um litro de coragem que não quero desperdiçar. Acho que esta é a última vez que passo a noite aqui, então tenho que aproveitar a chance.

Sento na cama, reparando na minha mala em cima dela... Por que isso parece estranho? Coitada desta mala. Como a gente passeia! Depois que se acalma, Gabriel levanta para xeretar nas minhas coisas, como sempre, e joga uma calcinha limpa no meu colo, se é que dá para chamar de calcinha. É a mais ferrada da coleção, chamada carinhosamente de sobrevivente. Não jogo fora porque tenho apego, mas não é o tipo de coisa que eu escolheria para o momento. Ele pega uma camisola na mão, mas desiste e escolhe um short e uma camiseta de algodão com a estampa do Thor. Ele sempre escolhe as piores roupas.

— Por que você nunca me deu uma burca?

— Porque eu não queria te matar sufocada com o calor infernal desta cidade, então preciso sempre ser criativo.

— Criativo?

— Sair de debaixo do edredom, te enrolar em outro cobertor, colocar um travesseiro entre a gente... Essas coisas. Esta noite o Thor serve. Até que o cara é bem bonito — responde, distraído, à procura do hidratante, que espalha nas mãos antes de passar pelos meus ombros e pernas, que eu estico para facilitar.

— Bonito é você — digo, quase chutando sua cara no processo. Ele me lança um olhar convencido, porque acabei de dizer que o acho mais bonito. Depois se concentra no que está fazendo; as mão dele deslizando pela minha pele são tudo em que consigo pensar.

— Quanto àquela sua outra pergunta, nunca tentei pegar nos seus seios porque, todas as vezes que saíram para fora dos seus sutiãs da sessão infantil, você estava exatamente como agora: caindo de bêbada e tão triste quanto. Sabe que eu jamais tocaria em você a menos que me pedisse isso sóbria.

— Isso nunca impediu ninguém. Por que justo você tem que ser diferente?

Ele ergue a cabeça e me dá um olhar estranho, mas não responde. Apenas termina o que está fazendo, tomando cuidado para manter as mãos onde a toalha não está cobrindo, e arremessa o frasco de volta na mala. Fica de joelhos na minha frente, e, quando um dos meus pés é apoiado na sua perna, estendo a calcinha para ele automaticamente e deito na cama, mas acabo me distraíndo com meu celular tocando na bolsa atrás da mala e me remexo para pegá-lo.

Estico a perna, fazendo Gabriel resmungar porque errou o buraco da calcinha. Enquanto ele tenta de novo, eu leio a mensagem...

## **Pai**

Fica na porta. Chego em 5, bêbada de boteco. Obs.: Já tirei o cinto.

**Eva**

Não vou. Obs.: A calça caiu?

**Pai**

A ordem não foi minha. Obs.: Tô gordinho, caiu nada.

**Eva**

Ele mandou você vir me buscar? Obs.: É porque as coisas que a sua mulherzinha faz são gostosas.

**Pai**

Por que mais eu sairia de casa na hora da novela? Obs.: Está elogiando a comida da Clara? Quanto você bebeu, menina?

**Eva**

Fala que não pode vir. Obs.: Pode esquecer o que eu disse? Porque eu

vou, assim que amanhecer.

## **Pai**

Não posso fazer isso, porque o Gabriel não quer você aí. Quantas vezes ele vai ter que te falar isso? Hoje eu ainda posso ser tolerante com você, até porque brigar com quem não vai lembrar de uma palavra depois é perder minha novela à toa, mas amanhã vou ser seu pai. Esse seu comportamento está passando do limite, e olha que o meu sempre foi enorme. Se prepara e fica na porta. Chego em 4, Lindsay Lohan.

— Você contou para o meu pai? — rosno, fazendo-o errar o buraco de propósito para atrasá-lo.

— Só o básico, como sempre. Para quieta — ele manda, sem me olhar.

— Não vou embora, Gabriel!

— Eva, por favor — ele pede, baixinho, com mais paciência que de costume, as mãos apoiadas no colchão, uma de cada lado do meu corpo, a calcinha ainda está em uma delas. Ele me olha de maneira gentil. Está me pedindo para ser boazinha e colaborar, e acho que este é um ótimo momento para tirar a algema escondida de debaixo da

minha bunda e prender nos nossos pulsos enquanto ele está distraído.

— Sério? — ele pergunta, gargalhando, quando escuta o clique. Gabs ergue a mão, a minha sobe também, e ele tem outra crise de riso. — Às vezes eu ainda acho que a sua mentalidade é a mesma desde o dia em que enfiei aquele pirulito de morango na sua boca — comenta, saindo da cama à procura de alguma coisa e me arrastando junto.

— Se você fosse um cara normal e tivesse colocado outra coisa na minha boca, não estaríamos nesta situação hoje — resmungo, fazendo-o rir mais, e o deixo procurar por mais um minuto antes de avisar que, bom... — Se estiver procurando a chave, não vai achar.

— Merda! — Ele se vira de frente mim. — Cadê?

— Engoli.

Os lábios dele tremem.

— Por Deus, fala que é mentira — implora, tentando segurar o riso, mas não consegue. — Fala para mim que a gente não vai passar a madrugada inteira no Ana Costa esperando essa chave sair, que nem no dia da moeda.

Sorrio, diabólica, agarrando sua cintura com a mão livre e nos girando até que a parte de trás de suas pernas bata na cama.

Gabs tenta resistir, mas gastou muito fôlego rindo e não tenho dificuldade para empurrá-lo. Caio em cima dele e rastejo pelo seu corpo até me sentar em cima do seu quadril.

— Mas que diabo você pensa que está fazendo? — pergunta, alarmado, quando puxo a toalha, ficando nua no lugar certo. Posso ou não ter dado uma reboladinha, só sei que os olhos dele descem pelo meu corpo e se arregalam. — Meu Deus, Eva! — murmura, reagindo a mim automaticamente. É a melhor sensação que eu já tive, mas não dura muito. Também no automático, suas mãos agarram minha cintura e me jogam sobre os travesseiros.

Não tenho tempo de ficar chateada.

Estico a mão livre e pego meu celular, que está tocando, mas ainda não atendo.

— Tem um cara aí que se preocupa com o fato de eu não conseguir dormir sem a porcaria do hidratante até caindo de bêbada. Nunca contei isso para ele, mas ele sabe e, além disso, se importa. Quem se importa com algo assim? — murmuro com a minha melhor voz de bêbada. — Conhece esse cara?

Sua sobrancelha se ergue; ele sabe de quem estou falando.

Logico que é dele.

— Não vou deixar ninguém roubar esse cara de mim, não sem derramar bastante sangue antes. — Dou de ombros, estendendo o telefone, ainda berrando. — Agora é melhor você pedir para o meu pai ir para casa, senão vai ter muito a explicar quando ele se cansar de esperar no carro e entrar aqui, porque é justamente isso que aquele sem paciência vai



fazer se eu não aparecer na porta em meio minuto. Ele sabe exatamente onde achar a chave da entrada.

— Tenho mesmo que dar um fim naquela chave!

Gabriel respira fundo e tira o celular das minhas mãos, fazendo o que pedi, depois me entrega o aparelho de cara amarrada, bem no momento em que chega uma mensagem.

**Pai**

Não quero nem saber como você fez isso.

**Eva**

Envolve um par de algemas.

**Pai**

Eu disse que não queria saber... Você não engoliu a chave, né? Lembra o que aconteceu quando você engoliu aquela moeda?

**Eva**

Bom, esse é o mistério.

**Pai**

Preciso me preocupar que a minha filha bêbada esteja brincando com o amiguinho com uma algema? Deixa eu mudar a pergunta... O Gabriel está seguro?

**Eva**

É uma coisa bem inocente. Só vou obrigá-lo a se casar comigo antes de soltar. Boa noite, pai.

**Pai**

Boa noite, carcereira.

**E  
v  
a  
O  
b  
r  
i  
g  
a**

### **Pai**

Só porque é o Gabriel, só porque eu quero que uma vez na vida as suas loucuras deem certo. Só porque eu sei que ele não vai tocar em um fio do seu cabelo loirinho. Acho que desta vez eu quero tanto quanto você. Boa sorte. Ah! Se a minha mulher perguntar, eu não sabia que a minha filha está tentando roubar o namorado da filha dela.

### **Eva**

Seu segredo está seguro comigo, pai.

Não vai tocar, é? Vamos ver.

— Ele ainda não sabe que tem um bebê na parada, por isso está te ajudando — Gabriel diz, tomando o celular das minhas mãos sem sequer relancear os olhos para as mensagens. Veio equipado com bola de cristal embutida na bunda? É um assunto a discutir. — Você pensou no bebê? —

pergunta, incisivo. Tô tentando não pensar, e ajudaria se ele parasse de falar no assunto.

— Tá com ela só por causa disso? — Gabriel suspira. — Não precisa ser assim. Você pode ser um ótimo pai sem casar com aquela vadia. Eu consigo engolir o bebê se for importante para você. É parte de você, e, por Deus, estou sendo muito madura para dizer isso; não sou o tipo que gosta de dividir atenção.

— Jura? Não notei — comenta, sarcástico, erguendo a mão para mostrar a algema. — Está ouvindo o que você está falando? Por acaso você pensou alguma vez na sua irmã desde que começou a se insinuar para mim com essa cara de pau?

— Ela não é minha irmã, e a bebida afeta minha memória. — Não é mentira, mas é. Eu pensei naquela cadela, até me senti culpada. Mas sabe o que é? Meu amor por esse infeliz é maior que qualquer culpa.

— Até a semana passada, você não queria cometer os mesmos erros... — Ele não fala “que a sua mãe”, nem precisa. Ele me olha arrependido e eu encolho os ombros.

— Está tudo bem, é a verdade, mas só me dei conta agora de que isso não tem mais a menor importância. A menor. Até a semana passada eu não estava perdendo você, e, pensando bem, diferente da minha mãe, que era amiga da sua, estou pouco me fodendo para a sua namorada. — Rastejo para cima dele. — Ela é escolha do meu pai e sua,

não minha — falo, me apoiando no seu peito. — Quer chamar de egoísmo? Fique à vontade, Gabriel. Mas ainda não encontrei alguma coisa que eu não faria por você.

— Você está falando isso porque está de porre. Sóbria, se a coisa apertar, você corre... — Ele pausa, fechando os olhos por um instante. — Me fala onde está a chave, Eva.

— Não!

— Estou perdendo a paciência.

— Nossa, que medo. — Seus olhos reviram. — Você vai ter que procurar a chave se quiser abrir a algema. — Rio, fazendo-o se sentar na hora.

— Está falando sério? — ele pergunta, olhando sem querer para a parte do meu corpo em que pensou. Caio na risada quando Gabriel fica vermelho e olha nos meus olhos. Que idiota! Mas, bom... Não tem muitos outros lugares onde eu poderia ter enfiado a chave, né?

— Você acha que eu seria louca de pagar o mico de chegar no pronto-socorro com alguma coisa enfiada lá? — pergunto, me acabando de rir.

— Juro que, se não achasse, não teria perguntado. E aí? Cadê?

— Descubra — proponho, ficando de joelhos.

Olho para Gabs, deitado de lado, a cabeça no travesseiro, tentando manter o olhar apenas nos meus olhos, e sorrio. A ponta dos meus dedos toca a cicatriz do tiro no alto da sua coxa, e todos os músculos da sua barriga se contraem.

— Para — pede, em tom baixo. Em vez de obedecer, continuo subindo até que ele segure meu pulso. — Te pedi para parar.

— Por quê? — pergunto, frustrada, me soltando do seu aperto.

— Porque eu não sinto o menor tesão por você. — Ele desvia os olhos para o teto.

— A cueca é branca e está molhada, seu imbecil — aviso, apontando, e me arrependo, porque minha ótima paisagem é coberta por um travesseiro.

— Mas que inferno, Eva! — reclama, passando a mão livre pelo rosto antes de pegar meu celular onde o jogou. — Por que você tem que ser tão insistente? Isso era bem mais fácil quando você não me atacava. — Suspira, procurando alguém nos contatos, e coloca a chamada no viva-voz. — Adam, cadê a Liv?

— Dormindo. Por quê? Está tudo bem? Por que você está me ligando do celular da Eva? — meu irmão responde, preocupado.

— Preciso dela para procurar a chave de uma algema no corpo nu da sua irmã. Parece que eu estou bem? — rosna, apertando o travesseiro com mais força e com uma expressão de dor no olhar. — Eu contei que o corpo dela está algemado ao meu e a minha cueca branca está tão transparente que parece que eu estou mais pelado que ela? Contei que ela está de porre de tequila porque o Benjamin é

um inútil? Ou que o seu pai teve trinta anos para bancar o cupido e resolveu começar hoje, só para me foder? Ou que ela está me tentando mais que o diabo?

Adam engasga, tosse e pede socorro. Desse jeito minha cunhada não vai demorar para acordar.

— Adam? Morreu? — Gabriel insiste, irritado.

— Estou aqui...

— Era mais simples resistir quando a vontade era só minha — confessa, ao mesmo tempo em que me abaixo, segurando o cabelo para que não fique no meu rosto e beijo seu peito, fazendo-o engolir em seco. — Preciso de ajuda aqui, Adam — implora, choramingando, quando passo a língua por sua pele, descendo até onde o travesseiro permite, brigando com sua mão livre, que tenta me afastar. — Sabe de uma coisa? — pergunta, apoiando a mão na minha clavícula para me impedir de chegar perto. — A melhor coisa que você fez na vida foi me dar aquele beijo molhado e nojento. É só por causa dele que ainda estou no controle aqui, então seria bom você levantar a bunda da cama e me ajudar, porque imaginar a gente se pegando não vai durar para sempre.

Pelo menos a mão me soltou. Não estou mais oferecendo resistência.

— Você deixou ele te beijar? — pergunto, rancorosa.

— Deixei e foi ótimo, tirando a barba — Gabriel sussurra, me provocando.

— Que bom que você gostou... — Meu irmão pigarreia. — Espero que Deus tenha misericórdia da minha alma pelo que estou prestes a fazer, mas... — Adam faz uma pausa, abatido.

— Acordar a Olívia? — pergunta Gabriel, confuso.

— Não. — Adam parece prestes a chorar. — Vou te largar na mão, Gabriel.

— Como é? — ele quase cospe.

— Quem sabe uma noite algemado à minha irmã pelada, bêbada e obstinada resolva a sua vida.

Olha, até hoje meu irmão nunca prestou para nada. Acho que comecei a amá-lo neste momento.

— É a sua irmã. Como você pode dizer isso? Acabei de dizer que não vou aguentar. — Gabriel faz cara de pânico.

— Eu sei. Por isso estou indo me acorrentar ao pé da mesa e pedi que Deus me perdoasse antes.

— Obrigada, Adam — comemoro.

— Não ouse me agradecer. Vou para o inferno por culpa sua — lamenta.

— Perfeito — resmunga Gabriel quando Adam desliga na sua cara. Ele não perde tempo e liga para Rafael.

— Cadê você?

— Com um cara que, se eu te contar, você não acredita...

— Pode ser depois? — Ele tem outro piti histórico e conta para mais alguém o que está acontecendo. Rafael ri tanto do



outro lado da linha que no fim Gabriel está rindo junto. — Vem me soltar, amor?

— Eu falei que o cara é salva-vidas? — Rafael conta, todo animado, enquanto minha mão acaricia a cintura de Gabs. Sua pele arrepia, mas ele não me afasta. Estou me mantendo em áreas seguras, adorando vê-lo se contrair com o mínimo dos meus toques.

— Isso é um não? — Gabs pergunta, nem sei por quê. Está na cara que é um não. Rafa adora um salva-vidas.

— Isso é um “chego lá pelas sete e meia”, depois de uma noite quente. Talvez vocês devessem ter uma também, meu amor — sugere.

— Ela está mais bêbada que um gambá. — Sua mão cobre a minha e ele a segura quieta no seu peito.

— E daí?

— É, e daí? — pergunto junto.

— Nenhum de vocês tem juízo. — Gabriel suspira. Mas o lance é que, dos nossos amigos, ninguém vai ficar do lado da Alice. — Usa camisinha e vem me soltar assim que der, Rafael. É sério.

— Prometo — ele jura, mandando beijo.

Gabs desliga e arremessa o aparelho longe.

— Eu posso lidar com isso. Não é pior que o resto. Não é. Se eu continuar pensando naquela barba... — continua reclamando sozinho, até que eu o interrompo.

— Pronto para começar a procurar a chave? — pergunto, empolgada.

— Só me responde se engoliu.

Faço que não com a cabeça e Gabriel assente, suspira e se arrasta para escovar os dentes. Depois me obriga a beber metade da garrafa de água que estava no criado-mudo.

— Se você está achando que eu vou entregar o paradeiro da chave quando essa água quiser sair, está redondamente enganado. Não tenho a menor vergonha de te arrastar para o banheiro comigo.

— Não duvido. A água é para evitar a ressaca — responde, me empurrando para o cantinho da porta enquanto entra no banheiro para se trocar, levando minha mão junto. — Olha para a parede. — Finjo que estou olhando, mas dou uma espiadinha... — Se você espiar, te enfio no carro e nós vamos lá na delegacia achar uma maldita chave — ele rosna e eu fecho os olhos. Chato! Depois que termina, Gabs tira minha mala e a bolsa de cima da cama e ajeita os travesseiros, tudo com uma mão só.

— Quando você foi buscá-la? — pergunto, atrás de suas costas.

— Eu não fui buscar a mala. Fui buscar você — sussurra, sem me olhar, e minha mão livre agarra a dele, virando-o de frente para mim. — Mas só achei a mala, porque você é uma inconsequente...

— Por que você foi me buscar, se me mandou embora?

— Porque eu sabia que você ia exagerar na bebida. Achei que assim ficaria mais fácil plantar na sua mente que você tinha que ir embora... — Ele faz uma pausa e suspira. — Não confio em mais ninguém com você e uma garrafa de tequila dentro de um quarto. Eu nem devia ter ido, né? Foi ridículo da minha parte, sendo que é isso que eu quero. Porque é, sabe? Eu te quero bem longe. Você vai ficar muito num quarto com o Ben ainda. Nem sei por que fiquei tão preocupado.

— Você me amava antes de eu entrar no avião? — interrompo seus devaneios. E isso porque a bêbada aqui sou eu.

— De onde você tirou isso? — Ele parece incomodado, triste. Acho que nem precisa responder.

— Meu pai disse que pegou você chorando no dia em que eu fui embora.

— O tio Fernando fala de vocês, mas é igual aos filhos. Ô, língua!

— Chorou? — insisto.

— Eu não te amo como você está me perguntando, sinto muito — ele fala com cuidado, olhando para meu nariz, não para meus olhos. — Eu te amo como uma irmã, como eu amo o seu irmão. — Isso dói, acho que mais que qualquer outra coisa que ele tenha dito até agora.

— Não acredito em você — digo, petulante, engolindo em seco.

— É a verdade. — Ele encolhe os ombros.

— Não é — teimo.

— Você está nua na minha frente e eu ainda não encostei a mão em você. Se eu te amasse, você acha que eu faria isso?

— Você é bonzinho até demais para o meu gosto, então eu acho, sim. Ambos sabemos que você quer.

Ele suspira.

— Pensar é normal, não quer dizer nada. Não vou trair a minha namorada.

— Olha nos meus olhos e diz que ama a Alice, então. Até agora não escutei você dizer isso — provoco. O olhar dele sobe e me encara. A boca abre, mas não sai uma palavra sequer, então um sorriso satisfeito brota na minha. — Você não ama a Alice.

Gabriel morde o lábio, me encarando por alguns instantes antes de sentar na beirada da cama, me arrastando junto. Paro de pé no meio de suas pernas.

— Vem — ordena, ríspido.

— Para onde? — Olho ao redor e suas mãos agarram minha cintura. Só não puxam.

— Não era o que você queria? Senta aqui — ele diz, olhando para as próprias coxas. Embora cada minúscula parte de mim tenha derretido e alucinado, gritando muitos “É pra já”, meus pés não saem do lugar. Por que eles não saem do lugar?

— O que foi? — ele pergunta com um sorriso no canto da boca.

— Termina com ela primeiro — me escuto dizer. Gabriel sorri. Sei lá, parece orgulhoso, mas a cara dele não é nada amigável.

— Não vou desistir do casamento. Se quiser é assim — afirma, sério, e aperta mais minha cintura. Percebo quanto ele quer, e eu quero igual, mas não consigo sair do lugar.

Aquela maldita vai ter um bebê, mora na minha casa e é filha da mulher do meu pai. Eu amo a irmã dela. Como vou ficar com o namorado de alguém que vai ter um bebê se gosto da irmã dela? Quanto meu pai se decepcionaria se soubesse dessa merda? Até ele tem um limite, e, vai por mim, quando Fernando Marinho para de brincar, o mundo vira do avesso. Clara ficaria arrasada, e eu ainda estou lhe devendo um pedido de desculpa. Mas nem me importo com ela, não quero me importar com nada disso... Dou um passo para a frente, mais um e...

— E aí, vai vir ou não? — ele questiona quando estaco no lugar, mordo o lábio e nego com um movimento sutil. — É, foi o que eu imaginei.

É aqui que eu caio no choro.

— Me diz onde está a chave — pede, ríspido.

Pego minha bolsa do chão e procuro o que ele pediu no meio de três quilos de tranqueiras inúteis. Esse é o único lugar do mundo onde Gabriel nunca enfiaria a mão... depois

de mim inteira, claro. Nem é porque tem o risco de alguma coisa mordê-lo, embora eu não descarte a possibilidade, e sim porque foi o que a tia Ruth lhe ensinou: nunca tocar na bolsa de uma mulher.

— Inteligente — comenta, quando a coloco na sua palma aberta.

Ele nos solta e eu nem reclamo enquanto me enfia dentro da roupa. Estou distraída, fungando. Quando ele termina, saio pela porta com a bolsa nas mãos.

— Aonde você acha que vai?

Paro na porta e giro nos calcanhares.

— Ou você me deixa sair para comprar cigarro, ou eu fico aqui e mato você. Pode escolher.

— O Benjamin não comprou? — pergunta, franzindo as sobrancelhas.

— Por que ele compraria? — Os olhos dele se cerram, mas quando responde o tom é gentil.

— Tem um maço fechado no bolso do meu jeans, no banheiro. Pega lá. — Eu me viro, secando o rosto com as costas das mãos, e o encaro jogado na cama.

— Sério que você comprou cigarro?

Quando ele diz que sim com um movimento de cabeça, chateado, me faz chorar mais.

— O que foi?

Ele franze o cenho.

— Você não pode ser perfeito e não ser meu, droga! — Agora ele me dá um sorriso triste. — Que mundo mais injusto, Gabriel. — Saio pisando duro e não fico para ver a cara de idiota dele, mas escuto sua resposta sussurrada enquanto reviro suas roupas.

— Está aí uma coisa de que eu não discordo. É injusto mesmo.

Encontro o cigarro onde ele disse que estaria e desço a escada em uma corrida, abrindo a embalagem no meio do caminho. Tiro um, acendo no bico do fogão e saio pela porta do jardim com o cinzeiro. Gabs não é muito fã do cheiro, e eu já estou ruim na fita o suficiente para fumar dentro de casa hoje. Sento na beirada da piscina e fico ali. Acho que choro sozinha por uns dez minutos até escutar sua voz.

— Precisa de mim aí? — ele pergunta da porta.

Faço que sim com a cabeça, sem tirar os olhos dos meus pés balançando na água, até que os dele afundem para me fazer companhia. Já estou no segundo cigarro.

— Eu sempre preciso, esse é o problema — revelo, chutando a água. Solto a fumaça para o lado oposto. — Acho que preciso de você mais do que preciso de ar para respirar — completo, abanando a fumaça para que não vá nele e me encostando no seu corpo. Fecho os olhos quando ele envolve minha cintura. Em qualquer outro dia antes de eu ir embora, estaríamos dentro da água agora, rindo. Gabriel estaria se divertindo com meu porre e não terminando comigo... Só

não sei o quê. Nossa amizade? Amizade colorida? Amor platônico? Como eu chamo?

— Eu não posso mais ser a coisa de que você mais precisa no mundo — Gabriel cochicha no meu ouvido, arrepiando minha pele e matando um pouquinho do meu coração. — Você tem que pensar que eu posso não ficar nele para sempre e aprender a respirar sozinha. Mas agora precisa dormir, e eu também — diz, tirando o cigarro da minha boca, apagando no cinzeiro e me puxando pela mão até estarmos em pé.

Quando entramos em casa, vejo a cama arrumada no sofá e não controlo mais as lágrimas.

— Para de chorar — pede, me contornando, sem tirar as mãos dos meus ombros, até estar na minha frente. — Não é para você — explica, erguendo meu queixo.

— Dói igual. — Encolho os ombros.

— É, eu sei. — Ele aperta meus ombros e me puxa escada acima. — Deita, está tarde — ordena, apontando para a cama quando entramos no quarto. Engatinho até estar debaixo das cobertas e agarro o travesseiro, enfiando o rosto nele para chorar.

— Que bosta de porre! É muito mais divertido terminar em cima de uma mesa sem roupa.

— Não concordo. — Sinto sua mão afagar meu cabelo e levanto o rosto para vê-lo deitado de lado, o cotovelo apoiado na cama e a cabeça nas mãos, para poder me olhar.



— Você disse que ninguém te recusou de porre antes. O que houve hoje com o Ben? — Abro a boca para responder, mas ele me cala com um dedo. — Só responde se ele tirou a sua roupa. Dispensó os outros detalhes. — Nego e posso jurar que ele resmungá que agora pode dormir tranquilo, mas não sei bem. Meu nariz entupiu de tanto chorar e eu estou ocupada fugando.

— Amanhã de manhã você vai me mandar embora, né? — pergunto, baixinho.

— Vou — ele assente, sem parar de mexer no meu cabelo.

Eu não quero dormir. Não quero que este dia termine e que o amanhã chegue, mas minhas pálpebras de repente ficam pesadas e se fecham lentamente...

— Vou porque não consigo nem imaginar a expressão no seu rosto se eu te contasse o que está rolando. Te conheço como a palma da minha mão e tenho uma boa ideia de como você se sentiria se soubesse. Vai por mim, estou te fazendo um favor — ele continua falando baixinho, mas ainda estou escutando. — Vou porque não consigo pensar na porra da ideia de você sentir medo de uma coisa que eu não posso matar por você. Mais nada vai estar no meu controle. Nada — frisa, com raiva. — Para alguém obsessivo por controle, isso é a morte, sabia? Eu não vou poder te proteger, não vou poder mais sair correndo atrás de você, Eva. Tem ideia de como eu vou me sentir? O que vai acontecer quando você não me tiver mais para correr e resolver os seus problemas?

Os outros ajudam, o Rafa te tira da cadeia se precisar, a Olívia te consola, o seu irmão dá conta de um porre, já cuidou de alguns meus, mas nenhum deles vai se lembrar do cigarro. O Benjamin não lembrou — ele soa triste —, e o mais ridículo é que eu parei para comprar porque sabia que ele não ia lembrar. Nem é incompetência deles, porque não tem nada de mais esquecer. O lance é que você merece alguém que não esqueça, e, por mais que eu seja essa pessoa, não é mais suficiente. Eu não sou mais suficiente.

— Por quê? — sussurro, sonolenta.

— Porque eu vou passar uns meses de merda e, se no fim der tudo errado, não vou conseguir passar no posto para comprar o maldito cigarro. Fazer você assistir a isso vai te machucar muito mais do que precisar ir com as suas próprias pernas comprar. — Meus olhos se abrem, piscam, fecham.

Isso parece importante. O que Gabriel está dizendo?

— Eu gosto dessa visão bonitinha e deturpada que você tem de mim. — Sua mão ainda está no meu cabelo. — Você me vê como um herói, e foi isso que eu sempre quis ser, alguém digno de você. Por isso eu me mantive longe do Azeitona, mesmo tendo chovido oportunidades de enfiá-lo na boca, e você sabe como eu adoro azeitona. — Escuto o som baixinho da sua risada e o sigo, chegando mais perto. Pego sua mão e coloco ao meu redor, me aninhando e suspirando quando sinto sua respiração na minha bochecha. — É por

isso que eu não vou me aproveitar dessa merda pra te tratar como se você não fosse a coisa mais importante da minha vida, porque você é. Eu não sou o Benjamin, não vou usar o que está acontecendo como uma desculpa egoísta, como ele fez. Tem certas coisas que nem por amor valem a pena, e te machucar é uma delas, Eva.

— Mas já tá machucando, Gabs.

— É para não machucar mais. É para o seu bem. Não tenho ideia do porquê, mas eu te amo desse seu jeitinho imperfeito mesmo e não quero que você precise mudar por mim. Se a gente fosse mais longe, eu diria que esse seu jeitinho imperfeito também não ia querer ficar se soubesse a verdade. Ele odeia despedidas, lembra? Ele entra em táxis e não olha para trás e está tudo bem. Desse egoísmo você está mais que perdoada desta vez. — Seu tom abafado me faz franzir o cenho.

— Que barulho é esse? — pergunto com um grunhido, quase sem voz. Tô mais pra lá do que pra cá. Tateio no ar para achar seu rosto sem abrir os olhos incompetentes, que não querem mais funcionar. Quando encontro e o toco, noto que está molhado.

— Não é nada — diz, agarrando minha mão, beijando-a antes de me puxar para perto e me apertar como se eu fosse um travesseiro.

— Você está chorando. Por quê? — Nossa, estou com tanto sono que acho que estou alucinando. Eu já disse que

esse cara é ruim de chorar? Pois é, eu era assim também, até sair deste inferno de cidade escaldante e cheia de notícias ruins há seis meses.

— Porque eu comprei sua passagem de avião faz vinte minutos, enquanto você fumava.

— Para onde eu vou?

— Você vai embora para Londres, para parar de chorar na minha porta — ele conta, beijando minha bochecha. — Vai embora porque eu não posso mais deixar você me amar. Não posso, entendeu? Me perdoa, minha garota.

Essa é a única coisa que escuto antes de adormecer sentindo seus lábios na minha pele. Não tenho mais energia para dizer que eu chorava quando fui embora também. Chorei de saudade dele desde o segundo em que pus os pés naquele táxi, mas era orgulhosa demais para desistir, e ele também é. Nisto somos iguais: quando enfiamos uma coisa na cabeça, tem que ser do nosso jeito. O lance é que eu sou bem mais teimosa que ele. O que o nosso orgulho custou, hein, Gabriel? Do que você acha que eu vou correr? Não sendo uma barata eu dou conta, prometo. Por que você não pode ficar comigo?

Quero me lembrar de todas essas perguntas amanhã.

## Eva

Quanto eu bebi? Uma fábrica de tequila, incluindo o dono, de sapato e tudo? Não responda, prefiro nem saber. Tomar um porre é que nem dar uns pegas no ex: o que acontece durante as duas coisas é o tipo de merda que é melhor esquecer. Foi isso que eu fiz ontem? Entrei no carro de um e, pelo que lembro, fui embebedada, então ainda não descarto a possibilidade.

A luz passando através das cortinas me cega. Enfio a cara embaixo das cobertas e me enrolo em uma bolinha assim que acordo para mais um dia de merda, com uma ressaca dos infernos e uma cólica horrível. Me recrimino por mais uma vez confundir álcool com suquinho, desejando ardentemente uma bolsa de água quente e uma mãe pra passar a mão na minha cabeça e dizer que o Gabriel é um idiota, que eu mereço coisa melhor, embora melhor que ele não exista, essas mentirinhas bobas que só as mães sabem contar bem. Fico nessa fossa por cinco minutos até que me sento de supetão, empurrando as cobertas, porque notei que a cama estava confortável demais para ser a minha. Pisco

algumas vezes olhando ao redor. Tô no Gabs. Ufa! Não sei com que cara ia ficar se tivesse acordado no hotel com Benjamin.

— Bom dia, tormento pessoal. — Falando no diabo, ele entra no quarto. Seu tom é tão indiferente que me irrita. Cadê meu beijo? Não vai pular em cima de mim? Ah, é. Gabriel não é mais assim. Agora ele é um cretino.

Por Deus, acordei mais amarga que o céu da minha boca hoje.

— Bom dia, melhor amigo que expulsa e magoa as pessoas. — Suas mãos param no ar, a meio caminho de uma camiseta no guarda-roupa. Ele se vira para me olhar e eu rosno: — Acordei de TPM. Baixa a bola que hoje eu não tô pra brincadeira.

— Perfeito. — Tenho a impressão de que ele completou com um “Só para tornar a minha vida mais fácil, ela acorda virada no demônio” depois que terminou de pegar as roupas que queria. Só não tenho certeza de por que resmungou batendo as portas do armário como quem não tem geladeira, mas na TPM esse ainda é um apelidinho carinhoso para mim, admito.

— O que está acontecendo? Você é mal-humorado desde filhote, mas não tanto assim. Que bicho te mordeu?

— Te mandei embora e você está na minha cama, isso não responde? — pergunta virando de frente para mim, e a primeira coisa que noto é o bilhete grudado na sua camiseta.

— “Ainda bem que eu não deixei o salva-vidas ontem, senão seria obrigado a atirar em você.” O que é isso? — aponto. Ele olha para baixo, franze o cenho e arranca o papel.

— O Rafa passou por aqui enquanto eu dormia. Esqueci de avisar que não precis... Quer saber? Não é nada — corta enquanto entra no banheiro.

— O que aconteceu ontem? — pergunto quando ele fecha a porta, mas só obtenho resposta quando ele sai, de banho tomado, com uma bermuda azul-marinho e uma camiseta branca justinha. A correntinha com o pingente de Nossa Senhora que era da mãe está por cima da camiseta, e o perfume é tão bom que me faz querer mordê-lo. Ele é tão bonito que me irrita. E me deixa triste.

Eu sou tão imperfeita, e ele... ele é perfeito em cada mínimo detalhe, por dentro e por fora. Tá na cara o motivo de não estar comigo, né? É só olhar para a gente. Ele tem uma beleza perfeitinha demais, loiro natural, olhos claros, cara de moço de família. Quando abre um sorriso, te rouba um também, porque ele é assim, cativante. Agora eu? É só olhar para a minha cara que dá pra sacar que eu sou problema. A gente é tão diferente que até ontem combinava perfeitamente.

— Já disse. Nada — frisa, impaciente.

— Cadê as minhas aspirinas e a água que sempre ficam no criado-mudo depois de uma noite ruim?

— O remédio está no armário do banheiro e a água na geladeira. No lugar onde sempre estiveram.

— Antes você pegava.

— Antes — concorda.

— Aonde vai nadando em perfume desse jeito? — pergunto, ignorando a patada. Estou ignorando muitas coisas ultimamente, igual aconteceu com todos os namorados imprestáveis anteriores. Será um padrão? A psicóloga em mim está assustada. O resto só está triste, porque a gente pensou que Gabriel era o único que nunca ia nos machucar, nem um pedacinho de nós.

— Vou buscar a Alice e aproveitar para me livrar de você. Ainda tenho que pensar em como vou explicar para a minha namorada que você veio parar aqui na noite passada. Imagino que ela não vá pular de felicidade. — É, ninguém tá pulando aqui, amigo.

— Como eu acabei na sua casa? Eu adoraria saber — resmungo, mal-humorada.

— Te achei na porta — ele devolve o resmungo, tirando o notebook da mochila. Acho que vejo alguns exames médicos. Só acho, porque Gabriel percebe que estou olhando e se vira para bloquear minha visão. Idiota. — Vai tomar banho pra gente ir — ordena, se sentando com as costas coladas na cabeceira da cama com o computador no colo, depois de colocar a mochila de novo na poltrona e fechá-la.

— Tá. — Saio tropeadamente da cama por cima dele, agarrando no meio do caminho o celular que toca na



cabeceira, com pressa de chegar ao banheiro por causa da bexiga apertada. — Alô? — atendo abaixando o short e sentando na privada. Ufa!

— A mamãe pediu para perguntar se vocês vão demorar. A comida já está quase pronta.

Em vez de responder a Juliete, termino o que fui fazer, lavo as mãos e aperto o telefone com o ombro, fechando o short com um resmungo, depois de descobrir que a cólica era mais que uma simples dorzinha. Ótimo. Só faltava essa agora. Eu me arrasto até minha mala, revirando-a de ponta a ponta, e nada do pacote de absorventes. Cadê? Eu tinha certeza de que estava aqui em algum lugar, quase inteiro.

— Você roubou meus absorventes? — pergunto, apertando o telefone.

— Oi? — ela respira fundo, confusa.

— Não estão na minha mala!

— Foi a minha irmã. O dela acabou e ela achou que você não ia perceber até precisar. Esqueci de avisar. Desculpa, Evinha. — A sacana está rindo. — E aí? Vocês vão demorar?

Deixo a menina falando sozinha. O celular quase cai da minha mão e meu dedo nem hesita em desligar na cara dela. Por dentro estou gargalhando.

— Acho que você foi passado para trás — falo para um Gabriel completamente pálido, olhando para o computador com uma cara muito estranha. — Deu pra ouvir, né? — Ele assente uma vez, duramente, e morde a boca. — Posso rir da sua cara por ter me expulsado por causa de uma mentirosa?

— pergunto, com raiva e muito amor. Estou bem feliz por ela ter dado um golpe...

— O mentiroso sou eu — dispara no automático, sem me olhar.

— Como é? — pergunto, sem entender. Com certeza escutei errado. Posso jurar que Gabriel disse que o mentiroso é ele. Loucura, né? — Vai defender a Alice agora? É sério?

— Eu menti sobre a gravidez. — Ele encolhe os ombros. Não parece culpado. Nem está vermelho.

— Por que você faria uma coisa idiota dessas?

— Porque eu queria que você saísse do nosso caminho. Mas nem assim, né, Eva? — Gabriel finalmente me olha, e eu preferiria que não tivesse olhado. Só tem desgosto no seu olhar. — Você devia entrar naquele avião com o Benjamin.

— Como você sabe do convite dele? — Franzo o cenho.

— Você me contou ontem. Acho que devia ir — ele diz, fechando a tela.

— Você falou o oposto seis meses atrás — lembro, com a garganta fechada.

— O que você tem a perder? Um ótimo emprego? Um carro zero? Grana no banco? Isso você tinha e já perdeu. Não tem mais nada pra você nesta cidade. — Jura? — E, se quer saber, seria um puta alívio poder viver em paz com a Alice sem nenhuma garota caindo de bêbada aparecendo toda noite na nossa porta porque não aceita a porra de um “não”. Uma garota que me obrigou a ser um idiota e inventar uma mentira mais idiota ainda porque estava desesperado para

ela se afastar. Quando eu disse que cansei de você, não estava mentindo, Eva. — Aí doeu. — Então, é, eu acho que você devia ir embora com o Ben.

— E eu acho que você devia ir na farmácia para mim. É o mínimo, depois de a sua namoradinha ladra de absorventes me deixar na saia justa — falo, com raiva. Quero que ele saia logo para eu chorar.

— É claro. Estou indo. — Ele suspira, saindo pela porta sem perguntar qual eu quero. Até isso o infeliz sabe.

O celular apita na minha mão. Abro a mensagem de Benjamin.

**Benjamin**

Pensou na minha proposta?

**E  
v  
a  
N  
ã  
o  
.**

**Benjamin**

Posso ir para a casa do seu pai depois que fechar a conta do hotel?

**Eva**

Pode, mas a resposta ainda é não.

**Benjamin**

Ainda tenho algumas horas para te fazer mudar de ideia.

Boa sorte. Enquanto isso, vou planejar erguer a pata para o alto no meio de um casamento. Será que devo esperar o padre perguntar se alguém tem alguma coisa contra a união antes de atear fogo na igreja com todo mundo dentro, tirando o ignorante do noivo, que eu vou roubar? Merda, acho que pequei.

Entro no banheiro lendo o restante das mensagens de ontem, achando tudo isso muito estranho, porque o Gabriel não mente assim. A coisa toda é ridícula demais. Não é nem um pouco a cara dele. Tem algumas mensagens do Gabriel que não me dizem muita coisa além do que eu já sei — que

meus pés foram treinados para seguir o caminho dele até de pilequinho —, mas as trocadas com meu pai são mais interessantes. Preciso me escorar na porta quando termino de ler. Eu prendi mesmo nós dois com uma algema? Porra, tá brincando! Ponho a mão na barriga, instintivamente. Será que o idiota me deixou engolir a chave? Uma vez apostei com Adam que conseguia engolir uma moeda. Sem brincadeira, fiquei umas oito horas no pronto-socorro com Gabs me dando apoio moral até ela sair, depois de eu ligar para ele desesperada e tirá-lo de um jantar. Antes ele vinha de onde estivesse. Fazia qualquer coisa por mim. Quando isso mudou?

No dia em que cheguei de Londres e roubei seu carro, ele me deu colo e quebrou um copo na parede porque mais um cara me fez de boba. Continuou sendo ele mesmo depois disso também. Em que momento mudou? Jogo o celular em cima da pia, ao lado do dele, e arranco a roupa, entrando de cabeça embaixo da água. Aos poucos as lembranças do dia anterior começam a invadir meus pensamentos. Ben e o que aconteceu no quarto de hotel são as primeiras. A atitude dele foi incrível. Isso não melhorou minha autoestima em nada, mas a forma como ele fez e seu motivo, sim. Se antes eu tinha alguma dúvida sobre seu caráter, ela foi substituída por uma admiração inabalável. A ideia de seguir os passos dele se Gabriel fosse em frente com sua decisão me pareceu atraente, pelo menos até ele dizer que ia embora e eu surtar, porque acho que no fundo eu só queria provocar Gabriel

saindo com Benjamin. A ideia de ir embora e deixá-lo aqui me enlouquece; não vou fazer isso. Não posso entrar na droga de outro avião. Eu saí correndo do hotel e depois nada... Como vim parar aqui?

Espalmo as mãos na parede, observando as gotas de água escorrerem pelos azulejos que lembram o tom dos olhos dele, e tenho um lampejo de ver esses mesmos olhos rasos d'água debaixo deste chuveiro. Estou ficando louca? Fecho os olhos, respirando fundo, e acho que fico mais louca ainda, porque de repente não estou mais aqui. Em um instante estou escutando o barulho da água caindo, e no outro estou ouvindo Gabriel chorar. Estamos na cama, abraçados. Sinto seus dedos emaranhados no meu cabelo e escuto suas palavras, mas não as entendo. Forço o cérebro ao máximo e consigo captar uma frase, só uma, antes que tudo se transforme em borrões e palavras desconexas.

*Não posso mais deixar você me amar, foi o que ele disse. Não posso, entendeu?*

*Não posso.*

*Não posso.*

*Não posso.*

O que isso significa? Não poder é diferente de não querer. Alice atrapalha tanto assim? Ele a ama tanto assim? O suficiente para trocar trinta anos por um punhado de meses? Termino de tomar banho e fico enrolando no chuveiro, esperando que ele chegue com o que foi buscar, por motivos óbvios. Fora o fato de não querer deixar o banheiro

parecendo um matadouro, penso melhor embaixo d'água, principalmente quando não sou eu quem paga a conta. Tem alguma coisa na calmaria de um chuveiro que melhora a dor no corpo e na alma, relaxa a gente. Para mim é um lugar especial, melhor até que a minha cama quentinha, tanto para chorar quanto para pensar, e estou fazendo as duas coisas, porque preciso entender o que está acontecendo.

Meu pai acha que as coisas foram para as cucuias seis meses atrás, mas está errado. Há uma semana, no carro, Gabriel me olhou nos olhos e, nas entrelinhas, disse que largaria a namorada se eu pedisse. Por Deus, se arrependimento matasse, aquela boa ação estaria me arremessando da janela agora. Nunca me arrependi tanto de ser gente boa nesta vida, porque descobri que não sou minha mãe. Nunca vou ser.

Ele perguntou se eu queria pedir alguma coisa. *E/le*. Não partiu de mim. Eu devia ter dito o que queria. Fui burra!

Ele disse que jamais me diria “não”, e que me beijaria de volta se eu o beijasse. Onde esse cara está? Esse cara jamais me expulsaria da sua casa — não expulsou nem quando dei uma festa escondida enquanto ele estava viajando a trabalho. Gabriel chegou um dia antes, sem avisar, e encontrou uma multidão dançando na sua sala, mas só me deu um esporro no banheiro, depois curtiu a festa, me tirou para dançar e me abraçou na hora de dormir. Cadê esse cara?

Quando ele acordou no hospital, me disse com um puta brilho no olhar que tinha terminado o namoro. Nós viemos brigando o caminho inteiro no dia da alta porque eu queria que ele descansasse, e no fim ele me esperou dar as costas e fugiu, mas naquela noite me emprestou seu cartão, todo solícito, e até rolaram umas mensagens fofas e bem sugestivas. Ele falou do chuveiro, isso é sugestivo para mim! E aí... aí nada.

Foi então que tudo mudou. Ele mal trocou mais que duas palavras comigo até me dizer que eu devia sair com Benjamin, algo que jamais faria tão de boa. A partir daí, não conheço mais a pessoa com quem tenho convivido. Vejo lampejos dela quando ele aparece para me tirar da cadeia ou me deixa passar a noite na casa dele depois de um porre. E se não me engano minha pele está hidratada. Bêbada eu não consigo nem falar X para foto, quanto mais passar hidratante. Só que, na maior parte do tempo, principalmente quando olha nos meus olhos, Gabriel não é mais a mesma pessoa.

O que aconteceu no intervalo entre aquela cama de hospital e o jantar com os nossos amigos para comemorar a saúde dele?

Seja o que for, eu perdi Gabriel nesse meio-tempo.

Meus olhos param no iPhone dando bobeira em cima da pia e eu mordo o lábio. Embora saiba a senha, nunca mexi nas coisas dele sem pedir, mas também nunca precisei, né? Eu mentiria se dissesse que o sentimento de culpa é maior



que a curiosidade. *Não é.* Sou uma pessoa horrível, blá-blá-blá. Foda-se. Saio do chuveiro às pressas, sem me preocupar em desligar a água ou pegar uma toalha, e agarro o celular, abrindo as mensagens. Acabo molhando o chão inteiro, mas não sinto a menor culpa. A vadia dele limpa quando chegar. Estou sofrendo por causa dela, é o mínimo que ela pode fazer por mim.

O fato de a primeira pessoa da lista ser Ben me surpreende. Eu sabia que os dois estavam mais próximos, mas não tanto assim. O que será que andam falando? Leio a conversa de ontem desde o início.

**Gabriel**

Não consigo fazer isso. Achei que ia conseguir, mas não consigo. Desce com ela.

**Benjamin**

Está onde?

**Gabriel**

Na porta. Onde você acha que eu estaria? Desce logo, porque se eu

precisar subir não vou ser tão educado.

**Benjamin**

Não vai rolar não, Gabs.

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
T  
ô  
s  
u  
b  
i  
n  
d  
o  
.**

**Benjamin**

Espera!

**Gabriel**

Tô no último lance de escada. Você tem 5 segundos para me entregar a Eva na porta, e apresentável. Se eu suspeitar que uma peça de roupa sequer saiu do corpo dela, eu te mato. Então, se fez merda, seja rápido.

**Benjamin**

Para de ser idiota. Ela fugiu de mim.

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l**

F  
u  
g  
i  
u  
?

**Benjamin**

Me encontra na garagem. Tô descendo. A Eva roubou a garrafa. Acho que vamos ter que sair atrás dela.

**Gabriel**

O que houve?

**Benjamin**

Ela disse não.

**G  
a  
b  
r**

i  
e  
l  
s  
é  
r  
i  
o  
?

**Benjamin**

Te falei.

**Gabriel**

Perfeito! Parece que agora eu tenho um noivado para planejar.

**Benjamin**

Você está indo longe demais, Gabriel.

**Gabriel**

Quietinho ou não  
convido você.

**Benjamin**

Estou falando sério.

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
E  
u  
t  
a  
m  
b  
é  
m  
.**

A troca de mensagens seguinte aconteceu bem mais tarde, provavelmente depois que eu já tinha apagado.

**Benjamin**

Sinto muito por hoje.

**Gabriel**

Eu não. Você foi idiota e descuidado, ela podia ter se machucado.

**Benjamin**

Eu sei, tô me sentindo péssimo. E não estou falando só da boca dolorida. Sabia que aquele beijo ia acabar me custando alguma coisa.

**Gabriel**

Você mereceu.

**Benjamin**

Nunca mais deixo de ir atrás, prometo. Como foi a noite com ela?

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
D  
i  
f  
í  
c  
i  
l  
.**

**Benjamin**

E agora?

**Gabriel**

Dá um jeito de se convidar para passar o dia na casa dela amanhã. Eu e a Alice vamos encenar um pedido oficial



de noivado, com direito a champanhe  
e tudo. É a sua chance.

**Benjamin**

Vai beijar a barriga dela também?

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
É  
a  
c  
c  
e  
r  
e  
j  
a  
d  
o  
b**

**Benjamin**

E se a Eva ainda disser não?

**Gabriel**

Eu mesmo enfio ela no avião. Se ela resistir? Eu me mudo para São Paulo durante o tratamento. Se ela me achar? Mudo de novo. Porra, ideia é o que não falta. Só faz a sua parte, ok?

**Benjamin**

Ok, chefe.

**Gabriel**

Você é quem vai sair ganhando, devia me agradecer.

Ganhando o quê? Que tratamento? Por que ele precisa tanto de mim longe?

**Benjamin**

Estamos chegando, arma o teatro. Mas vê se não pega pesado, ela está tão triste que só comeu uma bola de sorvete.

O namoro era encenado, como o bebê, essa eu saquei sozinha, só não entendo a necessidade disso. Sou tão ruim assim? Será que eles conversaram alguma coisa durante os dias em que ele viajou? Quando foi que ele ficou estranho? Vale arriscar. Passo por muitas mensagens, mas não tem nada, até o dia da minha prisão.

**Benjamin**

Como está aí? Vai demorar?

**Gabriel**

Mais algumas horas. O Marcelo, que é o colega no plantão, ainda está tomando o depoimento das meninas.

**Benjamin**

Ela tá na cela ainda?

**Gabriel**

Ela tem que ficar até eu passar o pano e as meninas saírem. Vai dar na cara se eu tirar a Eva de lá agora, na frente de todo mundo. Porra, eu cobreí a minha cota inteira de favores hoje pra resolver essa merda. Odeio isso!

**Benjamin**

Você não está fazendo nada de errado.

**Gabriel**

Só eu estar aqui já é errado. Não é nada ético que quem pague a fiança dela seja o delegado do próximo plantão, concorda?

**Benjamin**

Não vai fazer plantão nenhum. Ficou maluco? Você está dopado!

**Gabriel**

O Otavio vai me cobrir hoje. Tive que contar para ele e para o Marcelo. Tenho a impressão de que eles vão precisar me cobrir muito a partir de agora, mas pode ir.

**Benjamin**

Vou te esperar.

**Gabriel**

Eu estou bem.

**Benjamin**

Não, não está. Você devia ter ficado no hospital.

**Gabriel**

Você é insuportável.

**Benjamin**

E você é teimoso demais para o seu próprio bem!

**Gabriel**

Quer que eu peça para alguém levar um café aí?

**Benjamin**

Olha, melhorou. Quero.

A conversa continua, sem nada de interessante. Tem conversas demais.

Eles falam demais, Deus pai. Duas maritacas... Peraí. Hospital? Ele disse que estava em São Paulo a trabalho.

*A porra da mochila.*

Ele escondeu a mochila atrás do corpo quando olhei. A única coisa que tinha ali dentro eram envelopes com exames, mas ele não saiu com nenhum na mão quando teve

alta do Ana Costa; eu teria reparado. Caminho pelo quarto, molhando tudo por onde passo, e abro a mochila. Pego os envelopes e leio um dos exames. Não entendo uma palavra sequer do resultado, mas meu coração dispara quando vejo que é uma biopsia. Isso normalmente é sério, não é? Agulhada e tudo? Não sei. Parece sério. Como foi que ele saiu do hospital e passou o dia todo resolvendo meus problemas? Eu escutei um gemido, achei que ele estava com uma garota e era... de dor? Ele se desequilibrou quando abriu a cela... Estava tonto? Ele brigou comigo e me fez chorar, pela primeira vez. Ele disse... disse que ia me deixar...

Porra, o que eu fiz?

*O que eu o fiz passar?*

Jogo os papéis na cama e digito o nome do hospital na barra de pesquisa do celular, porque não consigo ficar parada enquanto ele não chega.

Espero batendo o pé no assoalho. Quando a página carrega, meu mundo se despedaça e despenca na minha cabeça.

Procuro por um contato com os dedos trêmulos.

— Cadê você? — grito assim que ela atende.

— O que houve? — pergunta, preocupada.

— Responde, Olívia! — grito mais alto.

— Na casa do seu pai.

— Tô chegando. Não sai daí — aviso, desligando na cara dela e arremessando o celular no colchão.

Enfio uma roupa qualquer, ainda molhada, e apanho os exames. Aperto todos contra o peito enquanto calço os chinelos e saio correndo, o mais rápido que posso. No meio do caminho, um deles arrebenta, e nem assim paro de correr. Não paro nem para me livrar deles, chuto pelo caminho mesmo. Preciso chegar em casa e pedir que minha cunhada me diga o que tem nesses exames. Preciso saber o que tem nessa droga de biopsia feita escondido de mim no Instituto do Câncer de São Paulo.

Câncer.

Não consigo evitar as lágrimas.

Não consigo mais correr direito.

Não consigo mais respirar.

Mas, não importa como me sinta por dentro, meus pés não param um minuto e minhas mãos não soltam os exames por nada.

Se soltar, quem cai sou eu.



Por você, para jamais te abandonar

Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era pra sempre, sem saber que o pra sempre sempre acaba? Mas nada vai conseguir mudar o que ficou. Quando penso em alguém só penso em você, e aí então estamos bem...

— CÁSSIA ELLER, “Por enquanto”

## Gabriel

— Cheguei — aviso no pé da escada, mas não obtenho resposta. — Eva?

Escuto o chuveiro no andar de cima e subo correndo os degraus, entrando no quarto com a sacola e as chaves nas mãos. Não preciso de mais que um relancear de olhos ao redor para saber que alguma coisa aconteceu. Chame de instinto ou do que quiser, mas eu sou bom no meu trabalho por um motivo: sei reconhecer um problema bem rápido quando encontro um. A primeira coisa errada que noto é o barulho da água correndo direto, anunciando que não tem ninguém embaixo do chuveiro. A porta do banheiro também está escancarada, e não encostada, como sempre fica quando ela toma banho comigo em casa, e as roupas espalhadas ao redor da mala aberta estão mais reviradas que a desordem de sempre. Mas é o chão completamente molhado que chama minha atenção. Isso normalmente não me

surpreenderia, porque ela tem o costume de só se lembrar de pegar uma toalha limpa depois que termina de tomar banho, e nessa brincadeira acaba alagando a casa inteira, mas a mochila aberta e vazia no meio de tudo surpreende.

Entro no banheiro, desligo a água e procuro pela casa, chamando-a de idiota, porque sei que ela saiu correndo. Bato os olhos no meu celular, jogado em cima na cama, e o pego já saindo de casa que nem um foguete atrás dela. Aonde ela foi desse jeito? Sem me esperar? Respiro fundo enquanto tento me acalmar e pego seu caminho de sempre enquanto ligo para Olívia.

— O que está acontecendo? — ela pergunta assim que atende. Já havia três chamadas perdidas dela.

— Ela encontrou os exames enquanto dei uma saída. Não tenho ideia se entendeu alguma coisa, mas ela não é burra... — Não consigo terminar de falar. Estou apavorado. Muito apavorado. Quais as chances de ela olhar para uma biopsia e não querer saber o que tem no resultado? Nenhuma.

— Ela me ligou desesperada perguntando onde eu estava, então presumo que ainda não saiba, ou talvez não tenha certeza. De qualquer jeito vai ser um desastre. Consegue chegar aqui antes dela?

— Ela ligou faz quanto tempo? — Dobro a esquina.

— Uns dez minutos.

— Pego ela no caminho. Prepara todo mundo? E, pelo amor de Deus, mente até onde der, Olívia — imploro, desesperado.

Olívia me garante que está tudo sob controle e que vai seguir o combinado. Metade de mim não acredita que isso ainda vai dar certo quando eu escuto que Adam fez questão de ir atrás dela no nosso almocinho divertido. Rafa e Ben estão a caminho também. No fim vai ser um pouco diferente do que planejamos, mas, se ela ainda não sabe o que tem nos exames, posso ter uma chance. Basta que Adam fique quieto e que nem o pai nem Juliete descubram nada. Eles são os únicos que eu acho que contariam sem hesitar.

Eu a encontro correndo pelo meio da rua, a dez quadras de sua casa. Pelo curto espaço de tempo e pela longa distância percorrida, imagino que não tenha parado desde que saiu da minha. Está descabelada, cansada e sem sapatos. O cabelo comprido e platinado voa para todos os lados, mas o que mais ferra comigo são aquelas porras de exames que ela aperta contra o peito com tanta gana que queria ser eu no lugar deles. Arquivo essa como uma das cenas mais tristes que essa garota já me obrigou a presenciar e diminuo a velocidade

para acompanhar seu ritmo, com o coração disparado dentro do peito.

Ela olha para mim e depois para a frente, apertando mais o passo para fugir. Está chorando e ignorando completamente o olhar das pessoas que passam.

— Entra no carro — ordeno, baixinho.

Ela nega com a cabeça.

— Entra, Eva.

Nega de novo.

— Eu vou ter que ir aí te pegar?

— Se você chegar perto de mim, Gabriel... — ela rosna e engasga com o ar, ficando em silêncio, mas não para de correr nem me olha de novo.

— Você colocou um short branco. Sua bunda está parecendo uma cena de crime. Entra no carro — tento mais gentil.

— Não dou a mínima! — berra, se virando para me olhar com raiva, mas estaca no lugar quando nossos olhos se encontram. Eu freio também. — Eu não dou a mínima para mais nada, a não ser para o que tem aqui. — Ela fecha mais o aperto em torno dos papéis. Eva me olha por um instante antes de encarar os próprios pés, e seu rosto se abre em uma careta feia de choro. Porra, o que estou fazendo com ela? Os lábios tremem e o restante desmorona no meio da rua.

— Eu te levo para onde você quiser, prometo. Só entra aqui comigo — imploro, angustiado. Suas mãos apertam mais os exames contra o peito. — Não vou tirá-los de você. — Só quando digo isso consigo fazê-la contornar o carro e entrar pela porta do passageiro, que me dobro para abrir. — Para onde? — pergunto quando ela se senta nos tornozelos, mesmo o banco sendo de couro e fácil de limpar. Fofa.

— Me leva para a minha casa — ela pede quando me inclino para pegar um moletom abandonado no banco de trás, colocando em cima das suas coxas.

— Amarra isso na cintura quando a gente chegar — digo, segurando seu joelho por cima do tecido, e aperto para que ela me olhe. Minhas mãos tremem, mas não preciso me preocupar que Eva perceba meu nervosismo. Ela está tremendo inteira. — Por que você quer ir para casa?

— A Liv — sussurra, desviando o olhar para fora da janela.

Eu assinto e coloco o carro em movimento sem saber o que dizer. Fico quieto, me perguntando o que ela sabe. Fora os olhos avermelhados, seu rosto não me diz nada. Está vazio. Ela fica em silêncio o restante do caminho, até que eu pare em frente à sua casa e desligue o motor.

— Vai me dizer o que tem aqui? — pergunta, me mostrando os papéis, girando no banco para ficar de frente para mim.

— Não tem nada aí — respondo, com um dar de ombros.

— Me conta a verdade, Gabriel, por favor — implora, agarrando minha mão, entrelaçando a sua antes de apoiá-las na minha coxa. Fico olhando para suas unhas curtinhas de tanto que róí, enquanto continua falando. — Me conta. Assim não precisamos envolver mais ninguém em uma coisa que é apenas nossa. Podemos sentar e conversar sobre tudo — propõe.

Meus olhos se arregalam. É inevitável não conseguir esconder a surpresa. Afinal estou vendo Eva ser sensata pela primeira vez na vida. É uma pena que não possa elogiar e muito menos aceitar. Seria lindo, não é? Imagine: muitas lágrimas, um beijo de tirar o fôlego dentro do carro e amanhã, depois da quimioterapia, Eva descobre a furada em que se meteu. Não, eu passo.

— Não tem nada aí. — Eu a encaro. Ela ainda duvida. Teimosa. — Juro pela minha mãe que não tem nada nesses exames. — Me perdoa, mãe. Você me fez prometer tantas vezes que cuidaria bem da Eva quando era viva... Estou cumprindo.

— Então me explica por que eles estavam escondidos na sua mochila. — A pergunta tem cara de cilada, e eu não estou entendendo por quê. É só um instinto de que ela sabe mais do que está mostrando.

— São exames de rotina. — Eva revira os olhos. — Aproveitei que estava em São Paulo e fiz um check-up, porque fiquei preocupado quando passei mal, mas está tudo bem — garanto, apertando mais nossas mãos unidas ainda na minha coxa, como se isso a ajudasse a acreditar em mim.

— Quem diria, né? — diz, triste, me soltando quando chegamos para sair do carro.

— Quem diria o quê? — Vou atrás. Adoraria fugir para bem longe, mas vou atrás.

— Que, pela primeira vez, quem escolheu ir pelo caminho mais difícil seja você — responde, girando a chave na fechadura antes de abrir a porta com um chute. Quando escuto o estrondo, tenho certeza de que não foi a porta batendo na parede, mas meu coração se partindo. — Pode apostar que você vai se arrepender disso — ela cospe com raiva por cima do ombro enquanto entra em casa. Provavelmente está certa.

Eva invade o lugar com tanta atitude que atordoa todo mundo, até quem está sabendo de tudo. Eles estão reunidos na sala, conversando animadamente sobre o



último jogo do Santos, mas a conversa morre assim que põem os olhos em nós. Fica claro, pela minha cara de pânico e pela dela de choro, que tem alguma coisa muito errada acontecendo. Eu nunca a trouxe para casa chorando, e isso alerta Fernando. Só devolvo a filha dele bem.

— Eva?

Ela não responde. Seus passos firmes param de frente para a cunhada, sentada entre Adam e Rafael em um dos sofás, que ela encara como se fosse seu único foco.

— Eu quero saber o resultado disso tudo. Abre e me fala — ordena, jogando a pilha de exames no seu colo sem nenhuma delicadeza.

— O que é isso? — Olívia pergunta, atuando melhor que atriz global e matando o marido de desgosto. Adam olha para os próprios pés e morde o lábio para conseguir ficar quieto.

— Você é cega? Faz logo o que eu estou mandando — Eva retruca, impaciente.

— Tudo bem — Olívia concorda, com um suspiro, e abre um por um dos envelopes, fingindo ler os resultados antes de arrumar tudo em uma pilha organizada. Digo fingindo porque ela tem memória fotográfica para o que importa. Olívia já decorou meu prontuário. Ela pediu por e-mail para o meu médico, aquele que está bem puto

porque descobriu que eu fugi do hospital, mas mandou o que ela queria mesmo assim. — Não tem nada aqui, amiga, só rotina. O Gabs está bem — garante, abrindo um sorriso falso. Os olhos de Adam se enchem de lágrimas na hora, e eu o olho feio para que ele se recomponha, enquanto as pessoas ao redor parecem acordar de um transe.

— Por que você está chorando, Eva? E de quem são esses exames? Seus? — Fernando pergunta para mim. Ele não usou nenhum apelidinho carinhoso, e isso é um péssimo sinal.

É aqui que eu entro, sem a dignidade. Essa abandonei no carro.

— São. Parece que essa é a nova desculpa para eu não querer mais que a sua filha fique na minha casa. Achar que eu estou doente é mais fácil que entender um simples “não” — rosno, fazendo Eva ficar vermelha. Se humilhá-la na frente da família não resolver, sinceramente vou ficar muito surpreso. Achei que nem chegaríamos a tanto. Pensei que ela viraria a cara para mim no lance do sofá. — Não importa quanto eu explique, a Eva não entende que não posso formar uma família com a Alice se ela estiver morando na minha casa. Ela não entende que está atrapalhando — termino sem tirar os olhos dela, mas não machuca como pensei

que machucaria. Ela não tem a menor reação. Só sua madrasta tem, na verdade.

— Família? — Clara engasga.

Alice nem pisca. Ainda está escondida, olhando para nós com pavor do seu lugar no chão, aos pés da mãe. Não perco tempo em puxá-la pela mão até que se levante e abraça-la, ficando em uma posição em que consiga me colocar na frente se Eva tentar bater nela. O que eu sei que vai acabar acontecendo, como sabia que aquele copo voaria de suas mãos no instante em que beijasse Alice na cozinha. Esse é o tipo de coisa que Eva não controla; sou eu que controlo por ela. Assinei na linha pontilhada anos atrás e não me arrependo. Cumpriria essa função até morrer se pudesse.

— É. Uma família, Clara. Eu quero casar com a sua filha — respondo, ácido. Alice me belisca, mas fica quieta. Até ela acha que estou indo longe demais?

Agora quem engasgou foi Fernando. Benjamin está fazendo cara feia. Rafael está me olhando como se eu fosse um completo idiota, e Adam parece prestes a grudar na minha garganta com as duas mãos. Não estou ganhando muito apoio, a não ser de Olívia, que reza em silêncio. Para eles é bem fácil, né? É só contar a verdade e pronto. Mas para mim não é assim; não consigo ser leviano desse jeito com Eva. Nada é simples quando se

trata dos sentimentos dela. Passei a vida cuidando do seu coração. Que direito eu tenho de quebrá-lo agora? Vai por mim: um noivado não é nada perto de ver alguém que a gente ama dentro de um caixão.

— Se não tem nada de mais aqui, por que você disse ontem que não podia me amar, Gabriel? — Eva pergunta, olhando em meus olhos, e me quebra. Ninguém na sala respira, nem eu.

Ela se lembra. Do que ela se lembra? Mas que merda. Este é o dia perfeito para ela acordar com memória. TPM e memória, tem como piorar? É melhor eu calar meus pensamentos antes que atraia mais azar.

— Quer que eu repita tudo de novo? Estou cansado disso — retruco, apertando minha falsa noiva mais forte. Alice me belisca de novo e eu seguro seu pulso. Cansei. Só Eva pode me bater. Eva não percebe, está com os olhos nos meus, e não nas minhas mãos. Só assim para continuar se mantendo no controle, porque os punhos foram cerrados há muito tempo.

— Você disse “não posso” — frisa. Ela não desiste.

— Foi modo de falar, Eva — respondo, frio, fazendo com que todos me olhem em choque.

Ninguém ousa abrir a boca, mas os olhos de metade das pessoas na sala me pedem para ceder. Como podem me pedir isso? Os de Fernando são os mais confusos. Me

perguntam por que estou machucando sua filha, se a amo desde que ainda nem sabia falar direito. Seu olhar se desvia para os exames por um segundo, depois para mim, e eu sei que acabei de me foder ainda mais, porque seus olhos marejam. Ele nega, com uma careta de choro, me fazendo uma pergunta silenciosa. Mordo o lábio em resposta. É meio óbvio que eu não faria esse showzinho todo a menos que o motivo fosse muito bom. Nego para que ele fique quieto, e Fernando nega também, dizendo que não vai ficar. Antes que eu possa tomar uma atitude, minha garota abre a boca e me deixa em um beco sem saída.

— Você estava chorando, Gabs — ela cochicha, decerto porque acha que as pessoas saberem disso me constrangeria. Quebra meu coração saber que Eva está tentando não me humilhar, enquanto essa é a única coisa que estou fazendo com ela.

— Vou tentar deixar mais claro: quer ser madrinha do meu casamento? — pergunto com um sorriso debochado, enquanto por dentro sou puro desespero. — A Alice quer que as madrinhas usem azul. — Que, por sinal, é a cor preferida de Eva. O comentário é o bastante para arrancar seu pior.

— Prefiro ver você morto a te ver casado com qualquer pessoa que não seja eu, Gabriel Henrique

Venturini — ela cospe, com raiva e sem pensar. Sei que se arrependeu assim que soltou a última palavra.

Ela começa a chorar e corre escada acima; ninguém tem reação, nem eu.

Ficamos um bom tempo em silêncio, nos olhando desconfortavelmente, até que eu me sento na poltrona ao lado da de Benjamin e Fernando se ajoelha à minha frente, apoiando os braços nas minhas coxas para se equilibrar.

— É muito ruim? — pergunta, com os olhos cheios de lágrimas.

— É muito ruim — confirmo. — Não quero que ela assista ao que eu vou passar — sussurro, fazendo-o sorrir tristemente e afagar meu rosto.

— Você está tomando a decisão errada. Infelizmente a escolha não é só sua. Você não está mais sozinho no sentimento. Sabe disso, não sabe? — Assinto. — Sempre confiei em você porque achei que fosse o único homem que nunca iria machucá-la. Não me decepcione agora, Gabriel.

— Estou tentando fazer justamente isso, tio. — Abaixo os olhos para suas mãos, que acariciam meus joelhos.

— Eu te considero um filho, mas vou falar com você agora apenas como o cara teimoso que está maltratando a minha menininha burra, que demorou tempo demais

para abrir os olhos. Enquanto você estiver aqui, ainda há tempo de viver essa coisa bonita que vocês têm. — Sua voz treme, porque por dentro não deixa de me considerar um filho. E quer saber? Esse cara foi o único pai que eu tive. Se ele me mandar subir, é o que eu vou fazer, mesmo que morra um pouquinho a cada degrau.

— Suba aquela escada. — Aponta, com a voz embargada, lendo meus pensamentos. — E conte a verdade, independente do que seja, olhando nos olhos dela. A Eva precisa escutar de você, e aí sim vocês sentam e conversam sobre a amizade e o amor que sentem um pelo outro — ele aconselha e se afasta, me oferecendo a mão para que eu me levante, mas nem tenho tempo de aceitar e escutamos os passos dela descendo a escada. Todos olham abismados para cima, e mesmo com medo sigo o olhar deles até encontrar o que tanto impressionou nossa família: a mala verde em sua mão direita.

Sou um misto de felicidade e tristeza, mas não estou surpreso. O que me surpreende é perceber que estou pegando raiva de malas de viagem.

— Vamos conversar no seu quarto, Eva? Em particular? — pergunto do meu lugar, mas ela finge não ouvir. — Eva?

— Eu te dei uma chance no carro. Você deveria ter aproveitado.

— Por favor?

— Não. Agora vamos fazer do meu jeito, Gabriel. Eu avisei que você ia se arrepender. E não estava brincando.

— Sua resposta é fria, sem se virar para me olhar, e congela meu sangue. O jeito dela nunca é bom. Nunca.

— O que tem nos exames, Olívia? — pergunta para a cunhada, e quase um minuto se passa sem que nada aconteça. — É pra hoje — cospe, com raiva.

Liv me olha, mordendo o lábio, e eu assinto.

Se tenho alguma coisa pela qual agradecer neste dia de merda é não estar olhando para o rosto de Eva enquanto ela escuta nos mínimos detalhes o que é um linfoma, que o meu é agressivo, que já chegou ao pulmão e que muito provavelmente isso significa um fim bem feio para minha vida, um fim que envolve cuspir sangue até não aguentar mais. O caminho até lá? É cheio de dor.

Olívia não poupa nenhum detalhe do tratamento: como vai ser, o que vai acontecer, como eu vou me sentir e como pode terminar. É foda escutar de novo, e mais foda ainda não ter conseguido impedir que Eva escute também. Estou morrendo em uma agonia lenta enquanto espero pelo momento em que as palavras da nossa médica favorita vão acabar e os olhos dela vão me



encontrar. Eu daria tudo que tenho para não precisar olhar para eles. A pena estampada neles, o remorso por querer ir embora. Olívia é absurdamente cruel em tudo o que diz. Comigo, com ela e com todo mundo naquela sala. Quando termina de falar, não tem um que não esteja com os olhos cheios de lágrimas, menos Eva. Eva fica estática.

Os ombros dela não chacoalham como os dos outros. É como se ela não estivesse mais ali. E então dou o último golpe.

— Você descobriu que me amava tarde demais para nós dois, porque agora eu estou doente demais pra te amar de volta. É muito complicado de entender? — Não é mentira, nem de longe.

Não espero que ela responda ou chore mais. Não aguento mais vê-la assim por minha culpa. Apanho a chave do carro e saio pela porta sem olhar para trás. Não paro quando as pessoas chamam meu nome, nem quando Eva cai de joelhos, ou quando seus gritos afundam meu estômago. É apenas um punhado de “nãos”, como aqueles que tenho lhe falado.

Não paro até chegar ao portão e a madrasta dela se colocar na minha frente.

— Você está fazendo o mesmo que a mãe dela, saindo para morrer escondido. Acha isso justo? — arqueja. Não

tenho ideia do que responder. Acho que nem consigo falar nada agora. — Se o tratamento der errado, quem vai viver com a culpa de não ter estado ao seu lado é aquela menina que está chorando de joelhos no meio da sala, gritando o seu nome. — Ela aponta para a porta da sala com um dedo em riste. — A mesma que está dando provas de tudo o que você queria ver dela em todos esses anos. Pensa nisso.

Estou pensando, Clara.

— Me deixa ir embora, por favor — imploro em tom baixo, mas ela não se move, me obrigando a respirar fundo.

— A Eva não é a covarde que todo mundo pensa. Entre tantas pessoas, me admira que justo você tenha desacreditado do potencial dela e ainda por cima se desfeito do gesto nobre que ela demonstrou — ela vocifera, profundamente irritada, fazendo o papel de mãe. Ela dá um passo para o lado e eu saio pelo portão sem hesitar. — Quando você voltar aqui, que seja armado com um pedido de desculpa, ou não vai passar da minha porta, entendeu? Pare de brincar com a minha filha agora, rapaz — determina, batendo o portão e se virando sem esperar resposta.

Sorrio, destravando o alarme do carro, porque a filha sobre quem ela falou não é Alice.

Isso me tranquiliza o suficiente para sair de perto até conseguir me controlar. Em vez de correr para casa e me esconder embaixo das cobertas, paro o carro duas ruas adiante para vomitar. Sair correndo foi preciso. Respondendo à pergunta da madrasta de Eva, talvez não seja justo.

Talvez eu tenha passado dos limites.

## Eva

Eu me sento nos tornozelos e enterro o rosto nas mãos, cansada, me perguntando por que ninguém fez nada. Por que ninguém o impediu de sair? De me abandonar, quando eu fiquei? Tomei a decisão certa. Por mais que eu quisesse sair pela porta sem olhar para trás e me jogar debaixo de um caminhão, ainda estou aqui, e é sobre isso que estou falando. Bater em metade das pessoas que eu mais amo quando todas tentaram me segurar para não ir atrás dele é questionável, mas infelizmente não consigo me arrepender; eu queria bater. Benjamin. Rafael. Adam. Olívia. Todo mundo tomou, porque ficou bem claro que eles não só sabiam como o ajudaram a esconder de mim. Rafael me confirmou, cuspiendo tudinho enquanto levava uns tapas. Não é culpa minha se foram estúpidos a ponto de se deixarem convencer pelo plano ridículo do Gabriel. Se ele tivesse me contado no carro,

nada disso teria acontecido, e eu não estaria com os punhos doendo agora.

Ergo os olhos quando alguém entra pela porta da sala. É Clara.

— O Gabriel foi mesmo embora? — meu pai pergunta, sem acreditar. Quando ela assente, os olhos dele se desviam para mim por apenas um instante antes que ele pegue a chave do carro no balcão da cozinha e saia correndo atrás de Gabs com Rafael. — Fica de olho nela — ordena por cima do ombro antes de sair.

— Eu fico — diz Clara, olhando para mim.

Caio no choro.

Nunca mais vou falar nada para o Gabriel sem pensar primeiro.

*Nunca mais.*

*Por que eu disse aquilo?*

Escuto a porta bater e entro em completo desespero, não só pelo que falei ou por Gabriel ter me abandonado, mas pelo que está acontecendo. E se ele morrer? E se ele morrer longe de mim? E se eu perder o tempo que ele ainda tem porque não me deixa chegar perto? Por que droga ele está fazendo isso? Eu sei por que, mas não quero que ele me proteja agora. Quero protegê-lo.

Vou para minha cama e me enfiio embaixo das cobertas. Só saio do meu esconderijo quentinho quase

uma hora depois, quando meu pai entra no quarto seguido de sua mulher. Ela fica na porta, me olhando com simpatia e tristeza, enquanto me sento e abraço o travesseiro.

— Achou? — pergunto, em um choramingo.

— Não. Fui até a casa dele para tentar colocar um pouco de juízo naquela cabecinha dura que nem a sua, mas está tudo fechado. Sinto tanto, filhinha — ele responde, afagando meu cabelo, e nem sei como é possível, mas choro ainda mais. — O Rafael ainda está procurando, e o seu irmão deixou a Olívia em casa e também saiu atrás dele. Daqui a pouco um deles liga. — O conforto de pai abre mais minhas feridas. Enquanto ele me olha com um misto de pena e incerteza, sinto que elas se alargam até caber um punho dentro. Se nem meu próprio pai acredita que eu suporto passar por isso, o que me resta?

— Você também acha que eu não dou conta, né?

Ele sorri fracamente, mas os olhos são de quem chorou o caminho inteiro até o sobradinho rosa.

— Você dá? — ele devolve a pergunta, e eu fico quieta. — Você pode dizer agora que sim, mas não tem como saber com certeza. — Sua pergunta brutal e cheia de realidade me choca, porque ele está certo. Acho que consigo, mas a mera ideia de pensar em Gabriel em uma

cama doente me faz querer descer a escada e correr para o aeroporto. Mas eu não vou. Vou? Eu não vou. — A única coisa que eu sei, querida, é que você não pode querer ser mais do que a melhor amiga dele se não tiver certeza absoluta de que aguenta, porque, quando esse tratamento começar, vai ser tarde demais para mudar de ideia. O Gabriel parece um super-herói, mas é humano, minha filha. Deixá-lo depois, se as coisas piorarem ou não derem certo, só vai machucá-lo. Até agora ele está protegendo você, e, mesmo que eu não concorde com o que ele fez ou com a escolha que ele te deu, você tem direito de aceitar a oferta dele e se afastar se achar que não dá conta. Entendeu? Essa é a coisa mais difícil que eu já te disse, e estou dizendo como *seu* pai — frisa. — Agora, como o cara que também é pai dele, a única coisa que eu digo é que me decepcionaria mais do que eu aguento se você desistisse do Gabriel — confessa, sem parar de me afagar. — Pensa bem antes de tomar uma decisão impensada, como sempre faz, Eva — meu pai completa, me dando um beijo no rosto e se levantando. Ele sai do quarto com os olhos rasos d'água. Clara vacila na porta, me dando uma segunda olhada, mas eu fecho a cara e ela o segue.

— O Gabriel está com medo, Eva — ouço Alice, mas não me viro. — Medo do que vai acontecer, de como

você vai ficar se acontecer o pior. Não é falta de amor, é amor demais — opina.

— E como eu vou ficar, Alice? Hein? Como? — pergunto, absorta. — Não consigo nem imaginar um mundo em que aquele mentiroso de merda não respire sem sentir minha pele derreter até os ossos. Não sobrevivo a isso.

— O que você tem que se perguntar agora é se vai querer ficar para descobrir. — Ela hesita e me dá um minúsculo sorriso culpado. — Ele queria que a coisa toda fosse encenada, mas eu dei uma chantageada para conseguir... Bom, você sabe o quê. — Assinto, grata por ela estar sendo honesta, e a vejo sair ao mesmo tempo em que sua irmã mais nova entra pela porta e a fecha, se escorando nela. Juliete me olha com uma carinha de choro e corre até a cama, me empurrando até que eu me deite, depois me abraça de conchinha e molha minhas costas com suas lágrimas.

— Eu sou uma inútil que só chora, mas te amo e estou aqui por você — sussurra na minha nuca. Aperto mais a mão que ela colocou ao meu redor e fecho os olhos com força. É assim que eu durmo, de tanto chorar com a pirralha. O carinho dela alivia um pouquinho minha dor.

Quando acordo, gritando depois do pesadelo em que eu arremessava um punhado de rosas em um túmulo



aberto, estou sozinha, ensopada de suor e muito assustada. Escuto passos correndo pelo assoalho, mas não consigo parar de gritar, nem quando a porta se abre. Estou sentada, com as mãos no peito, arfando em meio a uma crise de pânico. É assim que minha madrasta me encontra, e desta vez ela não vacila na porta. Apenas a fecha tão rápido quanto abriu, e eu não esperava nada diferente dela. Então me surpreende bastante quando, pouco depois, ela invade meu quarto com um copo de água com açúcar e o enfia na minha boca até que eu dê algumas goladas.

Clara tira o cabelo grudado no meu rosto antes de colocar o copo na mesa de cabeceira e se sentar na beirada da cama para me puxar contra seu peito com um par de mãos firmes.

— Shhh. Calma, minha querida — consola, esfregando minhas costas.

— Cadê o meu pai? — pergunto, tentando me afastar. Não quero que ela me toque. — Eu quero o meu pai, Clara — choramingo, fazendo-a me apertar mais para me impedir. — Ele morreu. Morreu — conto, em pânico.

— Foi só um pesadelo, meu amor. Só isso — frisa, em um cochicho no meu ouvido. Então me dou conta de que estou me agarrando a ela, à blusa do seu pijama, listrada de rosa e azul-bebê, e enfiando o rosto em seu peito. Tem

um cheiro tão bom. — O seu pai saiu, mas está tudo bem. Eu estou aqui com você. — Minha madrasta continua falando comigo, me acalmando e me apertando contra seu corpo, como se quisesse nos transformar em uma pessoa só. Aos poucos os soluços doloridos que rasgavam minha garganta vão diminuindo, como se seus dedos estivessem girando um botãozinho de rádio. O que é isso? E por que não a chamei de “a mulherzinha do meu pai”?

*Jesus, que colinho gostoso.*

— Aonde ele foi? — pergunto, um pouco mais calma.

— O seu pai e a Ju foram levar a Alice em São Paulo. Ela decidiu passar um tempo com o pai dela. Devem estar chegando lá agora.

— Estamos sozinhas?

Ela assente.

— Eu expulsei o Benjamin de casa, mas ele ainda está dentro do carro na nossa porta, esperando uma resposta sua. O voo de vocês é em menos de três horas, assim como o...

Eu a interrompo:

— Você não está brava por causa da Alice? Pelo Gabriel ter metido ela nessa? — pergunto, confusa. Uma boa mãe ficaria, né? Pelo menos acho que sim.

— Estou muito brava — ela assente, me afastando, mas sem me soltar. Não entendo o sorriso discreto em seus lábios. — Mas por você.

— Por mim? — Estou mais confusa ainda.

— O seu pai avisou a minha filha sobre onde ela estava se metendo assim que ela se interessou pelo Gabriel. Pelo que eu lembro, o Fernando foi firme em dizer que era por conta e risco dela, porque, quando você voltasse, aquele rapaz só teria olhos pra você. — Ah, papai.

— Por que você está brava por mim? — Me estico para pegar meu celular no criado-mudo e ver as horas. Quase oito da noite. De repente me dou conta de que é estranho encontrá-lo aqui, porque não me lembro de ter vindo para casa com mais alguma coisa além daqueles exames. A bolsa de água quente que encontro embolada nas cobertas também. Ainda está morna. Será que foi a Clara? Ela não sabia que eu estava com cólica.

— Como podem não acreditar em você? — Ela ri. A risada dela até que é bem gostosa de ouvir e me distrai um pouco. — Você é a garota mais corajosa que eu já conheci, sabia?

Acho que meu sorriso não cabe em mim, mas some bem rápido quando olho ao redor e encontro a mala que

abandonei na casa de Gabriel encostada em um cantinho, então tudo me inunda outra vez.

— Ninguém concorda com você, principalmente a pessoa mais importante — sussurro, apontando para a mala. — Ele veio aqui deixar as minhas coisas, né? — pergunto, fungando.

— Veio. Subiu e passou quase uma hora olhando você dormir antes de ir. — Sinto o sorriso na sua voz e descubro que a bolsa de água quente também não foi ideia dela. — Inclusive, acho que colocou alguma coisa embaixo do seu travesseiro antes de sair...

Mais que depressa, meus dedos ágeis encontram o papel.

De um lado são meus pedidos de Ano-Novo, a mesma carta que joguei no mar há poucos dias. Como ele conseguiu pegá-la? “O cara tem que me amar (por favor). Tem que abrir mão de alguma coisa por mim (só para ter certeza de que ele me ama mesmo). E, por último e mais importante, não pode morrer como a minha mãe fez!” Três itens grifados. No verso tem um recado, na sua letra de forma bonitinha.

Lembra disso? O mar devolveu para mim.

Ah, Eva, como eu te amo. Acho até que te amo mais que a mim mesmo, por isso estou abrindo

mão de tudo por você. Estou abrindo mão de você. Quer prova de amor mais dolorida e significativa? Mas infelizmente o seu último pedido eu não posso atender. Isso diz tudo, isso diz que eu não sou o cara que vai fazer você feliz. Eu sou o outro cara, aquele que talvez vá morrer, não cumpro mais todos os itens da sua lista. Eu vou te machucar, entendeu? Não quero te machucar, mas, se no fim você quiser ficar, eu sei que não posso te impedir, porque você merece ao menos isso de mim: uma escolha. E aí? Quer ficar com o cara que está doente ou entrar em um avião com o CEO que vai te dar uma bela vida? Hospital ou aeroporto? Por favor, escolha ele. Atravesse a rua e entre no carro certo. Nunca vou me ressentir de você por isso, eu juro.

Pense em você.

Com amor,  
Gabriel

No minuto seguinte estou correndo, derrapando no piso encerado e invadindo o quarto do meu pai como uma manada de rinocerontes. Afasto a cortina da sacada devagar, ficando na ponta dos pés para espiar a rua, e

acabo vendo a cena mais triste a que Gabriel já me fez assistir. Pior que vê-lo com Alice, pior que aquilo que vivemos na sala horas antes. Do outro lado da rua tem dois carros com os faróis apagados, com alguns metros de distância um do outro, me esperando. Ele está me pedindo pela última vez para fazer o que é melhor para mim, sem pensar nele. Está sendo um completo idiota. De novo. Será que esse homem não cansa de apanhar?

— Quem você vai escolher? — Clara me pergunta, lendo o bilhete por cima do meu ombro. Em vez de me afastar, eu lhe entrego o papel com a mão trêmula e fecho os olhos, respirando fundo. Demoro alguns minutos para me acalmar e controlar o choro. Suas mãos envolvem minha cintura, e eu inclino a nuca para trás e apoio a cabeça no seu ombro, ainda observando meu amado Lancer e o Corolla do Benjamin. Não respondo.

Respiro fundo pela última vez e me afasto dela, me virando de frente.

— Por que você fez isso por mim hoje? — pergunto, desconfiada, enfiando o papel no sutiã quando ela me devolve.

— Porque hoje você precisava de uma mãe — ela responde, firme.

— E que conselho uma mãe me daria? — Sinto as lágrimas rolarem.

— Escolha com o coração, independente de quanto machuque, porque uma mãe de verdade fica a postos com o band-aid para consertar os estragos — ela diz, afagando meu rosto.

— Não tenho mais mãe. — Encolho os ombros, e quando digo isso as lágrimas rolam pelas bochechas dela também.

— Tem sim. Agora desça, pegue a mala e escolha — ordena, firme. — Os band-aids e eu estaremos aqui sempre que você precisar de nós.

Eu a surpreendo quando jogo os braços ao redor do seu pescoço, e só agora, quando respiro nos seus cabelos, percebo que o cheiro gostoso dela é mesmo de mãe. Lembro de sentir esse mesmo conforto no colo da tia Ruth. Provavelmente amanhã vou me arrepender disso, mas quem liga? Preciso desse colo, porque essa é a decisão mais difícil que já tomei na vida.

Gabriel

**Gabriel**

Ainda está me  
procurando?

**Adam**

A Clara me ligou para avisar que você apareceu, e acabou de ligar de novo para contar o que está acontecendo. Sai desse carro, entra na minha casa e pega o que é seu. Para de ser burro, Gabriel.

**Gabriel**

Não é porque eu a chamo de “minha garota” que a Eva é minha, Adam. A sua irmã é uma pessoa livre. É só um apelido, não um atestado de posse. Significa que ela é a garota mais



especial do mundo pra mim. Agora ela tem que decidir quanto eu sou especial para ela.

**Adam**

Você está dando chance para o azar. Eu não confio nela para fazer a escolha certa por você.

**Gabriel**

Eu vou ficar bem, independente do que a Eva escolher. Não se preocupe.

É mentira, não vou ficar. Por dentro estou me destruindo. Só a ideia de que posso nunca mais pôr os olhos nela me dá vontade de chorar. Estamos há pelo menos duas horas em nossos carros esperando que Eva acorde e escolha um de nós, e até agora não parei de rezar nem por um minuto para que o escolhido seja ele. Se ela me escolher, vou fazer besteira. Não consigo mais lutar contra o amor que sinto por ela.

**Adam**

O que você vai fazer se ela entrar no carro dele?

**Gabriel**

Bater na sua porta.

É verdade.

Pensei bastante hoje. Ponderei todos os ângulos dessa merda. Assim que me recuperei do enjoo, perambulei pela cidade e parei em todos os lugares que foram importantes para nós de alguma maneira, até chegar ao preferido dela, o lugar que ela dividia com a mãe. Estacionei perto do Emissário Submarino, na orla da praia, sentei na areia de frente para o mar, para pensar nelas e em nós, e percebi que Clara estava certa: não posso fazer o mesmo que Sara fez. Eu a amo o suficiente.

Eu disse que amava e amo.

Eva merece ao menos isso de mim, uma chance de ficar, se é isso o que quer. Foi o que lhe dei com aquele bilhete. Preferi ficar com a consciência limpa, embora tenha me odiado mais por escrevê-lo a cada linha, porque entendi que, se eu morrer, quem fica para lidar com as consequências dos meus atos é Eva. A chuva começa a cair. Um chuvisco chato. Eu me distraio olhando para o céu pelo para-brisa, recostado preguiçosamente no banco do motorista, quando escuto o

celular vibrar no console. Bato os olhos na mensagem e o pego para ler.

**Benjamin**

Nervoso?

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
N  
ã  
o  
,  
i  
m  
a  
g  
i  
n  
a  
.**

**Benjamin**

Ignorante.

**Gabriel**

É de nervoso. Tudo bem aí?

**Benjamin**

Na mesma, sem a ignorância. Sou um lorde.

**Gabriel**

Será que essa foi a minha última risada, ou foi a sua?

**Benjamin**

Vamos descobrir agora. Chegou a hora.

Boa sorte para nós, Gabs!

Ergo os olhos e assisto Eva passar pela porta que a madrasta está segurando gentilmente aberta. Seus lábios sussurram um agradecimento, a porta se fecha e meu coração dispara. Respiro fundo para engolir o nó na garganta, admirando Eva em seu vestido cor-de-rosa, e a vejo caminhar até o meio-fio com olhos de quem a está vendo pela última vez, porque pode ser que eu esteja. Guardo cada pedacinho dela na memória enquanto Eva se equilibra na calçada e morde o lábio, olhando para os próprios pés, em dúvida.

Porra, que ansiedade.

### **Benjamin**

Independente do que acontecer, estou a um telefonema de distância. Estou com vocês dois nessa até o fim. Entendeu?

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
l  
d**

e  
m  
.

*Escolha ele. Anda, amor. Escolha ele*, imploro em silêncio, apertando o celular.

Metade de mim morre quando ela finalmente caminha a passos largos até o carro da frente, abrindo a porta do passageiro em um rompante, arremessando a mala no assoalho antes de entrar. O mais triste é que em nenhum momento minha garota olhou para trás, para o meu carro. Como prometi, não a julgo por isso. Não conseguiria odiá-la por me abandonar nem se eu quisesse, mas explodo em um choro absurdo no segundo em que o carro dele é ligado.

Não paro de pensar que posso tê-la visto pela última vez.

**Gabriel**

Cuida bem dela, por favor.

Digito a mensagem e aperto *enviar*, girando a chave na ignição, determinado a dar o fora dali antes deles. Pensei que conseguiria aguentar a barra de ficar no mesmo lugar em que parei seis meses atrás para vê-la partir mais uma vez,

mas não consigo. Saio da vaga sem me importar em secar o rosto, me controlando para não cantar pneu. Não quero que ela se sinta culpada. No fim, sou obrigado a enfiar o pé no freio quando Ben joga seu carro com tudo na minha frente, parando de atravessado no meio da rua para impedir minha passagem.

### **Benjamin**

Não preciso dizer o mesmo, você sempre cuida.

Não entendo a mensagem até a porta do passageiro se abrir, minha garota sair e o carro se afastar, enquanto a garoa se transforma em uma chuva torrencial. Mesmo depois, não consigo fazer nada além de olhar para a cena à minha frente, sem acreditar que é real. Eva parada diante do para-brisa, olhando para os pés, mais encharcada a cada segundo em que segura aquela maldita mala com as duas mãos na frente do corpo, no meio da rua. Parece um anjo, iluminada pelos meus faróis. Só consigo me mexer quando o celular na minha mão vibra com mais uma mensagem.

### **Clara**

Está esperando o quê? Tá chovendo! Anda logo e vai pegar a sua garota, porque, se eu tiver que descer aí, vai ser armada com um dos cintos que o meu marido

nunca usou para nada além de segurar as calças. Te garanto que a sua bunda vai arder, rapaz.

*Nossa, acho que eu amo essa mulher!*

Arremesso o celular no banco e saio do carro em um rompante, batendo a porta e o contornando em uma corrida até parar diante dela. Fico encharcado em segundos.

— Tive que cuspir o meu “Me desculpe por brincar de Freddy Krueger com a sua cara”. Não dava para ser um pouco mais paciente? Achou que eu ia aonde? — ela reclama, irritada.

— Me desculpa. Eu pensei... — gaguejo.

— Eu sei o que você pensou, seu descrente de merda. E quem pode te culpar? Ninguém. — Ela dá de ombros, ressentida. — Mas eu escolhi o hospital — afirma, decidida, protegendo o rosto da chuva. — Eu escolhi você, Gabriel.

*Meu Deus.*

— O que você está fazendo com a sua vida? — pergunto, cobrindo a boca com a mão.

— Estou dando um significado para essa porcaria pela primeira vez, não está vendo? — Só sei que ela está chorando porque seus ombros tremem. As lágrimas se misturam à chuva.

— Você está me escolhendo mesmo sabendo quanto vai se machucar? — pergunto, resignado. — Por quê, Eva? Nem



sou merecedor disso. Eu menti tanto — lamento. Lamento ainda mais por saber que vou continuar mentindo.

— Eu vou ficar porque não suporto a ideia de estar longe de você, nem que seja por um minuto. Vou ficar porque você precisa que eu fique, e porque eu também sou o seu “Precisa de mim aí”. Vou ficar porque eu amo você. Vou ficar porque não sou o seu pai ou a minha mãe, e não quero viver a mesma história errada que eles. Vou ficar porque te amo mais que o suficiente para abdicar de qualquer merda por você, até de mim, se precisar. — Cada uma de suas razões é um tapa na minha cara. Cada uma delas arranca lágrimas dos meus olhos. É inacreditável. — Eu jamais escolheria outra pessoa que não fosse você. — Empurra meu peito e eu agarro sua mão, trazendo-a para perto. — Eu vou ficar porque, não importa o que isso me cause, ainda é melhor que não ficar com você — diz, com o queixo trêmulo.

— Eva... — chamo carinhosamente, olhando dentro de seus olhos.

— Eu vou ficar porque o meu egoísmo é infinitamente menor que o meu amor por você, Gabriel.

Nenhum de nós controla o choro quando nos prendemos em um longo olhar cheio de sentimento e significado, que dura até ela soltar a mala e pular no meu colo, me envolvendo com as pernas enquanto agarro sua cintura. Sua cabeça tomba no meu ombro e eu a aperto o máximo que posso enquanto Eva chora na minha camiseta. Olho para cima, para o sorriso nos lábios da sua madrasta, que assiste

à cena de camarote, da sacada. Ela está chorando agarrada ao celular, e eu faço um gesto de agradecimento com a cabeça, enfiando o nariz no cabelo de Eva.

— Me promete o mesmo? — ela implora, afundando meu peito. Sei que está pensando na mãe. É aqui que percebo que não sou eu quem está amando o suficiente. Estou amando do mesmo jeito que sempre amei. Foi o amor dela que mudou, que se tornou mais forte quando precisei. Eva finalmente está amando alguém o suficiente. E nem é ela mesma, sou eu. Tem ideia do que é isso? *Sou eu.*

— Você sabe que eu não posso, mas prometo nunca desistir de lutar por mais tempo com você. — *Como ela fez,* não preciso terminar. Eva sabe exatamente o que estou prometendo.

— Obrigada por amar o suficiente também — sussurra, chorosa. — Agora me beija de uma vez, porque conseguir beijar essa sua boca anda mais difícil que ganhar um Oscar, e é melhor que valha a pena — resmunga, recuando para olhar, me fazendo rir. Uma das minhas mãos envolve sua nuca, por baixo dos seus cabelos, e eu a puxo para a frente, até nossa testa se tocar. Sua boca procura a minha e eu finalmente sinto seus lábios nos meus.

Seu beijo é como eu sempre imaginei que seria. Tem gosto de céu, tormenta e amor.

Tem um gosto muito bom de felicidade.

— É, valeu a pena, é o melhor beijo do mundo — ela sussurra, maravilhada, depois que nos abrigamos da chuva

dentro do carro.

— Quero os seus pra sempre — sussurro, beijando o seu “eu também”.

Eva recua e morde o lábio, depois pega alguma coisa no decote. Só reparo que é o meu bilhete quando já está quase no lixo.

— O que está fazendo? — pergunto, olhando para o papel molhado na sua mão.

— Eu quero você, ponto. Esta lista idiota não importa mais. — Dá de ombros, mas eu o pego, porque importa sim. Para mim importa.

Eva não diz nada enquanto o guardo na carteira; acho que entende por que quero ficar com ele. É um lembrete de por que preciso lutar com todas as minhas forças para vencer essa merda. Pois não tem nada que eu queira mais do que ser a pessoa com a qual ela sempre sonhou, e isso começa pelo principal...

Jogo a carteira de volta no console e passo as mãos em torno da sua cintura, olhando nos seus olhos.

— Me perdoa pelas mentiras, por te mandar embora e... *pelo resto?* — imploro, sem entrar em detalhes, porque não quero apanhar. Ela arrancou sangue da cara do Benjamin, então não é um bom dia para irritar essa garota.

— Meu perdão vai custar mais que um beijo. — Ela sorri, provocativa.

Eva se ajeita no meu colo, minhas mãos deslizam pelas suas pernas, por cima do vestido, e meu sorriso imita o dela.

Ela dá uma daquelas reboladinhas que eu descobri recentemente que me deixam maluco, e não precisa mais nada para que eu a devolva ao seu lugar e nos leve para casa.

O princípio do sempre

O princípio sempre é lindo, é de tirar o fôlego, é de tirar a roupa, é de entregar a alma.

— HENRIETH PEREIRA

## Gabriel

Estaciono na garagem de casa e dou a volta para abrir a porta para Eva. Assim que ela pega minha mão, fecha a porta e pisa no chão, nossas bocas se encontram, no automático. É como se ambas agora não pudessem mais ficar separadas por um minuto sequer, e acho que é realmente assim que nos sentimos: como se tivéssemos muitos beijos para pôr em dia.

Eva se apoia nos meus ombros quando agarro sua cintura e afundo os dedos na sua pele, roubando um gemido tímido dos seus lábios. Arranco muitos outros, nem tão tímidos assim, enquanto percorro cada parte do seu corpo avidamente, explorando, descobrindo, conhecendo de uma maneira que eu ainda não conhecia, tocando de um jeito que nunca pude tocar. Não tenho ideia de quanto tempo continuamos ali, num amasso sem fim, tendo a trovoada como som de fundo,

encostados ao carro. Se tivesse durado para sempre, duvido que teríamos nos importado.

Eu queria que ela nunca mais tirasse as mãos de mim.

Nos movemos em sincronia quando decidimos entrar, ainda sem nos soltar. Pisamos na sala nos agarrando. Subimos a escada nos agarrando. Entramos no quarto nos agarrando e ainda estamos nos agarrando quando a empurro para a cama e cubro seu corpo com o meu, sem me importar com nossas roupas molhadas ou com qualquer outra coisa que não seja o sonho que estou tocando. Não me importo nem com o gato, que está dormindo no travesseiro quando chegamos e pula até o teto de susto com seu sono interrompido. E olha que eu amo esse gato.

— Você se perguntou alguma vez como seria este momento? — ela questiona quando recuo para tomar ar, afastando suas pernas com os joelhos para me encaixar no meio delas. Foram tantas que até demoro para responder. — Você pensou nisso, não pensou? — Eva encara o gato, que lhe mostra os dentes. Seus olhos o acompanham, cheios de amargura, enquanto o bichano desce da cama e sai do quarto, todo irritado, antes de se voltarem para mim e um sorriso tímido se abrir no seu rosto. Isso me surpreende. Foram raras as vezes que vi

essa garota envergonhada por alguma coisa. Afinal estamos falando de quem, né?

— Jura que está com vergonha de mim? — Rio, afagando sua bochecha, sem tirar os cotovelos da cama. Meu rosto paira a centímetros do seu.

— Talvez um pouco — admite, roubando um beijo.

— Está pensando em quê?

— E se você não gostar?

Abro um sorriso, achando a timidez dela bem divertida. Nem parece a mesma pessoa que me prendeu com uma algema e se jogou em cima de mim, caindo de bêbada, ontem mesmo.

— Que pergunta mais trouxa. — Roubo um beijo, um sorriso e um punhado de dentes bem mais bonitinhos que aqueles que o nosso gato lhe mostrou. Nosso. Agora, finalmente, metade daquele gato é oficialmente minha. — Não tem a menor chance de isso acontecer — garanto, ignorando seus olhos revirados por causa de meu deboche. — Próxima.

— E se você for péssimo de cama e eu odiar? Claro que tem mais chance de acontecer o contrário, porque eu sou a vândala de mercado e tudo que você faz é perfeito...

Sorrio outra vez, mas não roubo mais nenhum beijo. Ela não merece, por duvidar de mim.



— Também não tem a menor chance de isso acontecer. Não te deixo sair insatisfeita nem de restaurante, vou deixar sair da minha cama? O que é bem mais barato, por sinal — brinco, fazendo suas dúvidas se transformarem em gemidos e risadinhas no instante em que meus lábios pousam nela, descendo por sua clavícula em uma trilha de beijos e mordidas sutis até o decote do vestido cor-de-rosa, arrepiando a pele molhada por onde passam. Contorno a parte exposta de seus seios com a língua, apreciando cada segundo em que seu corpo se contorce debaixo do meu, até escutá-la implorar.

Recuo, sorrindo, depois de provar meu argumento.

— Não achei mesmo que fosse acontecer. Eu acredito em você — ela arfa, enterrando as mãos no meu cabelo, me puxando de volta para os seus seios com vontade. Odeio que meu primeiro pensamento seja: *Daqui a poucos dias a vida vai tirar esse pequeno prazer dela.* Será que ela vai ficar bem quando acontecer? Vai querer me olhar? Vai querer me beijar? O pensamento dura um instante antes que eu me livre dele. Não vou pensar nessa merda hoje. Vou ter muitas horas de químio amanhã, justamente para isso. Aí vou usar cada minuto para me torturar. Até lá, não posso estragar isto aqui.

*Não foi assim que imaginei.*

— Você está pensando demais — sussurro no seu ouvido, lhe dando uma bronca, embora eu também esteja. — Mas vou responder a sua pergunta, quem sabe assim você fica menos nervosa. — E eu pense menos. Eva assente. — Eu pensei muitas vezes em como seria este momento, no gosto da sua boca, principalmente — confidencio, fechando os olhos para me concentrar em sentir seu toque. Procuro seus lábios e me permito esquecer o amanhã com a ajuda dela. Eva é ótima nisso, em afetar minha memória.

— É como você imaginou? — ela pergunta com a boca colada na minha.

— É muito melhor. — Não acrescento que nunca foi tão bom beijar um cinzeiro, mas nunca foi mesmo. Não me importo com isso, com nada além dela. — Bem melhor que o beijo do seu irmão, a propósito.

— Nossa, que lisonjeiro, Gabriel! — ela resmunga, empurrando meu peito. Depois pensa melhor, desiste e me puxa para perto mais uma vez, para mais um beijo. São tantos. Espero que nunca acabem.

— Não se anime muito, é só porque você não tem barba. A boca dele é mais macia que a sua. — Ela me olha feio. — Só um pouquinho mais — brinco, mostrando o pouquinho com o polegar e o indicador.

Eva afia ainda mais o olhar e eu dou o bote. Sento na cama, trazendo-a comigo. O cabelo platinado voa para todos os lados e sua gargalhada enche o quarto. É o melhor som do mundo, tão diferente de todas as risadas de antes. Parece que essa é só minha, só para mim. Um presente e tanto, como cada segundo desta noite. Eva agarra meus ombros quando a coloco sentada no meu colo e recua apenas o suficiente para me olhar, ansiosa.

— Quer saber em que mais eu pensei? — Ela assente, enganchando a mão na gola da minha camiseta, tentando tirar. Eu ajudo. Quero fechar os olhos quando sinto suas unhas na minha pele, descendo pelo meu peito até a barriga, onde todos os músculos se contraem. A vontade é quase insuportável, mas eu resisto.

— Cada detalhezinho sórdido. — Ela se anima. À toa, porque esse segredo eu vou guardar por enquanto. Só hoje.

— Eu pensei em como seria te tocar... — Deslizo a ponta dos dedos pelas laterais do seu corpo, saboreando cada parte, olhando para cada mínimo detalhe dela com a ajuda da luz da rua. — Sabendo que eu posso, que você deseja, que você quer...

— Mais que qualquer coisa — ela confirma quando chego à cintura e subo pelas costelas até as laterais dos seios, obrigando seus braços a se erguerem. Percorro-os

até que minhas mãos agarrem as suas, então as seguro no alto por tempo suficiente para que Eva entenda que não quero que se mexa quando eu soltar. Vejo seus olhos brilharem, me compreenderem em um segundo. É tudo tão natural que “perfeito” não define. Somos só nós, e é tão bom sermos só nós. É o que eu sempre quis.

Eu.

Ela.

O gato.

Esta casa e uma vida.

Vamos ter isso?

— Mais do que você pode imaginar — ela completa em um sussurro quando agarro a bainha do vestido cor-de-rosa, afastando o tecido do seu corpo para tirá-lo.

— Pensei incontáveis vezes em como seria tirar a sua roupa, peça por peça, podendo te olhar. — Continuo tirando o vestido, me obrigando a dar importância a cada pedacinho de pele que fica à mostra, mesmo que por dentro eu não aguarde mais esperar. Acho que não sou o único; Eva nem respira. — Não tenho palavras para dizer como é bom não precisar desviar o olhar — sussurro, soltando o vestido molhado no chão e beijando seu pescoço, antes de abrir o fecho do seu sutiã branco e lhe dar o mesmo fim. Eu mentiria se dissesse que não estou ansioso por essa parte, mais que pelas outras. — Pensei

mais de um milhão de vezes em como seria segurá-los. — Esfrego os mamilos endurecidos com os polegares antes de agarrar seus seios gentilmente. — E em todas elas imaginei que eles caberiam perfeitamente nas minhas mãos.

— Cabem. — Ela ofega quando me inclino, prevendo meu próximo movimento. — Puta merda, Gabriel! — grita quando coloco um deles na boca, ao mesmo tempo em que acaricio o outro. Eu me perco no tempo, nos sons que saem da garganta dela, nas suas mãos em mim e no meu próprio prazer. Minha boca e minha mão a tocam enquanto as dela me puxam ao seu encontro com mais gana, agarradas ao meu cabelo. Puta merda, Eva! Eu que o diga: puta merda, Eva.

— Claro que cabem. Você foi feita na medida para mim — concluo, subindo os lábios até os seus enquanto agarro seu quadril, pressionando-a contra minha ereção, mostrando quanto a quero. Eu nunca quis tanto alguém.

— E você para mim. — Ela suspira, abrindo o zíper da minha bermuda, puxando o tecido para baixo. Um toque leve, pedindo que eu a tire, que não hesito em obedecer. Deixo que ela me empurre pelos ombros e deito no momento em que me ataca. Aperto sua cintura enquanto a admiro quase nua em cima de mim. O cabelo comprido roça meu rosto quando ela se inclina sobre meu corpo.

Eu o afasto, acariciando seu rosto, sentindo o cheiro familiar de baunilha e cigarro que tanto amo. Então mordo o lábio, porque pela cara dela já quero rir do que vai dizer.

Eva vai foder o momento em três, dois, um...

— Adoro esse lance de você se contentar com pouco, uma miséria na verdade. É lindo mesmo que você me ame assim, Gabs. — Minha boca treme, esperando. O restante de mim está distraído com seus quadris subindo e descendo no lugar certo. É de enlouquecer. — Mas preciso ser sincera em dizer que sou mais gananciosa e estou bem feliz por não encontrar um parente do Azeitona, se é que você me entende. *Bem feliz* — salienta, rebolando toda contente, e eu caio na risada. Cubro o rosto com as mãos e rio tanto que fico sem ar. Não resta nada nos meus pulmões quando sua boca gruda nos meus ombros, e eu arquejo em silêncio.

Preciso respirar fundo algumas vezes.

— Eu estava tentando ser romântico, você percebeu? — pergunto, afagando seu cabelo, quando o acesso de riso passa, olhando para o teto enquanto ela continua a me beijar, sorrindo feito um idiota.

— Eu te fiz um elogio bem romântico agora há pouco — responde, rindo. Sinto sua língua descer pelo meu peito até o limite entre a pele e o tecido da minha boxer.

Solto sua cintura para agarrar os lençóis, quando é minha vez de prever seu próximo movimento.

— Eu poderia ter falado “Ah, me imaginei te comendo de quatro naquele sofá que eu adoro”, porque eu imaginei, *muitas vezes* — friso. — Poderia, mas não falei. Em vez disso, falei um negócio todo bonitinho. Isso é ser romântico, Eva Marinho — reclamo, porque preciso continuar falando. Preciso me concentrar em qualquer coisa que não sejam suas mãos abaixando a boxer, me tocando e me levando até a boca, porque, se eu me concentrar nisso, acho que não vou ser capaz de lembrar nem meu próprio nome, quanto mais falar alguma coisa. Estou aproveitando enquanto ainda posso. — Acho que você está perdoada. Completamente perdoada, na verdade. Romantismo pra quê, né? — pergunto enquanto ela passa a língua ao meu redor, me provocando, esperando que eu me renda. Seus lábios sorriem, depois me engolem, e eu saio de órbita. Só por um instante. — Definitivamente não precisamos de romantismo nesse relacionamento — afirmo, fazendo-a rir.

Viro o corpo de lado, com um dos joelhos flexionado, e apoio o peso no cotovelo enquanto enterro a outra mão em seus cabelos, guiando o movimento dos seus lábios, aproveitando cada um deles. Porra, ela é muito boa nisso.

Eu me seguro, porque nem fodendo tenho coragem de frustrá-la na TPM. E, por falar nisso, ela ainda não mencionou o assunto. Devo fingir que esqueci que Eva está menstruada? É minha melhor escolha. Quando percebo que meu autocontrole está no limite, eu a afasto e a deito na cama, espalmando uma das mãos na sua bochecha, enquanto a outra desliza por sua coxa até a calcinha... e eu tomo um puta susto.

— Tira as mãos daí agora mesmo, Gabriel! — Eva berra, me empurrando pelos ombros.

Em um piscar de olhos, estou de joelhos no meio da cama, com as mãos para cima. Piscar de olhos dela, né? Porque os meus ficam bem arregalados. Se Eva tivesse gritado “mãos ao alto”, teria tido o mesmo efeito.

— Eu te machuquei? O que eu fiz? — pergunto, preocupado, enquanto ela tenta se fundir à cabeceira da cama. Eva nega com um movimento de cabeça, tremendo, e eu me preocupo em dobro. — Por que você quer chorar?

— Esqueci da cena de crime — choraminga.

Ótimo, fingir que esqueci não ajudou.

— Eu não me importo com isso — respondo, como se ela já devesse saber.

— Mas eu sim — choraminga mais.



— Eva, acredite em mim. Já vi coisas piores — eu a tranquilizo.

— É a nossa primeira vez. Era para ser perfeita, droga!

— Ela esperneia de verdade, batendo as pernas e tudo.

— Estava sendo, até você abrir a boca e pular mais alto que o gato — rio.

— Agora a culpa é minha?

— Era para ser a melhor transa da nossa vida, e agora parece um assalto. Só você consegue uma proeza dessas — reclamo, abrindo um sorriso, e abaixo as mãos. — É um dom. Eu acho admirável — completo, sarcástico, me inclinando para dar um beijo nos lábios dela.

— Vai por mim. Se eu não tivesse te avisado, a coisa toda seria bem menos romântica, sr. Romântico. — Eva está quase chorando. Preciso morder a língua para não rir. — Tão romântica quanto a cena de um esfaqueamento.

— Eu adoro um bom esfaqueamento. Pago as contas por causa deles, inclusive.

— Dá para me levar a sério?

— Eu nunca levaria de outra maneira. — Afago sua bochecha. — Nós podemos esperar, se é o que você quer. Não tem problema, Evinha...

Bem aí, minha garota cai no choro de verdade.

— Não quero esperar — ela funga.

Viu? Eu disse! Esse é o problema desses dias infernais. Nada está bom. *Ela já é uma gracinha sem mais essa*, penso, querendo muito rir, mas não posso. Se eu rir agora apanho de verdade, então apenas a puxo para perto.

— O que você acha de a gente aumentar as páginas daquele livro de coisas que o meu chuveiro sabe e o seu pai nem sonha? — cochicho no seu ouvido, e seus braços se arremessam em torno do meu pescoço.

— Que ideia genial! Você é meu herói. — Ela beija minha bochecha, feliz. — Preciso de um momento para esconder o corpo e as facas, peraí — avisa antes de disparar para o banheiro, toda saltitante, como se não estivesse chorando um minuto antes.

Eu me livro da boxer quando a escuto ligar o chuveiro e me apoio no batente do lado de fora. O lado bom de amá-la? Nunca vou me sentir entediado. Nunca vou deixar de rir nos momentos mais impróprios; esses são os melhores. Nunca, jamais vou ter motivos para não acordar sorrindo, mesmo que seja para um dia ruim. Ela é o melhor motivo de todos. Algumas pessoas são como remédios: o simples fato de amá-las ameniza qualquer dor.

— Gabs, vem! — chama.

Fecho a porta de vidro antes de me virar para ela, nua debaixo da água, sorrindo para mim.

Eva não é uma dessas pessoas; é a pessoa.

*Meu remédio.*

Nossos olhos percorrem o corpo um do outro, os dela me vendo pela primeira vez, os meus a vendo sem ressalvas pela primeira vez. No fim do caminho nossos olhares se encontram por apenas um instante e dizem a mesma coisa, apenas uma palavra: *agora*. De alguma maneira, suas pernas terminam fechadas ao meu redor. Suas mãos se seguram nos meus ombros e a boca se abaixa em busca da minha, urgente, possessiva, faminta. Retribuo o beijo agarrando suas pernas, entrando dentro dela do jeito que está me pedindo: urgente, possessivo, faminto, puro tesão. Maluco por ela.

— Gabriel — ela geme na minha boca. Encosto a bochecha na dela ao mesmo tempo em que movo uma das mãos para sua bunda, agarrando-a com firmeza, sustentando seu peso. Apoio o outro braço na parede para que suas costas não batam no azulejo. Depois transformo aquele gemido em muitos gritos. Os vizinhos nunca escutaram tanto meu nome antes, principalmente nesse volume... Bom, pelos ótimos minutos que durou. Não dava para esperar muito, né? — Gabriel, eu... — ela sussurra.

— Eu sei — sussurro de volta, apertando, beijando, testando, acertando... como se conhecesse seu corpo desde sempre.

— Puta merda, Gabriel. — Ela enterra as unhas nas minhas costas, rasga minha pele e me faz muito feliz quando estremece nas minhas mãos. Sua cabeça tomba em meu ombro enquanto respira fundo, trêmula, uma, duas, três vezes, antes de procurar minha boca com a mesma ganância de antes, contraindo as pernas, pedindo mais, me dando a vez.

— Posso? — pergunto no seu ouvido, antes de qualquer coisa.

— Pode — sussurra, sem hesitar.

— Você nunca toma a cartela direito quando está solteira. — É uma pergunta, uma dúvida.

— Cena de crime. — Não é a resposta que eu queria escutar. Significa que ela esqueceu boa parte das pílulas na cartela. Parte de mim quer soltar um “Se você já fez isso antes eu vou te matar, sua irresponsável”, mas prefiro não saber. Ser ignorante às vezes é bom, e nesse caso é ótimo.

— Não é um bom momento para brincar com a sorte. — É um péssimo momento.

— Meu primeiro beijo? — pergunta, contraindo as pernas, me empurrando fundo dentro dela, sem tirar os

olhos dos meus. — Minha primeira vez? — Aperto mais sua bunda e mantenho um ritmo que a faz suspirar, não consigo parar. — Deveriam ter sido com você. Todas as outras também, e me arrependo bastante que não tenham sido, porque nenhuma delas significou nada. Isto significa. — Ela me aperta para mostrar o *isto* como nós, e eu me sinto honrado.

— As minhas deveriam ter sido com você também, Eva. — Beijo sua boca, suas bochechas, seus olhos. Recuo o rosto quando suas mãos me pedem, apertando meus ombros. Ela quer que eu a olhe.

— A verdade é que para mim é uma primeira vez, porque ninguém conseguiu fazer o que você fez esta noite. Ninguém. Nunca me senti assim — conta, olhando no fundo dos meus olhos, em um tom que faz as palavras ganharem mais importância. Meu coração dispara. Eu o escuto acima do som da água correndo, acima do som da voz dela. — Mas isto? Eu nunca fiz o que estou te pedindo com mais ninguém. Guardei uma parte de mim só para você.

— Não, nem pensar.

— Só hoje. — Estou negando firme, muito firme, mesmo que esteja bem mais honrado. — Só desta vez, Gabriel — implora, com um sorrisinho apaixonado, e eu cedo fácil, bem fácil. Quero tanto quanto ela. Mordo o

lábio e não respondo. Apenas a aperto mais contra meu corpo e lhe mostro o que ela está me pedindo para ver, permito que Eva veja em meu olhar quanto é amada, sem pensar nas consequências. Só hoje. Só desta vez.

— Você é a mulher da minha vida, Eva — é o que ela escuta enquanto gozo dentro dela sem me desviar do seu olhar. — É o grande amor da minha vida — é o que ela vai escutar todos os dias. Todos os que eu tiver, muitas vezes por dia, *porque é*.

— Eu amo tanto você que dói, Gabriel — ela responde, me abraçando. É ridículo se eu disser que é muito emocionante sentir nosso coração disparado no mesmo compasso? Que dá vontade de chorar?

Eu sou ridículo.

— Nunca fiz isso também — conto, pois acho que ela merece saber. Eva me olha, duvidando. — Sou responsável. É sério, nunca fiz.

O sorriso nos lábios dela compensa o mês inteiro que eu vou passar preocupado. Por quê? Porque eu sou responsável.

Corrigindo: era. Até meio minuto atrás, eu era.

## Eva

Aproveito que ele saiu de casa para fazer algumas pesquisas, pois quero entender melhor o que Gabs vai passar amanhã. Não me surpreendo quando ligo seu notebook e encontro uma página aberta com o que estou procurando. Era isso que ele estava lendo quando se sentou, ontem, no mesmo lugar em que estou agora e mentiu para mim na cara dura. Estava passando por isso sozinho. *Agora não está mais.*

Levo o notebook para a sala e me sento à mesa de jantar. Leio tudo que encontro sobre a quimioterapia no site que ele achou e em mais alguns. Quando termino, tem lágrimas nos meus olhos. São de tristeza pelo que vai acontecer a partir de amanhã e de felicidade porque, independentemente do que for, vamos estar juntos nessa. Não consigo resistir a me sentir feliz e mais apaixonada depois do que houve hoje, a maneira como ele me tratou, me tocou e falou comigo, como me fez

bem. Também tem um buraco enorme no meu estômago, mas é só fome. Gabriel me encheu de fome.

Tudo o que eu mais queria neste momento é um Big Mac para chamar de meu.

— O que eu devo fazer, Cupido? Ele vai chegar com fome também — falo para o gato, que me olha de cima da mesa de jantar, e suspiro. Ele foi meu presente pelo fim do namoro com o vegetariano, para me animar. Escolhi seu nome para me dar sorte na próxima vez. Como eu era estúpida! Dois dias depois do término, Gabs apareceu na minha casa com essa bolinha de pelo nojenta e rancorosa, porque eu não queria sair de debaixo das cobertas. Com certeza Cupido foi a melhor coisa que já ganhei na vida, mesmo que não me ame mais. — Eu sei que você ainda não me perdoou, mas pelo menos está contente por ver os seus pais felizes? — Ele me dá as costas para se lambar, e, como nenhuma ideia surge na minha mente por mágica, por exemplo lembrar de repente que não sou uma completa inútil de merda que não tem ideia de como transformar uma pilha de legumes em sopa, engulo a vergonha e ligo para casa.

Ela atende no terceiro toque.

— Oi, sou eu — cumprimento, animada. Nem preciso fingir, porque a parte egoísta de mim está mesmo feliz. Como não ficar?



— Oi, minha querida. Está tudo bem por aí? — Clara pergunta. O tom preocupado e ao mesmo tempo animado me faz sorrir.

— Tudo ótimo. Nas nuvens, vendo estrelinhas... — Pela minha voz, dá para sacar que “ótimo” não é suficiente para definir, e minha madrasta gargalha. Eu já disse que o som é gostosinho? Caramba, o que está acontecendo comigo? — Meu pai chegou?

— Ainda não — ela responde, batendo uma porta.

— Merda — resmungo. Lá se foi minha ideia pelo ralo.

— Você está precisando de alguma coisa? — Ela sempre foi tão boazinha assim?

Olha, gostar dela na fossa eu até entendo, sou meio carente mesmo, mas não tenho nenhum — *nenhum* — motivo para estar sorrindo para o telefone sem fio. Eu nem gosto dessa mulher.

— Senti cheiro de sopa quando saí de casa... Estava ótimo, a propósito. Se não estivesse com tanta pressa de beijar uma boca, teria jantado. Só o Gabs para me fazer recusar uma jantinha.

Ela ri mais. Ela também me acha divertida? Hum.

— Bom, o beijo pareceu bem bonito da sacada, então acho que valeu a pena, né, filha? — Quem ri agora sou eu. Depois suspiro; acho que eu gosto que ela me chame assim. — Minha mãe sempre dizia que uma boa sopa

cura qualquer coisa. Eu fiz para você — ela conta, como se não fosse nada de mais, mas, tirando o Mister Chuveiro, papai e algumas empregadas ao longo da vida, ninguém nunca mais tinha feito sopa para mim desde que perdi as minhas mães, incluindo a do Gabs aqui.

— Será que você podia... — Paro de falar. Isso é ridículo.

— Basta me pedir o que você precisa, querida — ela incentiva. Acho que vai se arrepender, mas foi escolha dela.

— Pode trazer um pouco para mim? — pergunto, humilde e envergonhada. Só aquele idiota para me obrigar a fazer uma coisa dessa. — Na verdade, é para o Gabs — explico, porque me viro bem com o que achei na geladeira. — Sempre posso comer uma cenoura crua no aperto. É ele quem me preocupa. Eu sei que é quase meia-noite, mas ele foi no meu irmão contar que a gente se acertou e vai chegar com fome. Não sei cozinhar nada, amanhã de manhã ele começa o tratamento e acho que deveria comer bem, mas posso só estar sendo idiota...

— Não está sendo idiota. Chego em dez minutos! — Clara me manda um beijo e desliga antes que eu possa falar mais alguma coisa. Aperto o telefone contra o peito, grata por ela não ter me feito rastejar. Se fosse outra

pessoa, é o que teria feito, pela maneira como a tratei até agora. *É o que eu teria feito no lugar dela.*

— Essa foi bem fácil, né? — pergunto para Cupido, não que ele esteja ligando. — Agora só preciso descobrir como alimentá-lo amanhã, depois de amanhã e pelo resto da nossa vida.

Quando minha madrasta buzina, já estou atrás da porta à sua espera, quicando de um pé para o outro. Parou de chover, mas ainda está frio, o que nesta cidade é raridade. Moramos bem no centro do inferno; às vezes dá para ver o diabo tomando uma água de coco na praia enquanto se diverte queimando os turistas. Clara abre o vidro do passageiro e me manda entrar no carro com um aceno. Eu me sento ao seu lado, dando uma boa olhada para seu pijama de ursinhos, e sorrio enquanto a vejo fechar o hobby e pegar a panela no assoalho de trás, depositando-a no meu colo. Parece preocupada, e não demoro para descobrir o motivo.

— O Gabriel tem alguém para ajudar aqui?

Nego.

— Ele sempre ajudou a mãe em casa, e depois que ela morreu o teimoso nunca quis contratar ninguém, porque é igualzinho a você: acha que faz tudo melhor que as outras pessoas. — Em vez de discordar, ela me dá um sorriso culpado. Jesus, iguaizinhos. — Só que agora acho

que ele não vai dar conta o tempo todo, e eu sou uma completa inútil. Até faço uma limpeza meia-boca, mas só sei cozinhar macarrão instantâneo...

— Por que vocês não jantam em casa amanhã quando chegarem do hospital? Podem fazer isso todos os dias quando o Gabriel não se sentir bem para cozinhar.

— Isso é muito gentil, obrigada. — Aperto mais a panela. Adoro que ela seja amável e se preocupe com ele. Me faz gostar ainda mais... Ah, merda.

— O que foi? — Meus olhos se enchem de lágrimas. Se eu apertar mais, essa porcaria quebra. Ela deve pensar o mesmo, porque puxa a panela de vidro para o próprio colo antes de pegar minha mão, apoiando-a em seu joelho. — Pode me falar qualquer coisa, Eva.

— O Gabriel ainda não tocou no assunto de amanhã, mas, independente do que ele disser, é mentira. — Ela franze a testa e eu sorrio tristemente. — Ele vai tentar me trapacear e sair escondido para ir ao hospital, e eu ainda não consegui decidir se vou arrumar uma briga ou fingir que estou dormindo e deixá-lo ir. Pesquisei bastante sobre o tratamento, mas ainda não sei se quero ver — conto, envergonhada.

— Não precisa sentir vergonha por causa disso. É normal ter medo. Além disso, ele está te dando essa

escolha — salienta, como se isso bastasse para acabar com meu problema. Mas não basta.

— Então por que eu ainda sinto vergonha, Clara? — É isso que eu quero saber. — O que eu vou fazer? — Essa pergunta é retórica.

— Você vai tomar a decisão certa, como fez desde o início — ela garante, beijando meu rosto antes de enfiar a panela nas minhas mãos e me empurrar para fora do carro com um sorrisinho matreiro nos lábios. Ela foi a única que nunca duvidou de mim. Isso é importante, né? Eu acho que é. — Espero vocês amanhã, meu amor.

Entro em casa sorrindo só por causa desse *meu amor*. Claro que não dura; me recomponho bem rápido quando percebo. Madrastinha manipuladora.

Uma hora depois a mesa está posta, a sopa esfriou e eu estou sentada no sofá bem puta da vida, esperando o traste para nossa primeira briga, aquela que vamos ter depois que eu lhe der uma bofetada por me fazer de besta. Quando a porta se abre, minha boca a imita.

— Esse era o pulinho no meu irmão para contar a novidade? — pergunto, revoltada. — Eu retalhei a cara do último idiota que me comeu e deu o fora, sabia? Se você passou na delegacia, juro por Deus... — As palavras morrem quando giro no sofá e o vejo parado na soleira. Gabriel ergue uma sacola de papel pardo com um M

enorme na frente e minhas bochechas ficam até vermelhas, o que não acontece com frequência.

— Em primeiro lugar, estressadinha, a fila estava enorme. Em segundo, a partir de agora a gente não fala mais de quem já te comeu um dia, *nunca* — frisa, abrindo um sorriso absurdamente frio e colocando o saco no meu colo. — Principalmente enquanto você estiver com a bunda no meu sofá. Já te contei dos meus pensamentos pecaminosos que envolvem este sofá, né? Respeite-os — ele brinca para esconder que ficou mesmo bravo com o que eu disse. Que bonitinho. Está com ciúme.

— É um Big Mac, só para que eu me sinta pior? — pergunto, apertando o pacote contra o peito. Gabriel me olha como se a pergunta fosse ridícula, porque é, e meus olhos se enchem de lágrimas de novo. Não deixo que ele perceba. — Obrigada, Gabs. — Levanto e passo por ele, colocando o saco em cima da mesa antes de ir esquentar a sopa de novo.

— Por que você não está pulando em cima de mim enquanto come seu hambúrguer, como um cachorro de rua faminto que dorme na porta das pessoas, Eva? — ele pergunta, entrando na cozinha alguns minutos depois. Não me olha; está distraído procurando alguma coisa na

geladeira, enquanto me encosto no fogão. *Será que ele esqueceu?*

— Você não pode ficar comendo essas coisas. Tem que se alimentar direito.

Seu rosto vira para me encarar na mesma hora. Gabriel se apoia na porta da geladeira e franze o cenho.

— Eu sei, por isso comprei só para você. Mas ainda não entendi. O que isso tem a ver com um Big Mac encher o seu olho de água? — Ele me estuda por um instante. Dou de ombros e seus olhos se reviram quando Gabriel percebe. — Você acha que eu vou ficar triste se vir você comer? — Assinto, fazendo-o rir, como se fosse uma ótima piada. — Eu tenho hábitos alimentares mil vezes mais adequados que os seus. Seguir uma dieta é moleza pra mim. Não precisa parar de comer o que gosta ou comer escondido só porque eu não posso, é besteira. — Ele sorri e eu me sinto uma idiota. Para mim isso não seria besteira. Se eu estivesse em seu lugar e ele comesse um hambúrguer na minha frente, seria o fim do mundo. Com certeza ia rolar vassourada. — Tem alguma coisa no fogo? Se tiver, está queimando — ele avisa, voltando a atenção para a geladeira. Dou um pulo no lugar e, quando viro para o fogão, a sopa já era. Grudou tudo no fundo da panela.

Eu a arremesso com raiva na pia, soltando um berro quando o cabo me queima. Ela explode na hora em muitos pedacinhos, e acho que minha madrasta vai deixar de ser boazinha em breve, porque a panela parece custar os olhos da cara. Gabriel agarra minha mão no ar e a enfia debaixo da água, olhando para os cacos dentro da pia com interesse depois de conferir o machucado. É minúsculo.

— Tem certeza que não temos um Transformer Casa? — pergunta no meu ouvido, me beijando. Mordo o lábio para não chorar; essa merda está doendo e não estou falando só da queimadura. Ele falou mesmo *temos*, como se a casa fosse nossa? — Eu posso jurar que tinha sopa nessa ex-panela de vidro bem cara que não é minha, então, a menos que a casa tenha feito a sopa e fabricado a panela, acho que estou agarrado com uma assaltante. Algum vizinho vai dar queixa do roubo do jantar? — ele brinca, fechando a água. Uma de suas mãos desliza pela minha cintura, a outra ainda segurando a que eu queimei.

— Pedi para a minha madrasta trazer. Achei que você chegaria com fome — resmungo, irritada comigo mesma, encostando as costas no seu peito.

— Eu posso fazer alguma coisa rapidinho, não tem problema — garante, beijando minha bochecha.



— E quando não puder, Gabriel? Porque, não sei se você está vendo, eu sou meio inútil por aqui — falo duramente, e ele enrijece atrás de mim.

— É com isso que você está preocupada? — ele pergunta no meu ouvido. — Com a casa e com o meu jantar? — Assinto, triste. — Nós contratamos alguém, se esse é o problema.

— Vai fazer isso até quando? — pergunto, com raiva, me virando nos seus braços para encará-lo.

— Isso o quê? — Ele se recusa a me soltar. É corajoso, reconheço.

— Tentar tornar tudo mais fácil *para mim* — friso, olhando dentro dos seus olhos, e ele nem hesita em retrucar.

— Até quando der, Eva.

— Eu queimei o seu jantar. Você deveria estar irritado. Eu me sentiria melhor se estivesse, porque nem fui eu quem fez a droga da sopa — resmungo.

— E você deveria estar comendo o seu hambúrguer, quietinha no sofá, em vez de tentar me irritar — ele retruca, em tom firme, mas gentil. Daqueles que querem evitar uma briga. Gabriel me empurra para fora da cozinha e se ocupa em fazer algo para comer. Meia hora depois se senta na minha frente à mesa de jantar com seu prato. Continuo quieta até que ele puxe assunto.

— *Minha madrasta?* — pergunta, com curiosidade. — Estranho. Até ontem era *a mulherzinha do seu pai*. — Ele levanta a bandeira branca, tocando minha mão, me pedindo para desamarrar a cara antes de segurar os talheres para cortar o frango, que está com uma cara ótima. Se eu tivesse ficado na minha, não estaria chateada por ter queimado aquela merda e poderia estar comendo com ele agora. Sempre que eu tento ajudar dá nisso.

— É, agora é madrasta.

Suas sobrancelhas se franzem, surpresas. Gabriel arruma a comida no garfo, que meus olhos seguem no ar. Nossa, parece bom mesmo. Eu queria tanto... Ótimo, está vindo para minha boca e eu estou mastigando.

— A Clara te ganhou pelo estômago, não foi? — Minhas pernas sobem, eu apoio os pés na cadeira e abro a boca quando vejo seu garfo vindo de novo. — Eu sabia que isso ia acabar acontecendo na primeira carne assada que provei — brinca.

— A comida dela é ótima, mas o que me ganhou mesmo foi o colo e o cheirinho de mãe. — Gabs engasga, tosse e toma um gole do suco antes de me olhar, impressionado. — Não lembro do cheiro da minha, mas ainda lembro do cheiro da sua. É igual, tão bom que quase mordi aqueles peitos, Gabriel. — Suspiro. — Só não

conta para ninguém que eu disse isso, tá? Pega mal gostar de alguém de quem não gosto.

Ele assente e continua comendo em silêncio, com um sorrisinho de canto de boca. Quando termina, leva o prato até a pia e para atrás das minhas costas.

— Foi bem legal você deixar seu orgulho de lado e ligar para a Clara, por mim e por ela também. Estou orgulhoso de você — Ele afasta meu cabelo e beija minha nuca. — Mas eu não quero que se preocupe comigo ou se sinta culpada por nada. Não estou pedindo nada além de você. Nunca pediria nada que não consegue me dar, Eva. — Gabriel coloca o hambúrguer na minha frente e aperta meus ombros. — Vou te esperar lá em cima.

Meus olhos seguem seus passos até ele parar no meio da escada quando escuta minha voz.

— Eu vou aprender pela dor, como você me disse na delegacia. Você não pode impedir. Foi por isso que você quis desistir de mim, para início de conversa, lembra? Nós dois sabemos que você não pode impedir. Por que ainda está tentando? Eu quero ajudar. — Me irrita com a sua permissividade. — Achei que tivéssemos concordado em fazer tudo juntos, então você tem que me pedir o que precisa, mesmo que ache que eu não consigo te dar. Isso é o certo. O certo é eu conseguir te dar o que você precisa, independente do que seja. Eu consigo!

Ele para de andar, mas não se vira quando responde.

— Eu vou falar só uma vez, então escuta bem, Eva — rosna, irritado. — Para de agir como se alguma coisa tivesse mudado. Não mudou, não vai mudar nunca. Você ainda é o mais importante aqui para mim, e tem que continuar sendo pra si mesma. — Gabriel continua a subir os degraus. Isso foi um aviso para que eu continue pintando e bordando, sendo imatura e para que colabore com tudo que ele está planejando esconder de mim nos próximos meses, me omitindo e vivendo uma mentira enquanto ele continua sozinho. Ele é um idiota. Um idiota ótimo de cama, mas ainda assim um idiota.

Abro meu hambúrguer com raiva e dou uma boa mordida antes de falar de boca cheia.

— Já que é assim, pega seu travesseiro e desce. — Seus pés param no último degrau. Ele nunca aprende que do meu jeito dói mais, é impressionante. Gabs se vira e me encara, e eu aponto para o sofá. De onde está ele não consegue vê-lo, mas sabe exatamente para onde estou apontando.

— Vou ter que dormir no sofá na nossa primeira noite juntos? — pergunta, abismado, e eu assinto, enfiando uma batata na boca.

— Você não adora tanto ele? Então — alfineto.

— O Big Mac está gostoso, amor? — provoca, sarcástico, me dizendo que eu deveria ser bem mais agradecida. *Bom, ele também.*

Odeio que ele tenha me chamado de *amor* brincando. Odeio lembrar que ele chamou aquela vaca assim. Ah, Gabriel.

— Eu estava pensando em morder a língua e deixar quieto. Tinha ficado com pena de fazer você dormir desconfortável, mas já que não preciso me preocupar, já que sou eu quem manda nessa porra, é isso aí. Você vai dormir no sofá.

— O que eu fiz para ser expulso da nossa cama? — pergunta, cruzando os braços.

— Aquela cama não é *nossa*, esse é o problema — friso. — É a cama onde você dormiu com um monte de vadias, incluindo aquela de quem não mencionamos mais o nome. Até me fez assistir, lembra? — Os ombros dele se retesam.

— Eu pedi desculpa, não que tenha desculpa para aquela porra...

Ergo a mão. Ela está inquieta e segura uma batata. A outra aperta a barriga, porque a cólica voltou com tudo, e mais irritada que isso eu não fico. Era um dia tão bom, ele me trouxe um Big Mac. Por que não pode parar de ser idiota e me arrumar um Buscopan para tudo ser perfeito?

— E eu aceitei, mas isso não quer dizer que eu vá dormir com você nela, porque não vou. — Estreito os olhos, terminando de devorar meu boi como se não tivesse comido metade do jantar dele. Acho que minha fala encerra o assunto, porque Gabriel me dá as costas sem dizer uma palavra e, como eu sabia que faria, cinco minutos depois está arrumando uma cama no sofá de boa vontade enquanto escovo os dentes. Quando pula nela, apago a luz e vou atrás.

— Ainda bem que essa coisa é mesmo confortável — resmungo assim que ele abre um espacinho para que eu me enfie debaixo do edredom ao seu lado. Vamos ter que dormir de conchinha em um espaço minúsculo, como eu queria. Se ele respirar eu acordo. Eu me viro de lado, para o chão, e me encolho usando-o de travesseiro. Seu corpo acompanha e se molda ao meu. Ele está quente. Apoio a bochecha no seu braço e aperto a barriga com uma mão. A dele logo a cobre.

— Está muito forte? — Absurdamente. Já estava estragado antes de a gente brincar. Não respondo. A resposta é óbvia. — Quer um remédio? — Para eu apagar por oito horas? Não, valeu.

— Tô bem, Gabriel — resmungo, ainda irritada. Fecho os olhos e respiro fundo.

— Amanhã vai estar pior. Toma o remédio. — Ainda não respondo. Vou dormir com dor porque ele é mentiroso e eu sou mimada demais para levar numa boa. Tô bem puta, sabe?

Ficamos um bom tempo em silêncio até ele falar de novo.

— Vira pra cá. Não quero dormir brigado com você justo hoje. — Ele beija meu ombro, e eu não me mexo. — Por favor? — Como está pedindo com jeitinho, eu me viro e continuo deitada no seu braço, o rosto a centímetros do seu. Nossos olhos se encaram de pertinho, e as bocas quase se tocam. — Hoje era para ser perfeito, lembra?

— Aquele hambúrguer era o que eu mais queria, sabia? Foi perfeito — sussurro, mas é mentira. O que eu mais queria é que ele estivesse saudável. Nunca mais comeria um hambúrguer sequer em troca disso. Viraria até vegetariana.

— Sabia — sorri.

— E você? O que você quer mais que qualquer coisa hoje?

— Ver você feliz. Eu compro uma cama nova amanhã — promete, passando a mão no meu cabelo. Tão doce. Isso com certeza vai me fazer feliz. O sofá é uma desculpa para eu acordar antes dele, mas eu adoraria nunca mais precisar dormir com ele naquela cama.

— Amanhã, quando a gente chegar do hospital? —  
Estou implorando, aquela última chance antes de fazer  
do meu jeito. Gabriel me olha sem expressão por alguns  
segundos. Não responde, não quer mentir. Em vez disso,  
desce a mão do meu cabelo, segura meu queixo e me  
beija. Sua língua invade minha boca e em instantes eu  
me rendo, mas esta noite meus olhos não se pregam.  
Sou puro medo de ele ser mais esperto que eu. Não  
consigo dormir.

Escolhas erradas.

Sempre faço escolhas erradas quando se trata dele.



## Gabriel

Eva não está no sofá quando acordo na manhã seguinte — acho que deveria dizer madrugada. Devem ser umas cinco e pouco da manhã quando subo a escada na ponta dos pés. Noto a porta do antigo quarto da minha mãe entreaberta e respiro aliviado: minha garota deve ter corrido para a cama que era dela. Não gosto de entrar ali. Fecho a porta e volto pelo corredor para não correr o risco de acordá-la. Tomo um banho, me troco e escrevo um bilhete que ela provavelmente vai me fazer engolir quando eu chegar em casa e saio sem pensar demais, sem remorso. Abro a porta e entro no carro distraído com algumas mensagens no celular que não pretendo abrir agora. Bato a porta e tomo um susto quando escuto um rosnado. Sem brincadeira, quase mijo nas calças quando viro e a encontro, recostada na porta do passageiro, com os pés no banco e um leve toque assassino no olhar.

Bom, eu sabia que hoje seria apenas o primeiro de uma série de dias ruins. Tá aqui a prova — e aparentemente a prova morde, ou pelo menos está rosnando como se mordesse.

— Alguém me disse uma vez que o mundo é dos espertos. Acho que é verdade. — Ela afia mais o tom. Parece brincadeira, mas está longe de ser. — Até gosto de gente esperta, Gabriel. Só não gosto de gente mentirosa. — Me encara com um par de olhos vermelhos de quem chorou a noite inteira em vez de dormir, e pelo tom eu sei que me fodi. Muito. Respiro fundo, pronto para dizer que não menti, porque eu não fiz isso, mas minha garota faz um sinal negativo com a cabeça. — Só dirige, Gabriel — corta. Engulo em seco.

Saio da cidade em silêncio. Quando paramos no último semáforo, encosto a cabeça no banco e olho para ela. Observo o cabelo amassado, ondulado e bonito, solto nos ombros, o jeans rasgado e a camiseta de manga comprida branca, o cardigã cinza, velho e largo que eu adoro e as sapatilhas azuis. Tão linda. Tão, mas tão triste. É horrível saber que é comigo.

— Passou a noite inteira de tocaia no carro? — pergunto, na metade do caminho. Detesto que a cara de sono e os olhos inchados respondam a minha pergunta no seu lugar. — Eva? — insisto.

— Você tem uma coisa e tanto pela frente hoje. Você — ela me lembra, como se estivesse decepcionada por eu viver me esquecendo. — Nós precisamos nos concentrar nisso, então eu estou tentando de verdade não lidar com a situação como eu lido com tudo. Ajudaria se você só calasse a boca até eu conseguir apagar da memória a sua cara assustada

quando me viu. É isso ou eu vou te bater, e eu não quero te bater, não posso mais, então colabora.

— E quem disse que não pode mais me bater? — Olha o absurdo da pergunta, mas é bem séria. Ela tem que parar com isso. Nada mudou ainda.

— Estou tentando ser uma pessoa melhor aqui, mas tá por um fio, Gabriel. — Ela mostra com o polegar e o indicador que o fio é bem curto.

— Ajudaria se eu te alimentasse?

Bem-vindo ao primeiro passo para pedir desculpa nesse relacionamento.

— Comida sempre ajuda, você sabe disso. Fazer perguntas estúpidas é que não está te favorecendo — Eva resmunga, me dando as costas e apoiando a cabeça na janela. Eu me preparo para a delícia de dia que vou ter com essa mulher duplamente virada no demônio. É ótimo, na verdade, porque não sobra tempo para ficar ansioso com o que estou indo fazer.

Em vez disso, me distraio o restante do caminho pensando em como estou dividido. Se por um lado é reconfortante que ela tenha tomado a iniciativa de vir comigo, por outro estou mais assustado do que queria só de pensar em como Eva vai se sentir e como vai me olhar depois de hoje. A maioria das pessoas diria que eu deveria estar com medo do tratamento, mas na real? Só tenho medo desse olhar.

Paramos para que eu possa me desculpar quando chegamos a São Paulo. Eva não diz uma palavra durante o

café da manhã, mas pega minha mão enquanto voltamos para o carro. Faz o mesmo quando chegamos ao hospital, embora ainda não tenha dito uma palavra.

— Vem aqui — ordeno, me encostando em uma parede da sala de espera antes de puxar seu rosto contra meu peito. Quando ela obedece, fecha os olhos por um instante e respira fundo, se agarrando à minha camiseta. — Quer ir dar uma volta na cidade e me encontrar mais tarde? — Ela nega e fica em silêncio. — Está tudo bem? — pergunto de idiota, porque sei que não está.

— Eu que devia estar te perguntando isso — sussurra, querendo chorar, culpada. — Você está bem? Está com medo? — Seu rosto se ergue, preocupado, e eu sorrio.

— Boba. Eu tomo um tiro rindo. Você acha que uma picadinha de agulha me assusta?

— Estou falando sério. — Ela suspira, sem acreditar em mim.

— Eu também — garanto. — Saio para trabalhar todas as manhãs sem saber se vou voltar para casa no fim do dia. Me preparei para isso quando escolhi minha profissão, então não tenho medo do câncer ou da morte, só de como você vai se sentir no meio disso tudo. Vai doer mais em você que em mim, Eva. Bem mais.

— Melhor assim. Melhor que doa mais em mim. — Ela encolhe os ombros e eu quase a beijo, quase, porque meu nome é chamado e uma enfermeira se apresenta e nos acompanha até outra sala. Parece aquelas onde se tomam

medicamentos, dessas que tem em todos os hospitais, mas com poltronas mais largas e confortáveis, por causa das várias horas de químio, cadeiras ao lado para o acompanhante e cortinas que garantem privacidade. É só por causa disso que não insisto para Eva ir dar uma volta. Acho que passamos da pior parte.

— Vamos lá? — a enfermeira pergunta. Eu assinto e a observo preparar o remédio, colocando a bolsa no suporte de soro. Me distraio por alguns instantes, até perceber que os olhos de Eva não desgrudam da agulha. A enfermeira também repara. — É só uma picadinha, querida — garante, com um sorriso amável. Mas não é. Nunca é.

Fernando precisou levá-la ao pronto-socorro uma vez, para levar alguns pontos depois que caiu jogando bola com os garotos da rua. Tínhamos uns catorze anos. Ele me ligou desesperado assim que deram entrada. Eva passou os quarenta minutos que eu levei para correr de bicicleta até lá gritando que ninguém ia chegar perto dela com uma agulha até eu aparecer, depois mais quarenta chorando de medo agarrada à minha camiseta, até concordar com a porra dos pontos se eu promettesse não soltar sua mão. Na mesma época, caí de bicicleta na porta da casa dela e me ralei inteiro. Quando ela abriu a porta e viu o sangue, em vez de me ajudar, desmaiou. Entendeu? Ela finge que coisas como essas não aconteceram, mas, como eu disse, quando é comigo fere mais. Ela está até pálida. Prefiro quando grita. Prefiro até quando bate.

— Por que não deita aqui? — pergunto com gentileza, tocando seu ombro. Espero que ela faça o que pedi antes de entregar minha mão esquerda para que a enfermeira possa achar uma veia no dorso, e com a direita cubro seu rosto. Fecho seus olhos com a ponta dos dedos e acaricio lentamente as pálpebras, pensando em até quando poderei protegê-la. Tenho a impressão de que essa “picadinha” dolorida pra cacete é a parte mais fácil do que vem por aí. — Acabou — sussurro, afastando a mão, e viro o rosto para olhar em seus olhos quando a enfermeira se afasta. Estão cheios de água. — Quer vir para o meu colo? — Não preciso perguntar de novo. Ela se aninha no meu peito, jogando as pernas para um dos lados, e eu abraço sua cintura, pousando os lábios no seu cabelo.

Ela não fala nada, e eu também não. Tiro o celular do bolso para me distrair até ela me dar uma abertura. No fim foi uma ideia bem ruim, porque seus olhos curiosos e entediados estão na tela.

### **Alice**

Quero saber como você está e tudo sobre o tratamento. Eu poderia perguntar para a minha mãe, mas quero a sua amizade. Juro que me contento. Pede pra Eva deixar?

Ela enrijece no meu colo e eu clico em outra conversa mais rápido que um raio. Só tô me fodendo hoje, impressionante.

**Ben**

Está no hospital? Tudo bem por aí?

**Gabriel**

Estou. Tudo bem. Como foi a viagem?

**Ben**

Tranquila. Se acertaram?

Meus dedos hesitam e ela tira o celular da minha mão, respondendo por mim.

**Gabriel**

Sim, finalmente parei de ser um idiota mentiroso.

**Ben**

Estou feliz por vocês. Te ligo mais tarde para saber como foi, Gabs.

— O que vocês conversaram no carro? — pergunto de repente.

— Eu sabia que você tinha obrigado o Ben a fazer aquilo. Ele não é mais o mesmo babaca. — Não é mentira. — Mas foi muito feio ele ter aceitado mesmo assim. Eu esperava que ele viesse até mim e me contasse a verdade, em vez de me embebedar e tentar me tirar de perto de você. Não consigo perdoar isso ainda, mas prometi tentar e ligar quando pudermos ser amigos. Também pedi desculpa por bater nele quando tentou me segurar para não ir atrás de você, depois que você saiu de casa.

— Impressionante. Você está sendo bem razoável.

— Eu não queria ficar com peso na consciência... — Ela encolhe os ombros e, não contente, também responde à mensagem de Alice.

### **Gabriel**

Se arrastar as asinhas pra cima dele, eu depeno você.

### **Alice**



Isso foi um sim?

**G  
a  
b  
r  
i  
e  
l  
E  
m  
n  
e  
o  
n  
.**

**Alice**

Obrigada, Eva. De verdade.

**Gabriel**

Não tem de quê,  
Alice.

— Eva...

— Não fala nada. O fio acabou de ficar ainda mais curto, Gabriel — ela rosna, me mostrando os dedinhos. Isso é bom, porque eu não sabia o que dizer. Nunca a vi ser tão complacente antes. Me assusta. — Ela gosta de você, não sabemos o dia de amanhã, eu amo a irmã dela e acho até que gosto da mãe. E eu sei que você quer ser amigo dela, porque você é assim, não se desfaz das pessoas e sente pena da garota. — Está certa. — Não vamos mais tocar nesse assunto, ok? Mas tem um detalhe, só um: se você apagar uma mensagem que seja ou eu não gostar do que ler, porque eu vou ler, nem preciso dizer que a casa cai, né? — Eu assinto. Esse é o tipo de aviso dispensável, já sei que ela é maluca. — Seria bom também que você não contasse para o meu pai que eu ando me engraçando com a mulher dele. Isso é segredo nosso. E vê se para de mentir pra mim, porque eu estou perdendo mesmo a paciência com você. Estou até admirada que ainda não acabou. — Ambos estamos admirados, na verdade.

— Me desc...

— Eu ainda não terminei, Gabriel — me corta. — A partir de hoje não é mais você por mim e eu por mim mesma,

vamos mudar isso. Para de pedir desculpa e fazer de novo. Essa sou eu, não você.

— Não quero que você mude — sussurro.

— Já pensou que, em vez de me proteger, o melhor para mim seria que você me ajudasse a enfrentar isso? Como fez na hora da picadinha? — O olhar implora. — Por que você não me protege assim, me ajudando a aceitar as coisas em vez de escondê-las de mim? — É assim que ela me quebra. — É mais fácil com a sua ajuda. Segurando na sua mão eu dou conta de enfrentar qualquer coisa.

— Até uma barata? — brinco para esconder que ela conseguiu fechar minha garganta.

— Menos uma barata. Já estou sendo tolerante por uma vida aqui. — Ela sorri.

— Nunca mais tento passar a perna em você — eu me rendo.

— É uma promessa?

— É. — Quanto a não passar a perna é, mas não vou prometer nunca mais mentir, porque isso tenho a impressão de que ainda vou fazer.

— Ótimo! — Ela suspira.

Eva abandona o mau humor, me beija e puxa assunto. Por três horas consigo esquecer onde estamos e o que estamos fazendo, até que ela adormece. Está tão cansada que não acorda enquanto a enfermeira tira o acesso, nem quando saio do hospital com ela no colo, ou quando a coloco no carro

e prendo o cinto ao seu redor, nem quando entro e pego a estrada batendo papo sozinho.

— Uma das maiores infelicidades desta merda é que não tem como esconder de ninguém. Ela te muda por inteiro — falo, tirando o moletom e cobrindo seu corpo sem soltar o volante. — Rouba a nossa vaidade em um piscar de olhos, e a sua é muito grande para levar isso numa boa. Fiquei com medo de que você me olhasse como olhou para aquelas pessoas. Com pena. E acho que vai olhar. O cabelo vai ser a primeira porrada e uma das que mais vão doer em você. Sabemos que essa é a primeira coisa que você repara em alguém... Não estou pronto para esse olhar ainda, porra, nem sei se algum dia vou estar. — Mordo o lábio. — Eu só queria esperar um pouquinho mais até isso acontecer. Gostei de como você olhou pra mim ontem no chuveiro. Quero mais daquilo, antes de tudo ficar feio demais. Aposto que você me imaginou como aquelas pessoas o tempo todo em que ficamos no hospital. Você se assustou, mas não vai me dizer, como eu também não vou te dizer nada disso. Não vou dizer nada além de como estou orgulhoso por você ter ido. Odeio mentir para você.

Eva só acorda uma hora depois.

— Meu Deus! Como eu sou escrota! — guincha, sentando num pulo. — Jura que eu falei tudo aquilo e dormi? — Sorrio do drama quando ela se agarra mais ao meu moletom, aninhando o rosto nele para sentir meu perfume e tomba a cabeça no meu ombro. — Atira em mim?

— Na verdade foi muito bom ficar te olhando dormir. — Ela me belisca. — Não estou sendo complacente. Foi bom mesmo. Estou feliz que você tenha vindo comigo, e é culpa minha que estivesse tão cansada. — Agora estou mentindo. Ainda preferia que tivesse ficado em casa. — Vamos?

— Aonde? — Ela se assusta, ainda sonolenta, e eu aponto para a loja em frente ao nosso carro estacionado.

— Comprar uma cama. — Seus olhos brilham. Saio do carro e pego sua mão. — Depois temos que buscar sua madrasta no colégio, porque o carro dela quebrou, o mecânico foi buscar e ela não tem carona.

— Hum, na minha época eu gastava minhas sapatilhas — resmungo, sem muito sarcasmo.

— Quer que eu invente uma desculpa? — testo.

— Claro que não, tadinha — solta antes que possa segurar e tapa a boca. — Isso está piorando, Gabriel — lamenta, como se fosse ruim, mas não é. Toda a chatice dela termina no instante em que entramos e eu digo as palavras mágicas:

— Escolhe a que quiser. — Dizer isso é pedir para se foder, porque os olhos dela são automaticamente atraídos para a coisa mais cara, sempre, de qualquer lugar. Não é diferente com a cama, e isso a anima bastante. Quando saímos, acho que estou quase perdoado. A felicidade dela me contagia. É uma pena que termina no instante em que paramos em frente ao trabalho da madrasta dela e meu passado aparece para dizer um oi.

O motorista do carro da frente desce e passa por trás do veículo, parando no meio-fio com as mãos na cintura, por baixo do paletó. Meus olhos não saem mais dele, das roupas bonitas, dos olhos verdes olhando ao redor, à espera de alguém como um dia esperou por mim, das mãos que um dia já me cobriram à noite, uma ou duas vezes, muito tempo atrás. Eva está falando alguma coisa sobre os alunos que enchem a rua e sobre o garoto com quem faz apostas sobre nossa vida amorosa. É hora da saída da turma da tarde, e seu dedo aponta para alguém, para me mostrar, mas ainda estou distraído olhando para aquele homem. Só desperto quando o menino que Eva está me apontando é envolvido com afeto pelas mãos dele. Ah, que dia ruim!

Eu a distraio antes que ela o veja, agarrando sua perna, fazendo-a olhar pra mim.

— Aquele é o seu paciente? — Faço o possível para esconder a surpresa. Uau, como a vida é irônica. — O Guilherme? Para quem, por sinal, você deve uma grana? — Ela franze as sobrancelhas. — Te escutei falando com o gato. — Os olhos se iluminam e ela assente.

— Ele mesmo. Quer conhecer? Você vai adorá-lo — fala, animada, já abrindo a porta do carro. Eu agarro seu braço e hesito.

— Pode ser outro dia? — É incrível a rapidez com que ela se esquece do garoto, fecha a porta e segura meu rosto.

— Você está se sentindo bem? Eu sei que os efeitos demoram alguns dias, mas pode acontecer antes —

pergunta, preocupada. Eu sorrio e a beijo. Continuo a distraí-la, e isso dura até escutarmos sua madrasta entrar, bater a porta e pigarrear.

— Eu já disse como vocês são bonitinhos juntos? E que eu vou ter netos lindos? — pergunta, sorrindo, e nós nos afastamos rindo. Clara se inclina, toca o ombro de Eva e aponta para o menino. Meus dentes trincam. — Ele está muito melhor. O pai até elogiou o comportamento dele em casa. Você foi ótima, querida — parabeniza, e, quando os olhos da minha garota encontram aquele homem, minhas mãos se agarram mais ao volante. Eles param nele por um instante longo demais, que eu passo rezando para que Eva não o reconheça, depois desviam para a madrasta, agradecendo. Eva não diz mais nada. Será que me livrei dessa? Se ela lembrou, que porra eu vou falar? Mais uma mentira?

Ela não vai reagir bem à verdade.



Fico quieto durante o caminho, no jantar e pelo restante da noite. Só abro a boca para concordar quando Eva pergunta se podemos dormir na casa dela. Depois que seus pais dormem, escapo com a desculpa de buscar algumas roupas em casa, pensando no que senti quando olhei para aquele homem, para a maneira como beijou o filho. Preciso ficar sozinho para fazer isso. O que eu senti é apenas mais um

item da lista infinita de coisas de que Eva precisa ser protegida. Estou muito mais preocupado com o enjoo que estou sentindo e com o que acontece daqui a alguns dias, quando a droga realmente fizer efeito no meu corpo, com como vamos encarar isso, do que com meu remorso. Morrer com a consciência pesada por ele é o de menos. É morrer com a consciência pesada por ela que não posso suportar. Eva é mais importante. Quando chego escuto o chuveiro do banheiro dela correr; pode não ter ninguém nele, mas a porta está entreaberta, e a luz, acesa.

— Cheguei — aviso, arremessando a mochila na cama. Ela não responde. — Eva? Está tudo bem? — Assim que empurro a porta, vejo seu corpo pular para longe da pia. Ela se encosta na parede e me olha assustada. Está com os olhos cheios de lágrimas, mas o que mais me preocupa é o que tem na mão. Dou um passo na sua direção e a tesoura termina apontada para mim. Estaco no lugar, porque não sou idiota. — Explica isso — ordeno, firme. Se der o bote, eu pego. O problema é que não confio nela com uma tesoura na mão, principalmente apontada para mim. Não confiaria nem em dias em que acorda sorrindo, quanto mais naqueles cheios de hormônios e mentiras para dar e vender. Sendo assim, a menos que ela aponte a tesoura para si mesma, eu fico aqui.

— Você está estranho há horas e preferiu sair a me contar qual era o problema. De novo — fala. — Eu fiz alguma coisa?



— Claro que não. — Ela pisca e abaixa a tesoura, perguntando de novo. Eu até quero rir, mas estou com um mau pressentimento forte demais para conseguir. — A resposta ainda é não.

— Imaginei.

Ergo a mão e aponto para o chuveiro. Espero que ela assinta antes de ir fechar o registro e retornar ao lugar, sem perder a tesoura de vista. Eva não consegue olhar nos meus olhos. Em vez disso, encara meus pés, decerto para saber se eu me mover. Já os meus não saem dela, o corpo ainda soltando vapor, recém-saído do banho, o cabelo molhado jogado para a frente, cobrindo os seios, e aquela porra de tesoura na mão. Pela cara de susto dela, interrompi alguma coisa que ela não queria que eu visse. Não entendo o que é até ela agarrar uma mecha do cabelo platinado e colocar no meio da lâmina da tesoura, finalmente me olhando.

— Solta isso agora — ordeno em um rosnado, mas ela não obedece. — Mas que droga você está fazendo?

— O que você sentiria se eu cortasse?

— Eu odiaria. — Estou puto só de pensar.

— Como você pensa que eu vou odiar quando cair o seu? — pergunta sutilmente, e eu não respondo. — Por que você não me fala o que sente? Assim eu posso decidir se tiro paciência de onde não tenho para te aturar ou se enfio a tesoura na sua garganta teimosa e acabo com o problema. — Embora esteja arrasada, sua voz não treme.

— Prefiro a ideia da garganta. — Suspiro.

Ela assente e fecha a tesoura

— Não faz isso — imploro, agarrando seu pulso.

— Vai ser pior se você segurar. Quer me ver surtar com uma tesoura na mão? Me solta. — Obedeço. Eva coloca outra mecha dentro da lâmina e eu cedo, me afastando. É enorme.

— Pode me manipular, amor, eu entro na brincadeira. Só para de ser louca e afasta a tesoura do cabelo, que me custou uma fortuna para ficar loirinho assim na semana passada. Eu adoro ele. O que você quer de mim? — pergunto, me encostando na pia. Os olhos dela brilham no “amor” irônico, ao que parece mais uma bola fora. Será que é importante? É quando me dou conta de que nunca a chamei assim a sério, mas chamei outra na frente dela... Como eu sou idiota.

— Na verdade eu estava pensando em cortar meu cabelo, mas fiquei com medo de você não me achar tão atraente quanto acha agora, porque, como você mesmo disse, gosta dele o tanto que eu gosto do seu. Deixei crescer da primeira vez porque você ficou enchendo o meu saco, lembra? — Assinto, sorrindo. Depois disso ela se apaixonou pelo cabelo comprido e nunca cortou mais que as pontinhas. — Você sentiu o mesmo? Também tem medo de que eu não te ache tão atraente por causa de uma coisa boba como um punhado de cabelo? Ou sou só eu...? — pergunta, despretensiosa. Assinto de novo. — Por que você não me falou que estava preocupado com isso? — Quando não respondo, a cretina fecha um pouco mais a tesoura. Ai, que jogo ruim. Ela tá

pegando pesado. — Você tem que aprender a conversar comigo quando eu estou acordada, Gabriel. Bêbada e dormindo não ajuda muito. Se eu não fosse tão esperta, não saberia o que tanto está te incomodando, porque você não fala. — Ela estava fingindo dormir no carro. Perfeito.

— Me desculpa. — Não vai resolver.

— Não muda nada. — É, eu sei. — Sabe o que é pior? Um de nós dois não tem motivo para sentir medo. Você nunca me faria sentir feia. Mesmo que eu estivesse, tenho certeza de que você daria um jeito de amar o meu cabelo curtinho se precisasse. Mas eu percebi que você não tem esse conforto, ou pelo menos acha que não tem — fala, deixando cair uma lágrima.

— Eu acho que aprenderia a amar o seu cabelo curto, mas não quero testar na prática — respondo, ignorando o assunto em que ela quer entrar.

— Você me acha egoísta demais para fazer o mesmo por você — insiste. — Você acha que eu não consigo te amar de qualquer jeito, como você me ama.

— Não acho que você me ame menos por isso, não é algo ruim. É só o seu jeito, Evinha. Eu sei que você vai me olhar com pena. Você não tem coragem de desapegar de um dedinho do próprio cabelo, é lógico que vai sentir falta do meu, se penalizar e até se envergonhar de andar por aí de mãos dadas com alguém visivelmente doente. E está tudo bem, você não deve se sentir culpada por isso — garanto e fodo a porra toda. *Palmas para mim.*

— Não é culpa sua pensar assim. Eu sempre fiz as escolhas erradas quando se trata de você, *até ontem* — frisa e, antes que eu possa impedir, corta uma mecha tão grande do cabelo que faz meus olhos se encherem de lágrimas na hora. Quero retirar o que eu disse, quero voltar no tempo, só trinta segundos, só o suficiente para arrancar a tesoura da mão dela e não ser obrigado a assistir a isso. Assim que os fios caem na sua mão, minhas lágrimas pingam, sem controle.

— Não precisava ter feito isso. — Seco o rosto. É inútil. Não achei que ela fosse capaz. Não mesmo. Porque não acreditei nela.

— Precisava. Porque só assim para você entender que nós estamos nessa juntos. *Juntos! Nós* vamos passar por isso, e para o seu governo eu não vou ter vergonha de porra nenhuma. Jamais teria vergonha de você, pelo contrário, vou fazer questão de te esfregar na cara de todo mundo e mostrar que você é meu. — Seu rosto se fecha naquela expressão que eu odeio, quando ela chora que nem criança, de soluçar. — Como você pode pensar isso?

— Me perdoa? — imploro, dando um passo à frente no momento em que ela corta outra mecha.

— Quando eu disse que ia ficar do seu lado, eu não estava me referindo só a segurar a sua mão e dizer que tudo ficaria bem. Eu disse que ia ficar, e *vou ficar* — frisa. — Eu não posso tomar o seu lugar, e Deus sabe que eu queria, mas, se você tem que perder o seu cabelo, eu também vou perder o

meu, porque isto, Gabriel... — diz, erguendo as mechas que está segurando — ... isto aqui eu posso fazer, e garanto que não é nada comparado a tudo o que eu faria por você — sussurra quando tiro a tesoura de suas mãos trêmulas, que não conseguem cortar mais nada.

Ela senta no chão e esconde o rosto na mão livre, suspirando tremulamente. Só eu sei quanto isso lhe custou. Para qualquer outra pessoa não é nada, é só um punhado enorme de cabelo, mas para minha garota é um pedacinho bem grande da alma do qual está abdicando por mim, só para que eu me sinta melhor.

Ela nunca fez nada parecido por ninguém antes.

— Minha coragem meio que acabou. É agora que você faz a sua parte nesse relacionamento e me ajuda, porque ainda falta metade, Gabs — pede em um murmúrio. É a minha garota de novo, mas não é.

É a mesma garota, mas muito diferente.

Sinto tanto orgulho.

Como eu pude duvidar dela?

— Eu termino, amor — falo com carinho. Acho que a escuto suspirar.

— Só não deixa nada cair no chão — pede, e isso me inquieta. Desde quanto ela liga para isso? O maluco por vassoura aqui sou eu. — Vi alguns avisos no corredor do hospital... Quero doar meu cabelo para alguém — sussurra, fungando.

— Isso é muito... bonito — respondo, com a voz embargada. O egoísmo hoje é meu.

Eu não queria que ela sentisse que precisa me provar alguma coisa, e me odeio o dobro porque, no fundo, *eu precisava que ela provasse*.

Sento no chão e agarro o que sobrou do seu cabelo com uma das mãos, e com a outra passo a tesoura sem pensar em uma linha reta, com dor no coração. Eva cortou que nem o nariz dela, então vamos precisar de um cabeleireiro amanhã para consertar essa merda, de preferência antes que ela se olhe no espelho.

— Você vai precisar me fazer sentir muito bonita, porque eu adorava esse cabelo — choraminga, bem mimada, e eu não me caibo de admiração.

— Eu não queria que você tivesse feito isso. Que inferno, eu amava esse cabelo. Queria até agarrar nele no lance do sofá, mas estou muito orgulhoso de você, amor.

— Por que você não raspa o cabelo de uma vez? — ela sugere, baixinho. — Assim a gente não fica ansioso esperando para ver se vai cair ou não. Você já usou assim, fica lindo. Eu posso te ajudar, se você quiser, assim nós passamos por todas as coisas ruins em um dia só e amanhã vai ser um dia bom.

Não consigo acreditar no que estou ouvindo. Ela é impressionante. Sorrio, secando o rosto. As lágrimas ainda pingam, e eu encosto a testa no seu ombro.

— Gostei da ideia. — Beijo sua pele e tiro o cabelo de suas mãos. Abro uma das gavetas, pego uma sacola e o guardo, depois volto a me sentar, apoiando as costas na parede e os cotovelos nos joelhos para que ela se recoste em mim.

— Quer que eu raspe? — ela insiste, virando para olhar para mim. Está me pedindo para não a afastar.

Não é só uma pergunta.

— Quero. — Eva pula e sai correndo atrás da máquina de cortar cabelo do pai. — Você entrou assim no quarto deles? Pelada mesmo? — puxo assunto quando retorna, e ela acaricia meu cabelo, se despedindo silenciosamente antes de raspá-lo.

— Eles estão roncando. Podemos derrubar a casa que ninguém acordaria — responde, cheia de uma maldade que me assusta, porque a resposta é um belo “foda-se”.

Depois que acaba, mando que ela volte para o banho enquanto limpo tudo. Então me escoro na pia para observar o contorno do seu corpo pelo vidro escuro. Tão perfeito.

— Terminei — aviso.

— Entra aqui. Já terminei também. — A porta do box se abre lentamente e seus olhos me encontram. Antes que eu possa concordar, sinto um enjoo incontrolável e me dobro ao meio. Com uma mão ergo a tampa da privada, e com a outra fecho a porta do box na cara dela. Primeiro choque de realidade em cartaz. O som que sai da minha garganta é ensurdecedor. Conseguo me fazer encolher; imagine Eva.

Vou repetir: que dia mais filho da puta.

Eu me odeio pra caralho por não ter conseguido segurar. Ainda vejo seu contorno exatamente onde estava enquanto me escuta, petrificada. Ultimamente meus dias não têm como piorar. É uma avalanche de coisas ruins acontecendo, uma depois da outra, mas isso consegue superar todo o resto, quando minha garota se mexe e sai do chuveiro. Apoio a mão na sua barriga, pedindo que volte para dentro, mas as dela me afastam antes de arrancar a toalha do suporte com um puxão e jogá-la no chão, onde se senta, abraçando minhas costas. Sinto seu corpo molhar minha camiseta e seus lábios me beijarem por cima do tecido. Só assim, aos poucos, essa merda passa. Puxo a descarga e deito o rosto no antebraço, apoiado no vaso. Não consigo olhar para ela.

— Me perdoa — imploro.

— Você está me pedindo perdão por estar doente? Nunca mais faça isso, Gabriel — ela diz no meu ouvido, afagando minhas costas. — A culpa não é sua, amor.

Acho que quem suspira agora sou eu.

— Eu não quero que você tenha que ver isso. Não é bonito. — Tusso novamente. — Nada vai ser bonito de agora em diante. Era isso que eu queria evitar.

— Você é bonito. O que nós sentimos um pelo outro é bonito. Ainda vamos viver muitas coisas bonitas juntos, então não se culpe. — Dentro de mim tem um misto de tristeza e orgulho sem fim.

— Cadê o “tira de mim”? E os gritos? — pergunto, sorrindo, porque ela odeia essa merda. É bizarro que não



tenha saído correndo.

— Hoje não, Gabs. — Devolve o sorriso. É fraco e está quase morrendo. Seus olhos não escondem como ela está preocupada, mas isso é tudo que vejo neles. Não tem nojo no seu olhar, só amor. — Está melhor? — Faço que sim com a cabeça e deixo que ela me empurre para baixo do chuveiro. Eva ainda sorri enquanto dispara porta afora como um raio. Escovo os dentes e enrolo no banho para nos dar um tempo. Acho que ela não quer chorar na minha frente, e eu muito menos. Quando tiro de dentro de mim tudo de ruim que senti neste dia, me sinto bem melhor, pronto para ir enxugar as lágrimas dela, e me frustro. Os olhos estão vermelhos, mas ela já fez isso sozinha. Eu a encontro esperando por mim, recostada na cama, com uma caneca de chá nas mãos. Tem até um sorriso no rosto quando a entrega, depois que me visto e me sento ao seu lado. Tomo um gole enquanto meu olhar lascivo sobe pelas suas pernas até parar em uma coisa bem interessante.

— Adorei a calcinha — elogio, lhe arrancando uma risada. Encaro um pouco mais o Pato Donald que acena para mim e subo o olhar, até o lugar de que eu mais gosto. — Foi uma ideia muito ruim dormir aqui, muito ruim — comento com tristeza, abandonando a caneca no criado-mudo para me jogar ao lado dela, agarrando seu sutiã vermelho e fazendo seu peito de almofada.

Até mordo a almofada.

— Bebe o resto. — *Odeio chá*, penso, confortável demais para brigar. — Eu sei que você não gosta, mas vai melhorar o seu enjoo. — Ela lê meus pensamentos, e a resposta ainda é não. — Não está sentindo mais nada?

Nego. É verdade, mas um segundo depois me arrependo de não ter mentido.

— Olha para mim, então — ela pede, montando em cima de mim. Sorri largamente enquanto me distraio tocando seu cabelo, que está alguns dedos acima dos ombros, e me dou conta de que não o vejo assim desde que ela era uma garotinha.

— Ficou meigo. — Ainda odeio, mas vou repetir para mim mesmo que ficou meigo até a gente acreditar.

— Está uma merda, né? Pode falar a verdade. Não tive coragem de olhar ainda... — Eu nego e seus olhos se afiam.

— Está, mas amanhã a gente arruma. Ok? — prometo, mordendo o lábio, quando seus olhos antes irritados se enchem de lágrimas. Apanho uma gota antes que escorra e espero que ela me encare. Quando o faz, para minha surpresa, está sorrindo.

— Você está lindo de verdade — funga, e a resposta no meu olhar é um “Vai acabar” que faz seus olhos revirarem. Mas, em vez de discutir, ela se inclina para me beijar.

— Acabei de vomitar. Quer mesmo me beijar? — Franzo o cenho, recuando.

— Eu vivo de porre. Você acha que vai escapar de retribuir o favor um dia? — pergunta, divertida. Abro a boca para

contestar, mas fico quieto. Tem sua lógica, vamos admitir. — O que você está vendo nos meus olhos enquanto eu te olho? — Ela está séria. — Está vendo alguém que parece não querer te beijar, Gabriel? — Ela me mostra que quer bem mais que isso, e eu mostro que quero também, se bem me lembro desde que ela subiu no meu colo.

— Nem pensar. O seu pai está dormindo no quarto ao lado — sussurro, nem sei por quê. Ele dorme como uma pedra e provavelmente não acordaria nem se eu gritasse por socorro, e essa teimosa sabe disso. Eva está sorrindo de um jeito tão malicioso que quero sair correndo. — Não me obrigue — imploro quando ela tira o sutiã. Aí é muita maldade. — *Por favor* — imploro um pouco mais, fechando os olhos quando ela coloca minhas mãos neles, que não resistem a dar uma apertadinha. Não os reabro nem quando escuto um famoso clique, mas aí é porque estou distraído demais morrendo de rir.

*De rir.*

— Sério? — pergunto, sem conseguir respirar, olhando para as algemas. — Se você me fizer rir assim todo dia, vou viver por muito tempo, sabia? — Seus lábios se abrem em um sorriso espontâneo, que vira um sorriso safado assim que seu quadril decide me enlouquecer subindo e descendo...

— Preparado para procurar a chave? — ela retruca, beijando meu ombro.

Eu rio mais, rio até sua boca encontrar a minha, até o beijo terminar e ela ficar séria.

— Eu nunca te olharia de maneira diferente da que te olho agora, porque você não vai deixar de ser você. Eu te amo muito mais por quem você é do que pelo fato de você ser lindo de morrer, Gabs. Sempre vou te olhar assim... — promete, me fazendo tentar esconder o rosto, emocionado. Suas mãos o puxam de volta, levando a minha junto. Os polegares secam desajeitadamente meus olhos marejados e seus lábios procuram os meus.

— Eva, o seu pai está a uma parede de distância e você não sabe ficar quieta. Para... — alerta quando as coisas ficam quentes demais, tipo pegando fogo.

Igual as minhas bochechas vão ficar sempre que eu olhar para o pai dela, se ela me obrigar a fazer isso. E acho que vai, porque ela me ignora.

— Seja um cara normal uma vez na vida — resmunga, se contorcendo para se livrar da calcinha.

— Mas e a cena de crime? — pergunto, para que ela desista.

Profanar esta casa não deveria estar na minha lista de culpas.

— Isso foi ontem — retruca, beijando meu ombro, mordendo minha boca, me provocando. — Ontem tinha que ser perfeito. Hoje é vida real. — Dá de ombros enquanto agarro a cintura dela. — Até coloquei uma calcinha do pato. Você devia ter sacado que o meu romantismo tinha acabado, Gabriel — responde, rindo.

É aqui que eu paro de afastar a melhor coisa que tenho na vida. É aqui que passo a ser grato pelo que ela está fazendo por mim. Por nós. É aqui que a gente começa.

*É aqui que a gente finalmente começa.*

Por você, para jamais ser obrigado a te deixar

When I look into your eyes

It's like watching the night sky or a beautiful sunrise.  
There's so much they hold, and just like them old stars.  
I see that you've come so far to be right where you are.

How old is your soul? I won't give up on us.  
Even if the skies get rough, I'm giving you all my love.

— JASON MRAZ, "I Won't Give Up"

## Eva

Acabo de esticar a roupa de cama limpa e vou atrás dele. Paro no meio da cozinha para admirá-lo e o encontro na lavanderia, bem no meio do quadrado da luz da lua que entra pela janela. Está apenas com uma calça de moletom cinza, de braços cruzados e de costas para mim, observando o lençol que colocou para lavar pelo buraco redondinho da máquina, absorto. Deslizo a mão por sua pele. É tão quente e se arrepia com meu toque. Aproveito bastante antes de envolver sua cintura e mantê-las quietas no lugar. Fecho os olhos e sinto o amor explodir dentro de mim. É essa sensação que importa.

É como eu me sinto quando fecho os olhos que importa.

— Quer me contar alguma coisa? — pergunto, beijando sua nuca. *Me conta, porque eu acho que sei. Tenho quase certeza de que...*

— Quero — ele responde, me surpreendendo, cobrindo minha mão com as suas. Prefere continuar de costas e eu não reclamo. Fico nervosa. Se ele olhar na minha cara, vai saber. — Mas primeiro tenho que te perguntar: Tem certeza que quer saber? Se eu cheguei a ponto de mentir, não é porque tenho prazer em fazer você de trouxa. É porque achei que era melhor.

— A verdade dói menos que a mentira, tenho certeza.  
— Não, não tenho. Sou uma cuzona medrosa que preferiria comer vidro a falar de quem vamos falar, porque eu tenho quase, quase certeza de que o pai do meu menininho psicótico é...

— Ok, então vamos falar do meu pai. — *Esse bosta mesmo.*

— Eu sabia que era ele! — dou um gritinho. Suspiro, me preparando para o que vou escutar. Suas mãos apertam as minhas. Parece que ele está me segurando para não fugir, e isso me dá ainda mais medo.

— Escuta tudo primeiro? — Solto um “uhum”. — O meu pai se casou de novo com uma mulher chamada Lívia. Então, eu suponho que o Guilherme seja filho deles.

— Você me disse que não via o seu pai desde que ele saiu de casa, quando nós éramos pequenos — julgo, embora ele tenha me mandado ficar quieta. Ele me ignora e continua falando.



— Algumas semanas depois que a minha mãe morreu, o meu pai ficou sabendo e me procurou. Ele me ofereceu um lar e uma família com a mulher dele. Me contou que isso tinha sido obra do seu pai. O tio Fernando engoliu o orgulho e foi no trabalho dele avisar que tinha chegado a hora de ser pai, mas que se ele não quisesse tudo bem também, que ele dava conta. — Estou muda, inflada de orgulho do manteiga-derretida que me procriou. Eu queria ser assim também, queria conseguir engolir meu ódio, pelo Gabriel.

— Se ele ofereceu, por que você terminou sozinho?

— Eu tinha acabado de encontrar a carta da sua mãe nas minhas coisas, estava puto por você, não queria esse cara na sua vida, então precisei fazer uma escolha. O problema foi como eu fiz essa escolha. — Ele suspira, pausa e eu nem respiro, porque acho que já respondeu a minha pergunta. — Digamos que eu tenha recusado a oferta com bem menos delicadeza do que o meu pai a fez, antes de pedir com menos delicadeza ainda para ele me emancipar e nunca mais me procurar.

— Você me escolheu — gaguejo. Vou chorar, merda. — É por isso que não vê o seu pai? Por minha causa? — Não é uma pergunta. Tento me soltar. Diferentemente do que imaginei, ele não me segura, claro que não. É o Gabriel.

Preciso respirar. Isso é muito grande. Muito. Muito grande.

— Eu fiz uma escolha e não me arrependo. Nunca me arrependeria de você — ele fala sem olhar para trás. Contorno seu corpo e me encosto na máquina.

— O que você sentiu hoje quando o viu?

Pela cara dele, essa era a única pergunta que Gabriel não queria responder.

— É agora que eu machuco você — avisa e faz uma pausa, me dando a chance de interromper. Continuo quieta, mas agarro sua calça na altura da coxa. Tocá-lo me faz sentir mais segura. — Hoje, quando eu olhei para ele, me dei conta de que poderia ter feito as coisas diferente. Ele pareceu gostar tanto do menino, sabe? — diz, olhando para meus pés, admirando meus dedinhos impacientes com unhas pintadas de azul. — Eu ainda não o quero na sua vida, nem o perdoo pelo que ele fez com você, mas acho que eu devia ter perdoado o meu pai pelo que ele fez comigo e tentado participar da vida dele sem precisar te envolver, porque é isso que uma família faz. — Uma parte egoísta de mim quer muito se irritar, e eu aperto mais o tecido. — Eu era um garoto de dezesseis anos que tinha acabado de perder a mãe, um garoto apaixonado pela pessoa que segurou a barra comigo, e ainda sou. — Sinto que é agora. Não me pede

isso. Não pede. Gabriel pega fôlego e eu fecho os olhos — .... mas agora eu estou doente e quero pedir perdão para o meu pai, Eva. — Porra, ele pediu.

— Ah, Gabriel. Eu quero me encolher!

— Ainda não terminei. Você prometeu ficar quieta. — Assinto, ainda de olhos fechados. Se eu abrir, as lágrimas vão pingar e ele vai ver. Não quero isso. — Eu precisava te contar, mas não vou de fato fazer isso, porque só de pensar em procurá-lo eu sinto como se estivesse te traindo. Então, avaliando as duas dores, ainda prefiro não te magoar. É aquilo com que eu posso conviver. — Abro a boca, pensando no que dizer. Ele não devia precisar escolher, né? Devia ter os dois, nós dois. Mesmo que um de nós não valha nada, e não estou falando de mim. — Agora você pode falar. Pode brigar, inclusive — incentivo quando demoro. — Só fala alguma coisa.

— Espera aqui um pouco? — pergunto, sem olhar para ele.

— Espero — ele assente, receoso.

Saio da lavanderia e vou atrás do meu celular no andar de cima. Eu o pego, depois abro o notebook, chorando tudo que tenho para chorar enquanto acesso o portal da escola e digito minha senha. Em alguns minutos tenho o que quero. Anoto o número no meu celular, lavo o rosto e volto para a lavanderia como se

não estivesse com a alma pingando sangue, então lhe estendo o aparelho.

— O que é isso? — Ele olha para os números na tela.

— Aperta o botão verde e pede perdão para o inútil do seu pai, para que eu possa colocar a cabeça no travesseiro de consciência limpa, sabendo que te amei da maneira certa todos os minutos dos nossos dias. — Seus olhos se arregalam. — Quanto mais rápido, menos chance de eu me arrepender. Anda — insisto e nada.

— Mas e você? Vai se sentir como?

— Eu não vou perdoar o seu pai nem fodendo. Nunca! Mas, se o seu peito está pesando,  *você precisa perdoar* — friso, espalmando a mão em cima do seu coração disparado. — Precisa de mim aqui?

— Você vai ficar bem? — Vou morrer por dentro. Isso foi um sim. Ele precisa.

— Você está falando com a mulher que encarou um hospital, uma química, um corte de cabelo traumático, um namorado mentiroso, que por sinal vomita, e tudo isso de TPM, sem matar ninguém. Eu dou conta. — Sorrio,  *já morrendo por dentro*. Ele morde o lábio, ainda em dúvida, e eu enfio o dedo no botão, tomando a decisão no seu lugar. Depois jogo os braços ao redor do seu pescoço para me apoiar e fico na pontinha dos pés para

colocar o ouvido perto do celular e escutar. Sua mão livre se apoia na minha lombar enquanto escutamos chamar.

Dia de merda esse, viu?

— Alô? — atende uma voz de homem. Gabriel me aperta mais forte, mas não consegue falar nada. Demora até que saia uma pergunta feita em um sussurro.

— Pai? — escutamos a pessoa ofegar do outro lado da linha.

— Gabriel? — ele pergunta, como se estivesse falando com um fantasma. Agora quem aperta o outro mais forte sou eu. Não gostei do tom. Eu queria que fosse mais feliz. Está chocado, como se achasse que nunca mais falaria com ele.

— Sou eu. Eu te vi hoje...

— Viu? Onde?

— Na porta da escola do seu filho. Descobri que a minha namorada é a psicóloga dele. — O pai dele não responde de imediato, e meu coração dá uma cambalhota pelo *namorada*. Acho até que eu suspiro, mesmo que Gabs tenha se enrijecido assim que falou. Ele deve ter se arrependido de me mencionar.

— É a mesma garota? *Aquela* garota? — pergunta, seco, e o resto de mim morre aqui.

— É — responde Gabriel no mesmo tom. — É a *minha* garota — afia a voz ainda mais. Ele se afasta, mas vou

atrás. Quero continuar escutando.

— O Gui sempre fala dela, mas eu não sabia que era a sua... Eu... Eu sinto muito. — As palavras vão morrendo.  
— Posso te ligar depois, Gabriel? — pergunta, se esquivando.

— Eu liguei porque preciso conversar com você. É realmente importante... — Soa firme.

— Está tarde, eu te ligo depois — o pai promete, interrompe, mente. Nós três sabemos que ele não vai ligar. É aqui que eu entendo, finalmente entendo a realidade. *Ele só tem a mim.*

E está tudo bem, porque eu dou conta de cuidar dele sozinha.

*Eu dou.*

Não queira saber o tamanho do meu ódio quando Gabriel afunda o rosto no meu cabelo para se esconder depois que desliga, me apertando forte, tão forte que quase me sufoca. Quando sinto seu peito subir e descer mais rápido, tento me afastar para olhar para ele, mas ele não permite, não me solta, não quer que o veja chorar.

Nunca o vi chorar assim... Bom, só quando perdeu a mãe.

Hoje eu podia matar o pai dele em um estalar de dedos.

Planejo como, quando e onde pelos vinte minutos que ele demora para parar de chorar por causa daquele merda.

— Me promete uma coisa? — pergunta no meu ouvido quando se acalma.

— O que você quiser. — Eu me arrependo assim que solto essa, porque ele me conhece bem.

— Promete que não vai atacar o meu pai como um bicho assim que eu virar as costas? Por favor. Não me perdoar é um direito dele. Eu fiz a minha parte. Estou bem agora.

— Prometo que não vou atacar o seu pai como um bicho. — Já quanto a atropelar ou esfaquear, não prometo nada. Ele sente, sente o ódio na minha voz, mas não me faz repetir a promessa. Em vez disso, me pega no colo e sobe as escadas, sem deixar que eu veja seu rosto.

— Eu estou bem — repete quando nos deitamos, e eu sei que é mentira. Ele está com medo que eu pegue o endereço do mesmo jeito que peguei o número do telefone e estraçalhe o pai dele com os dentes. Até ontem eu teria feito isso. Hoje não.

É aqui que eu mudo. Ia resolver o quê? Só ia deixá-lo mais triste.

— Não, não está, mais vai ficar — falo, beijando seus lábios enquanto compartilhamos o mesmo travesseiro e minha cama de solteiro.

— Eu queria conhecer o garoto. — Ele está me pedindo alguma coisa? Pareceu, porque ele sabe que de nós dois sou melhor em fazer coisas que não podem ser feitas, como roubar um menino. — Mas quer saber? A reação do meu pai só provou o que eu já sabia. Que fiz a escolha certa — fala, recuando um pouquinho, me olhando com cara de apaixonado.

— O que foi? — pergunto, sorrindo, porque Gabriel está me olhando sem dizer nada há muito tempo.

— Namora comigo, minha garota? — ele pede, abrindo o sorriso mais maravilhoso do mundo, e eu acordo a casa inteira com um “sim” antes de cobri-lo de beijos. E olha que meu pai não acorda fácil. Pulo que nem idiota em cima dele, bem apaixonadinha.

A vida é mesmo uma droga, né?

— Preciso me preocupar? — meu pai berra. — Gabriel, você está dormindo na sala, né? — ele confere.

— Não, mas juro que eu não fiz nada — ele mente, se encolhendo.

— Agora as coisas mudaram. Não confio mais em você com as patinhas na minha filha inocente — meu pai continua. — Fiquei sabendo de um beijo na chuva aí.



Minha mulher contou chorando até para os vizinhos, e acho que finalmente chegou a hora de nós termos uma conversinha. Amanhã, no café — determina, sério. — Não se atrase, porque eu estou bem ansioso. Espero por essa conversa faz pelo menos quinze anos — conta, empolgado.

*Só o meu pai mesmo, penso, feliz da vida.*

— Merda, como eu vou olhar na cara do seu pai amanhã? Nunca consigo mentir olhando pra ele — Gabriel cochicha. Meu pai resmunga alguma coisa sobre um sonho e uma lancha e eu caio na risada.

— Não vejo a hora de tomar café — brinco, fazendo Gabriel gemer.

E um dia de merda nunca foi tão perfeito antes.

Até arrumei um namorado.

*Namorado.*

*Namorado.*

*Namorado.*

Vou rabiscar nosso nome em um caderno inteiro amanhã, depois vou planejar um pouco mais como matar o pai dele sem precisar usar os dentes.



— Mas que diabo aconteceu com você? Foi atacada pelo Edward Mãos de Tesoura durante a noite? — meu pai

pergunta assim que nos sentamos à mesa na manhã seguinte. Ninguém repara no cabelo raspado do meu namorado, mas todo mundo repara no meu. Clara até cuspiu o café quando me viu.

— Tá tão ruim assim? — gemo, colocando as mãos na cabeça. Gabs nega, tentando não rir. Meu pai e minha irmã assentem, e minha madrasta parece prestes a chorar.

— Por que você e a Ju não passam o dia no salão? — Gabriel pergunta, gentil. Traduzindo: *Detone o meu cartão e arrume essa merda.*

— A Ju ainda está de castigo, então não tem mesada — minha irmã responde por mim. Clara abre a boca, mas Gabriel é mais rápido.

— A Ju tem um cunhado bem bonzinho que precisa trabalhar, então vai pagar pelo tempo dela — ele retruca, divertido, mas firme, olhando dentro dos seus olhos para que ela capte a dica. Ele está jogando o problema (eu) na mão da menina, na maior cara de pau.

— A Ju ama muito o cunhado bonzinho dela e adoraria fazer as unhas e uma escova no cabelo! — A vendida bate palminhas e ele lhe manda um beijo.

— Vai trabalhar? — pergunto, brava.

— Por que todas as nossas conversas têm que ser difíceis, amor? — ele cantarola.

— Não precisam ser. — Encolho os ombros. É interesse dele colaborar, né?

— Vamos tentar... — Assinto. — Ok. Preciso ir para o 2º DP coordenar algumas coisas com o Jair e a equipe dele, porque esta madrugada vamos trabalhar em parceria em um dos meus casos. — Meus olhos pedem mais. — Vamos cumprir trinta e quatro mandados de prisão.

Uau, estou quase satisfeita.

— Qual é o caso?

Assim que escuta a pergunta, seus dentes atacam o lábio. Um pequeno tique de quem adoraria mentir.

— Vou subir no São Bento para pegar um traficante — ele responde, escolhendo ser evasivo.

— No morro São Bento? — Ele faz que sim com a cabeça e completa com uma careta pela minha boa memória. — Vai prender o *seu* traficante?

— Ele não é o “meu traficante” — arqueja, resignado, fazendo aspas no ar, mas tem um sorrisinho vitorioso nos lábios.

— Vou reformular: aquele que mandou dois caras para te apagar? É com esse cara que você vai brincar hoje? Justo hoje?

Gabriel vê pelo meu olhar que eu acho que ele deveria ficar de boa por alguns dias. Vomitou as tripas ontem, pombas. Custa sossegar o rabo?

— Estou trabalhando nesse caso há quase dois anos. O filho da puta contratou dois caras para me matar e me fez estragar um lindo tapete. Ele me irritou profundamente e *é o meu traficante*. Só eu prendo o meu traficante, amor — pontua, assumindo que é uma criaturinha possessiva e vingativa, tomando um gole de café. Pelo tom, encerrou o assunto.

Dou o braço a torcer, porque ele deu duro para pegar esse cara e falou a verdade. Isso tem que contar para alguma coisa, tipo dar petisco para cachorro, sabe? Se ele ficar feliz, vai fazer de novo. Ok, acho que fomos bem.

— Te vejo ainda hoje? — pergunto, chateada. Não queria ficar nem um minuto longe dele.

— Volto para tomar banho e te ver antes de ir. Tenho que estar umas dez horas na delegacia para coordenar a minha equipe antes de subir. — Assinto, contente por ter pensado em vir para minha casa em vez da dele. — E aí? Fomos bem, né? — Ele lê meus pensamentos e eu concordo.

— Esse entendimento é lindo, juro — alguém sussurra, maravilhado —, mas ninguém respondeu a minha pergunta ainda. — Ambos olhamos para meu pai, surpresos. Tínhamos nos esquecido da plateia. — Que merda aconteceu com o seu cabelo? Eu também queria

saber por que diabo vocês passaram a noite lavando roupa — ele pergunta com tanto espanto que todo mundo cai na dele, menos eu e Gabs, que fica da cor da toalha de mesa, vermelho-vivo, assim que ouve a pergunta.

— Fui eu — Clara se adianta. — Acordei à noite para beber água e aproveitei para colocar a roupa de cama na máquina.

Nossa, ela mente muito bem. Acho que ainda não sabe como funciona o meu relacionamento com meu pai.

Ela está mentindo para o cara que compra meus anticoncepcionais.

— Gabriel, por que você está me olhando assim, filho? Com cara de culpa? — Meu pai tira uma da cara dele sem remorso. Que sacana! Gabs está quase enfiado embaixo da mesa.

— Fernando, querido... será que nós podemos conversar na cozinha? — tenta minha madrasta, desesperada, e eu caio na risada meio segundo antes do meu pai. Nos acabamos de rir, tanto que até choramos. Acho que temos o mesmo humor sádico.

— Ele foi mãe, Clara. Não preciso esconder nada do meu pai — explico, enxugando os olhos. — A gente brincou com a algema, de verdade desta vez. Depois ele me pediu em namoro, pai — conto a fofoca, toda

animada, deitando no peito do bom ator que me criou, bem a tempo de me desviar de um cala-boca em forma de chute na canela vindo de Gabs. Antes de descermos, ele foi claro em dizer: “Nada de detalhes sórdidos”.

Clara está sorrindo, meio boba.

— Ele pediu você em namoro, foi? Esse é o meu garoto — comenta meu pai, orgulhoso do caráter de Gabriel.

— Que susto vocês me deram! — comenta Clara, colocando a mão no coração. — Eu já estava pensando em que diabo ia te falar na cozinha.

— Susto você vai tomar amanhã, quando olhar a nossa conta bancária. Nós vamos falir — ele devolve, me tirando de seu peito para beijar sua mulher. Em vez de me ofender, me pego sorrindo. Gabs chuta minha canela de leve para avisar e eu fecho a cara para o romance deles, depois pisco, agradecendo. — Eu prometi que, se um dia esse menino profanasse o meu lar e pedisse a minha filha em namoro, eu daria um bom presente para lemanjá — lamenta, olhando sério para Gabriel, e eu estou rindo de novo. — Sempre foi o meu maior sonho... Menos a parte de profanar a casa. Essa a gente só tolera e não pensa.

— Um bom presente? — Clara pergunta, curiosa.

— Mais tarde vou sair para comprar uma lancha para ela — avisa, todo contente, fazendo todo mundo cair na risada.

— Uma lancha? — Clara pergunta, erguendo as sobrancelhas.

— Prometer um barquinho não ia resolver essa bucha, Maria Clara. — Encolhe os ombros. — E que história é essa de encobrir as sacanagens da minha filha pervertida?

Ela me olha e sorri, depois desvia o olhar rapidamente para que ele não perceba. Acho fofo ela não me dedurar. Fofo. Agora eu uso a palavra “fofo” quando me refiro a ela. *Ah, isso tá ficando cada vez pior!*

Eles discutem de brincadeira e eu me pego sorrindo de novo. Acho que amo minha família, e amo ainda mais o cara que está sorrindo para o meu sorriso do outro lado da mesa, com as bochechas coradas de vergonha, como se ainda fosse um garoto. O mesmo que me empurra seu prato, dividindo comigo seu café da manhã, porque sabe que tudo o que vem dele é mais gostoso para mim. Finalmente um dia bom, como eu disse.



Clara decide não ir para o trabalho e nos acompanha ao cabeleireiro. Passamos uma manhã legal, nós três.

Quando voltamos, Ju vai para o colégio e nós duas para a praia. No fim do dia ainda não estou cansada dela, porque não consigo desgrudar. Depois de tomar um banho, terminamos na cozinha. Eu a observo picando legumes na tábua e mordo o lábio.

— Eu queimei a sopa ontem... — Assim que escuta minha voz, ela vira o pescoço para me olhar. — Fiquei muito irritada comigo mesma e arremessei sua panela na pia. Sinto muito, mas quebrou — escapa antes que eu possa evitar. Estico os lábios, mostrando os dentes em um *Ops*. Seu silêncio me dá um friozinho na barriga. — Pode descontar do meu salário — completo, para tentar ajudar.

— Por que você está me olhando como se eu fosse te colocar de castigo por quebrar uma panela? É só uma panela. Eu ficaria triste se você tivesse se machucado. Machucou? — pergunta, preocupada. Reviro os olhos. — Eu a adorava, mas se estivesse no seu lugar também sentiria vontade de quebrá-la depois de queimar o jantar nas circunstâncias em que aconteceu. Você estava tentando ser gentil e deu errado, compreendo a sua frustração.

— Mas no meu lugar você não a quebraria, né? — Suspiro. Seu silêncio responde.



— Não precisa me pagar. A panela é o de menos. Depositei seu primeiro pagamento hoje, por falar nisso — ela me conta, e na hora tateio meu celular, confiro o valor na minha conta e transfiro tudo para o Gabriel. Sempre cuidei da conta dele quando eu trabalhava no banco. Sei os dados de cor e acho justo, já que ele disse para eu continuar usando o cartão dele.

— Obrigada. — Enrolo com o celular nas mãos enquanto ela continua cozinhando e quico no lugar, tendo uma ideia. — Clara, você me ensinaria a cozinhar? — Isso a surpreende, e rouba um sorriso também. — O Gabriel se ofereceu para contratar alguém, mas não quero que a responsabilidade de cuidar dele seja de outra pessoa.

— Vem aqui. Você vai fazer o nosso jantar — chama, empolgada. — Você pode ter uma aula todo dia. Basta vocês virem jantar e chegarem um pouquinho mais cedo. Já sabe se vai ficar na casa dele?

— Não conversamos sobre isso ainda, mas não vou desgrudar — conto, me aproximando, mas antes que possamos começar meu celular toca. Olho para a tela e penso um pouco antes de apertar o botão verde.

— Eva? — ela diz com alívio, como se achasse que eu não a atenderia. — Podemos conversar? — Liv implora.

— Estou ocupada — respondo, mordendo o lábio. Ela fica quieta e meu peito aperta. Ah, que se dane. Estou sendo boazinha com todo mundo, só mais uma não vai me matar. Tapo o celular. — Posso convidar meu irmão vândalo de carros e minha cunhada mentirosa para o jantar? — Minha madrasta assente com um minúsculo sorriso. — Estou aprendendo a cozinhar com a Clara. Querem ser cobaias?

— Claro, estou de folga. Posso ir agora e o seu irmão me encontra depois?

— Bom... Você sabe cozinhar, então eu acho que pode ajudar — falo, me rendendo. Liv desliga antes que eu mude de ideia. Enfio o aparelho no bolso e encaro minha mais nova professora, pronta para a aula. Ela está me olhando de um jeito muito estranho. — O que foi? — pergunto, cabreira.

— Quando eu acho que você não pode me orgulhar mais... — sussurra, olhando para o teto, emocionada. Eu fico também, tanto que nem consigo responder. — Vamos lá, vamos aprender a não matar o meu genro de fome... — diz e depois me ensina tudo que eu preciso saber para fazer o jantar.

Tenho dó de quem vai comer essa merda.

## Gabriel

Abandono o carro na rua e uso minha chave para entrar. Nem me preocupo em trancar o portão, porque passei rapidinho só para tomar um banho e ver Eva. Caminho distraidamente, trocando mensagens com o delegado do 2º DP com uma mão e equilibrando uma mentira com a outra. Nós vamos cumprir dezessete mandados de prisão, e a equipe dele mais dezessete. Nada pode dar errado hoje. Entro pela porta da sala e sinto alguém agarrar minha calça. Desvio o olhar da tela e encontro meu sogro — sogro! — escondido, agachado atrás de um vaso de plantas. Isso deveria me fazer sair correndo, não? Mas só me diverte. Não tenho tempo de perguntar o que ele está fazendo antes que me puxe e eu termine sentado ao seu lado. Apoio as costas na parede e meus olhos encontram meu cunhado — cunhado! — na outra extremidade do vaso. Pelas roupas, os dois acabaram de chegar do posto. Mas que diabo?

— O que está acontecendo? — cochicho. Fernando tapa minha boca e faz um sinal para que eu escute.

— Você acha que tem tempo para umas aulinhas a mais? Não tenho ideia de como se lava um banheiro — eu a escuto falar.

*Ok, isso é interessante.*

— Eu te transformo em uma garota prendada em uma semana. Você aprende rápido — Clara exclama, tocando o ombro de Eva enquanto ela... pica legumes?

— Ela está cozinhando? — cochicho.

— E já suspirou para minha mulher três vezes — seu pai comenta, fascinado.

— Quer ir à praia amanhã? — escuto Liv perguntar. Eva responde que sim e emenda outro assunto com bom humor e... Uau.

— Esqueci de dizer: ela perdoou a sua cúmplice também — continua o pai, como se fosse uma coisa normal e não um sinal de que o apocalipse está próximo. Clara nos vê e dá uma disfarçada antes de disparar ao nosso encontro, se sentando à minha frente, toda empolgada.

Ela ganha pontos por estar de salto e roupa social e nem sequer pensar antes de se sentar no chão. Minha mãe era igual. Tão humana que doía.

*Ela é muito, muito parecida com a minha mãe.*

— O que vocês estão fazendo?

— Testemunhando um milagre — Fernando responde. Os olhos dela passam por mim, reparam no que tenho em mãos e se estreitam, confusos.

— Passei rapidinho em casa e aproveitei para trazer e devolver. Obrigada pela sopa, Clara — agradeço, entregando a panela nas suas mãos. — Estava ótima. — Sorrio, mentindo na cara dura. Não quero que a mágica entre as duas acabe, ainda mais por causa de algo tão bobo.

— Desde quando você faz isso, Gabriel? — ela pergunta, séria, erguendo a panela na altura dos meus olhos.

— O quê? Buscar panelas em casa? — pergunto, me fingindo de idiota, porque está na cara que ela sabe a verdade.

— Limpar a bagunça dela.

*Hum... sempre?*

— Eles tinham cinco anos quando eu vi pela primeira vez — Fernando entrega. — A Eva quebrou minha caneta preferida e esse idiota assumiu a culpa quando eu perguntei o que houve. Eu tinha assistido a tudo da porta. Acredita que a sem-vergonha ficou quietinha enquanto ele tomou a bronca no lugar dela?

Não lembro disso, mas acredito nele.

— Quanto tempo demorou para achar uma igual? —  
Minhas bochechas esquentam. — Quanto? — *Ela até fala  
como a minha mãe.*

— Duas horas, mas faço isso com a mão nas costas —  
admito. Fernando me olha feio, porque sabe que estou  
ocupado hoje. Dou de ombros; sempre acho tempo para  
ela. — Mas como você soube, Clara? Comprei errado? A  
vendedora jurou...

— A sua namorada agora limpa a própria bagunça —  
ela me interrompe. — Ela me contou o que aconteceu  
ontem. — *Mentira!* — Por que você acha que eu estou  
ensinando a Eva a cozinhar? Ela me pediu porque não  
quer que você contrate uma empregada. Quer cuidar de  
você por conta própria. — *Porra!* — É bonito, né? —  
*Muito!* — Então finjam que o jantar está uma delícia.  
Como a primeira aula foi hoje, não esperem muito.

— Devo ligar para o Rafa aparecer com umas pizzas  
de surpresa? — Adam pergunta, ganhando um olhar feio  
de nós três.

— Nós vamos comer a porcaria que a sua irmã fizer e  
dizer que é a coisa mais maravilhosa que já provamos,  
porque o que ela está fazendo para mim é. Tem um gosto  
de orgulho ótimo — determina o pai, em tom sério. Uma  
raridade. — Você sente isso também, Gabriel? — Eu

assinto enquanto a observo debruçada sobre um caderno de receitas, concentrada, séria. *Tão linda.*

— Se importa de comprar um iate para lemanjá, em vez de uma lancha? Talvez tenhamos mais o que agradecer — digo, me virando para Fernando.

— Do que exatamente estamos falando? — ele exige saber, com um ar divertido. Minhas bochechas coram e eu encaro suas pernas. — Você sempre respeitou a minha filha. Pode me olhar nos olhos e pedir o que quiser, bocó! — ele briga e eu obedeço.

— Ela pode morar comigo? Oficialmente.

O sorriso dele responde.

— Se você casar com a caminhão de mudança, vai me falir mais que o casamento que o Adam mente para todo mundo que está pagando — ele finge lamentar. Meu sorriso diz o tamanho do meu obrigado.

— A Olívia acha que eu paguei o casamento, e eu espero que continue assim, pai. E ela não tem nada que saber que eu estou pagando aquele videogame que “você me deu” — diz Adam, fazendo aspas no ar do seu esconderijo. Reviro os olhos. Para alguém que não gosta de mentiras, ele devia era pagar o carro da Eva, isso sim.

— Vamos! — chamo. Eles me olham, confusos. — Andem, eu preciso de ajuda. — Não tenho que dizer mais nada para que os dois me sigam enquanto Clara distrai

Eva na cozinha. Meia hora depois entramos na sala com muitas caixas de papelão.

— Você chegou! — ela berra, correndo, quando me vê. Fica na ponta dos pés para me beijar depois de enlaçar os braços no meu pescoço. Eu retribuo e me afasto dela para ver como ficou o cabelo.

— Ficou bem legal. — Na verdade, ficou mesmo. Tudo fica uma graça nela.

Ela é uma graça.

— Esse seu amor cego que nunca tem fim me fascina, Gabriel. — Ela suspira teatralmente. — O que vocês vão fazer com tudo isso? — pergunta, olhando ao redor, para o pai e o irmão empilhando as caixas.

— Vocês vão arrumar a mudança enquanto eu vou prender o meu traficante.

— Quem vai mudar? — Ela franze o cenho. É impressão minha ou seus olhos procuraram os de Clara, cheios de medo? Eva, Eva, você está se apaixonando e nem está percebendo...

— Você, boba. — Roubo um beijo. — Quem mais arrumou um namorado ontem que tem uma casa legal com uma cama novinha? — Seus olhos piscam lentamente, surpresos. — Abre a mão. — Quando ela obedece, tiro uma chave do bolso e coloco na sua palma,



mas não solto. — Quer morar comigo e me fazer um péssimo jantar todo dia, Eva Marinho?

Em qualquer outro momento minha garota teria feito piada, dito que estou indo muito rápido, mas agora ela não brinca com o nosso tempo. Agarra a chave, pula no meu colo e me beija.

— Quero, mas você vai ter que falar que está gostoso *todos os dias* — sussurra na minha boca, e depois de provar o jantar descubro que vou mentir bastante, porque estava uma droga, mas ainda sou a pessoa mais feliz do mundo.

Uma pessoa feliz que não deveria ter olhado feio para Adam quando ele sugeriu aquelas pizzas.



— Eu quero as viaturas apagadas — ordeno, erguendo os olhos do celular. — Sem alarde. Se resistir, algema e joga no camburão. Sem papo e sem bate-boca com suspeito. Isso atrasa, e hoje nós não temos tempo a perder. — Passo os olhos em um por um, pensando em como falar sutilmente. — Vou subir para pegar o Jorge primeiro, depois é a vez de vocês. Tudo tem que ser feito o mais rápido possível, porque assim que o pegarmos a notícia vai vazar e eu não quero perder nenhum. Entenderam? Vou ficar puto se a gente perder alguém no meu último

caso aqui. — Bem sutil, né? As cabecinhas concordam até o que eu falei fazer sentido, depois alguns engasgam com o café.

— Como é? — pergunta um dos investigadores. Eu sorrio.

— É o que você ouviu. Vou fechar tudo o que eu tenho pendente e me afastar da delegacia. O Rafael vai explicar o motivo depois. — Porque eu não estou a fim.

Rafa me olha com cara de choro, me implorando para não fazê-lo contar. Firmo o olhar esperando até que assinta, e só aí dou as costas para eles.

— Vamos trabalhar, gente — mando, disparando pelas escadas até a rua.

Quando todo mundo desce, já estou bem confortável no banco do passageiro de uma das viaturas. Desejamos boa sorte a todos e as equipes se dividem, ocupando o restante dos carros. Rafa e o investigador de olhinhos tristes que soltou aquele “como é” entram em silêncio. Espero que meu melhor amigo pergunte alguma coisa, mas ele não o faz. O chorão, sim.

— Posso fazer uma festa de despedida pelo menos, chefe?

— Não.

— Gabriel — Rafael chia.

— Pode. — Chatice!

Rafa só me questiona quando me pega sozinho, depois que cercamos a casa do traficante. Minhas costas grudam no muro, eu troco a arma de mão e me inclino para dar uma espiada. Só de sacanagem, vou estourar a porta. Os capangas dele arrombaram a minha. Tô vingativo hoje.

— Vai se afastar durante todo o tratamento? — ele pergunta, triste. Assinto, distraído, conferindo se todo mundo está na posição. — Por quê?

Faço um sinal para os outros, avisando que vamos invadir, e me viro para Rafael um segundo antes.

— Vou brincar de casinha com a Eva, amor. — Sorrio, feliz, engatilho o fuzil e deixo Rafael e seus olhinhos marejados para trás a fim de cobrar aquele tiro.

Brincar de algemas com meu traficante é uma delícia, principalmente porque o idiota tentou fugir e agora vai ficar um bom tempo sem andar, depois de tomar umas coronhadas de fuzil na coxa. Sabe como é, né? Fiz uma química ontem e tal, não posso ficar perseguindo bandido por aí. Nada saiu errado. Só não é melhor que brincar de algemas com Eva. Nada supera isso.

Três dias depois estamos na porta do quarto, abraçados. Terminamos de arrumar as coisas hoje, então fiz tudo bonitinho, até entrei em casa com ela no colo e subi a escada. Acabei de soltá-la e agora estamos aqui,

que nem idiotas, olhando para a cama como se fosse a coisa mais maravilhosa do mundo, *porque é*.

— Isso está mesmo acontecendo? — ela pergunta, encantada, apoiando a nuca no meu ombro. Olha para cima. Nos meus olhos.

— Precisa de uma prova? — Como se eu não tivesse planejado este momento.

Estou devendo uma coisa para Eva.

— Talvez. — Ela sorri, desviando os olhos para nosso objeto de fascinação. Encosto o rosto no dela por um instante e a solto, pulando em cima do colchão. Tiro uma caneta do bolso, de tinta permanente para tecido, e escrevo o nome dela na cabeceira acolchoada. Do lado direito, onde Eva dorme desde sempre quando é comigo.

— Agora tem o seu nome nela. — Assim que termino de falar, sinto a caneta ser tirada das minhas mãos. Ela se pendura no meu ombro e escreve o meu nome do outro lado. Uma promessa silenciosa de que esta cama é apenas nossa. *Nossa*. — E agora? Acredita? — pergunto, quando ela arremessa a caneta longe antes de me puxar para cima dela. Um beijo, dois, três.

— Falta uma coisa para eu acreditar que é de verdade. — Hum, esse tom.

— Estrear? — Abro um sorriso pervertido e ela nega, me olhando de maneira muito suspeita. Mordo o lábio.

Por dentro já estou rindo do que ela vai dizer. Eva vai foder o momento romântico em três, dois, um...

— Pensei em estrear o sofá primeiro, o lance de quatr... — Ela engole o que queria dizer quando a arranco da cama e a empurro para fora do quarto mais rápido que um raio. Não resisto em dar mais uma olhadinha para nossos nomes, lado a lado. — Quer que eu fique parada ou posso dar uma reboladinha...?

— Nós não precisamos de romantismo neste relacionamento, entendeu? — digo, tirando-a do chão, e suas pernas envolvem minha cintura. — Nem um pouco — determino, beijando minha péssima e risonha cozinheira enquanto descemos a escada. Até atropelamos o gato, que dá uma mordida no tornozelo dela para mostrar seu descontentamento.

— Gato malvado. Briga com ele, Gabriel — ela resmunga, sem tirar a boca da minha.

Ainda estou rindo quando chegamos ao sofá.

Eu.

Ela.

O gato.

Esta casa e uma vida.

Nós vamos ter isso.

Mesmo que o gato não queira.

Eva

## ALGUMAS SEMANAS DEPOIS

Temos uma rotina, e é bem legal.

Gabriel vem me trazer no trabalho e me pede para enrolar no carro até dar meu horário, dizendo que Marcelo já está na delegacia e que ele quer um tempinho a mais comigo. Toda vez que me traz, a desculpa para ficar um “pouquinho a mais” é diferente, mas eu não ligo, porque ganho muitos beijos no processo. Será que ele pensa que eu sou besta? Enfim, aí ele me prende em um papo cilada que começa assim: “Sabe quanto o ‘coitadinho’ do seu irmão” — palavras dele, não minhas — “está chateado porque não consegue dar um bebê para a Liv?” A mesma maluca que está transformando a vida dele em um verdadeiro inferno porque quer mesmo o tal bebê — e a minha também, por tabela. Agora estou escutando quanto minha amizade com ela é bonita. Daqui a pouco Gabriel vai me dizer que a Liv precisa se distrair um pouco e jogar o problema no meu colo, como o Adam deve ter pedido. Agora que eu estou mais

boazinha, as pessoas estão se aproveitando de mim. Todas elas. E o pior? Esse idiota deixa.

Só esta semana, eu já fiz o livro-caixa do posto e ensinei porcentagem a uma adolescente, o que é fichinha depois de tantos anos no banco, mas nem por isso foi divertido. Fui mordida pelo gato todas as sete vezes que tentei alimentá-lo, até Gabriel insistir que eu o deixasse cuidar do assunto. Até o Rafa entrou nessa e me obrigou a fazer amizade com o seu salva-vidas em um jantar lá em casa, só para perguntar sobre ele depois. Consegui descobrir bem rápido que o cara está apaixonado. Os dois estão.

Estou sendo explorada e torturada para fazer a felicidade deles, e meu namorado não está nem aí.

— Será que você não pode passar um tempo com a Liv?  
— Viu? *Gabriel já se preocupou mais com os meus sentimentos... Como será que o estão comprando?* — Ia fazer muito bem para o estado emocional do coitadinho do...  
— Sua voz vai desaparecendo gradativamente, e, quando aperta minha mão com ansiedade, meus olhos já encontraram Guilherme descendo de um carro na esquina. É o da mãe. — Amor...

— Está me pedindo alguma coisa? — pergunto, pressentindo que o garoto vai cair em uma armadilha. Vai ter que passar por nós para entrar no colégio. — Não precisa dizer com todas as letras. Eu sei que você não gosta de fazer nada errado. Um sinalzinho basta. Você sabe que eu não

tenho o mesmo problema. — Nada acontece até que Guilherme esteja perto e minha mão seja apertada, no último minuto do segundo tempo. — Ei, tranqueira, vem aqui! — berro.

Gui abre um sorriso treteiro quando me vê.

— Pronta para me pagar o que deve, Eva? — pergunta, se abaixando e apoiando o braço na janela.

— O homem lindo ao meu lado prova que o único devedor aqui é você, guri. — Aponto. Ele se abaixa mais e encara Gabs, abrindo um sorriso ainda maior, depois me olha, erguendo uma sobrancelha. — Se você disser que ele é muito bonito para ser meu, vai ter problemas — aviso, e ele gargalha.

— Eu sou o Gui — se apresenta, estendendo a mão, que Gabs aperta, nas nuvens. — Você é o melhor amigo dela, por quem a Eva é caidinha? — Gabs assente. — Por acaso pediu ela em namoro?

— Pedi — Gabriel responde, sorrindo, fazendo o menino suspirar dramaticamente.

— Bom, eu sou honesto, e também covarde, então... — reclama, tirando cinquenta reais da carteira e me estendendo. Ergo minha patinha e recebo um beliscão na bunda. Ah, é. Não posso tirar dinheiro de uma criança. Recuso a oferta resmungando, mas o garoto nem percebe, porque seus olhos foram capturados por uma menina loira e aparentemente simpática que vem andando pela calçada. —



Será que um dia eu vou namorar a minha melhor amiga, como vocês?

Seguimos seu olhar e a observamos abrir um sorriso fofo quando o vê. Ele acena para a garota e nos examina, atrás da sua resposta.

— Eu já era apaixonado pela Eva na sua idade — Gabriel conta. — Olha quantos anos eu perdi por falta de coragem — diz. — Fala com ela — aconselha.

— Ela terminou com o namorado, mas e se me disser não? E se não quiser mais ser minha amiga? — *Ih, eu passei por tudo isso.* Reviro os olhos.

— Ela não vai dizer não, Gui. — O olhar do menino mostra que ele não tem certeza. — Tenho mais experiência, pode acreditar. Você não vai ser rejeitado, eu te garanto. — Não tenho ideia do porquê, mas Guilherme encara Gabriel por um segundo e acredita nele.

— Tem certeza? — pergunto, ansiosa, enquanto vemos Guilherme parar a menina no meio do caminho. Quero muito que dê certo. Eles são fofos juntos.

— Tenho — Gabriel afirma, e um minuto depois assistimos a um beijo. Gui a gruda na parede e meus olhos se arregalam. — Isso! — comemora Gabriel, socando o ar.

— Mas que diabo! Como você sabia? — pergunto. O beijo dos dois é um verdadeiro desentupidor de pia adolescente, que termina com eles fugindo para a pracinha na rua de trás, ainda se pegando.

— Ela abriu o mesmo sorrisinho que você abria para mim quando me via. Foi só um palpite. — Dá de ombros, antes de me agarrar e me arrancar umas risadas. Como é trouxa.

De repente ele para, se recosta no banco e suspira, como se a felicidade tivesse acabado.

— Eu estaria me sentindo bem melhor se não fosse ser demitida por sua causa — brinco. As sobrancelhas dele se erguem. — Se o garoto não tem mais problema, eu não tenho mais emprego, certo?

Em vez de rir, Gabs sorri para mim e encara o relógio no painel, uma dica sutil de que quer ficar sozinho. Por que parece tão chateado?

— Não gostou dele? — pergunto, surpresa. Ele nega, em meio a um suspiro, e desvia os olhos para fora. Ah. O problema é justamente o contrário.

— Eu não devia ter te pedido. Foi uma péssima ideia. — Ele encolhe os ombros e liga o carro, mais uma dica sutil. — É horrível não poder conhecê-lo de verdade sabendo que é meu irmão, mas obrigado por ter feito isso por mim, amor. Vou para casa, ok? Não estou com cabeça para trabalhar. O Marcelo está lá; ele me cobre.

— Ok... — Essa é a primeira vez que ele usa o tratamento como desculpa para fugir de um plantão. É estranho, principalmente por ser o último antes que ele saia de licença. Será que ainda está me pedindo alguma coisa?

— Me liga para eu te pegar quando acabar. — Ele me beija, se estica e abre minha porta, parando de ser sutil. Eu me deixo ser expulsa de sua tristeza e entro na escola pensando em como resolver essa merda. Ele sempre resolveu as minhas, é justo que agora seja a minha vez.

Roubar o garoto e mentir para os pais dele, para que Gabs e Guilherme possam passar um tempo juntos, é minha primeira ideia. Ele pode dizer que vai à casa de um amigo e entrar no meu carro... Quando chego a minha sala, já não estou tão certa de que é uma boa. E se de alguma maneira isso cair nas costas de Clara? Posso acabar prejudicando a escola e magoando minha madrasta, que por sinal é quem me emprega. Fora que Gabs não ficaria nada contente, porque aposto que sequestro faz parte daquela lista de coisas que nem ele consegue resolver. E agora? O que Gabs faria se estivesse no meu lugar?

Tiro o telefone do gancho.

— Lucia, me faz um favor? — Detesto essa moça, principalmente porque é uma grossa que só responde com rosnados. Será que foi um sim? — Liga para a mãe do Guilherme de Pádua Venturini, do 9º B, e pede para ela dar uma passadinha na minha sala quando vier buscá-lo, por favor? — Ela rosna de novo e desliga. O pai dele só o busca às segundas. Assim como Gabs, tenho prestado bastante atenção no Gui.

Horas depois, alguém bate na minha porta e, quando abro, vejo um fantasma.

Eu vejo a minha mãe.

— Eva? — a mulher fala com o mesmo sorriso que minha mãe tinha nos lábios, passa a mão no cabelo da mesma cor, pisca os olhos gentis como os dela. Ela é idêntica à minha mãe, e não tenho ideia do que sinto a respeito disso, mas odeio saber que um dia aquele homem a amou a ponto de precisar procurar alguém igual a ela para calar seu coração, porque isso me faz odiá-lo um pouquinho menos, e ele não merece isso. Não pelo que está fazendo com Gabriel. Vê-lo olhar distraidamente para o telefone com tristeza, mesmo sabendo que o pai não vai ligar, sempre que acha que não estou prestando atenção, me faz querer atacar alguém como um bicho.

— Sou eu. É um prazer. — Estendo a mão e vejo Gui me olhando preocupado, encostado na parede do corredor. — Espera aqui um minuto enquanto eu falo com a sua mãe, Gui?

Os olhos dele se apavoram mais e eu sorrio com ar profissional, dando um passo para o lado para que Lívia entre. Indico a cadeira em frente à minha mesa, sento, respiro fundo e faço o que eu sei fazer de melhor: constranger alguém.

— Você sabe quem é Gabriel Venturini? — Seus olhos se arregalam. — Ótimo, esse mesmo em quem você pensou. —

Sorriso. — O seu marido de merda não quer dar uma nova chance ao meu namorado, mas eu queria muito te perguntar, Livia: O seu filho pode decidir se quer conhecer o irmão? Porque o irmão dele quer mais que tudo na vida conhecê-lo. Já adianto que, se a resposta for não, eu vou me demitir para não prejudicar a minha madrasta e roubar o seu filho por uma tarde, mas nada de mau vai acontecer com ele na casa de um delegado, prometo. — Ótimo, acho que fui bem. Fiz a mulher engasgar, mas acho que fui bem. Eu poderia ter falado sobre a doença, mas preferiria entrar no mar antes de usá-lo assim, porque sei que isso arrancaria um pedaço do seu coração.

De todas as coisas que essa mulher poderia ter feito, como gritar, bater na mesa, perguntar quem diabo eu sou para falar com ela desse jeito, ela escolhe caminhar até a porta e me dar as costas. Respiro fundo, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas, e vou atrás, pensando no que posso falar para convencê-la a mudar de ideia. Engasgo quando ela abre a porta, encara o filho e faz a seguinte pergunta:

— Você ainda quer conhecer o Gabriel mais que tudo no mundo? — Os olhos dele brilham em reconhecimento, e os meus se estreitam. Gui assente, fascinado, nem consegue falar, e pode apostar que somos dois. — Então hoje você vai passar a tarde com o seu irmão e a Eva — avisa, antes de se virar para mim. — Ele tem que estar em casa às sete. O pai

chega às oito. — Um claro aviso de que vai esconder isso do marido. Guilherme pula em cima dela, dando um susto em nós duas.

— Obrigado, mãe — sussurra, meio emocionado. Até eu estou.

— Obrigada. — Eu me jogo em cima dela também.

— Agradeça à Maria Clara. — Ela sorri afetuosamente quando me afasto. — Quando liguei para perguntar o que a psicóloga do meu filho queria comigo, ela me disse para confiar em você, e, bom, eu confio nela. A Clara cuida do Gui aqui desde que ele era bebê, então vou fazer o que ela me pediu. Só cumpra o horário, Eva. — Ela repete a importância disso e eu assinto.

Assim que se despede de nós, eu agarro minha bolsa e a camiseta do menino e o arrasto pelas escadas.

— Vamos ver o seu namorado ainda hoje, Eva? — pergunta, curioso, quando saímos do prédio. — Eu queria agradecer, sabe? — diz, vermelho.

Caramba, ele é uma gracinha. Deve arrebentar corações, como Gabs fazia na idade dele. Aquele lá eu também já sabia que ia dar trabalho.

— Você vai ter a tarde inteira para fazer o que quiser com ele. — Abro um sorriso, erguendo as sobrancelhas. Ele demora um segundo a mais para entender e depois se desmancha.

— É sério? — pergunta, encantado. — Jura por Deus?

— Pois é, cunhado — provoco. Pelo menos este, graças ao bom homem, não quer um bebê e nunca mentiu para mim. Liv acabou de perder o posto de preferida.

— Achei que você iria me dedurar por ter matado a primeira aula — admite, envergonhado e muito contente.

— E eu lá tenho cara de X9? — reclamo. — Nós vamos andando, tudo bem? Eu até poderia ligar para ele e pedir uma carona, mas quero fazer uma surpresa. — Gui assente, animado, e me faz um milhão de perguntas sobre Gabriel no caminho, até cansar meus ouvidos. — O seu pai te contou sobre ele? — Agora é minha vez.

— Contou. — Por que contaria? — Eu sempre insisti para conhecer o meu irmão, até que um dia o papai me levou para vê-lo na porta da faculdade. Estava escuro e não deu para ver muita coisa. O papai não me deixou sair do carro, disse que aquele era o mais perto que a gente podia chegar, então ficamos vendo o Gabriel bater papo com uma menina por meia hora enquanto dava pipoca na boca dela. Eles estavam rindo tanto... — A voz dele vai morrendo, achando que falou demais, e eu sorrio.

— A garota estava de capuz? — pergunto, curiosa.

— Estava com um moletom folgado demais para ser dela. Devia ser dele, um vermelho.

— Era eu, Gui. — Rio. — Lembro desse dia porque raramente ficávamos do lado de fora da faculdade dele. Liguei para o Gabriel quando saí do trabalho pedindo para

ele matar a primeira aula e comer pipoca comigo. — O garoto parece aliviado, mas nem devia se preocupar. Se Gabs colocasse pipoca na boca de alguém naquela faculdade, eu mataria. Essas regalias sempre foram só minhas. — O seu pai contou por que não fala com ele? — Gui nega.

— Ele só falou que fez uma coisa muito errada, que o meu irmão não perdoou e pediu que ele não se aproximasse mais. Isso deixa o papai bem triste, sabe?

— É mesmo? — Gui assente. Isso está ficando mais estranho a cada minuto.

— A mamãe me contou que às vezes ele estaciona na porta da delegacia só para ver o Gabriel, mas nós não falamos muito desse assunto em casa. O papai fica bem mal.

Meu quebra-cabeça está com problemas. Por mais que eu tente, as peças não se encaixam. Por que diabo um homem que sente tanta falta assim do filho não o perdoou quando teve a chance? Por quê? Não paro de me fazer essa pergunta enquanto andamos.

— E se ele não gostar de mim? — pergunta, quando enfio a chave na fechadura de casa.

— Ele já gosta de você. — Sorrio, mas o garoto ainda parece ansioso. — Você torce para o Santos? — Gui assente. — Gosta de carros, videogame e de mim? — Ele assente de novo. — Então relaxa que vocês vão se dar bem. Já têm em comum o fato de adorarem uma briga de socos por causa da



melhor amiga — falo, agarrando seus ombros por trás e o empurrando para dentro de casa.

Quando entramos, vemos Gabriel lavando o carro. Seguro o garoto no lugar por um segundo depois de fechar o portão, só para admirar meu namorado ensaboando aquela coisinha que eu adoro enquanto dança sozinho em uma bermuda azul. Está dando umas reboladinhas bem palhaças e muito, muito sexy. Esse showzinho particular é a cena mais bonita que eu vou ver hoje. Acho que eu suspiro, porque o menino revira os olhos, tapando uma risada com as mãos. Gui não consegue mais segurar. Os olhos do meu namorado gostoso e molhado nos encontram e meu espetáculo acaba. Gabs tem muita dificuldade para transformar o sorriso involuntário que abriu em uma careta que só eu entendo; ele acha que eu fiz merda. Imagino que queria que eu roubasse o menino para ele, mas nunca admitiria, por isso arremessa a esponja no balde, cruza os braços e finge que eu não cometi um crime.

— Olha, temos visita — diz de modo gentil. — Oi, Gui... — Antes que termine de falar, o menino sai correndo e se arremessa no peito dele, fazendo-o dar dois passos para trás até se firmar. Gabriel me olha sem saber o que fazer enquanto o irmãozinho aperta sua cintura e afunda o rosto no seu pescoço. — O que você fez? — pergunta sem som, apertando o menino de volta, agora bravo de verdade, porque percebeu que Gui sabe exatamente quem ele é.

— Pedi para a mãe dele. — Seu rosto fica pálido.

— Ela deixou...?

— Eu não roubei o menino, Gabriel — resmungo, irritada.

— Mas este encontro é segredo e vai ser só por hoje.

— Minha mãe sabia que era importante para mim. Eu sempre quis te conhecer — Gui revela, ainda agarrado a ele. Agora meu namorado me olha mais que chocado, e eu sussurro um “pois é” sem som. Também não entendi. — Eu sempre quis um irmão mais velho. Tinha a ideia boba de que você me daria muitos conselhos e me levaria para fazer muitas coisas legais. É bom saber que não passei muito longe. A Jaque aceitou me namorar. — Ele está todo empolgado, e eu me dou conta de que estava errada quando cheguei. A cena mais bonita que eu vou ver hoje é Gabriel apertando esse menino até sufocar enquanto promete que vão fazer muitas coisas legais.

Eles passam duas horas jogando bola na piscina, até que eu me ofereço para fazer alguma coisa para comer e os deixo sozinhos. Meia hora depois, meu irmão aparece com algumas pizzas, o que é bom, porque consegui a proeza de queimar o macarrão na hora de cozinhar na água fervente. Não que eu tenha agradecido ao Adam. Ultimamente ele anda aparecendo muito com todo tipo de coisa em casa, tudo gostoso, e isso está me cheirando a trambique. Gabs sempre dispensa meu jantar quando isso acontece e, se eu me irrito, explica que tenho que ser grata ao meu irmão, que

é gentil da parte dele aparecer com um “agradinho” de vez em quando. Que Adam está preocupado com ele. Tenho a sensação de que ele está deixando todo mundo me fazer de idiota em troca de que o alimentem. Será que é por isso que ele tem insistido em irmos visitar meu pai frequentemente na hora do jantar? Não comprei o papo sobre meu pai morrer de saudade. Pelo contrário, ele parece bem contente que eu esteja morando com Gabriel. Espero estar errada. Minha comida nem é tão ruim assim.

No fim do dia, Gui me agradece pelo que chama de “presentão” antes de me perguntar se pode voltar. Gabs para atrás dele, com as mãos nos seus ombros, e me olha com tanta esperança que não tenho como dizer outra coisa a não ser que vou tentar conversar com Lívia. Mas nem preciso. Antes de chegar em casa depois de levá-lo, recebo uma ligação dela completamente encantada com o que escutou do filho. Em uma breve e amigável conversa, negociamos que ele é nosso aos sábados e duas vezes na semana depois da escola, e que tudo isso continua sendo segredo. Gostei dela, muito. Ela colocou o filho em primeiro lugar, como tem que ser.

Quando Gabriel entra pela porta e senta ao meu lado no sofá, estou para mandar uma mensagem para minha madrasta, mas paro para agarrar meu Big Mac, dando um beijo rápido em seus lábios e pensando como é bom ter um namorado bem agradecido. Ele liga a TV e deita no meu

ombro, jogando as pernas para o outro lado, e eu me distraio tentando comer e digitar ao mesmo tempo.

**Eva**

Obrigada pelo band-aid desta tarde, por me apoiar etc. Era muito importante para o Gabriel, Clara.

**Clara**

Eu que agradeço. Ganhei sozinha no bolão e agora sou uma mulher rica, tudo graças a você.

**E  
v  
a  
B  
o  
l  
ã  
o  
?**

**Clara**

Todo mundo apostou que você roubaria o menino.

**Eva**

Todo mundo quem?

**Clara**

Ninguém ficou de fora, amor.

Ninguém?

**Eva**

Jura que vocês fizeram um bolão? Isso não te faz se sentir nem um pouco culpada? Que família mais horrível. Vocês deveriam se envergonhar por pensar que eu roubaria uma criança!

**Clara**

Estou precisando de uma bolsa nova. Quer uma também? Nós podemos ir ao shopping amanhã

comprar. Te falei que agora sou rica? Uma mãe bem rica que adora mimar as filhas...

**Eva**

O Gabriel entrou no bolão também?  
Oferta tentadora, hein? Estou pensando no seu caso...

**Clara**

Não só entrou como dobrou a minha aposta duas vezes. Faturamos 900 só nele.

**Eva**

Bem que você falou que está rica.  
Quer saber? Aceito que você pague a sua culpa com presentes. Já a garganta dele eu vou cortar. Como você sabia que eu não tentaria roubar o Gui?

## **Clara**

A menina que pede desculpa pela minha panela não poria meu trabalho em risco, e não tem nem ideia de como a amo por isso. Agora, se a Lívia te dissesse não, eu mesma teria dado um jeito de fazer acontecer.

**E  
v  
a  
O  
b  
r  
i  
g  
a  
d  
a  
.**

— Por que você não respondeu que também a ama, sendo que é verdade? — Gabriel pergunta, sem tirar os olhos do filme. Como foi que ele leu minha conversa sem eu perceber?

— Porque eu não amo — minto, rosnando quando ele dá uma dentada muito bem planejada e calculada no meu hambúrguer. É mais forte que eu. — Novecentos reais? Em uma maldita aposta? Tá achando dinheiro no lixo, porra?

Ele tem a decência de parecer culpado, e só não toma um tapa porque tira o brinquedinho do Mac do bolso, aquele que sempre compra à parte com o meu hambúrguer, porque eu adoro colecionar. Acho que ele estava esperando o momento certo, e eu sou facilmente distraída pelas bolhas de sabão.

— Vou ganhar uma bolsa com a sua grana. Está desculpado — alfineto, oferecendo mais uma mordida do meu sanduíche. Ele parece impressionado pelo gesto, porque foi de bom grado e eu nem rosnei, mas nega.

— Se ajuda, eu queria que você roubasse o menino, por isso apostei alto. Eu planejava te pedir ajuda esta noite, ganhar minha grana de volta e limpar a família toda, mas você frustrou meus planos tendo caráter. — Jesus, é hoje que o mundo desaba.

— Normalmente quem faz essas trairagens sou eu. Que esperto! *Que orgulho, amor* — sorrio.

— É, mas quer saber? Foi o dinheiro mais bem gasto da minha vida. Eu te amo duas vezes mais por ter resolvido sem precisar fazer nada errado. — Ele sorri, orgulhoso. — Eu deveria ter apostado em você — completa, me roubando um beijo, e eu concordo, porque ele deveria mesmo, mas aí eu não ganharia uma bolsa, então acho que tudo bem. Eu já



contei que sou facilmente comprável? Termino de comer e agarro o próximo hambúrguer que ele gentilmente me passa. Pelo que eu fiz hoje, o pagamento é no mínimo dois. E com batatinhas.

— Eu ia me demitir e roubá-lo por uma tarde se a mãe dele tivesse dito não — admito. Ele sorri, porque sabe bem disso. Termino de comer antes de limpar a boca com o guardanapo e contar a novidade. — Aliás, por falar na miniatura de você, podemos pegá-lo na escola às quintas e sextas depois da aula e aos sábados, se o seu pai estiver no trabalho. Parece que ele vai para a transportadora só alguns sábados no mês. Vocês dois podem combinar melhor depois.

— É sério? — Gabriel se ergue e joga os braços em volta do meu pescoço, parecendo criança. — Porra, como eu te amo, Eva! — berra alto, todo feliz e animado, quando digo que sim.

— É bom que você me ame mesmo, porque ainda estou com fome. Acho que comeria mais um. Na verdade tenho certeza... — imploro com um olhar pedinte, e as sobrancelhas dele se erguem, divertidas.

Gabs sorri e se levanta, me estendendo a mão.

— Tem uma coisa — falo enquanto saímos pela porta. Ele para e me olha. — Se você vai se aproximar daquele garoto, não pode mentir para ele. O Guilherme tem o direito de saber... — O sorriso dele ilumina a garagem.

— Não pensei em fazer diferente — garante, passando um braço ao redor do meu pescoço, me puxando mais para perto para dar um beijo no alto da minha cabeça antes de me levar até o carro.

Ele me arrasta até o McDonald's do canal 5, de frente para o mar, e, depois de me olhar comer por meia hora com cara de apaixonadinho, com os cotovelos apoiados na mesa e o queixo nas mãos, Gabs sugere um passeio que me faz sorrir. Abandonamos o carro no estacionamento e vamos dar uma caminhada sob as estrelas de mãos dadas, suspirar um pouco à beira-mar.

Eu. Ele. E meu sorvete, porque cabe.

É a noite perfeita. Até divido o sorvete com ele, só para mostrar quanto o amo.

É um dia perfeito, como todos os nossos dias, talvez um pouco mais feliz, porque ele está mais feliz. É um daqueles em que eu sinto que o amo da maneira certa e sou amada igual.

Foi o último.

Na mesma noite, tudo deu errado.

## Eva

— O que você está fazendo? — ele pergunta quando emerge de um mergulho e me encontra socando a água da piscina com raiva.

— Tentando que nem idiota não afundar, porque adoraria olhar para as estrelas confortavelmente... Me ajuda? — pergunto quando ele para atrás de mim, beijando minha nuca.

— Já pensou no que vai querer fazer daqui para a frente?  
— Olho para ele com ar de interrogação. — Quer ficar na escola para sempre? — Gabriel me pega no colo e me ajuda a deitar reta na superfície da água, apoiando uma das mãos nas minhas costas para me fazer boiar enquanto a outra está por pura safadeza apertando minha bunda e confundindo meus pensamentos. É até difícil pensar na resposta.

— Hum... Quero abrir o meu consultório um dia, eu acho...  
— Um sorriso se abre fácil nos seus lábios. — E eu quero você, é isso que eu quero para o futuro. Quem sabe alguns filhos, umas paredes azuis e mais um gato ou dois. — O sorriso se mantém, mas os olhos ficam tristes.

— Você tem que pensar no que quer da vida se eu não conseguir...

— Não vamos falar sobre isso, Gabriel — corto, saio do seu colo e me afasto, engolindo um litro de água no processo.

— Nós vamos sim, Eva — ele determina às minhas costas enquanto saio da piscina e acendo um cigarro, caminhando até o outro extremo do jardim para que a fumaça não chegue nem perto nele. Gabs não se aproxima. Já briguei com ele por causa disso. Não fumo mais perto dele. Também não consigo parar, piorou; ando nervosa. É uma droga. — Se acontecer, nós vamos estar ocupados demais nos desesperando para ser racionais, então temos que conversar agora. Tem coisas que eu preciso te falar — insiste, apoiando os braços na borda. Eu me viro de costas.

— Você já planejou tudo, né? — digo, irritada, dando uma tragada.

— Precisa mesmo perguntar? — *Não, fui idiota.* — Por lei eu sou obrigado a deixar metade da minha herança para o meu pai, mas não vou fazer isso. Ele não merece o meu dinheiro, muito menos o dinheiro que era da minha mãe ou dos meus avós. Você sabe que, somando tudo, é uma quantia alta e eu nunca toquei nela desde que comecei a trabalhar, mas o que a grana rende por mês pode ser um bom salário para você, enquanto descobre o que quer fazer. Vai te bancar de maneira mais do que confortável quando eu e meu salário não existirmos mais. Vou cuidar para que a única beneficiária do testamento seja você.

— Como você vai passar por cima da lei? — Ignoro o resto. Como sempre cuidei da sua conta e dos investimentos, entendi o que Gabriel quis dizer. Ele ainda foi gentil em usar a palavra “confortável”. Os avós eram ricos, e ele e a mãe conseguiram guardar uma boa grana também, mas, por mais que seja bonito da parte dele se preocupar em me deixar bem de vida, o assunto só me magoa.

Quero ele, não o dinheiro dele.

— Me casando com você. — Eu me viro como um raio. Até engasgo com a fumaça.

— Estranho. Uma frase assim era para ser romântica, mas não tem romantismo nenhum nela. — Tusso, chateada.

— Não tem romantismo nenhum em morrer, Eva.

— Será que a gente pode parar por aqui? — Apago o cigarro. — Só é legal quando a falta de romantismo vem de mim, de você machuca.

— Eu ainda não terminei. Vem aqui — Gabriel ordena, autoritário, e eu vou, porque ele não brinca quando usa esse tom; é bem raro. Sento na borda da piscina e seus braços param nas minhas pernas. — Eu quero muito que o tratamento dê certo, que eu possa te pedir em casamento no fim disso tudo com a certeza de que vou construir um futuro com você, dar seus filhos e suas paredes azuis. Já se as coisas derem errado, eu vou me odiar por te amarrar a mim, mas vou me casar com você do mesmo jeito. Pode parecer que estou fazendo isso para deixar o testamento regularizado, mas não é só isso. Eu te amo, então sempre vai

ser por amor, Eva. Se acontecer, não quero que você pense merda. Eu me casaria com você agora, mas prefiro ter o prazer de fazer isso da maneira certa, a que você merece. — Assinto, porque agora vi romantismo, embora ainda odeie cada palavra que sai da boca dele.

— Acabou?

— Tem mais três coisas. — Desvio o olhar da boia inflável roxa e encaro seus olhos frios. — Eu quero ser enterrado com as nossas mães. O jazigo é da sua família. Eu fiquei tão desnortado quando a minha mãe morreu, então foi seu pai quem pagou tudo e nunca me deixou devolver. Já pedi isso, e acho que a fungada dele antes de me expulsar foi um sim, mas o principal é que eu não quero que seja você a cuidar disso. Se acontecer alguma coisa comigo, a primeira pessoa para quem você liga é o Ben.

— E ele vai fazer o que de Londres? — pergunto. Estou surpresa, irritada e triste.

— Ele não vai estar mais lá.

— Sério que você vai continuar me empurrando para ele?  
— Agora estou só irritada.

— Não é esse o motivo — Gabriel mente. — O que ele sente por você é conveniente, amor. — Dá de ombros, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Você vai precisar de apoio, de ombro, de ajuda. Ele gosta o suficiente de você para te dar isso sem cobrar nada em troca, até você decidir se está pronta para retribuir de outra maneira ou não.

— Não vou deixar você ligar para o Ben. — Nossa, como eu queria bater nele... só um tapa. — E nunca vou estar pronta.

— O Adam vai conseguir cuidar do meu enterro? O Rafael? O Marcelo? Seu pai? Não vou deixar na mão da Liv — determina, duro. Não, nenhum deles conseguiria. — Eu e o Ben combinamos que, se eu receber um diagnóstico ruim e definitivo, ele volta a se estabelecer na cidade se você precisar de suporte, e eu sei que vai precisar. O Ben é tão prático quanto eu, tem a minha confiança e, depois de tudo o que fez por mim, reconquistou a minha amizade. Então é assim que vai ser. E, quanto à parte romântica da coisa... — Seguro seu queixo com força. Gabriel me ignora e continua falando. — Eu sei que você me ama, vai me amar para sempre, mas, se eu não existir para sempre, não precisa ficar sozinha, desde que escolha direito. Eu nunca mais vou repetir isso, então olha nos meus olhos. — Obedeço. — Eu quero que você saiba que é livre para ser feliz com outra pessoa depois... — *Nossa, que altruísta*, penso, com ironia.

— E a terceira coisa? — pergunto, interrompendo, me segurando.

— É a mais importante. — Ele me puxa para a água, minhas mãos são colocadas em torno no seu pescoço, as dele param na minha bunda e seus olhos não deixam os meus. Não estão mais frios. — Se apoie na Clara, Eva.

É assim que ele me faz chorar. *Mas que idiota!*

Será que Gabriel tem ideia de que, se ele morrer, a primeira coisa que eu vou fazer é abrir o cofre, colocar uma das armas dele na boca e acabar com a minha dor? Já descobri onde fica e até a senha, olhando por cima do seu ombro. É o aniversário do meu pai: 2 de julho. Morando aqui é mais difícil me deixar ignorante.

— Se apoie nela mais que em qualquer outra pessoa — pede, afagando meu rosto.

— Ninguém vai poder preencher o buraco que você vai deixar, nem ela e os band-aids dela. — Acho que, no fim, lhe dei aquele tapa. — Não quero mais tocar nesse assunto. Vou dar conta de tudo sozinha. Não preciso de ninguém, principalmente do Benjamin Sartori.

— Você pensa que eu sou idiota? — Ele parece irritado. — Eu leio você como quem lê um livro, não perco uma linha. Você é tola o bastante para fazer uma besteira, por isso é bom eu adiantar que todos vão te vigiar como cães de guarda e que o cofre vai estar vazio, Eva — cospe. — Então, pense bem no que você quer para o seu futuro, algo aproveitável, algo que eu possa te ajudar a construir nesses meses, para o caso de você precisar.

*Já pensei.*

— Nós podemos ter um bebê? — finalmente pergunto algo que está rondando meus pensamentos há dias. Eu o vejo empalidecer e quase deixo escapar um “Quem mandou me obrigar a passar um tempo com a Olívia? A culpa é sua, essa coisa contagia”.



— Se eu me curar, sim, é claro. — Desvio os olhos para a água por um instante. — Certo? — confere, erguendo as sobrancelhas. Fico quieta. — Você está me pedindo alguma coisa, Eva? Porque se estiver... quero escutar com todas as letras. — Não parece querer.

*E agora, falo ou não que é isso que eu quero para o meu futuro?*

Respiro fundo e solto de uma vez.

— Acabei de pedir. Eu quero um bebê, Gabriel. — Mordo o lábio e encaro seus olhos arregalados. Aos poucos eles ficam tristes, e eu me entupo de culpa. — Essa é a coisa mais egoísta que eu já te pedi, né? — Os meus transbordam, porque eu sei que é.

— Por que você quer...? — gagueja. Ele fecha os olhos por um instante, sugando o lábio pensativamente. Quando os reabre e me encara, não tenho ideia do que está pensando. — Por que você está me pedindo um bebê *agora*? — frisa a última palavra, como se isso fosse o mais importante, o momento errado, e não um pedido grande desses sendo que estamos juntos há apenas um mês.

Não tenho dúvida de que já teria escutado um “sim” se ele não estivesse doente, independentemente do tempo, porque temos uma casa e salário para criar um bebê. Também temos responsabilidade... Um de nós tem, mas vou trabalhar isso. Já curtimos bastante a vida, conhecemos mais de dez países juntos e fizemos muitas coisas divertidas.

Poderíamos ter um bebê... Mas tudo que vejo nos olhos dele é um enorme “não”.

Ele vai me dizer “não” pela primeira vez.

— Eu te fiz uma pergunta. Me explica isso e seja sincera. Sem essa besteira de achar que está me magoando. Só fala — cobra, me arrancando dos meus pensamentos.

— Tudo bem — concordo, tomando fôlego. — Você disse que eu tinha que pensar no futuro. Só um bebê me faria não querer morrer também se você... — paro. Gabs morde o lábio e não fala nada. Eu me odeio por pedir, mas não consigo evitar. Tem alguns egoísmos que me escapam. Ele conhece bem as piores partes de mim para saber que não estou tentando manipulá-lo. É só a verdade, estou sendo sincera. — Se você disser que não, eu vou entender e prometo nunca te julgar por isso, não tenho a menor ideia do que você está sentindo, mas sei que é triste pensar em ter um bebê e precisar deixá-lo. Eu entendo. Eu não quero que você me dê nada que não consiga. Vai ter cães de guarda atrás de mim o tempo todo, então acho que você não precisa se preocupar. — Mas ele sabe que precisa. Nós sabemos que, se ele morrer, madrasta nenhuma me tira do chão. Também não preciso das armas dele; facas, lâminas de gilete e comprimidos estão aí para isso. Também já pensei bastante nisso, é ridículo, mas pensei. Gabriel não fala nada e eu começo a chorar de soluçar, porque acho que falei besteira. — Desculpa — imploro, me agarrando ao seu pescoço.

— Para de chorar — ele pede, me apertando, e, antes que possa falar mais alguma coisa, somos interrompidos. Escutamos miados estranhos, então olhamos ao redor e encontramos Cupido amparando uma gatinha em cima do telhado da churrasqueira. Ela parece machucada, e ele, muito desesperado. Está olhando para Gabriel como se pedisse ajuda, se esgoelando. Em dois segundos estamos embaixo da viga que apoia o telhado. Gabs pega e arruma a escada. Quando seu pé toca o primeiro degrau, agarro seu braço.

— Você fez químio ontem. Eu subo.

— Não quero que você suba — ele reclama, impaciente.

— Você não pode se machucar, não pode sangrar. Não vai subir em uma maldita escada e fim de papo.

Gabriel também não desafia quando uso esse tom. Ele só segura a droga da escada e fica me mandando ter cuidado a cada cinco segundos enquanto eu tremo na base. Agarro a gata achando que Cupido vai me morder, mas ele não faz absolutamente nada a não ser me seguir enquanto a seguro contra o peito e entro com ela em casa. Como eu sei que é ela? Simples.

— Você engravidou essa pobre gatinha indefesa e agora traz o problema para eu cuidar, seu irresponsável? Isso porque eu perguntei esses dias sobre seus relacionamentos! Por que não me contou? — rujo, com raiva, colocando-a em cima da mesa da cozinha. Ela deita de lado e a barriga

saliente que senti se esparrama. — Quando está no aperto lembra que tem mãe, né, Cupido Antônio Marinho Venturini?

Gabriel não para de rir.

— O que você esperava de alguém com esse nome? É muito amor concentrado. Só podia engravidar alguém mesmo. Só o seu irmão não consegue — ele brinca, chegando por trás das minhas costas, enrolando uma toalha no meu corpo antes de secar a cozinha enquanto eu rio. Reviro nossa nora do avesso para saber por que parece tão amuadinha. Ela não me conhece e nem reage, só fica quietinha enquanto Cupido se senta atrás dela, de olho em tudo que estou fazendo. — O papai está tão orgulhoso de você. Ela é uma gata — Gabriel elogia, afagando a orelha dele. Não merece, na minha opinião. Tenho medo de altura, sabia? Depois daquela turbulência, quem não teria?

— Isso. Agora até o gato você incentiva a fazer coisa errada. Muito bonito, Gabriel — me irrita.

Quando percebo que a barriga da gata está dura demais, abro a boca para dizer que vamos virar a madrugada em um veterinário, porque não dou conta de todo o sangue que envolve fazer um parto, mas depois que penso nisso só tenho tempo de me virar para o cesto de lixo. Passo os minutos seguintes vomitando até as tripas. Gabriel para de rir na hora.

Ele tem mais dificuldade para segurar meu cabelo, que está muito curto para ser agarrado inteiro, então o que acontece não é muito bonito. Estou nojenta quando

finalmente acaba e consigo respirar e me erguer. A mão dele apoia minha cintura e me empurra pela escada.

Ele não diz nada por um bom tempo.

Eu também não. Estou concentrada tentando não ter um ataque.

Odeio isso.

Odeio.

— O que aconteceu? — ele pergunta, em tom curioso, quando voltamos para a cozinha depois que me ajuda a tomar banho. Dou de ombros, indiferente.

— Deve ter sido o papo maravilhoso. É impossível terem sido os Big Macs. — Seus olhos esfriam na hora.

— Está se sentindo melhor? — pergunta, tensionando a mandíbula.

— Estou. — Mais frios. O que há com esses olhos verdes hoje? Não tenho tempo de perguntar, porque sou distraída por um miado do Cupido. — Ele está nos apressando. E aí, veterinário ou nossa cunhada boa de parto? Tenho quase certeza de que esses bebês querem nascer — falo, olhando para a gatinha deitada no mesmo lugar onde a deixamos.

— Por que você não fica e descansa? — Um toque sutil de que ele quer ficar sozinho. — Eu a levo ao veterinário. — Antes que termine de falar, a gata já está aconchegada no seu peito. — Te aviso quando tiver notícias, ok? — diz, já me beijando para se despedir, sem me dar margem para recusar. Eu assinto.

Gabriel me dá as costas e passa a mão em uma manta em cima do sofá, que enrola ao redor da gatinha, sem parar de andar. Depois sai pela porta sem olhar para trás, me deixando chateada por ter ficado tão estranho depois do que eu lhe pedi. Eu disse que entenderia um “não”, então não tem por que ele ficar assim. Continuo ruminando o assunto enquanto faço exatamente o que Gabriel mandou: me aninho na nossa cama com o celular na mão, à espera de notícias.

Cupido sobe e se senta ao pé da cama. Seus olhos amarelados brilham. *Uau, ele veio...*

— Eu mereço um carinho depois de socorrer a sua namoradinha, não acha não, imundície? — pergunto, esticando a mão, e o que eu achava que nunca mais aconteceria acontece: a cabeça dele para na minha palma. É só um toque, só um obrigado, depois ele se afasta e volta para o pé da cama, para me olhar como uma esfinge. Que ironia. A única pessoa agradecida na minha vida é o gato.

Tô vendo que com ele é tudo nos extremos. Deve ter puxado ao pai.

**Eva**

Cupido parece preocupado.

**Gabriel**

Vai ficar ainda mais quando souber que vai ter que trabalhar para alimentar uma família de quatro bocas, incluindo a dele. Pensei melhor e você está certa: vamos expulsá-lo de casa.

**E  
v  
a  
s  
o  
m  
o  
s  
a  
v  
ó  
s  
?**

**Gabriel**

Somos. Um casal. Ela precisou fazer uma cesárea, então vou demorar mais algum tempo.

**Eva**

Vamos ficar com todos, né, amor?

**Gabriel**

Lógico! Vamos em uma pet shop amanhã comprar um monte de coisas legais, depois podemos passar a tarde babando neles. Só preciso passar na delegacia rapidinho.

**Eva**

Ainda faltam as paredes azuis e alguns filhos.

**Gabriel**

Está melhor, Eva? Pintamos as paredes depois.

**Eva**

Estou bem, mas vomitar deu fome.



Ele não responde.

Gabriel não me acorda quando chega, e sim depois de preparar alguma coisa saudável para eu comer. Quando leva o prato de volta para a cozinha, eu finalmente me estiro na cama para babar nos filhotinhos até ele aparecer e apagar a luz. Me ajeito no meu lugar e afasto o edredom para que ele se deite.

— Tudo bem? — pergunto assim que ele me dá um beijo rápido e se vira para a parede.

— Cansado. — Antes que eu possa pedir para ele chegar mais perto e me abraçar, já pegou no sono.

Eu me levanto e me sento no chão com os gatinhos. Gabriel os deixou perto dele. Não há discussão sobre o fato de que ele é mais responsável do que eu para cuidar dos bebês. Passo quase uma hora alisando alguém que aprendeu a perdoar e sua namorada, observando o meu dormir, me perguntando que raio deu nele.

Não demoro muito para descobrir.

Na manhã seguinte ele faz o café em silêncio e continua assim enquanto detono seu cartão com uma cama enorme e confortável que comporta quatro gatos, um saco de ração especial para quem está amamentando e uma roupinha escrito “Papai do Ano” para Cupido, fora todos os brinquedos que minhas mãos conseguem alcançar. Gabriel até ajuda, só não fala. Depois que leva todas as sacolas para dentro de casa, desaparece pelo restante do dia. Gabriel só abre a boca quando chega, tarde da noite, e pergunta se eu quero ir com

ele à festa de despedida da delegacia. Como ele não disse nada o dia inteiro, imagino que queira que minha resposta seja não. Ele não argumenta quando a escuta. Só assente, se arruma e sai.

*Bonito, perfumado, muito bem-vestido e sozinho.*

E eu? Eu volto para junto dos gatinhos, apertando o pai deles com força, agora que ele me perdoou. Gabriel não está aqui para ver isso; ele nem me perguntou o nome que escolhi para os filhotes, e eu não tenho ideia do porquê. Tem dias em que tudo o que mais queremos ou quem mais amamos é o que mais nos machuca.

Gabriel me machucou hoje.

Não só pelo silêncio, mas também pelo cheiro que sinto assim que ele passa pela porta do quarto altas horas da madrugada, com as mangas da camisa dobradas, os dois primeiros botões abertos, a correntinha brilhando no pescoço, uma das mãos segurando o blazer atrás do ombro, na outra um uísque caubói. O copo é nosso, então esse ele acabou de pegar, mas eu sei que não é o primeiro da noite, nem o segundo, nem o terceiro. Nunca o vi tão bonito e sexy, e ao mesmo tempo nunca fiquei tão furiosa com ele.

É só isso que consigo ver, e é só nisso que consigo pensar antes de precisar fechar os olhos para conter o enjoo. Mas que droga. O que eu comi? Não adiantou ele virar o copo, ir direto para o chuveiro e escovar os dentes antes de chegar perto de mim. Eu ainda sinto o cheiro. É um dom, suponho, afinal estamos falando da pessoa que acordou assim que

farejou uísque no ar. Essa pessoa ama uísque. Ou devo dizer amava? O cheiro desse está bem forte.

No momento essa pessoa só finge que está dormindo, como Gabriel pensa.

Diferentemente de mim, dá para contar nos dedos os porres dele. Gabriel é controlador demais para se permitir ficar fora da realidade. Só bebe socialmente. *O que será que está sentindo para ter precisado disso?* Não tenho ideia. Ele de porre ou não dá no mesmo: não mostra nada, esconde tudo e mente igual.

Ele para por um instante enquanto encaro a parede para onde me virei, então escuto a cama dos gatinhos farfalhar e acho que Gabriel está fazendo um carinho na Flecha. Tento me concentrar em outra coisa, mas aquele cheiro não me deixa dormir, a raiva também não. Quando dou por mim, já estou falando...

— Você não teve um pingão de respeito pela sua vida hoje, o que significa que também não teve pelos meus sentimentos, já que eu amo a sua vida. Então pega o seu travesseiro e dá o fora, porque, além de me irritar, o cheiro de bebida impregnado em você está me embrulhando o estômago.

Ele sai sem dizer uma palavra. E isso me corrói.

Não consigo mais dormir, nem quando meu irmão me avisa que Gabriel rastejou para a casa e a cama dele. Meu estômago se revira... Ah, mas que merda.

Celular. Cadê o celular? Eu o agarro e me sento com os gatos. É meu lugar favorito agora, o único onde me sinto mais protegida. Meu dedo paira acima do nome dele, mas eu mordo a bochecha e procuro outra pessoa.

— Eu briguei com o Gabriel, ele saiu e... Estou me sentindo mal. Não gosto de passar mal sozinha... — Clara não me deixa nem terminar de falar antes de dar uma porrada no meu pai para acordá-lo. Eu o escuto gritar e respiro aliviada.

Eles chegam em sete minutos e meio, descabelados, de pijama e meio sonolentos. Ficam até eu parar de chorar e me sentir melhor.

Clara faz sopa antes de ir embora, e eu quase, quase a chamo de mãe sem querer.

É por um triz.



Olívia entra em casa no meio da tarde, tirando o jaleco, e me arranca do sofá onde estou confortavelmente deitada do mesmo jeito que minha madrasta me cobriu antes de ir trabalhar. Está uma delícia. Até reclamo enquanto ela me arrasta escada acima sem dizer muita coisa. Como também não estou muito a fim de falar, continuo quieta enquanto ela me enfia no banheiro e despeja um monte de testes de gravidez na pia. Sem brincadeira, é uma sacola cheia até a boca.

— Estou um dia atrasada — explica, mordendo a unha. Um dia? Ela está enchendo meu saco por causa de um dia? Tenho que dar um fim naquela chave do vaso. Agora que moro aqui, a gente não precisa mais dela.

— Saiu do plantão e veio direto pra cá? — Ela assente. — Por que você não está em casa, fazendo isso com o meu irmão, Liv? — Ninguém sabe que relacionamentos só funcionam bem quando as duas partes fazem as coisas *juntas*? Juntas, porra! Vou comprar uma lousa, sentar Olívia e Gabriel no sofá e...

— O Adam disse que está ocupado vigiando um alcoólatra que eu vou matar assim que ele colocar os pés aqui... Mas no fundo eu acho que ele está usando o Gabriel como desculpa, porque sempre fica mal quando dá negativo, então eu achei que talvez você pudesse... Vou dar uma puta bronca nele em troca, prometo. — Coloco o cabelo loiro dela atrás das orelhas, me viro, pego uma das caixinhas, abro e lhe entrego a varetinha.

— Eu posso, mesmo sem a bronca. — Sorrio, empurrando-a para o vaso. Quando termina, sento na tampa e puxo o passador do seu jeans, para que ela se sente na minha perna. Passo os próximos minutos mexendo no seu cabelo enquanto sua bochecha se pressiona no meu ombro, do mesmo jeitinho que eu fico no colo do Gabriel a cada quimioterapia. Bem que eu estava sentindo falta de pentear um cabelo grandão assim com os dedos. — Por que você está tão triste, amiga?

— Estou cansada dos negativos e de magoar o seu irmão com essa história. O Adam não fala nada, mas no fundo acha que a culpa é dele, sabe? E eu acho que sou culpada por ele pensar assim, porque eu nunca disse o contrário.

Hum, bom saber que meu relacionamento não é o único com problemas. Até me animo a dar uma espiada no bastão, que parece uma caneta, em cima da pia. Tem dois risquinhos nele.

— Parabéns, Liv — sussurro no seu ouvido, animada. Não tenho tempo de falar mais nada antes que ela pule para o chão e agarre o teste. Seus lábios tremem. — O que foi?

— Está errado. Só pode estar errado — choraminga.

— Não tem nada errado, sua idiota. — Rio. Ela me olha chorando mais, negando. Ainda não acredita no que está vendo. — Quer que eu prove? — Quando sua cabecinha assente, agarro outra caixinha e faço o teste para provar que funcionam perfeitamente. No instante seguinte estou dentro de uma lembrança.

Precisei fazer um desses uma única vez, na época do vegetariano, e foi muito apavorante.

Acordo para a vida e termino de fazer xixi na varetinha, erguendo-a na altura dos olhos. Assim que der negativo, Olívia e eu vamos dar muitos pulinhos no chão do banheiro, depois vamos correndo contar ao meu irmão que o coitadinho finalmente vai ter alguma paz. Quem sabe assim o assunto aqui em casa mude, porque é essa mesma história desde que eu vim morar aqui... Espera, que dia é hoje?

— Faz quanto tempo que eu estou com o Gabs? — O negócio é tão bom que o tempo passou e eu nem vi. Sou péssima com datas.

— Quase dois meses.

Minhas sobrancelhas se erguem. O cérebro não para de funcionar... Tem um pensamento me escapando, eu tento agarrar e ele voa. É uma borboleta, será?

— O que foi? — Liv pergunta.

— Espera um pouco... — Meus olhos se enchem de lágrimas enquanto aperto mais forte o bastão, assim que descubro por que Gabriel tomou aquele porre. Hum, acho que não era uma borboleta não.

Por que ele não me disse nada?

*Mas que droga, Gabriel!*

— Liv — chamo, depois de dar uma boa olhada na varetinha. — Melhor você descer e pegar umas garrafas de água. Nós vamos precisar — aviso, encarando-a.

— Por quê? — Ela ainda está fungando.

— Porque esse aqui também está com defeito — respondo, virando-o para que ela veja. Suas mãos cobrem a boca quando cai em um choro ainda mais pesado. Odeio o olhar dela. *Odeio o medo que vejo nele.*

Eu ainda quero pular de alegria no chão do banheiro, mas percebo bem rápido que sou a única.

Será que vou mesmo ser a única?

Alguém para ficar no meu lugar se eu brilhar

Depois de tudo, eu vou estar aqui, vou correr por suas  
veias e fazer parte de você, estarei no ar que você  
respira e em tudo que você tocar, estarei nele, em cada  
pedaço dele feito de mim que deixo para que você possa  
amar.

— HENRIETH PEREIRA



## Gabriel

Depois de caminhar até o posto, abro a porta da sala dele com delicadeza.

— Se você abrir a boca para encher o meu saco, eu vou lá para a delegacia vomitar. Não me obrigue a isso. Já foi horrível me arrastar até aqui, e olha que foram só duas quadras — imploro, delicado, indo direto para o banheiro.

— Precisa arrebentar a minha porta e falar com essa grosseria toda? Te deixei dormir na minha cama até agora. É meio-dia, sabia? — *Ou talvez não tão delicado.*  
— E você nem trabalha mais na delegacia — Adam lembra.

— Você acha que alguém liga? — resmungo, me jogando no chão. Encosto a nuca no azulejo gelado para ver se o enjoo melhora e nada. Ergo a tampa do vaso e espero. — Ontem fiz um cara confessar em cinco minutos que estuprou a enteada, cinco. O Marcelo e o Otavio

adoram quando vou vomitar no banheiro da nossa sala. Dizem que essa coisa me deixa com um mau humor útil. — Dou de ombros, sentindo a bile subir pela garganta. Ainda consigo vê-lo me encarando de trás da mesa, os braços cruzados, enquanto passo mal. — Pelo menos eles não me chantageiam como você, seu pai e sua irmã do mal. Só pedem — protesto.

Mentira. Eles entram no banheiro e jogam as pastas no meu colo, ou me enfiam em uma sala de interrogatório pela gola da camisa, mas quem liga? Ninguém. Nem sei por que insistiram tanto na festa de despedida, se sabem que ainda vou vomitar muito naquele banheiro.

— Foi a tequila ou a quimioterapia? — Adam pergunta acidamente. Dou um chute na porta para fechá-la, mas ainda não me livro dele. — Abre, por favor. Vou ficar melhor se puder te ver.

— Só porque você pediu com jeitinho e acordou para abrir a porta pra mim às cinco da manhã, depois que eu fui expulso de casa. — Sorrio.

Adam foi embora do bar à uma. Rafael e o namorado, Alexandre, às duas. Às duas e um eu comecei a beber, porque sabia que nem Marcelo, nem Otavio, muito menos os outros teriam coragem de falar alguma coisa. Ninguém se arrisca perto da minha boquinha grosseira.

Foi uma noite ótima, na qual esqueci por algumas horas que tenho um problema enorme para encarar. Teria sido perfeito se minha garota não estivesse acordada e bem mais grosseira que eu. Não que eu tenha me importado com a patada, mas me importei bastante que ela tenha enjoado com o cheiro do uísque.

Eva ama uísque.

Eva ama uísque e, como se isso não fosse ruim o bastante, agora também vomita Big Macs.

*Tá vendo a merda?*

— Estou esperando uma resposta, Gabriel.

— Uísque — digo, parando de pensar. — Aposto que a sua irmã não erraria, e pode muito bem ter sido a comida dela — minto, brinco e abraço a privada um pouquinho mais apertado.

— Por falar na Eva, será que ela pode distrair a minha mulher amanhã?

— Ela disse que era a última vez...

— Ela está um dia atrasada. Ela sempre espera dois para conferir, e vai querer me fazer rastejar para a linha do trem quando der negativo mais uma vez. Você não me ama? — reclama, gemendo. Eu nego. — Você gosta de pizza, Gabs? Gosta de vomitar na santa paz do meu banheiro? Gosta do meu pai ligando para convidar vocês para jantar sempre que manda uma mensagem pedindo

socorro? Gosta do silêncio da Ju? Porque, se gosta, é bom fazer a minha irmã mudar de ideia...

— Vou pedir — eu cedo. Sempre cedo. Agora vivo sendo chantageado. Esse é o tipo de família que temos, tudo um-sete-um. O celular dele toca, e quando desliga parece desanimado. — O que foi?

— A Liv me pediu para buscá-la na sua casa quando sair daqui.

— Gabriel? — Fernando chama, abrindo a porta da sala e colocando a cabeça no vão. — Foi a bebida ou a quimioterapia?

Meu Deus, que genes! Mas a pergunta dele, ao contrário da de Adam, é séria.

— Não bebi tanto assim. — Se ele souber a verdade, vai me fazer cuspir o motivo, e nem fodendo eu vou contar. Não consigo nem pensar em decepcioná-lo assim... Ah, inferno! Adam me olha de soslaio, porque sabe que estou mentindo, e agora está se perguntando por quê.

— Devo me preocupar com o fato de ter sido tirado da cama às cinco e meia da manhã para consolar a minha filha? Ou que minha mulher tenha me arrastado de pijama e me obrigado a ajudá-la a picar legumes? — ele pergunta, entrando na sala e no banheiro. Pega a toalha de rosto, molha e coloca na minha testa. Não contente,

me empurra, se senta no meu lugar e me puxa até que eu deite no seu ombro. — Está acontecendo alguma coisa que eu precise saber, filho? — Fecho os olhos e nego.

— Por que não liga pelo menos para avisar que vai ficar aqui? — Adam pergunta.

— Tá parecendo que eu consigo conversar com alguém agora? — Antes que um deles possa argumentar, tenho mais uma crise, o que é ótimo, porque enquanto estou ocupado vomitando não preciso falar. Adam avisa Eva, sem mencionar que me sinto um lixo, e sai para buscar uma muda de roupa dele para mim.

Fernando fica até que eu me sinta melhor. Não sai nem para que eu possa tomar banho e escovar os dentes, depois me joga no sofá da sua sala, porque quer ficar de olho em mim enquanto trabalha. Até que eu pegasse no sono, pude ver seus olhos preocupados por cima dos óculos, me estudando de tempos em tempos, da sua mesa. O que o pai da minha garota fez a vida inteira por mim é algo que eu jamais conseguiria pagar, então sempre tentei retribuir não falhando.

*Será que desta vez consigo decepcioná-lo?*



Quando Adam e eu chegamos em casa, encontramos um bilhete avisando que elas foram à padaria, provavelmente atrás de cigarro. Percebi que agora os maços andam acabando rápido demais. Eu o abandono com um filme e subo para trocar de roupa. A que Adam me emprestou ficou muito apertada. Estou quase saindo do banheiro quando meus olhos batem no cesto e algo me faz parar.

— Adam? Sobe aqui. — PELO. AMOR. DE. DEUS. SOBE. AQUI.

— Sabe o que eu estava pensando, Gabs? Não te vejo de porre desde que você defendeu aquele cara que acusaram de empurrar a mulher do mirante, lembra disso? Você ficou pilhado à toa, achando que não ganharia... — fala, entrando no quarto, e eu mordo o lábio. Não tomei um porre por causa do caso. Foi pelo mesmo motivo que tomei outro ontem.

Se quer saber, foi por milagre que consegui convencer o júri de que a mulher pulou, porque, enquanto deveria estar montando a defesa do cara, eu estava distraído tentando não pensar se teria que montar um berço, e beber ajudava. Bastante.

Dois dias depois de conferirmos juntos que foi um susto, porque o bosta do namorado dela não servia nem para isso, Eva me ligou pedindo que eu fosse até a casa

dele. Disse que estava apanhando para dar mais ênfase ao pedido, mas o vegetariano me conhecia bem demais para correr o risco. Já tínhamos tido uma “conversinha”, porque minha garota adora bater nos outros quando se irrita, e eu sempre garantia que nenhum dos namorados dela revidasse. Então fingi que caí na dela, sabendo que no meio do caminho iria me ligar para passar no McDonald’s, já que o cara não tinha nada além de alface na geladeira, e fui porque sabia que finalmente tínhamos uma cena de crime. Era um motivo bom o bastante para eu fazer o que ela quisesse, incluindo largar uma jogadora de vôlei pelada na cama. Ela me deixou bem assustado por causa daquela merda.

Não que um bebê mudasse alguma coisa. Não mudava nada, mas só de pensar em todo o estresse que o vegetariano iria me dar — porque duvido que assumisse a responsabilidade — eu já enlouquecia. Sabia que ia sobrar para mim. Para ser sincero, eu queria que o bebê fosse meu, já que ia sobrar para mim. Eu tinha certeza de que ficaria ansioso esperando o resultado de um daqueles testes, e não preocupado como fiquei naquele dia. Eu achava que era isto que a minha garota merecia: alguém que olhasse para ela com expectativa em um momento desses. Ainda acho, mas estou muito

decepcionado comigo mesmo para conseguir fazer isso ou qualquer outra coisa agora.

Tínhamos que ter feito as coisas direito, como está no manual: filhos só depois de casar e de construir uma carreira sólida. Fernando e minha mãe nos fizeram decorar esse manual. Eles deveriam ter colocado mais uma diretriz: “Use camisinha se acha que vai morrer”. Quem sabe eu tivesse escutado, porque a carreira eu tenho, e o casamento é o de menos. Morrer é que é o problema.

Cinco minutos depois que enfiei o hambúrguer às escondidas por uma janela, um que já estava comprado quando ela de fato me telefonou na metade do caminho, Eva ligou de novo, chorando, me pedindo para voltar porque tinha dado merda. Eu ainda não tinha ido embora. Estava avisando à garota que eu abandonara que não iria voltar; não estava mais no clima. No fim foi bom, porque não tenho ideia do que aconteceria se eu não estivesse tão perto.

Coloquei a arma na cintura, pulei o muro de novo e, antes de chegar à porta, eu o escutei chamando-a de vagabunda porque a pegou comendo a porra do hambúrguer, depois o estalido de um tapa na cara que veio dela e a seguinte frase, em tom assustado: “Se você fizer isso, o Gabriel te mata”. Nem me preocupei em



fazer cerimônia: arrebentei logo a porta com um chute e, quando entrei, encontrei a mão dele soltando a garganta dela. Os dedos se abriram assim que ele escutou o que minha garota disse, porque deve ter se lembrado do nosso papo, mas o que eu tinha visto bastou. Ah, aquele dia.

Enquanto Eva esperava no carro, eu o convenci de que era uma boa ideia mudar de cidade no dia seguinte. Só precisei enfiar uma arma em uma boca ensanguentada por vinte minutos. Dezenove deles foram por puro prazer; bastou um para o vegetariano entender que, se cruzasse comigo de novo, eu não seria tão flexível. Não mimei aquela garota a vida toda para qualquer um encostar nela, né? Pois é. Posso dizer que só o palhaço não tomou uma surra, e isso porque foi esperto e fugiu antes. Mas eu bem que merecia uma também, porque hoje não vou conseguir olhar para um teste de gravidez de maneira diferente da que olhei da última vez.

Estou sendo tão filho da puta quanto o vegetariano. A diferença é que eu tenho boa memória quando se trata dela, sei fazer conta e não fujo da responsabilidade.

— ... e por falar nele, sumiu, né? — Adam para de falar quando segue meu olhar e vê os inúmeros testes no lixo.

Ele não consegue mais desviar os olhos. — É muito errado eu olhar, Gabs? — *É*.

— Não — minto, mas ele enrola, em dúvida. — Olha de uma vez, Adam — ordeno, irritado.

Eu poderia jurar que Eva tinha se tocado do atraso quando me pediu um bebê, mas depois, quando passou mal, percebi que não fazia a menor ideia. Será que finalmente percebeu? *Será que esses testes são mesmo da Liv?* Adam finalmente toma coragem e cai sentado quando confere o primeiro. Acho que isso me conta o resultado.

— Gabriel — sussurra, chocado.

— Confere todos — ordeno, com o coração batendo mais forte. Suas mãos não perdem tempo em fazer o que pedi. Quando termina e se arremessa contra a parede passando as mãos no cabelo, meu coração inverte o ritmo e diminui a velocidade até parar. Pelo menos é assim que me sinto.

— Não tem um negativo aqui — sussurra, assustado, finalmente erguendo o olhar. Quais as chances de ela não ter percebido o atraso e feito um teste com a Liv? — Eu vou ser pai? — pergunta, muito mais assustado que qualquer outra coisa, e eu respondo no mesmo tom.

— Tomara. — Mordo o lábio, lhe dando “aquele olhar”. Tenho que contar. Preciso falar com alguém.

— Como é? — Ele se ajeita no chão, abraçando os joelhos. Respiro fundo, apoiando as mãos na beirada da pia, antes de responder.

— A sua irmã vomitou três Big Macs...

— Qualquer pessoa normal vomitaria se comesse três Big Macs...

— Não estamos falando de alguém normal. Estamos falando de alguém sem fundo. O recorde dela são cinco mais uma casquinha, e quando terminou tinha um sorriso no rosto. Pode ter sido a água de coco que ela tomou para completar, porque foi a única coisa saudável que jogou para dentro. Não me admiraria se fizesse mal, mas isso me levou a fazer as contas, e tem treze dias de atraso, quando o máximo foram seis, e só uma vez. Isso parece bom para você? Ela me mandou sair da cama ontem porque ficou enjoada com o cheiro de uísque. — Ele fica branco. Todo mundo sabe como ela ama uísque.

— Mas isso não significa nada se vocês... — Adam para de falar. Seus olhos se afiam. — Você fez merda?

— Uma vez. — Meu rosto se fecha numa careta. — Só uma. — Mostro um dedo, com cara de culpa por estragar a felicidade dele. — O que pode dar errado em uma vez, né? — pergunto, irritado, e para minha surpresa ele cai na risada.

— Entendi a do porre. Estou rindo, mas vou ficar muito, muito puto se você conseguiu isso de primeira enquanto eu estou sofrendo há meses. — Meu melhor amigo continua dando risada até perceber que não estou rindo, até se lembrar do motivo de eu não estar rindo, até seus olhos se encherem de lágrimas. — Eu não devia estar feliz se for seu, devia? — Nego.

Estou fazendo Adam chorar bastante ultimamente, o que não acontecia antes de saber que estou doente. Acho que isso mexeu mais com ele do que deixa transparecer.

— Chegamos! — Olívia anuncia.

— Sobe aqui, amor. Estamos no quarto — Adam chama carinhosamente, secando os olhos com a beirada da camiseta enquanto se levanta. Ele a agarra pouco antes que passe pela porta e eu me escoro no batente. — Aqueles testes são seus? — pergunta na lata, apontando para o banheiro. Eu prendo a respiração.

— Poxa, Adam! Estragou a surpresa! — Ela parece chateada.

— Jura? — Ele segura o rosto dela, Liv assente e cai no choro. — Vamos ter um bebê, mulher insana?! — Adam berra, tirando-a do chão, ao mesmo tempo em que esfrego o rosto, aliviado, pelo menos até baixar as mãos

e encontrar minha garota na porta do quarto com os olhos em mim.

A decepção no olhar dela não tem tamanho. Seus lábios tremem quando desvia o rosto. Eva para no lugar, como se não soubesse o que fazer por um instante, até decidir sair do quarto e descer a escada correndo, em vez de entrar para cumprimentar o irmão.

— Gabriel, eu vou ter um filho! Agora posso parar de te chantagear, não é ótimo? — ele grita, ganhando minha atenção. Abro um sorriso enorme e abraço os dois, depois os deixo curtindo a notícia e vou atrás dela.

Paro no fim da escada para observá-la sentada no cantinho do sofá, folheando meu *A guerra dos tronos*. Como nunca leu um livro na vida, imagino que esteja só fingindo porque me escutou descer. Duvido que queira mudar esse hábito com um livro de mais de seiscentas páginas. Passo os olhos pelos All Stars, pelo short jeans e pela camiseta do Mickey, parando na faixa preta no cabelo. Parece uma garotinha inocente vestida assim, mas a mágoa em suas feições é de gente grande.

— Sabe o que é mais ridículo nisso? — ela pergunta, apertando o livro, quando paro na sua frente.

— Que o autor mate todo mundo, acabe com o psicológico dos leitores, e mesmo assim a gente continue insistindo em ler as atrocidades muito boas que ele

escreve? — Seu maxilar cerra. Ok, humor não vai resolver.

— Este livro idiota só serve para alguma coisa se o pé da mesa quebrar. — Ela abaixa o livro aberto no colo, eu o tiro das suas mãos e a puxo até que fique de pé. — O mais ridículo é você não ter me falado nada. Então obrigada por ter me deixado descobrir sozinha o que tanto estava te incomodando, quando uma maluca despejou uma sacola de testes de gravidez no meu colo. Foi muito gentil da sua parte, Gabriel. — Em vez de responder, eu a levo até nosso quarto. Adam nos vê entrar e pergunta sem som se eu quero que eles vão embora. Faço que não e ambos descem, avisando que vão continuar o amasso na sala em vez de usar nossa parede.

Eu a conduzo até o criado-mudo e pego um teste na primeira gaveta.

— Só estava esperando criar coragem antes de... — Por que o lábio dela não para de tremer? — Vamos fazer? — pergunto, delicado, rezando para ela dizer sim, para ter me esperado, muito mais pelo que encontrei no cesto que por qualquer outra coisa. Meu peito aperta quando vejo um sinal negativo. — Por quê? — Arremesso o teste na cama e ergo seu queixo para que me olhe,

preocupado quando ela insiste em não colaborar. — Por quê, Eva? — Perco a paciência.

— Porque eu já sei a resposta, droga! — ela exclama.

Eu a solto, sentando na beirada da cama, porque seu tom fez minhas pernas fraquejarem. Seu corpo entra no meio delas, as mãos se apoiam nos meus ombros, e agora sim ela me olha.

Ela me olha profundamente por quase um minuto antes de responder.

— Encontrei uma cena de crime quando acordei, então não precisa se preocupar... — Não tenho ideia do que ela vê no meu olhar, mas isso deixa o dela mais triste. Para que Eva não precise mais encarar o alívio que deve estar estampado nele, apoio a testa na sua barriga, respirando fundo. Não recuo nem quando sinto seu peito subir e descer rápido demais.

— Está mentindo para mim?

As mãos dela acariciam minha nuca.

— Não — ela responde e me solta para engatinhar pela cama até seu travesseiro. Não sei se acredito, mas acho que ela não mentiria em uma parada tão séria.

— Por que você não vai se trocar? Vamos levar os dois para comemorar. Podemos jantar no Terraço, olhando a vista da cidade. Você adora aquele restaurante. — Ela faz que não, me mostrando que hoje comida também não

resolve. — Certeza? É um dia importante para eles. Você devia se animar.

— Não quero.

— Por favor, colabora, Eva.

— Não estou a fim — responde, virando para o outro lado.

— Você está sendo infantil — me irrita. — Devia estar correndo para se trocar pra gente comemorar também. — Os ombros dela tremem e eu caminho para fora do quarto, nem um pouco a fim de estragar a noite dos nossos cunhados por causa das birras dela.

Esta noite deveria ser deles e da novidade deles.

— Não tenho nada para comemorar, e você também não deveria ter, Gabriel — ela cospe antes que eu possa passar pela porta, me fazendo parar.

— Você quer tanto que as pessoas percebam que consegue ser responsável, e agora insiste na ideia de arrastar um bebê para o meio disso. Quer coisa mais mesquinha? — pergunto, sem me virar.

— Eu sei — ela choraminga, com a voz trêmula.

— Então por que você está tão triste?

— Lembra do lance do vegetariano? — Meu silêncio responde. — O alívio nos seus olhos foi duas vezes maior hoje do que quando viu aquele teste dar negativo anos atrás. E não era esse o olhar que eu queria ter visto,



porque o pai em questão desta vez é você. Sabe quanto isso me machucou?

— Se a gente estivesse em outra situação, você teria visto o olhar que queria — respondo, ainda sem me virar.

— Eu sei. Da mesma maneira que, se a gente estivesse em outra situação, eu poderia pegar minhas coisas e ir embora para mostrar como estou chateada, mas não posso me arriscar. Então por que você não leva o Adam e a Olívia para jantar e me deixa em paz por algumas horas, até eu me sentir melhor?

Ouvindo isso, saio do quarto e disparo pela escada. Quando escuta meus passos se afastando, Eva chora mais alto e de maneira mais sentida, me fazendo parar no lugar. Não chego nem à metade dos degraus antes de refazer o caminho.

Por quê? Porque eu sou o Gabriel e ela é a Eva. É assim que funciona.

Ela chora e eu arrumo um jeito de dar a ela o que quer.

— Você quer esse bebê tanto assim? — pergunto, segurando no batente, e rapidinho minha garota se senta, secando o rosto. Ela assente bem rápido e eu entro no quarto, me jogo na poltrona e a chamo com a mão. Em um segundo Eva está no meu colo. — Você sabe que o tratamento pode afetar a fertilidade? — Ela faz que

sim com a cabeça, os lábios colados no meu ombro. Eu a abraço e cruzo as pernas. — Eu congelei uma amostra de esperma antes da primeira sessão de químio, só para não correr o risco. Amanhã eu ligo para o meu advogado e faço um testamento genético para incluir a amostra no meu inventário. — É minha melhor saída para escapar dessa. Eva recua na hora, nem pisca enquanto me encara. — Eu nunca digo não para você. Se eu morrer, você ainda pode ter esse bebê, se quiser. Mas tem uma condição, Eva.

— Qual? — gagueja, meio desconcertada.

— Você tem que esperar alguns anos. — Sua boca se abre, mas eu rosno um *shiu*. — Muitas coisas podem acontecer em um ou dois anos. Você pode conhecer alguém e construir uma família de verdade. Tem que me dar isso, esse tempo — imploro.

— É o melhor acordo que eu vou ter de você?

— Não vamos colocar um bebê no meio disso, Eva — falo, sério.

Ela pula do meu colo como se tivesse tomado um choque.

— Essa é a única razão de não podermos ter um bebê agora? Porque estragaria a minha vida? Ou quem sabe seja porque o seu amigo pode não gostar quando chegar de Londres? — Não preciso responder. Eva sabe que só

me preocupo com o bem dela. Mas respondo mesmo assim.

— Eu cresci bem sem pai porque tive uma ótima mãe, o mesmo que o meu filho teria. O problema não é eu não conviver com esse bebê, é você querendo viver comigo no passado. Você merece mais que isso, devia estar concentrada planejando um futuro *sem* mim, e não *com* uma parte de mim. Não foi isso que eu te pedi na piscina. — Eu me odeio por gritar com ela, mas não consigo evitar. — Eu nunca devia ter escutado você naquela porra de chuveiro. — Suspiro, irritado.

Acho que essa foi a pior coisa que eu já lhe disse, mas não retiro. Estou frustrado demais para pensar nas consequências.

— Quer saber? Estou me sentindo bem melhor pela cena de crime agora, assim não vou me sentir culpada por ter insistido tanto — ela diz, rastejando de volta para a cama, engasgada.

— Odeio que você tenha medo de brigar comigo e depois não ter tempo de fazer as pazes — falo, apoiando o indicador nos lábios. — Vamos fazer assim: se eu morrer e a gente estiver brigado eu te perdoo, não importa pelo que seja, ok? Então pode falar o que quiser. — *Vou me arrepender disso, bem rápido.*

— Eu queria que você tivesse me falado que o motivo de não querer um filho é você, que se sentiria triste por perder a vida dele ou qualquer coisa do tipo, porque isso eu conseguiria entender. O que eu não entendo é você tentar me proteger de algo que eu quero, é você não perceber que com um pedacinho de você eu posso ser salva, que um bebê poderia preencher o buraco que você vai deixar, o bastante para que eu queira viver se você não puder. Um fiozinho de esperança, sabe? Mas no fim tudo o que você conseguiu foi me fazer ter medo de falar com você, assim como eu tive com o vegetariano. Daquela vez eu nem precisei te contar o que estava acontecendo, você apareceu na minha casa decidido a tirar por conta própria o pó do teste mofando na minha bolsa, porque soube, assim que eu não te liguei no dia certo pedindo um hambúrguer e muito mimo, que tinha dado merda e me apoiou a cada minuto, dizendo que daríamos um jeito se eu estivesse grávida. Mas hoje você não fez o mesmo, e isso foi muito decepcionante, Gabriel. Você é meu “Precisa de mim aí”, e não sentir o poder do que a gente tem quando a culpa no cartório é *sua* me arrasou.

Sinto tanto.

— Sem contar que agora você também me fez sentir culpada pelo lance do chuveiro, e isso não é justo, até

porque estamos vendo que você sabe, sim, dizer “não” quando quer. — Ela funga antes de me encarar profundamente. E eu? Eu já me arrependi, como sabia que aconteceria. — Então me perdoa por isso, mas hoje você deu mancada comigo pela primeira vez em trinta anos, e eu te odeio. — Dói, dói pra caralho escutar isso.

Nem consigo responder.

— Agora some da minha frente e vê se não morre até eu me arrepender e pedir desculpa, o que, aliás, você também deveria fazer — ela cospe, socando o travesseiro e se deitando de costas. É minha deixa para levar o irmão dela para jantar. — Ah, tem mais uma coisa! Se você beber de novo, eu vou encher a sua cara de porrada. Entendeu? — escuto Eva dizer antes que eu saia do quarto e assinto, bem arrependido pelo porre também.

Descubro que esqueci a carteira quando dobramos a esquina. Faço Adam voltar, porque quero pagar o jantar, e é óbvio que ele não recusa. Quando entro correndo para pegar, encontro Eva na cozinha com os fones de ouvido. Ela não me ouve, e encosto no batente para olhá-la. Não dá para ver o que está fazendo de costas na pia com tanta raiva, mas fico curioso o suficiente para esperar que ela suba e conferir. Quando vejo os cigarros quebrados ao meio no lixo, escondidos debaixo de várias

embalagens para que eu não encontre, tenho o péssimo pressentimento de que Eva mentiu para mim, porque já pedi que ela parasse de fumar um milhão de vezes e a resposta sempre foi a mesma: “Não consigo agora”. Eu estar doente tem deixado minha garota nervosa, e conseqüentemente ela fuma mais. Ter parado por vontade própria justo hoje, e ainda por cima escondido, significa alguma coisa.

Será que ela mentiu sobre não estar grávida?



O jantar é ótimo, tirando o fato de a minha concunhada também parecer não ter nada a comemorar, sendo que estava deixando todo mundo maluco por causa do bebê fazia meses. No fim da noite já estou bem mais desconfiado. Até Adam, que é devagar quase parando, pegou no ar, porque não para de me olhar de esguelha enquanto descemos o morro, me perguntando se estamos mesmo passando por isso. Estamos?

— Algum dos testes era dela? — pergunto quando estaciono o carro de Olívia na porta de casa, desligo o motor e me viro para encará-la.

— Se fosse eu não contaria. — Estreito os olhos, fazendo-a suspirar. — Eu aprendo rápido quando batem na minha cara dizendo: “Essa foi a última vez que você

errou comigo, Olívia”. Sinto muito, mas mudei de lado pelo bem da minha amizade com a Eva. — Ela encolhe os ombros, deslizando pelo banco de trás, virando o rosto para escondê-lo de mim. Fico com a impressão estranha de que Olívia acabou de contar. Ela devia estar feliz, mas não está, e tem uma cabecinha bem parecida com a minha. Pode ficar do lado da amiga, mas estaria concordando comigo agora que meter uma criança nessa é loucura se soubesse do teste. Acho que sabe. — Obrigada pelo jantar, Gabs — ela diz, emocionada, antes de sair do carro para assumir meu lugar.

— Me liga assim que souber. Provavelmente eu vou estar na linha do trem... Essa mulher não está feliz nunca — Adam cochicha no meu ouvido antes de eu sair.

Entro em casa na ponta dos pés. Está tudo apagado. Estou no meio da escada quando escuto um ressonar. Sigo o som e a encontro no sofá: parece triste até dormindo. O livro está caído no chão. Eu o pego e olho a página que usou como marcador — ela *dobrou* uma página do meu *A guerra dos tronos*, edição exclusiva. *Dobrou!* Fecho os olhos, respirando fundo, e deixo toda a vontade de esganá-la sair de dentro de mim com o ar. No fim o ar some quando noto que parou na página 100. Mais impressionante que isso? Só quem está dormindo em cima dela.

— Sério que você perdoou? Assim, do nada? — pergunto, confuso, exigindo uma explicação, como se o gato fosse mesmo me responder. Seus olhos amarelos se abrem assim que escuta minha voz e reluzem. Dou um passo para a frente e estico as mãos a fim de pegá-la no colo e levá-la para a cama. Imagino que Cupido venha junto, então não o afasto antes de deslizar a mão pela barriga de Eva para apoiá-la nas costas e me arrependo, porque no instante em que a toco ele me morde. — O que deu em você? Porra! — resmungo, absurdamente chateado, e balanço a mão no ar. — Você nunca fez isso — brigo. Cupido está pouco se fodendo para os meus sentimentos enquanto afofa o peito dela com as patas. Noto os peitos que eu provavelmente não vou ver, tocar ou pôr na boca por muito tempo se não rastejar. Quando deita, o gato me mostra os dentes. Mas que diabo...?

— Mordida de gato dói, né? — diz ela, sem abrir os olhos. — O nosso mudou de lado, ao que parece. — Já não bastava a Olívia? — Acho que a Flecha e as crianças trouxeram um pouco mais de amor ao coração de pedra desse felino rancoroso. Talvez ser pai fizesse bem a você também, mas não vamos saber, não é? — Pelo tom, acho que Eva ainda me odeia, e eu me odeio também, porque até o gato soube reagir à paternidade melhor que eu, mas não vou me desculpar por nada, nem por esquecer



de perguntar que nome ela escolheu para as pestes que nós adotamos. Pelo nome da mãe, aposto o dobro do que perdi no bolão que são nomes ridículos como... O que mais tem em um cupido? Um arco? Uma asa? O dela tem defeitos também. Afinal, olha o cara que escolheu.

— Parou de fumar? — vou logo ao ponto. Seus lábios se contraem, desgostosos. Imagino que tenha pensado que eu demoraria um pouco mais para perceber, mas quando fala me mostra que já esperava a pergunta, porque a resposta está na ponta da língua.

— Disseram que causa câncer, sabe? — diz, como se fosse novidade e eu não tivesse esfregado aquelas fotos horríveis que vêm atrás do maço na sua cara um milhão de vezes. A que estava no lixo era a do bebê.

— Ouvi dizer...

— Pois é, longe de mim ficar doente e me transformar em uma babaca. Ouvi dizer que é isso que acontece.

Acho que eu gostava mais dela quando me protegia desse mau humor todo. Eu a arranco do sofá e o gato vem junto. Suas mãos o agarram antes que ele morda meu ombro e eu roubo um beijo por me proteger mesmo brava, depois finjo não ver o sorrisinho em seus lábios quando começo a andar, me concentrando em falar com o gato.

— Quando ela foi embora e te largou, quem te deu amor fui eu, tá lembrado? — sussurro.

— Para de tentar confundir a cabecinha do Cupido, Gabriel. Ele já é da pá virada por conta própria! — Eva briga. — E, só para você saber, fui ler essa porcaria de livro para entender por que você gosta tanto e achei uma droga. Você tinha razão: olhei uns spoilers na internet para descobrir o que acontece nos outros volumes e vi que o filho da puta mata todo mundo...

— Não blasfema, Eva. Já estou bem puto com você por um dia. Não pode chamar esse livro de droga, independente de quem o autor mate — resmungo, brincando. Bom, mais ou menos. Subo a escada e finjo que não estou vendo mais um sorrisinho antes que Eva o esconda na curva do meu pescoço. Dura pouco. Minha garota se transforma em puro pavor quando a coloco sentada na pia do banheiro e pego o teste na cama, no mesmo lugar em que o arremessei mais cedo, estendendo-o. — Faz, por favor.

— Não vou fazer. — Ela torce o nariz.

— Eu pedi por favor. — Ela me olha como se não fizesse a menor diferença. Não deve fazer mesmo.

— Eu já disse que nós tivemos uma cena de crime, uma chacina, a propósito. Uma família de vinte pessoas mortas a tiro. Está bem feio. — Medo, vergonha, tristeza,

tem tudo isso nos seus olhos quando ela desce da pia. Eu me encosto no mármore, com as pernas afastadas. Engancho um dedo no passador do seu short antes que ela saia do banheiro. Eva suspira e agarra minha mão. Desvio o olhar, constrangido, quando a coloca entre suas pernas. — Viu? — Mordo o lábio e lhe dou um olhar enviesado, porque isso não significa nada.

— Você pode muito bem ter sido mais esperta e se adiantado. Sabia que eu ia insistir.

— Vai arrancar a minha roupa para tirar a prova? — pergunta, me desafiando.

— É óbvio que não — respondo, soltando seu short. Odeio que ela me pergunte nesse tom assustado, como se não soubesse de que modo reagiria se minha resposta fosse outra. Nunca seria.

— Então vamos para a cama — pede, me dando as costas.

Eu a sigo, imerso em perguntas sem resposta.

Por que ela jogou o cigarro fora? Será que está tentando me mostrar que tem responsabilidade suficiente para se virar sem mim com um bebê? Que tem maturidade para ser mãe? Está se preparando desde já para o que eu lhe prometi no testamento? *Qual é a dela, porra?*

— Me vende os seus pensamentos? — ela pede, uma hora mais tarde. Estamos deitados um de frente para o outro no escuro e em silêncio, nos olhando nos olhos. Sorrio, porque também estava tentando adivinhar os dela.

— Só se for em troca dos seus — proponho, colocando uma mecha de cabelo atrás da sua orelha. Quero olhar para o seu rosto.

— Eu não odeio você de verdade, e sinto muito por ter dito isso — ela me conta como se fosse um segredo, e eu sorrio. — Odeio o que está te tirando aos pouquinhos de mim, e também odeio sentir que preciso tanto de algo que você não pode me dar. Me faz sentir péssima. — *Eu posso dar o que você quiser*. Era isso que eu queria responder, e acho que posso, só não quero.

Quais as chances de eu aguentar firme nesse não? Seria mais fácil se eu tivesse treinado dizendo alguns ao longo da vida. Dói dizer não para Eva.

— Eu não dava mancada com você quando era só o seu melhor amigo. — Suspiro, passando a mão pelo seu rosto, e a dela se agarra à minha camiseta por instinto, me dando um susto. Quando me dou conta de que a primeira coisa em que pensou é se estou terminando com ela, passo uma das mãos por trás de suas costas e a trago mais para perto. Não conseguiria mais ficar sem

ela, nem se eu quisesse. — Acho que era mais fácil porque antes eu só resolvia as merdas dos outros. Agora tenho que resolver as minhas.

— Eu sei que você teria feito diferente se não estivesse doente. Eu sei disso. Não é culpa sua — diz ela.

— E o que aconteceu no chuveiro não foi culpa sua. — O alívio nos olhos dela me incomoda, mas deixo passar. A gente saiu de uma briga para uma conversa decente. — Eu queria ter conseguido olhar para você do jeito certo. Quando você entrou no quarto, merecia ter visto a decepção nos meus olhos pelos testes não serem seus, e eu me sinto péssimo por não ter conseguido te dar isso. Eu só quero que você tenha uma vida, amor.

— E eu quero que você entenda que eu não quero uma vida em que você não exista de alguma maneira.

— E dentro de você? Você não vai me guardar no coração e aquela coisa toda? — gracejo.

— Tá brincando, né?

— Daqui a três meses, quando nós soubermos se a química está funcionando, podemos conversar sobre o assunto de novo. Até lá eu vou pensar em dar o que você quer.

— É um acordo melhor. — Reviro os olhos. Claro que é.

— Você está me pedindo um egoísmo. Vou querer outro em troca.

— O que você quer? — ela pergunta, curiosa. Não consigo falar. O que eu quero é grande. — Diz logo!

— Morrer nos seus braços. — *E aqui ela volta atrás...*

— Por que você pensou que seria diferente se acontecer? — ela indaga, franzindo o cenho, e minha boca encontra a dela. — Vou ficar com você até o último segundo, Gabriel — sussurra antes de segurar meu rosto e aprofundar o beijo. Não tenho mais nenhuma dúvida de que daqui a três meses vou me deixar convencer de que termos um filho é uma boa ideia, mesmo que ainda não concorde.

*Demoro esses três meses para descobrir que ela mentiu para mim.*

## Gabriel

Franzo o cenho e engulo um palavrão quando alguém morde meu tornozelo, porque não quero acordá-la. Nem preciso olhar para saber quem me acordou às... *Que horas são?* Abro os olhos o suficiente para ver que ainda está escuro. Estou quase pegando no sono de novo quando percebo que Eva está inquieta demais, mas, antes que possa perguntar se está tudo bem, eu a ouço afastar o edredom e falar...

— Sério que você não gosta mesmo de Big Mac? *Como pode?* — pergunta, em um cochicho resignado, saindo da cama bem rápido. Com quem está falando? Aonde está indo?

Provavelmente atacar a geladeira, então fico quieto.

O gatinho que estava dormindo no meu peito reclama por ter sido acordado, pula meu corpo, se segurando com as unhas até cair, depois rasteja para a minha camiseta, ao mesmo tempo em que sinto a patinha minúscula do outro bater na minha bochecha. Acho que estava no travesseiro dela. Sei lá, essas porras grudam até nos lustres agora. Sabe o que é mais interessante? Paguei um absurdo em uma caminha que ninguém usa, virou enfeite. Os quatro só

dormem na *nossa* cama, mais precisamente em cima de nós, ainda nos fazem de travesseiros e nos acordam de madrugada se querem brincar. É um inferno. Mas eu amo. Ela também. É muito divertido.

Dividir a vida com a minha garota é ainda melhor do que eu tinha sonhado.

— Vai dormir, Asa — cochicho no seu ouvido, ganhando um ronronadinho fofo. Asa é toda doce, como a mãe. O que está na minha camiseta é o demônio disfarçado; Arco é idêntico ao pai. O que eu disse sobre os nomes?

Fico perdido na inconsciência, sentindo o barulhinho da felicidade da bonitinha no meu peito. Dá ainda mais sono...

— Merda, neném! — Eva geme, abrindo a tampa do vaso, ou ao menos acho que foi isso que falou, porque a tampa bateu na cerâmica ao mesmo tempo. E eu? Eu acordei.

Tô bem acordado.

Meus olhos se abrem no instante em que penso ter escutado uma variável da palavra proibida — aquela que ninguém menciona porque combinamos fazer isso apenas depois da consulta. Sei que nós vamos escutar algo ruim, e ainda acho que é uma péssima ideia colocar alguém inocente no meio disso, mas, assim que sairmos do hospital e minha garota chorar nos meus braços me pedindo de novo a porra de um bebê, eu sei que vou concordar.

— Neném malvado — ela sussurra para o gato, fazendo meu peito apertar, porque tem alguma coisa no tom... uma coisa diferente...



Tenho uma ideia do que seja quando, um segundo depois, escuto os sons dela dando adeus ao hambúrguer que comeu mais cedo, quando levamos meu irmão e a namorada ao cinema — o primeiro que come desde a nossa briga —, e eu paro de achar que estava falando com o Cupido.

Afasto as cobertas com um milhão de perguntas na ponta da língua, mas acho que só uma importa. Mentiu para mim, porra? Entretanto sua voz me faz parar, ficar quieto e escutar. Sua voz transforma todo o inconformismo que estou sentindo apenas ao cogitar essa ideia em algo mais bonito.

— Justo de Big Mac, amor? De uísque eu até concordo, esse gosto eu não queria mesmo que você herdasse, mas McDonald's é vida, caramba — comenta, resignada e sem fôlego, sorvendo uma lufada gananciosa de ar. É assim que eu descubro que amo escutá-la falar nesse tom. Muito. E que não vou interromper. Tem mais amor naquele “amor” do que nos que eu escuto. Quero escutar mais um pouco.

Eva dá a descarga e escova os dentes, toma um banho rápido e parece melhor quando sai do banheiro e se senta na poltrona no canto do quarto. Parece serena e tão mais linda que não consigo tirar os olhos dela. Ela não gosta de ficar sozinha quando não se sente bem, não reage com essa calma toda. Teria me acordado. *Então quem é ela?* Quem é a garota sentada na minha frente? Tem um sorrisinho no canto da sua boca que faz meu coração bater mais rápido. Também é mais bonito que os meus sorrisinhos de canto de boca.

Nesse não tem a perversidade que tem comigo. Tem paz. É puro. Inocente. Imaculado. *É de quem, hein?*

Ela não faria isso...

— Eu ainda não sei fazer o que você quer comer — fala em tom de desculpa, dobrando a perna embaixo do corpo. *Ou faria?* — Mas amanhã posso pedir para a vovó e prometo tentar aprender. Você espera um pouquinho? — pergunta em um cochicho, sem tirar os olhos do céu, me fazendo engolir em seco. Vovó? Ah, Eva, porra! Mentiu mesmo para mim?

*O que ele quer comer?*

— Tem que ter paciência, sabia? As coisas não podem ser sempre na hora que você quer... — briga. *Quem é ela? Quem?* Eva não sabia disso até ontem. — Não vai me deixar dormir até eu dar um jeito, né? Isso com certeza você puxou de mim — amolece, abrindo um sorriso enquanto eu me odeio por não ter percebido porra nenhuma.

Está na cara quem ela é. É a mãe dele.

E eu? Eu sou um idiota.

O idiota que a obrigou a fazer isso.

Há duas semanas comentei que seus seios estavam maiores, e foi de forma bem elogiosa, depois agradei a Deus por não ter completado com “Por sinal, o resto também está”, porque só aquilo bastou para estragar a noite. Desde então ganhei luzes apagadas, mãos sendo reposicionadas para lugares nada interessantes sempre que tocam nela e muitas desculpas diferentes para não entrar comigo no chuveiro. Quase sugeri que fizesse umas compras, porque as

roupas andam meio apertadas, mas calei a boca. Não queria correr o risco de vê-la aparecer na porta enrolada em plástico bolha. Falei um milhão de vezes que está maravilhosa assim, que eu amo cada uma das novas curvas, porque amo mesmo, e não adiantou. Agora sei bem por que Eva anda se escondendo de mim.

*Não está dando mais para esconder a mentira.*

Sabe aquele ditado “Mentira tem pernas curtas”? Bom, a dela com certeza tem pernas.

E eu caí quando ela me disse que andava comendo tudo o que via na frente porque parou de fumar. Falam mesmo que as pessoas substituem o vício pela comida. Caí fácil.

— O que você acha de me recompensar pelo hambúrguer falando comigo? Eu só tenho você para conversar. Ainda faltam duas semanas para a consulta do papai, então seria bom se você me respondesse, porque eu estou meio solitária aqui. — Nós conversamos o dia inteiro, mas parece que não do único assunto que ela quer falar. Dele. — Eu prometo que vai melhorar. Assim que o médico disser que está tudo bem e eu puder contar para o papai e para a vovó, não vou encher tanto o seu saco, aí vou poder encher o deles. — *Tadinha, porra!* É aqui que eu decido que não vai rolar uma briga. Não vai rolar nem um “por quê”, não vou perguntar. — Então o que você acha de se mexer para mim um pouquinho? — Se mexer? Cacete, quantos meses... Quatro? Eva morde o lábio, esperando, e aparentemente nada acontece. Em vez de se

decepcionar, ela tira minha camiseta e se recosta; não há nada por baixo.

Seu olhar desce pelo próprio corpo e o meu acompanha, lentamente... Meus olhos marejam antes de chegarem a uma barriguinha minúscula que não existia duas semanas atrás. Vista de perfil e nua, parece grande o suficiente para eu me sentir um cretino por não ter reparado antes. Um sorriso se abre nos seus lábios quando Eva olha para si mesma e me mostra que gosta do que vê, só não me deixa olhar porque tem medo de que eu não goste. Não é só pela mentira. Ela está insegura e não devia. Acho que nunca esteve mais linda.

— Vamos. Por favor, vamos — implora, contornando o umbigo com a ponta dos dedos. — Ok, teimosinho de merda. Se você não está a fim de falar comigo, pelo menos me deixa dormir! Ajuda se parar de pedir uma coisa que eu não tenho ideia de como fazer às duas da manhã. — Ela se irrita, jogando as mãos para o alto e se colocando de pé. Até brava com ele Eva é linda.

*Quero tanto te abraçar, Eva.*

*Que merda a gente fez?*

*O que ele quer comer?*

Ela para rente à cama para acariciar Flecha no seu travesseiro. Se erguesse o rosto, daria de cara com meus olhos abertos, grudados nela, fascinados pelas curvas no seu corpo, que ficam ainda mais evidentes quando se inclina para a frente assim. Quando as lágrimas pingam dos seus olhos eu fecho os meus, com pesar e muito remorso por não

ter agido de maneira diferente e insistido para ela fazer aquele teste. Deve ser horrível não ter ninguém para conversar em um momento tão importante. Eu sou um babaca.

Não demora até que eu a escute subir na cama e se enfiar embaixo do edredom. Espero que se ajeite antes de observá-la recostada nos travesseiros, sentada ao meu lado. Ela ainda não colocou a camiseta, e eu não consigo mais desviar o olhar da mão acariciando a barriga a um palmo de distância do meu rosto, as unhas curtinhas e azuis, a ponta dos dedos que circulam, todos os carinhos nele. É ele? Ela está falando como se fosse. Será que já sabe? O que estou perdendo depois que pego no sono? Ela está à vontade demais, deve fazer isso todas as noites.

— Boa noite, neném — deseja, quase que inaudivelmente. — Eu amo você, *não só hoje, não só desta vez*. — Sua voz embarga. — Não precisa ficar triste por não ter o boa-noite dele, tá? — fala com a voz trêmula. — Um dia o papai vai entender que eu só vou conseguir ter a vida que ele tanto deseja porque você vai garantir que eu queira abrir os olhos de manhã. Um dia o papai vai entender como você é importante para mim e que, no fundo, também é aquilo que ele mais quer, algo que me dê um propósito para continuar, se ele partir. Eu acho que vou querer morrer, todos os dias, o tempo todo e para sempre, mas te amo demais para ser como a minha mãe, para entrar no mar e acabar com a minha dor sem pensar em você. Vou ser uma mãe bem

melhor, que nem as suas duas outras vovós. Se isso inclui respirar, arrumar um trabalho que eu ame e ser a melhor e mais alegre mãe do mundo, nem que seja só por fora, é o que vou fazer. Vou dar o meu melhor por você, exatamente como estou fazendo pelo papai — diz, emocionada.

Se eu disser que essa é a primeira vez que respiro de verdade em meses, dá para acreditar? Ouvir da boca da Eva, de maneira sincera, que vai viver em vez de procurar pelas minhas armas me faz amá-lo imediatamente. É diferente escutar minha garota falando isso para quem está dentro da sua barriga. Tem um significado maior. Um peso maior.

— Ele te ama também, só não sabe disso ainda. Temos que ter paciência com o papai, porque ele está dodói, ok?

Eva faz esse pedido de maneira tão doce que me dá uma vontade incontrolável de chorar. Não aguento mais ficar longe dela. Não houve distanciamento nenhum nesses meses, não teve sequer uma briga, mas agora parece que tem um abismo enorme no meio da cama, um abismo que me faz ter a necessidade de tocar nela para saber se é ainda real. Nele. Preciso tocar nele para saber se é real. *Será que é mesmo ele? Vou perguntar.*

Jogo um braço ao seu redor, apoiando a mão na sua coxa, e a sinto enrijecer de imediato, com medo de que eu a tenha escutado. Isso é uma punhalada no meu peito. Os gatinhos escapam da minha camiseta, correndo e reclamando, e eu a ouço rir enquanto a puxo para mais perto de mim, até que minha boca esteja pressionada na lateral do seu corpo. Aos

poucos, enquanto meus lábios roçam sua pele, descendo por suas costelas, eu a sinto relaxar. Quando solta um gemido aliviado é mais uma punhalada, porque mostra que ela esperava outra atitude de mim se tivesse mesmo escutado, algo diferente do carinho que está recebendo. Eu me apoio em um cotovelo e deslizo a mão pela sua coxa até chegar ao quadril e para além da cintura, enquanto meus lábios fazem o mesmo caminho pelo outro lado. Quando ambos param na sua barriguinha redonda, minha garota para de respirar completamente. Acho que entendeu que foi pega e não sabe o que esperar. E agora? Tenho que fazer isso de um jeito bonitinho, mesmo que ela estrague tudo falando alguma merda depois, como sempre fez, porque estava certa: só é legal quando a falta de romantismo vem dela.

Abro os olhos e encaro sua pele bronzeada e arrepiada.

— A mamãe foi gentil em não falar isso, o que diz muito sobre o caráter dela, mas a verdade é que o papai é um idiota — cochicho, sem desgrudar os lábios da sua pele. Acho que quero beijar essa barriga para sempre. — Um idiota que sente muito pelos boas-noites que está devendo e por magoar vocês dois.

Eva está em silêncio, sem saber como reagir ou o que esperar, porque ainda não tive coragem de olhar nos seus olhos. Respiro fundo quando ela apoia a mão na minha nuca, me acariciando com a ponta dos dedos, me perdoando mesmo que eu ainda não tenha pedido. Finalmente ergo o olhar; sua mão livre tapa a boca aberta de incredulidade

meio segundo antes de eu notar os olhos quase transbordando. Não tenho ideia do que ela vê no meu olhar, mas faz suas lágrimas rolarem e seus braços se arremessarem ao redor do meu pescoço. Termino sentado com ela no meu colo, agarrada aos meus ombros e me beijando sem parar. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Não tem fim, e espero que nunca acabe.

*É, acho que agora eu fiz essa porra direito.*

— Me perdoa? — pergunto, fazendo-a reclinar sem sair do meu colo, apoiando as mãos atrás das costas. Não tiro os olhos dela, assim como não tiro a mão da barriguinha, que fica ainda mais evidente nessa posição. Me sinto tão bem tocando nela que por mim não tiraria a mão nunca mais. Eva franze os lábios involuntariamente em uma careta de choro daquelas bem mirradinhas, enquanto assente de maneira meiga, *tão meiga*.

Guardo essa como uma das cenas mais bonitas que ela me deu de presente.

— E você, perdoa o papai? — Assim que as palavras saem da minha boca, os olhos dela se arregalam de surpresa, expulsando todas as lágrimas que restavam neles. — O que foi, Eva?

Ela cobre minha mão com a sua sem dizer uma palavra, depois a empurra para o canto mais baixo da sua barriga. Quando chega aonde quer, pressiona minha mão com força contra sua pele e prende a respiração, me olhando com tanta expectativa que também paro de respirar, embora não tenha



ideia do que estamos esperando até que... até que eu sinta uma coisa... *É como uma onda.*

— Isso foi um sim? — pergunto, com a voz embargada. — Foi, né? — Eva assente e se agarra à minha camiseta. Enfio o rosto no seu cabelo, respirando fundo, à procura de um aroma que não existe mais. Eu amava o cheiro de cigarro misturado com baunilha que minha garota tinha, mas não consigo mais sentir falta dele, agora que sei por que desapareceu. A única coisa que eu sinto é orgulho dela por ter colocado alguém acima das suas vontades. Poderíamos ficar até amanhã em uma puta briga por ela ter mentido para mim, mas para quê? Ela não queria ver aquele olhar, e eu entendo. Eu também não queria tê-lo dado. A verdade é que, quando se tem pouco tempo, não sobra muito para coisas que não sejam importantes, e só tem uma coisa que me importa agora. Essa dupla.

— Me perdoa, Gabriel? Eu queria esperar... — choraminga segurando meu rosto, olhando nos meus olhos.

— Eu ouvi tudo o que você disse para o bebê — corto, fazendo-a morder o lábio, nervosa. — Não quero te escutar pedindo desculpa. Está tudo bem, ok? Estamos bem.

— Que bom, porque estava difícil guardar esse segredo. Estou tão feliz por você saber. Quero te contar tanta coisa...

— E eu vou amar ouvir. — O alívio nos olhos dela quando se reclina é indescritível, e aí acontece o que sempre acontece.

Três, dois, um...

— Mas, antes, você viu que garoto mais ingrato, Gabs? — pergunta, franzindo o cenho. Destruindo o momento bonitinho. Nem sei por que ainda me surpreendo. Tem até uma lágrima querendo sair do meu olho, ainda estou emocionado pelo que acabou de rolar, então a vejo olhar com cara de brava para a barriga e tudo se transforma em uma gargalhada.

*Como eu a amo!*

— Vivo implorando por isso e ele não me dá bola, aí chega você, o cara que olha torto para pobres grávidas inocentes e mentirosas — reviro os olhos —, pede desculpa e de primeira ganha um chute digno da Vila Belmiro. Parece justo?

— Nem um pouco — nego, fazendo careta, fingindo concordar.

— Sabe há quanto tempo eu estou fazendo as vontades dele sozinha? E o trabalho que dá? Não posso chegar na minha madrasta todo dia com um pedido rebuscado diferente e continuar contente. É vergonhoso, e é isso que eu ganho dele em troca. Fiz a Clara andar sete quadras para me comprar um rocambole ontem. A coitada chegou até ofegante na escola! — Parece que a vovó vai se foder tanto quanto eu. Cara, vou me divertir demais assistindo a isso. — Pensei que eles demorassem um pouquinho mais para dar desgosto, sabe? — reclama, parecendo uma metralhadora. Ela tem mesmo muita coisa para me contar. — Não bastava ele não gostar de Big Mac, Gabriel? — me pergunta, ficando triste. — E se ele quiser ser vegetariano? O que a gente faz?

Doa para alguém? Você não vai gostar de um bebê vegetariano — fala, caindo no choro.

— Ele pode comer tofu se quiser, desde que seja santista. Do meu time do coração eu não abro mão. Se ele quiser ser corintiano a gente doa — brinco.

Eva gargalha e depois chora mais.

— Sério que você não vai gostar dele se não for um peixinho? — pergunta, fazendo bico, como se não fosse outra fanática.

Agora eu me pergunto: Quanta manha ela tem acumulada aí dentro por esses quase três meses que passou enfrentando todas as novidades sozinha? Aposto que meus dias vão ficar bem mais interessantes a partir de agora.

— Você precisa me ouvir dizer que gosto dele, Eva? — É uma pergunta séria, que faz seus ombros se encolherem. É um sim. — Como eu não amaria o nosso filho? — Encho sua barriga de beijos. Ela solta uma risadinha que termina na minha boca quando a deito na cama e cubro seu corpo com o meu, tomando cuidado para que meu peso não a machuque. O dobro dele. Suas mãos abaixam habilidosamente minha boxer enquanto um sorriso malicioso se abre em seus lábios. — Como eu não amaria ter uma família com você? — pergunto de novo quando estou dentro dela. Tem tanto amor no seu olhar que é impagável. Fazer amor com a minha garota tem um significado especial esta noite. Tem mais carinho. Mais entrega. Mais de nós.

Nós vamos formar uma família.

Isso com certeza é mais do que eu podia esperar.

— É mesmo um menino? — pergunto, curioso, quando recuo. E na mesma hora seu olhar mostra pânico.

— Espero que seja, ou a esta altura já traumatizei a pobrezinha... — Caio na risada. — Eu acho que é. Tem um exame na minha bolsa que sabe com certeza. Eu estava esperando poder te contar... — Antes que ela termine de falar, já descii a escada correndo. Quando pego a bolsa de cima da mesa de jantar, descubro que isso me cansou o suficiente para que eu seja obrigado a subir um degrau por vez. Eu já estava bem cansado, para ser sincero. Coloco a bolsa no seu colo e me sento à sua frente.

— Vem cá — peço que ela suba no meu colo. Não sobrou força suficiente para puxá-la. Distraída, tirando alguns exames e o celular da bolsa, Eva faz o que pedi, sem notar que ainda estou sem fôlego. Quando ergue o olhar já estou bem. Estou sorrindo, cheio de expectativa.

— Abre você. — E me entrega um deles. — Eu não tinha ideia, mas dá para descobrir o sexo do bebê com um exame de sangue a partir da oitava semana — explica enquanto abro o papel e ergo os olhos sem ver.

— Você está com ele na bolsa há semanas e ainda não abriu? — Quando ela nega, meus olhos se arregalam. A única pessoa mais curiosa que a minha garota é o irmão dela. — Porra! Como eu não percebi a sua barriga antes? — falo, irritado comigo mesmo.

— Apareceu do dia para noite. Quando eu vi, estava aqui.  
— Ela dá de ombros. — Faz só uma semana que reparei...  
Anda, abre isso. Estou morrendo de curiosidade faz dez  
semanas, Gabs — implora. — Vê primeiro. Eu quero escutar  
de você.

Bato os olhos no papel e abro um sorriso. Ergo o olhar  
abrindo a boca para contar o resultado, mas sou  
interrompido por um grito.

— Não, ainda não! — ela pede, mordendo a unha. Eva  
pensa por um segundo e abre um sorriso animado,  
empolgada com alguma ideia. Tenho até medo de ouvir.  
Nunca é boa ideia. — Primeiro escolhe o nome, aí sim você  
me conta.

— Quer que eu escolha o nome? — Arqueio uma  
sobrancelha. A ideia até que não é ruim, só é meio difícil de  
acreditar. — Você não pediu a minha opinião nem na hora de  
escolher o nome dos gatos, e agora quer que eu escolha o  
nome do nosso filho? — pergunto, só para confirmar.

— Isso aí. — Sorri.

— Preciso pensar, amor. — Embora tente esconder, eu sei  
que ela está impaciente por causa da ansiedade e tenho uma  
boa ideia para distraí-la até pensar em alguma coisa. —  
Enquanto isso, por que você não me conta o que o bebê quer  
comer?

— Você não sabe fazer o que a criaturinha quer, Gabs —  
responde, conformada. — Ele quer bolo. — A única coisa que  
eu nunca acerto na cozinha.

*Será que vai puxar a mãe e ser do contra também? Quero tanto viver para descobrir...*

— Eu posso dar um pulo no mercado vinte e quatro horas — proponho para não pensar que isso pode não acontecer.

— Não se preocupa com isso, ok? — ela me tranquiliza, embora só de tocar no assunto esteja salivando. Eva passa a mão no meu rosto e continua falando: — Amanhã de manhã eu ligo e pergunto para a minha mãe se ela pode...

Assim que se escuta chamando Clara assim, as palavras se interrompem e suas mãos cobrem os lábios, uma sobre a outra.

— O que acha de ligarmos para a sua mãe agora? — sorrio.

Seus olhos se enchem de lágrimas enquanto me encara, perplexa consigo mesma. Pego o celular jogado em cima da cama e ligo para Fernando, pedindo que levante, se troque e dê um pulo em casa com sua mulher. Até saliento que é para usar a chave do canteiro. Depois que explico que está tudo bem e o dramático para de fingir que vai infartar por eu tê-lo assustado, desligo tendo a promessa de que ele vai chutar a esposa da cama e vir para cá, e a ameaça de que é bom eu ter um ótimo motivo para tirá-lo de casa. Espero que me matar por engravidar a filha dele e foder com o manual seja um motivo que valha a pena.

— Não acredito que você acordou os dois às três da manhã. — Ela ri, abafada pelas mãos que ainda cobrem a boca... Minha única resposta é o sorriso, que não sai da

minha cara por nada. Aposto que vou virar mestre em realizar desejos. Quem lembra que está doente realizando desejos? Não eu, com certeza. — E se eles me olharem daquele jeito? — pergunta, encarando as pernas bronzeadas. — A Liv olha. — Encolhe os ombros, conformada.

— Não vão — prometo, empurrando-a para fora da cama para que possamos nos vestir.

Quando voltamos para a cama, eu me sento na cabeceira e ela deita na minha perna.

— Por que você não me conta o que eu perdi enquanto esperamos? — Seus olhos se iluminam, ela agarra o celular e abre os vídeos dos ultrassons que fez com a cunhada. Passo a próxima meia hora escutando tudo o que Eva queria me dizer nesse tempo todo e não pôde, olhando para aquela imagem granulada enquanto minha mão acaricia seus cabelos, sua barriga.

Quando seu pai grita anunciando que chegou, dou um beijo nela e saio da cama, parando no patamar.

— Subam aqui. — Eu os espero na porta do quarto, dou passagem para sua madrasta, que não perde tempo em se sentar na frente de Eva, perguntando o que está havendo, mas seguro a camiseta de Fernando antes que ele possa segui-la. Me inclino para cochichar no seu ouvido. — Independente do que você escutar, abre um sorriso bem bonito, cheio de dentes, que nem você fez quando comeu aquela comida queimada na frente dela. Pode me matar depois. — Seu corpo recua e seu olhar me estuda. Sua boca

se abre para perguntar, mas os olhos são capturados por alguma coisa no quarto que lhe rouba as palavras. Sigo seu olhar e vejo Eva agarrada ao pescoço da madrasta.

Ela sussurra alguma coisa no ouvido de Clara que a faz cair em um choro repentino e avassalador. Em questão de segundos sua madrasta quase nem respira. A única coisa que consegue fazer é apertar minha garota mais forte, assim como Fernando aperta meu pulso.

— Me explica o que eu estou vendo? — ele pede, assustado e confuso.

Indico a escada e nós descemos até a cozinha. Me encosto na bancada enquanto o vejo se sentar à mesa, cruzar as pernas e me encarar à espera de que eu fale alguma coisa, mas não consigo dizer nada.

— Este aqui está mudo. — Aponta para mim assim que sua esposa entra na cozinha.

— Imaginei — ela comenta, fungando. Os ombros de Fernando relaxam assim que ele vê o sorriso radiante preso aos lábios dela.

— Pifou, acho — comenta, divertido. — Espero que você tenha conseguido arrancar alguma coisa da que estava com você.

— Na verdade, a que estava comigo falou... — Seu queixo treme, e o sorriso não diminui.

— Ih, acho que essa coisa pega. — Ele franze o cenho. — Fala de uma vez, mulher! — O queixo dela treme mais e os olhos marejam. O sorriso aumenta.



Estou até com medo de escutar.

— Ela disse... — funga — “O neném quer bolo de laranja.”  
— Impressionante como a cor some do rosto dele quando sua esposa responde. Eu adoraria que um buraco se abrisse bem onde estou pisando, mas, como essas coisas só acontecem em filmes, continuo no mesmo lugar, imóvel, ainda sem tirar os olhos do pé da mesa. Ainda bem que tenho uma ótima visão periférica.

— Não desmaia, Fernando. Ainda não terminei — Clara pede, se sentando nas pernas dele. — A Eva completou com um “Desculpa te acordar por causa disso, mas você pode fazer, mamãe?” — ela continua, de maneira abafada. — Não *mulherzinha do meu pai*. Não *madrasta*. Não *Clara*. Não *mãe*, mas *mamãe*. Acredita? — pergunta, se agarrando à camiseta dele, toda emocionada. Quem pifou agora foi ele; ficou tão surpreso que a única coisa que conseguiu fazer foi negar.

É, é mesmo difícil de acreditar.

Quando Clara se acalma, levanta e se arremessa sobre mim, envolvendo meu pescoço com as mãos. Então eu sinto o cheiro. É fraco, já devo tê-lo sentido antes, mas só hoje o reconheci.

Como pude deixar algo assim passar?

— Ela deixou você consolá-la da primeira vez por causa do seu cheiro — conto em um impulso.

— O perfume? — pergunta, encantada. Será que ela sabe?

— Disse que você tinha cheiro de mãe, e só agora eu entendi. Você usa o mesmo perfume que a minha mãe usava

— cochicho no ouvido dela, e Clara me surpreende, me dando um abraço igual àquele que eu imagino que minha mãe me daria se tivesse tido a oportunidade de saber que seria avó. Parece que é nos braços dela que eu estou. — Deus escreve certo por linhas tortas. Ele te mandou para a vida dela no momento certo, e mesmo que Eva tenha lutado contra você a conquistou. Não pode decepcioná-la — aviso, em tom mais duro.

— Eu jamais faria isso, querido, eu a amo — garante, firme e gentil.

— Você pode ser a mãe dela e ajudá-la com o bebê se eu morrer? — Sinto suas mãos me agarrarem mais. As lágrimas que caem agora acho que são minhas. — Pode me prometer que vai cuidar deles, Clara? — Seu corpo se afasta e as mãos envolvem meu rosto. Gosto que ela queira olhar dentro dos meus olhos quando responder.

— Eu prometo. — E eu não desconfio nem por um segundo de que não seja verdade. — Agora eu posso atacar a sua cozinha e fazer um bolo para o meu primeiro neto? — Assinto. — Tem tudo que eu preciso? — Assinto de novo. Enquanto ela se ocupa em abrir a geladeira e os armários que estou apontando, reparo que Fernando ainda não abriu a boca. Sei que ele está me encarando e não tenho a menor coragem de erguer o olhar. A parte de mim que sabe que nós fomos *muito* irresponsáveis está bem envergonhada.

O resto não se importa com a opinião de ninguém, porque Eva está feliz.

— Você pegou essa mania boba de ter medo de mim. Não gosto disso, filhote — diz, em tom simples. — Anda, me olha para que eu possa te dar os parabéns...

— Parabéns? Você tem que me dar uma bronca! Me perdoa, tio — interrompo, finalmente erguendo o olhar. Na mesma hora ele se levanta e vem me abraçar. — O momento é péssimo, eu sei disso. Se acontecer alguma coisa...

— Eu estava namorando a sua mãe escondido fazia um ano quando ela morreu. — Opa! Recuo o rosto, espantado, e o encontro sorrindo abertamente para mim, no tom brincalhão de sempre. — Você engravidou a minha filha, então escuta, engole e fica quieto, que você me deve essa.

— Porra, era a minha mãe! — Franzo o cenho e seu olhar me manda calar a boca.

— Eu a amava muito mais do que amei a Sara. — Ele olha para Clara, que assente sem parar de bater a massa e lhe dá permissão para continuar. *Ela sabia do perfume.* — Para ser sincero, acho que o seu pai foi quem amou a Sara de verdade, mesmo tendo sido covarde quando mais importou, porque ela tinha razão quando dizia que eu era um péssimo marido, que vivia para o trabalho. Agora, a sua mãe não. Não cometi o mesmo erro quando nos apaixonamos. Ela eu amei de verdade, como nunca consegui amar a mãe da Eva. — Quando termina de falar, encontro minha garota sentada na escada escutando a conversa. Seus olhos arregalados encontram os meus.

— Por que você está me contando isso só agora? Eu teria adorado, a Eva também. — Ela assente, ainda quietinha.

— Porque eu quero que você entenda por que eu estou feliz por ganhar um neto — responde, apoiando uma mão em cada um dos meus ombros. — Quando ela foi embora, eu fiquei sem chão. E sabe o que me motivou a querer acordar? Mais que os meus próprios filhos, foi você.

— Eu?

— Você tem a risada e os olhos dela. Sempre que ri eu a escuto, sempre que me olha eu a vejo — diz, afagando meu rosto com as costas da mão. — Eu teria cuidado de você independente de qualquer coisa, mas grudei em você como uma cola também por egoísmo, porque eu precisava de você para ficar bem.

— Você devia ter me contado. Eu podia ter ajudado — falo, com pena do que ele passou encarando sozinho o luto pela minha mãe. Lembro que ele ficou arrasado, nós nos apoiamos como foi possível, achei que ele tinha perdido apenas a melhor amiga. Já era muito. Eu teria amado se minha mãe pudesse ter tido a chance de ser feliz com ele. Eva sorri para mim, aponta para os olhos, me avisando que não consegue mais escutar sem chorar, e sobe a escada de fininho. Ela compartilha do sentimento.

— Eu só deixaria vocês mais tristes se contasse algo assim depois da morte dela. Nós queríamos ver se daria certo antes de empolgar vocês, e, bom, o anel de noivado estava no meu bolso quando você bateu na nossa porta debaixo daquele

temporal em busca de consolo. — *Na mesma noite ele virou meu pai.* — Se der merda, esse bebê segura a barra de todo mundo, Gabriel — sussurra. — A dela. A do Adam. *A minha* — frisa, com os lábios tremendo.

Eu o aperto tanto que fico sem ar.

— Meu perfume não é um acaso, querido — Clara revela. — O Fernando só puxou assunto comigo quando parei para abastecer o carro no posto porque queria sentir o cheiro um pouco mais, e no fim parece que eu tenho muito mais da sua mãe além dele. — Ela sorri, parecendo ter orgulho disso em vez de ciúme. Gosto de acreditar que Clara é um presente da minha mãe para nós, mais para Fernando e Eva que para mim. Quem sabe ela não tenha cochichado no seu ouvido que parar no posto da família, justo em um momento em que Fernando estava no caixa, o que nunca faz, seria uma boa ideia. Sei lá, eu acredito. Não tinha momento melhor para ela vir parar na nossa vida.

Parece destino, parece escrito e muito certo.

— É isso. Agora vamos mudar de assunto. Será que ele pode me chamar de tio Fernando? — me pergunta, sério. — Sou muito gato para ter alguém me chamando de vovô — diz, fazendo careta. Clara resmunga que ele se acha demais e nós caímos na risada.

Só aí, quando escuta que é seguro, Eva desce a escada e se arremessa no peito do pai.

— Jesus, menina! — ele exclama, afastando-a pelos ombros com uma mão enquanto levanta a camiseta dela

com a outra. — Você está.... — Pela cara dele eu já quero rir do que vai dizer, mas estou olhando feio e negando freneticamente para que não diga, porque isso só vai foder a minha vida. Clara até chuta sua canela para me ajudar, mas não adianta. Eu já disse que ele tem uma boca enorme? Pois é. — Você está *imensa*! Vou te chamar de tanque de guerra agora. — Eva vira para trás que nem a menina do *Exorcista* para me olhar.

— Você nunca esteve mais bonita, meu amor — juro.

Os lábios dela tremem.

— Papai falou brincando, botijãozinho de gás. — Ele afaga o cabelo da filha e ela cai no choro. De novo.

— Muito obrigado — resmungo, me inclinando para cochichar no ouvido dele enquanto a puxo para meus braços.

— Não tem de quê. — Ele sorri para mim, contente, nada culpado, e acho que estou sendo punido por burlar o manual. Só acho.

Também acho que já sei o nome do bebê.

Depois que o pai e a madrasta a mimam e ela come metade da travessa de bolo, finalmente nos preparamos para dormir. São quase cinco da manhã quando entramos no quarto, depois de nos despedir deles na porta, mas quero contar para minha garota. Quando ela se enfia embaixo do edredom, procuro nas gavetas do meu criado-mudo a caneta que usei para escrever nosso nome na cabeceira.

— Escolhi o nome. Quer aprovar antes ou...?

— Não vou palpitar. — Ela abre um sorriso.

— Ok. — Tiro a tampa da caneta e ela se empertiga, curiosa. Apoio a ponta entre os nomes na cabeceira da cama e escrevo o dele, bem entre nós dois.

— Por quê? — ela pergunta, sorrindo, encantada. Tampo a caneta e a arremesso na gaveta, que larguei aberta, antes de puxá-la para meu colo. Eva apoia as costas no meu peito e eu envolvo sua barriga com as duas mãos. Meus lábios terminam na sua bochecha.

— Porque eu quero que o bebê tenha nome de herói — respondo, roçando os lábios na sua pele. — E ele é o meu, Evinha.

Ficamos muito tempo olhando para aquelas duas letras, até que ela diga alguma coisa.

— Eu amei, mas ele vai ficar insuportável — resmungo, me fazendo gargalhar. — Você sabe disso, né?

— Ele vai ter que comprar o *MSC Preziosa* para lemanjá, isso sim. — Minha risada se mistura à dela até que ambas se transformem em um suspiro apaixonado. Não tiramos os olhos daquele nome por muito tempo. É perfeito. Inclusive acho que ele concorda, porque não para de chutar minha mão.

Eu o amo só por saber que ainda vou estar cuidando dela por intermédio das mãozinhas dele, se não puder mais estar aqui. Uma parte de mim sempre vai estar com ela, se preocupar com ela e amá-la. De uma maneira muito bonita, o nosso amor vai durar para sempre...

Não só hoje.

Não só desta vez.  
Sempre.  
*O Fê é o nosso sempre.*



## UMA SEMANA DEPOIS

### **Gabriel**

Eu preciso que você me encubra por três dias. Vou dizer que esse é o tempo que vou ficar no hospital para fazer os exames e passar pela consulta.

Marquei o ultra dela para um deles, assim consigo fazê-la ficar. Pode ser?

### **Clara**

O Fernando me deixou por dentro. Dou conta, meu anjo.

**G  
a  
b  
r  
i**



e  
l  
o  
b  
r  
i  
g  
a  
d  
o  
!

### **Clara**

Não precisa agradecer. O Adam vai com você à consulta. Só para te avisar e antes de me responder, melhor pensar no cinto. Aquele que vai terminar na sua bunda se me desobedecer. 😊

Não é à toa que até a minha garota se rendeu.



TRÊS DIAS ANTES

### **Benjamin**

Não consigo parar de sorrir que nem idiota desde que abri as fotos que vc mandou, vai ficar muito legal. Estou muito feliz por vocês! Só queria estar aí para ajudar 😞

**Gabriel**

Bom saber que ficou feliz e, só para constar, um par de mãos que não caem na hora de trocar uma lâmpada, como as do sr. Adam, viria bem a calhar.

**Benjamin**

Ele já sabe?

**Gabriel**

Que nada, vou pegar os três no susto. Você está fazendo falta.

**Benjamin**

Vou ser um tio muito babão mesmo de longe.  
E, vem cá, está dizendo que está com saudade de mim,  
é?

**Gabriel**

Percebi. O pacote chegou. A Eva amou as roupinhas, mas ainda está brava demais para te agradecer, então pediu que eu agradecesse por ela. E é, tô com saudade.

**Benjamin**

Também estou. Será que um dia ela vai me perdoar?

**Gabriel**

Perdoou no instante em que você se preocupou em agradecer o Fefê sem ganhar nada em troca. Não dou dois dias para ela te ligar e agradecer.



**Gabriel**

Preciso de um  
favorzinho.

**Adam**

O sr. Eu Resolvo Tudo Sozinho precisa de um favor?  
Corram que vai cair canivete do céu.

**Rafael**

É tão raro que ainda estou assimilando a ideia.

**Gabriel**

A Eva acha que eu acabei de viajar.  
Venham aqui.

**Guilherme**

Vamos dar uma festinha? Preciso de carona.  
Caí jogando bola hoje.

**Adam**

Eu levo as bebidas.

**Rafael**

Eu levo os strippers.

**Gabriel**

É uma festinha, sim, e os strippers são bem-vindos, Rafa. Quanto mais mãos melhor.

Adam, pega o meu irmão no caminho?

**Adam**

Fica na porta da escola, pirralho, chego em 5.

**Guilherme**

Só 5? Enrola pelo menos 10.

**Gabriel**

Pode ficar beijando a Jaque, Gui. Os 5 dele significam 20.

### **Guilherme**

Ah, então dá tempo 😊



### **Adam**

Rafael, corre! Cheguei e a festinha é uma cilada.

### **Guilherme**

Ele olhou meu machucado por 30 segundos, disse que estou fazendo drama e que, se podia passar 20 minutos agarrando minha namorada, também podia ajudar. Depois me empurrou uma vassoura. É sério, foge.

### **Rafael**

Eu sei. Cheguei antes de vocês e fui obrigado a ir comprar as tintas.

**Adam**

O lado bom é que eu vou me vingar, e vocês todos vão se ferrar de novo. Semana que vem vamos cuidar da minha lindinha. O problema é que eu não tenho ideia de como montar aquele treco... Sabe, Gabs? Não tenhoooo...

**Gabriel**

Eu monto, seu folgado de merda.  
Jesus, tô mesmo com saudade do Benjamin! Vocês são moles demais!

**Adam**

Graças a Deus! E nunca mais repita isso em uma mensagem de texto para mim, a menos que queira uma ceninha. Você sabe que eu sou ciumento, droga! É de família.



HOJE

**Eva**

E aí, como foi a consulta?

**G**  
**a**  
**b**  
**r**  
**i**  
**e**  
**I**  
**C**  
**o**  
**m**  
**o**  
**f**  
**o**  
**i**  
**a**  
**s**  
**u**  
**a**  
**?**

**Eva**

Aquela que você marcou só para eu não ir na sua?



**Gabriel**

Essa mesma. Como foi?

**Eva**

Foi bem, e a sua?

**Gabriel**

Ainda estou aqui. E o Fê?

**Eva**

320 gramas e 16 centímetros. Não dá para saber se é santista ainda. Por favor, me liga assim que sair daí, ok?

**Gabriel**

Prefiro te explicar direito em casa.

**Eva**

Gabriel, droga!

**Gabriel**

Não teima hoje. Te busco aí quando eu chegar.

**Eva**

Tá bom. Liguei para o Ben e agradeci pelos presentes. Não caiu mesmo nem um pedacinho de mim, como você disse.

**Gabriel**

Te falei! Me dá algumas horas. Tenho uma surpresa para você.

**Eva**

Estou com saudade. Faz três dias 😞



**Gabriel**

Obrigado por ter ido comigo e por ter me ajudado esses dias.

**Adam**

Tudo pronto?

**Gabriel**

Estou dando os retoques finais antes de pedir para ela vir pra casa com as perninhas dela. PQP, já estou me sentindo culpado por isso.

**Adam**

Obrigado por ter me deixado ir. Você sabe que eu te amo mais que a minha irmã, né?

**Gabriel**

Sei, mas eu ainda gosto mais dela.

**Adam**

Ingrato.

É brincadeira, ninguém me ama mais que ela.

Eva prova isso a cada segundo de cada minuto de cada dia, e por isso merece todos os sempre que eu puder lhe dar.

Hoje vou lhe dar mais alguns.

Eva

**Gabriel**

Eva, eu vim pra casa tomar um banho antes de te pegar, mas estou me sentindo muito cansado. Será que a sua mãe pode te trazer, amor?

Não respondi. Fiquei ocupada arrancando minha mãe do banho. Eu chamo a mulherzinha do meu pai de “mãe” uma vez — só porque achei que o bolo sairia mais rápido — e agora todo mundo se refere a Clara como minha mãe.

— Te ligo para contar, mãe. — *Inclusive eu*, porque eu queria chamá-la assim faz tempo, só não tenho vergonha na cara para admitir. Não me senti envergonhada depois que aconteceu ou culpa pela minha própria mãe. Na verdade eu me senti muito bem. Ela respondeu: “Vou fazer o bolo agora mesmo, meu amor”, e eu tomei isso como permissão para continuar com a moda, e aqui estamos nós, fingindo que é uma coisa normal que fazemos desde sempre. Como uma

coisinha tão meiga pariu a Alice? Não tenho ideia, e, por falar nela, preciso dar uma conferida no celular do Gabriel.

Eles vivem de papinho, sempre espio.

— Vou esperar acordada — Clara sussurra, tentando esconder o nervosismo.

Eu não dou conta de esconder o meu, porque estou tremendo por inteiro. Tô a cara da batedeira dela, só não sei fazer bolo. Beijo sua bochecha com pressa de entrar em casa e absorvo seu olhar enquanto saio do carro, um daqueles que eu entendo como “Se precisar eu volto”. Às vezes, se acordo depois de um pesadelo e não consigo parar de chorar, tenho o costume de ligar. Se não consegue me acalmar pelo telefone, Clara vem e para o carro na porta, me aperta até que eu consiga respirar de novo e depois vai embora. Foi tão difícil esconder a novidade dela quanto do Gabs, mas eu queria que ele fosse o primeiro a saber. Corro para dentro de casa, brecando na porta da sala quando noto tudo escuro. Não acendo as luzes. Em vez disso, procuro Gabriel pela casa. Quando não o encontro, me sento na nossa cama e reviro a bolsa atrás do celular.

Estou aos pouco me preparando mentalmente para o que vou escutar.

Não briguei ou sequer reclamei quando ele não quis que eu fosse à consulta desta vez. Gostei que estivesse preocupado com o neném, porque de certa maneira também me preocupo com a maneira como meus sentimentos o

afetam. Adoro o dr. Bigodinho, até aliso o rato morto na cara dele sempre que o vejo, já pegamos intimidade, mas o homem curte uma sinceridade bruta, então decidi que preferia escutar o que quer que seja da boca de Gabs, como ele também queria. Ele vai saber como me dizer.

**Eva**

Cheguei e não te achei. Saiu, amor?

**Gabriel**

Estou no antigo quarto da minha mãe. Pode vir aqui um minuto?

**E  
v  
a  
O  
k  
.**

Levanto na mesma hora, abandonando o celular, para ir atrás dele com o coração batendo forte no peito. O medo e a fé estão travando uma batalha dentro de mim. Só Gabriel pode me acalmar. Tenho mil e um pensamentos diferentes rondando minha mente quando paro na porta do quarto, mas nenhum deles se fixa, porque, no instante em que empurro a porta apenas encostada e o encontro no meio de um universo cheio de estrelas, só consigo pensar em quanto o amo. Ele está parado bem de frente, perto de um bercinho de madeira. Meus olhos passeiam lentamente dos seus tênis ao jeans escuro, passam pela camiseta branca suja de tinta azul-marinho, pelo rosto alegre e, por fim, o boné da mesma cor da tinta virado para trás. Será que ele tem ideia de que é o homem mais bonito do mundo? Eu sei que sou a mulher mais feliz, só pelo prazer de ser amada por ele.

Seu olhar de expectativa é a coisa mais linda que eu vou ver hoje.

— Oi, namorado mentiroso — murmuro, distraída, olhando ao redor, para o quarto que não é mais da sua mãe. Agora o cômodo tem o teto e as paredes azul-marinho e cada centímetro preenchido com estrelas brancas grafitadas de amor. Depois de três dias longe, o máximo que já ficamos separados desde o beijo na chuva, tudo o que eu mais queria era tocá-lo e ser envolvida por suas mãos, mas não consigo fazer nada além de olhar para o quarto com fascínio.



Não demoro quase nada para decidir que amei o contraste de cores, com as paredes escuras e todo o resto branco como os grafites: a poltrona perto da janela e as cortinas, o tapete felpudo e redondo no centro do quarto e acima dele o lustre, o trocador e o jogo de berço; até os puxadores em formato de estrela do guarda-roupa e da cômoda de madeira são brancos. Estou olhando para o quarto de bebê mais lindo do mundo, e aos poucos sinto minha garganta se encher de areia. Pressinto que as comportas vão se abrir; em resumo: vou chorar, porque ultimamente estou assim. Chorando até pelo que me faz feliz. Culpa de quem? Do moleque que não curte Big Mac.

Do dono deste quarto.

E também do safado do pai dele, que mentiu dizendo que estava no hospital e na verdade estava em cima de uma escada pintando paredes. Vou matar o Gabriel! *Depois de agradecer.*

— Oi. — Quando ele responde, meus olhos param nele a tempo de ver um sorriso travesso se abrir nos seus lábios como o nascer do sol, lentamente e me enchendo de luz. Corro até ele e me arremesso contra seu peito, porque aquele sorriso fez minha saudade aflorar. Suas mãos envolvem minhas costas e eu ganho um beijo profundo, que mostra que ele sentiu tanto a minha falta quanto eu senti a dele. — Juro que eu não subi na escada nem fiz nada arriscado. Eu pedi ajuda — ele explica assim que nos

afastamos, porque sabia que era a primeira coisa que eu ia cuspir.

— Você pediu ajuda? — Ele assente, não parecendo muito feliz com isso. — Desde quando chove unicórnio do céu, Gabriel?

— Desde que Eva Marinho parou na frente do meu carro, no meio da chuva, com uma mala na mão, e me escolheu — retruca, me provocando, e ganha uma risada.

— Eu amei o quarto — sussurro, emocionada e empolgada. — Não vejo a hora de termos um bebê dormindo nele. Mas amei ainda mais que você planejou tudo.

— Tem o amor de todo mundo aqui. Todos ajudaram. Seu pai deu um jeito nas coisas da minha mãe; só em algumas. Aquelas que eu sei que você gosta ficaram no sótão. O Adam e o Rafael pintaram as paredes e o meu irmão fez as estrelas. A Liv, a Juliete e a sua mãe foram as responsáveis por limpar e arrumar tudo depois que nós terminamos, e eu... — Estreito o olhar antes de saber a verdade. — Eu só comprei tudo e montei o berço do Fê.

— E...? — Faço um meneio para sua camiseta suja de tinta, erguendo as sobrancelhas.

— Ok, posso ter feito alguns retoques nos rodapés quando cheguei do hospital, porque o seu irmão não sabe o que é uma linha reta nem se ela o morder — admite, quando desce o olhar e nota as manchas. — Também prometi montar o

berço da nossa sobrinha, porque ele é um inútil, mas foi só isso. Eu juro, amor — mente na cara dura, me beijando.

— O que o médico disse? — pergunto, ofegante, alguns minutos depois, e seus olhos reviram por eu ter estragado o clima. Sua boca procura a minha de novo, mas eu o seguro pelos ombros. Ele pisca, morde o lábio e, em vez de me responder, me faz uma pergunta.

— O que você acha de descer até a cozinha para fazermos brigadeiro? Eu posso te contar enquanto isso... — Tenho que admitir que esse traste sabe me distrair como ninguém, porque tudo o que consigo fazer quando sinto a boca se encher de água é agarrar sua mão e puxá-lo para fora do quarto.

— E cachaceiro por acaso recusa pinga? — pergunto, nos rebocando pela escada. — Lógico que eu quero brigadeiro! — Pego todos os ingredientes e coloco na bancada antes de me sentar em cima dela para observar suas mãos trabalharem. Espero que fale alguma coisa, o que não acontece até que o brigadeiro esteja pronto. Ele desliga o fogo, abandona a panela esfriando e para entre minhas pernas. Eu o encaro com um misto de ansiedade e medo enquanto se prepara para me contar.

— A notícia boa é que o ciclo da química tornou a metástase no pulmão operável. O Luz está confiante que depois da cirurgia, com mais algumas químias e raios, nós vamos conseguir nos livrar dela.

— Você falou como se tivesse uma notícia ruim. — A fé está ganhando na disputa com o medo, porque a notícia é ótima, mas ainda não estou completamente tranquila. — Tem?

— Não sei bem quanto é ruim. A químio pesada afetou mais que as células cancerígenas. A minha contagem de plaquetas e glóbulos brancos é preocupante, então ele acha que a única saída é o transplante. Daqui a duas semanas eu tenho que me internar para eles destruírem a minha medula com altas doses de químio, antes de a reabastecer com as células tratadas. Vamos passar um bom tempo no hospital, já que eu vou ficar completamente sem imunidade, então temos que deixar tudo em ordem para a chegada do Fê com antecedência, porque não vou poder ajudar muito depois... Não dá para saber o que acontece depois... — As palavras param de sair dos seus lábios à medida que meus olhos ficam cada vez maiores e mais assustados. Não só porque eu sei como o transplante é delicado e como ele vai ficar vulnerável. Gabs nega rapidamente quando entende onde meus pensamentos foram parar. — Um transplante das minhas próprias células primeiro, tiradas e tratadas em laboratório. Se não funcionar, aí sim... — Ele suspira, dando voz ao meu pior pesadelo: sua vida ir parar nas mãos da última pessoa a quem eu confiaria qualquer coisa, ainda mais uma vida tão importante para mim.

— Seu pai? — pergunto, sentindo meus olhos arderem.

— Não. O transplante com um doador funciona melhor entre irmãos — diz, me contando com um olhar profundo o que isso implica. O Gui jamais se recusaria a fazer o teste para saber se há compatibilidade ou a ser o doador, caso nós pedíssemos, porque ele fez as próprias pesquisas na internet, descobriu que poderia ser uma opção e já se ofereceu. Mas ele é menor de idade e duvido que sua mãe se arriscaria a fazer algo assim sem a permissão do marido. — Então eu espero que a gente não chegue a esse ponto, porque... — Fecho os olhos esperando ouvi-lo dizer que jamais pediria isso ao pai, porque seu orgulho é do tamanho da minha fome, e termino surpresa. — ... eu vou odiar cada minuto, do instante em que tocar a campainha até aquele em que vou encostá-lo em uma parede e sacar a arma se ele disser não. — Meus olhos se arregalam. Gabs dá de ombros, abrindo um sorriso cúmplice. — Eu vou fazer até o impossível para conhecer o nosso filho, Eva.

Seus olhos se enchem de lágrimas. Esse é meu maior medo, e acho que Gabriel sabe, mesmo que eu nunca tenha falado.

— Se der certo nós não vamos precisar pedir nada ao meu pai. Não quero você com medo disso nem iludida com os novos tratamentos. Quero você com os pés no chão, entendeu? — Ele segura meu rosto e eu assinto, farejando o chocolate para que se distraia e não veja meu olhar completamente esperançoso. *Dá certo. Como não ficaria,*

*cacete?* — Deve ter esfriado. Quer? — pergunta, me dando as costas para conferir a panela. Quando a pega, eu pulo da bancada e busco duas colheres. Nós caminhamos até a sala e nos sentamos no tapete. Gabriel se recosta no sofá e eu me sento entre suas pernas, agarrando a panela ao mesmo tempo em que ele tira uma das colheres da minha mão. Nós comemos em silêncio até que ouvimos um ronronado conhecido. Cupido anda em cima de mim, só para eu fazer um carinho no rosto dele, antes de subir para dormir na cama.

— Ele te perdoou — constato o óbvio, lambendo a colher. Gabriel enfia a dele na minha boca e eu continuo falando enquanto mastigo. Não deve estar muito bonito de olhar, mas quem liga? Daqui a pouco eu vou pesar mais que a nossa geladeira e ele ainda vai ser obrigado a me amar, então... — Estou chegando à conclusão de que esse gato só gosta da gente quando estamos bem um com o outro.

— Eu acordei e te escutei falando com o bebê porque tomei uma mordida dele. Será que o Cupido planejou tudo? — Gabs está fazendo pouco da minha cara, mas na boa? Eu não duvido de nada quando o assunto é esse gato.

— Se um dia ele dominar o mundo, eu não ficarei surpresa — resmungo, levantando com a panela depois que arremessamos nossas colheres dentro dela. Vou até a cozinha e a abandono na pia antes de abrir a geladeira atrás de um copo de água. — O que você quer fazer nestas duas

semanas antes de a gente se mudar para o hospital? E temos que pensar com quem vamos deixar nossos filhos e netos felinos — falo, me encostando na bancada com o copo na mão quando ele vem atrás de mim.

— O seu irmão se ofereceu para levar todos para o apartamento. — Rio só de pensar no estrago que vão fazer na cortina bonita da Liv. — Eu pedi para viajar e o dr. Bigode não liberou. Então, como eu quero passar esse tempo curtindo você, tive uma ideia — conta, esperando que eu tome um gole antes de me pegar pela cintura e me colocar sentada na bancada. — Por que você não convence a sua mãe a tirar uns dias de férias quando eu estiver no hospital e vai fazer um enxoval bem legal para o bebê fora do país? — Rio da sua tentativa furada de me tirar dessa. Eu já disse como ele é bom em me comprar também? Ele é muito bom nisso. — Isso foi um não?

— É óbvio que foi um não. — Reviro os olhos, tomando mais um gole.

— Eva Marinho está recusando uma viagem?

— Não vou desgrudar de você — aviso e percebo que andam chovendo muitos unicórnios nesta casa, porque, em vez de insistir para que eu mude de ideia, há apenas uma pergunta feita com muito tato.

— Quando destruírem a minha medula, eu vou ficar bem debilitado, ok? — Faço um movimento firme com a cabeça. Ele continua me dando uma escolha. Acho que vai fazer isso

sempre, mas eu sei que me quer junto dele, que é exatamente onde eu quero estar, independentemente do que aconteça.

— Mas eu admito que essa do enxoval foi ótima. Se eu te amasse um pouco menos, teria caído — brinco, tomando um gole de água. Mantenho o copo nos lábios, porque me distraio com a maneira como ele me olha. Fixamente. — Quer? — ofereço.

— Eu quero você — responde, sem desviar o olhar, em um tom rouco e muito sexy que me faz abandonar o copo na bancada e arrancar a blusa.

Não precisa pedir duas vezes.

Sorrio apoiando as mãos na bancada e erguendo o corpo para que ele puxe meu short e a calcinha. Gabriel sempre fica convencido quando não hesito. Adoro ver esse olhar de desejo e posse nos olhos dele. Me faz sentir melhor por ele sempre ter a necessidade de dizer que não devo me fechar para o amor se o perder. Gosto de apreciar os raros momentos em que ele me permite ver seu ciúme ou exige que eu seja apenas dele, porque me faz sentir única, como Gabriel sempre vai ser único para mim.

Ninguém jamais conseguiria superar nossos trinta anos de união. Para que eu olharia para o lado? Nunca mais vou entrar em um namoro fracassado depois de aprender com ele como um relacionamento de verdade funciona. Para ser sincera, não quero se não for com ele. Por que eu me



envolveria com alguém e me contentaria com menos do que tenho hoje? *Eu tenho tudo.*

Tenho um amor de alma que veio do berço e para mim vai terminar no caixão. *O meu caixão.* Não o dele.

Assim que as roupas desaparecem, suas mãos vão para lados opostos. Uma se espalma na minha garganta, mantendo meu rosto erguido com firmeza para que ele me beije profundamente, enquanto a outra termina no meio das minhas pernas. Retribuo o beijo, até que não suporto mais receber suas carícias em silêncio e ofego na sua boca, que recua na hora, indo explorar outros lugares para que eu possa respirar. Ao fazer isso, Gabriel me deixa ainda mais sem fôlego. Viro o rosto, lhe dando livre acesso, quando sinto seus lábios se pressionarem na curva no meu ombro, antes de senti-los em todos os lugares possíveis e imagináveis. E eles chegam aonde Gabriel mais gosta.

— Já parou para pensar que o seu brinquedo preferido vai virar uma arminha que esguicha leite logo mais? — Ele ergue os olhos sem tirar os lábios, que ainda sugam meu seio. Pelo olhar ele não tinha imaginado, mas não parece se importar muito. Sua boca recua o suficiente para me dar um meio-sorriso provocativo. A língua ainda brinca na minha pele arrepiada. Ele beija minha barriga de cima a baixo, afastando minhas pernas. Quando chega aonde deseja, agarra minhas coxas e me puxa para sua boca, fazendo as palavras saírem sem controle da minha antes que sua língua

me toque, porque não consigo relaxar quando estou nervosa, e o que estamos fazendo me deixou nervosa. — Esse eu prometo que vai ficar do jeitinho que está... apertado e bonitinho. — Pigarreio. Um instante depois ele não consegue se controlar e cai na risada, enquanto me odeio por não conseguir ficar quieta.

Será que minha dica foi sutil?

— Já percebeu que você escolhe os momentos mais impróprios para falar merda? — ele diz, divertido, e eu encolho os ombros. Isso basta para que ele me leia. — Está tentando me perguntar se a sua cunhada me pediu para te convencer a fazer o parto normal, depois que você deu um showzinho dizendo não para quem quisesse ouvir no consultório dela? Depois de ter saído chorando porque ela decidiu esquecer que você é uma paciente, te tratou como melhor amiga, se intrometeu e foi dura demais ao expor a opinião dela? — pergunta, beijando a parte interna da minha coxa. Meus olhos se enchem de lágrimas. Gabriel assente e beija a outra. — Está se sentindo culpada por não querer sentir dor, porque a Liv disse que o parto normal seria melhor para o bebê. — Não é uma pergunta. Meus olhos se enchem um pouquinho mais e eu ganho mais beijos. — Ela te chamou de egoísta só para mim, ou falou para você também? — Agora foi uma pergunta. Uma lágrima desce e os olhos dele se afiam, mas os lábios não param. — A Olívia me ligou quando você saiu do consultório — explica, ainda

olhando nos meus olhos. — Eu falei para ela que, se o que aconteceu hoje se repetisse ou se ela tocasse nesse assunto de novo, nós mudaríamos de obstetra, que é exatamente o que você vai fazer se não estiver se sentindo confortável com ela. Quem decide isso é você. Não é egoísmo nenhum ter poder sobre o próprio corpo. Toda mulher deveria ter essa escolha.

— Mas...

— Mas nada, Eva — ele me interrompe, sério. — Já conversamos sobre ir além dos seus limites. Você nunca deve fazer isso. A Liv às vezes fala demais. Você pode ser tudo, amor, mas egoísta não é mais. — Suspiro, aliviada, e abro a boca para agradecer. Só de pensar que o trabalho de parto pode durar três dias eu já tenho vontade de chorar, mas o olhar feio dele me cala. — Agora fica quietinha — ordena, terminando de me puxar para sua boca. Não consigo obedecer, por mais que queira, mas, com os sons que saem da minha garganta enquanto sua língua me enlouquece, acho que ele não se importa, porque não para de me olhar com presunção. Agarro a beirada da bancada e apoio os pés na madeira, erguendo o quadril de encontro à sua boca. Me perco nisso por muito tempo, até terminar de pé, escorada em seu peito, com o corpo mole. Ele me envolve pelas costas e me guia até a sala, sem tirar os lábios da minha nuca. Estremeço com um arrepio assim que me coloca de joelhos no sofá. Gabriel e esse sofá. Ô, tara!

— Não consigo enjoar disso, não adianta — ele diz no meu ouvido com um tom divertido, depois que vê minha expressão.

— Nem eu. — *Porque a tara pega.*

Suas mãos passam pelas laterais do meu corpo, agarram as minhas e as levam para a frente, apoiando-as no encosto do sofá com um aperto firme. Minhas costas se arqueiam, eu gemo baixinho e fico na posição que Gabriel quer sem ele precisar pedir.

— É bom que você goste tanto, porque não vai sobrar muitas maneiras de fazer isso quando você estiver do tamanho... — Gabriel abandona o que ia dizer no momento em que meu pescoço gira cento e oitenta graus para que eu possa fulminá-lo com o olhar. Assim que me encara, engole uma risada e me aperta contra seu corpo nos lugares certos e da maneira certa para fazê-lo amolecer, mas ainda não esqueci o assunto. Não vai ser tão simples assim. Ele tocou em um ponto fraco! E depois sou eu quem sempre fala merda em hora imprópria! Olha aí, acho que essa coisa pega também.

— Do tamanho de quê...? — pergunto entredentes, mas, antes que eu possa piscar, sou beijada por uma boca com um sorriso aberto. Ouço seu zíper descer e o sinto entrar em mim lentamente e de uma vez, sem que nenhuma peça de roupa dele seja tirada. Isso é muito, muito excitante. — Puta

merda! — arquejo, apoiando o peito no sofá quando chega até o fim.

— O que você perguntou? — ele me provoca, recuando. Abro a boca para responder e o sinto sair e depois entrar e depois sair e acelerar e torno a fechá-la. Acho até que esqueci.

Eu já disse que ele é ótimo em me distrair, né?



Gabriel me dá as costas, abre a porta do box e se abaixa para enfiar a mão no bolso do jeans que abandonou no chão do banheiro. Quando a retira, o punho está fechado ao redor de alguma coisa que não consigo ver. Pronto, já fui picada pelo bichinho da curiosidade. Gabs para à minha frente e me encara de maneira determinada. Seus olhos verdes marejam ao mesmo tempo em que um sorriso trêmulo se abre em seus lábios. *Por que ele está nervoso?* Ele respira, como se precisasse se acalmar antes de conseguir falar, e isso me inquieta.

— O que você está fazendo, Gabriel?

— Neste momento? — Ele sorri mais largamente, com a voz embargada. Nunca estive mais sedutor e romântico antes. Uma de suas mãos agarra a minha, enquanto a outra permanece rente a seu peito, fechada em punho em cima do coração, que provavelmente está disparado igual ao meu. —

Estou pedindo o amor da minha vida em casamento — ele me conta como se fosse um segredo, baixinho.

Então ele se ajoelha.

E, caralho, quando ele se ajoelha meu mundo treme.

— Gabriel! — arquejo quando ele estende o punho fechado na minha frente, vira a mão e a abre, revelando duas alianças grossas de ouro e um anel com um diamante lapidado em forma de estrela. A pedra é delicada, parece uma joia antiga.

— Quer casar comigo? — Quando encontro seu olhar e vejo toda a entrega dentro dele, não tenho outra reação a não ser cair de joelhos na sua frente, arremessando meus braços ao redor do seu pescoço. Faço que sim com a cabeça sem parar, soluçando. — Não consegue falar? — pergunta, abrindo um sorriso bobo. Quando confirmo, suas mãos seguram meu rosto e sua testa tomba na minha.

— Sim... — gaguejo, apertando-o o mais forte que consigo. Gabriel afasta meu rosto e beija minha boca, depois se senta sobre os tornozelos e rouba minha mão direita, onde coloca o solitário e então a aliança. Acertou perfeitamente o tamanho. Faço o mesmo com a dele. Demoro duas vezes mais, porque minha mão não para de tremer, eu não paro de tremer. Quando ele percebe, termino no seu colo, suas mãos se apoiam na minha barriga e não demoram a sentir que não sou a única que não consegue

parar quieta. Um sorriso animado se abre em seus lábios e eu descubro que estava errada.

Esse olhar é o mais lindo que vou ver hoje.

Tenho tanto orgulho do homem em que se transformou o garotinho que me defendeu por causa daquele pirulito de morango... Espero que um dia ele possa falar o mesmo de mim.

— Quando você imaginou este momento, alguma vez pensou que ia me pedir em casamento pelado debaixo do chuveiro enquanto eu estivesse tentando tirar o condicionador? Ou foi só uma coisa de momento? — Fungo, e sua risada ecoa nos quatro cantos do banheiro. Eu amo esse som.

Sempre vale a pena foder um momento para escutá-lo.

— Não encontrei um lugar mais especial que este. Nós temos muitos momentos aqui. — Dá de ombros, sorrindo. *Ô, se temos*, penso. — O anel é um presente do seu pai. — Pergunto com o olhar se era o que seria da mãe de Gabriel, hipnotizada pelos seus olhos brilhantes. Ele assente, emocionado. — Amar pode doer, principalmente para uma garota apaixonada por mim — sussurra, me fazendo engolir o nó na garganta —, mas o seu amor é a maior felicidade da minha vida. Obrigado por ter aceitado. — Levanto o olhar e encaro seus olhos faiscantes, transbordando de carinho.

— Obrigada por ter pedido.

— Vou te dar todos os sempre que eu puder — promete, afagando minha bochecha. — O que você acha de passarmos as próximas duas semanas planejando um casamento?

— Igreja? Festa? Tudo? — pergunto, abrindo um sorriso assim que ele concorda, encantado com minha felicidade. Quem não ficaria feliz planejando um casamento? — Bem-casados e vestido de noiva também? Posso te enfiar em uma fantasia de pinguim?

— Você pode fazer o que quiser. Vamos cuidar do que der tempo em duas semanas, e o resto que puder ser resolvido por telefone vai nos dar algo para fazer no hospital. — Meus olhos brilham com as possibilidades, e não deixo de reparar no “nos dar”, o que significa que ele quer participar e que vai mesmo me deixar ficar com ele no hospital. — Você se importa se o seu vestido tiver que ser a capa da piscina? — Digo que não. Não estou nem aí que ele esteja me zoando. Já estou ocupada pensando na cor das toalhas de mesa. — Que bom, porque eu queria casar com você antes de o Fefê nascer — fala, se levantando e me puxando junto. Estica a mão por trás de mim e fecha a água, então me tira do chuveiro.

Que surreal. Entrei para tomar banho namorando e saí noiva.

*Ô, chuveiro da sorte esse!*



— Gabriel! — grito de repente, quase acertando uma bofetada nele e o fazendo dar um pulo. — Eu vou casar! — murmuro, contente, enfiando meu anel em seu rosto.

— Eu sei. É comigo, lembra? — Ele ergue as sobrancelhas, divertido.

— É que, além de meu futuro marido, você também é meu melhor amigo. Sempre vai ser. Então, quando acontece uma coisa assim, eu quero correr para contar primeiro para você, mesmo que já saiba. — Dou de ombros, mas ainda tem uma coisa me inquietando. — Você não está casando comigo agora só porque estou grávida, né? — pergunto um minuto depois, franzindo os lábios. Seus olhos reviram, como se a pergunta não merecesse resposta. Em vez disso, ele continua me secando com a toalha, mas tem uma fagulha de culpa no seu olhar. Meu pai jamais usaria o anel para dar uma dica sutil de que tínhamos que nos casar. Ele é mais do tipo que fala o que pensa, então só tem um motivo para que meu pai o tenha dado. Porque sabia que seria o próximo passo de Gabriel.

Gabriel é bem tradicional, culpa de um...

— O manual? — pergunto, rindo e me sentando na cama. Ele arremessa o hidratante para mim e desvia o olhar, mais culpado. — Ah, Gabriel, como eu te amo! — Pulo em cima dele e o agarro. Seu celular toca bem agora e ele o apanha de cima do travesseiro. Nossos olhares se desviam para a mensagem do seu irmão perguntando sobre o passeio de

amanhã, mas meu instinto me manda agarrar o telefone e xeretar.

— Eu amo mais — ele sussurra, olhando para meus dedinhos, que tomam o aparelho e abrem suas conversas, uma em especial.

— Por que você está com cara de quem aprontou? — Ele morde o lábio. Meus olhos se voltam para a conversa dele com Alice e pronto: acabou meu bom humor.

— O que você acha de me explicar o que significa “falta você”? — questiono, estufando o peito. — A Alice por acaso está te fazendo falta, Gabriel? — insisto, puta da vida, agarrando sua camiseta e trazendo seu rosto para bem perto do meu. — Eu avisei, não foi? Avisei que leria essa merda.

— Eu não falei nesse sentido, meu amor. Falta apenas vocês duas se acertarem... — Eu o encaro, lá no fundo orgulhosa por ele não ter apagado a mensagem, mesmo sabendo que iria se foder. Tem que procurar para achar esse orgulho agora. — Acabei de te pedir em casamento, não dá para me dar um desconto? — pede, franzindo aquele biquinho sexy que eu amo. — O que você acha da gente olhar uns modelos de capa de piscina na internet...? — *Ai, como ele é malvado.*

— Para de me tentar! — ordeno, sendo forte e o arrastando até a cama. — Senta. Nós vamos passar uma noite bem divertida discutindo todos os sentidos possíveis da frase “falta você”... — Eu me sento de frente para ele,

arremessando o frasco de hidratante, que ele pega no ar. — Vamos usar seus dedinhos, que adoram mandar mensagem para a ex, para algo que seja útil enquanto a gente briga.

— É sério? — pergunta, os lábios tremendo enquanto faz o que pedi.

— Claro que não. — Rio, procurando um contato no celular dele. — Mas só porque eu preciso passar meia hora no telefone com a minha mãe agora, contando que estou noiva — digo, apertando o botão. — Se eu vir você falando algo parecido de novo... MÃE, EU VOU CASAR! — Ouço o berro dela quando conta para o meu pai e depois o berro dele, algo sobre falência, mas o melhor som que escutei hoje é outro.

É esse que me rodeia e me ilumina.

## Nossos mais sinceros votos

Quero explorar todos os seus lados, não te quero superficialmente. Suas manias não me apavoram, seus trejeitos me fazem vibrar, seu olhar me paralisa, a forma como você se movimenta me deixa absurdamente em desordem. Quero sua totalidade. Quero o seu lado que você não conhece. Quero você por inteiro. Quero o seu mar repleto de ondas intensas, mas também quero seu céu cheio de estrelas e calma. Seja minha hoje, sim?

— HENRIETH PEREIRA

Gabriel

### CINCO MESES DEPOIS

Eva me acordou com uma bandeja de café da manhã na cama, sorriu me mostrando todos os dentes e pulou em cima de mim — a cama até tremeu, juro. Fefê nasce em uma semana e minha garota definitivamente está maior que a casa, mas ninguém me viu falando isso!

Tenho muito o que fazer hoje e pretendo dar conta de tudo, o que inclui passar por um casamento tradicional na igreja, por uma festa de seis horas onde obrigatoriamente quero dançar com minha mulher e, só para terminar, ainda espero conseguir lhe dar uma noite de núpcias, nem que seja meia-boca, porque, porra, é a noite de núpcias. O mistério é como vou fazer tudo isso, se ainda não consegui criar coragem nem de sair da cama. Ou melhor, como vou fazer tudo isso fingindo que tenho disposição. Não posso estragar este dia para ela,

tem que ser como Eva sempre sonhou, e para conseguir não posso permitir que ela descubra que hoje é um dia ruim.

Não tenho mais o costume de esconder como me sinto, até porque, depois de uma cirurgia, um transplante e quatro meses morando no hospital, mentir se tornou uma tarefa impossível. Primeiro porque chegamos a um ponto em que nem meu autocontrole era suficiente para que eu conseguisse esconder a dor ou os efeitos do tratamento, e segundo porque minha garota agora também me lê como um livro, um hábito que adquiriu, por sinal. Ela se recusou a me abandonar por um dia sequer, e em consequência disso o tédio foi tanto que até leu aquela série que eu adoro. Inteira. A melhor parte? Escutá-la praguejar sempre que o autor... Bom, esquece.

Talvez porque Eva se tornou uma ótima leitora, minhas babás chegaram cinco minutos depois que ela saiu de casa, mesmo que eu tivesse combinado que os dois deveriam aparecer apenas para me levar à igreja.

Sou obrigado a admitir que eles foram bem úteis. No fim não precisei sair da cama para nada; tudo que eu queria apareceu misteriosamente na minha mão pelo restante do dia, até que finalmente eu fosse obrigado a me levantar por causa do horário. Rafael e Adam

fingiram não notar a tontura que senti quando pisei no chão, e em resposta eu fingi não notar que os dois entraram atrás de mim no banheiro para bater papo casualmente assim que comecei o banho. Isso continuou enquanto um deles segurou a camisa para eu vestir e depois quando me apoiei no ombro do outro para descer a escada, e quando pedi que entrassem na igreja e me deixassem sozinho na porta e ambos se afastaram apenas alguns metros.

— Vamos, querido? — Abaixo o olhar e encontro minha sogra com seu vestido de festa verde-escuro sorrindo para mim. — A Eva ligou e avisou que está chegando. Acho que ela é a primeira noiva na história dessa igreja que não se atrasa nem um minuto, porque o padre nem estava com a batina ainda — conta, rindo e me estendendo a mão, que eu aceito, mas talvez tenha sido um erro, porque assim que me desencosto perco o equilíbrio e termino por preocupá-la. — Está se sentindo bem, querido?

— Estou ansioso. — Sorrio provocativamente e ganho um revirar de olhos.

Clara ainda não parece convencida de que estou bem, mas não insiste. Seus olhos param em Alice, que está do outro lado da rua há quase meia hora, olhando para o mar.

— Não se preocupe, já dei um jeito nisso — digo. Seus olhos se estreitam e eu aponto para o cara de terno que a aborda. — O Ben tem muito em comum com ela hoje. Depois os dois nos encontram na festa. — Dou de ombros e ganho um dos seus sorrisos orgulhosos antes que enganche seu braço ao meu e me leve ao altar.

Assim que pisamos no tapete vermelho, me emociono ao som da “Ave-Maria” que nos acompanha e a sinto firmar mais o aperto, me transmitindo tudo o que eu queria da minha mãe hoje, me dizendo que eu dou conta, porque eu dou. *Pela minha garota eu dou.*

Fecho os olhos e penso nela, na minha mãe. Vejo seu cabelo da mesma cor que o meu, cor de areia da praia, que batia na cintura, os olhos verdes que lembravam o mar, as mãos pequeninhas e macias. Imagino que uma delas desliza pela minha mão livre, enquanto a mãe da minha garota me leva ao altar. Fecho os olhos e respiro fundo, me livrando de tudo de ruim que entrou comigo pela porta, da dor ao resultado dos exames, me livro de tudo antes de erguer a cabeça apenas como um noivo apaixonado, decidido e muito ansioso para o momento da entrada da mulher que ama. Sorrio abertamente para nossos amigos e familiares e dou muita risada das piadinhas de “castrado” para baixo que escuto dos caras da delegacia, até chegar ao fim do tapete vermelho,



cumprimentar o padre com um meneio e agradecer Clara com um abraço.

Eu a envolvo e a puxo para mim, decidido a não chorar.

Não vou chorar hoje.

Todos os caras estão com o celular apontado para minha cara, filmando, só à espera. Estou vendo daqui meia dúzia que não tem muito amor à vida levar os punhos fechados aos olhos e fingir que está chorando para me zoar, e não vou dar esse gostinho para eles. Não mesmo!

— Foi um privilégio ser escolhida para fazer o papel da sua mãe neste casamento — Clara cochicha no meu ouvido, emocionada, e eu sinto minha garganta se fechar —, mas quero que você saiba que eu te amo como uma mãe todos os dias, Gabriel. — Ela não está me ajudando aqui. — *Você sempre foi a escolha certa para ela, desde o primeiro momento era para ser dela* — frisa, apertando meus ombros antes de recuar, beijar minha bochecha e caminhar para junto dos meus padrinhos para esperar pelo marido, enquanto me aprumo no lugar, olhando para o teto, quase chorando.

Ainda vou acabar apontando a arma para alguém hoje, estou pressentindo.

A “Marcha nupcial” ecoa pelos quatro cantos da igreja de vitrais. Uno as mãos uma sobre a outra na frente do corpo de maneira apreensiva, me virando de frente para a porta com uma ansiedade que não cabe em mim. Mordo o lábio pelo que parecem horas, embora não tenham se passado mais que segundos até que as portas se abram lentamente.

Putá merda, meu coração vai sair pela boca!

No instante em que a vejo parada no início do corredor, me olhando como se eu fosse um sonho, o mundo desaparece. Minha garota não olha para ninguém além de mim enquanto vem ao meu encontro. E eu? Eu não consigo tirar os olhos dela, porque também estou olhando para um sonho. Embora estejamos cercados de pessoas, este momento é apenas nosso. Seu olhar ilumina minha alma enquanto o meu percorre cada pedacinho dela, lhe dizendo como está perfeita, do cabelo, agora natural, cor de avelã, preso em um coque frouxo cheio de fios soltos, ao véu que sai dele e se arrasta por um longo caminho às suas costas, lhe conferindo um ar inocente e sonhador, dos lábios pintados de rosa-pálido que sorriem descaradamente para mim até o bebê escondido na barriga dela.

Isso é muito emocionante e eu sou um ridículo. Óbvio que estou mesmo quase chorando.

Me conforta saber que meu sogro sem tato e tão bom quanto a filha em foder momentos bonitinhos com certeza vai falar alguma merda para me fazer rir. Só preciso aguentar até lá e, depois de dar uma boa olhada nela, tenho certeza de que eu aguento.

Estou fascinado por toda a graciosidade da garota com o vestido de renda, que por sinal eu adorei. Ele está apertado ao redor dos meus brinquedos favoritos, aqueles que só vou dividir com nosso filho e para onde metade dos meus amigos está olhando neste momento. (Vou apontar a arma para alguém. Eu disse que iria.) O vestido se solta aos poucos até a cauda, marcando cada umas das curvas que nosso bebê lhe deu e fazendo dela a mulher mais sexy em quem já pus os olhos. Eu já disse que tem gente demais concordando comigo? Dou uma olhada feia para meu investigador chorão, que está praticamente babando, e seus olhos param no padre bem rapidinho. Bom, pelo menos acho que não tenho mais a menor necessidade de me preocupar nem com a minha saúde, nem com a nossa noite de núpcias, porque agora estou planejando pecar bastante, me imaginando arrancando esse vestido do corpo dela. Tenho a impressão de que estou deixando isso claro, porque seu sorriso, antes contido, se torna mais provocante.

*Ah, Eva!*

A cada passo seu pelo tapete vermelho, me perco em um dos nossos momentos, refazendo o caminho até aqui.

Eu empurrando Eva em uma carriola no meu quintal quando ainda éramos pequenos, ela sorrindo e gritando para que eu empurrasse mais rápido, seu rabo de cavalo voando e sua risada ecoando pelo jardim. Naquela época seu riso já era a música da minha vida. Todas as viagens que fizemos, todos os filmes a que assistimos, toda vez que nossa pergunta especial foi feita e uma mão foi estendida. Todas as baladas, todos os jantares, todas as vezes que andamos na areia da praia de mãos dadas. Foram tantas. Eu segurando sua bicicleta cor-de-rosa enquanto ela pedalava pela primeira vez sem rodinhas, soltando e gritando, orgulhosa, que finalmente havia conseguido enquanto sorria de orelha a orelha, eufórica por pedalar por alguns metros antes de quase cair e eu estar pronto para segurá-la. Mesmo anos depois daquele dia, eu ainda era o cara que segurava a bicicleta para que ela não caísse pela falta das rodinhas.

Em todos os momentos, fui eu que segurei o guidão da sua vida.

Até quando não pude mais, até o momento em que precisei que ela se erguesse sozinha, porque eu não podia segurar mais nem o meu, e ela assumiu a nossa

vida sem pensar duas vezes, com uma força que eu não conhecia.

Naquela curta caminhada eu revivo todos os nossos momentos, os bons, os ruins e os que nos permitiram chegar aqui esta noite. Revivo os últimos meses e penso em como minha garota cresceu, tudo o que ela passou para se transformar nesta mulher maravilhosa que está quase chegando até mim. Quando descobri que estava doente, a primeira coisa que me passou pela cabeça foi que ela ficaria comigo por culpa e pena, porque eu sabia que me amava mesmo que fosse de maneira egoísta, mas imaginei que por dentro ela desejaria desesperadamente que eu a libertasse do fardo. Pois eu escutei da sua boca que ela não aguentaria ficar com alguém doente quando leu a carta da mãe. Eu ouvi da boca da Eva! O que eu pensaria? Que ela toparia entrar nessa de peito aberto? Não, né? Não que eu vá lembrá-la disso.

Desde aquele beijo na chuva, houve uma sequência de atitudes suas que me desarmaram e serviram para me mostrar que, ao contrário do que pensávamos, meu amor não era maior ou mesmo diferente daquele que ela sentia. Eva só não tinha mostrado todo o potencial do dela ainda. Acho que nem minha garota sabia que era capaz de tanto, e me odeio por ter sequer desconfiado

dela, porque nunca houve motivos. Do momento em que ela abriu minha mochila e saiu correndo de casa com aqueles exames abraçados contra o peito, ela correu para mim. Direto para mim.

Eva nunca hesitou, nem uma vez, nem por um segundo.

Como está fazendo agora, porque percebeu que eu estou vacilando.

Eu a vejo cochichar alguma coisa no ouvido do pai e depois a mão dele impulsionando a dela para a frente a dez passos de mim, teatralmente. Minha garota abre um sorriso enorme e empolgado, disparando ao meu encontro... O chão da igreja treme e as pessoas pulam dos bancos a cada uma de suas pisadas. Um dos vitrais até explode, porque, na boa, parece uma manada de...

Sério, agora eu parei mesmo. Eu só precisava me distrair até conseguir engolir o nó na minha garganta quando ela desacelerou antes de parar em mim e passar as mãos ao meu redor de forma protetora. Para todos os convidados ela parece uma noiva emocionada que não aguentou esperar, mas ambos sabemos que ela me segurou meio segundo antes que eu caísse.

Ela jamais permitiria que eu me sentisse fraco em um dia tão importante, e não tem ideia de como sou grato por isso. Por nunca me sentir fraco perto dela, por me

fazer sentir sempre importante, nunca diminuído. Isso é tão especial.

Minhas mãos se apoiam na sua cintura e nossa testa se encosta por um momento longo. Respiramos fundo, sincronizados, da mesma maneira que nos afastamos quando seu pai chega até nós. Me inclino para cumprimentá-lo e o escuto cochichar no meu ouvido antes de me soltar:

— Eu entendo seus olhos marejados, filho. Não deve ser fácil saber que vai ter que chegar em casa e ajudar o botijão de gás a tirar esse vestido do corpo. Acho que você vai precisar de um pé de cabra. Se quiser, tenho um no carro. — Ele aperta meu ombro, beija a filha e saltita até a esposa, enquanto eu seguro uma risada que não dura, porque, alguns minutos depois que damos as mãos e nos voltamos para o padre, que já iniciou a cerimônia, o chão desaparece debaixo dos meus pés.

— Ele me chamou de botijão de gás? — escuto a pergunta feita baixinho e nego imperceptivelmente. — Tem certeza?

— Foi impressão sua, amor. — Eu a ouço rosnar e sorrio. — Você está tão gostosa nesse vestido que nem me importo de ter que usar o pé de cabra. — Ela arqueja e eu sorrio mais, fechando os olhos para tentar me acalmar e não deixar transparecer que a brincadeira é só

para distrair, mas ficar no escuro apenas aumenta a tontura. Torno a abri-los, mordendo o lábio de maneira aflita, porque não tenho ideia do que fazer a não ser...

Sou brutalmente arrancado dos meus pensamentos quando sinto sua mão puxar a minha até estarmos diante um do outro. Ela me estuda por um segundo e parece tomar uma decisão que não entendo, até que seja tarde demais. Quase explodo em lágrimas de uma maneira que possivelmente não vou conseguir me recompor quando me dou conta do que ela está fazendo. Eva ergue seu lindo vestido de noiva até os joelhos e se senta no chão do altar, cruzando as pernas, enquanto sorri para mim. Não posso acreditar na sua ousadia e perspicácia. Sorrindo, me sento à sua frente com dificuldade, mordendo a parte interna da bochecha para segurar as lágrimas.

— Não consigo mais ficar de pé. Sinto muito, padre — ela explica em tom de desculpa quando o sacerdote ergue os olhos da Bíblia depois de escutar o som de um trator despencando no chão (não consigo parar). — Será que o senhor pode...? — implora, olhando de mim para ele, que não perde tempo em erguer a batina e se sentar também, porque coitadinha do trator, né?

— Claro, querida. Você está bem? — o padre se preocupa.



— Sem querer apressar o senhor, eu acho que acabei de sentir uma contração — ela sussurra de maneira urgente, dando um aperto na minha mão para me confirmar que é mentira, embora eu saiba. Jesus, como eu amo essa mulher. — Os padres recebem algum tipo de treinamento para esse tipo de coisa? Sabe... se eu entrar em trabalho de parto e tal? — Esse trator malvado fez o padre engasgar com a saliva. — Porque senão eu sugiro que o senhor se apresse um pouquinho e chegue ao que importa. — É, eu amo mesmo. Pra caralho!

Ela não só ficou comigo.

Ela ficou comigo em todos os sentidos da palavra “ficar”.

Exatamente como prometeu que faria.

Eu nunca teria pensado que a veria morando em um quarto de hospital por vontade própria ou abandonando o emprego sem pensar duas vezes. Embora eu não quisesse isso, fico emocionado de saber que foi por mim. Ou passando noites em claro na beirada da minha cama, afagando meu rosto com uma das mãos e segurando uma bacia para que eu vomitasse com a outra. *Mas eu vi*, e nunca teve nojo no seu olhar.

Acordei dia após dia para ver minha garota grávida dormindo em um sofá desconfortável por semanas depois da cirurgia, porque se recusava a ir para casa ou a

ficar em um hotel em São Paulo, para não me deixar sozinho. Mesmo sabendo quanto ela estava cansada e dolorida, sempre que eu abria os olhos ganhava um sorriso aberto e contente dela.

Essa mesma garota deu comida na minha boca, e na boca de outras pessoas também, porque se sensibilizou ao saber que alguns pacientes dos quartos vizinhos não tinham por perto a família. Tenho para mim que a psicóloga dentro dela se encontrou. Ela não soltou da minha mão nem nos piores dias, e nunca escutei uma queixa sequer sobre nada, absolutamente nada, nem um “Nossa, hoje estou cansada”. Pelo contrário, em todos eles ela escolheu me fazer gargalhar até que dormíssemos cansados de tanto rir, em vez de me esperar dormir dopado de dor para chorar escondida até cansar.

Ela é a garota que senta no chão do altar por mim.

Tem ideia do que é isso?

É a minha garota.

Consigo me manter equilibrado até a hora dos votos, até o momento em que o padre entrega o microfone nas mãos dela, porque não tenho ideia do que Eva vai dizer. Combinamos que, por motivos óbvios, não diríamos os votos tradicionais. Nenhum de nós dois quer prometer

amar o outro até que a morte nos separe. Queremos mais que isso.

— Eu sempre te amei sem saber. Até quando eu te odiava e destruía todos os seus brinquedos... Sabe como eu descobri? — ela pergunta, divertida.

Nego, pensando que adoraria saber.

— Um dia eu estava no parquinho chupando um delicioso pirulito de morango, que eu tinha inclusive roubado da sua mochila mais cedo...

— Ladra desde pequena. Não é à toa a profissão que eu escolhi, né? Acho que no fundo eu sabia que seria útil.

— A culpa de tudo foi sua, sabia? Eu me distraí com você. — *Comigo?*, pergunto com um olhar, apontando o dedo para meu peito. Como aquela porra pode ter sido culpa minha? — O seu cabelo estava mais comprido e eu fiquei pensando se devia te falar para cortar, porque eu sempre gostei de poder olhar nos seus olhos. Eram os mais bonitos que eu conhecia, e ainda são.

Ela solta minha mão para afagar meu rosto. Será que tem ideia de que esses olhos sempre viram apenas ela?

— Enquanto eu estava nesse dilema horrível, um garoto se aproveitou da minha distração e tentou tomar o meu pirulito. Até aquele momento eu achava que gostava dele, mas aí ele puxou meu cabelo com força suficiente para me fazer chorar. Eu gritei sem perceber, e

aí você se virou para o som, imediatamente — diz, com encanto. — E os olhos que eu tanto gostava de olhar me acalmaram assim — estala os dedos —, no instante em que você me observou com toda a bravura de um garoto de cinco anos e me perguntou... — ela pede que eu complete.

— Precisa de mim aí, pirralha? — Eu rio. Metade da igreja ri, mas não sei por que estou com a impressão de que ainda vamos chorar.

— Eu deveria ter me sentido envergonhada por você ter visto, afinal não éramos amigos, a gente se tolerava, mas concordei, porque nunca me senti tão segura como pelo tempo que aquele olhar durou. Você me fez uma promessa nele, e pouco depois eu vi você me defender pela primeira vez, a primeira de muitas que ainda viriam... — Eva respira, toma fôlego e continua. — Eu descobri que te amava no instante em que descobri que do seu lado ninguém nunca iria me machucar, e se machucasse os seus olhos me fariam sarar. Era um amor egoísta, porque eu te queria para me salvar, e hoje tudo o que eu mais queria é que os meus olhos tivessem o mesmo poder e pudessem salvar você. — A voz dela embarga, e como eu disse...

Adam é o primeiro a fungar, mas até aí nenhuma surpresa, né? O garoto é uma manteiga-derretida, igual

ao pai, que é o próximo, e por aí vai... Será que pega mal eu sacar o celular para dar uma filmadinha no escrivão do DP chorando de soluçar na terceira fileira? Sempre bom ter à mão uma chantagem básica...

Ainda estou me distraíndo... Eu já disse que não vou chorar neste casamento.

— O maior arrependimento da minha vida sempre vai ser não ter te beijado quando você enfiou um pirulito de morango novo na minha boca no dia seguinte, e todos os anos que nós perdemos por causa do meu amor errado. — Ela funga, escondendo o rosto nas mãos, porque também não quer chorar. — Meu Deus, não acredito que contei essa história, e ainda por cima para uma igreja lotada. Olha o tamanho desse amor, Gabriel! — diz tentando brincar, mas falha.

Passo a mão ao redor dos seus ombros e a puxo contra meu peito para que se esconda, desviando o olhar à procura de um dos investigadores. Meus olhos param no primeiro que encontro, porque tanto faz: todos eles entendem uma ordem silenciosa rapidinho. Chama-se cumplicidade e se adquire sendo um chefe bacana. Basta um erguer de sobrancelhas e Rodrigo se levanta do banco da igreja, correndo em direção às portas para procurar o que pedi.

— Então, eu prometo mais uma vez, agora diante de Deus, dos nossos amigos e familiares, te amar da maneira certa por todos os dias da minha vida, pelo tempo que ela durar e mesmo depois, porque eu duvido que o nosso amor tenha nascido aqui, assim como duvido que acabe aqui. Nós viemos com ele de algum lugar já enraizado dentro de nós, e isso nunca vai mudar.

— Ela termina seus votos com a bochecha apoiada no meu peito e os olhos fechados. Nem percebe o garoto que chega pertinho de nós, pelas minhas costas, e enfia algo no meu bolso.

Dá até dó de fazer umas coisas bonitinhas dessas só para ela estragar depois...

— Tudo bem? — pergunto, erguendo seu rosto quando ela finalmente para de tremer. Amanhã, antes que ela acorde, vou bater na porta do meu pai e dar a Eva meu maior egoísmo. Vou implorar pela ajuda dele e, se nem assim resolver, não tenho problema nenhum em enfiar a arma na boca dele, nenhum, nem um mísero remorso. Eu quero ser o pai que ele não foi, acho que esse é o motivo.

— Eu amo você — sussurra, emocionada, e pelo tom eu sei que ela sabe a verdade. Estou vendo em seus olhos que ela sabe que estou me despedindo em cada conversa, em cada sorriso, em cada beijo... Que o transplante não funcionou e agora tudo é incerto de

novo. Mas que fofoqueiro! Dr. Luz baixa o olhar na mesma hora que o encaro. Mordo o lábio, meio irritado, e pego o microfone da mão dela, respirando fundo antes de olhá-la com amor. É ele quem vai escutar depois.

— Minha vez? — Eva assente. — Você me contou como descobriu que me amava, e eu vou te contar o dia em que descobri que queria me casar com você, ok? — Seus olhos brilham. — Meu pai tinha ido embora algumas semanas antes, e eu estava muito chateado, porque não entendia o que o tinha levado a partir sem se despedir.

Meus olhos procuram os do Gui no primeiro banco. O garoto parece triste. Não se cansa de dizer que sente muito pelo nosso pai ter dado a ele o que eu não tive, mas eu não sinto. Gosto que nosso pai seja um bom pai para ele, mesmo que nunca tenha conseguido fazer o mesmo por mim.

— Então a sua babá ficou doente e o seu pai levou você e o Adam para passar o fim de semana com a gente, para que a minha mãe cuidasse de vocês enquanto ele trabalhava. Assim como eu, você tinha acabado de perder alguém e, diferente de mim, sabia que nunca mais veria essa pessoa. Mas você observou que eu estava quieto demais a noite toda e, durante a madrugada, desceu da cama da minha mãe e foi para a minha... — Faço uma pausa. — Quando eu digo que o

hábito é antigo... Inclusive temos um vídeo dela engatinhando para me agarrar quando ainda não sabia nem andar.

Ela me bate quando escuta as risadas. Eu espero o silêncio antes de continuar, rindo internamente, porque coloquei esse vídeo na nossa retrospectiva.

— Assim que você deitou no meu travesseiro, de frente para mim, eu te contei o que tinha acontecido e você não sabia o que responder, porque tinha um problema bem maior que o meu e uma dor bem parecida. Mas você não ficou de braços cruzados só porque não sabia o que dizer. Pelo contrário, você enfiou as suas unhas, que já eram afiadas, nas minhas costas e eu passei a hora seguinte gargalhando tão alto que acordei minha mãe. Nós dormimos de tanto rir pela primeira vez. Lembra disso?

Eva assente.

— Uma noite, anos depois, conversando sobre relacionamentos e sobre o fim do próprio casamento, minha mãe decidiu me dar alguns conselhos sobre o assunto, sobre como escolher uma esposa, e eu disse que não precisava, porque a única pessoa com quem eu aceitaria passar o resto da minha vida era você. Acho que eu tinha a idade do meu irmão. — Tento puxar pela memória. — Quando ela me perguntou por que, eu disse



que do seu lado eu conseguiria enfrentar qualquer coisa, porque você sabia transformar qualquer tristeza em um sorriso. Terminei aquela conversa perguntando se ela achava que um dia você e eu ficaríamos juntos.

— E o que ela respondeu? — E lá vamos nós. Tiro o pirulito do bolso, abro e enfio em sua boca.

— “No tempo certo vocês vão ser felizes.” E ela não poderia estar mais certa. — Seus olhos brilham, mas o romantismo acaba aí, porque os dentes de Eva estão roendo o pirulito como se não comesse há dias. — Nós não perdemos tempo nenhum. Vivemos os melhores trinta anos que podíamos e ficamos juntos no tempo certo. Você não deve ter nenhum arrependimento, porque, se eu olhar para trás, não tem um dos meus momentos ruins em que você não tenha feito até o impossível para me fazer rir. Em muitas dessas vezes você não estava bem, como na primeira vez ou nos últimos dez meses, mas esqueceu disso assim que precisei de você. Você me salva um pouco mais a cada risada que arranca de mim, torna minha vida mais doce e qualquer coisa suportável apenas por existir, então hoje eu te prometo o mesmo: prometo sempre fazer você rir... — Eu me inclino e abaixo o microfone. — Prometo que você vai rir bastante amanhã, quando eu mandar o Rafa jogar aquele cara na parede — Ela pisca, entendendo

imediatamente de quem estou falando, e os lábios tremem, porque não achou que eu fosse ter coragem, nem eu, mas amanhã eu arrumo. Aproveito e me viro para o padre, falando baixo para que só a gente escute. — Será que o senhor pode terminar, para rolar um beijo e a coisa ficar bonitinha no vídeo, antes de ela engolir até o palito?

Eva me olha feio, mas o padre termina a cerimônia no mesmo minuto.

— Eu os declaro marido e mulher — anuncia, sorridente. — Pode beijar o noivo! — brinca, mas minha garota leva ao pé da letra. Arranca o pirulito de morango da boca e beija a minha.

Quando nos afastamos, sorrindo, nos levantamos e eu ergo nossas mãos para o alto, somos aplaudidos de pé. Acho que estou ficando louco, mas, em meio aos nossos amigos gritando, rindo, brincando e comemorando conosco essa vitória, posso jurar que vejo um homem conhecido levantar do último banco da igreja e sair de fininho pelas portas, secando os olhos.

Eu posso jurar que vi meu pai fugir depois de assistir ao nosso casamento.

## Gabriel

Nós viramos para a saída e eu a tiro da igreja a passos rápidos, porque preciso muito de um analgésico e de um copo d'água. Uma almofada para deitar também seria ótimo, e é isso que pretendo fazer com seus peitos assim que passarmos pela chuva de pétalas de rosas e entrarmos na limusine — o que não acontece, porque, no instante em que pisamos na rua, damos de cara com um dos fotógrafos nos olhando de maneira ansiosa e eu gemo internamente. Eva tenta recusar, porque sabe que não estou legal, mas eu jamais permitiria. As fotos são importantes, são recordações especiais. Sendo assim, aperto mais a mão dela e a arrasto até a praia, do outro lado da rua. Pela hora seguinte, tiramos muitas fotos apaixonadas e legais. Quando finalmente entramos na limusine, eu me jogo em cima daqueles peitos fofinhos, como se fossem o sofá de casa.

E pela primeira vez ela não estraga o momento.

— Tenho uma surpresa para você, Gabriel. — *Ainda.*

— Uma surpresa? — Outra? Não bastava meu progenitor penetra e fujão? Decido contar isso amanhã, porque acho que vai lhe dar uma ideia errada de felicidade, uma que Eva não deve ter. *Ele acabou de me mostrar que ainda é um covarde.*

Não importa quanto eu pense e pense e repense, quando coloco a mão na barriga de Eva, falo com o Fefê e o garoto responde se contorcendo e fodendo as costelinhas dela por mim, me dou conta de que nunca vou entender esse cara, porque se eu tivesse... se eu tivesse essa chance, jamais abandonaria meu filho, jamais abandonaria a mulher que eu amo. Porra, como eu nasci desse merda?

Depois de dar uma boa olhada para o próprio filho e descobrir que seu destino se repete... Mais alguém que precisa dele está morrendo. *De novo, ele escolheu fugir.*

— Na verdade é um presente de casamento — Eva comenta, animada, me fazendo olhar para cima. — Você vai amar, garanto. — *Ai, que medo.* — Você foi ótimo hoje. Quer ficar aqui mais alguns minutos, Gabs? — pergunta quando o motorista estaciona em frente ao bufê. Vemos pelos vidros as pessoas chegando da igreja e entrando. Demoro um segundo a mais para responder. Estou criando coragem.

— Vamos entrar, receber os cumprimentos, deixar o fotógrafo me esfolar um pouco mais e dançar uma música primeiro. Aí eu acho um lugar para sentar. Estou vendo daqui o jardim com um sofá convidativo.

— Você não pode ficar fazendo isso, se esforçando assim — ela se irrita. — Se não está bem, nós podemos ficar aqui mais um pouco ou até mesmo dispensar a festa e ir para casa. Você sabe que eu não me importo...

— Eu sei que podemos, mas é a nossa festa de casamento, então vamos aproveitar.

— Tem certeza? — insiste.

— Você está cansada, e os seus pés... — Gordinhos. Ela olha feio e eu engulo essa. — ... bem... machucados do sapato. Você não está se sentindo nem um pouco linda, embora esteja — afirmo, roubando um beijinho dela. — Não está feliz com o vestido apertado ou com o cabelo que não pode mais platinar. Se fosse antes você se recusaria até a tirar as fotos, porque nem está se sentindo você mesma, mas até agora só sorriu. — Eva me olha, mordendo a unha, incerta, e eu me reclino para abrir a porta do carro. — Vamos lá. Aproveita e come até a cozinha, porque essa porra de festa foi bem cara. Seu pai que o diga. Ele me infernizou tanto para ajudar e já está se lamentando. — Rio.

— Ah, não precisa nem pedir. — E, como eu disse, assim que entramos ela me prova, arrancando a bandeja de um pobre pinguim. — Tô nem aí para o meu peso, se quer saber. — Sorri, olhando para a coisa com carinho. — Vou comer a cozinha inteira com o chef dentro e ser feliz. Você me ama até do tamanho da casa, e tem que amar mesmo, porque cada um desses cinco quilinhos extras... — Afio o olhar e ganho uma careta dela que me faz concordar na hora. *Ãhã... cinco.* — Eles são culpa sua, seu idiota! Nunca trinta segundos me foderam tanto antes — brinca, revirando os olhos.

— Ei, isso ofende! — reclamo. — Eu esperei trinta anos por aquele momento, queria o quê? — Eva gargalha e eu tiro uma mecha de cabelo do seu rosto antes que a coma também.

— O cabelo é por pouco tempo. Assim que o Fê decidir que não quer mais os seus brinquedos, eu invado um cabeleireiro com o seu cartão de crédito e volto a ser eu mesma. — Ela dá de ombros, enfiando um canapé na minha boca e cinco na dela, e eu quase derreto de amor, porque amo essa humildade, ela é coisa nova. Tão nova quanto detonar o meu cartão é antiga.

Eva solta a bandeja na mão da irmã depois de pedir para ela guardar com carinho e me arrasta para cumprimentar os convidados. Assim que terminamos

nossas obrigações como noivos, nos separamos e vamos dar atenção às pessoas, o que significa que ela vai perturbar as amigas e eu vou me juntar a um punhado de policiais e suas piadinhas inconvenientes e divertidas envolvendo homens casados com mulheres gritantemente grávidas, que conseguem me distrair o suficiente para aproveitar a companhia e a festa por algumas horas. O papo dura até que minha esposa — esposa! — vá me buscar e me arraste para nossa mesa, me obrigando a comer metade do meu jantar sob seu olhar atento. Se eu fui zoadado quando levantei assim que ela mandou? Imagina. Preciso dizer também onde a outra metade do meu jantar parou? Dispensável, né? Meu garfo gosta de desviar para outra boca — a mesma que passo muito tempo beijando contra uma pilastra depois.

É uma noite ótima, que fica ainda melhor quando o DJ anuncia a primeira valsa, aquela da noiva e do pai. Eu a observo rindo com meu sogro até que a próxima música comece, então arranco Clara da cadeira e a faço rir também, porque ela merece que eu me esforce por uma música. Só nós sabemos como ela nos ajudou com esse casamento. Só eu sei como ela me ajuda com Eva. Clara se tornou seu suporte, e quem vê não diz que não são mesmo mãe e filha. Às vezes finjo que estou dormindo só para escutar as duas falando ao telefone como se fossem

melhores amigas. Elas se conversam todas as noites. O “Te amo, mãe” que Eva fala antes de desligar é uma das coisas mais bonitas que já escutei da sua boca.

Eva aprendeu a gostar da madrasta na dor, mas até da dor pode sair beleza.

Tem tanta beleza na nossa dor que dói. Mais uma ironia.

— Vá dançar com a sua garota. — Clara sorri, me entregando pela mão à filha quando a música termina, antes de puxar o marido para si, para nos fazerem companhia.

— Me concede a honra, sra. Venturini? — Uma das minhas mãos se apoia na base das suas costas enquanto a outra se entrelaça à dela. É assim que esta noite termina para mim, no suspiro dela. Da sra. Venturini.

Ainda me lembro da nossa primeira dança, de sentir a areia sob os pés, do cheiro da brisa do mar misturada a baunilha, de ver as tranças dela voando com o vento enquanto eu a rodopiava, o som da sua gargalhada e, mais ao fundo, a música que nossas mães estavam cantando baixinho, sentadas em um cobertor perto de nós. O olhar delas... Elas sabiam o que era aquilo. Acho que sempre souberam. Ainda me lembro da inocência que ambos tínhamos; Eva ainda nem sabia amarrar os tênis, mas eu já a amava. Fui eu quem fez isso, antes de



lhe oferecer a mão, e eu sei que ela me amava também, porque naquele dia foi a primeira vez que disse isso... Tínhamos cinco, talvez seis anos. Dançar com ela ainda é a coisa mais especial do mundo para mim.

— Está pensando em quê? — Eva pergunta no meu ouvido.

— Em quanto eu amo você — respondo, e sinto seu corpo se colar mais ao meu.

Hoje minha garota não merece me perder, não mesmo, mas a vida não é feita de merecimento. Ela é destinada e escrita, predestinada. Só Deus sabe o que escreveu para nós dois, e neste momento tudo o que importa é que, quando a música termina, ela finalmente, finalmente me beija.

Me beija até outra música, mais agitada, roubar a cena.

— Adoro essa música, Gabriel! — berra na minha boca e eu a afasto, porque quero que ela dance para mim, em seguida me inclino para a frente e mordo seu lábio, antes de soltar suas mãos e arremessar as minhas para cima de um jeitinho bem sexy, porque vou dançar com ela. — *Sticks and stone are never gonna shake me, no* — canta, olhando nos meus olhos, e disso eu tenho a mais absoluta certeza.

— *Take me away* — canto junto e ela também morde a minha boca, como se quisesse roubar as palavras de mim.

— *A secret place*. — Suas mãos encontram meu peito e me fazem esquecer o mundo quando descem pelo meu corpo, só para curtir o momento. Como ela ainda tem pique para descer rebolando até o chão com essa barriga? Sei lá, mas ela tem, e eu tenho também, porque estou adorando. — *A sweet escape*. — Minha mão envolve sua nuca e a puxa para cima, enquanto a outra desce pelo seu corpo. As dela? Estão por toda parte, mas nunca saem de mim

— *Take me away*. — Nossa testa se encontra, a boca também.

— *Take me away to better days* — ela sussurra, me pedindo alguma coisa; eu sei que está. — *Take me away a hiding place*.

Minha boca se desvia e encontra seu ouvido. A esta altura a pista está lotada, não tem quase ninguém nas mesas.

— Você não pode mais me pedir isso. Não pode mais ir comigo a lugar nenhum — sussurro de volta, espalmando a mão no bebê dançando dentro da sua barriga —, mas vou te fazer mais uma promessa antes de enfrentarmos o fim. A mais importante delas. — Recuo, quero olhar nos

seus olhos. — Se eu for primeiro, prometo esperar por você do outro lado. — Sorrio provocativamente, acredito mesmo nisso, e é o bastante para que um sorriso enorme brote no seu rosto em vez de um punhado de lágrimas, porque ela acredita também. É o suficiente para ela me agarrar, assentindo.

— Como eu vou te achar?

— Vou te esperar onde tivemos nossa primeira dança, você lembra? — Pelo sorrisinho bobo, acho que ela sabe de qual estou falando. — Prometo que ainda vou dançar com você do outro lado — beijo seus lábios —, mas agora acho que eu vou te levar para o banheiro e subir o seu vestido...

— Puta merda! Eu tava pensando nisso. Será que dá? — pergunta, animada, agarrando a barra do meu fraque enquanto ainda rebola, e eu não tenho a menor dúvida de que podemos dar um jeito.

— Acho que eu consigo me livrar do motorista da limusine — sugiro. Sua mão me puxa para mais perto ainda e a minha para em sua bunda.

— Procurem um quarto! — Rafael grita.

Muitos policiais mandando ver na pista parecem concordar.

— Ninguém quer ver uma baleia fazer uma coisa dessas, minha filha! Para isso tem o Animal Planet. —

Seguro o pulso dela assim que o pai abre a boca e seus pés estacam no lugar, desistindo de grudar no pescocinho faladeiro dele enquanto se agarra com a esposa bem perto de nós.

— Já que eu não posso agredir o meu próprio pai, o que você acha de eu dizer no ouvido dele que quero abrir um consultório para ajudar pessoas doentes? Será que eu causo pelo menos um ataque cardíaco? — ela pergunta no meu ouvido, e acho que é uma boa aposta, mas, como gosto bastante do meu sogro, eu a distraio tirando uma chave do bolso. — O que é isso? — pergunta quando a mostro e torno a guardá-la, porque ela não tem onde pôr.

— A chave da casinha comercial cor-de-rosa que você está namorando pela internet há um mês. — Seus olhos se arregalam. — Você não foi a única que pensou em um presente de casamento. Pode abrir o seu consultório quando tudo se acertar. Ela é sua. — Sorrio, ignorando o fato de que comprei uma casa sem falar com ela, esperando que Eva ignore também.

— Você comprou uma casa sem falar comigo? — Era esperar demais. — Eu... Meu Deus, seu idiota... Obrigada! Eba! — grita, pulando que nem um macaquinho. *Tão comprável.*

— O seu presente de casamento nunca vai superar o meu — desafio, provocando-a quando me beija. Nunca me canso disso! — Agora vamos lá fora mandar o motorista vir aproveitar a festa para a gente aproveitar a limusine.

Eva sorri e envolve minha cintura. Não tem nada ali, então ela tateia rapidamente e se afasta, assentindo, enquanto olha para alguma coisa sobre meu ombro. Por que está procurando a minha arma?

— Está em outro lugar.

— É sério que você está com ela? Tem dois DPs inteiros enfiados aqui! — reclama, e minhas sobrancelhas se franzem, porque ela sabe que eu gosto bastante da minha outra garota, até quero ser enterrado com ela. De verdade, é puro apego.

— O que foi? É só curiosidade, ou eu vou precisar dela? — pergunto, virando para seguir seu olhar. Vejo meu irmão parando na nossa frente com o rosto apreensivo antes que ela possa responder. — O que foi? — repito a pergunta, desta vez para Gui.

— Temos um probleminha na mesa de doces — ele diz, olhando para Eva.

— Vá se divertir. Eu cuido disso...

— Eu vou — ela me corta, rápido. — Assim aproveito para comer uns docinhos... — Ela percebe meu alívio e

aponta para o jardim. — Por que você não me espera no sofá? — sugere, sem responder a minha pergunta. Como ela parece bem, não precisa pedir duas vezes. Antes que Eva enfie o primeiro bem-casado na boca eu já atravessasse o portãozinho que dá para o jardim, sentei no sofá e abracei uma almofada, então percebo que fui seguido por alguém. Ainda bem que esse alguém não é Alice.

— Acabei de ter uma conversa bem interessante com um médico bêbado. — Ele aponta para o dr. Luz, requebrando e envergonhando a esposa, que não para de rir. — Por que você não me contou a verdade há três dias, quando eu liguei para perguntar? Nós combinamos que você não esconderia nada de mim.

— Além de eu querer falar pessoalmente, a Eva estava por perto. Estou esperando o bebê nascer para contar. — Meus olhos passeiam pelo jardim até as vidraças e encontram minha garota e meu irmão cochichando perto da porta. Depois terminam parando em Alice, que ainda me olha discretamente de sua mesa. Ela sorri, eu retribuo e desvio o olhar antes que Eva veja e a casa caia. Cara, nem morrendo ela me dá uma folga do ciúme, e eu acho que adoro isso. — Se um dia você cansar de esperar pela minha garota, pode levar a minha ex para jantar, ok? — comento, distraído, fazendo-o rir.

— E agora? — Seu olhar é preocupado.

— Eu que te pergunto. — Cruzo os braços. — E agora, Benjamin Sartori? — Eu me viro para ele com uma pergunta no olhar.

— Até o fim é até o fim, Gabriel — ele responde sem hesitar, virando metade do seu uísque para ter um motivo para os olhos marejados. — Se precisar eu volto para o Brasil, como combinamos.

Sorrio, pensando comigo mesmo que Eva não foi a única a aprender alguma coisa com o que estamos passando; eu aprendi também. As pessoas podem, sim, mudar. Quer prova melhor que esses dois?

— É bom saber que eu posso contar com um dos meus melhores amigos de novo se precisar — agradeço despretensiosamente, roubando um sorriso surpreso dele. — Agora vá aproveitar a festa, a garota ainda está sozinha na mesa te esperando.

— É a minha deixa. — Ele aponta para minha garota, que caminha a passos largos até o portão de ferro do jardim. — A sua esposa está vindo aí e eu já levei uma bronca dela hoje por chegar perto demais com isso. — Ergue o copo. — Parece que o seu filho puxou a você e não é muito chegado em uma birita como a Vira-Vira. — Ben me dá um abraço apertado antes de se levantar, passar por Eva na metade do caminho, erguendo o copo em um cumprimento, e entrar para papear mais um

pouco com Alice. Odeio essa porra de apelido. Já contei que demorei meia hora para achar a blusa dela naquele dia? Como foi parar no vaso de planta dele é um mistério até hoje.

— O que foi? — pergunto, depois de vê-la parar atrás do portãozinho, segurando-o aberto. — Eva? — insisto e nada.

— Sem arrependimentos, né? — Ela tem a voz trêmula. Quando ergo o olhar e percebo que não está me encarando, tenho um belo de um mau pressentimento. — Você não quer que eu tenha nenhum.

— Não, eu não quero. — Estou achando o papo bem estranho.

— Então me perdoa, tá bom? — implora, fazendo aquela careta de choro que eu odeio.

— O que você aprontou? — pergunto, preocupado, jogando a almofada longe. Fico de pé rápido demais e sou obrigado a sentar de novo. Ok, não vai rolar. — Vem aqui, por favor — peço, irritado comigo mesmo. Ela nega e, antes que eu possa insistir, vejo meu irmão guiando um homem conhecido pelo labirinto de pessoas. Tento levantar de novo, mas ainda não rola. Não mesmo. Se eu tentar vou desmaiar, e agora não posso nem ousar. Não com ele a poucos metros. — O que você fez, amor? —



falo um pouco mais duro agora enquanto pego o celular no bolso e envio uma mensagem para o grupo do DP.

### **Gabriel**

Preciso de alguém aqui fora. De preferência sóbrio.

Ergo o olhar a tempo de ver meu pai entrar a passos largos no jardim com meu irmão correndo atrás, como se quisesse pará-lo. Suas feições assustadas congelam quando olha nos meus olhos. *Ah, garoto! Que merda você a ajudou a fazer?* Eva, até então parada atrás do portão, fecha aquela porra assim que os dois passam e se escora ali como um bom cão de guarda. Meu pai olha para trás, atraído pelo barulho do metal, e eu penso que ele vai fraquejar e tentar sair, porque seus olhos se enchem de pânico quando a veem. Ele encara o chão; não consegue olhá-la nos olhos. Seus pés param no lugar por um instante, incerto de que caminho tomar, e no fim ele decide encurtar nossa distância e parar à minha frente. Vejo como é difícil para ele erguer o olhar, não porque tem medo de me encarar como tem dela, e sim porque teme o que vai ver. Teme ver a morte no rosto do filho. Até consigo me compadecer; é algo que eu não

posso nem imaginar, e isso porque o meu filho nem nasceu ainda. Mas o olhar de pena eu não engulo; esse me faz trincar os dentes. Se tem uma coisa que está intacta aqui é o meu orgulho, e pretendo continuar com ele enquanto puder.

— Precisamos conversar, Gabriel — ele anuncia, com a voz falha.

— Agora você quer conversar? *Agora, pai?* — Sou sarcástico e o vejo arquejar em surpresa. — Não tenho nenhum problema em te chamar assim. Estou esperando você retornar a minha ligação há dez meses, *pai* — friso. Seus olhos se desviam para os sapatos sociais bem lustrados enquanto uma das mãos afasta o cabelo branco do rosto. A boca continua quieta e contorcida. — É sobre o Guilherme? — quebro o silêncio, afinal o garoto disse que estaria no casamento da professora da escola, ou seja, mentiu. Ele nega, demora quase um minuto para conseguir me dar uma resposta, e quando fala é com uma voz fraca da qual não me lembro. Eu o escutava gritar bastante com a minha mãe, talvez seja por isso.

— A Lívia e eu não temos segredos um com o outro. Temos um casamento harmonioso e feliz. — Busco uma luz olhando para Guilherme, que dá de ombros, me parecendo bem culpado.

— Isso é ótimo para você. É o que eu quero para o meu casamento — respondo, com deboche. — Mas eu ainda não entendi o que isso tem... — *Ah, porra!* — Você sabia o tempo todo que eu estava saindo com o seu filho, não sabia? — Eu o perfuro com o olhar. Meu pai dá um passo para trás e assente, sem me encarar.

É triste ver que ele não consegue nem olhar para mim.

Tão triste.

— Ergue a cabeça e responde, porra! — me exaspero. — Não consegue deixar de ser fraco por um segundo? Eu nem tenho significado para você, para fingir que está tão arrasado assim com o que está vendo.

Não tem tristeza nenhuma no meu tom, só raiva, mesmo assim faz minha esposa chorar e se agarrar às grades do portão. Seus olhos imploram para eu parar de provocar, para ceder e me calar, e eu odeio essa porra. Odeio a ideia de ter que pedir alguma coisa para ele, a maneira como ele me olha ou como reage a ela.

— Não saia correndo, Eva — ordeno, sério. — Eu não consigo ir atrás de você hoje e não quero que saia de perto de mim. Entendeu? — Eva assente, tapando a boca com uma das mãos para continuar em silêncio. Eu me volto para o meu irmão. — Vai explicar, Guilherme?

Decido arrancar as coisas dele, porque deixei meu pai em choque com o que disse. Ele nem respira. Também tapou a boca com a mão e continua uma bela estátua.

— Eu guardei o seu segredo e não contei que você estava doente, como me pediu, assim como guardei o segredo dele quando pediu que eu escondesse que ele sabia sobre os nossos encontros. O papai e a mamãe realmente não têm segredos entre eles. — Que lindo. Emocionante. — Sou um país neutro nessa, Gabs — Gui rebate, parando dois passos atrás do nosso pai. *Perfeito. O garoto é a Suíça!*

— A Lívia me ligou assim que recebeu o telefonema da... da sua... — Meu pai faz uma pausa para respirar fundo e me enche de angústia. Me agonia que não fale o nome dela. — ... esposa. Eu disse que ela deveria permitir que o Gui saísse com ela do colégio, caso fosse o seu desejo, porque sabia quanto ele queria te conhecer. Quando ele chegou em casa, tão animado... Ele te adorou... O Gui perguntou se podia continuar vendo você, e nós não encontramos motivos para proibir...

— É sério? — pergunto, desacreditado.

— Ela... disse que cuidaria bem dele, e sempre cuidou... O Gui a adora. — Isso está me irritando. Profundamente.

— Você não consegue nem falar o nome da Eva? — Saio de mim quando ele franze o cenho ao escutá-lo. — Qual o seu problema, afinal? Me diz, porque está difícil entender. Você me vigia na entrada da delegacia e deixa meu irmão passar um tempo comigo, mas, quando eu te ligo para contar que estou doente e pedir o seu perdão pela maneira como te tratei anos atrás, porque na minha vã inocência de pessoa morrendo achei que me faria bem não ter esse remorso, você não dá a mínima.

Quem precisa bater em alguém quando tem palavras duras como as minhas? Elas são murros de punho fechado na cara dele. O que é ótimo, já que a festa está tão boa que ninguém pegou no celular ainda. Cadê o Rafael? Talvez eu precise que ele jogue meu pai na parede antes do combinado. Ele não abre a boca.

Já a minha não se cala.

— Por mim, foda-se. Mas sabe quanto custou para a Eva procurar o seu número e apertar o botão do celular no meu lugar? Tem ideia? A mãe dela se matou por sua culpa, porque você é um fraco, enquanto a Eva — friso — não foi. Então tenha o mínimo de respeito e a chame pelo nome.

Bom, desta vez eu tive bem mais elegância que há catorze anos. Isso ele não pode negar. Se bem me lembro, naquele dia a palavra mais bonita que ele

escutou da minha boca, antes que eu arremessasse o guardanapo de pano em cima da mesa e saísse do restaurante sem olhar para trás, foi “assassino”, então ele não pode dizer que não melhorei minha boquinha grosseira ao longo do tempo.

— Isso é verdade, Gabriel? — ele pergunta, se esquivando, mordendo o lábio, um tique que temos em comum quando estamos ansiosos ou queremos mentir. Os pés dele não param quietos, querem dar o fora. — Eu posso fazer isso? — insiste, me entregando um convite do nosso casamento.

— Isso o quê? — Fico na defensiva e me odeio por isso, principalmente porque meu tom faz minha garota chorar mais. Pego a porra do convite da mão dele para ver do que está falando e preciso agarrar o estofado quando leio a frase escrita na caligrafia redonda e rebuscada de Eva. Não foi o meu tom; foi o medo de que eu brigasse com ela.

Ele está morrendo e só você pode salvá-lo.

Por favor. Por favor, me ajude.

— O Guilherme me entregou há pouco, a pedido da Eva — meu pai diz, soltando seu nome com um fôlego. Quase lhe dou parabéns, mas estou ocupado lendo e

relendo aquela única frase. Ela pediu por favor, cara. Ela pediu por favor para ele. — Ele não quis me dizer o que significa. Será que você pode...?

Mordo o lábio e a encaro. Ainda está implorando.

Minha garota me deu seu último egoísmo, seu maior altruísmo, metade da alma, e só de olhar o papel borrado imagino quanto custou para ela escrever essas poucas palavras. Eu lhe devolvo o presente, porque o amor é isso. Se doar completamente.

— Tecnicamente é verdade. Minha última alternativa é tentar outro transplante. Como o autólogo não deu certo, porque as minhas células não responderam, a última alternativa na visão do meu médico — o homem requebrando ao som de Alok para quem eu aponto — é tentar o transplante alogênico, usando as células de um doador saudável. Quase sempre funciona melhor quando é feito entre irmãos, mas claro que isso é só uma ideia, porque o Gui e eu não temos a mesma mãe, então...

— A Eva soube antes de você os resultados dos exames e me levou para fazer o teste escondido — Guilherme me interrompe. Olho feio, e mais uma vez ele dá de ombros. — Eu guardei o segredo dela também.

— Ela fez o quê? — meu pai pergunta, meio desconcertado.

— Eu sou compatível, é isso o que importa, e é por isso que a Evinha trouxe você aqui — o garoto diz, abrindo um sorriso empolgado, e meu coração dispara. Isso deveria me deixar muito feliz, mas não deixa, porque não dá tempo. — Pai? — Assim que o escuta chamá-lo, nosso pai dá meia-volta e caminha até o portão. Vejo a merda feita quando minha garota vira a chave.

— Eva, deixe-o ir embora — ordeno, com a voz mais autoritária que consigo produzir. E ela? Ela enfia a chave no decote do vestido, porque é uma teimosa de merda. No mesmo instante minha mão desliza por baixo do fraque até o coldre, porque, se ele tentar pegá-la, o pessoal vai ter que ficar sóbrio para trabalhar na marra. Vou dar uma cena de crime fresquinha para eles. Meu pai continua andando, agitado. — Eva, por favor, querida. — Eu até falo um “querida”. Ela cerra o maxilar e os punhos. — Amor. — Tem muitas coisas nessa única palavra... Por favor, não me obrigue a fazer isso... Não o ataque como um bicho... Não ataque, vamos...

Assim que Eva dá um passo à frente para bloqueá-lo, minha mão agarra o cabo da Glock. Falar brincando que colocaria meu próprio pai na mira é uma coisa, fazer isso de verdade é outra. Claro que pensei que jamais teria coragem de fazer isso com ele... Bom, até assistir a



minha mulher parar na frente dele, cair no choro e se ajoelhar aos seus pés. Não é surpresa que eu tenha arrumado coragem, é? Em vez de se afastar dela como meu irmão está mandando — porque me conhece —, o cretino segura seus pulsos, e isso rouba o que resta da minha paciência.

— Gabriel, não — minha garota ordena, autoritária, olhando para minha mão saindo de dentro do fraque, então paro com ela no lugar. Meu pai segue o olhar de Eva e entende bem rápido o meu humor.

— Levanta, Eva! — digo no mesmo tom, mas ela não obedece. Ele tenta erguê-la e minha garota chora mais. — É melhor tirar a porra das mãos da minha mulher. Não vou falar uma segunda vez. — Na hora ele solta seus pulsos, dando um passo para trás, e só aí eu retraio a mão. É em boa hora, pois preciso dela para cobrir os lábios de surpresa e horror quando vejo Eva se agarrar à roupa dele para que não se afaste. Guilherme está chocado demais para ser útil. Cadê o Rafael, porra?

— Talvez você não sinta nenhum remorso pela sua família — ela diz, segurando firme na barra do seu paletó —, mas eu sei que sente pela minha mãe, porque eu vi a sua esposa. — Meu pai continua mudo. Os olhos dele se enchem de lágrimas, mas ele não consegue ter reação. Seu rosto não mostra nada. No minuto seguinte estou de

pé. — Se quiser se redimir, pode fazer algo pelo neto dela. O Gabriel nunca vai escutar o nosso filho chamá-lo de pai sem a sua ajuda. Nós precisamos da sua ajuda, Pedro.

— Levanta dessa porra de chão, Eva Venturini!

Gostei de chamá-la assim. Souu bom no grito. Ela obedeceu?

— Não, Gabriel! — rebate.

*Eu vou matá-la!*

Em vez de ter dito para ela não correr, eu devia ter dito para não fazer nada que me irritasse. Será que teria adiantado? Porque ela sabe que se jogar aos pés dele é demais para mim. Chego à metade do caminho decidido a fazer esta festa de casamento aparecer no noticiário local antes de precisar me escorar na parede. Rafael e Rodrigo escolhem esse momento para pular o portão, aquele em que estou encostado, sentindo o chão sumir embaixo dos meus pés.

— Rodrigo, com a Eva — ordeno. Ele para rapidamente às costas dela e permanece de pé, em silêncio. — Rafael, aqui. — Ele não hesita um segundo para segurar meu ombro. — É o meu pai. — Não preciso dizer mais nada para que ele me ajude a chegar até Eva. O aperto é firme, então significa que ele está nervoso, porque já ligou os pontinhos. Eu me apoio nele e fico de joelhos

atrás de Eva. Eu a abraço, passando as mãos pela sua barriga, ao mesmo tempo em que ela apoia a cabeça no meu peito sem soltar as roupas do meu pai.

— Me perdoa — pede, desolada. — Nós não podemos perder você, não podemos — chora, finalmente se soltando dele para se virar e me agarrar enquanto encaro Rodrigo.

— O cara rebolando ao som de Pablio Vittar, a loira grávida de vestido cor-de-rosa e uma garrafa de água. — Ele assente, pula de novo o portão e desaparece. — Rafa, pode acalmar o Gui? — Aponto para meu irmão, que está com o rosto escondido nas mãos em um cantinho. Rafael corre para lá, envolvendo-o em um abraço. Já está quase sóbrio.

Enquanto isso, meu pai ainda está no centro do jardim, olhando para nós com os olhos marejados. Enfia a mão no decote de Eva e joga a chave do portão aos seus pés.

— Você não merece que ela se ajoelhe. Largou a mãe dela quando ela mais precisou de você. Você não merece nada da Eva, e hoje eu queria muito que ela gostasse um pouquinho menos de mim, só para não precisar ver isso. Mas eu vou fazer o mesmo, porque ela sim merece que eu faça. — Fecho os olhos e imagino a carinha do Fefê, engulo em seco e devolvo o presente dela. — Você pode

me ajudar, pai? — pergunto, bem firme. — Eu queria muito conhecer o meu filho. — Agora não foi tão duro, não. Até parece que eu implorei.

Espero que Eva esteja feliz!

Ela vai ter que agradecer muito no nosso sofá logo que der, isso se eu não acabar morrendo assim que essas palavras fizerem efeito em mim, claro. O que é bem provável.

— Fala a verdade para eles, droga! — Guilherme grita, se dirigindo ao nosso pai.

— Do que o meu irmão está falando? — Agora me sento no chão e respiro fundo no cabelo de Eva. Não consigo erguer o olhar para procurar a resposta no rosto deles.

— O nosso pai não sabia o que a mãe da Eva fez até você contar — ele diz, chorando, e eu franzo o cenho. Como é? — Conta para eles, pai! Senão eu conto.

Então, de repente, como se a coisa já não tivesse desandado para caminhos suspeitos, ouço os joelhos dele baterem no chão ao nosso lado e apoio o queixo no ombro de Eva, ficando cara a cara com meu pai, mas os olhos dele estão fixos nela. É para ela que ele conta sua história.

— A sua mãe me ligou no dia em que morreu pedindo para me ver. Eu saí do trabalho e fui para a casa dela

correndo, porque ela estava chorando. Vocês ainda estavam na escola — conta, mordendo o lábio, emocionado. — Assim que eu cheguei, a Sara me disse que estava doente e que tinha mais ou menos quatro meses de vida. Ela me pediu para abandonar tudo por ela e eu me desesperei, me desesperei tanto que a fiz sair correndo de casa, desorientada. Em vez de ir atrás dela, eu entrei no carro e fiquei dando voltas e mais voltas pela cidade. Achei que ela buscaria vocês na escola e aí eu teria tempo de conversar melhor com ela quando me acalmasse. Eu sabia que o seu pai passaria a noite fora, então voltei mais tarde, arrasado, mas pronto para dizer que nós íamos resolver as coisas, íamos contar sobre o nosso caso, brigar para proteger vocês e nos divorciar, mas não a encontrei em casa. Então eu cheguei na minha casa e você estava chorando no meu sofá, Eva — lamenta, secando as lágrimas que transbordaram. — No fim da noite, a Ruth me contou que a sua mãe tinha se afogado e aproveitou para me dizer que isso mostrou a ela que a vida era muito curta. Então ela me pediu o divórcio. — Ele sorri fracamente.

— É a cara da minha mãe ainda tentar te proteger — ironizo, puto até com ela. — Se você não sabia de nada, por que saiu com uma mala e desapareceu da minha vida?

— O que você faria se tivesse perdido o amor da sua vida porque ela saiu correndo e você não foi atrás?

— Não tenho ideia. Eu sempre vou atrás. — Dou de ombros, e nem é provocação, juro.

— Em nenhum momento da minha dor, com o choque que levei, eu pensei em como ela tinha recebido a notícia da doença. E não acreditei que a Sara se mataria por não aguentar a ideia de ter me perdido por poucas horas. Eu não quis acreditar nisso, embora ela não tivesse nenhum motivo para ir ao mar tão tarde. Para não pensar em tudo isso, eu comecei a beber. Cheguei ao fundo de um buraco muito ruim, onde eu não te queria metido, Gabriel.

Hum, que ótimo. Ele entra aqui como vilão e está saindo como mocinho, e a garota no meu colo está acreditando, chorando, cheia de pena. Porra. Eu queria tanto acreditar nele que até dói.

— Quando eu finalmente fiquei limpo, depois de conhecer a Lívia, veio a notícia da morte da sua mãe, Gabriel, e a briga que nós tivemos... — Antes que eu abra a boca, ele me corta. — Não foi culpa sua. Você não tinha como saber, e eu não contei porque fiquei com muita vergonha. A carta que você me mostrou e a dor da Sara naquelas palavras só não me levaram de volta para a bebida porque eu tinha o Gui. Ele ainda era um bebê e

me deu um propósito que me ajudava a respirar todos os dias. Às vezes, nos dias em que sentia muito a sua falta, eu ia até a porta do colégio, e depois da faculdade e por fim da delegacia, só para te olhar um pouquinho. Eu deixei você se afastar porque você tinha razão: a mãe da sua esposa entrou no mar por minha causa, e nada apaga isso. Nada apaga o fato de que eu causei isso. Mesmo que eu não quisesse, mesmo que a amasse, mesmo que a tenha escolhido. Foi tarde demais.

— Por que você não falou comigo quando eu te liguei, pai? Esta conversa teria acontecido muito tempo atrás. — Eu me distraio com a barriga de Eva endurecendo. Seus olhos estão fechados. Está tão quietinha que me assusta. — Tudo bem? — pergunto, e ela faz que sim.

— Porque, quando você me disse que a Eva era a sua namorada... — Suspira, encolhendo os ombros. — Eu não sabia como olhar para vocês, mas quando te vi no altar hoje eu descobri. Eu pedi o endereço da festa para o seu irmão e vim para cá, fiquei no carro pensando em como tomar coragem de entrar e pedir perdão a vocês, porque eu não quero cometer o mesmo erro duas vezes. O Gui bater no vidro e me entregar um bilhete da Eva foi o suficiente para eu conseguir. Me perdoe. Me perdoe por ter demorado tanto tempo. Eu jamais proibiria que o Gui doasse qualquer coisa para você, Gabriel.

— Obrigado — respondo, desconcertado, sem saber mais o que dizer.

— Vocês acham que conseguem me perdoar um dia? Gabriel?

— Eu te liguei há dez meses para resolver isso, não para enfiar uma agulha na medula do seu filho. Acho que isso responde. Eu não estou mais me prendendo ao passado ultimamente. — Dou de ombros, em um tom que sugere que isso é um “vamos devagar, amigo”, mesmo que eu esteja emocionado por saber que talvez ainda tenha mais uma chance de ter um relacionamento com o meu pai.

— Eva? — Ele estende a mão e a coloca na barriga dela. Deslizo a minha a fim de tirá-la, mas Eva a segura no lugar quando sente o Fê se contorcer e eu deixo.

— Está tudo bem — ela sussurra, respirando profundamente, ainda de olhos fechados. Será que está tudo bem mesmo? — Eu sempre confio nele quando me manda perdoar alguém, Gabs. — Então ela abre os olhos e encara meu pai. — Eu posso te culpar quanto quiser por você ter saído correndo, mas, se o que nos contou é verdade, você não teve culpa. Só se assustou, e é assustador mesmo, eu sei. — Força um sorriso. Eva está sendo gentil, pois sabemos que ela é a prova viva de que dá para correr para o lado certo, não importa o tamanho



do susto. Sei, só de olhar nos olhos do meu pai, que ele amava a mãe dela, então sinto ainda mais orgulho da Eva por ter sido tão forte. — Foi uma fatalidade, uma pena que a minha mãe tenha sido tão precipitada e não tenha te dado os quatro meses dela, como eu venho vivendo os últimos dez do seu filho. Sinto muito por você e imagino o seu remorso, porque eu sentiria o mesmo se não tivesse ficado ao lado do Gabriel. — Ela dá um suspiro profundo. — Mas acho que chegou a hora de esquecer essa história e deixar a minha mãe descansar em paz. É bonito que você tenha encontrado na Lívia e no Gui um conforto, muito bonito. Você tem uma família linda, Pedro.

— Posso participar do que vocês estão vivendo? Quero que façam parte da minha família — meu pai diz, abrindo um sorriso trêmulo. Ele não para de chorar.

— Eu teria te perdoado só pela agulhada que o Gui vai tomar pelo Gabriel. Quanto a participar, desde que você prometa que vai levar o papel de avô a sério, não vejo problemas, isso se o Gabs também aceitar. — Fico quieto. Ainda não sei se o quero perto do nosso filho. É tudo muito recente. — Eu ficaria mais feliz se vocês dois dessem um abraço antes de mais nada. O que acham? — É definitivo: ela é uma pessoa mil vezes melhor que eu, só estava escondendo o jogo.

Meu pai tira a mão da barriga dela e a apoia atrás do meu ombro, se inclinando desajeitadamente para nos envolver. Até rolam mais umas lágrimas antes de Rodrigo pular o portão de novo, procurando a chave. Quando meu pai lhe entrega e ele abre o portão, o dr. Luz caminha apressado na minha direção. Faço um sinal com a cabeça para dizer silenciosamente que não estou bem, e ele pergunta, sem som, se quero ir para o hospital. Assinto, apertando mais forte a mão de Eva e pegando com a outra a garrafa de água que Rodrigo me estende.

Ofereço a Eva, que nega.

Por que está tão quietinha?

— Não achei a loira grávida de vestido rosa, chefe. — Olho feio para ele depois de tomar um gole de água. Olívia está do tamanho de um carro e usando um vestido rosa-neon. Como ele não a viu?

— A Olívia está preparando o seu presente de casamento com um colega dela. Dadas as circunstâncias, ela só vai assistir à entrega. — Minha garota se vira para me encarar. Minhas sobrancelhas se arqueiam. — Ela está nos esperando.

— O meu pai não era o presente? — Ela nega com a cabeça. — Então o que é?

— Lembra quando eu disse para o padre que tinha sentido uma contração? — Eva dá um sorriso, mordendo

o lábio.

— Você entrou em trabalho de parto no meio do casamento e não falou para ninguém?

— Eu falei para a Liv quando nós chegamos aqui. Não estava doendo até agora há pouco, e... — Se ela falar que foi porque eu queria aproveitar a festa, vou mesmo matá-la. — ... eu queria comer bolo. — Encolhe os ombros.

EU. NÃO. CONSIGO. PARAR. DE. RIR.

Ainda quero matá-la.

— Chefe? — Rodrigo chama.

— O Adam veio com o meu carro. Pegue a chave com ele e encontre alguém sóbrio para dirigir. Deixei as coisas do Fê no porta-malas. Traga também aquela loira de vestido dourado, a esposa do doutor — aponto. — O mesmo que só vai encostar em mim depois que ficar uma meia hora na glicose — falo olhando para o dr. Luz, suas pupilas dilatadas e seu sorrisinho fácil. Antes que Rodrigo se afaste, meu pai segura meu pulso.

— Eu não bebi nada. O Gui pega as malas em cinco minutos, e eu te ajudo com a minha nora. O que acha? É um bom momento para eu começar a participar? — pergunta, esperançoso. Estou para recusar quando sinto as unhas dela na minha perna.

— Essa porra está começando a doer de verdade. Para de ser teimoso, Gabriel — rosna. — Podia ser o Maníaco do Parque que a gente aceitaria. Eu já comi bolo e agora quero uma peridural e uma cesariana — ela cochicha mais baixo, fazendo meu pai rir e eu suspirar.

— É um ótimo momento, pai. — Assinto, com um sorriso sincero.

Nem acredito que vou mesmo conhecer o Fefê.

Que puta presente de casamento!

## Eva

Meus olhos pesados de sono se abrem para encontrar o quarto iluminado apenas por uma TV sem som ligada. Fico quieta, ainda deitada, com o rosto voltado para a janela, aproveitando para admirá-lo um pouquinho. Gabriel está recostado no sofá creme com um sorriso de canto, meio orgulhoso, meio bobo, preso aos lábios. Ele tirou o fraque e dobrou as mangas da camisa branca. Em um braço tem um acesso com soro gotejando lentamente preso a um suporte ao lado do sofá, e aninhado na curva do outro tem um bebê de macacão azul-marinho dormindo profundamente, alheio ao fato de seu pai estar tagarelando pelos cotovelos. Ele e essa mania de falar enquanto a gente dorme!

— A sua mãe vai te contar uma porcaria de história sobre um príncipe babaca que é um puta covarde de não enfrentar o pai, que é outro babaca. Esse até matou a pobre da mulher, se você prestar bem atenção, já que foi

omisso quando a bruxa ofereceu ajuda... — Preciso morder a parte interna da bochecha para não rir. — Fora que ele foi o mandante do assassinato da filha dela, uma bruxinha que também é babaca, sabe por quê? — O menino está mamando o ar enquanto sonha. Duvido que ele queira, mas estou bem interessada em saber, porque Gabriel está fodendo com a minha história de conto de fadas. — Porque ela podia ter resolvido a merda toda se matasse todo mundo, mas não: ela quis ser a gostosona e lançou logo um feitiço para criar as estrelas. — Ele ri, como se fosse absurdo. Se bem que, falando assim... Por que a idiota não fez justamente o que ele falou? — Me diz, Fefê, você já viu alguém mais exibida que essa Meredith?

Gabs está destruindo a minha infância.

— Por que as pessoas sempre complicam a história? — Ele suspira, erguendo o garoto para olhá-lo de frente. Gabriel o examina como se fosse feito de ouro, e para nós ele é. — O que eu quero que você guarde, inclusive vou deixar escrito em algum lugar para o caso de eu morrer, é que a estrela não é uma garota ou uma ideia de amor verdadeiro, como a sua mãe provavelmente vai te dizer — conta, como se fosse um segredo, e eu me pergunto de que raio está falando, porque é óbvio que é. Ele é a minha estrela, uai. Agora que eu achei essa porra,

ele diz que a história não é assim? — Então me faça o favor de não sair por aí namorando veganas, trapezistas ou gringas atrás de uma ilusão de amor perfeito. Na hora certa a sua garota simplesmente aparece, o destino cuida disso.

De que raio ele está falando?

O que é a estrela, então?

— As estrelas, Fefê, são as pessoas que você ama e que vão embora antes de você. Elas são um consolo para quem fica — Gabriel continua, passando o indicador no rostinho dele, em cada centímetro. Meus olhos se enchem de lágrimas. Só agora entendi por que minha mãe me mandou olhar para cima. Minha mãe queria que eu procurasse por ela. Meu Deus, eu era péssima em interpretação de texto! Também, eu tinha seis anos, o que ela queria? — Se um dia eu morrer, vou me tornar uma delas e brilhar por vocês — promete, com carinho, e uma lágrima desce pelo rosto. Se eu soubesse o que era a estrela, nunca teria desejado uma.

Eu nunca teria desejado que fosse ele.

Será que ele sabe?

— Se a sua avó tivesse explicado direito essa merda para a sua mãe, eu não teria ficado meia hora procurando uma blusa em uma festinha anos atrás só para encontrá-la num vaso de planta, e passando frio,

porque é claro que a primeira coisa que eu fiz quando cheguei foi enfiá-la na minha camiseta. Não queria ninguém mais olhando para nossos brinquedinhos favoritos dentro de um sutiã roxo de bolinhas cor-de-rosa que era um arraso. — Sorrio, grata por ele ter reparado e me arrancado uma risada. Gabs devolve o sorriso e se levanta, vindo ao meu encontro, enquanto chuta o suporte do soro para vir junto. — Oi, esposa — sussurra, se sentando ao meu lado, parecendo melhor com a medicação.

— Oi, marido — sussurro de volta. — Sabia que eu estava escutando desde o comecinho?

Ele assente, virando para mim. Rouba um beijo e coloca o bebê nos meus braços.

— Estava na hora de você saber — responde, abrindo delicadamente o fecho do meu sutiã.

— Não quero mais uma estrela — falo, emocionada.

Ele não responde, só me beija, mais demorado desta vez. Quando se afasta, com uma mão Gabs aperta a minha, e com a outra segura o rosto do bebê e o ajuda a pegar em um dos brinquedos doloridos, enquanto eu mordo a boca até sentir gosto de sangue, quase quebrando a mão dele. Filhos... Já nascem fodendo com a gente. Hoje são meus peitos, amanhã vai ser minha paciência, mas eu acho que vou amar, assim como o



homem lindo de morrer que deitou a cabeça no meu ombro para observar com um sorriso fascinado o filho me torturar, como se estivesse diante da cena mais bonita em que pôs os olhos hoje. E talvez esteja.

Também estou.

— O dr. Luz falou com você? — pergunto, erguendo a mão para acariciar seu rosto.

— Falou — assente, tentando esconder que ficou triste com o que quer que seja. — Ele pediu que daqui eu fosse direto para o instituto. O Guilherme vai se internar amanhã para fazer os exames e colher a amostra, e o dr. Bigode acha melhor eu esperar que tudo se resolva no hospital. Então, daqui a três dias, quando vocês tiverem alta, nós vamos dar tchau por um tempo, porque o bebê não tem imunidade para entrar lá. — Ele pensa que vai ficar sozinho. Se não estivesse tão relaxada por causa da morfina, que está fazendo a cesárea parecer um dia na praia, eu com certeza bateria na cara dele. Ou não. Acho que não.

Eu só o beijaria, como faço agora com a sua testa.

— Ele é tão lindo. Loirinho como você. Que sortudo! — comento, passando o indicador pela montoeira de fios cor de areia, depois pelos lábios minúsculos e cor-de-rosa que ainda vão nos dar muitos beijos. Tão pequenininhos. Toco cada detalhe dele. Gabriel se afasta e passa o braço

livre ao redor dos meus ombros, nos puxando para ele. Nós nos aninhamos em seu peito. — Acabei de conhecer e já estou com saudade dele. Vou querer Skype todo dia — comento, sorrindo. Suas sobancelhas se erguem, curiosas, e eu sorrio mais. É a minha vez de perturbar o sono do garoto. — Daqui a três dias você vai conhecer a sua casa temporária, porque vai morar com o vovô e a vovó por um tempinho, mas a mamãe promete que vai te ver e espremer os brinquedos do papai até encher os vidrinhos de comida três vezes na semana, tá? A vovó colocou a sua tia vaca para ficar no lugar dela lá na escola e pegou férias indeterminadas para te mimar. É bom aproveitar, porque depois que o papai sarar você está lascado na minha mão. Ah, e não chame ela de tia vaca, é feio. Só eu posso fazer isso.

Clara é meu anjinho da guarda, e a vaca... bom, tenho que dar o braço a torcer: ela parece mesmo querer nos ajudar.

— Você não pode deixar o Fefê, amor — Gabriel retruca, ainda mais chateado. — Você tem que curtir este momento. Vai passar tão rápido. Quer mesmo perder os primeiros meses de vida dele?

— Quem falou que vamos perder? — pergunto, divertida. — Comprei uma câmera bem legal pela internet que transmite as imagens para o celular em

tempo real. Vamos dar pitaco o dia inteiro no que a minha mãe está fazendo com ele. — Seus olhos brilham, marejam e ele me beija. — Daqui a três dias eu vou pegar na sua mão e você vai apertar a minha. Nós vamos entrar no instituto para lutar um pouco mais, até cansar se preciso, e no fim vamos voltar para o Fê. Mas agora, neste momento, é você quem precisa de mim.

— Obrigá... — Coloco um dedo sobre seus lábios.

— Não — sorrio, e é um sorriso imenso, como o que ele está me dando.

Estou te dando valor antes de você brilhar, Gabriel.

Estou agradecendo silenciosamente pela chance de lutar ao seu lado, pela chance de poder escolher ficar com você. Eu finalmente escolhi certo, escolhi você: a pessoa que sempre me escolheu.

Eu te amo o suficiente e da maneira certa, como vou fazer todos os dias da minha vida, porque as estrelas moram muito longe e saudade não é o bastante para trazer ninguém de volta. Nós temos que amar, valorizar e nos desprender completamente dos nossos egoísmos enquanto elas ainda estão entre nós. Enquanto ainda podem ver que são amadas o suficiente.

Minha mãe infelizmente não viu. Ainda bem que fiz diferente com Gabs.

Eu acordei a tempo.

Ele sabe de tudo isso, então lhe digo outra coisa.

— Eu amo você, Gabriel — sussurro, procurando sua boca.

Ele também sabe disso, mas eu não canso de falar.

— Eu amo mais, minha garota. — Ele me beija.

Como eu amo esse beijo.

— E se eu te contar que o seu irmão passou por aqui e tem um cheque no valor do seu carro no meu bolso? Só na cabecinha mão de vaca do Adam isso é presente de casamento, mas ok — ele comenta, erguendo as sobrancelhas.

— Eu vou te dizer que a gente consegue ganhar essa batalha, porque o tempo está propício para milagres! E por falar em presente... — Olho para o bebê, esperando uma retratação.

— Ah, você com certeza me superou nesse!

— É bom você ter gostado e me amar mesmo, porque o garoto saiu e eu ainda estou do tamanho da casa — choramingo, dramática. — Mas sabe o que é pior? A única coisa que eu queria para fechar o dia de hoje com chave de ouro era abocanhar um bom hambúrguer sabendo que eu não vou terminar lambendo a privada. Estou esperando há tantos meses por isso que fico até salivando...

Ele sai da cama, abre um armário no canto e me faz muito feliz.

— Um hambúrguer como este aqui? — pergunta, fazendo um biquinho bem sexy, e eu quase, quase jogo o Fefê para o alto para abraçar o meu lindo saco de papel pardo com um M enorme na frente. Por Deus, que saudade!

Espero pacientemente enquanto ele abre a caixinha, pega aquela coisinha deliciosa com dois hambúrgueres, alface, queijo... — você conhece a musiquinha — e o enfia na minha boca. Solto um gemido de prazer assim que sinto o gosto do céu.

— Mais baixo. Daqui a pouco uma enfermeira entra e arranca isso da sua mão. — É ele falar e eu abocanhar metade do lanche em uma dentada. Pretendo comer até o guardanapo. — Eu devia ficar ofendido por você nunca ter gemido para mim assim? — Seu sorriso é contagiante.

— Faz nove meses que eu estou na seca disto aqui. Vou fazer melhor pra você daqui a quarenta dias — reclamo de boca cheia, fazendo-o rir. — Vem cá, como você faz essas coisas? — pergunto e dou mais uma mordida, grata por ele enfiar uma batata na minha boca, porque minhas mãos estão ocupadas, e o lanche misturado com a batata é outra coisa.

— Agora eu tenho um pai que quer participar — ele conta, erguendo as sobrancelhas.

— Puta que pariu, como perdoar faz bem pro estômago — suspiro, trêmula e feliz, e aí o meu som favorito preenche o quarto.

Eu já disse como amo a risada dele?

Do meu marido?

## EPÍLOGO

Duvida da luz dos astros,  
De que o sol tenha calor.  
Duvida até da verdade,  
Mas confia no meu amor.

— WILLIAM SHAKESPEARE

## SEIS ANOS DEPOIS

Meus olhos se abrem assim que escuto seus passinhos no chão de madeira. Fefê hesita na porta do quarto por apenas um instante, decerto refletindo sobre a melhor maneira de acordar seu melhor amigo, e eu sorrio no escuro. Se fico quietinha em noites como esta, sempre assisto a uma das minhas cenas favoritas no mundo. Estreito os olhos quando ele entra, pé ante pé, com o travesseiro nas mãos, e para do lado esquerdo da cama para chamá-lo.

— Você pode dormir comigo? — sussurra baixinho. Os olhos amarelos de certa criaturinha se abrem e suas

patas se esticam no travesseiro ao lado do meu antes de ele se levantar, incomodado com o garoto atrapalhando seu sono, e se apressar para o meu. — Por favor, Cupi! — ele implora cheio de dengo, agora um pouquinho mais alto, e é sempre aqui que acontece: quando ele é ignorado por seu melhor amigo preguiçoso.

— Oi — sussurra o ser que ele está tentando acordar com essa conversinha.

— Oi, papai. — Suas bochechinhas coram.

— Está tudo bem?

— Eu... eu não queria te acordar, mas é que...

Fefê morde o lábio ansiosamente, e já sabemos o que isso significa, não é? O tique da mentirinha não é a única herança dele: os olhos, o cabelo bonito e a bondade vieram no pacote também. Como eu tenho certeza de que é mentira? Simples, temos mais três gatos espalhados pela casa, dois estão na cama dele, e meus olhos estavam bem abertos e viram que não foi na orelha do Cupido que ele sussurrou.

— Teve um pesadelo? — pergunta com tanta gentileza que meus olhos se enchem de lágrimas.

Toda vez que eu o vejo fazer uma pergunta nesse tom, que rouba os mais belos sorrisos do nosso filho, sinto como se estivesse diante de um milagre.



— Sim. Eu caí em um buraco sem fundo e agora não consigo mais dormir — ele conta, chateado.

— Quer escutar uma historinha? — Os olhos do nosso filho brilham, e no instante seguinte ele já está no meio de nós dois.

Fecho os olhos por alguns segundos, esperando ambos pararem de se mexer para reabri-los.

— Já pensou em uma historinha, papai? — pergunta nosso filho.

— Já — Gabriel sussurra. — Vou te contar do que é feito o céu, Fefê... — Ele se virou para o meu lado, para poder ficar de frente para o garotinho deitado em seu travesseiro. Fefê está mais para baixo, então consigo ver perfeitamente o olhar apaixonado de Gabriel.

Eu amo esse olhar e as palavras doces que saem dos seus lábios quando fala com nosso filho, mais do que amo sua risada, então nunca ferro com esses momentos. Apenas assisto e penso em quanto eu o amo e como sinto orgulho dele por nunca ter desistido de lutar por nós. Mas o fato de ele estar aqui não me surpreende. Estamos falando do Gabriel! Do garoto que esperou por essa família por trinta anos. Não seria uma doença cretina que o tiraria de nós. Mesmo assim, todas as manhãs, quando ele abre aqueles olhos verdes penetrantes, me encara e sorri, eu o agradeço por ser a

porra do cara mais determinado na face da Terra. E ele sempre esteve determinado a me fazer feliz, disso ninguém discorda.

— Era uma vez uma princesinha tão bonita quanto a mamãe, que vivia em um reino onde o céu era completamente apagado, porque as estrelas ainda não existiam... — Minha garganta se fecha. — Ela era filha de um rei adorado por seus súditos e por toda a família real, assim como o príncipe Adam, seu irmão mais novo. Porque ambos sempre demonstraram bondade e estenderam a mão para todos aqueles que precisavam de ajuda, sem hesitar.

— Igual ao titio Adam — comenta o minúsculo grude do meu irmão.

— Igual ao titio Adam — concorda o grude enorme do meu irmão. *Aff, para que gostar tanto assim daquela porcaria?* — Mas as pessoas não gostavam muito dela à primeira vista. Ninguém a entendia, porque ela não era como a sua família. Ela pensava apenas em si mesma e em mais ninguém...

— Então a princesinha era egoísta?

— Ela era a pessoa *mais* egoísta daquele reino — Gabs responde, arqueando as sobrancelhas para demonstrar quanto. — Mas ela nunca foi maldosa, pelo contrário. Ela sabia amar, só não sabia como demonstrar. Mas havia

uma pessoa que sempre a amou do jeitinho que ela era e jamais desistiu de esperar pelo dia em que ela o amasse também.

— Quem era, papai? — pergunta, curioso, contornando a barba por fazer do pai com um dedinho.

— O melhor amigo dela. — Minha garganta trava, porque essa história está me parecendo bem conhecida. Por que ele gosta tanto de foder a minha historinha, hein? Ô, tara. Se contada direitinho, é uma história bonita. — Um príncipe bem bonitão. Loiro, alto, atlético, olhos verdinhos como os nossos — se gaba, mordendo o nariz do nosso filho e lhe arrancando uma gargalhada que ele tapa com as mãozinhas. E eu discordo da afirmação. “Bonitão” não faz jus à beleza do cara que ainda faz meu coração bater mais forte sempre que me olha. Eu usaria algo mais como estupendo, ou quem sabe monumental... divino também serve.

— Ele contou para ela o que sentia, ou fez como os mocinhos dos filmes da mamãe, que fazem tudo errado até o final? — Mordo a língua para não rir. — Não sei por que ela gosta, é sempre a mesma coisa. — *Ei, isso ofende, menino!*

— Esqueceu que ela escuta esse tipo de coisa até dormindo? — Gabriel cochicha o mais baixo possível. — Shhh! — Isso, protege mesmo!

Acredita se eu contar que o Fefê não come no McDonald's nem que a vaca tussa? Mas o Gabs se fodeu nessa, porque ele também não chega perto de uma bola de futebol nem para tirá-la do meio do caminho; ele passa por cima. Sorte dele que come carne...

— Continua, papai, acho que o perigo já passou. — *Você que pensa.*

— Você que pensa. — É isso aí. Me conhece bem. — O príncipe não tinha família, aquela princesa era tudo o que ele tinha, o que ele mais amava. Ele ficou com medo de contar sobre seu amor e estragar a amizade, então se calou, porque sempre escolheria a vida onde ela existia, independente de quanto aquele amor não correspondido o machucasse. Aliás, algo que você nunca deve fazer. Se um dia se apaixonar por alguém, tem que ter coragem e contar, pois o tempo passa muito rápido. — Fefê assente, sério, e continua passando o dedinho pelo contorno do rosto do pai, e sempre que chega perto dos lábios ganha um beijo. — No caso do príncipe, quase passou rápido demais... Um dia uma coisa muito triste aconteceu. Ele ficou muito, muito dodói.

— Se ela só pensava nela mesma e ele não tinha família... Ele ficou dodói sozinho, papai? — pergunta nosso filho, chateado. Gabriel é rápido em negar, porque esse garoto chora tão fácil quanto eu. Sabe os filminhos

que ele odeia? Pois é, ele odeia por uma razão. Ele tem um coração grande demais que vive transbordando. Acho que é por isso que o Gabs é tão doce com ele. Fernando é doce.

— Todos acharam que ela o abandonaria... Bom, menos a bruxa. — Ele para e pensa antes de falar. — Que meio que se parece com a sua vovó Clara. — Caralho, minha mãe vai adorar saber como foi colocada nessa história. Gabriel vai perder o posto de genro preferido... Vai nada! A outra opção é o Benjamin, e, embora ele seja adorado, meu pai puxa uma sardinha lascada para o lado do Gabriel. Eu não contei? Alice e Benjamin deram uns pegas no nosso casamento, ela ficou grávida e, quando ligou desesperada para contar, ele pegou um avião e veio ser o pai da filha dela. Eles se casaram dois anos depois. Eu falei que a Alice agora é minha irmã? Como aconteceu? Ela cuidou do meu filho com a nossa mãe por sete meses, enquanto lutávamos contra o câncer. Como eu não daria um jeito de amar alguém que cuidou tão bem do meu filho na minha ausência? Faltava ela, Gabriel tinha razão. Só entendi isso no dia em que vi nossa família reunida, feliz e sem pontas soltas em torno de uma mesa, com as taças de champanhe para comemorar a nossa vitória.

— A bruxa foi a única a achar que a princesa dele ficaria, e no fim *estava certa, porque ela ficou*. Ela escolheu sofrer ao lado dele, em vez de ir embora do reino com um príncipe tão legal quanto seu tio Ben. — Mais um dos melhores amigos dele. Pois é, o mundo deu a volta e parou aqui.

— Então esse príncipe só pode ser idêntico a você, papai — Fefê fala com seriedade.

— Por quê? — *Ah, ele adora escutar.*

— Você é o papai mais legal do mundo inteiro, ele é o número dois. — Vamos fingir que Gabriel não está sorrindo, todo cheio pelo elogio, para contar o motivo desse apego que o garoto tem pelo cara que curte um terno. Temos para nós que se chama *Giovanna Sartori*. Ele está agradando o futuro sogro. — Mas o que aconteceu com eles?

— Eles se casaram e tiveram um garotinho lindo. Ele passou muitas e muitas noites se perguntando se o ouviria chamá-lo de pai, se teria o prazer de poder contar uma historinha quando ele tivesse um pesadelo. — Sua voz embarga, e ele respira fundo antes de continuar. Seco algumas lágrimas atrevidas, esfregando sutilmente o rosto no travesseiro. — Prometendo que nunca o expulsaria da cama deles, se isso acontecesse, mesmo que estivesse supercansado depois de uma operação de

três dias na... no forte — fala a tempo. Coitadinho, e está mesmo, ele chegou se arrastando depois de cumprir oito mandados de prisão com a equipe. Até comeu minha comida sem nenhuma piadinha antes de agarrar o travesseiro, e olha que eu queimei o arroz. — Prometendo que sempre o protegeria dos seus medos e jamais lhe negaria consolo, que o trataria como a coisa mais preciosa do mundo se tivesse a chance de ter o que nós estamos fazendo agora. — Ele abre um sorriso trêmulo, beijando os cabelos loirinhos do filho.

— Como você me trata... — Fefê sussurra. — Isso devia deixar ele bem triste — comenta, pensativo.

— Ela não permitia. — O sorriso é mais aberto agora. Gabriel passa a mão pelo cabelo e esfrega os olhos para afastar o sono. — Ela o fazia rir o tempo todo, e isso ajudava. Desde o momento em que a princesa dele descobriu a verdade, ela nunca o abandonou, nem por um único dia... até o fim.

Fim? Que história é essa de fim?

— Ele virou estrelinha, papai? — Fefê pergunta com os lábios tremendo, soltando o rosto de Gabriel para agarrar a sua corrente com as duas mãozinhas. Ele passa uma das mãos pelas costas do filho, o puxa mais para perto, negando tristemente, porque foi...

— Quase — sussurra. O segundo transplante foi a fase mais difícil da nossa vida. Em muitas noites, eu coloquei os joelhos no chão, pedindo para trocar de lugar com ele. Gabriel sofreu demais. Quem o vê hoje não imagina o que ele passou para estar aqui, o que aguentou ou quão forte foi, mas eu sei. E nunca serei grata o bastante por ele ter sido tão guerreiro. — Mas tenho certeza de que ele não teria sobrevivido se a princesa não tivesse escolhido se sacrificar para salvá-lo — conta despretensiosamente, afagando os cabelos do nosso filho.

— E como foi que ela fez isso?

— Meredith implorou de joelhos, se bem me lembro. — Franze o cenho, mesmo que hoje adore o pai, e ele vive enfiado aqui com a cópia fofa da minha mãe e o moleque treteiro que Gabriel chama de irmão. Ele e meu pai são até cordiais um com o outro. — Não sou muito fã dessa parte da história, mas, se quer saber o que ela fez, foi bem bonito, e acho que o destino pensou o mesmo, porque decidiu fazer um trato com ela — conta, empolgado. — Prometeu que daria um dia a mais de vida ao príncipe a cada atitude altruísta que ela tivesse.

— E quantos dias ela conseguiu? — nosso filho pergunta, preocupado, mordendo o dedo.



— Foi decidido que um pontinho luminoso estamparia o céu sempre que ela se desprendesse de um egoísmo. Por que não vai até a janela dar uma olhada? — Fefê pula da cama e faz o que o pai pediu.

— Ela era mesmo egoísta, hein, papai? — comenta, impressionado. E, puta que pariu, Gabriel está se acabando de rir em silêncio, e isso só me dá mais vontade de fazer o mesmo. Ofendida! Eu fiquei... Ah, fiquei nada. — Quantos egoísmos a princesa conseguiu dar?

— Ela deu todos, Fefê, menos um — murmura, se sentando na cama. Nosso filho faz o mesmo, virado de frente para nós. — Ela não deu o príncipe — diz com orgulho. — E isso, essa determinação dela em se desfazer completamente de quem era para se tornar o que ele precisava que ela fosse, encantou o destino ainda mais. Tanto que ele permitiu que esse egoísmo fosse dela, lhes dando uma infinidade de pontinhos brilhantes. Tantos que eles finalmente não conseguem mais contar... *E então eles foram felizes para sempre.*

O quê?

Gabriel não fala assim, ele não gosta de prever o futuro. Ainda acha que é tudo incerto, por mais que eu afirme que estamos bem, que ele está bem.

— É uma boa história. Com certeza melhor do que aquela que a mamãe conta sobre a bruxa burra que não fez todo mundo de estrelinha de uma vez — diz Fefê. Eu suspiro, me controlando para não falar nada. A risadinha cúmplice dele não colabora.

Os dois finalmente deitam para dormir. O tempo passa, mas eu não consigo pegar no sono, pensando no fim daquela história. Tinha alguma coisa nos olhos dele, um segredo. Minha insônia piora quando sinto uma mão pequenininha afagar meu rosto e alguém que pensa que estamos dormindo sussurrar:

— A história do papai só é melhor porque você foi muito mais corajosa que a bruxinha burra. Enquanto ela desistiu do príncipe, você lutou pelo seu e eu tenho um papai por isso... Então eu amo vocês.

— Está perdoado por menosprezar a minha história na cara dura. A mamãe perdoa! — Tô enforcando meu filho de tanto amor, bem ao estilo Felícia. Nossa melhor parte. Não tenho ideia de como ele sempre sabe que estou acordada, ou como alguém tão doce e gentil saiu de mim... Bom, genes do Gabriel, suponho. De mim, ele só tem o nariz e a fome; come por cinco. — Amo você. — Beijo o rosto dele; ele afaga o ombro do Gabriel e o vejo pular da cama e ir para o seu quarto com as próprias pernas, pois só queria perturbar o pai mesmo. Ele estava

com saudade. Três dias, né? contei que levou o Cupido na marra com ele? Menino descarado.

O pai dele não perde tempo, porque, assim que escutamos uma porta fechar de mansinho, sou agarrada.

— Eu amei a história... — Antes que eu termine de falar, sou tirada da cama, encostada em uma porta trancada e beijada.

— O que você está fazendo? — pergunto, abrindo um sorriso provocador.

— Te contando o fim da história — responde, abrindo os botões da camisa dele que estou vestindo. — Mas antes tenho que te agradecer por algumas coisas. — Ele morde o lábio, ansioso, e eu me encho de expectativa. — Obrigado por não ter permitido que eu desistisse de você e por nunca ter desistido de mim... *Um* — ele conta, me dando um beijo.

Sinto sua língua invadir minha boca ao mesmo tempo em que suas mãos encontram meus seios. Gemo baixinho.

— Obrigado pelos meses que você passou na beirada da minha cama no hospital e por todos os que vieram depois, em que continuou cuidando de mim em casa. *Dois* — ele sussurra, me dando mais um beijo. Suas mãos são ágeis em puxar minha calcinha para baixo. Eu a chuto para longe, puxo-o para mim pelo elástico da boxer

preta que fica perfeita naquele par de coxas e o faço tirar também. O sorriso provocante em seus lábios me faz mordê-los, e a maneira como me olha com certeza ainda faz minhas pernas fraquejarem. Será que ele tem noção de que é o homem mais bonito do mundo? E eu nem sou suspeita... Vivo arrumando briga. Pois é, algumas coisinhas... nunca mudam. — Obrigado por sempre ter me dito que o dia seguinte seria bom depois de passarmos por um ruim, e por cada um em que você abdicou de si mesma para cuidar de mim. Foram tantos que até perdi as contas! *Três* — diz, agarrando as minhas coxas e me pegando no colo.

Eu arfo, rindo, e termino beijando seu sorriso. Empurro o cabelo loirinho e platinado como Deus me deu para trás. Agarro seus ombros e mordo o lábio, esperando ansiosamente por ele. Sem desviar meu olhar cheio de expectativa do dele, acabo sendo jogada na cama, seu corpo cobre o meu e eu não resisto em roubar um beijo, puxando sua cabeça para mim enquanto meu quadril se arqueia à procura dele.

— Obrigado pelas risadas que arrancou de mim quando tudo o que mais queríamos era chorar, e por cada lágrima sua que você não me permitiu ver. Por sempre me dar força e por jamais fazer com que eu me sentisse inferior. Mas obrigado principalmente por esse

olhar, esse que nunca saiu dos seus olhos, mesmo quando não tinha nada de beleza aqui. *Quatro* — ele conta mais um beijo, que eu espero com ansiedade.

Acaricio seu rosto com gentileza, da mesma maneira que o sinto deslizar para dentro de mim. Mordo o lábio, reprimindo um gemido para não fazer barulho, e ele finalmente me beija.

— Obrigado por ter me amado o suficiente, não só para ficar ao meu lado, mas também por nunca ter parado de me dar motivos para querer continuar lutando pela vida. *Cinco*. — A voz dele embarga, e minhas pernas se contraem mais ao seu redor. A esta altura, eu não consigo mais nem respirar. Ele entra e sai de mim tão devagar, está roubando todo o meu ar, mas eu não me importo nem um pouco com esse detalhe quando ele mergulha na minha boca. Quem precisa de ar? — Obrigado por todos os anos que você ainda vai me dar e por eu finalmente poder parar de me perguntar se um dia esses beijos que eu tanto adoro vão acabar — fala significativamente, sem quebrar o nosso olhar. Eu não consigo responder, meu coração ameaça sair pela boca.

Eu o observo se inclinar e abrir a gaveta do criado-mudo, mas, em vez de um preservativo, ele pega um bilhete e o coloca na minha mão. Ele volta para dentro de mim e se distrai beijando meu pescoço, meu ombro,

meus seios, enquanto eu encaro o pedaço de papel manchado de chuva e lágrimas, com muitos pedidos para lemanjá, quase todos borrados. O mesmo que foi devolvido aos seus pés. Tem uma frase nova, anotada com caneta de ponta grossa. Leio e releio aquelas palavras uma infinidade de vezes, com as lágrimas escorrendo. Tenho medo de erguer o olhar e aquela frase desaparecer; acho que ele sabe, porque me ajuda a acreditar.

— Eu menti para você que os exames eram na semana que vem e sobre os oito mandados de prisão. Sinto muito, mas eu queria fazer disso algo especial, e nós dois pulando em cima do dr. Bigode não era bem a minha ideia, não que o Adam, o Rafa, o Ben e eu não tenhamos feito exatamente isso... — ele diz sem tirar os lábios da minha pele. — Me perdoa pela mentira — pede, deslizando a língua por entre seus brinquedos prediletos. Uma tentativa muito boa de me distrair. O bilhete o faz merecer meu perdão no ato. Releio só mais uma vez antes de olhar para o homem da minha vida, aquele que é tão maravilhoso que inventa historinhas sobre mim para o nosso filho, em vez de assumir que o que eu estou segurando é uma conquista e uma prova de como ele é foda.

Acho que é a coisa mais bonita que eu já li na vida.

Cinco anos em remissão. Agora eu cumpro todas as exigências dessa porra!

— Só para avisar, a garagem está cheia de latas de tinta azul. Esqueci alguma coisa? Agora podemos até incluir mais algumas... — diz.

Envolvo os braços em seu pescoço, apertando-o tão forte que Gabriel precisa se esquivar de leve para que eu não o sufoque. Termino sentada no seu colo. Suas mãos deslizam pelas minhas pernas, e eu me reclino o suficiente para olhá-lo. Seu sorriso não tem tamanho. É provocativo, feliz e muito contagiante.

Eu pensei que me acabaria de chorar quando esse momento chegasse, porque sempre acreditei que chegaria, e juro que minha garganta está fechadinha e meus olhos molhados, mas tem um sorriso do tamanho do dele no meu rosto.

— Conseguimos — cochicho, maravilhada. — Nós conseguimos.

Sua resposta é sorrir, agarrar minhas coxas e me tomar para si, de todas as maneiras possíveis.

— Obrigado por ter parado na frente do meu carro, Eva — murmura roucamente no meu ouvido enquanto me desfaço contra seu corpo, sentindo suas mãos me apertarem como se nunca mais fossem me soltar, e

agora não vão. O destino nos deu uma porção de estrelas, tantas que ninguém mais pode contar, não é?

— Te deixei falar tudo isso, mas agora é a minha vez...  
— digo quando ele me deita na cama, ainda dentro de mim, me apertando, me beijando, me provocando ainda mais. — A partir de agora, você nunca mais vai me agradecer por nada disso. Não é nenhum mérito amar da maneira certa. É muito, muito fácil amar alguém como você — sussurro e enumero com os dedos quando ele pede com o olhar que eu fale. — Perfeito. Dedicado. Amoroso. Protetor. Preocupado. — Paro por aqui, porque ele e aquelas sobrancelhas estão se gabando demais. — Eu procuro defeito em você e não acho, então te amar é pura esperteza da minha parte, meu amor. Ainda bem que o mundo é nosso, né? Dos espertinhos. — Sorrio, levemente emocionada. — Sabe o que tem mérito de verdade, Gabriel? — Ele nega, prestando atenção em cada palavra, curioso, mas as mãos percorrendo o meu corpo também são. — Amar alguém que não merece o seu amor sem pedir nada em troca, como você me amou. Então, quem tem que agradecer aqui sou eu, porque o que seria de mim sem você? Eu não seria nada, foi você quem deu significado à minha vida, e não o contrário.

Ele me olha por um longo tempo.

— O que foi? — sorrio timidamente.



— Eu sou loucamente apaixonado por você, Eva. — E ele me mostra isso, por muito tempo, até que eu meio que... estrago a porra do momento.

— Hum... Nesses três dias que você passou fora, eu esqueci aquelas coisinhas que devia tomar. Pega uma camisinha?

Gabriel recua, morde o lábio e me olha de um jeitinho bem...

— Se você topa, eu topo passar o mês todo... *ansioso* — ele sugere, arqueando uma sobrancelha.

— Você nunca esquece de nada, não é? — pergunto, me empolgando rapidinho. — Bom, só se você prometer fazer melhor que a nossa cunhada e jogar um farmacêutico no meu colo abraçado a muitos testes de farmácia se atrasar, e durante a coisa toda você tem que estar jogando confete... — Eu já disse como ele é bom em me distrair?

— Não para o farmacêutico — ele nega, fazendo cara feia. — Sim para o confete. — A cara feia se transforma em sorriso. — É óbvio que eu vou fazer melhor que a Olívia — diz ele, ultrajado. — Agora fica quietinha uma vez na vida, minha tagarela — ordena, me puxando para sua boca, e depois é puro amor por mim.

Um beijo.

Dois.

Três.

Vou dar quantos ele quiser.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela  
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

## **Todas as pequenas luzes**

### **GoodReads da autora:**

<https://www.goodreads.com/book/show/29958272-all-the-little-lights>

### **Site da autora:**

<https://www.jamiemcguire.com/all-the-little-lights/>

### **Facebook da autora:**

<https://www.facebook.com/Jamie.McGuire.Author/>

Carrie Elks

Um Verão  
na  
Itália

As  
Irmãs  
Shakespeare

LIVRO 1



VERUS  
EDITORA

Um verão na Itália - As irmãs de Shakespeare - vol. 1

Elks, Carrie

9788576867029

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

O primeiro volume de As irmãs de Shakespeare, a nova e deliciosa série da autora best-seller Carrie Elks: quatro irmãs, quatro histórias e quatro maneiras de encontrar o amor verdadeiro. Férias de verão gratuitas na Itália. A condição? Dividir a casa com seu maior inimigo. Cesca Shakespeare chegou ao fundo do poço. Depois de escrever uma peça de teatro premiada que acabou em desastre, o bloqueio criativo se instalou. Seis anos mais tarde, ela perdeu mais um emprego pavoroso e está prestes a ser despejada. Pior ainda, suas irmãs não fazem ideia de como sua vida vai mal. Assim, quando seu padrinho lhe arruma uma temporada de verão em uma bela villa italiana, sem ter de pagar nada por isso, Cesca concorda em ir para lá e tentar escrever uma nova peça. Só então descobre que a casa pertence a seu arqui-inimigo, Sam Carlton. Tendo acabado de ver seu nome em todas as manchetes pelas razões erradas — mais uma vez —, o galã de Hollywood precisa se esconder. Que lugar melhor do que a linda villa desocupada de sua família à beira do lago Como? Só que, quando ele chega,


descobre que a casa não está tão desocupada quanto esperava. Ao longo do quente verão italiano, Cesca e Sam terão de confrontar o passado. E o que começa como uma hesitante amizade rapidamente se torna uma atração intensa — e depois uma aventura ardente. Uma coisa é certa: este será um verão abrasador.

[Compre agora e leia](#)



VERUS  
EDITORA

"Desolador e transcendente."  
THE NEW YORK TIMES



O  
MILAGRE

DA AUTORA DO BEST-SELLER *QUARTO*

EMMA  
DONOGHUE



O milagre

Donoghue, Emma

9788576867289

266 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro da autora do best-seller Quarto. Irlanda, 1859. Anna O'Donnell, de onze anos, se recusa a comer e, apesar disso, sobrevive há meses, aparentemente sem graves consequências físicas. Um milagre, dizem os habitantes do vilarejo profundamente enraizado na fé católica. Mas quando Lib Wright, uma jovem e cética enfermeira inglesa, é contratada para vigiar a menina noite e dia, os acontecimentos seguem um rumo diferente. Anna começa a definhar, diante da passividade de todos e da impotência de Lib. E assim cresce o mistério ao redor dessa família pobre de agricultores, que parece envolta em mentiras, promessas e segredos. O que o mundo está testemunhando é uma fraude sofisticada, ou uma revelação do poder divino? Escrito com a tensão que fez de Quarto um best-seller mundial, O milagre é uma história sobre duas estranhas que transformam a vida uma da outra, além de um poderoso thriller psicológico e uma narrativa sobre como o amor pode vencer o mal em suas mais diversas formas.

[Compre agora e leia](#)



VERUS  
EDITORA

Audrey Carlan

O.  
*primeiro* DIA  
DOS **NAMORADOS**

um conto da série

A *garota do*  
**CALENDARIO**

O primeiro Dia dos Namorados

Carlan, Audrey

9788576866428

26 páginas

[Compre agora e leia](#)

Seis semanas após o casamento de Mia e Wes, chegou o primeiro Dia dos Namorados que eles vão passar como marido e mulher. Qual será a surpresa especial que Wes preparou para sua amada? E o presente divertido que Mia comprou para ele? E o que vai acontecer quando eles estiverem a sós no hotel...? Descubra tudo neste conto especial da série A garota do calendário.

[Compre agora e leia](#)

JAMIE  
McGUIRE

AUTORA BEST-SELLER, COM MAIS DE  
450 MIL LIVROS VENDIDOS NO BRASIL

Todas as  
pequenas  
luzes



VERUS  
LITÉRARIAS

Todas as pequenas luzes

McGuire, Jamie

9788576867326

350 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro da autora da série best-seller Belo Desastre. Quando Elliott Youngblood vê Catherine Calhoun pela primeira vez, ele é apenas um garoto com uma câmera nas mãos que nunca viu algo tão triste e tão belo. Os dois se sentem excluídos e logo se tornam amigos. Porém, no momento em que Catherine mais precisa dele, Elliott é forçado a sair da cidade. Alguns anos depois, Elliott finalmente retorna, mas ele e Catherine agora são pessoas diferentes. Ele é um atleta bem-sucedido, e ela passa todo o tempo livre trabalhando na misteriosa pousada de sua mãe. Catherine ainda não perdoou Elliott por abandoná-la num momento difícil, mas ele está determinado a reconquistar a amizade dela — e a ganhar seu coração. Bem quando Catherine está pronta para confiar outra vez em Elliott, ele se torna o principal suspeito em uma tragédia local. Apesar da desconfiança de todos na cidade, Catherine se agarra ao seu amor por Elliott. Mas um segredo devastador que ela esconde pode destruir qualquer chance de felicidade que os dois ainda têm.

[Compre agora e leia](#)

CATHERINE BYBEE

*Solteira  
até  
sábado*

*Noivas da Semana*  
LIVRO 4



VERUS  
TORONTO



Solteira até sábado - Noivas da semana- Livro 4

Bybee, Catherine

9788576866473

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

O quarto livro da série Noivas da semana. Um ano atrás, a loira estonteante Karen Jones concordou em se casar com um ator famoso para dissipar rumores sobre a vida pessoal dele. Agora, seu divórcio se aproxima, assim como um pagamento de 5 milhões de dólares. No entanto, conforme Karen se prepara para abandonar com elegância seu casamento arranjado, ela conhece o cunhado, um homem lindo de morrer: Zach Gardner. Ele aparece sem ser convidado na festa de um ano de casamento de Michael e Karen, determinado a conhecer a esposa que seu irmão escondeu da família inteira. Mas faíscas voam no instante em que ele e Karen se encontram. Quando o casal famoso decide visitar a família Gardner, Karen precisa esconder o segredo do marido e de seus parentes bisbilhoteiros, incluindo Zach, o homem que talvez seja o verdadeiro amor da vida dela.

[Compre agora e leia](#)

# Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Sumário](#)

[Prefácio](#)

[Em busca da estrela mais brilhante do  
céu](#)

[1 | Eva](#)

[2 | Gabriel](#)

[3 | Eva](#)

[4 | Eva](#)

[5 | Eva](#)

[6 | Gabriel](#)

[7 | Gabriel](#)

[Eu sempre estive aqui](#)

[8 | Eva](#)

[9 | Gabriel](#)

[10 | Eva](#)

[11 | Gabriel](#)

[12 | Eva](#)

[13 | Eva](#)

14 | Eva

Era você, o tempo todo era você... Como eu não percebi antes?

15 | Eva

16 | Gabriel

17 | Eva

18 | Gabriel

19 | Eva

20 | Eva

21 | Gabriel

22 | Eva

23 | Eva

24 | Gabriel

A verdade por trás do meu sorriso é um adeus

25 | Eva

26 | Gabriel

27 | Gabriel

28 | Eva

29 | Gabriel

30 | Eva

31 | Eva

Por você, para jamais te abandonar

32 | Gabriel

33 | Eva

34 | Gabriel

O princípio do sempre

35 | Gabriel

36 | Eva

37 | Gabriel

Por você, para jamais ser obrigado a te  
deixar

38 | Eva

39 | Gabriel

40 | Eva

41 | Eva

Alguém para ficar no meu lugar se eu  
brilhar

42 | Gabriel

43 | Gabriel

44 | Eva

Nossos mais sinceros votos

45 | Gabriel

46 | Gabriel

47 | Eva

Epílogo

Colofão

Saiba mais